

“Entre Predadores”

Relações com a natureza a propósito da reintrodução do lince-ibérico

Margarida Lopes Fernandes

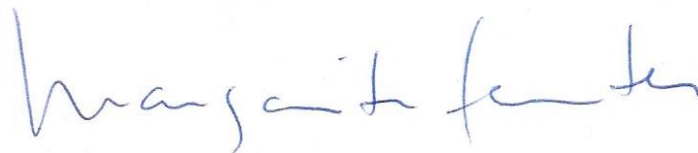
Tese de doutoramento em Antropologia

Novembro, 2018

DECLARAÇÕES

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

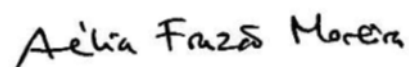
A candidata,

A handwritten signature in blue ink that reads "Margarite Fentes".

Lisboa, 18 de Dezembro de 2017

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,

A handwritten signature in black ink that reads "Aélia Frazão Moreira".

Lisboa, 18 de Dezembro de 2017

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Antropologia, especialização em Antropologia Biológica e Etnoecologia,
realizada sob a orientação científica da Prof^a Amélia Frazão-Moreira

Co-orientação Doutora Ana Isabel Queiroz

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de
Apoio - **SFRH/ BD/ 75769/ 2011**

*Dedico a tese aos meus pais e
antepassados barroenses, que me
trouxeram o amor pelo campo e o
interesse e respeito pelas pessoas*

AGRADECIMENTOS

Institucionais

À Fundação Ciência e Tecnologia pela atribuição de uma bolsa individual de doutoramento e que permitiu realizar períodos de pesquisa a tempo inteiro.

À Secretaria de Estado do Ambiente e das Florestas e Desenvolvimento Rural, Secretaria de Estado do Ordenamento do Território e da Conservação da Natureza e ao Instituto da Conservação da Natureza e Florestas pela concordância com o estatuto de equiparação a bolseira entre 2012 e 2016 e pela articulação do estudo em curso com a conservação de lince-ibérico em Portugal.

Ao Centro em Rede Investigação em Antropologia pelo acolhimento formal, apoio logístico e receptividade a novos projectos.

Ao projecto LIFE Iberlince, ICNF e Associação Iberlinx pelo apoio numa parte da recolha de dados para este trabalho através do projecto “Avaliação de atitude social nas áreas potenciais de reintrodução”.

Ao Instituto de Estudos e Literatura Tradicional e a todos os leitores do projecto “Atlas das paisagens literárias de Portugal continental” pela colaboração e apoio na pesquisa em torno das representações de predadores.

Aos Museus e Centros de documentação contactados, pelo acesso documental e pela informação adicional prestada: Museu Nacional de Arqueologia, Biblioteca Nacional, Biblioteca Galileo em Florença, Museu Miho (Japão), Museu de Arqueologia de Verona, Museu de Atenas, Museu da Guarda, Museu de Barrancos, Biblioteca e Arquivo Municipal de Moura, Museu de Arte Antiga, Biblioteca do Museu de Etnologia, Biblioteca de Vila Verde de Ficalho.

Nominais

À Professora Amélia Frazão Moreira por ter aceitado a orientação científica deste trabalho e tê-lo feito com rigor e sentido pragmático.

À Doutora Ana Isabel Queiroz por ter aceitado a co-orientação do trabalho e pela determinação com que apoiou a interdisciplinaridade entre a análise da literatura e a Antropologia, para abordar as relações entre humanos e não-humanos animais.

Ao Professor Alistair Bath por ter inicialmente aceitado a co-orientação deste trabalho, o qual acabou por não ser possível concretizar fora do país, e ter impulsionado a direcção do trabalho.

Ao Engenheiro Tito Rosa, presidente em 2011 do ex-ICNB, pelo seu parecer positivo ao projecto de tese e pela sua visão e defesa do interesse da dimensão social na conservação das espécies.

Aos membros do Conselho Diretivo do ICNF, nos anos sucessivos, e aos dirigentes da Divisão de Conservação e Biodiversidade e do Departamento de Recursos Naturais e Conservação da Natureza que apoiaram e permitiram a prossecução dos trabalhos.

A todos os informantes de Moura-Barrancos e Guadiana pela partilha do seu tempo, opinião e saber, proporcionando uma pesquisa científica e sobretudo uma especial experiência de vida, com múltiplas aprendizagens.

Ao escritor Bento da Cruz pelo contacto privilegiado com a sua obra e entrevistas que me concedeu. À sua memória póstuma dedico o capítulo “Vivendo com a fera”.

Ao grupo de Dimensão Social do Plano de Acção para a Conservação de Lince-ibérico: Carla Mouro, Paula Castro, Lia Vasconcelos, Helena Bonzinho, Isabel Rodrigo, António Cabanas e Amélia Frazão-Moreira, por terem graciosamente aceite, em 2011, integrar um grupo de apoio e discussão. Foi no fórum deste grupo que o meu interesse pela dimensão social da conservação da natureza se consolidou e muitas ideias de pesquisa surgiram.

A todos os colegas do ICNF, os do Programa Liberne, nos anos noventa, pela recolha conjunta de informação histórica, os que asseguram, no presente, o funcionamento do projecto LIFE Iberlince e aos mais próximos, da Divisão, que me apoiaram pessoalmente e incentivaram sempre o estudo.

Aos colegas do Departamento do Alentejo do ICNF que sugeriram e facilitaram contactos com informantes, em particular à Raquel Ventura, minha informante privilegiada, pela amizade e generoso acolhimento na sua casa.

Pela calorosa receptividade e facilidade nas estadias no terreno aos funcionários da Herdade dos Lameirões, à Fátima Mourinho, à Sr^a Maris e Sr. Arnaldo de João Serra e à casa da tia Amália, em Mértola.

À Clara Espírito Santo e Patricia Santos que integraram a equipa de projecto Iberlince e apoiaram a tarefa de transcrição de entrevistas e elaboração de relatórios, em particular à Clara pelo empenho e apoio na análise quantitativa dos dados.

Aos Professores do Departamento de Antropologia da FCSH: Cláudia Sousa, João Leal, Maria Cardeira da Silva, José Mapril, Paula Godinho, Susana Trovão,

Margarida Fernandes e também aos Profs. Humberto Martins e Telmo Caria da UTAD, pelo excelente acolhimento, estímulo intelectual e por todas as ideias e sugestões.

Ao grupo de ex-combatentes e ao Tenente-Coronel Amado do SEPNA pela cedência de documentação e iconografia sobre o lince enquanto símbolo. Também à Andreia Farrobo, Inês Barroso, Câmara Municipal da Vidigueira, família do Eng. Lebre, Jorge Simões, Simon Davis, e todos os que cederam imagens específicas para a pesquisa do capítulo VI.

A todos os que me auxiliaram na obtenção de bibliografia, informações complementares específicas e imagens entre os quais Eng. Neiva, Eng. Fonseca Borges, Eng. Gonçalo Lopes, Câmara Municipal da Vidigueira, Doutores Rodrigues Ferreira e Margarita Diaz (Arqueologia), Dr. Boiça, Pedro Faria Bravo, Joana Roque de Pinho, José Ferreira, José Carlos Figueiredo, Jorge Palmeirim, Bárbara Pinto, Filipa Soares, Guilherme Sá, Simon Davis, António Caeiro, Bruno Pinto, Virginia Pimenta, Hannah Parathian, Ana Dionísio e autores que facilitaram o acesso às suas publicações. Uma palavra aos colegas do ano curricular de 2011/2012, da FCSH, pela partilha de referências e estimulantes discussões teóricas.

À Ana Rainho pelas questões e apoio lúcido nas análises estatísticas.

À Ana Isabel Queiroz (FCSH), Hannah Parathian e Tânia Minhós (Grupo Desafios Ambientais, Sustentabilidade e Etnografia), Clara Espirito-Santo, Luka Clarke e *referees* anónimos pelas revisões das publicações científicas que integram capítulos desta tese.

À Luisa Rodrigues e Maria João Firme pelas importantes revisões finais de texto da tese.

Pessoais

Aos impulsionadores iniciais da ideia: Flávio Barros, Marta Pinho de Almeida, Bruno Pinto e Lurdes Carvalho que me inspiraram para a interdisciplinaridade com a certeza de que teria talento para aprender a ser antropóloga.

À Amélia pelo privilégio de ter partilhado a amizade, o trabalho de campo, os conhecimentos científicos e humanos. A sua generosidade acolheu não só os temas de tese mas também os desafios de um projecto adicional e a exigência de tentar integrar o conhecimento das Ciências Sociais à prática da conservação e apoio à decisão.

Aos meus amigos, os mais chegados e de longa data, que me conhecem com profundidade e têm abraçado com naturalidade e ânimo as mais inesperadas opções de vida.

À Marta por ter estado sempre lá com o seu imenso saber de antropóloga e a confidencialidade de amiga. O seu papel como confidente para discutir as questões teóricas, metodológicas e emocionais e o apoio incondicional no percurso pessoal, foi basilar para o trabalho.

Aos companheiros antropológicos mais próximos, pela inspiração, visão espiritual do mundo e caloroso acompanhamento do meu percurso.

À minha família, Fernandes e Clarke, pelo apoio incondicional, moral, financeiro e logístico que tornou possível esta escolha e sobretudo pelo afecto.

Aos animais não-humanos, domésticos e selvagens, com quem tive encontros pessoais ao longo do percurso, pois trouxeram-me outros conhecimentos empíricos e uma inspiração única.

Last but not least, aos personagens essenciais para conseguir o produto final: ao Luka, um companheiro ímpar e excepcional conselheiro científico, à Constança, com o seu atento carinho e ajudas práticas incontáveis, ao Rafael com o seu entusiasmo constante pelo campo e olhar pertinente. De todos recebi o equilíbrio fundamental para prosseguir, sempre.

“Entre Predadores”

Relações com a natureza a propósito da reintrodução do lince-ibérico

Margarida Lopes Fernandes

RESUMO

O presente estudo debruçou-se sobre as percepções sociais, representações e apropriações dos grandes predadores selvagens em Portugal aprofundando o caso da reintrodução do lince-ibérico.

Uma recolha e análise de representações mostraram uma visibilidade particular do lobo-ibérico, nomeadamente na literatura portuguesa, por contraste com uma presença cultural discreta do lince ao longo da História desde a mitologia grega à medicina medieval. Estas espécies, historicamente consideradas como “nocivas”, revelaram ter tido também um carácter ambivalente e simbólico junto dos humanos. Configuram-se, nos contextos contemporâneos, como emblemas de conservação da natureza, sendo alvo de inúmeras apropriações de que o lince-ibérico é um particular exemplo como processo de objectivação da natureza mas também como elemento de nova construção identitária na comunidade rural.

A partir de uma pesquisa etnográfica, desde 2012, em duas áreas do Alentejo que incluiu 94 entrevistas semi-estruturadas a actores chave residentes, foram obtidos dados sobre a memória, o conhecimento ecológico local e práticas associadas aos predadores. Analisaram-se percepções e valores face ao lince, às espécies selvagens e à natureza. Categorizações empíricas realizadas pelos informantes revelaram o modelo ocidental dualista de identificação da natureza, configurando humanos e não-humanos em diferentes domínios, mas onde se podem identificar elementos de outras ontologias e novas tendências na relação humanos-predadores. Associações de pureza, beleza, natural, domínio, controlo foram exploradas em torno do conceito de selvagem. A expressão “Entre predadores”, referindo-se também aos humanos como sendo predadores, sumariza uma perspectiva émica sobre o mundo natural, uma organização cosmológica e uma visão dos animais não-humanos como espelhos que permitem criar identidade pessoal e cultural.

Face ao processo previsto de reintrodução de lince-ibérico no sul de Portugal, analisaram-se posicionamentos e opiniões que tornaram perceptível a contestação de actores locais e conferiram também visibilidade a expectativas sobre a coexistência com esta espécie selvagem. Os discursos, enquadrados nos debates contemporâneos da Antropologia, confirmam influências neoliberalistas globais em questões locais de conservação da natureza. Por outro lado, os actores locais exibem múltiplas orientações

face à natureza e vida selvagem e consideram os factores não-económicos no regresso de uma espécie ameaçada de extinção. Espécies emblemáticas selvagens reúnem um consenso moral para a sua protecção. Críticas locais sobre as áreas protegidas e projectos revelam um modelo imposto de conservação da natureza em que é necessário um diálogo mais próximo entre actores e administração. Caracterizou-se um cenário etnoecológico de coexistência entre humanos e predadores e em que são expectáveis a apropriação da espécie pelos actores locais bem como a sua participação em matérias de conservação da natureza.

Este caso de estudo reforça e exemplifica o papel da Antropologia aplicada, tendo aplicado uma abordagem etnográfica para conseguir um conhecimento aprofundado e descrição densa de uma trama da conservação da natureza, e integrado num projecto interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Relações humanos/não-humanos, Percepções sociais, Predador selvagem, Conhecimento local, Conservação da natureza

“Among Predators”

Relating with nature and the reintroduction of the Iberian lynx

ABSTRACT

The present study was concerned with the social perceptions, representations and appropriations of the large wild predators in Portugal with emphasis on the case of the reintroduction of the Iberian lynx.

A collection and analysis of representations demonstrated that the Iberian wolf possessed a high visibility, namely in Portuguese literature, in contrast to the discreet cultural presence of the Lynx throughout history from greek mythology to medieval medicine. These species, historically considered to be “vermin”, were also seen to have had an ambivalent and symbolic character to humans. They appear, in contemporary contexts, as emblems of nature conservation, being the target of innumerable appropriations. The Iberian lynx is a particular example of the process of objectification of nature, and also an element of a new construction of the rural community’s identity.

Ethnographic research was conducted since 2012 in two areas of Alentejo, including 94 semi-structured interviews with resident key actors, during which data were obtained on the memories, local ecological knowledge and practices around predators. Perceptions and values referring to the lynx, wild species and nature were analysed. The informants’ empirical categorizations revealed the Western dualistic model of nature identification, configuring humans and non-humans in separate domains, while elements of other ontologies and new tendencies in human-predator relations can also be identified. Associations of purity, beauty, natural, dominion and control are explored with reference to the idea of “wildness”. The expression “among predators”, also referring to humans as predators, summarizes an emic perspective on the natural world, a cosmological organization and a vision of non-human animals as mirrors also used to create personal and cultural identity.

Considering the foreseen Iberian lynx reintroduction in the south of Portugal, positions and opinions were analysed. Local contestation was explored as well as expectations of local actors towards coexistence with this wild species. The discourses, among contemporary debates in Anthropology, confirmed global neoliberalistic influences in local questions of nature conservation. On the other hand, local actors exhibit multiple orientations with respect to nature and wildlife, and consider non-economic factors upon the return of a threatened species. Emblematic wild species gather a moral consensus for their own protection. Local criticism concerning protected areas and projects indicated an imposed model of conservation in which a closer dialogue between actors and administration is needed. An ethnoecological scenario of

coexistence between humans and predators is described. Appropriation of the species by local actors and their participation in matters of nature conservation are expected in near future.

This case study is an application of an ethnographic approach that yields a dense description of a nature conservation process and human/ non-human relationships. It stresses and exemplifies the role of Anthropology in an interdisciplinary project.

PALAVRAS-CHAVE: Relations human/non-human, Social perceptions, Wild predator, Local knowledge, Nature conservation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I: Estudo de caso	3
De bióloga a antropóloga: introdução intimista	3
Temática da pesquisa	7
Enquadramento disciplinar	8
Estudos precedentes e oportunidade da presente pesquisa	14
Objectivos específicos e problemáticas para a investigação	19
Conceptualização teórica inicial e descrição de termos	20
Debates da disciplina.....	25
Capítulo II: Metodologia e planificação	29
Tarefas de pesquisa	29
Retorno dos dados	37
Princípios éticos	39
Sobre o percurso da investigadora no terreno: o papel duplo e a auto-reflexão.....	39
Capítulo III. O cenário etnoecológico	45
O predador de topo: Biologia e Ecologia.....	45
A relação lince e humanos: referências históricas	49
A problemática da conservação do lince-ibérico em Portugal: historial.....	53
A narrativa global: construções em volta dos predadores, dos felinos, da conservação da natureza e do ambientalismo	59
Capítulo IV. Os contextos locais: caracterização das áreas geográficas de estudo	67
Baixo Alentejo	67
Moura-Barrancos.....	75
Vale do Guadiana.....	79
A reintrodução do lince-ibérico no Baixo Alentejo	82
RESULTADOS E DISCUSSÃO	85
1ª PARTE: Representações e construção da imagem do lince e dos predadores	87
Capítulo V. Vivendo com a fera: lobos e humanos através da literatura portuguesa.....	89
Abstract... ..	89

Aims and Objectives	92
Methods.....	93
Results.....	95
The Wolf among Other Carnivores.....	95
The Ecological Wolf	96
The Imaginary Wolf.....	98
Practices... ..	101
Wolf Discourses	103
Discussion	104
Relation with the Wild	104
References	108
Capítulo VI: A (in)visibilidade do Lince-ibérico: De nocivo a emblema da conservação... 115	
Abstract... ..	115
Methods.....	117
Results.....	118
Earlier Days: Food and Symbolism	118
The Historical Invisibility of the Iberian Lynx	129
The Vermin	130
The Rise of the Conservation Emblem	132
Rural Identity Construction.....	142
Concluding Remarks	144
References	146
2ª PARTE: Percepções sociais, memórias, conhecimento e práticas locais acerca do lince e outros predadores.....	153
Capítulo VII: Memória e práticas relativas ao lince e outros predadores.....	155
Memória do liberne no Alentejo	155
Memória do lince no Baixo Alentejo	158
Memória do lobo, da caça e da protecção do gado no Baixo Alentejo	168
Práticas com ovinos.....	175
Práticas de controlo dos predadores	178

Capítulo VIII: “Entre predadores”: conhecimento local, percepções, classificações e práticas em torno do lince-ibérico e outros carnívoros	185
Abstract	185
Introduction	188
Methods.....	189
Results	191
Classifications	191
Criteria for species distinction	194
It is all “murraça”: perceptions and ecological knowledge about carnivores	198
About the lynx and others: Local knowledge	201
Practices	203
Discussion	206
References	209
3ª PARTE: Relação com a Natureza e com processos de conservação	213
Capítulo IX. Vozes locais face aos processos de conservação: dados primários	215
Atitudes dos actores chave	215
Emoções, valores e relação com o predador lince	218
Vantagens e desvantagens associadas à reintrodução	226
Locais para a reintrodução	229
Conhecimento do processo técnico de reintrodução	230
Opinião sobre a potencial reintrodução de lobo.....	231
O contexto social e relação com outros temas	232
Sobre posicionamentos e eventos públicos	232
Vivências das Áreas Classificadas	235
Das entidades e dos ambientalistas	238
Participação pública no processo de reintrodução	244
Capítulo X: O regresso do lince-ibérico a Portugal: vozes locais	245
Abstract	245
Background	247
Methods.....	250
Study areas - the local context	253

Results	254
Welcomed and Contested reintroduction	254
Local knowledge and scientific literature	256
Advantages and disadvantages of reintroduction.....	260
Loving the lynx	262
Local perceptions of conservation initiatives.....	263
Discussion	265
Acceptance and social positioning.....	265
The role of knowledge	266
Which contestation?	267
A beautiful symbol, the moral agreement.....	269
Living in protected areas	270
Conclusions	271
References	275
Capítulo XI. Relações com o selvagem: valores, apropriações e ideias sobre reintrodução dos actores chave.....	283
Abstract	283
Methods.....	287
Results	288
Key actors' values and orientations	288
Who are the environmentalists?	295
One person, several orientations in relating to the wild.....	297
Concerns about lynx reintroduction - The wild, my backyard and other issues	299
Discussion	303
Final remarks.....	309
Acknowledgments.....	311
References	312
CONCLUSÕES.....	317
A relação com a natureza no estudo de caso.....	317
Da metodologia e olhar antropológicos	318

Nocivo, emblema, mercantilizado: a herança do predador e o novo contexto global.....	321
Saberes distintos: viver a lógica da conservação da natureza.....	332
Do Antropoceno ao Animalismo: potenciais discursos futuros.....	336
Aplicações do estudo.....	341
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	345

ANEXOS

Anexo 1 – Conjunto de imagens seleccionadas para categorização empírica.....	i
Anexo 2 – Guião das entrevistas realizadas.....	ii
Anexo 3 - Painéis em exibição no Parque Natural do Vale do Guadiana.....	vi
Anexo 4 - Capítulo de livro.....	ix
Anexo 5 – Referências a lince-ibérico na literatura portuguesa	x
Anexo 6 – Publicação “Portuguese Literary wolf”	xi
Anexo 7 – Dados primários de categorias atribuídas.....	xii
Anexo 8 – Resumo da exploração estatística dos dados	xxvi
Anexo 9 – Recomendações para a comunicação e envolvimento de actores.	xxix
Anexo 10 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxii
Anexo 11 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxiii
Anexo 12 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxv
Anexo 13 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxvii
Anexo 14 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxviii
Anexo 15 - Abstract da comunicação apresentada em Congresso.....	xxxix
Anexo 16 – Relatório ICNF monitorização atitudes.....	xli

INTRODUÇÃO

“Entre predadores”, título da presente tese, partiu da constante expressão dos informantes no terreno “*O Homem é o maior predador*”, referindo-se aos humanos como sendo predadores e encerrando, nessa expressão, uma metáfora, uma visão dos animais não-humanos selvagens, do mundo natural e da organização cosmológica. A relação entre os actores e o lobo, o lince ou outro grande predador, passa a ser uma relação entre predadores. A expressão sumariza um determinado olhar sobre o mundo, uma perspectiva émica e também uma parte da relação dos humanos com a natureza, o objecto global da pesquisa.

A apresentação da presente tese está organizada em Introdução, Resultados e Discussão e Conclusões. Cada uma das partes subdivide-se em capítulos que correspondem a temas. Cinco dos capítulos foram redigidos como publicações científicas, três publicados em 2016 e 2017, um aceite para publicação em 2017 e um quinto, submetido para publicação a uma outra revista com arbitragem científica. Esta organização permite a sua leitura e divulgação alargada de forma independente, mostrando já resultados avaliados previamente por pares¹. Tendo porém presente o interesse em apresentar também dados primários em língua portuguesa, parte da tese tem uma apresentação mais detalhada, recorrendo a esquemas que pretendem facilitar a sua consulta. Por outro lado, a apresentação por artigos leva a que inevitavelmente existam ideias e interpretações dos dados que necessariamente se repetem, contribuindo para um argumento geral comum. Tentou-se, assim, que a tese tivesse um fio condutor e funcionasse como um todo.

Fazem parte da Introdução: a apresentação do estudo de caso com as motivações do doutoramento, o tema da pesquisa, os objectivos do estudo, a descrição de termos usados, o enquadramento disciplinar bem como as metodologias seguidas, princípios éticos e auto-reflexão da investigadora. A Introdução inclui também a apresentação

¹ A opção por esta organização da tese segue também o previsto no Despacho 28/2015/ FCSH que permite a compilação de três artigos publicados, conciliando-os com a apresentação de um enquadramento desenvolvido.

biológica dos predadores e das problemáticas de conservação. A descrição dos contextos sociais de pesquisa encerra esta parte da tese².

² A redacção da presente tese não segue o Novo Acordo Ortográfico para a língua portuguesa.

Capítulo I: Estudo de caso

"Em Portugal há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Trás-os-Montes é o ímpeto, a convulsão; o Alentejo, o fôlego, a extensão do alento" (Miguel Torga 1950: 83)

De bióloga a antropóloga: introdução intimista

É difícil precisar quando e de onde veio a motivação para iniciar um percurso interdisciplinar entre a Biologia e as Ciências Sociais mas essa reflexão, que deixo aqui brevemente descrita, foi-se desenvolvendo ao longo do percurso desta pesquisa.

O impulso inicial para o tema da tese era ensaiar uma abordagem inovadora da Antropologia ligando-a a uma problemática da área da conservação da natureza. Após 20 anos de percurso profissional na área da conservação, com incursões no ordenamento, impacto ambiental, colaboração com outras áreas disciplinares, como a genética molecular e a veterinária, surgiu como muito pertinente a integração aprofundada da dimensão social nas questões da conservação dos predadores. Este tema tem sido sempre um desafio de numerosos projectos internacionais, pois a problemática de base em causa é a coexistência entre humanos e estas espécies selvagens. Considerei este desafio importante e uma oportunidade de aproximar instituições e cidadãos, em particular os que vivem em zonas rurais portuguesas.

Na verdade, o contacto com essas pessoas e os respectivos territórios terão sido a maior motivação para o estudo. Quando, em 1989, fui viver, para recolher dados para o estágio de licenciatura em Biologia, nas imediações de Rio de Onor, não sabia que pisava um terreno “clássico” de pesquisa antropológica. No entanto, logo nos primeiros dias, a senhora Milin, dona da única loja na parte espanhola da aldeia, perguntou-nos se conheceríamos Jorge Dias, investigador, que teria estado ali também a fazer uma pesquisa... Recordei sempre esse episódio, à medida que fui experienciando viver naquele local e compreendi como a nossa presença tem impacto e também é integrada na vida da aldeia. Desde esse início de trabalho de campo em Biologia e Ecologia, sem conhecer o trabalho de Jorge Dias, que dei bastante importância às conversas e

aprendizagens que realizei com os residentes. Alguns temas surpreenderam-me, suscitaram-me novas questões, destronaram ideias pré-concebidas, aumentaram o meu respeito por saberes locais.

“...o que aprendi com algumas destas conversas com o Senhor Albano de Guadramil, e outros, permitam-me a designação, companheiros de serra, foi tanto ou mais importante do que a aprendizagem de Biologia; sempre me pareceu a essência da aventura. Para além do mais, de muito nos valeram as gentes em precisões particulares de quem vive na serra todo um ano.” (Fernandes, 2004: 9)

Revi essas vivências durante a pesquisa para a presente tese, 25 anos depois, com particular significado ao folhear a obra *Rio de Onor - Comunitarismo Agropastoril* com um novo olhar, e ao reconhecer, com emoção, alguns rostos daquela aldeia. Entendo hoje que o meu encontro com Rio de Onor terá sido significativo para o meu posterior encontro profissional com a Antropologia.

Em 1995, já em colaboração com um projecto de estudo e conservação do lince-ibérico, no então Instituto da Conservação da Natureza, fui incumbida de realizar entrevistas pessoais nas zonas de Alcácer, Sudoeste alentejano, Mira e Serra de Aire. Mais de 100 informantes partilharam comigo aquilo a que no meio académico antropológico se denomina conhecimento ecológico, e que espoletaram também, na bióloga, o prazer de ouvir, e a atenção a outros discursos, bem como a necessidade de recolher sistematicamente essa informação.

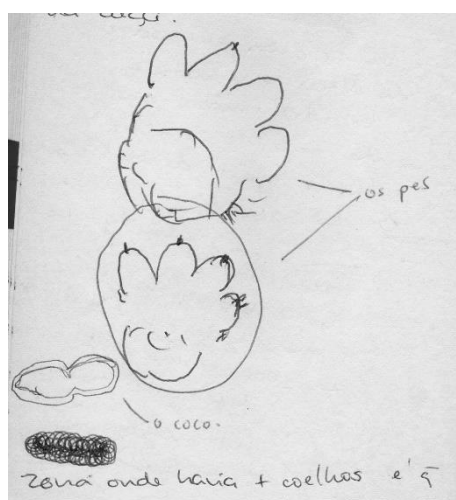


Figura 1.1. Caderno de campo. Desenho de pegadas de lince por informante, Alcácer, 1995.

Assim, esta segunda motivação para a realização da tese de doutoramento, de carácter emotivo e pessoal, ganhou expressividade ao maturar um constante interesse na dimensão humana ligada à preservação de áreas naturais. Em diferentes locais visitados

pela harmonia existente entre biodiversidade e actividades humanas, procurei conhecer, pelas palavras dos residentes, a história dos lugares e o significado dos elementos naturais. De entre essas viagens destacou-se, pela diferença do contexto, a de Madagáscar, onde integrei uma equipa de prospecção de sifaca-de-coroa-dourada. Em terras remotas de Bekaraoke, Daraina, apreendi uma realidade fracturante, entre a pobreza extrema e a conservação de uma diversidade natural ímpar.

Destaque também para uma viagem aos Açores, que precedeu a decisão de iniciar o doutoramento. Entre as ilhas do Pico e Faial, fascinou-me a memória da caça aos cachalotes, procurei testemunhos ligados a essa actividade. As narrativas, patrimonializadas em museus e livros, impressionaram-me tanto quanto a observação de mamíferos marinhos, predadores no mar, que procurei enquanto biólogo turista. Revi-me no olhar etnográfico de Raul Brandão e nas suas admiráveis palavras:

“É um espectáculo majestoso encontrar pela manhã um bando de baleias, resfolgando pelas ventas – é um espectáculo do princípio do mundo... Um pouco de neblina – mar azul!... Lá vão com o dorso de fora e lançando de quando em quando um esguicho de água vaporizada (...)

(...) Ao lado, no barco, vai a lança, que é maior, para acabar este monstro do tamanho dum prédio. Mas o homem impressiona-me ainda mais que a baleia: é tremendo, de pé, minúsculo, com a vida no olhar e nas mãos. No barco está tudo calado e ansioso, ninguém diz palavra inútil: homens, barco, arpoador e arpão, tudo tem o mesmo corpo e a mesma alma.” (Brandão, 1924:50)

A este interesse crescente sobre a relação dos humanos com a natureza, com o conceito de ”selvagem” incarnado em algumas espécies da fauna, junta-se ainda a minha origem familiar rural. O Barroso, em Trás-os-Montes, é a região de onde são originários os meus antepassados. Mantive sempre com essa região e com a “terra”, proximidade, visitas, contactos familiares, e aí desenvolvi, provavelmente, o primeiro gosto “pelo campo”, por zonas inóspitas, de grande diversidade natural e adquiri uma certa relação de pertença. A mão dos meus pais, já migrantes do mundo rural, mostrou-me este espaço com a necessária distância urbana, que permite uma (re)descoberta romântica das áreas “bravias”. Privei com uma aldeia ainda de hábitos comunitários nos anos setenta e tive oportunidade de entender, através dos próprios residentes, uma determinada forma de viver e de ver o mundo e a natureza. Tal como Milton (2002) afirma:

“(...) we learn from our whole environment, not just from other human beings. (...) Precisely what we learn about the world depends on how we, as individual organisms, engage with it. In other words, it depends on our personal experiences, and because each individual combination of experiences is unique, so too is each individual’s understanding of the world. This diversity of experience means that some people think of nature, or parts of nature, as composed of personal agents, while others see it as a complex of impersonal objects and mechanisms.” (Milton, 2002: 148)

Este historial situa o meu olhar de partida quando cheguei à Antropologia. Considero que este mesmo olhar foi importante na forma como a pesquisa foi depois conduzida e posiciona a investigadora no tema, levando à interdisciplinaridade pretendida.

Por fim deve referir-se a curiosidade intelectual e vontade de conhecer um novo enquadramento disciplinar. À motivação emocional junta-se um impulso de adquirir aprendizagens nos campos teóricos das Ciências Sociais, fundamentais para conseguir desenvolver um novo estudo científico e produzir, com rigor, informação que possa, de alguma forma, vir a ser útil à conservação das espécies e à vida dos agentes humanos.

As motivações descritas e os percursos, pessoal e profissional constituem a construção da subjectividade deste estudo, o que informará a sua leitura.

Temática da pesquisa

A presente tese pretende contribuir para uma abordagem interdisciplinar integrando as dimensões sociais e a perspectiva das Ciências Sociais na Conservação da Natureza³. Após uma formação académica e experiência profissional em Biologia e em Conservação, procurou-se o desenvolvimento de conhecimentos antropológicos de forma a aprofundar a perspectiva social da conservação dos predadores⁴. Pretendeu-se, simultaneamente, integrar a pesquisa e cruzar novos conhecimentos nos saberes da Biologia da Conservação e nas abordagens multidisciplinares de um projecto de conservação. A integração de conhecimentos adquiridos por diferentes disciplinas tem tido muita relevância no sucesso de resolução de conflitos e de acções de gestão em áreas naturais, nomeadamente no que se refere à reintrodução de espécies selvagens.

Tendo em conta o princípio de conseguir aplicar a melhor informação científica disponível, o estudo pretendeu obter resultados que servissem como fonte de apoio à decisão e orientação a práticas de gestão de espécies e habitats, assim como à governância de processos. Nessa perspectiva, o estudo insere-se na temática da conservação de uma espécie emblemática da fauna selvagem, o lince-ibérico (*Lynx pardinus*), espécie endémica da Península Ibérica, que deixou de ter populações estáveis e reprodutoras em Portugal ainda no século XX (Queiroz *et al.* 2005). A presença de lince e de lobo, os últimos predadores que ainda coexistem com os humanos na Europa, pode ser tomada como um símbolo de paisagens seminaturais e associada a comunidades rurais com um estilo de vida tradicional e sustentável. No caso do lince, a sua reintrodução em Portugal estava planeada a partir de 2013⁵ e pareceu oportuno um estudo alargado sobre o conhecimento e percepção da espécie nas suas áreas de ocorrência histórica, contextualizada num aprofundamento sobre as relações entre pessoas e predadores. O estudo pretendeu também desenvolver uma pesquisa sobre o conhecimento etnoecológico do lince e outros carnívoros, bem como o posicionamento das populações humanas acerca dos processos de reintrodução na natureza.

³ Interdisciplinaridade no sentido que Rosa e Machlis (2002), Mascia *et al.* (2003) e Fox *et al.* (2006) por exemplo, referem como necessidade de uma abordagem mais abrangente e de aplicação prática. Também no aspecto que Youngblood (2007) menciona de uma nova forma de pensamento crítico orientado para a resolução de problema.

⁴ Animais predadores no sentido biológico do termo que mais à frente se define.

⁵ De acordo com o Protocolo de cedência de exemplares de lince-ibérico por parte do Reino de Espanha à República Portuguesa e que foi assinado em 2009, o Estado português comprometer-se-ia a implementar um programa detalhado com pelo menos uma área potencial de reintrodução da espécie a partir de 2012.

A Antropologia confere o enquadramento disciplinar adequado para abordar a dimensão social num estudo deste tipo, ao lidar com populações locais, grupos sociais específicos, conteúdos de cariz cultural, análise de discursos e de práticas. As metodologias desenvolvidas pela disciplina permitem recolher e analisar diversos tipos de dados sobre as percepções das populações locais, sobre a natureza e os predadores e sobre os valores a estes atribuídos. A abordagem etnográfica pode ser inovadora na abordagem às problemáticas de conservação de espécies predadoras, e integrada nos projectos multidisciplinares, ao trazer um conhecimento aprofundado da trama existente à volta de um processo como a reintrodução.

Este estudo enquadra-se na implementação geral dos planos e estratégias, em Portugal, para a conservação das espécies, nomeadamente o Plano de Acção para a Conservação do lince-ibérico (PACLIP)⁶. Pretende-se que o mesmo seja um exemplo de contributo do conhecimento das Ciências Sociais para a área da conservação da natureza, que constitua um estudo inserido na dimensão social da conservação da natureza, e também para um envolvimento crescente das populações locais nos processos de conservação da natureza, factor crucial para o seu sucesso.

Constitui também um estudo científico específico e original na área das relações humanos-não-humanos, temática pouco explorada no contexto português, e por extensão, da relação entre os humanos e a natureza.

Enquadramento disciplinar

Os animais não-humanos têm sido centrais na pesquisa antropológica. Seja investigando a evolução dos humanos ou, numa abordagem para a compreensão das relações entre os próprios humanos, os antropólogos têm dado atenção aos animais não-humanos (Mullin 2002). Entre os estudos etnográficos mais clássicos conta-se o de Evans-Pritchard (1940) que usa a relação dos Nuer com o gado para descrever a organização social deste grupo, caracterizando-o pelo seu “idioma bovino” (1940). Rappaport (1967) deu atenção à relação entre os Tsembaga Maring e os porcos, animais usados em rituais. Os animais como símbolos surgem em diversos estudos tais como Geertz (1973) em que a luta de galos é uma metáfora para “banho de sangue” travado

⁶ Despacho n.º 12697/2008 de 6 de Maio e Despacho n.º 8726/2015, DR n.º 153/2015, Série II de 2015-08-07

entre os proprietários destes animais. Ohnuki-Tierney (1990) percorre o significado do macaco ao longo do tempo, uma metáfora dominante para o eu na cultura japonesa. O autor considera as construções culturais em volta daquele animal como reveladoras das respostas japonesas à questão: quem somos nós enquanto humanos *vis-à-vis* animais e enquanto japoneses *vis-à-vis* estrangeiros? Outros estudos debruçaram-se em actividades que implicam proximidade com animais selvagens, como a caça. Leach (1964) a propósito da caça às raposas debruça-se sobre o ritual da prática, os tabus e o significado relativo de crueldade. Marvin (2000) a este propósito refere, posteriormente, o carácter transgressivo do animal predador que causa prejuízos e atravessa os limites dos humanos. De referir também o trabalho de Lévi-Strauss (1991) que a partir da “História do Lince” examina a mitologia dos nativos americanos. A partir da oposição entre “gato selvagem” (que é um lince vermelho, espécie do Norte da América, congénere dos lincos europeus) e coiote, e das várias versões da história, é explorado o significado do dualismo e o contacto e choque entre a cultura nativa americana e a europeia. Lévi-Strauss tinha já referido, em 1962, na sua obra sobre totemismo, os animais e a escolha das “espécies naturais” (como totens) porque eram “bons para pensar” e não porque são “bons para comer”. Ainda relacionado com tabus (alimentares) e associação de animais a grupos sociais, Douglas (1957) refere animais “anómalos”, a regulação do contacto entre os humanos e os animais e também os animais no simbolismo religioso dos Lele.

Muitos outros exemplos de estudos antropológicos que notam a presença e importância dos animais na cultura humana existem. Hurn (2012) considera porém que os animais não-humanos têm sido de interesse periférico para os antropólogos constituindo-se como objectos a ser utilizados pelos humanos, estes sim objectos de questionamento etnográfico.

Ingold (1988) editou a obra “*What is an animal*” reunindo académicos de várias disciplinas que, em torno do animal, consideram inúmeros aspectos da compreensão e significado de ser humano, por comparação com não-humano, como num espelho. Alguns autores nessa obra debruçam-se mais especificamente sobre as relações entre humanos e animais não-humanos e referem as questões da emoção, da barreira entre espécies, do medo e os tipos de encontros entre humanos e não-humanos – predação, companheirismo, parasitismo, domesticação, treino (Midgley, Mundkur, Sebeok, Coy and Tapper *in* Ingold 1988). Mullin (1999) resumindo estudos sobre as relações entre

humanos e animais e suas ligações ao colonialismo, construção de raça, classe e identidade de género, vem também referir este tema como objecto de investigação interdisciplinar. Nesse âmbito surgem também preocupações morais e políticas no que diz respeito aos animais não-humanos (Mullin 1999) e a emergência de uma nova disciplina *Human-animal studies* relacionada com debates filosóficos sobre os animais, questões éticas, em paralelo com movimentos de protecção e bem-estar animal (DeMello 2012). Esta área abrange as relações entre humanos e animais não-humanos domésticos, e é de referir, por exemplo, o trabalho de Haraway (2008) que aprofunda o conceito de espécie companheira, explora resultados dos encontros entre espécies e marca uma nova tendência para questionar o carácter excepcional do humano.

Neste panorama de estudos com carácter antropológico são poucos os estudos que se focaram em grupos individuais da fauna selvagem e que partiram da problemática da sua conservação (*e.g.* pantera e leopardo em Gallagher 1994, Goldman e Walsh 1997). Como Mullin (2002) refere, uma atenção focada nos animais não-humanos não é incompatível com o questionamento das relações entre humanos, e destes com os ambientes.

As Ciências Sociais estudam os humanos em sociedade e descrevem a relação entre os humanos e o meio que os rodeia. No âmbito de uma abordagem interdisciplinar da preservação do património natural, as Ciências Sociais têm um papel importante na Biologia da Conservação, enquanto ciência e enquanto prática. A Antropologia, em particular, possui ferramentas analíticas e um conhecimento estabelecido que pode explicar e prever padrões de comportamento humano, disponibilizando perspectivas vitais para o sucesso dos esforços de conservação (Mascia e Brosius 2003). A ecologia das espécies ameaçadas e ecossistemas é a fundação da Biologia da Conservação, porém este conhecimento científico ecológico não é suficiente para o sucesso da conservação aplicada. As acções de conservação lidam, a determinado nível, com comportamentos humanos e é vital compreender como os factores sociais moldam as interacções humanas e as escolhas humanas de gestão, exploração ou conservação da biodiversidade. Existem barreiras perceptíveis à colaboração efectiva entre investigadores das Ciências Sociais e biólogos da conservação. Estudos interdisciplinares têm sido excepcionais, ainda que ambos os cientistas sociais e naturais concordem que uma melhor colaboração contribuiria para o sucesso da conservação (Fox *et al.* 2006).

A Antropologia Ambiental, que tem por foco as questões ambientais, descreve como o ambiente é representado, construído, disputado e contestado (Brosius 2006, Crumbley 2001). Cada grupo social, de acordo com a sua própria cultura, conhecimento e sistema cognitivo usa e pensa os seres vivos e gere os recursos naturais (Frazão-Moreira 2010). A investigação antropológica também coloca questões alargadas e debates teóricos, incluindo as relações específicas entre humanos e animais não-humanos (Gallagher 1994, Goldman e Wash 1997, Galhano-Alves 2000), percepções de paisagens selvagens e habitats naturais, classificações empíricas e significado de cada espécie em particular (*e.g.* Knight 2000, Mascia e Brosius 2003, Álvares 2004, Andersone e Ozolinš 2004).

De entre as especialidades actuais da Antropologia, a pesquisa desta tese insere-se na disciplina de Etnoecologia. Procurou obter conhecimento sobre os aspectos culturais dos predadores selvagens, complementando o conhecimento científico fundamentalmente biológico que existe sobre estas espécies, a sua situação populacional, as características do seu habitat e requisitos ecológicos. Olhou-se para uma informação distinta, do ponto de vista das pessoas que com estes animais têm partilhado um território desde tempos ancestrais, isto é, um ponto de vista émico. Foi objecto da tese aprofundar as relações entre os humanos e os predadores, nesses territórios geográficos. Pretende-se compreender não só as crenças, histórias, imagens, conhecimentos sobre a existência da espécie, mas também os usos que se têm dado tradicionalmente aos predadores, bem como as atitudes e expectativas face à coexistência futura.

Nesse sentido, o estudo proposto aborda aspectos referidos por diversos autores na definição de Etnoecologia, sintetizados por Alves e Souto (2010) e Toledo (1992), tais como o “estudo de como os grupos tradicionais organizam e classificam o seu conhecimento do ambiente e dos processos ambientais” (Brosius *et al.* 1986:187) ou a “tentativa de entender as ligações entre o conhecimento e comportamento, e a pertinência dessas ligações para com as relações homem-ambiente” (Bellon 1990:6) ou ainda uma definição mais focada nas populações camponesas: “um enfoque interdisciplinar que estuda as formas pelas quais os grupos humanos vêem a natureza, através de um conjunto de conhecimentos e crenças; e como os humanos, a partir do seu imaginário, usam e/ou gerem os recursos naturais” (Toledo 2000). Tratando-se de um estudo em contexto europeu dirigido a populações rurais inseridas na modernidade, de

tradição europeia e sob a influência da disseminação do conhecimento científico e tecnológico, este estudo estará menos relacionado com os contextos da “Ecologia Humana” (Johnson 1974) enquanto estudo das “percepções indígenas das divisões naturais no mundo biológico e das relações planta-homem-animal em cada divisão”, ou do “estudo do papel da natureza no sistema de adaptação do Homem a determinados ambientes” (Posey *et al.* 1984), definições desenvolvidas sobretudo a partir da realidade apreendida pelos estudos etnoecológicos em áreas tropicais e noutros contextos culturais.

Por outro lado o presente estudo abordará a dimensão cognitiva das relações entre as sociedades e o ambiente considerado natural (Alves e Souto 2010). Na medida em que se procurará a “visão compartilhada” (ou não) pelos membros de uma determinada cultura (ou grupo /população local), e mesmo a “percepção folk” das relações com determinadas espécies (predadores), faz sentido a abordagem “etno” que procura “informações émicas” e que pode também considerar-se inserido numa especialidade como a Etnozoologia (Alves e Souto 2010). Certos aspectos culturais são específicos da relação entre populações locais e predadores e estão intimamente ligados a determinada área geográfica. A possível existência de comportamentos individuais de predadores moldados pela acção dos humanos nas áreas de estudo (ex. o predador atacar os animais domésticos quando há menor vigilância ou maior facilidade de acesso à presa) pode também enquadrar-se na perspectiva de uma nova área de acordo com Lestel *et al.* (2006) - a Etoetnologia - enquanto o estudo das comunidades híbridas que compreendem humanos e animais não-humanos partilhando significados, interesses e afectos, complexidade de sociabilidades interespecíficas.

A pesquisa realizada na presente tese, apesar de não assumir uma abordagem tão abrangente como Toledo (1992) recomenda, com um trabalho de equipa e de longa duração, explora também aspectos das conexões entre o *kosmos* (sistema de crenças, visão do mundo), o *corpus* (sistema cognitivo, repertório de conhecimentos através dos quais os humanos se apropriam intelectualmente dos recursos naturais) e a *praxis* (sistema de gestão, conjunto de práticas através dos quais os humanos se apropriam materialmente dos recursos naturais). Contudo, o estudo não pretendeu explorar apenas o saber sobre os predadores, problema recorrente apontado por este autor aos estudos deste tipo, mas também contextualizá-lo nas questões práticas dos agricultores ou dos caçadores, nos seus comportamentos, práticas e estilos de vida. Um dos impulsos

iniciais para a realização deste projecto foi a situação de ameaça do linco-ibérico e a análise prévia de que os impactos causados pelos humanos terão causado um desequilíbrio nos seus habitats naturais, colocando em causa a sua persistência ao longo do tempo e a coexistência com os humanos. O autor atrás citado refere a avaliação ecológica e a análise de impactos do uso dos recursos naturais como um dos passos de um estudo etnoecológico. Assim, partindo do conhecimento da relação dos humanos com o linco como hipótese de relação disruptiva, o estudo pretende concluir uma possibilidade de coexistência no futuro e os moldes em que poderá acontecer, segundo o ponto de vista das populações locais. Por esta razão, é importante abordar a relação mais abrangente destas populações com a natureza e não só com as espécies em causa isoladamente, conhecendo e decifrando outras razões e percepções espelhadas indirectamente nas relações com os predadores.

No estudo proposto partilha-se o posicionamento de alguns autores como Orlove e Brush (1996), advogando a aliança entre Antropologia e Conservação da Biodiversidade e a importância crescente da participação das populações locais em programas de conservação. Os antropólogos são entendidos como aliados das populações, advogando a sua posição em debates políticos, e neste caso concreto, defendendo a sua participação em processos de decisão.

Como apoio à gestão de vida selvagem está também muito expandida a investigação na área disciplinar distinta da *Human Dimensions*⁷ e que usualmente produz informação como apoio à decisão, aos esforços de comunicação e entendimento, factores que estão por detrás das atitudes face à vida selvagem (Bath 1998). Têm sido desenvolvidos, em vários locais do mundo, alguns estudos sobre atitudes públicas face aos predadores, cujos resultados tiveram implicações específicas para a prática da conservação (*e.g.* Bath 1989; Andersone e Ozolinš 2004; Magic e Bath 2010). Assim, o presente estudo não desconsiderou a abordagem nessa outra área disciplinar.

⁷ “Human Dimensions” é definida por autores como Bath (1996) como a componente humana da gestão de vida selvagem, o conjunto das atitudes, expectativas, e níveis de conhecimento do público no que diz respeito a espécies selvagens, recursos naturais e habitats associados. A pesquisa nesta área é presentemente uma área de trabalho importante, em particular no contexto da América do Norte, sendo os estudos orientados para a procura de dados quantitativos e/ou representativos em determinadas populações alvo.

Estudos precedentes e oportunidade da presente pesquisa

Em Portugal existem estudos interdisciplinares que mostram uma relação dos humanos com predadores, em geral, caracterizada por desconhecimento, crenças negativas mas também pela existência de sentimentos de admiração e interesse (Álvares *et al.* 2011, Espírito Santo 2001, Martins 2009). Esta ambiguidade, assim como as relações possíveis entre humanos e as diferentes espécies de predadores selvagens estavam por explorar.

Em termos de estudos antropológicos focando humanos e predadores, em contexto europeu, existem alguns estudos etnológicos da coexistência de comunidades rurais específicas e o lobo (Bobbé 2002; Lescureux 2007). Galhano-Alves (2000), num estudo aprofundado no Parque Natural de Montesinho, recolheu representações locais de lobo e percepções de residentes e concluiu a existência de uma relação conflituosa com a espécie e uma imagem inversa da pirâmide trófica natural e do lugar do superpredador. A recolha de Álvares *et al.* (2011) diz respeito às manifestações culturais de lobo em todo o norte da Península Ibérica, nomeadamente às práticas humanas de defesa do predador e às tradições orais. A imagem deste grande predador parecia ainda merecedora de uma pesquisa mais alargada no tempo e no espaço. Relativamente ao lince, foi realizado um estudo antropológico na Macedónia sobre alguns aspectos sociais do lince euroasiático (*Lynx lynx*), uma espécie de lince que habita zonas da Europa central, de norte e leste (Lescureux *et al.* 2011), em que os autores relacionaram o conhecimento local sobre a espécie e sobre a sua biologia com localidades onde teria havido mais interações (e observações directas) de animais. O estudo explora também sentimentos de medo da espécie, crenças sobre a sua perigosidade (animal “sanguinário”) e posicionamentos a favor da sua protecção. Na Península Ibérica não se conhece qualquer pesquisa antropológica sobre o lince.

Em termos de Antropologia Ambiental em Portugal, de referir os trabalhos de Martins e Mendes (2011) que mencionam conflitos expectáveis de ambiente em áreas naturais portuguesas e percepções distintas entre residentes nessas áreas e ‘conservacionistas metropolitanos’. Martins (2014 e 2017) dá continuidade ao tema da (não) participação de utilizadores locais na gestão do Parque Nacional de Peneda-Gerês, explorando o tema da governância, a preponderância de alguns grupos que tendem a negligenciar os saberes locais e a fabricação de “wilderness,” com a criação de reservas integrais.

Soares (2010) realizou um primeiro estudo na área da Antropologia e conservação da natureza em Portugal, explorando a hipotética reintrodução de espécies predadoras, entre as quais o lobo-ibérico. Este estudo, decorrido no Parque Natural da Serra da Estrela sugere que as percepções sociais da fauna local estão alicerçadas em critérios “utilitários, estéticos e ecológicos” e que a águia-real (*Aquila chrysaetus*), o grifo (*Gyps fulvus*) e o lobo recaem numa óptica de “maus animais”, existindo uma opinião generalizadamente negativa face à possibilidade de reintrodução de lobo. Não se conhece ainda, porém, um estudo antropológico num cenário real de reintrodução, quer em Portugal, quer no caso de predadores, noutros locais do mundo.

Relativamente a estudos precedentes em Portugal sobre a simbologia da fauna, ou representações da mesma na literatura, existem poucas análises da presença de animais em ficção (Queirós 2000, Morais 2005, Queiroz 2005a). Uma revisão global sobre a imagem do lobo era, até à data, insuficiente, até porque nenhum dos estudos referidos tinha considerado uma análise alargada no tempo e no âmbito geográfico. O estudo das representações do lobo na literatura iniciou-se em 2012 (Queiroz *et al.* 2013).

No Âmbito da Psicologia Ambiental e da Sociologia foram realizados estudos mais específicos referentes à temática da conservação e/ou reintrodução do lince-ibérico, sobretudo com base em metodologia de inquérito por questionário. Apresentam-se de forma sumária os principais estudos sociais realizados sobre a temática, em Portugal e Espanha (Tabela 1.1).

Estes estudos mostram, sobretudo de forma quantitativa, uma tendência favorável dos cidadãos face à espécie, *senso lato*. Os seus resultados impulsionam novas questões, como quais as razões para determinados posicionamentos bem como a pertinência de uma diferente abordagem de recolha de dados de modo a obter uma compreensão complementar e aprofundada da atitude, face à possibilidade concreta de reintrodução do lince em territórios do Alentejo. Dados do projecto "Promoção do Habitat do Lince-ibérico e do Abutre-preto no Sudeste de Portugal" (coordenação da Liga para a Protecção da Natureza) indicam que “as populações locais que os conhecem mostram-se maioritariamente a favor da protecção do lince ibérico e do abutre-preto”⁸,

⁸ Projecto LIFE-Natureza "Promoção do Habitat do Lince-ibérico e do Abutre-preto no Sudeste de Portugal": <http://habitatlinceabutre.lpn.pt/>

mas, nesta auscultação, quase um terço dos inquiridos mostrou-se também ambivalente sobre o lince (P. Castro, Centro de Intervenção Social, com.pess). Por outro lado, revelou-se uma certa associação do lince à identidade regional - o ser típico da região como uma razão para o conservar (P. Castro e C. Mouro, com.pess.).

A pesquisa antropológica desenvolvida nesta tese em relação ao objectivo das atitudes face à reintrodução partiu também deste ponto para aprofundar as razões para determinados posicionamentos e percepções de conflitos, e para conhecer as crenças e preconceitos sobre estes processos, existentes *a priori*.

Tabela 1.1. - Estudos relativos ao lince-ibérico em Portugal e Espanha com indicação dos autores, instituições executoras e financiadoras, ano do relatório ou divulgação, região, metodologia e amostra, e principais resultados

Autoria (Instituição)	Ano	Região	Metodologia e amostra	Principais resultados
Lafuente 2008 IESA, Instituto de Estudios Sociales Avanzados Junta de Andaluzia	2007	Guadalmellato, Guarrizas e Hornachuelos	Entrevista telefónica (1h). Público em geral n=1200; caçadores n=600; representantes colectivos sociais	Percentagem de concordância com reintrodução de lince nas várias áreas: Guadalmellato - 92,1% Guarrizas - 91,5% Hornachuelos - 88% Razões a favor para preservar a espécie: é um animal autóctone, valores pro-ambientais, é bonito.
Estrada <i>et al.</i> 2008 IESA Junta de Andaluzia LIFE 06/NAT/E209	2008	Guadalmellato	Entrevistas aprofundadas a oito pessoas Metodologia qualitativa para obter um conhecimento local	Ambiente social entre populações de Villafranca é favorável à reintrodução, incerteza de caçadores e proprietários sobre as consequências da reintrodução, informação reduzida ou incompleta do projecto, expressada a necessidade de compensar possíveis prejuízos e a possível visita não agrada a proprietários que expressam limitações ou restrições ao uso do monte
Anónimo 2009 SECEM, Sociedade Espanhola de Conservação e Ecologia de Mamíferos Junta de Andaluzia	2009	Doñana	Entrevista pessoal a 380 turistas e 66 empresários	A actuação mais valorizada pela administração é a conservação do monte 86% dos questionados estaria disposto a colaborar na conservação do lince-ibérico face a 14% que não teria interesse
Mouro <i>et al.</i> 2009 CIS, Centro de Investigação e de Intervenção Social LPN LIFE Lince-abutre	2009	Moura-Barrancos	Workshop de gestão de recursos naturais, conservação da natureza e economia local	Problemas mais votados: Deficiente comunicação, informação e relacionamento, ausência de parcerias Desfasamento entre os planos ambiental, social, e económico da Rede Natura Ausência de apoios financeiros

Autoria (Instituição)	Ano	Região	Metodologia e amostra	Principais resultados
Mouro <i>et al.</i> 2013 CIS LPN LIFE Lince-abutre	2013	Serra do Caldeirão, Moura-Barrancos (MMB) e Vale do Guadiana (VG)	n=150 em cada área	Atitudes face à protecção do lince: A favor: Moura Mourão Barrancos - 72,3%; VG- 71,6% Ambivalência: Moura Mourão Barrancos - 0,5%; VG - 14,7% Contra: MMB - 4,5%; VG-4,6%

Objectivos específicos e problemáticas para a investigação

O objecto de estudo da presente pesquisa é a relação entre humanos e o lince-ibérico, integrando-se esta relação num padrão relacional mais global entre humanos e predadores, ou humanos e não-humanos, e tendo como caso de estudo as populações humanas residentes nas áreas de ocorrência histórica do lince. Neste âmbito de estudo, os objectivos específicos da pesquisa foram essencialmente conhecer a dimensão sócio-cultural do lince-ibérico e avaliar as percepções e atitudes das populações locais de Moura-Barrancos e Guadiana sobre o lince, as espécies e os processos de conservação.

A pesquisa partiu das seguintes questões:

1. Que imagens e representações⁹ estão historicamente e culturalmente associadas ao lince e a outros predadores em coexistência com os humanos?
2. Como se caracteriza o contexto onde coexistiram humanos e predadores, nomeadamente em termos de uso de solo, habitats e suas modificações referidas localmente?
3. Que histórias populares, memórias e crenças¹⁰ estão associadas ao lince e aos predadores? Como são classificados e integrados nas construções locais de natureza e fauna?
4. Qual é o papel e os usos dos predadores no contexto das práticas socioeconómicas e da apropriação da natureza? Como é que as práticas de gestão dos predadores se integram no sistema cultural local?
5. Quais as atitudes¹¹ dos actores chave¹² em relação à reintrodução do lince-ibérico nas áreas de estudo?

⁹ No sentido, por exemplo, que Godelier (1978) refere as representações-interpretações a partir das quais o pensamento organiza as relações dos homens entre si e com a natureza. Ver ponto seguinte.

¹⁰ Abrange o conjunto de fábulas, provérbios, tradições, etc, que expressam os valores, emoções e percepções dos indivíduos e que podem pensar e decidir sobre determinada acção particular de acordo com a sua experiência social local. Inclui mitos, não no sentido clássico do termo para se referir a narrativas sobre as origens do Mundo, mas como um dos aspectos de um enquadramento social alargado, como parte da construção da realidade e da natureza, associado a uma tradição oral que procura explicar um tipo de conhecimento específico local (e.g. Rapport & Overing 2000).

¹¹ Atitude neste contexto foi considerada com várias dimensões: o grau de conhecimento sobre a espécie, as questões emotivas face à espécie, os posicionamentos face à sua reintrodução e a avaliação custo benefício que cada informante faz sobre a presença de lince na região. Conceito desenvolvido no ponto seguinte.

¹² Entende-se por actor-chave um indivíduo com interesse e capacidade de decisão nos territórios propícios à conservação de lince e outros valores naturais. Linnell (2013), por exemplo, indica entre os

6. Que valores e orientações são expressas pelos actores chave na sua relação com os predadores e com a natureza?

O conhecimento das percepções humanas sobre os predadores alarga a importância dos predadores como património natural, mas também enquanto património cultural, e ainda como parte integrante das paisagens e da coexistência com as comunidades rurais. Aprofundar as atitudes locais permite um retrato etnoecológico das relações entre humanos e predadores selvagens. Dum ponto de vista aplicado, os resultados poderão ter aplicação no desenho de campanhas de comunicação e na concepção de materiais de divulgação mais próximos das realidades culturais locais. As conclusões permitirão, caso seja essa a opção de entidades e administração, conduzir processos como a reintrodução do lince de uma forma mais participativa.

Conceptualização teórica inicial e descrição de termos

O estudo proposto parte de conceitos teóricos base relativos às Ciências Sociais, usando também termos oriundos das Ciências Naturais, os quais se apresentam em seguida de forma sucinta.

Quando se refere “natureza” no âmbito de “relação com natureza” assumiu-se o carácter físico, espacial e essencial considerado por Ellen (1996) com que a natureza pode ser concebida pelos humanos. Os animais e plantas, por um lado, como objectos físicos; a natureza como um espaço exterior sem ocupação humana intensiva e a natureza como força que pode escapar ao controlo humano (como sumariado em Frazão-Moreira 1999). De acordo com esta última autora, a definição da natureza de determinado contexto resulta da conjugação destas dimensões e do grau de importância com que cada eixo contribui para essa concepção. Já a questão da relação com a natureza tem originado modelos antropológicos que se descrevem aqui, noutra ponto (ver “debates da disciplina” e capítulos VIII e XI).

O conceito de representação com aplicação na Antropologia deriva do ponto de vista filosófico em que objectos percebidos podem representar outros para lá da nossa compreensão imediata (Morris 2012). Considerou-se representação social como

stakeholders importantes para a conservação dos grandes carnívoros na Europa perfis considerados na presente pesquisa: proprietários, decisores políticos, promotores de ecoturismo, agricultores, recreativos do ar livre e cientistas.

um sistema de valores, ideias, significados e práticas que nos permitem recriar uma realidade externa (Moscovici 1984) e também, de acordo com Godelier (1978), organizar as relações entre humanos e natureza. Na presente tese, para a análise do primeiro conjunto de dados respeitantes às imagens e representações do lince e lobo usaram-se sobretudo fontes materiais de representações, como iconografia e objectos produzidos – ilustrações, logos, escultura, etc – e também se consideraram aspectos imateriais como descrições e referências na literatura. Tal como Baker (2001: 20) refere os usos representacionais, simbólicos e retóricos do animal devem ser compreendidos como possuidores de tanto peso conceptual, quanto qualquer ideia que possamos ter do “animal real”.

O conceito de atitude, usado sobretudo na segunda parte da presente tese, advém originalmente da Psicologia Social e pode ser definido como a “avaliação sumária de um objecto de pensamento” (Bohner e Wanke 2002), “uma predisposição aprendida para responder de forma favorável ou desfavorável em respeito a determinado objecto” (Fishbein e Ajzen 1975: 6) ou ainda um conjunto organizado de sentimentos e crenças que influenciam o comportamento individual (Schiff 1971).

Bourdieu refere o conceito de *habitus* em que também situa a *predisposição*:

“[...] systems of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures, that is, as principles which generate and organize practices and representations that can be objectively adapted to their outcomes without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary in order to attain them.” (Bourdieu 1990: 53)

Segundo este autor trata-se de respostas primeiramente definidas, sem qualquer cálculo, em relação a potencialidades objectivas, imediatamente inscritas num presente: coisas a fazer ou não, a dizer ou não, em relação a um futuro a vir (“*un a venir*”).

Faz sentido para o presente estudo, usar o conceito de atitude como uma predisposição situacional. Nos estudos da cultura de determinado grupo, objecto clássico de pesquisa em Antropologia, atitude também integra o conjunto de factores que caracterizam uma cultura definida, por exemplo, como “(...) the set of attitudes, values, beliefs, and behaviors shared by a group of people, but different for each individual, communicated from one generation to the next” (Matsumoto 1996: 16).

Assim, para o estudo das atitudes sobre a reintrodução do lince, consideraram-se o conjunto de dados que descreve como as pessoas sentem, pensam, e aquilo em que acreditam sobre este tema, assumindo que revelam uma intenção face à presença da espécie. Nesse sentido, o registo de expressões de emoções e da linguagem que usam é fonte de informação sobre a forma como sentem o assunto e como o descrevem.

A avaliação de atitudes em relação à vida selvagem tem sido objecto de pesquisa de numerosos estudos na área de “*Human Dimensions*” e as atitudes são consideradas como maleáveis na medida em que diferentes factores como conhecimento, experiência e outros podem influenciar a percepção de um indivíduo sobre uma determinada espécie (Bright e Manfredi 1996). Nesta área consideram-se as componentes afectiva e cognitiva das atitudes, isto é, o sentimento de gostar ou não de algo e a crença individual da pessoa sobre algo que pode ser ou não baseado em factos (Decker *et al.* 2001). Finalmente, a atitude da pessoa sobre determinado tema influencia as suas intenções de comportamento e o seu comportamento na realidade.

Considerando também este enquadramento, a parte correspondente do presente estudo sobre a reintrodução de lince-ibérico, desenhou uma entrevista que permitisse avaliar factores como conhecimento, sentimentos e crenças. Por outro lado, embora não se introduzissem questões directas sobre intenções de comportamento (como acontece com questionários administrados em estudos de “*Human Dimensions*”), recolheu-se também informação sobre o contexto social local e as práticas usuais em relação a predadores. Estas são analisadas no cruzamento com as dimensões cognitiva, afectiva e das atitudes dos actores.

Assim, no contexto deste estudo, o conceito de atitude fica entendido também como uma intenção face à presença da espécie afectada pelo conhecimento, emoção, opinião e posicionamento, experiência prática e crenças/convicções.

Percepção social, termo empregue por vezes como próximo de atitude, é utilizado, nesta tese, na sua dimensão cultural, e refere-se ao processo descrito, por exemplo, por Morris (2012), pelo qual cada um é estimulado pela apreensão dos sentidos, ou por uma consciência mais imediata de algo, e pela forma como o interpreta. Percepções designam, tal como atitude, crença e valores, um tipo de variável de um estado interno (do indivíduo) (Bernard 2006). No âmbito da percepção social sobre um animal que não seja familiar, sobre uma determinada ideologia como a conservação de uma espécie, ou sobre um novo processo como a reintrodução, deve também referir-se a

teoria da dissonância cognitiva (Festinger 1957 *in* Bernard 2006). Esta diz respeito à compreensão de que as pessoas acreditam no que tem que ser, e que pode não corresponder à sua percepção de como as coisas são na realidade. Esta situação causa um sentimento de desconforto denominado dissonância cognitiva.

No âmbito da presente tese e de outros conceitos usados entende-se ainda por:

Conhecimento local: o conjunto de saberes acerca da espécie, nomeadamente dos seus aspectos biológicos e da sua ecologia, numa confluência de saberes advindos da experiência ou partilhados através da transmissão oral - o que, correntemente, se considera “conhecimentos ecológico tradicional” (*e.g.* Brush 1993, Ellen *et al.* 2000, Maffi 2001) com saberes recentemente incorporados, advindos de outras fontes de transmissão (TV, workshops no âmbito de projectos, reuniões de divulgação, etc.), numa expressão do carácter continuamente gerado do conhecimento (Frazão-Moreira *et al.* 2009, Ingold 2003).

Gestão das espécies e dos territórios: os usos e as práticas de manejo associadas a percepções acerca das espécies predadoras em geral, na sua relação com as expectativas geradas acerca da possível presença do lince-ibérico no território, partindo do pressuposto da impossibilidade de dissociar conhecimento, experiência, convicções e praxis (*e.g.* Ingold 1992, Toledo 2001);

Posicionamento face à reintrodução: o conjunto de elementos que informam a posição pessoal face à reintrodução do lince-ibérico, desenhada na conjugação de componentes afectivas (valores e emoções face à espécie) e pragmáticas (avaliações e expectativas concretas dos custos-benefícios), determinantes na avaliação do que será o processo de reintrodução;

Contextos locais face à reintrodução: o conjunto de elementos históricos e caracterizadores das actividades económicas locais predominantes e os processos de relação com instituições locais ou nacionais, que poderão afectar a atitude face ao processo de reintrodução do lince-ibérico.

Recorreu-se ainda neste estudo a conceitos instituídos como “conservação de espécies”, atendendo à aplicabilidade do estudo e mantendo o diálogo com a conservação da natureza. Considerou-se, por isso, a definição mais recente e aplicada à prática, da transposição jurídica da Directiva Habitats - “entende-se por conservação o conjunto das medidas e acções necessárias para manter ou restabelecer os habitats

naturais e as populações de espécies da flora e da fauna selvagens num estado favorável (...)" (alínea 1.a) do art.3º do Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de fevereiro). De realçar porém, o carácter pouco estático do termo conservação em detrimento dos termos protecção ou preservação da natureza. Estes últimos estão mais relacionados com posicionamentos conservadores em que a natureza seria apenas protegida de destruição e existiria *per se*, sem intervenção humana. O objectivo actual de conservação dos predadores na Europa parece ser, sobretudo, conseguir a coexistência com populações humanas, em território humanizado e seminatural, intervindo activamente na gestão do território através de diversas ferramentas (ex. incrementando as presas naturais, pagando prejuízos, etc.).

A denominação de “predadores”, no contexto deste estudo, aplica-se a animais que obtém alimento pela predação. Esta implica uma interacção entre dois animais em que o predador caça, captura e mata a presa. As relações predador-presa formam importantes ligações nas cadeias alimentares. São também importantes, do ponto de vista biológico, na regulação dos tamanhos populacionais tanto das espécies predadoras como das presas, em particular quando o predador depende de uma espécie única como presa (Daintith e Martin 2005). Tal é o caso particular do lince-ibérico que é, do ponto de vista ecológico, um especialista em coelho-bravo.

No *corpus* do estudo proposto optou-se por considerar “habitat” e eventualmente “paisagem” apenas no aspecto em que estão relacionados com as populações locais, no âmbito da definição actual e abrangente de paisagem da Convenção Europeia de Paisagem (2000): “uma área, tal como percebida pelas populações, cujo carácter é o resultado da acção e interacção de factores humanos e naturais”. Este conceito é interpretado por diversas disciplinas, como por exemplo a Geografia clássica, que olha a paisagem como uma entidade real e não uma criação do espírito, qualquer coisa que se descreve e que é lícito tentar interpretar no conjunto dos elementos que se combina (Ribeiro 1987). No entanto, outros autores dão mais relevo à relação dos humanos com a paisagem e o seu papel modelador de componentes naturais (Claval 1994; Tress e Tress 2001) e também realçam a interacção Humanos-Paisagem, esta última encarada como um produto natural mas também social. Queiroz (2007) reitera este cariz híbrido e social referindo que a paisagem actual portuguesa encerra elementos da paisagem original ou paisagem natural, da história das civilizações e das mudanças operadas ao longo do tempo. Nesse sentido e na caracterização dos contextos, a paisagem e a

percepção das suas mudanças ao longo do tempo são exploradas, pois constituem um elemento de relação entre humanos e natureza, logo entre populações locais e predadores.

Debates da disciplina

No que diz respeito à integração do presente estudo nas temáticas actuais da Antropologia, pode considerar-se que o tema da tese em si é um possível exemplo de uma abertura da Antropologia actual, que se configura diversificada e especializada, enquanto aplicada à conservação da natureza.

Em termos de contributos para os debates actuais da disciplina, a presente tese abrangeu os temas globais da relação humanos e não-humanos, da influência do global no caso local, das fricções sociais e económicas e da neoliberalização da natureza, como a seguir se apresenta.

Neoliberalização da natureza/ Escala global e local

Muitos autores têm abordado as questões do neoliberalismo global e da sua vivência na actualidade como ordem sócio-económica e política (*e.g.* Ortner 2011 e 2016, Boltanski e Chiapello 2000). A Antropologia tem um papel reconhecido na abordagem das políticas neoliberais aplicadas à exploração de recursos naturais e da neoliberalização do mundo não-humano (*e.g.* Castree 2010). As questões ambientais têm uma dimensão local mas podem-se estabelecer ligações globais. Partiu-se do pressuposto de que o tema desta tese, enquadrado em temas ambientais globais, como as transformações dos ecossistemas e a extinção das espécies selvagens, tivesse escalas múltiplas local, nacional e global como por exemplo Tsing (2005) propõe. Esta autora aponta as questões das fricções em torno de economias locais e as questões ambientais e sociais que as transformações dos ecossistemas acarretam.

Uma vez que na análise antropológica relacionam-se acções humanas observadas localmente, por estudo etnográfico, com estruturas políticas e sociais maiores, tem havido uma multiplicidade de estudos que referem o neoliberalismo desde a viragem do século (Kipnis 2007). Nesse sentido, no propósito da análise da trama da reintrodução do linco, como caso de estudo, colocou-se a hipótese de partida de existirem influências neoliberalistas globais no processo e factores locais relacionados com neoliberalismo transnacional.

A neoliberalização da natureza como um processo, mostra características identificáveis tais como privatização, comercialização e *marketing*, desregulação de mercados e proximidades da lógica privada ao sector estatal com gestão de serviços públicos como negócios “eficientes” e “competitivos” (Castree 2008). Exemplos deste fenómeno e políticas neoliberais aplicadas a elementos naturais e à sua exploração são a privatização do sector da água e do sector mineiro, actividades com impactos sociais e ambientais importantes. Contudo, não se pretendeu estudar a reintrodução do lince enquanto um processo de neoliberalização. Não se dispunha de elementos para realizar uma análise política e geográfica da reintrodução nesta tese e, tal como Ortner (2016: 58) refere, não se procurou, nem teria sido possível, a propósito da reintrodução do lince, desenvolver “estudos etnográficos da insegurança económica e governamentalidade punitiva”.

Ainda assim e apesar de serem as relações humanos/ não-humanos, e o seu significado, os temas centrais neste estudo, consideraram-se factores como as políticas de ordenamento sob os quais se desenrolaria a reintrodução. Uma das soluções ambientais (e dilemas) acreditada pela capacidade do neoliberalismo é de que as contradições ambiente-economia podem ser ultrapassadas (Castree 2008). As espécies com elevado risco de extinção, como o lince-ibérico, seguem, em Portugal, protecção estatal e estão sob um normativo europeu (*e.g.* Directiva Habitats) que obriga à sua recuperação, dos seus habitats e à funcionalidade nos ecossistemas naturais. O discurso sobre a conservação destas espécies é o da compatibilização da sua presença com actividades humanas e uma exploração económica progressista. No entanto, as actividades como a transformação de habitats naturais e florestas autóctones em monoculturas florestais (destinadas a produção industrial) são apontadas como causa de desaparecimento e ameaça à espécie. Assim, a reintrodução de espécies como o lince-ibérico, conceptualmente, surge como uma solução para o impacto humano da extinção da espécie mas mantendo uma apologia geral à exploração dos habitats e recursos naturais. Este aspecto racional pode ser considerado como integrado numa lógica de políticas neoliberalistas. De facto, as actividades humanas à escala local e regional estão sobre a forte influência de governância transnacional com políticas de produção e subsidiação, em geral pouco enquadradas com políticas de ambiente, ou mesmo contraditórias à protecção de habitats e espécies. É o caso da Política Agrícola Comum que determina, em Portugal, a médio prazo, o mosaico rural em áreas naturais

importantes para espécies ameaçadas, nomeadamente no Baixo Alentejo, terreno da presente pesquisa.

Outro aspecto teórico paralelo é a mercantilização da natureza, considerada por vários autores como um fenómeno global, e a exploração de espécies selvagens enquanto objectos materiais (*e.g.* Beardsworth e Bryman 2001, Mazur 2001, Buller 2004, Bulbek 2005, Mace 2014). Nesse sentido, na pesquisa desta tese, quer relativamente às representações e imagens construídas em torno do linco, quer nos discursos sobre a reintrodução, esperou-se identificar algumas tendências actuais da mercantilização, associadas a uma espécie-bandeira, com relativa atenção mediática.

Os modelos de relação com a natureza

O estudo da relação humanos e não-humanos nas populações rurais portuguesas, integradas num contexto ocidental, enquadra-se necessariamente nos debates teóricos actuais sobre modelos globais de relação com a natureza. Este tema tem sido desenvolvido por autores como Ingold, Descola e Viveiros de Castro e descende de questões anteriores, na Antropologia, sobre identificação de estruturas sociais em Lévi-Strauss e Radcliffe-Brown.

A relação em si traz implícita, para alguns autores, a questão da dualidade, da existência de uma oposição. A concepção da oposição entre natureza e cultura é muito discutida e no mundo ocidental será uma construção dicotómica (Ingold 1996). Sendo o ponto de partida da Antropologia, o facto de as relações entre humanos e os seus ambientes serem mediadas pela cultura, a apreensão do mundo natural seria uma construção mental. Esta divisão entre natureza e cultura é também referida como entre sociedade e natureza, racional e natural/animal (Tovey 2003), humanidade/animalidade (Latour 2004, Descola 2005) implicando ainda divisões entre mente e mundo, forma e substância, cognição e prática e interioridade e externalidades (Toren 2014, Ingold 2016). Esta dualidade parece ser dominante e tem estado profundamente embebida na cultura ocidental.

Assim, a hipótese de partida da presente pesquisa, dirigida a contextos europeus, de tradição judaico-cristã, com uma ideia de que os humanos têm direitos sobre os animais e de domínio sobre a natureza (Singer 1995), uma longa prática de exploração dos mesmos e de recursos naturais e também uma história de estabelecimento de relações de mercado, foi a de encontrar o modelo dualista na relação humanos/

predadores selvagens. Neste modelo, Descola (2005, 2013) define o naturalismo como o modo de identificação da natureza dos contextos ocidentais por contraste com totemismo, animismo e analogismo, ontogénias características de outros modos de viver e pensar a natureza. No naturalismo existe uma clara separação entre o mundo cultural dos seres humanos por um lado, e os elementos não-humanos da natureza por outro, aos quais não é reconhecida interioridade ou intencionalidade.

Apesar de ser esperado que a ontologia dominante no contexto dos entrevistados fosse próxima do naturalismo, foi igualmente considerada a hipótese de um tipo de relação entre humanos e não-humanos e entre humanos e o mundo natural como Ingold (2000) descreve: uma interrelação próxima, de mutualidade, reciprocidade e envolvimento. O autor tem vindo a propor um modo mais relacional entre sujeito e ambiente, em que a relação não é fixa mas se desenrola e desenvolve existindo interconexões entre formas de pensar e agir (Ingold 1992). Os humanos em relação com natureza e entidades não-humanas, estão necessariamente engajados com estas (Ingold e Palsson 2013).

Também o perspectivismo e modos de olhar os não-humanos discutidos para os ameríndios por Viveiros de Castro (1998) e a possibilidade de reconhecer alma, interioridade e intencionalidade nos animais não-humanos, foram relevantes para a presente pesquisa e para caracterizar aspectos da relação com os predadores selvagens.

A relação com a natureza na presente pesquisa englobou ainda representações do meio natural e as formas práticas e simbólicas de relação com o ambiente (Descola 1996). Assim, além dos modos de identificação, os modos de relação – grandes categorias de troca/reciprocidade, predação, produção, doação, protecção e transmissão (Descola 2013:311) - e os modos de classificação propostos por este último autor, integram aqui a relação, *sensu lato*, dos humanos com a natureza.

Capítulo II: Metodologia e planificação

“Não digo senão as coisas que sei bem sabidas, ou ditas por pessoas dignas de fé” (Garcia de Orta 1523)

Tarefas de pesquisa

Assumindo que o objecto de fundo da presente tese é a relação entre os humanos e os predadores, em particular o caso do lince-ibérico, o estudo seguiu um planeamento dividido em seis tarefas distintas ditadas pelas questões de investigação, metodologia a seguir e por corresponderem de certa forma a etapas da pesquisa em sequência temporal.

Pesquisa na literatura portuguesa, ficção e contos

Tema das questões de investigação: representações e percepções sobre os predadores ao longo do tempo e do espaço.

Numa primeira fase deste estudo analisaram-se obras literárias portuguesas que contivessem referências à fauna, em particular aos grandes predadores. Aprofundou-se, em colaboração com o Instituto de Estudos e Literatura Tradicional (IELT), uma pesquisa na literatura portuguesa desde o século XIX tendo em conta que os temas rurais dominam as obras de muitos autores. Procuraram-se referências ao lince, a outros predadores e a descrições das áreas históricas de ocorrência de lince, em particular junto de escritores de corrente predominantemente “neo-realista”.

As obras literárias de alguns escritores portugueses, entre os quais os denominados “regionalistas”, podem ser uma importante fonte de informação sobre os contextos locais, a fauna selvagem e a sua vivência ao longo do tempo. Os autores, inseridos em determinados contextos por nascimento ou por opção, contêm na sua obra uma reflexão sobre essa realidade (Fernandes 2004). Recorrer a referências literárias é também uma forma de conhecer algumas percepções do passado sobre a fauna e conhecer a construção da imagem dos predadores, dos mitos e crenças estabelecidos localmente. Uma abordagem ao passado nem sempre está acessível através de testemunhas vivas (Des Chene 1997), pelo que um conjunto alargado de obras literárias pode ser uma fonte importante.

Para tal colaborou-se com o projecto LITESCPE.PT que compilou este tipo de informações e cuja base de dados continha, à data, cerca de 2000 entradas referentes a Portugal continental. A pesquisa em obras literárias, no âmbito da presente tese, foi dirigida a autores das áreas geográficas do Alentejo e Malcata, abrangentes da ocorrência histórica de lince tais como Conde de Ficalho, Urbano Tavares Rodrigues, Assis Esperança. Aprofundou-se, por outro lado, a pesquisa à obra do autor Bento da Cruz por conter referências relevantes sobre lobo, outras espécies da fauna e sobre o relacionamento das populações rurais com a natureza na região norte do Barroso¹³.

Por outro lado, tendo-se constatado nos excertos literários recolhidos na base de dados uma elevada abundância de registos relativos ao lobo, grande predador ainda em coexistência com populações rurais, levou-se a cabo uma análise dirigida a esta última espécie que permitiu estabelecer uma comparação com o lince e concluir sobre a “invisibilidade” deste último do ponto de vista cultural.

Consultaram-se ainda obras com recolhas de histórias e contos populares portugueses, incluindo fábulas e contos regionais das áreas de estudo tais como os contos populares da serra da Adiça (Lopes 2000)¹⁴ e de Santo Aleixo da Restauração (Machado 1998).

Observação de património construído, emblemas e símbolos; pesquisa histórica em arquivo

Tema das questões de investigação: representações e iconografia sobre predadores.

Foram pesquisadas imagens e descrições de lince nas seguintes fontes:

- Registos arqueológicos, consultando dados das colecções zooarqueológicas em Portugal;

¹³ O projecto original de tese aprovado pela FCT incluía o Barroso e as relações com o lobo como uma segunda recolha no terreno. O escritor Bento da Cruz posiciona-se numa relação de grande proximidade ao mundo rural e tece uma interessante elegia ao mundo natural pelo que no âmbito de um evento realizado pelo IELT, se realizou uma pesquisa sobre o autor e sua obra. Tratou-se da apresentação “Paisagens, Gentes e Bichos” no evento “Vozes Transmontanas” decorrido na FCSH em outubro de 2012 no qual se apresentou uma análise da obra e discursos do autor

¹⁴ Contactou-se este autor durante a pesquisa confirmando a ausência de alusões a lince-ibérico na região da serra da Adiça aquando da sua recolha sobre contos.

- Coleções museológicas nacionais, realizando uma pesquisa de objectos no espólio dos museus portugueses que contivessem imagens de lince ou referissem a espécie, sem limitação de data, ou seja, correspondentes a qualquer período histórico. Recorreu-se aos registos dos museus nacionais de Etnologia e de Arqueologia e usou-se também a base de dados PORDATA que inclui outros museus portugueses;

- Obras históricas e clássicas sobre História Natural em Portugal, desde a Antiguidade até século XX (Biblioteca Nacional, incluindo secção Reservados);

- Etnografias de referência, pesquisando autores como Leite de Vasconcelos (séculos XIX e XX);

- Artigos sobre caça e predadores, incidindo a pesquisa nos livros e revistas de caça do século XX;

- Documentos sobre o controlo de predadores, pesquisando arquivos da ex-Autoridade Florestal Nacional (AFN);

- Arquivo histórico municipal de Moura e, localmente, arquivos fotográficos individuais.

Em termos iconográficos, pesquisaram-se especificamente representações históricas de lince quer no âmbito da pintura, escultura, monumentos históricos do património construído em Portugal ou ilustração de História Natural. Consultaram-se diversos arquivos nacionais e internacionais nomeadamente a Biblioteca Nacional, incluindo a área de Reservados, a biblioteca do museu de Arte Antiga, o catálogo geral dos museus portugueses, o museu de Etnologia, o arquivo municipal de Moura e a biblioteca Galileu em Florença. Visitaram-se alguns monumentos nacionais da área de Lisboa e das áreas de ocorrência histórica de lince, o Museu da Guarda e a catedral de Salamanca.

Para uma pesquisa generalizada de representações actuais foram-se recolhendo exemplos actuais de apropriações de lince nos contextos contemporâneos: cartazes, publicidade, logotipos, objectos para venda, etc. Foram também pesquisadas imagens e representações de lince, da sua utilização em contextos modernos, como símbolos ou emblemas, com o objectivo de contextualizar a percepção social global sobre a espécie.

Revisão de dados recolhidos em entrevistas de 1995-96

Tema das questões de investigação: conhecimento etnobiológico dos predadores, descrições de avistamentos de lince.

De forma a reconstruir um retrato dos conhecimentos locais sobre lince e descrições de lince avistados no passado, foram sistematizados dados recolhidos durante entrevistas orais conduzidas pela investigadora, na área de ocorrência histórica de lince do Vale do Sado, entre 1995 e 1996. Estas entrevistas, estabelecidas pelo Programa Liberne (ex-ICN), tinham um carácter semi-estruturado, e eram realizadas, à época, com o objectivo de recolher dados sobre a ocorrência da espécie (Ceia *et al.* 1998). As descrições de avistamentos pelos entrevistados, anotadas pessoalmente, foram agora revistas e analisadas qualitativamente de forma a conseguir uma situação de referência da percepção sobre o lince e da relação dos actores com a espécie.

Recolha etnográfica dirigida à relação com os predadores selvagens no Baixo Alentejo

Tema das questões de investigação: conhecimento local ecológico, percepções sobre lince e predadores, classificação empírica da natureza.

Com base na experiência anterior de entrevistas sobre o tema lince, foi construído um novo guião para entrevistas semi-estruturadas (Bernard 2006) para proceder à recolha a realizar, entre 2012 e 2014, em áreas de potencial reintrodução de lince. Seleccionaram-se actores chave e informantes privilegiados com conhecimentos e experiências próximas da fauna e, em particular, da espécie. Era o caso de antigos observadores de lince, indivíduos que nas suas práticas quotidianas observaram lince, ou taxidermistas, que usualmente embalsamaram animais selvagens. Quando possível acompanharam-se os informantes que tinham observado lince aos locais no terreno onde tinha ocorrido o avistamento e registou-se o relato aí feito.

Uma versão preliminar do guião de entrevista foi experimentado, em 2012, em duas entrevistas realizadas ao escritor Bento da Cruz, nomeadamente para aprofundar a relação com a área rural do Barroso, em parte incluída num Parque Nacional e com a particularidade de ocorrência de um grande predador - o lobo - e um espólio vasto de memórias, histórias e usos locais da espécie. Esta primeira experiência de terreno, já no âmbito do doutoramento, permitiu também, o ensaio do olhar antropológico, da observação e registo etnográfico, num terreno que era previamente familiar por razões

personais. Durante uma curta estadia a este propósito entrevistaram-se outros interlocutores locais, como pastores, e iniciou-se o ensaio da gravação de entrevistas com consentimento, notas de observação e conversas informais e posteriormente, da transcrição de entrevistas e testemunhos.

Para as entrevistas e recolha no Baixo Alentejo ponderou-se o conjunto pré-definido de espécies de carnívoros que se iriam apresentar aos informantes e seleccionaram-se imagens com animais apresentados frontalmente, em corpo inteiro e num cenário natural (ver anexo 1). O conjunto de cartões de imagens destinou-se primeiramente a introduzir o tema e a avaliar a familiaridade do informante com determinadas espécies de carnívoros. Serviu também para propor aos informantes a tarefa de classificação livre apresentada aos entrevistados a partir de conceitos de categorização e classificações empíricas descritas por autores como Ellen (1997) e Friedberg (1986).

As áreas geográficas incluídas na recolha eram “áreas prioritárias de intervenção do Plano de Acção para a Conservação do Lince-ibérico” e áreas classificadas no âmbito geográfico da Rede Natura 2000. Inicialmente seleccionou-se a área de ocorrência histórica de lince de Moura-Barrancos (Ceia *et al.* 1998) para realizar a pesquisa etnográfica, por possuir referências históricas à presença de lince e por essa razão poderem estar disponíveis informantes com memória da coexistência entre humanos e lince. Posteriormente foi possível a inclusão do Vale do Guadiana¹⁵, área de reintrodução seleccionada para o início das libertações de lince. Acabou por se realizar uma etnografia multi-situada (Marcus 1995, Falzon 2009), em várias localidades dos concelhos de Moura, Barrancos, Serpa e Mértola, seguindo a trama “da reintrodução”. Trata-se de áreas transfronteiriças, socialmente interconectadas e relativamente próximas entre si (cerca de 100 km entre extremos). Do ponto de vista biológico são áreas com probabilidade de conectividade entre populações de lince em território espanhol e português e integram o projecto LIFE Iberlince¹⁶ de recuperação da área histórica de lince em Portugal e Espanha.

¹⁵ Abreviadamente denominada Guadiana ao longo da tese

¹⁶ Projecto NAT/ES/000570, programa LIFE Natureza, financiado pela União Europeia, coordenado pela Comunidade Autónoma de Andaluzia e que reúne Portugal e vários parceiros em Espanha.



Figura 1.2. Informante realizando classificação com base em imagens de carnívoros (Moura-Barrancos).

Realização de entrevistas semi-estruturadas a actores chave

Tema das questões de investigação: atitudes face à reintrodução do lince-ibérico.

Para realizar uma avaliação de atitudes nas áreas potenciais de reintrodução à data inicial da pesquisa, foi iniciada a recolha de dados na área de Moura-Barrancos e, quando foi possível obter apoio logístico, em 2013, alargou-se também à área do Vale do Guadiana. Esta foi a área seleccionada para início da reintrodução no âmbito do projecto LIFE Iberlince. Nessa altura a pesquisa passou a contar com o apoio de uma equipa¹⁷ que suportou o alargamento geográfico no terreno e permitiu processar um maior número de entrevistas.

Nas duas áreas de Moura-Barrancos e Vale do Guadiana realizaram-se entrevistas dirigidas a actores chave seleccionados pelo seu perfil e de acordo com a capacidade de decisão e interesse nas áreas: proprietários, gestores de caça, guardas de caça, técnicos locais (administração e Organizações Não Governamentais de Ambiente - ONGA), representantes autárquicos, promotores de actividades de natureza. A procura

¹⁷ O estudo “Avaliação da atitude social nas áreas de reintrodução” foi adjudicado ao CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) e contou com uma equipa com os seguintes contributos: Margarida Lopes Fernandes (90 entrevistas nas áreas Baixo Alentejo, transcrições, revisão, desenho do estudo e análise dos resultados), Patricia Santos (duas entrevistas no Guadiana, transcrições), Clara Espírito-Santo (37 entrevistas numa terceira área geográfica da Malcata, transcrições, colaboração na análise de dados) e Amélia Frazão-Moreira (quatro entrevistas no Guadiana, observação de reuniões, coordenação do estudo).

de informantes foi, dentro do possível, dirigida a subáreas identificadas como zonas de habitat potencial da espécie a partir de critérios biológicos: abundância de coelho-bravo (resultados dos censos coordenados pelo ICNF) e habitat disponível identificado. Em 2013, o ICNF realizou novos censos de coelho-bravo, principal factor de estabilização de territórios de fêmeas de lince-ibérico, que indicaram uma maior abundância de coelho-bravo restrita a zonas específicas para as quais se tentou direccionar a realização de entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com consentimento informal e gravadas, sempre que tal era consentido, e posteriormente transcritas.

O guião da entrevista construído teve uma primeira fase de aplicação no campo em Moura-Barrancos de Setembro a Abril de 2012. Foi então revisto para a sua forma final nessa altura de acordo com a experiência tida na sua aplicação (ver anexo 2). Todas as entrevistas incluíram perguntas adicionais de acordo com os temas surgidos no discurso dos informantes e no sentido de os aprofundar.

Até Novembro de 2014 realizaram-se 53 entrevistas na área de Moura-Barrancos (MB) e 42 na área de Vale do Guadiana¹⁸ (G). Cobriu-se uma área total de 15 freguesias correspondentes aos concelhos de Moura, Serpa e Mértola (ver capítulo VI).

Conseguir abordar e encontrar os actores chave seleccionados para entrevistar foi uma parte do processo naturalmente morosa, ao que acresceram deslocações em diferentes períodos, entrevistas e transcrições. Nalgumas situações específicas sentiu-se renitência à concessão de uma entrevista, mas em geral o trabalho correu de forma positiva, nomeadamente tendo em conta o carácter duplo da investigadora e técnica da administração (ver último ponto do presente capítulo).

A análise de conteúdos das entrevistas foi feita usando uma codificação aberta com o apoio do programa Atlas.ti (versão 8). A análise qualitativa e quantitativa dos dados, incluindo exploração com testes estatísticos foi realizada com o apoio dos programas Microsoft Office Excel e IBM SPSS (versão 20).

¹⁸ Por opção estratégica de amostragem quatro entrevistas na área do Guadiana foram realizadas por Amélia Frazão-Moreira e duas entrevistas por uma colaboradora do projecto, Patricia Santos. As restantes entrevistas foram conduzidas pela investigadora Margarida Lopes Fernandes. Parte das transcrições das entrevistas gravadas foram também realizadas por P. Santos e C. Espírito-Santo tendo sido todas revistas pela investigadora.

Tentou-se integrar uma análise descritiva e interpretação global dos dados no apoio à decisão administrativa do processo de reintrodução junto do ICNF e no projecto LIFE atrás referido. Seguiu-se a premissa de aumentar a proximidade entre actores chave, populações locais e entidades, e melhorar a participação dos cidadãos no processo.

Observação de práticas locais, eventos e construção do contexto

Foram realizados momentos de observação de algumas actividades locais como fonte de conhecimento do contexto e das práticas locais relacionadas com os predadores e com a natureza. Em Moura-Barrancos participou-se em montarias, na prática sazonal de apanha da azeitona, acompanharam-se gestores de propriedades e de caça em visitas ao terreno para fiscalização e nas rotinas de fornecer alimentadores para espécies cinegéticas. Registaram-se as conversas informais no terreno com outros informantes e acompanharam-se eventos como a Feira de Caça de Moura, a Feira do Presunto e dos Enchidos em Barrancos e encontros entre os actores locais e a administração ocorridos em Vila Verde de Ficalho, Sobral da Adiça ou com a Liga para a Protecção da Natureza em Safara e Sobral da Adiça. Na área do Guadiana realizaram-se percursos pedestres e observação de práticas ligadas à pecuária (ex. visitar ovis, fabricação de queijos). Fez-se observação de eventos públicos sobre a reintrodução em Mértola e da Feira da Caça. Não foi possível participar em actividades cinegéticas nesta área. De uma forma geral uma observação participante mais densa ficou limitada ao tempo disponível para a pesquisa e à vasta área total coberta pela amostragem de entrevistas de cerca de 82000 ha. No entanto esta metodologia de observação foi essencial para os resultados da tese e interpretação da realidade local. O conhecimento do contexto baseou-se também em experiências no terreno anteriores à pesquisa, e ainda em fontes indirectas. Outras situações, por exemplo a visualização do filme “Cordão Verde” de Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres (2009), já em fase de análise de dados, forneceu um “sobrevoo sobre as práticas sobre as quais se teria feito mais observação” (nota do caderno da investigadora em 2015) retratando com detalhe facetas das actividades rurais do concelho de Mértola e relacionadas com alguns actores chave, tais como: apicultura, extracção de óleos essenciais, ordenha de cabras, organização de medas de feno, apanha de cogumelos, cestaria, preparação de enchidos.

Fizeram-se várias estadias no terreno tão prolongadas quanto possível seguindo o conceito de etnografia multisituada, necessária para seguir “a trama”, neste caso a reintrodução do lince-ibérico. A primeira fase de presença no terreno fez um total de 95 dias, nas duas áreas do Baixo Alentejo, entre Setembro de 2012 e Dezembro de 2014. Posteriormente prosseguiu-se a estadia no terreno com o acompanhamento da reintrodução de lince e da recolha de percepções sociais no concelho de Mértola e durante as libertações públicas de lince. No decorrer dos anos seguintes de 2015, 2016 e 2017 entrevistaram-se criadores de gado e novos observadores de lince. Embora a análise desse material não tenha sido objecto directo desta tese, o conhecimento do contexto social foi inevitavelmente aprofundado durante a redacção da mesma.

Retorno dos dados

Tal como é desejável na pesquisa e seguindo princípios éticos na relação com os informantes, procurou fazer-se um retorno dos dados aos que colaboraram na pesquisa após tratamento e interpretação dos mesmos. Provavelmente será ainda na fase pós-tese que haverá mais oportunidade para completar esse processo, no entanto dá-se aqui nota dos momentos mais formais de retorno que foram surgindo ao longo do percurso da pesquisa.

Foi possível integrar um painel “lince e pessoas” na exposição “O caminho do lince-ibérico” inaugurada em Dezembro de 2014 para a qual se convidaram informantes e se enviou por correio fotografias e cópias do painel. Em Maio de 2015 a investigadora foi convidada para realizar uma palestra numas jornadas em Moura, onde fez uma apresentação sobre a pesquisa e a voz dos actores sociais na problemática sobre a conservação do lince – “Dimensão social da conservação da natureza: o caso do lince-ibérico”. Construiu-se para essa mesma apresentação um *soundslide* reunindo fotografias registadas durante os dois anos de recolha no terreno e músicas cantadas por residentes de Vila Verde de Ficalho recolhidas também durante a pesquisa. A gravação destas músicas foi oferecida aos próprios em CD, em 2013. Em 2013, durante a pesquisa deu-se o falecimento súbito de um dos entrevistados pelo que correspondendo ao pedido da família se entregou a gravação integral da entrevista efectuada bem como fotografias realizadas na ocasião.

No Vale do Guadiana entregou-se uma cópia do relatório final “Avaliação de atitude social nas áreas potenciais de reintrodução” na sede do Parque Natural do Vale do Guadiana (PNVG) para consulta específica dos informantes.

Em 2014, já em funções como técnica do ICNF, elaborou-se um texto de divulgação sobre o Guadiana e o lince-ibérico em que se integraram algumas vozes locais. Esse texto é público e está disponível online¹⁹. As publicações científicas finalizadas no decurso da tese foram enviadas durante 2016 e 2017 a vários informantes e entidades locais, em particular aos que eram consentidamente citados e aos que poderiam ter interesse numa publicação desse tipo.

Em 2017 houve oportunidade de realizar uma palestra em Mértola por ocasião duma actividade organizada pelo CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) no âmbito das Jornadas Europeias do Património: “Entre predadores: a dimensão social da reintrodução de lince-ibérico”. Foram elaborados três painéis que ficaram em exposição a partir de 22/09/2017, na sede do Parque Natural do Vale do Guadiana e que agregaram parte dos resultados desta tese naquela área geográfica (anexo 3). À semelhança do apresentado em Moura-Barrancos, construiu-se para a apresentação das Jornadas em Mértola um visionamento de fotografias da pesquisa no terreno desde 2013 e das libertações de lince com assistência pública registadas desde 2015. Esta apresentação de *soundslide* fez-se acompanhar pela música “moda do lince” cantada pelo Coro de Santo Aleixo da Restauração.

Foi também formalmente proposto ao ICNF montar uma exposição sobre a reintrodução em Mértola que destacasse a relação entre pessoas e lince e incluísse resultados da presente tese. Esta exposição esteve prevista para o final de 2017.

O facto da pesquisa de terreno ter sido retomada em 2015 com o objectivo de aprofundar a realidade e perspectivas dos criadores de gado em Mértola, e ter-se mantido até ao presente, faz com que o contacto com alguns informantes seja recorrente e haja oportunidades para que o retorno da pesquisa vá tendo lugar também de forma informal.

¹⁹ O Guadiana e o lince-ibérico: <http://areasprotegidas.icnf.pt/lince/images/docs/documentacao/entre-guadiana-e-o-lince.pdf>

Princípios éticos

A abordagem metodológica desta pesquisa foi baseada essencialmente em entrevistas semi-estruturadas e na observação directa. Esta metodologia implica o processamento de informação ligada a opiniões pessoais, conhecimentos tácitos e explícitos, práticas sociais, e experiências pessoais ou de grupo. Inerente a este facto está a certeza de o estudo ter de ser conduzido de acordo com os princípios éticos e de sensibilidade inseparáveis de uma pesquisa eticamente sustentada. As questões éticas são relevantes fundamentalmente em três etapas: colecta de informação, preservação e protecção de dados, e divulgação dos resultados.

Deste modo, foram premissas base da realização e divulgação do estudo:

- O fornecimento aos entrevistados e informantes de informação detalhada da pesquisa, dos seus objectivos e da metodologia utilizada;
- A autorização e acordo dos actores sociais para a realização das entrevistas e observações, isto é, nenhum dado foi recolhido sem o devido consentimento informado;
- A garantia de anonimato dos entrevistados e interlocutores em momentos de observação em relatórios, publicações, conferências ou outras reuniões científicas;
- A garantia de preservação e protecção de todos os dados sensíveis recolhidos, quer ao longo da pesquisa, quer em momentos posteriores;
- A garantia de que todos os colaboradores envolvidos no estudo se comprometeram a agir de forma responsável através de métodos e procedimentos adequados para proteger a confidencialidade e segurança das notas de campo, gravações e outros dados primários recolhidos, bem como a identidade dos informantes.

Sobre o percurso da investigadora no terreno: o papel duplo e a auto-reflexão

A escolha da abordagem etnográfica neste estudo foi resultado de uma orientação científica, mas também se deveu a uma reflexão prévia sobre a adequabilidade da metodologia ao tema e às características do terreno e dos informantes. As anteriores experiências pessoais da investigadora assim o indicavam.

Verificou-se ao longo da pesquisa, ter sido possível estabelecer uma relação de proximidade com interlocutores locais, e um processo de aprendizagem que foi evoluindo para “relações de equivalência e de diferença entre o que se observa e o que se conhece” (Rowland 1987: 15, Caria 1997). A etnografia não foi, neste caso, uma escolha pelas características que lhe são equivocadamente atribuídas: estadias prolongadas no campo, excelentes descrições, obtenção e manutenção de relações com os “sujeitos” (Wolcott 1993 *in* Frazão Moreira 1999). De facto, os recursos disponíveis, a extensa área geográfica abrangida e a organização profissional e pessoal, não permitiram estadias contínuas mais prolongadas do que dez dias. No entanto, a presença no terreno fez, um total de mais de 115 dias o que se considerou uma duração razoável. *A posteriori* constatou-se existirem vantagens em ter repartido a estadia no terreno tendo realizado várias deslocações. Tal permitiu não só um distanciamento do terreno necessário nas pesquisas etnográficas mas também possibilitou experienciar diferentes momentos do processo de pré-reintrodução e épocas diferentes do ano, após eventos significativos (na medida em que eram relatados pelos informantes) – reuniões, feiras de caça, anúncio público da libertação de lince no terreno, etc.

No que diz respeito às fases inerentes ao trabalho etnográfico e à observação participante (*e.g.* Portela 1985, Caria 1997, Spradley 1980) e apesar de se assumir este estudo como uma etnografia multisituada, a fase de identificação foi a que mais questões auto reflexivas colocou. Numa fase inicial sentiu-se necessidade de esclarecer muito que a presença no terreno era a de uma investigadora social e não de uma técnica bióloga da administração pública. Este segundo papel profissional da investigadora era sempre explicitado aos interlocutores para que não houvesse posteriores equívocos, problemas éticos ou fosse quebrada uma relação de confiança. Inicialmente esse facto parecia um obstáculo, uma contrariedade difícil de transpor e que limitaria muito a recolha de dados, mas foi sobretudo um problema de identificação pessoal antes e no início da experiência de campo. Os interlocutores compreenderam mais rapidamente do que esperado que a investigação tinha fins académicos, que havia isenção num estudo tutelado por uma faculdade e que um técnico administrativo pode afastar-se da sua instituição original (neste caso o ICNF) para mudar ou progredir na carreira profissional. Por outro lado, os informantes “usaram” esse segundo papel da investigadora quando lhes foi conveniente: para obter informações úteis sobre regras e normativo legislativo (onde se tiram licenças, a quem melhor se dirigir para este ou

aquele assunto), pedir contactos de outros técnicos ou “dar recados” assumindo (e bem) que tinham uma interlocutora em melhor posição para passar a “sua voz” ao poder de decisão sobre gestão do território no que diz respeito aos valores naturais.

Nesta fase de identificação as maiores dificuldades sentidas foram com os pares, colegas profissionais. Existiram, até uma fase avançada da recolhas, dúvidas no seio da instituição onde exerci sempre funções uma parte do tempo, sobre a forma do trabalho em curso: porque fazia entrevistas pessoais e não inquéritos, porque não revelava a identificação dos interlocutores, porque não esclarecia dúvidas sobre a espécie lince ou fazia apologia relativa à sua conservação durante a entrevista e também porque prevalecia a ética da antropóloga sobre a técnica bióloga não podendo eventualmente assumir autoridade em situações irregulares que viesse a presenciar durante determinadas circunstâncias da recolha de dados (caçadas, detenção de animais, desmatações, etc). Estas foram algumas das questões que marcaram momentos da relação com alguns profissionais do ICNF bem como, em determinado momento, ter existido preocupação com o papel da antropóloga no terreno e potencial confusão com a negociação institucional sobre a reintrodução junto de gestores e proprietários, o que a antropóloga nunca faria. Esta situação esteve, eventualmente, relacionada com a estranheza acerca de uma recolha de cariz antropológico, não usual no meio da conservação da natureza em Portugal, e com a impossibilidade de acompanhar o percurso individual e transformador da investigadora. O facto de a instituição apoiar logisticamente parte do trabalho, através da disponibilidade de viatura em determinada fase, por exemplo, terá contribuído para uma certa incompreensão que o papel de antropóloga se sobrepusesse ao de técnica. A proximidade da antropóloga de certos actores poderá ter causado também fricção nas relações locais de poder estabelecidas. Em relação ao Guadiana o estudo coincidiu também com uma fase negocial da administração com proprietários o que tornou sensíveis os contactos paralelos. Existiram momentos de tensão e conflito na investigação em que foram dadas indicações pelo ICNF para não fazer entrevistas ou não participar em determinadas práticas. A opção nessas situações foi a de fazer prevalecer os objectivos da pesquisa, pelo que essa fase de identificação pessoal terminou com o assumir da investigadora como antropóloga em primeiro lugar e nas circunstâncias específicas em causa.

À medida que alguns laços locais se estreitaram a estadia no terreno tornou-se mais fácil, começou a haver um reconhecimento, no terreno, por muitos interlocutores,

e, deduz-se que as conversas entre os mesmos e os colegas esclareceu que havia um permanente esforço de isenção da investigadora. Esta fase de compromisso (Cabral 1983), em que também foram apresentados resultados preliminares à instituição, não obviou porém que houvesse dificuldades de obter dados e testemunhos junto de determinados informantes. Tal foi o caso dos “guardas de caça” tendo sido necessário usar mais persistência e mais intermediários de forma a conseguir uma primeira entrevista.

De referir ainda que as dificuldades em situar a identidade também se fizeram sentir da parte de profissionais da área da Antropologia. A inserção de uma técnica “governamental” na investigação etnográfica foi vista com curiosidade, surpresa e por alguns com desconfiança. Houve mesmo uma opinião expressa publicamente de que não seria possível a alguém fazer este estudo e ser simultaneamente técnica na área da conservação da natureza. Atribuiu-se a esta estranheza o facto de também não ser um percurso usual no meio académico. Todas estas situações enfatizaram apenas a necessidade de reflexão permanente sobre a subjectividade e a sua influência na condução da pesquisa.

Finalmente, experienciou-se a fase de “banalização” (Caria 1997), no final do segundo ano de recolha, em que a presença da investigadora no terreno era recebida como vulgar, sendo, por exemplo, cumprimentada na rua e em espaços públicos por muitos residentes e com naturalidade. Deixou de ser sentida a necessidade de prestar tantos esclarecimentos, continuando sempre a apresentar-me como investigadora do CRIA e técnica do ICNF. Notou-se também que a informação “vinha ter com a investigadora” sem a procurar, alguém dava informação em momentos informais ou telefonava para me prestar informação adicional. Pessoalmente deixou de ser um problema assumir as duas identidades ao mesmo tempo notando, certa vez, por exemplo, que entreguei, a um interlocutor, sem constrangimentos, um material de divulgação do ICNF usando um envelope do centro de investigação – CRIA. Noutro momento ainda, anotei o carácter duplo da antropóloga que, na mesma tarde, no terreno, realiza uma entrevista, anota observações no caderno de campo, guarda o gravador e seguidamente, como bióloga, acolhe a um pedido de recolha de uma cegonha ferida transportando-a na viatura e encaminhando-a para os serviços adequados.

Neste percurso foi muito útil a fundamental ferramenta descrita no trabalho etnográfico - o diário de campo pessoal onde momentos de angústia e incerteza são

transcritos e “mastigados”. Não foram também menos relevantes as inúmeras conversas (pessoais e telefônicas do campo ou de viagem) com a orientadora científica e com uma amiga pessoal com formação e experiência em Antropologia, aquilo que Jorgensen (*in* Bernard 2006: 371) denomina, para a fase de imersão no trabalho de campo, a capacidade de mudar alternadamente entre a perspectiva de “dentro” com outra de “analista”. De forma a fazer isso – manter o seu objectivo e capacidades analíticas – o autor sugere encontrar “um colega com quem se pode regularmente falar do que se passa. Dar a si próprio uma saída para discutir as questões teóricas, metodológicas e emocionais que inevitavelmente surgem na pesquisa de campo participativa”. Neste gesto reflexivo cabe também referir a experiência dos momentos de observação e o seu papel. Creio que todos os avanços foram importantes durante a pesquisa, tornando-a cada vez mais centrada e tornando a investigadora também mais capaz e madura enquanto etnóloga.

Capítulo III. O cenário etnoecológico

“O lince aparece como que por encanto, detrás de uma urze, numa fresta de mato, olhos mirando-nos, com um penacho nas orelhas, sem sabermos como pôde, sem ruído e sem ser visto, aproximar-se de nós a poucos metros e num formidável salto, quando levamos a espingarda à cara, sumir-se outra vez, tirando-nos toda a possibilidade do desfecho do tiro, em boa pontaria”
(descrição de batida de 1923 em Framar 1959: 19)

O predador de topo: Biologia e Ecologia

Ser um predador de topo significa ocupar um lugar no vértice das cadeias tróficas. Trata-se de espécies selvagens com características ecológicas específicas, resultado da evolução biológica das espécies animais, características essas que influenciaram a relação estabelecida com os humanos e que os tornaram, também, particularmente vulneráveis à influência humana. Os mamíferos predadores terrestres possuem uma alimentação à base de presas herbívoras, têm uma reprodução limitada e sazonal, ocupam territórios maiores do que os de outros mamíferos, realizam grandes deslocamentos ao longo da sua vida e funcionam em dinâmica metapopulacional²⁰. Entre estas espécies contam-se o lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*) e o lince-ibérico que coexistem com os humanos na Península Ibérica há milhares de anos. Entre a sua história demográfica contam-se ameaças de origem antropogénica, tais como mudanças de habitat, a mortalidade e as alterações nas abundâncias das presas que, em associação, se acentuaram nos séculos XIX e XX e lhes conferiram um elevado risco de extinção considerável. De facto o lobo-ibérico tem, em Portugal, um estatuto de Vulnerável (Queiroz *et al.* 2005), tendo sofrido uma regressão da sua área de distribuição geográfica que abrangia, até aos anos 80, o Alentejo e hoje, como área estável de ocorrência, se limita ao norte do Douro. A dieta do lobo inclui veado, corço, javali e

²⁰ Parte do texto deste subcapítulo e dos pontos seguintes integraram o capítulo “O grande gato no real e no imaginário” publicado no livro “L’ Animal dans le monde lusophone” (anexo 4)

também gado doméstico. A sua organização social em alcateias permite a captura de presas de grande porte. Em Portugal estimou-se o número de alcateias em 60 (Pimenta *et al.* 2005).

Já o lince-ibérico deve o seu historial de espécie ameaçada de extinção sobretudo ao facto de ser um especialista, em termos ecológicos, alimentando-se quase exclusivamente de coelho-bravo.

Os predadores selvagens do topo das cadeias tróficas e com uma ocupação territorial extensa, têm um papel regulador nos tamanhos populacionais e densidades de outras espécies. Os grandes predadores carnívoros, em condições de estabilidade social, sem serem alvo de exploração cinegética, têm também uma regulação própria, nunca atingindo elevadas densidades populacionais (Wallach *et al.* 2015). Nessa perspectiva são uma peça integral das comunidades faunísticas ibéricas e considerados indicadores de ecossistemas completos e equilibrados, no sentido de mais próximos do meio natural “original” (tendo como referência, por exemplo, a época antes da coexistência com os humanos ou antes de estes últimos terem causado um impacto negativo significativo).

As famílias dos felídeos e dos canídeos, incluindo ancestrais das espécies actuais de lince e lobo, tiveram origem há cerca de 30-40 milhões de anos, tendo existido competição entre si quando ocorreram em zonas comuns do Hemisfério Norte.

A linhagem dos lince separou-se dos restantes felinos - dos pumas, dos leopardos e dos ancestrais do género *Felis* (incluindo o gato doméstico) - há cerca de sete milhões de anos (Johnson *et al.* 2006). Esta subfamília dos lince caracteriza-se por apresentar médio porte, membros elevados, presença de pincéis nas orelhas, cauda curta e ausência do primeiro pré-molar superior. Existem quatro espécies de lince no mundo, sendo o lince-ibérico, resultado de um longo processo evolutivo de há cerca de um milhão e meio de anos, em que esta espécie se distingue de *Lynx lynx* ocupando um novo nicho ecológico. Ao contrário do lince europeu ou euroasiático, mais corpulento e vocacionado para presas de maior porte – a lebre e o corço - o lince-ibérico conseguiu sobreviver à custa de coelho-bravo, uma presa muito abundante à época, e exclusiva da Península Ibérica e do sul de França (Ferrer e Negro 2004). O lince-ibérico diferencia-se também por apresentar uma pelagem de fundo amarelado ou ocre com manchas negras, que podem ser grandes e contrastadas (no caso da população de Doñana, Espanha) (Delibes e Palomares 1999) ou mais reduzidas e numerosas (no caso de exemplares antigos que viveram nas zonas de Alcácer do Sal, Évora ou Serra da Estrela, Portugal,

observação pessoal de exemplares históricos). Os lince euroasiáticos podem pesar 25 kg por contraste com os 14 kg que um macho de lince-ibérico atinge e apresentam uma pelagem mais densa, adaptada à neve no Inverno, que pode ser quase uniforme em certos indivíduos com exceção do ventre branco (Kempf *et al.* 1979). Recentemente Clavero e Delibes (2013) e Rodríguez-Varela *et al.* (2015) revelaram indícios da ocorrência de lince euroasiático no norte da Península Ibérica desde o Plistocénico eventualmente até ao século XIX. As duas espécies de lince mantiveram-se distintas e ocupando nichos ecológicos distintos em Espanha e talvez em Portugal.

A especialização do lince-ibérico é comprovada pelas elevadas percentagens que o coelho-bravo apresenta - entre 85 e 99% - nos vários estudos de dieta de populações de várias regiões e em diversas épocas (*e.g.* Gil Sanchez *et al.* 2006). O lince-ibérico desenvolveu uma técnica específica de aproximação para caçar coelhos, embora seja ágil na captura de outras presas como lebres ou aves. Individualmente, animais de território instável sobrevivem, por vezes, em áreas com pouca densidade de coelho. No entanto sabe-se que, para estabelecer um território, uma fêmea necessita de uma elevada densidade de coelho-bravo, entre um e quatro coelhos por hectare no Outono e na Primavera (abundância menor e mais elevada, respectivamente) (Palomares *et al.* 2001).

Os lince coexistem com outros carnívoros selvagens mas não os toleram nos seus territórios, podendo chegar a matar espécimes de raposa (*Vulpes vulpes*), sacarabos (*Herpestes ichneumon*), gato-bravo (*Felis silvestris*) ou geneta (*Genetta genetta*), mordendo-lhes a garganta. Na sua atitude de superpredador das comunidades mediterrânicas, o lince-ibérico não come o outro predador mas consegue manter, nas suas áreas de ocorrência, uma densidade baixa dos restantes carnívoros (Valverde 1957, Delibes e Palomares 1999).

O estabelecimento de territórios pelas fêmeas é a base da dinâmica populacional deste felino. Os machos mantêm territórios individuais que defendem face a indivíduos do mesmo sexo e que sobrepõem aos territórios de várias fêmeas. O cio das fêmeas determina a época de acasalamentos, entre final de Dezembro e Fevereiro. Em seguida as fêmeas procuram um bom refúgio, que pode ser uma cavidade numa árvore ou numa rocha (Fernández e Palomares 2000), onde darão à luz duas ou três crias (existem recentemente registos de ninhadas de quatro crias mas no estado selvagem frequentemente não sobrevivem mais que duas) das quais cuidarão nos próximos nove meses, até estes aprenderem a caçar e a serem independentes. Apesar deste carácter

solitário e territorial, típico dos felinos, também se observam comportamentos de vida familiar menos conhecidos, por exemplo, os progenitores vistos junto das fêmeas e respectivas crias (Delibes e Palomares 1999), entreajuda e cooperação na caça entre animais da mesma família (Simón *et al.* 2012, dados ICNF 2016) e crias adoptadas e a receberem cuidados parentais após uma separação prematura (observação do Centro de Reprodução Nacional de Lince-ibérico (CNRLI/ ICNF).

Os machos estabelecem áreas vitais maiores - entre 4 e 15km². Algumas fêmeas residentes na área de Serra Morena (Espanha) apresentaram territórios com menos de 3km² e entre uma progenitora e uma filha adulta e reprodutora havia sobreposição de áreas vitais (Gil-Sanchez *et al.* 2011). As áreas dos territórios caracterizam-se por apresentar mais de 50% de cobertura por matos e algumas árvores. A disponibilidade de água pode ser um factor limitante no estabelecimento do território, pois os movimentos diários dos lince no Verão dependem da localização dos pontos de água (Palomares 2001).

As populações de lince mantinham naturalmente, em toda a Península, uma dinâmica espacial de metapopulação em que alguns núcleos funcionariam como fontes de animais que dispersavam e outros como sumidouros, onde a mortalidade era relativamente elevada. Sabe-se que os lince são animais capazes de percorrer grandes distâncias: animais em Espanha deslocaram-se cerca de 170km, mas em Portugal existem registos de percursos mais longos. Em 1990 foi registado um lince abatido na zona da Praia de Mira, a mais de 140km de qualquer área de ocorrência histórica conhecida da espécie. Em 2010, um macho (denominado Caribu) da população de Serra Morena e translocado, deslocou-se desde Doñana até à zona de Barrancos, cerca de 170km. Em 2013 um jovem macho (Hongo), também originário dessa população do sul de Espanha, chegou até Vila Nova de Milfontes, percorrendo mais de 250km. A dispersão é uma fase crítica para os lince em que o risco de mortalidade é mais elevado. Muitos acabam por morrer atropelados, capturados em armadilhas ilegais ou vítimas de doenças (Ferrerias *et al.* 2004). Existem também casos de sucesso reprodutor, como parece ser o caso de um macho (Mundo) que, em 2017, foi detectado na área de Serpa junto a uma fêmea reprodutora da população do Vale do Guadiana (dados ICNF 2017).

Um sistema social complexo, uma forte dependência de uma só presa e a preferência por um habitat específico que sofreu grandes alterações, tornam o lince-

ibérico um especialista vulnerável à acção humana (Ferrerias *et al.* 2010) e daí contar com uma longa história de declínio populacional e extinção em várias áreas geográficas.

A relação lince e humanos: referências históricas

Lince e humanos coexistem desde tempos remotos nos mesmos territórios geográficos na região euroasiática, incluindo a Península Ibérica, mas pouco se sabe sobre a relação estabelecida entre eles. O lince-ibérico descende de uma espécie ancestral, o lince-das-cavernas (*Lynx spelea*), que terá existido na Península Ibérica há mais de 1,6 milhões de anos (Johnson *et al.* 2004). Em Portugal existem vestígios de lince desde há pelo menos 27000 anos. Nessa época o clima era diferente dos dias de hoje, vivia-se o último período glacial terrestre, as populações humanas concentravam-se em pequenos núcleos, a paisagem caracterizava-se por estepes de zimbros. As áreas sob influência marítima eram mais húmidas do que as zonas continentais montanhosas, onde perduravam neves persistentes. Só mais tarde a floresta se expandiu, e a paisagem foi dominada por carvalhos (Pinto *et al.* 2010). As grutas eram importantes refúgios e, tanto humanos como fauna selvagem, os usavam. Nessa época o lince coexistia com grandes carnívoros como o urso (*Ursus* sp), a hiena (*Crocota* sp), o leão (*Panthera leo*) e o leopardo (*Panthera pardus*) (Davis 2002). Neste período o lince poderá ter encarado uma maior competição interespecífica apesar da grande disponibilidade e extensão contínua de habitat favorável. A sua sobrevivência residiu na especialização numa presa, como atrás referido, abundante e de pequeno porte – o coelho-bravo. Com as transformações da Era Glaciar os carnívoros de maior porte começaram a desaparecer e, há 15000 anos, o lince já só partilhava o território que viria a ser Portugal, com os carnívoros que sobreviveram até à actualidade: o lobo, o gato-bravo, o texugo e a raposa. De Carvalho (2014) reporta para a Ilha do Pessegueiro no Plistocénico Superior (há cerca de 12000 anos) a ocorrência de pegadas de felídeo de média dimensão atribuíveis a lince-ibérico.

É datada do Neolítico uma evidência, entre as pesquisas arqueológicas, que indica que o lince seria caçado e usado pelos humanos. Um úmero de lince-ibérico com cerca de 7500 anos, foi encontrado em Muge, Portugal, no seio de uma comunidade estabelecida de caçadores-recolectores para quem o coelho-bravo também seria importante para a sua subsistência (Dias 2012). Este achado ósseo evidencia marcas de corte e de uso de fogo, o que indica que a pele da espécie já seria utilizada pelos

humanos e provavelmente a sua carne seria também consumida (C Detry e S Davis com. pess. e Fernandes *et al.* 2012). Estes indícios pré-históricos de contacto directo entre lince e humanos levantaram questões para a pesquisa sobre que outros indícios existiriam, como seria percebido o lince e os predadores pelos humanos, se o uso de partes do animal teria significado simbólico e que representações existiriam ao longo do tempo.

A etimologia da palavra ‘lince’ indica como esta espécie seria um animal imaginário para os humanos, já no período histórico da Humanidade. Lince é originário da raiz indo-europeia *leuk* - ser luminoso, iluminar - e daí derivaram muitos substantivos e adjectivos gregos e latinos entre os quais brilhante, luz e lucerna (Houaiss 2001). Leite de Vasconcelos (1936: 125) distingue a palavra ‘lince’ ainda como “nome de um animal fabuloso da antiguidade a que se atribuía vista apuradíssima” referindo-se aos outros nomes vernáculos atribuídos ao lince - gato-cravo, lobo-cerval e liberne - enquanto o animal real que habitava em regiões portuguesas.

Como não existisse informação sistematizada sobre estes aspectos histórico-culturais da espécie, iniciou-se uma pesquisa de arquivo e contactaram-se vários investigadores como atrás descrito na metodologia. A compilação de elementos reuniu um interessante conjunto de dados que caracteriza a relação histórica do lince com os humanos e que se descreve no capítulo “De nocivo a emblema da conservação: a (in)visibilidade do lince-ibérico”, em particular na tabela que compila representações desde a pré-história até ao século XX.

De entre essa compilação destacam-se as referências em Portugal que incluem a existência de dentes perfurados de lince encontrados numa gruta em Cabeço da Arruda (Torres Vedras). Ferreira e Trindade (1954: 207) descrevem “3 dentes de *Felis pardina*²¹ furados para servir de conta de colar” e incluem estes objectos na secção “adorno”. Também Vasconcelos (1905) fotografou dentes “furados na raiz” de vários animais selvagens no Neolítico mas identificou os que poderiam ser de lobo e lince apenas como “dentes de *Canis* e dentes de *Felis*”. Apesar de referenciados à data como pertencentes ao Museu Anthropologico, o actual Museu Nacional de Arqueologia não identificou estes objectos na sua colecção. Este uso de partes do lince, como amuleto, indica já uma faceta simbólica e mágica na relação com os humanos, que pode ter

²¹ Sinónimo de *Lynx pardinus* nome científico de lince-ibérico

incluído a atribuição de características especiais do animal aos seus detentores (Choyke 2010).

Já da época romana existem evidências de uso simbólico de lince como ornamento nos *peterigia* das armaduras militares. Uma estátua de um militar romano foi encontrada sob o pavimento da Capela de Nossa Senhora do Mileu e faz parte da colecção do Museu da Guarda. É datada do séc. II AC e a sua descrição é a seguinte:

“Torso de estátua que enverga uma couraça. Do ombro direito pende a correia de uma espada, ou gládio, cujo punho é ainda visível. O paludamentum é apertado por uma fíbula. Na couraça vê-se, apenas, a representação de um dos vários centauros com que era decorada. Os pterígios conservam uma cabeça de lince visível na fila superior do lado direito.”

A observação pessoal desta estátua no Museu da Guarda, em 2015, não permitiu o reconhecimento, à vista, da cabeça de lince anteriormente descrita. No entanto a representação de lince nos *pterygium* romanos não era invulgar e está presente noutras esculturas de imperadores romanos, ao lado de símbolos faunísticos como o leão e a águia²².

Do contexto islâmico português sabe-se que era usada a pele de lince nessa época, deduzida por achados do séc. XII-XIV de ossos com marca de corte descritos em Pereira (2013) sobre o castelo de Paderne no Algarve.

Uma das primeiras descrições morfológicas conhecidas da espécie em Portugal, data de 1726, na obra do médico português Brás de Abreu com vários trechos nos quais o animal real e o animal imaginário se fundem:

“Tem esta fera a cabeça pella parte posterior larga e espaçosa e pella parte anterior estreita e resumida, aonde se depositaõ os dous mais fermozos e resplandcentes olhos, que o Autor da natureza concedeo a vivente algum, de que tenhamos noticia. (...) He taõ voraz, e insaciável o Lynce, que estando com huma preza nas unhas por mais faminto que esteja, se ve outra, vay a pos ella, e larga a aque actualmente prende, esquecendo da fome.” (de Abreu 1726: 495)

Outro trecho diz respeito a usos medicinais de partes do lince: gordura (enxundia) e unhas:

²² Ver por exemplo: <http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=4090>

“A *Enxudia* conveem nos membros e atticulos resolutos, enfranquecidos, e estuporados”; “A *Unha*: especialmente do dedo pollex do pé direito trazida em anel de prata ou ouro em forma que toque a carne é insigne amuleto para os accidentes de epilepsia e para o espasmo.” (de Abreu 1726: 498)

Na mesma obra há uma alusão a *lyncurius*, uma pedra preciosa feita com urina de lince petrificada, descrita por Teofrasto (372 a.C. — 287 a.C.) primeiramente e, mais tarde por Isidoro de Sevilha no século VII. Brás de Abreu, no séc. XVIII, menciona a pedra preciosa mas adianta a ressalva de que as observações no terreno, à época, não indicam que a urina de lince coagule ou se converta em pedra – “*Tome cada hum o que melhor lhe parecer*” (de Abreu 1726: 495).

A espécie é referida nas Memórias Paroquiais de 1758 em alguns concelhos, mas não se dá nota de descrições que indiquem a relação directa com humanos (ver capítulo VII sobre essas referências no Baixo Alentejo).

Um registo já do século XIX, sobre uma montaria no distrito de Évora, descreve o lince entre os animais caçados conferindo-lhe um papel entre as espécies “nocivas” a eliminar:

“*Em uma monteria que se fez no districto d’Evora na serra de Alpedreira (...) a que assistio quasi todo o regimento de cavalaria nº 5 (...) juntarão-se no monte da serra centro da monteria 42 lobos, 5 javalis, 6 corsos, 600 Rapozas, 10 Gatos cravos, e vários outros bichos menores.*” (de Mira 1875: 12)

O tema do predador enquanto nocivo e a prática do controle de predadores será desenvolvido nos próximos capítulos desta tese.

Na viragem para o século XX, uma obra de História Natural de Travassos Lopes (1899) descreve a espécie do ponto de vista biológico exagerando, porém, algumas características físicas, construindo uma imagem de perigosidade e ferocidade. Este aspecto caracteriza a relação histórica mais recente dos humanos com os predadores e prevalecerá pelo menos na primeira metade do século XX. A presença destas espécies era conotada com a existência negativa de áreas selvagens e por dominar, o progresso deveria, nesse sentido, fazê-las desaparecer: “*caça ignóbil que vive da carnificina, da emboscada, do assassínio!*” e “*se os houve, como ainda os há raros, o progresso extingui-os.*” (Travassos Lopes 1899: 37). Este posicionamento face aos predadores terá estado também na origem de um declínio de lince-ibérico em Portugal. De facto no início do século é já descrito como raro:

“(…) *Outros animais ferozes que dantes superabundavam e que vão ao presente rareando, são o javali e o lobo, também é feroz o gato-cravo, que vai igualmente rareando*” (Leite de Vasconcelos 1936: 121)

Esta regressão da espécie sinaliza uma relação disruptiva entre lince e humanos no sentido que origina a problemática de conservação da espécie, que se veio a desenvolver durante o século XX e que a seguir se descreve.

A problemática da conservação do lince-ibérico em Portugal: historial

Outrora o lince-ibérico teria uma distribuição ampla ocupando toda a Península. Em Portugal existem exemplares históricos taxidermizados datados do século XIX e XX, oriundos das regiões de: Serra de Aire, Praia de Mira, Serra da Estrela, Malcata; e dos concelhos de: Alcácer do Sal, Évora, Barrancos, Odemira, Castelo de Vide. Há registos indirectos da sua ocorrência também nas Serras Algarvias, Sudoeste Alentejano, Guadiana e Alto Alentejo (Figura 3.1). Existem ainda registos pontuais noutros pontos do país e nas zonas serranas do Gerês e de Montesinho.

Leite de Vasconcelos (1936: 124), nas primeiras décadas do século XX, refere uma distribuição geográfica que abrange o norte e sul do país:

“*O gato-cravo, denominado a par lobo-cerval, lince, e parece que liberne em dialecto alentejano, habita pelo menos em Soajo, e em sítios da Beira baixa e do Alentejo central.*”

Esta distribuição terá sofrido uma regressão ligada a mudanças na ocupação do solo e na década de 50 do século XX uma importante epizootia torna-se determinante na história do declínio do lince-ibérico. É introduzido em França um novo vírus – *Myxoma* sp – originário da América do Sul, que ao chegar à Península Ibérica causa uma mortalidade significativa no coelho-bravo (Fenner e Fantini 1999). Cerca de três décadas depois, uma nova patologia - hemorrágica viral - também introduzida pelos humanos acidentalmente, afecta novamente a principal presa do lince (Anónimo 1989). A acção combinada das duas patologias causa um declínio importante na abundância do coelho-bravo. Os relatos de quem observou o início das mesmas no terreno, e ainda hoje nas regiões onde a segunda patologia está presente, descrevem que os coelhos morrem

“de repente” e que a seguir ao Verão, “época do mosquito” (vector da doença), há zonas onde quase “*deixou de haver um coelho para atirar*”²³.



Figura 3.1 - Distribuição geográfica aproximada de lince-ibérico em 1900. Adaptado de Grande del Brio (1993) por ICNF. Ilustração cortesia da exposição ICNF/ Câmara de Silves, 2014.

É na sequência destes surtos epidémicos da presa que ocorre uma acentuada redução da área de ocorrência do lince e é também por esta época que algumas vezes, muitas de caçadores, começam a alertar para a raridade da espécie, introduzindo o discurso da protecção das espécies e da ameaça de extinção:

“os seus números (lince) diminuíram de forma alarmante, já que todos os anos numerosas batidas eram organizadas para caçar, não apenas estes animais mas também os javalis e raposas consideradas, eles também, como nocivos. (...) o perigo eminente da sua extinção alarmaria aqueles que têm ainda o bom senso de pensar que a fauna é um valor que todos temos o dever de defender e que a extinção total de uma espécie tão preciosa seria considerada universalmente como uma negligência imperdoável e uma perda irreparável ” (Roque de Pinho 1959: 131).

O lince seria uma espécie comum e vários exemplares embalsamados e peles testemunham o abate de animais em zonas distintas como Pinheiro da Cruz, Monsaraz ou Évora. Até pelo menos à década de 60 o lince era abatido durante montarias, batidas e nas campanhas implementadas para eliminar “nocivos” (abate de predadores). Este

²³ Citação de entrevistado nos anos noventa (Programa Liberne, ICN 1995).

termo denominava todos os animais predadores – aves e mamíferos – que, alimentando-se de espécies que também são objecto cinegético, eram entendidos como prejudiciais ao exercício da caça e competidores ou inúteis em geral. Esta denominação de animal “nocivo” foi aplicada ao lince em Portugal enquanto foi tradicionalmente caçado e perseguido (ex. Galvão *et al.* 1943). Knight (2000) refere que o próprio uso do termo “nocivo” tal como o de “animal problema” e “peste” sugere que o animal selvagem é definido em termos antropocêntricos e utilitários. A denominação “nocivo” já não é, presentemente usada e, em contexto formal, a prática de controlo de densidades de predadores, prevista na legislação nacional da caça, aplica-se apenas às espécies carnívoras cinegéticas – o saca-rabos e a raposa. No entanto o controlo de nocivos assentará numa ideia central de utilidade para os humanos com raízes ancestrais ligada a boas práticas já conhecidas na Pérsia zoroastriana onde:

“the saint (...) is obliged to beget children, to plant useful trees, to destroy noxious animals, to convey water to the dry lands of Persia, and to work out his salvation by pursuing all the labours of agriculture” (Gibbon [1776] 1998: 171, parafraseando *Avesta*²⁴).

Em Portugal esta prática tem uma normativa específica desde, pelo menos, o século XVI. Do reinado de D. Sebastião data um código de caça manuscrito onde na sua fls 204 já consta uma ordem de eliminação deste tipo de animais com direito a prémio por cabeça apresentada:

“Eu El-Rei faço saber (...) que daqui em diante ordeneis às pessoas que vos parecer para que nas minhas coutadas de coelhos de Almeirim e Salvaterra matem águias, e corvos, e raposas, e gatos e sacarrabos. E a cada uma das ditas pessoas haveis por cada aguia que matou 400rs e por cada corvo dous vintens, e por cada raposa, gato ou sacarrabo, 200rs.” (Freitas Cruz, 1945: 83-84).

Mais tarde, já no século XX, esta prática, enraizada, foi continuamente decretada nas sucessivas leis da caça, levando a práticas de captura e abate sistemático de predadores em todo o país, entre os quais, o lince que constava das espécies cinegéticas. De acordo com uma crítica a esta prática por Sacarrão (1959) *“todo o predador é nocivo*

²⁴ Avesta constitui uma colecção de textos sagrados da religião persa, atribuídos a Zaratustra, séc. VII a.C.

mesmo que seja uma espécie rara ou pouco frequente” e refere que em Portugal, durante 1958, foram abatidos mais de 7000 animais selvagens considerados nocivos e em Espanha, em quatro anos dessa década de 50, se organizaram batidas dirigidas a este tipo de animais onde, entre outros, foram abatidos 55 lince. Também Baeta Neves (1967) se refere ao equívoco desta prática em termos de gestão cinegética e ao risco de extinção do lince em Portugal.

Em 1967, *Lynx pardinus* deixa de integrar a lista de espécies cinegéticas passando formalmente a protegida em Portugal. No entanto esta protecção não foi cumprida existindo registos de animais abatidos posteriormente a essa data (Ceia *et al.* 1998). Durante a década de 70, a par com grandes transformações de habitats por substituição por monoculturas de exploração, aumenta a consciência do risco de extinção da espécie. Uma campanha nacional mobilizada por docentes da Faculdade de Ciências de Lisboa e da Liga para a Protecção da Natureza (LPN) recolhe milhares de assinaturas para “Salvar o lince e a serra da Malcata” (Palmeirim *et al.* 1980). Em 1981, no início do então Serviço de Parques, Reservas e Património Paisagístico, é criada a Reserva Natural da Serra da Malcata.

Na década de 80 é reforçada a protecção legal da espécie e do seu habitat pela ratificação por Portugal da Convenção de Berna, transposta para a legislação nacional em 1989. O comité permanente desta convenção virá a produzir recomendações formais para a elaboração de planos de acção do lince em Portugal e em Espanha.

Na década de 90 desenvolvem-se os primeiros projectos LIFE no ex-ICN. Estes trabalhos permitem o aumento do conhecimento, nomeadamente sobre a distribuição histórica da espécie em Portugal, e a recolha de ocorrências da espécie ainda nessa década. A distribuição apontada por Ceia *et al.* (1998) incluía as áreas de Malcata, Moura-Barrancos e Chança, Vale do Guadiana, Vale do Sado, S. Mamede e Monchique e Caldeirão.

No âmbito do projecto “Conservação do lince-ibérico”²⁵ foram estabelecidos, em 1996, os primeiros acordos de gestão entre a administração e associações de caçadores iniciando um tipo de relações diferenciadas com agentes locais a propósito da conservação desta espécie e envolvendo financiamento direto de práticas.

²⁵ Contrato LIFE B4-3200/94/767 do ex-ICN e Comissão Europeia.

Em termos normativos e conservacionistas, entre 1997 e 2000, o Estado Português foi chamado a designar uma Lista de Sítios a classificar no âmbito da Directiva Habitats (Directiva 97/62/CE do Conselho de 27 de Outubro de 1997) onde se incluíram áreas de ocorrência e habitat potencial para o lince.

Em termos de situação de lince, as prospecções no terreno do ex-ICN indicam um cenário, a partir de 1999, de ausência de animais residentes e uma situação muito crítica da espécie (dados ICNF, Pinto 2000, Bessa-Gomes *et al.* 2002, Sarmiento *et al.* 2001, Pires e Fernandes 2012). Esta situação foi confirmada em várias áreas de ocorrência em Portugal e Espanha no censo diagnóstico de 2002-2003 (Guzmán *et al.* 2002).

A nível de cooperação ibérica foi promovida, pelo *Captive Breeding Specialist Group* (UICN), em 1998, uma reunião no Parque Natural de Cabañeros, em que se juntaram técnicos e especialistas para fazer um ponto de situação da espécie a nível ibérico e analisar a sua viabilidade populacional. As conclusões desse encontro tiveram divulgação pública e repercussões na pressão internacional sobre o estado crítico da espécie. Já em 1999 é criado, pelo Ministério espanhol (*Medio Ambiente*), o Grupo de Trabalho Ibérico para o lince o qual Portugal é convidado a integrar. É ainda nesse ano que se elabora, conjuntamente, a primeira versão do plano de reprodução em cativeiro da espécie que origina a organização de um Comité de Cria para a reprodução em cativeiro com representação de Portugal. O arranque deste programa *ex situ* foi efectivado em 2002-2003, com a integração na população cativa no centro de Acebuche, Doñana, dos primeiros machos fundadores. Paralelamente, são publicadas sistematizações sobre os requisitos ecológicos da espécie em termos de percentagens de cobertura de habitat e de abundância de presa (Palomares 2001 e Palomares *et al.* 2001) que permitem orientar quantitativamente a recuperação de áreas naturais para futura ocorrência estável de lince.

Na serra da Malcata, onde se iniciaram as primeiras medidas de gestão de habitat com abertura de pastagens e instalação de marouços (refúgios para coelho-bravo construídos com ramos de árvores, paletes de madeira e terra ou fabricadas em plástico que se instalam no campo), tiveram lugar dois projectos²⁶ com a finalidade de que a área

²⁶ O projecto LIFE “Recuperação do habitat e presas do lince na serra da Malcata” teve lugar entre 1999 e 2003, ao qual se sucedeu o projecto POA “Gestão de espécies e habitats da RNSM” (ex-ICN).

voltasse a ter condições para ocorrência de lince, o que não veio a acontecer. Na iniciativa Programa Lince da LPN, levaram-se a cabo também acções de gestão de habitat para a espécie no sul de Portugal.²⁷

Em 2008 é publicado formalmente, em Despacho, o Plano de Acção para a espécie, e renovado em 2015. Desde essa data funciona uma comissão executiva para a implementação deste PACLIP envolvendo representantes dos caçadores, agricultores, investigadores, organizações não-governamentais de ambiente (ONGA) e serviços de veterinária. Em 2009 termina a construção do centro de reprodução em cativeiro (CNRLI) no âmbito das medidas de compensação da construção da barragem de Odelouca determinadas pela Comissão Europeia. Nesse ano é assinado o protocolo formal de transferência de animais entre Portugal e Espanha.

O lince-ibérico apresentava, no início da presente pesquisa, apenas duas populações reprodutoras conhecidas na região da Andaluzia: Doñana e Serra Morena. Em 2014 foi iniciada a reintrodução de lince-ibérico em várias áreas em Portugal e em Espanha: Vale do Guadiana, Matachel (Extremadura), Montes de Toledo (Castilla La Mancha), Guadalmellato e Guarrizas (Andaluzia) (figura 3.2.).



Figura 3.2 – Populações remanescentes de lince-ibérico e áreas de reintrodução da espécie em 2014. (Fonte: Projeto LIFE Iberlynce)

²⁷ Acções enquadradas nomeadamente no projecto LIFE “Habitat Lince Moura-Barrancos” (2006-2009).

O lince-ibérico obteve o estatuto de ameaça em Portugal de “Críticamente Em Perigo” (Queiroz *et al.* 2005) e o estatuto à escala global de “Em Perigo” recentemente atribuído (IUCN 2015). Estas categorias de ameaça, categorias da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), são atribuídos às espécies com elevado risco de extinção, um conceito hoje amplamente conhecido pelo público e muito usado mediaticamente. Assim, do ponto de vista social, biológico e legal, tornou-se impositivo conservar o lince-ibérico e evitar o seu desaparecimento. A problemática da sua conservação envolve vários factores, desde a dinâmica da sua presa aos factores estocásticos (aos quais as populações selvagens de reduzidas dimensões estão sujeitas), mas os factores sociais são muito relevantes. O cenário da conservação de um predador e, em particular, da sua reintrodução, levanta, de forma incontornável, a problemática da relação entre humanos e predadores, e o papel da vontade e opinião dos actores que vivem nas áreas em que se pretende recuperar a espécie. A problemática da conservação é também a do contacto entre diferentes percepções sobre espécies selvagens, saberes locais e científicos, relações de poder e imposição de decisões políticas, e assim uma problemática da Antropologia.

A narrativa global: construções em volta dos predadores, dos felinos, da conservação da natureza e do ambientalismo

Neste subcapítulo apresenta-se, sumariamente, o contexto global, ou a vivência global pública, em torno do tema da conservação da natureza, das espécies emblemáticas de predadores, em particular do lince-ibérico e de temas que acompanharam a presente tese.

Em termos de narrativas globais sobre ambientalismo e conservação da natureza referem-se como correntes atuais as propostas de Martinez-Alier (2002) que se aplicam, em parte, ao contexto estudado e aos discursos de vários agentes. De acordo com o autor conseguem-se categorizar três tipos de correntes nas preocupações com o ambiente e natureza:

1. “O Culto do Selvagem” – preocupações relacionadas com a preservação da natureza selvagem, activismo indiferente ou oposto ao crescimento económico, suportado cientificamente pela Biologia da Conservação. Esta corrente é originária na admiração por paisagens e valores naturais preservados e distancia-se dos interesses

materialistas. Favorece uma atitude “biocêntrica” em oposição a uma antropocêntrica e considerada “superficial”. A criação de reservas naturais, intocáveis, livres de interferência humana e do mercado, é a proposta política derivada deste movimento “ecologista profundo” (*deep ecology*). A reintrodução de espécies, tais como os grandes predadores e a restauração de ecossistemas, é muitas vezes associada a este tipo de ambientalismo.

2. “Evangelho da Eco-eficiência” – movimento baseado nos conceitos de desenvolvimento sustentável, modernização ecológica e uso racional de recursos. Esta corrente, focada nos impactos ambientais das actividades industriais, urbanização e agricultura moderna, possui preocupações com a economia. Não tendo associados os direitos de existência dos outros seres vivos ou a noção de sagrado ligado à natureza, apoia-se nas novas tecnologias para uma gestão científica dos recursos naturais e uso permanente dos mesmos.

3. “Movimento de Justiça Ambiental” – ambientalismo popular que cresceu a partir de conflitos locais, regionais e nacionais sobre a forma de distribuição de bens causada pelo crescimento económico e as desigualdades sociais, por exemplo, o uso de água ou o acesso às florestas. Os actores envolvidos não usam necessariamente um idioma ambientalista na sua contestação e resistência. Os argumentos de grupos sociais que sentem, de forma desproporcionada, os impactos desta distribuição, podem ser direitos territoriais (ex. indígenas) ou a natureza sagrada, mas persiste um interesse materialista no ambiente como fonte para viver. A sua ética baseia-se na necessidade contemporânea de justiça social entre humanos, não tanto nos direitos das outras espécies. Esta terceira corrente assume como facto a coevolução de povos indígenas e grupos locais de camponeses com a natureza e de forma sustentável. É um movimento que recebe apoio académico da Etnoecologia, Agroecologia e da Ecologia Política.

Esta súpula sobre correntes sociais de ambientalismo é pertinente pois constitui o conjunto de cenários no qual a conservação de lince em Portugal pode ser associada e recebida socialmente. As três correntes não são consideradas estanques quer na sua filosofia e na forma de actuação, quer no tipo de entidades ou grupos a que a elas aderem.

Nas áreas de pesquisa da presente tese coexistem diversos interesses actuais e há evidências das três correntes descritas. Existem novos projectos de intensificação agrícola, de exploração cinegética e uma preocupação económica constante de uso dos

recursos naturais e viabilidade dos territórios e dos seus residentes. Coincidem, para os mesmos territórios, preocupações de preservação de áreas naturais, de favorecer o retorno de espécies autóctones e a naturalização dos espaços, por parte de ambientalistas. Há também alguma contestação relativa ao uso condicionado e acesso territorial a recursos naturais, assumindo igualmente um discurso sobre a sustentabilidade.

No que diz respeito aos predadores, e na dimensão social, trata-se de espécies emblemáticas às quais estão associados mitos, crenças, usos simbólicos e histórias populares (Knight 2000). É o caso do tigre na Índia e do jaguar na América Latina, espécies que conjugam uma associação entre simbologia histórica e preocupação conservacionista²⁸. Este simbolismo e fascínio à volta dos predadores tornaram-se, nos últimos anos, mais próximos e presentes no mundo ocidental urbano. Alguns movimentos neo-shamanistas conduzem rituais de “transformação e consciência” e usam estas espécies para invocar poder, autoconhecimento, espiritualidade (Lindquist 2000, Blain 2003). Em Portugal existem grupos de *trance dance* que também usam o “animal aliado” e aludem ao objectivo de “*entrar na consciência ou tornar-se o espírito do sol, lua, vários animais e plantas*”²⁹. Paralelamente, notou-se, durante a elaboração do trabalho, uma utilização ocasional de tatuagens de predadores selvagens, em particular de lobo, aparentemente o mais icónico entre os grandes predadores. Esta inclusão dos grandes predadores numa nova estética corrente pode corresponder ou não a uma ideologia de preservação “do selvagem” mas transparece o significado simbólico e fascínio por estas espécies. Da mesma forma tem proliferado *marketing* e publicidade que recorre à imagem dos predadores (ver capítulo VI). Nesse sentido, a dimensão cultural destas espécies está, hoje em dia, mais visível e explorada, por um lado por uma imagem de poder, de ser forte e admirável e, por outro lado, pela sua “fragilidade” divulgada pelo discurso mais corrente e mediático da conservação da natureza.

A conservação da natureza tem seguido uma narrativa popular de fragilidade do meio natural, de necessidade de preservar sítios naturais intocados pelo mundo moderno e de reverência a locais paradisíacos e, até mesmo, ao regresso a um modo de vida primordial do passado. Estas ideias são comuns no quotidiano, por exemplo, a

²⁸ Por exemplo o IV congresso Latino Americano de Etnobiologia de 2015 intitulou-se “Foro de la cultura del jaguar” (<http://congresolatinoamericanoetnobiologia.org/>).

²⁹ Citação em <http://www.trancedance.com/trancedance.do>. Acedido em 2017.

exposição “Génesis” dedicada ao tema natureza, do fotógrafo Sebastião Salgado, invoca essa idealização. Na secção “santuários” descrevia-se o grupo dos índios Korowai da seguinte forma “*passam os dias na floresta a colher o que necessitam para sobreviver*” e para outro grupo “*de um modo geral os Yali comem apenas os javalis que caçam*” (nota de caderno campo em 2015). Esta atmosfera criada, confere às espécies ameaçadas uma atenção especial. Na década de 90 o lince-ibérico foi anunciado como “o felino mais ameaçado do mundo” o que significava que, entre os felinos selvagens, o seu risco de desaparecimento era maior do que o dos grandes predadores mais conhecidos como o tigre ou o leopardo. Assim, o rótulo do lince-ibérico como uma das espécies selvagens mais ameaçadas do planeta tem sido a mensagem pública mais divulgada até hoje, tendo construído uma pressão social e política junto das administrações de Portugal e de Espanha para que se concretizem esforços de conservação em favor da espécie.

Em torno dos felinos selvagens existe também uma cultura popular ocidental que os associa a beleza e a um certo fascínio sexual. De facto existem inúmeras expressões linguísticas de comparação antropomórfica com o tigre e o leão. Na língua inglesa o termo “*cougar*” (puma) aplicado a uma mulher associa-a a relacionamentos com homens jovens, tornando a associação sexual clara. Também a criatividade publicitária usa esta mesma associação à sensualidade e construção à volta dos felinos. No caso do lince existe um desodorizante europeu de marca *Lynx* (em Portugal transformado em *Axe*) em que o *marketing* do produto, num dos seus *spots* publicitários, associa atracção (espoletada pelo produto) a um “homem selvagem” e “primitivo”, inserido no meio selvagem. Outro exemplo deste tipo de apropriação é o caso de um grupo que se intitula “las linceas ibéricas” e que num *site* com conteúdos eróticos organiza encontros e eventos de carácter lúdico em Madrid. Estas construções perpetuam, de certa forma, o fascínio pelas espécies selvagens, cujo lugar pertence a uma “selva ou floresta” original, atribuindo-lhes segredo, mistério e um poder de certa forma “sobre-humano”. A imagem pública do lince, mesmo que indirectamente, possui estas conotações.

O tema da conservação dos predadores tornou-se comum nos meios de comunicação social a nível nacional e internacional e, de certo modo, um discurso hegemónico. O lema das Organizações Não-Governamentais de Ambiente, de projectos conservacionistas e instituições governamentais pela persistência de todas as espécies

tornou-se um lema aparentemente consensual, de obrigação moral, uma protecção que os humanos devem assegurar a uma parte mais frágil.

Em relação às ONGA portuguesas o tema da conservação do lince-ibérico atraiu diferencialmente atenções. A Liga para a Protecção da Natureza (LPN) possui uma revista, desde 1987, para os seus sócios, denominada *Liberne*, título assim seleccionado como “*um símbolo que pretende apelar para a problemática da extinção das espécies*”. Esta organização promove, desde 2004, o Programa Lince onde incluiu o desenvolvimento de projectos específicos LIFE. Entre 2011 e 2015 deu muito destaque a esta espécie na sua comunicação pública, usando-a aliás como imagem bandeira e enfatizando mensagens positivas acerca de conservação da natureza. Esta ONGA apresenta objectivos gerais assentes nos conceitos de património natural, diversidade das espécies e ecossistemas e tem uma ligação histórica à primeira campanha ambiental ligada ao lince em Portugal (ver ponto anterior).

A Quercus, outra ONGA portuguesa de âmbito nacional, não usa praticamente imagens ligadas a mamíferos emblemáticos, apresentando os seus objectivos com base na “*salvaguarda e promoção do património biofísico*”. Possui, em geral, um estilo de comunicação mais ligado ao activismo e à acção individual e tem sido quase omissa em relação ao lince-ibérico, sem referências à espécie nos seus projectos de conservação. Considerou a inauguração do Centro Nacional de Reprodução do Lince-ibérico “um dos melhores factos ambientais do ano de 2009”, no entanto em 2014 posicionou-se, inicialmente, contra a reintrodução da espécie em Portugal: “*a Quercus vem demonstrar a sua apreensão sobre aquilo que nos parece ser um processo demasiado apressado e pouco transparente.*” (Direcção Quercus 3/07/2014), alegando uma apropriação política do tema “*teme-se que possa haver neste processo alguma tentativa de instrumentalização política de uma decisão que deve reger-se por critérios técnicos exigentes e inquestionáveis*”³⁰. Posteriormente, a Quercus assinou o “pacto para a conservação do lince-ibérico” salvaguardando uma posição reivindicativa.³¹

A World Wide Fund (WWF) em Portugal, de âmbito mais recente, lançou, em 2014, uma campanha de vendas de lincos de peluche para angariar fundos para a

³⁰ Informação detalhada em: <http://www.quercus.pt/comunicados/2014/julho/3740-reintroducao-do-lince-iberico-falta-de-informacao-e-urgencia-injustificada-podem-deitar-tudo-a-perder>

³¹ Ver: <http://www.quercus.pt/comunicados/2014/novembro/4022-quercus-subscribe-pacto-para-a-conservacao-do-lince-iberico-em-portugal>

conservação da espécie. Este tipo de campanha aproxima-se do tipo de comunicação pública do seu congénere internacional, apoiado em causas em torno de espécies emblemáticas.

Os esforços de conservação do lince-ibérico são regularmente noticiados na imprensa portuguesa, espanhola e também internacional. Esta projecção mediática reflecte uma prioridade dada, correntemente, aos predadores na conservação das espécies selvagens e confere-lhe uma considerável importância entre os assuntos quotidianos.

Outros pontos de vista sobre as mesmas espécies e a sua conservação são mais raramente veiculados. Há por vezes um contra discurso à conservação, comum, criticando o elevado dispêndio financeiro com acções de conservação e comparando-o à falta de investimento em bens que os humanos necessitam ou outros temas que deveriam ter mais atenção. Em 2009, surgiu, em Espanha, uma surpreendente apropriação do lince para uma campanha contra a descriminalização do aborto (ver figura 3.2). Estas imagens incomodaram os conservacionistas que as consideraram uma construção negativa à volta das acções de conservação da espécie. Em termos estritos a mensagem prende-se porém com a questão de “direito de vida” e “protecção”. A popularidade do lince é usada demonstrando o quanto a espécie é largamente mediática e conhecida do público.



Figura 3.2. - Cartaz em Espanha, 2009, exemplo de apropriação de lince-ibérico e da sua protecção para realizar uma campanha contra a liberalização do aborto.³²

³² Imagem de internet: <http://pequelia.es/embarazo/ayudas-economicas-para-evitar-el-aborto.html>.

Em Portugal tem havido um crescente mediatismo do lince e exemplos de apropriação da espécie pela imprensa e política nacional dos quais se apresentam, de seguida, alguns exemplos. Alguns comentadores publicaram críticas à política de ambiente usando a espécie. Henrique Pereira dos Santos redigiu o artigo de opinião “Temos um problema com lince” criticando a conservação da espécie:

“Discordei do desperdício de recursos em pesados programas de recuperação em cativeiro de lince, cuja utilidade é discutível, e que consomem recursos que fazem falta a outros problemas bem mais graves, mas menos mediáticos” (Público, 9 de Abril de 2014)

Miguel Sousa Tavares publicou a crónica “Salve-se o lince” referindo-se ao mediatismo das libertações de lince no campo:

“(…) todo o meio ambiente natural está despovoado, abandonado e em processo de morte lenta, e as autoridades ambientais dedicam-se a brincar aos ursinhos e lince de peluche!” (Expresso, 3 de Janeiro de 2015)

Gonçalo Calado assinou uma crónica “Fábulas de um futuro, na morte de um lince” em que se colocava na situação ficcional de decisor político (Secretário de Estado) e deixava orientações sobre a forma de actuação face à morte de um lince reintroduzido (que tinha sido noticiada):

“Cedo me apercebi de que este não era só mais um projecto de conservação da natureza (...) Os lince eram uma questão de Estado, e logo agora que eu os tutelava.(...) teríamos de manter as decisões exclusivamente baseadas nos pareceres técnicos, e que não contaria comigo para outra coisa.” (Público, 17 de Março de 2015)

Ocorreram também comparações entre lince e políticos ou figuras públicas, alusivos à astúcia ou outras características. Em 2015 registou-se, na internet, uma montagem fotográfica em que se fundia a imagem da cabeça de um lince-ibérico e a face de um deputado português. Já em 2016, a propósito da nova criação de uma Zona de Caça Municipal na Reserva Natural da Malcata, zona de ocorrência histórica de lince-ibérico, houve contestação por parte de organizações do sector cinegético e da Quercus (Fig. 3.3.) tendo sido criado um *cartoon* a esse propósito.

Um último exemplo, de 2017, quando o mediatismo do lince e da reintrodução estava já banalizado, é o de Carlos Rodrigues Lima, subdirector de uma revista semanal,

que intitula uma crónica de crítica ao Partido Social Democrata como “PSD, o partido do lince-ibérico” assumindo uma nota positiva para a conservação do lince:

“Desde há uns anos, O Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) tem feito um enorme esforço para manter viva a espécie do lince ibérico. Depois de ter sido dado como em vias de extinção, foi o trabalho dos técnicos daquele instituto público que alterou o estado de coisas. Ora Pedro Passos Coelho bem que podia ter recolhido alguma da experiência do ICNF para, a partir de 2015, saber reconstruir um partido que esteve no poder e adaptá-lo à oposição” (Sábado online, 3 de Outubro de 2017)

Neste cenário e contexto de narrativas globais, desenrolou-se a pesquisa antropológica da presente tese como estudo de caso.



Figura 3.3. Cartoon da revista da organização Quercus figurando a possibilidade de a caça afectar o lince.

Capítulo IV. Os contextos locais: caracterização das áreas geográficas de estudo

“A visão do Alentejo como solar do trigo ou celeiro do país está hoje arredada” (Baptista 2010: 175)

Baixo Alentejo

A caracterização dos contextos, a seguir apresentada, é resultado de bibliografia consultada sobre o historial do ordenamento de território e testemunhos já recolhidos junto dos informantes sobre as suas áreas e mudanças ocorridas e experienciadas. Esta era uma das questões iniciais de investigação pois permitia o conhecimento inicial dos territórios e o entendimento de como as “áreas naturais” e a natureza foram sendo olhadas e integradas.

A sub-região do Baixo Alentejo situa-se no sul do Alentejo em Portugal e do ponto de vista administrativo, corresponde ao distrito de Beja, onde se localizam ambas as áreas geográficas onde se realizou trabalho etnográfico. Estas, por sua vez, incluem parte dos concelhos de Moura, Barrancos, Serpa e Mértola. O Baixo Alentejo tem uma área total de 8.505 km² com uma densidade populacional média de 15,8 ind/km² (INE 2011). Actualmente, o Alentejo sofre as consequências de um envelhecimento populacional, sendo que os jovens e os idosos constituem grupos populacionais cujo somatório é superior ao da população activa (Pereira 2012). Do ponto de vista biofísico a paisagem do Baixo Alentejo está associada a vastas planícies pouco arborizadas com povoamento muito concentrado. No entanto, esta homogeneidade, no interior, é fortemente quebrada por acidentes orográficos como são as serras de Ficalho, da Adiça e de Alcaria Ruiva, e também o vale do rio Guadiana e os seus principais tributários (rio Ardila, ribeiras de Terges, de Cobres, de Limas, de Oeiras, de Carreiras e rio Chança).

Historicamente, e nas palavras dos entrevistados, que, aqui no texto, se intercalam³³, esta foi sempre uma região fortemente marcada pela existência de grandes propriedades que ocupam consideráveis superfícies.

“Aqui há zonas de pequena propriedade são as que em termos históricos, por a terra ser mais pobre, as pessoas foram saindo para as cidades. As heranças, divididas, dão propriedades cada vez mais pequenas que hoje são courelas. Há muitas na zona do Vascão. (...) Depois a grande propriedade está em todo o lado, e é consequência da agregação pela não exploração da mesma. Exemplos: Casa Champalimaud, 10 000 ha; (...) Humberto Pedrosa tem 3000, Pereira Coutinho tem 2000, Neto Valente tem 6000 – 30% de Mértola está na mão de 6 ou 7 indivíduos. E ainda bem. Porque o concelho é tão pobre, que se não houver concentração de propriedade (...) acabava por acontecer como as outras, desmembravam-se, assim são mantidas e, de alguma maneira, exploradas.”

A malha da paisagem é predominantemente muito larga e historicamente assente na organização agrária romana, em que a unidade de exploração agrícola - a *vila rustica* - com a sua estrutura social de grandes proprietários servidos de mão-de-obra sem terra. Esta estrutura de grande propriedade suportou, ao longo do tempo, a cultura dos cereais, e entretanto expandiu a vinha e o olival (ADPM 2008, Casimiro 1993). A questão da propriedade e dos trabalhadores rurais assalariados teve várias mudanças nos últimos 40 anos. A região do Baixo Alentejo continua a caracterizar-se por um mosaico contrastado entre a existência de latifúndios e pequenas propriedades (< 5ha).

O perfil dos grandes proprietários caracteriza-se, hoje, por não serem residentes a tempo inteiro na região, de uma forma geral, e de realizarem presentemente explorações extensivas ou múltiplas na propriedade: montado, gado e actividade cinegética ou uso quase exclusivo para cinegética, realizando investimentos consideráveis no fomento das espécies para caçar (pontos de alimentação, abertura de searas, bebedouros, manutenção constante). Alguns proprietários no concelho de Mértola, em particular, pertencem às denominadas famílias de elite (Pedrosa-Lima 2003), personalidades distantes do meio social local e reportadas como poderosas. Esta presença na região, nas últimas décadas, foi comentada pelos informantes durante a

³³ Não se apresentam detalhes identificadores das citações por razões de protecção de identidade dos entrevistados, uma vez que mesmo referindo apenas o perfil, estes poderiam ser identificáveis. Todas as citações são referentes ao período de trabalho de campo entre 2012 e 2014.

recolha no terreno bem como a questão da introdução de vedações nas propriedades e de restrições de acesso a determinadas zonas.

Também o historial da actividade cinegética é importante para compreender, nas áreas do Baixo Alentejo, a relação da população local com determinadas zonas, como é o caso particular do Perímetro Florestal da Contenda³⁴, e com a actividade cinegética no interior e exterior das grandes propriedades no concelho de Mértola.

A actividade cinegética nesta região, como no resto do país, gere-se por uma filosofia legislativa que parece ser também da tradição romana: o acesso livre à caça (animais selvagens sem dono) como recurso natural que todos os humanos se podem apropriar por *occupatio* (Coelho 2009). Por essa razão, existiu sempre a caça com acesso livre no Alentejo, embora persistissem também áreas delimitadas onde a caça era só permitida a alguns, os denominados “coutos”. A existência destas áreas está ligada ao sentido de propriedade privada mas também institui o princípio de necessidade de protecção da fauna, e caça, como um valor natural. Este tipo de organização será eventualmente uma herança da tradição, pelo menos desde o século XIII, de existirem áreas onde a caça era protegida ou onde a actividade só era permitida ao rei ou aos nobres. Pinto (2008) aponta a existência de matas reais, coutos em mosteiros, propriedades dos nobres e das ordens militares com objectivo de protecção cinegética e florestal. Posteriormente, no século XIX, as matas, coutadas reais e dos mosteiros foram integradas como matas e florestas nacionais, geridas pelo Estado (ex-Direcção-Geral das Florestas). Já em relação a propriedades privadas, dá-se uma importante mudança social com a revolução de 1974 e são extintas coutadas das quais o Estado assume controlo permitindo o acesso livre de todos os caçadores (Casimiro 1993). Esta mudança está muito presente na memória dos residentes e é descrita como um período socialmente conturbado e de impacto para a fauna selvagem:

“a seguir ao 25 de Abril levaram tudo por diante, a gente também não estava preparados para uma revolução e atão era águias era pássaros de toda a qualidade (...)”

³⁴ Área que desde tempos históricos foi dividida com Espanha e tem uma gestão específica no que diz respeito à floresta e à cinegética. Inicialmente explorada em parcelas por rendeiros locais mas desde 1957 sob a administração dos Serviços Florestais nacionais. Área com cerca de 5000 hectares, propriedade do Estado, com alguns “montes” anteriormente habitados por trabalhadores. A caça nesta área foi sempre, com excepção da época do 25 de Abril, de acesso restrito. Desde 2012 a gestão da Contenda passou a ser responsabilidade da Câmara Municipal de Moura.

“o 25 de Abril trouxe este sentimento de liberdade, foi transversal. Até se conta de uma caçada que houve da Contenda ter sido invadida e fizeram uma mortandade. (...) Foi assim uma coisa!”

“As pessoas mais velhas dizem que não era assim; apesar de haver muito mais dificuldades naquela altura. Matava-se o que era necessário para comer e hoje tenho certeza – por brincadeira – quando a Contenda foi aberta foi invasão (...) deve haver barranquinhos que ainda têm coelhos na arca frigorífica desde 74.”

Posteriormente é implementado o regime ordenado, terminando o regime livre e passando a existir zonas de caça turística, geridas pelos proprietários ou por empresas, e zonas de caça associativa, geridas por associações locais.

De forma conjugada o processo de transformação do Baixo Alentejo nas últimas décadas, e as mudanças económicas e sociais, estarão associados aos seguintes eventos que se destacam, também de acordo com o mencionado pelos informantes no terreno:

1. A campanha do trigo, lançada em 1929 pelo Estado Novo, que teve grande impacto na expansão da agricultura no Alentejo, quando a assimetria de classes entre proprietários e não-proprietários era central (e.g. Baptista 1993, Cutileiro 1971):

“depois da Primeira Guerra veio o trigo, trigo era ouro, pessoas viviam da caça, proprietários davam o mínimo trigo aos trabalhadores dependendo da consciência. As pessoas só queriam sobreviver, eram pouco politizadas, iam buscar proteína à caça, este bicho (lince) era inimigo a abater, havia fome. Depois a segunda Campanha já não era assim mas (...) lobo e lince desapareceram assim.”

Esta campanha terá acentuado o normativo de aproveitar toda a terra para produção e a aversão a terras “incultas”, zonas de matos e matagais que não eram aproveitadas para agricultura (figura 4.1.). Estas zonas de matos são ainda hoje referidas de forma depreciativa pelos informantes – “ematagado”, “sujo”, “feio”, etc.

“Existia, e ainda é assim, terras agrícolas e malhados para gado, terra mansa e terra brava. Como é terra brava? É onde nunca se dá cabo do mato, faz-se desmate para haver clareiras mas volta a nascer o mato. (...) É uma lástima parece que anda ali o Diabo à vista”



Figura 4.1. Cartazes relativos a campanhas agrícolas estatais e de incitamento a aproveitamento do terreno implicando a limpeza de matos e matagais.

2. A Reforma Agrária, em 1975, quando as grandes propriedades foram ocupadas pelos trabalhadores (Barros 1986, Veiga 2000):

“A grande mudança e problema para estes bichos também foi a entrega das propriedades. Depois do 25 de Abril”

“(...) eu vi que os donos da terra que eu tinha conhecido já não eram aqueles, eram outros que não eram os donos da terra (...) Mas que estas pessoas que dantes tinham um relação com a terra, uma relação de trabalho, passaram a ter uma relação de posse. De uma posse abusiva da terra. Que a terra não é deles, não a sentem como coisa sua. É sempre um bem, transitório e transitário.”

Posteriormente, a legislação de 1977 conduziu à progressiva devolução das terras aos proprietários:

“Havia regadios, introdução de culturas novas, (...), o girassol na altura, os prados permanentes começaram-se a fazer naquela altura e depois durante 20 anos acabou-se (...) com as ocupações acabou-se tudo isso e eles também não dominavam essa tecnologia, essas modernices. Para além das coisas que destruíram só por vingança mesmo, houve outras que não conseguiram manter porque não tinham conhecimentos. Quando as terras foram entregues, foram num estado deplorável, em

que nem mesmo a política de entregas nem de ajudas de recuperação foi a mais indicada.”

“Outro aspecto é termos assistido nos últimos anos à reconstrução dos grandes latifúndios, que era o que havia antes do 25 de Abril, que têm milhares de hectares. E portanto há pessoas que são agricultores, com vários hectares; e outras que são os proprietários, milhares ou centenas de hectares, mas que não estão cá.”

3. Um aumento significativo da quantidade de terras abandonadas que aconteceu entre 1977 e 1985 (Veiga 2000):

“a serra era toda lavrada à pata de besta e agora é toda ematagada, apanhava-se a azeitona toda e agora dali já não sai nada E a vila? Mudou para pior, metade da população, tinha 2000 pessoas e agora tem 1000, sempre foi aldeia.”

“Depois em 1983, (...) Estávamos num período do esvaziamento do processo da reforma agrária (...) E aquilo que encontrei (...) foi de facto um abandono, uma tirania relativamente à terra. Eu acho que a terra tem sido sempre muito mal tratada no Alentejo. Quer pelos seus proprietários, quer por aqueles que nela trabalham.. Todas as lutas dão a forma como tratamos a terra. Todas as aflições têm impacto na terra. Parece que é ali a vingança, não é?”

“Quando deixou de haver seareiros, mais mato, depois na Reforma Agrária mais mato, depois período de transição começou a haver menos gente, alteraram-se tipos de exploração, começou a haver mais bichos no campo.”

4. Com a publicação da Lei n.º 30/86 de 27 de Agosto, o Estado Português iniciou um processo de ordenamento da actividade cinegética, atrás referido, com a criação de zonas de caça e a atribuição da sua gestão, ou concessão, a associações de caçadores ou a empresas:

“Em termos de habitat não houve grandes alterações, em termos de política de caça sim. Sou de antes em que território era todo caçado e também do 25 de Abril, foi diferente em tudo (...) determinadas práticas, abusivas... As práticas mudaram? Sim mudaram (...) andávamos muitos quilómetros, caçava-se todos dias, havia grupo de profissionais (...) viviam da caça (...) e recordo-me da constituição das zonas de caça, antes eram coutos privados, o senhor dono da terra levava quem queria.”

“A questão de aparecer o regime ordenado foi uma mais-valia, na minha opinião. Não só para a cinegética, mas também para os proprietários e próprios agricultores.”

“Agora, infelizmente, está complicado para a caça. Nós, caçadores, somos sócios de uma reserva e tem de se pagar todos os meses; fica caríssimo. (...) Para mim haveria as turísticas, mas as associativas era tudo livre. (...) mas também caíam aqui centenas de algarvios também era um perigo (...) não havia mais problemas porque não tinha que ser (...) agora é mais organizado.”

“Já não havia caça nenhuma mas as pessoas adoravam andar no campo à vontade mesmo que não matassem nada e tinham um estigma dos grandes proprietários, do 25 de Abril, dos muito beneficiados e outros que não eram nada beneficiados. Quando foi criada a primeira lei de caça – que foram impostas algumas zonas de caça turística porque ainda não havia associativas, foi um problema social grave em que toda a gente que era pobre olhava para as turísticas como se estivessem a olhar para o Diabo. Desde que se criaram as associativas e se inseriram todos os caçadores no “regime ordenado” com valores acessíveis, nesse dia acabou o furtivismo, nunca mais houve conversas de café – “abaixo os coutos”.”

5. O programa de Política Agrícola Comum (PAC) de 1992, pelo qual surgiu o esquema de florestação, com o objectivo de gerir a erosão do solo, mas também com vista à manutenção do rendimento dos proprietários:

“(...) a Política Agrícola Comum, veio fazer com que os proprietários dos terrenos não cultivassem cereais nesses mesmos terrenos.”

“Aquilo que vi em 1990 e tal com a nossa introdução na comunidade europeia e com as políticas da PAC e com os apoios comunitários, os fundos estruturais, aí foi, acho que abandono total. Terras imensas que não se cultivavam. (...) Se o fundo comunitário era por encabeçamento de gado, só se vê gado; Depois só olival, depois girassol; ou seja uma agricultura que é orientada por Bruxelas. E que descaracterizou completamente o processo produtivo, que servia de sustento, bem ou mal, mas que configurou uma determinada classe social, determinou um conjunto de relações sociais; esse modo produtivo esvaziou-se completamente por orientações exógenas.”

“O facto de Portugal ter entrado na União Europeia e de facto terem havido subsídios para a conservação da natureza, para a plantação de espécies com o pinheiro e azinheira, fez com que o território sofresse alterações.”

Presentemente a estrutura agrária apresenta-se transformada e o sector agrícola em “sector assistido” e totalmente dependente do apoio público. A maioria das unidades agrícolas são explorações menores de 10 ha e uma minoria tem mais de 100 há (onde se

integrarão os latifúndios). Existe também a diferenciação entre unidades equipadas e competitivas e as que visam maximizar sobretudo ajudas directas (Baptista 2004).

Existe uma importante actividade agrícola nesta região com 1550 explorações agrícolas no concelho de Moura, 663 no concelho de Mértola e 218 no concelho de Barrancos (dados de 2009, INE 2011b). A superfície agrícola utilizada nos concelhos de Moura e de Barrancos é cerca de 85.000 ha (73.000 e 12.000 respectivamente) e a de Mértola 90.000 ha.

De entre as actividades agrícolas e silvopastoris são de destacar as explorações de ovinos existentes nas áreas pela potencial interacção entre este tipo de exploração e os predadores. O número de cabeças normais³⁵ de ovinos nos concelhos de Barrancos e Moura, em 2009, era de 342 e 2.444 respectivamente, enquanto Mértola apresentava um número superior de 8.575 cabeças (Serpa apresenta 7.360 cabeças mas a área do concelho abrangida neste estudo é reduzida) (INE 2011b). Como atrás referido, o sector agrícola e silvopastoril tem tido evoluções e modificações que foram resultado da aplicação da Política Agrícola Comum dos últimos anos. Madeira (2008) aponta, para o Alentejo, uma dinâmica, particularmente nos territórios marginais, de “migração” dos cerealicultores pré-RPU (Regime de Pagamento Único) para a única actividade que manteve um nível de suporte significativo: a produção de bovinos de carne. Este autor refere já entre 1999 e 2006 a redução do número de ovinos e o aumento do número de bovinos com uma contracção das áreas com culturas temporárias e pousio e uma expansão das pastagens permanentes.

Uma outra actividade importante parece ser o turismo, que está em desenvolvimento no Baixo Alentejo e nas áreas de estudo. Revez (2013) refere o potencial papel do turismo no Baixo Guadiana, em particular a oferta de Mértola de turismo cultural e histórico mas também assente na biodiversidade existente. De entre os valores naturais relevantes para o turismo são de destacar as aves.

Do ponto de vista da caracterização social dos contextos estudados deve referir-se também a experiência em participação pública ou intervenção da população local em processos de decisão. Nesta área temática não parece existir grande experiência e capacitação locais. Conhecem-se alguns exemplos em que actores locais foram

³⁵ Cabeça normal é uma unidade padrão de equivalência usada para comparar e agregar números de animais de diferentes espécies ou categorias. Tabelas de conversão definidas por lei.

envolvidos em assuntos ambientais como o caso da elaboração do Plano de Gestão do Parque Natural do Vale do Guadiana (2008) e o caso dos *workshops* desenvolvidos no âmbito dos projectos LIFE “Moura-Barrancos” e “Lince-Abutre” coordenados pelo Centro de Investigação Social e pela LPN. Num esquema sobre actores e capital social da região do Baixo Guadiana, Revez (2013) aponta algumas debilidades e conflitos que interferem na participação, nomeadamente “o partidarismo, a não articulação entre câmaras municipais, a desconfiança face às governações locais, a dinâmica coletiva fraca, o alheamento das populações e a fraca circulação de informação”. Estes factores interferirão também, em ambas as áreas de estudo, com a conservação das espécies, gestão do território e participação em situações relacionadas com estes temas.

Moura-Barrancos

Definiu-se esta área de estudo como correspondente ao Sítio de Importância Comunitária (SIC)³⁶ Moura-Barrancos (PTCON0053), uma área descrita, como um território de 43.309 ha inserido no Baixo Alentejo, predominantemente ocupado com áreas de uso agro-silvo-pastoril (ICNB 2008). Segundo esta fonte, o ancestral uso agrícola e pastoril do território acentua o mosaico, em que se contam algumas zonas de vinha e olival. Nas encostas mais declivosas dominam os matos, como é o caso das serras da Adiça e da Preguiça. Nas zonas aplanadas ocorrem extensas áreas com povoamentos dominados por azinheira. As linhas de água, de carácter torrencial, por vezes entre margens escarpadas, como as do Ardila, do Murtega ou do Murtigão, apresentam uma interessante vegetação que lhes está associada. O SIC alberga espécies ameaçadas da fauna listadas nos anexos da Directiva Habitats.

Toda esta área de estudo é extensa e mostra uma heterogeneidade social e de paisagem, comentada pelos próprios informantes. Por exemplo Barrancos, no extremo oriental da área de estudo, é uma área descrita como mais declivosa, “dobrada” em termos de relevo. Leite de Vasconcelos (1955) apresenta uma breve descrição deste território que corrobora o tipo de paisagem dominante ainda hoje:

“Antes de se chegar a Barrancos (indo-se de Moura) atravessam-se extensos montados de azinho, em terreno quebrado, até perto da vila. Aos lados da estrada,

³⁶ Classificação de áreas e integração na rede Natura 2000 por aplicação da Directiva Habitats pelo Estado Português (ver historial da conservação do lince-ibérico no capítulo anterior)

aqui e acolá, surge uma habitação campestre, correspondente a uma herdade, ou outra propriedade. Depois vêem-se uns tantos olivais, e por fim aparece a povoação de que falamos.” (Leite de Vasconcelos 1955: 4)

De facto, a vila de Barrancos apresenta características sociais diferentes das outras povoações da região: notou-se o dialecto barranquenho, entre o português e o espanhol, falado por quase todos nas ruas, presente também nos entrevistados, as referências identitárias às touradas e à exploração de porco-preto e a presença de jovens. Pires (2006) refere um “empolamento identitário” criado em resposta à controvérsia dos touros de morte vinda do exterior. Uma (re)construção de “identidade cultural barranquenha” que parece estar ainda hoje muito presente com vários símbolos a evocar tradição local. Registaram-se também histórias de vida ligadas ao território espanhol e a uma comunidade de fronteira. Bastos (1998) refere a vivência dessa conexão natural com Espanha em aparente contradição com a ideia portuguesa sobre o país vizinho como um “outro”, contra o qual a nossa nacionalidade terá sido construída. Esta investigadora descreve a comunidade de Barrancos como uma sociedade que livremente adoptou o que lhe foi mais conveniente, em termos de bens, rituais, de linguagem e de lazer “they picked from both sides of the border and created their own lifestyles” (Idem: 30).

A ligação a Espanha é também uma vivência de Vila Verde de Ficalho, como vários relatos sobre contrabando no passado e relações familiares e circulação de habitantes locais através da fronteira no presente. A monografia de Ficalho (Machado 1980) refere que haveria um grupo de portugueses com coutos na Serra de Santa Bárbara em Espanha onde caçadores de Ficalho passaram a ir caçar quando o javali e a “*caça grossa começou a rarear*” (Idem: 229). A referida monografia descreve também um cenário, à sua data, “*de cada vez mais caçadores e menos caça, de ano para ano*”, o que vários informantes locais afirmaram igualmente.

A caça tem hoje, nesta região, uma orientação lucrativa, e é organizada e gerida como um negócio, existindo zonas de caça turística que exploram uma actividade dirigida a quem tem maior capacidade económica, por vezes apenas para uma elite. As zonas de caça associativa, socialmente mais enraizadas nos locais, também “vendem caça”, por exemplo postos em montarias para caçar javalis e veados. Existe alguma competição entre elas, nomeadamente através de preços livres, e o Estado não regula totalmente a actividade. A propósito de uma montaria realizada durante 2014 e da qual

não tinha sido dado conhecimento formal à administração, um informante confessava: *“mantém-se um pouco segredo porque quando se diz antes os furtivos vão lá, mandam os foguetes e no dia já não há porcos”*, aludindo à preocupação em manter o sucesso económico da caçada e à possível rivalidade entre zonas de caça.

Em termos agrícolas as zonas serranas de Ficalho são presentemente uma área de olivais, com práticas tradicionais de olivicultura e apicultura³⁷. A exploração do olival faz-se em algumas propriedades de forma intensiva, com rega das árvores para aumento da produção, limpeza de ervas e uso de máquinas na recolha da azeitona. A exploração tradicional, que coexiste lado-a-lado com a exploração intensiva, apresenta alguma vegetação arbustiva nos terrenos, não tem sistema de rega, e a colheita da azeitona é feita manualmente (como se pôde constatar em momentos de observação participante). Os proprietários, tradicionalmente, contratavam localmente homens para varejar e mulheres para apanhar, podendo pagar-lhes em percentagem dos quilos recolhidos por dia (700-1000Kg). Hoje, nesta área, praticamente não existem mulheres nesta actividade, e foi referido, entre os homens, que há substituição do tipo de mão-de-obra: *“o trabalho está a acabar porque eles metem muito romeno, mão-de-obra mais barata... Metem-nos num monte e distribuem-nos pelos patrões”* (registo de 2013).

Do ponto de vista social, além do referido no historial descrito para o Baixo Alentejo em geral, o trabalho de Fernandes (2006) menciona o cariz de Baleizão, uma área adjacente a Ficalho e Moura, um ambiente politizado e com um potencial de posicionamento reivindicativo que pareceu presente e relevante.

Durante a pesquisa de terreno uma participação numa reunião do projecto Aldeias Sustentáveis e Ativas (organizado por Animar, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local), em Safara, em 2012, permitiu ouvir relatos directos sobre a existência de uma população envelhecida e de níveis preocupantes de pobreza local. Já em Moura, sede de concelho, tomou-se contacto com uma vila movimentada, comércio activo, existência de serviços diversificados como piscina municipal, biblioteca, a Escola Nacional de Caça e Pesca, etc. A presença de emigrantes asiáticos nesta vila mereceu uma nota no “caderno de campo”, uma nota sobre miscigenação e conexões com outros locais no mundo contrastando com a circulação rotineira, dentro da vila, de

³⁷ No brasão de Ficalho figuram colmeias e abelhas. Roxo (1994) refere para serra de Serpa e Mértola a apicultura como uma das mais importantes actividades na Idade Média, com produção de mel e cera para fabrico de velas.

carroças puxadas a cavalo e a presença de uma comunidade cigana nómada. Também se registaram, como elemento de urbanidade, as actividades físicas de locais por razões de bem-estar e saúde: caminhadas junto aos limites das povoações, corrida ao longo da estrada, ciclismo, presença de máquinas de exercício físico dentro de vilas e aldeias.

A ocupação humana desta área foi estimada em cerca de 320.000 habitantes – e concentrada em quatro áreas (ICNB 2008) sendo que a população empregada dos concelhos de Moura e Barrancos era, em 2011, respectivamente, 1.467 e 160 indivíduos no sector primário; 950 e 141 no sector secundário e 3204 e 447 no sector terciário (INE 2011). Este censo de 2011 indica uma baixa densidade populacional para toda a área (concelho de Moura entre 4 e 7 ind/km² e Barrancos 11 ind/km²), com uma variação negativa, na última década, para a população residente (entre -8% para Moura e -2% para Barrancos). Os informantes mostraram-se pessimistas em relação a este parâmetro apontando ainda para um decréscimo da população no futuro. De acordo com dados estatísticos a população empregada está distribuída naqueles concelhos sobretudo em profissões do tipo “serviços e vendedores, operários e artífices, trabalhadores não qualificados”, mas que também abrange “especialistas das profissões intelectuais e científicas” (n=28 Barrancos e n=278 Moura) e “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas” (n=34 Barrancos e n=532 Moura) (INE 2011).

A área com maior potencial para a futura ocorrência de lince dentro do SIC Moura-Barrancos apresentava, em 2011, uma exploração cinegética importante com cerca de 19 zonas de caça turística, 5 zonas de caça associativa e uma zona de caça municipal (dados ex-ICNB). A população de caçadores residentes com licença era, em 2014, de 1.299 no concelho de Moura e de 131 em Barrancos (dados ICNF).

Além da actividade cinegética que envolve proprietários, gestores cinegéticos e guardas, existem alguns actores que regularmente dinamizam actividades de turismo de natureza, realizam percursos pedestres e conhecem áreas menos acessíveis e menos utilizadas com fins agrícolas como as serras da Adiça e de Ficalho e a Contenda.

Do ponto de vista ambiental, o ICNF tem jurisdição sobre a área, enquanto Rede Natura 2000 (SIC) e em Moura existe um núcleo de atendimento nas instalações dos antigos Serviços Florestais. Têm decorrido, nos últimos anos, nesta área, alguns projectos de conservação promovidos por ONGA, com técnicos envolvidos em acções de terreno e residentes. Existe ainda uma equipa de vigilância do Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente da GNR (SEPNA) afectada aos dois concelhos e actuação local

de fiscais e “controladores” do Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP).

Apesar da dinâmica de actividades subsidiadas por fundos comunitários e usufruto de serviços por pessoas externas mantém-se na área um sentimento de isolamento, de sujeição a decisões centradas em locais distantes de poder como Lisboa ou Bruxelas: *“Eles pensam que isto aqui é Europa mas a Europa só começa para lá do barranco! (referindo-se à fronteira)”* (Moura-Barrancos 2013).

Vale do Guadiana

Definiu-se esta área de estudo coincidente com o Sítio de Importância Comunitária do Guadiana/Juromenha (PTCON0036), com 39.257 ha de área e que inclui o rio Guadiana e muitos dos seus afluentes. Este sítio com localização sul no Baixo Alentejo foi afectado pela subida do nível das águas decorrente da construção da barragem do Alqueva. Os solos são maioritariamente xistosos e pobres. Cerca de 58% de ocupação do solo é de uso agrícola (com uso agro-silvopastoril, arvense e arbóreo-arbustiva) e cerca de 27% é de uso florestal (incluindo matos e pastos naturais) (ICNB 2008). A paisagem é caracterizada por um mosaico de planícies onde os matagais (dominados por esteva) e os montados de azinho encontram-se intercalados com extensas culturas de cereais (principalmente aveia e algum trigo) e alguns olivais. A pecuária assenta nos ovinos em manadio e o bovinicultura em extensão.

O Concelho de Mértola é actualmente um dos maiores (1.292 km²), mas mais despovoados concelhos de Portugal com uma população de 7.289 habitantes e um povoamento disperso (5,4 ind./km²). A região tem assistido a um êxodo rural extremo, à redução do número de agricultores, e a um elevado índice de envelhecimento da população residente. A variação da população presente no concelho na última década foi de -18% (INE 2011).

“Mudou muito, mudou, antigamente semeava-se mais as terras e agora é só mato, é só erva.”

“Antigamente não havia lenha, os campos estavam todos limpinhos; ia-se com burra ou com cavalo. Era tudo semeado. E agora está-se a perder.”

“Mudou para pior. Antigamente havia muita juventude, sobretudo homens e raparigas, jogava-se à bola. Actualmente pouco se vê.”

Cerca de 15% da população tem ocupação no sector primário (agricultura, pesca e silvicultura), 21% ocupa o sector secundário (construção, indústria, água e energia) com destaque para a produção de produtos tradicionais como o pão, o mel, os queijos, os enchidos e as plantas aromáticas e medicinais. Há uma predominância do sector terciário concentrado maioritariamente na vila de Mértola (64% da população) (INE 2011). Ribeiro (2012) aponta o crescimento das actividades turísticas com um aumento de alojamento e restauração entre 2001 e 2011. Este fenómeno foi observado *in loco* com visível aumento de turistas, desde 2013, oferta de alojamento e crescentes referências a turismo de observação de aves. A observação de informantes afirmou a mesma tendência:

“Mértola tem excelentes condições para o turismo, tem sido feito um esforço imenso para fixar pessoas cá. Isto é um caminho para consolidar esta imagem de sermos um concelho não só bom para quem nos visita e – vejo comentários no facebook: Mértola é linda. Cada ano temos um número maior de turistas. (...)”

Existem também actividades de ar livre e natureza organizadas que foram observadas no terreno, tais como a realização de motocross, canoagem, parapente e caminhadas.

O rio Guadiana e alguns dos seus afluentes (Ribeiras do Vascão, Oeiras, Terges/Cobres) são considerados como tendo um grande valor para a conservação da natureza, constituindo um importante corredor para muitas espécies terrestres e aquáticas (ICNB 2008). Em 1993 foi criado o Parque Natural do Vale do Guadiana.

Mértola é um dos concelhos do país com maior número de zonas de caça e maior número de hectares dedicados à actividade cinegética (1.299 km²) (ADPM 2008). A área com maior potencial de lince dentro do SIC Guadiana (PACLIP) apresentava, em 2011, uma exploração cinegética predominante com cerca de 28 zonas de caça turística, 21 zonas de caça associativa e uma zona de caça municipal (dados ICNB). A população de caçadores residentes com licença é de cerca de 1000, no concelho de Mértola, apresentando uma tendência regressiva (dados de 2014, ICNF).

“Neste momento há uma sensibilidade muito grande das idades dos caçadores; os jovens estão com pouca apetência para a caça. (...). E este ano parece que há uma redução de mais de 10% (de caçadores)”

Muitos caçadores de fora de concelho deslocam-se aqui para a caça ao coelho-bravo, perdiz e montarias aos javalis. Muitas propriedades têm feito um investimento e

gestão regular para o fomento da caça com a realização de sementeiras, manutenção de comedouros, introdução de cervídeos, etc.

“Já há muitos anos havia uma pessoa que dizia: ‘- Há uma lagosta no concelho de Mértola, ninguém a descobre, ninguém a valoriza’. Isto há 30-40 anos atrás. É a perdiz, chegou a 50 eur ao abate! (...).”

Os projectos de florestação e o reordenamento do território em zonas de caça introduziram mudanças significativas, quer em termos da paisagem, quer em termos sociais. As florestações com pinheiro foram a mudança mais referida pelos informantes para a região:

“A cultura do trigo passou. Uma escolha estratégica. A loucura de produzir uma coisa que não tínhamos condições, pois levou ao desastre completo – áreas que foram desmantadas para produzir e não tinham capacidade. Penso que estrategicamente algumas reflorestações do pinheiro foram um pouco estranhas. Um agricultor com 400ha que não dão nada, só gado, o trigo deixou de dar, vem o fundo comunitário e recebe 1000 euros por cada hectare, entende que é melhor outra coisa, mas a escolha é o pinheiro.”

“A paisagem mudou radicalmente nos últimos anos. A paisagem tem a ver com a florestação. Enquanto nos meus tempos de infância ainda predominava a agricultura em peso, depois com a transformação com estes projectos agrícolas, florestais, vieram modificar a paisagem. Se é para melhorar as condições ambientais tudo bem, mas depois ao mesmo tempo vejo projectos abandonados, que não compreendo como eles estão no terreno assim.”

Mértola, capital de concelho, acumula as designações de “vila museu”, um centro importante de investigação arqueológica e “capital da caça”, pela afamada abundância de recursos cinegéticos, que atrai caçadores de todo o país e é relativamente recente:

A vila, na sua vida diária, apresenta alguns traços urbanos, com a presença de alguns eventos culturais, turistas, comércio, artistas locais. Alguns entrevistados comentaram, acerca da vida social da vila, algumas divisões políticas locais e a existência de uma certa “claustrofobia relacional” ou provincianismo:

“Mértola tem basicamente dois períodos desde o 25 de abril; em 82/83 tinha uma marca grande do PC; (...) Há dois ou três mandatos passa para o PS com o Pulido Valente. Até aí havia uma concentração muito grande à volta de uma árvore: a

arqueologia. Mesmo as questões da natureza emanaram dali. A partir de certa altura deixou de ser saudável. Havia uma atitude ferrenha contra a caça. Pouco inteligente: não havia ordenamento, não havia caça. Agora é melhor organizado – pode ser questionável; mas em termos objectivos há 20 anos atrás não se via uma peça de caça e agora há muita. (...) Era político: a caça representa os fascistas, os latifundiários. (...) Actualmente há caça associativa que gerem e vendem, há uma dinâmica da natureza retomada com perspectiva de exploração, a socioeconómica: o dinheiro não fica, porque não dormem, não ficam – haverá melhores formas... Mas, neste momento está melhor.”

“Mértola está muito dividida, demasiadamente marcada pelas diferenças políticas.”

“Nos meios pequenos há questões entre as pessoas... complicado... Mértola é um buraco onde não corre ar, a minha aldeia é corrida de ventos.”

A este território de múltiplos interesses e grande heterogeneidade chegou o anúncio público, da Secretaria de Estado do Ordenamento do Território e Conservação da Natureza, em Março de 2014, através dos *media*, que o início do processo de reintrodução de lince-ibérico iria ter lugar no concelho de Mértola.

A reintrodução do lince-ibérico no Baixo Alentejo

Relativamente ao contexto local no Baixo Alentejo e às relações de actores locais com a administração pública, com a Associação Iberlinx³⁸ e com outras entidades promotoras de projectos de conservação local, considerou-se também o seguinte conjunto de factos, apresentados cronologicamente:

1. O Parque Natural do Vale do Guadiana, levou a cabo, em 2009, um processo participativo para a elaboração do plano de gestão do Parque e ZPE (Rede Natura 2000) em que figura uma articulação com acções de conservação do habitat de lince-ibérico;
2. A Liga para a Protecção da Natureza teve em curso projectos de recuperação do habitat de lince-ibérico abrangente das áreas de Moura-

³⁸ Iberlinx - Associação para a Conservação do Lince-ibérico e desenvolvimento dos seus territórios, parceiro do projeto LIFE Iberlinx.

Barrancos e Vale do Guadiana desde 2010, com particular ênfase na área de Moura-Barrancos;

3. O ICNF coordenou um projecto para acções de gestão de habitat de lince-ibérico em 2010 – projecto Alentejo VALLIA – em que estabeleceu colaborações locais no PNVG e promoveu uma visita de proprietários e gestores das áreas de Guadiana e Moura-Barrancos às zonas de ocorrência de lince na Andaluzia;

4. A Associação Iberlinc de cariz nacional foi constituída em 2011 com objectivos relativos à conservação do lince-ibérico e integra, entre os seus associados, as câmaras dos concelhos de Penamacor, Serpa, Moura e Barrancos. Em Dezembro de 2014 integrou a ADPM - Associação de Desenvolvimento Local de Mértola;

5. O ICNF realizou, a propósito da conservação de lince, vários censos de coelho-bravo nas áreas do Vale do Guadiana e divulgou os resultados dessas monitorizações realizadas junto de associações de caçadores locais e gestores cinegéticos. Em 2013 foi anunciada a existência de um surto de uma nova patologia hemorrágica viral do coelho-bravo com impactos significativos nas populações de coelho-bravo que juntou administração, associações e outras entidades para discutir as suas implicações (Seminário Iberlince, Beja, Outubro de 2013);

6. O projecto LIFE Iberlince executou, durante 2014, acções de gestão de habitat na área de Moura-Barrancos com acordo e colaboração de proprietários e associações de caçadores locais;

7. Em Outubro de 2014 foram iniciados e assinados acordos de colaboração de alguns proprietários de Mértola para a reintrodução do lince;

8. Em Dezembro de 2014 deu-se início ao processo de reintrodução no Guadiana tendo sido libertados dois lincos num cercado situado numa propriedade privada da freguesia de S. João dos Caldeireiros na área do Guadiana. O evento teve a presença de alguns actores chave locais mas a Câmara Municipal de Mértola não compareceu e emitiu comunicado de imprensa criticando a decisão.

A primeira fase de recolha de terreno terminou em Novembro de 2014 para uma análise de dados procedente. Posteriormente, e durante 2015 até ao presente, continuou-se a acompanhar no terreno a reintrodução, recolhendo informação na área do Vale do Guadiana mas que aqui já não se apresenta em detalhe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se em seguida os resultados obtidos durante a pesquisa e alvo de análise e discussão, divididos em três partes:

1. Representações e construção da imagem do lince e dos predadores;
2. Percepções, memórias e práticas acerca do lince e outros predadores;
3. Relação com a natureza e processos de conservação.

Cada uma, por sua vez, foi organizada em capítulos que correspondem a divisões temáticas e, com a exceção do capítulo V, correspondem a publicações em língua inglesa em revistas científicas.

Cada capítulo apresenta especificidades da metodologia que esteve na origem da obtenção dos dados e respectivos resultados. Este formato permite apresentar os trabalhos publicados em revistas com arbitragem científica e o trabalho submetido para o mesmo efeito. No início do capítulo VII apresenta-se uma súmula, em língua portuguesa, dos dados primários da recolha, em formato esquemático, e que inclui citações originais dos informantes.

1ª PARTE

Representações e construção da imagem do lince e dos predadores

“Lynx possède une nature ambiguë: vieux, laid, malade au début, jeune et beau a la fin (...)” (Lévi-Strauss 1991: 35)

De forma a responder à primeira questão de investigação sobre que imagens e representações estão historicamente e culturalmente associadas ao lince e a outros predadores fez-se uma pesquisa das representações de lince em Portugal, em contexto europeu ao longo da História e sobre as representações e apropriações da espécie na actualidade. As referências encontradas para o lince na literatura portuguesa, escassas, apresentam-se em anexo. Os resultados obtidos para o lobo-ibérico - o outro predador de topo que ocorre em Portugal – permitiram uma comparação entre as duas espécies e as diferenças de visibilidade social das espécies em particular até ao século XX. Os resultados relativos ao lobo deram origem primeiramente a uma publicação interdisciplinar e em co-autoria “The Portuguese Literary Wolf” (referida em anexo). Foi redigida uma segunda publicação a partir de uma análise antropológica dos dados que se apresenta no capítulo seguinte “Living with the beast: human and wolves relationship through Portuguese literature”.

O capítulo 2 corresponde à publicação “The (in)visibility of Iberian Lynx: From vermin to conservation emblem” e resume as representações de lince em contexto europeu ao longo da história e as apropriações mais modernas da espécie em Portugal e nas áreas onde foi realizada recolha no terreno.

Capítulo V. Vivendo com a fera: lobos e humanos através da literatura portuguesa³⁹

Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature

Margarida Lopes-Fernandes*, Filipa Soares†, Amélia Frazão-Moreira* and Ana Isabel Queiroz†*

*CRIA-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

†IELT-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

*IHC-FCSH, Universidade Nova de Lisboa; Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

Abstract

This paper explores representations of wolves in Portuguese literature using an anthropological framework to analyze perceptions, beliefs, knowledge, and practices. From a literary corpus compilation, 262 excerpts from 68 works that made reference to wolves were classified by grid analysis into 12 categories, encompassing the diversity of meanings attributed to these animals. Among wild carnivores, the wolf appears most frequently in the literary corpus analyzed. Most references concern conflict and economic losses caused by wolves' attacks, relating to a utilitarian view of the wild prevalent in rural communities. Nonetheless numerous excerpts reveal closeness with humans and the existence of an ecological knowledge. Writings from the early twentieth century express admiration for wolves and acknowledge their right to exist. Some focus on practices like organized hunts, bounties, or domestication attempts. The negative views depict the wolf as a scapegoat for the shortcomings of rural life. The human desire to control the wolf represents the conquest of the wild. The wolf in literature is the object of further symbolic attributions, associated with witchcraft, religion, specific beliefs and lore but also with freedom and the dark inner self of humans. Overall these mixed views express ambivalent feelings toward the species. The results of this case study demonstrate that humans have multiple views of wolves, views that are not necessarily polarized into negative or positive extremes but that coexist: the vermin and the noble beast. In rural communities the wolf is not viewed as a fragile animal needing

³⁹ Artigo publicado no Journal of the International Society for Anthrozoology Anthrozoös: A multidisciplinary journal of the interactions of people and animals doi:10.1080/08927936.2015.1060056.

protection or as a modern symbol of wilderness. This study is a contribution from anthropology to the understanding of the wolf's cultural dimensions and, by extension, human relationships with the natural world. We suggest that local knowledge and rural communities' perceptions of wolves should be integrated more effectively in conservation campaigns.

Keywords: ecological knowledge, ethical discourse, human–wolf conflict, nature perceptions, Portuguese literature

❖ The wolf (*Canis lupus*) has been one of the most admired, reviled, and controversial carnivores the world over (Musiani, Boitani and Paquet 2009), and was one of the first wild species to establish a close relationship with humans (Vila *et al.* 1997, Druzhkova *et al.* 2013). The species is extinct or threatened in most of the northern and central-western European countries. However, it is still found in semi-natural environments in mainland Portugal, where agro-pastoral activities predominate. Here, the species subsists in close relationship with local communities. It is one of the last large carnivores still coexisting with humans, making it a good case study for observing how the image of a predator has been constructed. Furthermore, the wolf has itself attracted much attention, which justifies an enquiry into the field of representations (Figari and Skogen 2011).

In contemporary contexts, the wolf has been presented as the symbol of wilderness (Lopez 1978; Mech and Boitani 2003; Marvin 2012), with the underlying idea that an authentic nature is what persists despite human action (Cronon 1995; Ingold 2000; Latour 2004; Descola 2005). The idyllic and romantic notion opposing nature to society, advocated by conservationists for years (Knight 2000), has been reinforced in recent decades, during which time the wolf became a protected species (*e.g.* Portuguese legislation 1987/Bern Convention for Europe 1986), and natural areas became important leisure venues (Hazendock *et al.* 2013) and were converted into sanctuaries (*e.g.*, Ghimire and Pimbert 2013; European Wilderness Society). In rural areas, this new view of nature and of wild species, and the need for their protection, is an external, hegemonic discourse, and collides with negative attitudes toward a predator which causes economic damage.

As persecution has been one of the main causes of the wolf's decline in Portugal (Álvares *et al.* 2011), its conservation also depends on understanding practices, beliefs, and social contexts of local communities. In fact, wolf management tends to be more socio-political than biological in nature (Bath 1998). Therefore, understanding the perceptions and views that characterize the relationship between humans and wolves through time is essential.

The cultural construction of the image of the wolf is based on local livelihoods and *real* interactions, mixed with old beliefs. A story about the origin of the wolf describes it as brought from the waters by the hand of Eve to cruelly devour Adam's sheep (Ragache 1989). Thus, the wolf has been viewed as a constant threat to herding communities, fitting the dichotomy "humanity"/"animality" (or culture and nature, respectively) (Latour 2004; Descola 2005), which has been associated with the Judeo-Christian idea that humans have rights over animals and dominate nature (Singer 1995). However, the symbolism of the wolf in Europe might have other origins and be other than just negative. In Norse mythology the wolf was viewed as a powerful creature that fought all the gods, and was a companion of Odin. Furthermore, the wolf appears on the throne of the Anglo-Saxon kings and confers a sense of power, leading to the might of wolf-warriors (Speidel 2004).

Anthropological and Human Dimension studies have addressed the relationships between humans and large carnivores (Gallagher 1994; Goldman and Wash 1997; Goldman, Pinho and Perry 2013). Among those studies, the wolf has gained particular attention and its significance has been analyzed using different approaches in many parts of the world (Andersone and Ozolinš 2004; Knight, 2006; Majic and Bath 2010). However ethnological studies of wolves' coexistence with rural communities are scarce and focus on specific regions (Bobbé 2002; Galhano-Alves 2000; Lescureux 2007). In Portugal, Álvares *et al.* (2011) collected data regarding the cultural manifestations of wolves in northern Iberia, namely defensive practices and oral traditions. Nevertheless a review of the wolf's image has been insufficient until now. Furthermore, none of these studies involved a wide temporal and geographical analysis.

In North America and Asia the representation of the wolf in literature has been analyzed using an ecocritical perspective (Jesse 2000; He 2009; Robisch 2009). Other interdisciplinary approaches can contribute to a wider understanding of the image

constructed around an emblematic species, and literary representations can be considered as mirrors of its relationship with humans. Within Portuguese literary studies, there are few analyses of the presence of animals in writings (Queiroz 2005a; Morais 2005), and the study of literary representations of the wolf has only recently begun (Queiroz *et al.* 2013).

In this paper, Portuguese literature is the source material for an analysis of social representations of the wolf and its relationships with humans. Literature can be an important source of information about natural habitats, wildlife, perceptions, attitudes and practices derived from the coexistence between species and humans throughout time. It is also a way of approaching the past when first-person testimonies are not available (Des Chene 1997), which is crucial for understanding processes of change. Writers, integrated in rural contexts by birth or by choice, imbue their work with reflections about the reality they live and describe. Literature, as a way of expressing knowledge and experiences, is more than an individual imaginative product; it is a cultural creation (Fernandes 2004).

The Portuguese authors in this study, an educated group among their contemporaries but with a rural background, are heirs of a deeply rooted socio-cultural memory, molded by their rural surroundings. In this sense, social representations are considered as a system of values, ideas, meanings, and practices that allow humans to make sense of an external reality (Moscovici 1984), in our case, the presence of wild species and nature. These representations organize the relationships of humans with nature (Godelier 1978) and integrate both their intellectual and material aspects.

Aims and Objectives

This paper is a contribution to the study of the wolf's cultural dimension, using literature as the ethnographic source. Literary works are relevant for this case study because a recognized characteristic of twentieth-century Portuguese novels and short stories is the preference for rural subjects (Lemos 1997, p. 56), and the portrayal of lifestyles with rural dwellers featured as main characters. It complements a previous spatio-temporal and quantitative analysis of the Portuguese literary wolf (Queiroz *et al.* 2013). The focus here is on human perceptions and beliefs about wolves, and their associated symbolism. We aimed to analyze how frequently the wolf is referred to in comparison with other wild carnivores, which practices and ecological knowledge, as

well as beliefs, images and popular stories about the wolf are described, and what discourses about wolves reveal about human relationships with nature.

Methods

For this study we used excerpts of a random sample of Portuguese literary works registered in a database⁴⁰. The works were read by us and several collaborators, and were selected if the text could be assigned to an identified geographic place. The novels, stories, chronicles, diaries, and poetry cover a time frame from Romanticism to the present. Animal stories such as fables or fairy tales were excluded (Alves and Queiroz 2015).

As with other animals, references to wolves were registered every time their common names appeared in the text. Those references constitute our sample, and were extracted from the broader literary corpus of around 4,000 excerpts of works published between 1875 and 2010. Each excerpt's content was classified in terms of one or several categories from a grid analysis set up for this study (Table 1). We have selected some extracts and translated them into English to illustrate the main ideas presented.

Table 5.1. Category classification from content analysis of literary works. Number of literary excerpts classified into each category and sub-category (n) is shown in last column

Category	Subcategory	Description	n
Landscape occurrence	—	Reference to the local presence and/or abundance of the wolf.	103
Biological knowledge	—	Reference to the wolf's habitat, feeding habits, behaviour and/or morphology.	84
Encounters	Wolf/domestic animal attack	Reference to and/or description of a wolf attack on domestic animals (sheep, goat, donkey, cattle and chicken).	43
	Humans/wolf	Reference to and/or description of humans	25

⁴⁰ LITESCAPE <http://paisagensliterarias.ielt.org>. Each literary excerpt was selected after a thorough reading of the work as a whole according to its content in landscape description.

Category	Subcategory	Description	n
	encounters	encountering a wolf or a wolf attack on humans.	
Domestication	—	Reference to cases of wolf domestication.	2
	Preventive techniques	Reference to techniques intended to prevent wolf attacks on domestic animals and/or humans.	38
Persecution	Hunting	Reference to the hunting of wolves and/or the hunting methods used.	51
	Reward	Reference to material and immaterial rewards derived from wolf hunting.	12
Uses	—	Reference to uses of parts of the wolf's body or embalming.	6
Fear	—	Reference to humans feeling afraid of the wolf.	30
	Human/wolf comparison	Attribution of wolf qualities (<i>e.g.</i> physical or behavioural) to humans - zoomorphism	55
Comparison	Wolf/human comparison	Attribution of human qualities (<i>e.g.</i> behavioural) to wolves – anthropomorphism	10
	Other comparison	Attribution of supposed wolf characteristics to other beings or inanimate objects or other type of comparison involving the wolf.	26
	Wolf/religion association	Association of the wolf with religious elements.	28
Supernatural	Wolf/witchcraft association	Association of the wolf with witchcraft.	14
	Wolf/werewolf association	Association of the wolf with werewolves.	3
Association to unease	—	Association of the wolf with an atmosphere of darkness, insecurity, possible danger, adventure, being independent and free, being hemmed in, robbed or with a fugitive lifestyle.	4

Category	Subcategory	Description	n
Folklore	Oral tradition	Reference to the wolf in the context of a tale, fable, legend, proverb or idiomatic expression.	30
	Popular belief	Reference to popular beliefs about the wolf.	18
Animal Ethics	—	Reference to the idea that the wolf has the right to exist and/or is respected. It includes animal rights, animal welfare, speciesism, animal cognition, the moral status of nonhuman animals, the concept of nonhuman personhood.	26

Results

From the material registered in the database, 262 excerpts mentioned the wolf. They were extracted from 68 literary works by 29 writers. Wolf references are geographically spread throughout Portugal. Some of the writers are well known and internationally recognized (for a geographical distribution and complete list of writings, see Queiroz *et al.* 2013).

The Wolf among Other Carnivores

To evaluate the prominence of the wolf in Portuguese literature we compared the number of wolf references with those of other *Carnivora* species. All the species of wild terrestrial carnivores that exist or existed in Portugal are mentioned in excerpts (Figure 1). This offers evidence that Portuguese literature is rich in fauna descriptions and fully represents the presence of wildlife and their coexistence with humans. Species that have disappeared from Portugal, namely the Brown Bear ($n = 5$) and the Iberian Lynx ($n = 5$), are included. While the former became extinct in the nineteenth century (Álvares and Domingues 2010), the lynx has been, until recently, one of the last top predators coexisting with humans in Iberia. Unlike the wolf, it has been a less visible animal in literature, art representations, and lore (Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2015).

The most vivid presence of the wolf is related to the significance of the damage it causes to livestock. It is followed by the fox, a well-known “chicken thief,” which is, for the same reason, the second most mentioned wild carnivore. In fact for those with a

utilitarian view of the wild (Arluke and Sanders 1996, pp. 167–186; Knight 2000, 2006), tolerance of economic losses due to wildlife tends to be low. However, as Knight (2000, p. 13) states, “local views of wildlife cannot be reduced to a simple utilitarian calculus.”

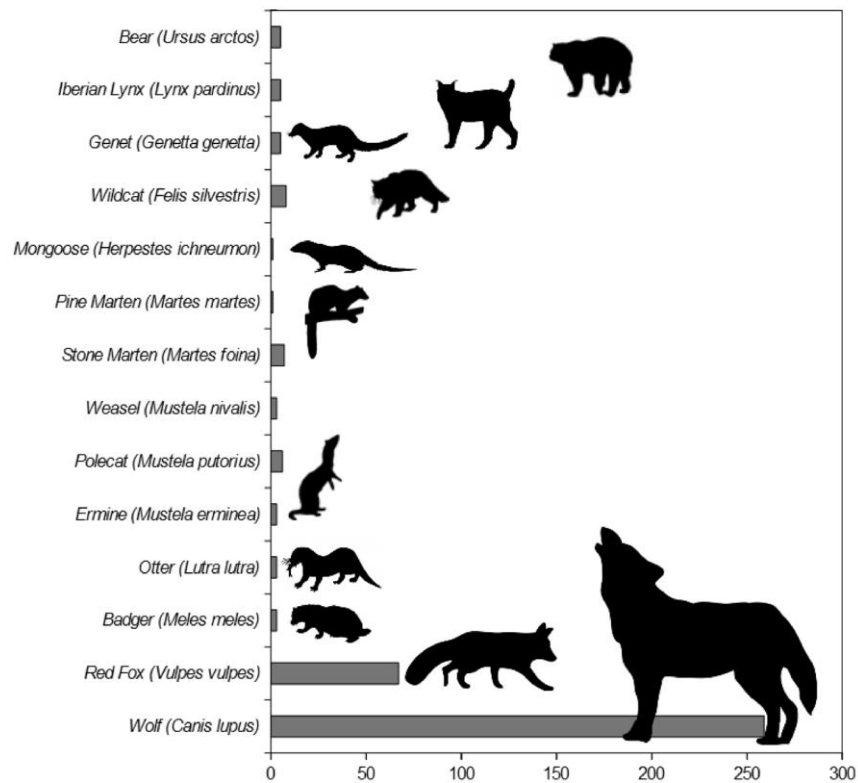


Figure 5.1. Number of references in Portuguese literary works for wild carnivore species (bars). Fauna references of text excerpts were counted (Y-axis). Carnivore silhouettes courtesy of Anne-Claire Fabre, Steven Traver, Tracy Heath, Pearson Foresman, David Orr, and Sebastian Kennerknecht (phylopix.org and pumapix.com).

The Ecological Wolf

The overall categorization of the excerpts referring to wolves expresses a diversity of views and experiences of the species, with particular emphasis on knowledge about its distribution and biology (Table 1). More than half of the references signal the wolf's local occurrence, ecological characteristics, persecution, or uses. Among those, there are 103 excerpts in the category “landscape occurrence”:

Are there wolves here? (...) there are packs, sir, more common than the mange ... (Ribeiro 1974 [1957], p. 17)

in the olden days there were so many that they came howling with hunger into the villages ... (Angelina and Brandão 1985 [1929], p. 143)

Wolf encounters with humans appear in our sample as both frequent and memorable, against a background of apprehension. There are 25 descriptions of people meeting wolves face-to-face, and 43 of shepherds tending a flock under attack. Fear is described in most of them:

Suddenly, there sprung up, on the right, a stout wolf. It was a momentary apparition; an assaulting figure, stretching out its shadow on the snow. Leonardo screamed at it instinctively, in amazement; and then as the beast continued to advance, he pulled out the pistol and fired. (Ferreira de Castro 1968 [1934], p. 258)

Literary excerpts reveal detailed knowledge about the wolf's ecology and behavior (e.g., organization of social life in packs, food habits, etc.), which were not studied in Portugal by natural scientists until later (Petrucci-Fonseca 1990). Wolves were described in literature as inhabitants of remote areas, mountainous wilderness, or woods away from villages, although occasionally they came closer to people. This coincides with what is presently known from studies tracking animals in the wild (Roque, Álvares and Petrucci-Fonseca 2001).

I huddled close to the broom. The animal leapt over the wall and halted, in the crossway, feeling the wind. You already sensed me ... you're going to give a sign to your gang ... – If it were a pack, it would have howled. (Bento da Cruz 1973, p. 150)

On snowy nights, the packs of wolves come down to the village and satisfy their hunger in the flocks, they take revenge (...) in the absence of sheep, they eat a stray donkey or two, according to their need. If they don't happen upon beasts, they howl lugubriously, and lose themselves in the depths of the hills, deceiving their hunger with foxes or wildcats. (Castelo-Branco 1879, p. 401)

Unlike studies which state that western literature has only recently portrayed wolves as animals within the natural world (Jesse 2000), in our sample such portrayals date back to the nineteenth century. We note that the portrait of the wolf in Portuguese literature is very realistic and shows the existence of ecological knowledge in rural communities. In close contact with nature, members of rural communities directly observe wild predators and share natural habitats with wolves in their daily lives.

Some descriptions of animals, while partly accurate, can nevertheless seem peculiar and entwined with imagination:

The wolf of Espadanedo, when skinned, weighed six “arrobas”⁴¹ and it had not yet started to spit out the teeth from the back of the mouth, which are always the first to go in such a bad life. (Direitinho 2007 [1994], p. 9)

Such exaggerated characteristics are mentioned by Lopez (1978) and can be associated with specific beliefs and the imaginary facet of the species.

The Imaginary Wolf

Literary excerpts restate an imaginary and symbolic facet of the wolf shared by few other species, including lore, popular beliefs, associations with religion and witchcraft, comparisons with human characteristics, and a myriad of feelings (Table 1: fear, comparison, supernatural, association to unease, and folklore). The 30 excerpts referring to fear even include references where humans have no direct contact with wolves. Furthermore, there are feelings of unease associated with the wolf's habitats that recall the sense of fateful destiny, being hemmed in, or in danger:

... Uncle was an open book of adventures, with wolves around his big body, blizzards and nights of augury, hill crossings, thieves and souls from the other world. (Vergílio Ferreira 1979 [1949], p. 33)

The wolf appears as a type of natural misfortune that humans, particularly shepherds, had to face and overcome, embodying “the dangerous and threatening qualities of the wild” (Marvin 2012, p. 7). In that sense, facing the wolf's presence became a symbol of survival in inhospitable lands; the struggle of rural life:

There is drought, there are the animals who eat the sprouting crops, there is the cold and the great heat of August, there is the wolf, there is the night, there is hunger, there is disease, there is death (...). (Pires Cabral 1992, p. 129)

Commonly the wolf is related to witchcraft and to religious matters ($n = 14$ and 28 , respectively). For instance:

... for wolves do not eat the right hand or the right foot of those who are christened. (Bento da Cruz 1973, p. 149)

There is an alliance with the Devil, which is mentioned in other studies (e.g., Boitani 1995; Sax 2001). This association seems related to the dark side of the human

⁴¹ Equivalent to 88 kg. Normal weight for an adult Iberian wolf is around 35 kg (Moreira 1998).

psyche, the inner self and unknown impulses, which were considered sinful and condemned by Christian religion. Also, it could be associated with the wilderness, which was both the wolf's habitat and a "place without God" (Lopez 1978), according to one of the interpretations in the Bible.

Christian faith was commonly evoked for protection against the dangers of the species:

He lowered the musket from his armpit and pale with fear (...), he placed his trembling finger automatically on the trigger. He muttered a prayer of repentance; that proved how religions are important, urgent, in crisis, in serious conflicts between man and wolf. He waited. The wild beast showed itself (...) it settled back on its hind legs with a contemplative air and a phlegmatic quietness. (Castelo-Branco 1980 [1879], p. 36)

In Portugal, Álvares *et al.* (2011) also state that the wolf has been seen as a diabolical creature, which is a legacy of the medieval mentality. This association is particularly clear in an excerpt where the killing of the wolf is celebrated:

*this wolf didn't go to the Mass,
neither to the Mass nor the sermon,
it ate a goat on Friday,
it has no absolution
[...]
it was heretic,
a devout of Beelzebub (...). (Ribeiro 1935, p. 117)*

References to wolf lore comprise beliefs that imbue the species with extraordinary characteristics, which could justify fear and persecution. The most common ones are its capacity to eat people and the physical consequences of seeing or being seen by a wolf, such as one's hair "standing on end" and an inability to move or talk:

... a wolf pack came and took a sheep right in front of my eyes. My voice became so small that even though the field was full of people nobody could hear me screaming "à coa!" ["help!"]. (Ribeiro 1983 [1958], p. 180)

The belief that a human is rendered speechless once seen by a wolf is still described nowadays (Galhano-Alves 2000; personal interviews by M. L. Fernandes) and appears to date back to antiquity, being described by Virgil (Vasconcellos 1882, p. 187).

There are also allusions to well-known universal fairy tales such as *Little Red Riding Hood* or La Fontaine's and Aesop's fables. In our sample, "stories about wolves" even became a kind of *genre*, as described by the Wolf itself in a fictional dialogue with humans:

We [wolves] were the fear, we were the story that was told by the fireplace, to the grandchildren who opened their eyes and enjoyed an already experienced terror. (Angelina and Brandão 1985 [1929], p. 53)

Wolves are also associated with supernatural creatures, such as the werewolf:

The Loup-Garou is precisely our werewolf, which is popularly believed to be begotten of doomed concubinage, and which drags its irreversible fate around with it at the crossroads, howling and passing the curse to those who have the misfortune to see it. (Ribeiro 1968 [1944], p. 85)

The werewolf is a mythical creature, a shape-shifting character with lupine morphology (Sax 2001). It transgresses essential boundaries: "between the human and the animal, the *civilized* and the *bestial*, the *domesticated* and the *wild*" (Marvin 2012, p. 48). Portuguese references to werewolves can be related to the myth of the werewolf in other areas of Europe but the belief is also already mentioned in ancient India (Pedroso 1988). We suggest these beliefs might persist through time because they also contain additional symbolism: the "man inside the wolf" (Abreu 1726, p. 588), "the beast within" (Knight 2000, p. 17), or "a way to rediscover human nature" (Rheinmermer 1995, p. 284). This symbolism of humans' untamed characteristics might introduce feelings of fascination toward the species and ambivalence into wolf-human relationships.

In fact, wolves also have an implicit association with freedom and adventure:

that wild thing which is the wolf, which I absolve from its crimes because it is independent, vagabond and unfortunate. (Ribeiro 1968 [1944], p. 163)

His trade [pelt dealer] (...) everybody knew, justified his passing back and forth over the border; the best was that he would willingly cross during the hours that the wolves lingered around on those endless ridges. (Ferreira de Castro 1968 [1934], p. 180)

The fascination that wolves inspire seems one of the strongest reasons why humans need their presence and the reason why the wolf is perpetuated as a symbolic creature.

In some cases, the association with freedom had additional political significance, as most works ($n = 41$) were published during the Portuguese dictatorship (1926–1974), when all publications were submitted to censorship. The writer Ribeiro, for instance, even uses the title “When the wolves howl”—a metaphor for the peasants' protests against the 1950s' conifer forestation. The book is considered one of the greatest testimonies to the opposition of rural communities to the forestry administration (Estevão 1983). It illustrates the perspectives of both local people and the writer (Queiroz 2005b), and it is an example of how the wolf becomes a metonymy for humans or a symbol of political contestation in a rural context.

The aforementioned beliefs and associations reveal that, from the Portuguese rural point of view, the wolf engendered both feelings of fear and fascination. These feelings contributed to a complex social representation of the wolf in which its imaginative character enriches the experience of the real animal.

Practices

Human–wolf conflicts in Portugal were portrayed in 80 excerpts referring to persecution, in terms of wolf hunting, which often took the form of extensive game battues, organized locally and involving most villagers:

the younger men of the village gathered in the churchyard. They arrived armed with pitchforks, staves and rifles. When they left, following the smugglers' footpath, right next to the river and the birches, stray dogs had already devoured the remains of the chickens killed by the wolves and the other ones whose necks the women had to cut to put an end to their agony. (Direitinho 2007[1994], p. 25)

This type of community task directed against perceived pests is also described by Knight (2000), and has an historical significance: vanquishing predators and conquering land. In Portugal there are specific traps (“fojos”) used in wolf hunts, which are described in our sample:

... they drove the wolf in the direction of the fojo, two walls a hundred metres long that converged upon a deep pit. The deafening roar of the crowd was mixed in with

the report of firearms. The beast would race, almost without touching its feet on the ground, toward its inexorable fate. (Gago 2010, p. 135)

Such traps are part of a material heritage from medieval times (Álvares *et al.* 2011) and demonstrate the significance of the wolf's persecution for local communities. There is also evidence of shot, poisoned, or beaten wolves. Some descriptions included bounties ($n = 12$), where people were rewarded for killing a wolf. This practice is known from ethnographic research (Galhano-Alves 2000 and interview data from M. L. Fernandes) and is also described in other parts of the world (Knight 2000). In our sample ($n = 6$) it involved the display of the wolf's corpse or its pelt to gather money or food rewards in villages. The animal could also be taxidermized. Practices specific to coexistence with the wolf included the use of dog collars with iron spikes for protection in fights ($n = 5$). A particular practice, described in one literary excerpt, is the use of part of the wolf for veterinary medicinal purposes:

the women scream that they don't want the wolf near the houses, that God will prevent such a disgrace, that the pigs could die of "lobagueira." Speaking of "lobagueira," grandmother needs the gorge ("collar") of the wolf and passes water through it for the piglets [to drink] in the case they catch the disease. .(Bento da Cruz 1973, p. 150)

Here, a dried portion of the wolf's trachea is used to prevent a disease affecting domestic animals, which was thought to be transmitted by wolves (described as "lobagueira," an infection affecting pigs). This special use implies a belief in the simultaneous power of the wolf as the cause and cure of a disease. The knowledge of this old practice seems to be exclusive to certain women of the local community (Álvares *et al.* 2011), members with the role of healers or "specialists" (Frazão-Moreira, Carvalho and Martins 2009), or "local knowledge experts" (Davis and Wagner 2003). Medical use of wolves' organs is also described in Kirghizstan, where parts other than the trachea are used therapeutically for human diseases (Lescureux 2007). Such practices are contextualized within the local cosmivision and associated with human incorporation of the animal's power and characteristics. Similarly, Abreu (1726) and Vasconcellos (1905) described the use in Portugal of wolf teeth as amulets, probably since prehistory, providing evidence for the species' ancestral iconic power.

The domestication of wolves into dogs took place thousands of years ago (Vila *et al.* 1997; Druzhkova *et al.* 2013). Descriptions of domestication attempts further attest to the close relationship of humans with wolves:

Teotónio Louvadeus made him a kind of cage, in a corner, up against the hut (...). They gave him the name of Estudante [Student], (...) maybe because he was joining the school of human-animals. (...) Little by little he became friends with Teotónio, he let him do everything: scratching his head, stroking his back, and stretched out in delight he would let his belly be touched. He rarely showed his teeth. People came from the villages to watch his sideshow. (Ribeiro 1983 [1958], p. 155)

Attempts to tame wolves continued in Portugal during the 1980/90s (personal data from M. L. Fernandes and the Portuguese Wolf Recovery Centre). This impulse can be a desire to own a charismatic creature, but can once more be interpreted as a way to control and tame the “wild.”

Wolf Discourses

We found a predominance of negatively connotative nouns (*e.g.*, wild beast, brute, ruffian, scamp) and adjectives (*e.g.*, ferocious, voracious, despicable, filthy) related to the wolf. Nevertheless our sample also includes ambiguous language when referring to the wolf (*e.g.*, poor and unfortunate) and an ethical discourse in which the wolf's right of existence is defended ($n = 26$).

The Forestry (Department) killed wolves which were one of the most extraordinary expressions of those hills and their favorite offspring. It poisoned them because they were thought to be many and were thought to be useless. Well, the wolf is a character that is indispensable to the hills. To the hills and to life itself. The Marão [range] without them looks more uninhabited and something is missing from the life of the imagination which diminishes man rather than exalting him. (Angelina and Brandão 1985 [1929], p. 53)

These feelings of respect, recognizing the wolf as part of a brotherhood, as well as ideas in favor of the wolf's right to exist or about its intrinsic value might be interpreted as conservationist values. These examples were identified in writings of the first half of the twentieth century and not in contemporary works as might be expected. The nature conservation movement in Portugal only started in the 1960s/70s (Pinto and Partidário 2011), so this earlier ethical view of the wolf might reflect both international

influences (*e.g.*, national parks created abroad, transcendentalism), and individual thoughts of the writers who chose an elegiac view of nature, admiration of the rural lifestyle, and advocacy of a harmonious coexistence of humans and wildlife. Writers who positioned themselves in this category (n=8) had a rural background, and even when their lives took a cosmopolitan course, they preferred to portray rural lifestyles. For these writers, the preservation of nature and wild species in their rural birthplaces is an idea permeated with personal memories and feelings of nostalgia (see also Queiroz *et al.* 2013).

We relate this ethical discourse and expression of admiration toward a controversial predator to the persistence of an ecological knowledge of the species. As Boitani (1995, p. 11) states, “the prolonged coexistence with the wolf allows development of understanding and appreciation of the species as it is.” Lynn (2010) draws attention to discourses about human–wolf relations that can be related to explicit ethical thoughts and implicit moral presuppositions. In our data these ethical and moral implications date back to the beginning of the twentieth century and the discourse reflecting them does not necessarily result from a modern perception of wildlife but rather an ancestral tolerance toward it.

Discussion

Relation with the Wild

Portuguese literature reveals the existence of multiple images of the wolf. It is simultaneously a voracious predator and a well-known creature admired for its strength and intelligence, similar to the “loyal pack member” of North America (Lynn 2010, p. 82). The species' portrait is complex because associated with its presence there are several emotional experiences and an ecological knowledge. This knowledge, originating in rural livelihoods, has persisted in Portugal, allowing humans to closely experience nature.

In terms of symbolism, we highlight that the wolf is: 1) an inspiration for freedom; 2) a scapegoat for all the misfortunes and difficulties of rural life (similar to what was seen in North America, where the wolf was always singled out as the cause of ranchers' financial losses against a backdrop of taming wilderness; Kellert 1996, p.104); and 3) the symbol of the “evil” inside humans or an inner self that humans cannot deal

with. In this sense, persecution is related not only to livestock damage, but also to an ancient rivalry with the super-predator, deeply rooted in symbolic, cultural, and psychological features. As the predatory power of the wolf cannot be controlled by humans, it is perceived as an enemy (Lescureux *et al.* 2011).

This broad range of discourses gives us a better understanding of human–wolf relationships (Lynn 2010), with respect to the interconnections between ways of thinking and acting (Ingold 1992). We believe that rural communities, through time, retained ecological knowledge of the species through contact so they not only feared it but also admired it. As Bath (2009) states, knowledge only sometimes affects attitudes toward wolves, while it plays a bigger role as a predictor of a lack of fear. In fact, Figari and Skogen (2011) also found that the informants who lived within a wolf territory and frequently encountered them rejected the idea of danger and retained admiration for the “noble wolf”.

The analysis of a corpus of literary data widens our understanding of the range of human views of the species. There are not merely polarized negative or positive views but a graduated scale of classification of things in the world (Leach 1964, p. 62). Ambivalence and positivity are part of human–wolf relationships. The Norse creation myth and the founding myth of Rome also contain those characteristics. Sax (2001) mentions the emergence of a complex and more favorable view of wolves after the Middle Ages in certain areas of Europe. We conclude that the inspiration humans get from the wolf is based on the same characteristics that make it an animal to be feared: strength and wildness. It is as if humans need the wolf as a tool to think about the external and internal world (Lévi-Strauss 1962), and need this relationship as part of an ancestral connection with nature and self-image. The wolf as the wild beast might serve the “life of imagination” (Angelina and Brandão 1985 [1929], p. 53), be the necessary monster of the mind (Monbiot 2013, p. 118), enrich the environment that surrounds humans, and personify the fear of the hardships of life, the unknown future, and the ancestral struggle of survival in nature.

Recently, in a Swedish urban context, the wolf became a “power animal”, a spiritual guide for a neo-shamanistic group (Lindquist 2000). In this case the wolf has been converted “from an object of natural fear to a remedy for (social) fear” (Knight 2000). For some in North America, the wolf has gone from being Satan to being a saint, and its image has gained an iconic cachet (Mech 2012). In Portugal the species is

already an emblem, present in logos (e.g., the logo for the Portuguese national rugby team) and a new symbol of the wild. The President of the Wolf Group NGO, for instance, relates wolves to the “lost paradise”, “the wild and free side of life that we have lost and which we are currently trying to revive (...)”⁴² Despite this trend, Portuguese contemporary writers did not follow this discourse in their works. Rather, they perpetuated the image of an admired beast integrated in a rural scenario.

The acknowledgment of the species' right to exist reveals an influence from early twentieth century environmentalism or animal rights' ideas acquired by the writers. These authors were also influenced by a holistic way of seeing the natural world which subsisted in Portuguese rural contexts where wildlife was tolerated and could coexist with human communities. More recently Álvares, Pereira and Petrucci-Fonseca (2000) found that only a minority of local people mentioned wolf extermination as the solution to minimize conflict. This argument agrees with some attitude studies in Europe which show, contrary to what might be expected, that rural residents tend to be more positive toward wolves than less rural or even urban residents (Bath 2009).

This system of *real* and symbolic interactions with the wolf reflects more than just a human–animal relationship. In fact, it illustrates a much broader relationship between people and nature (Bath 2009). The species personifies the struggle with the unknown or untamed “wild.” This inhabitant of wild places, which crosses spatial boundaries (Knight 2000, p. 15) when invading the domestic dominion to prey on sheep, transformed territories into fearful lands, places where humans were at the mercy of an inhospitable nature.

Using the dimensions proposed by Ellen (1996) to analyze human constructions of nature, the wolf would be perceived and culturally constructed as a natural otherness and a force outside human control (“essential axis”). The symbolic connection of the wolf to the domination of wild land and its transformation is also referred to in the Euro-American settlers' conquest of North America: “Wilderness represented an obstacle to subdue, render productive or eliminate altogether. Subjugation of wolves and wild places merged through this ethical prism as an expression of duty” (Kellert 1996, p. 103).

⁴² http://lobo.fc.ul.pt/?page=conteudos/mitos_realidades. Accessed on February 2, 2014.

Following Descola (1996; 2005), the data point to an anthropocentric view of nature, although, as our study indicates, the relationship reveals itself as too complex for only one type of classification. Indeed, the three modes of relationship proposed by this author can be interpreted from our data: “depredation”, because wolves cause damage to humans who, in revenge, hunt them; “reciprocity,” from ethical narratives showing the principle of equivalence between wolves and humans sharing the biosphere; and “protection”, implicit in thoughts about the well-being and defense of the wolf. In summary, the close relationship with the natural world acknowledges reciprocity, mutuality (Ingold 2000), and entanglement (Haraway 2008).

This multiple image of the natural realm in a changing rural world contributes to the understanding of how the environment is constructed, represented, claimed, and contested (Brosius 2006) in Europe. The wolf seems to have played an essential role for communities as part of the wild and a challenge to the human domain. Part of the complex relationship established with this species comprises recognition of its ferocity. In contrast, the wolf portrayed in educational campaigns is a tender and fragile victim of humans, one which needs protection, a new romantic wolf, associated with the “return of the wild”⁴³ (Monbiot 2013) and with a romanticized urban idea of rurality. In terms of conservation efforts, then, discourses from outside rural communities about wolves’ inoffensiveness and their need for protection might not be effective. Local populations might relate more readily to a conservation argument which includes a strong, admirable beast, the one that fascinates. Most important, the wolf still constitutes what DeMello (2012, p. 420) calls “an enduring and necessary link between human and nature”. This wider view of wolf social representations can contribute to a better understanding of persecution and of certain beliefs which persist in rural contexts. It can also be used as a tool to guide communication about wolf conservation. In this sense this study is a contribution from anthropology and humanities to conservation practitioners as well as to professionals designing environmental educational campaigns. Contents and type of language (terms) should include local knowledge and integrate the multiple views of the “beast.” The way local knowledge is integrated into

⁴³ <http://www.standard.co.uk/arts/book/wild-ideas-a-dream-of-boars-bears-and-wolves-back-in-britain-8633779.html>. Accessed on December 6, 2013.

conservation programs is crucial to ensure both the survival of threatened populations of wolves and a collaborative process in which local people play their part.

Finally, this case study is also an example of the role of literary fiction as an ethnographic source as “text was the data (...) and also was the method as ethnographer and informant worked together to establish a translation and elucidate obscurities” (Barber 2007, p. 18). Results highlighted the importance and capacity of writers to describe or “say the world” (Bensa and Pouillon 2012).

Acknowledgements

Dr. Luka Clarke revised the text and kindly made free translations of the literary excerpts presented. Important revisions of Prof. Tonia Payne, Prof. Margarida Fernandes, Clara Espírito-Santo and an anonymous reviewer improved greatly the original manuscript. We are grateful to all the readers that contributed to the LITESCPE.PT database. This work was supported by FCT—Foundation for Science and Technology in Portugal under Grant [PEst-OE/ELT/UI0657/2011] and under Grant [SFRH/BD/75769/2011].

References

- Abreu, Brás Luis de. 1726. *Portugal Médico*. Coimbra: Officina de Joam Antunes.
- Álvares, F. and Domingues J. 2010. Historical presence of brown bear in Portugal and evidence of its relation with human communities. *Açafa online* 3. http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n3.asp.
- Álvares, F., Domingues, J., Sierra, P. and Primavera, P. 2011. Cultural dimension of wolves in the Iberian Peninsula: Implications of ethnozoology in conservation biology. *Innovation: The European Journal of Social Sciences* 24(3): 313–331.
- Álvares, F., Pereira, E. and Petrucci-Fonseca, F. 2000. O lobo no Parque Internacional Gerês-Xurés. Situação populacional, aspectos ecológicos e perspectivas de conservação. *Galemys* 12: 223–239.
- Alves, D. and Queiroz, A. I. 2015. Exploring literary landscapes: From texts to spatiotemporal analysis through collaborative work and GIS. *International Journal of Humanities and Arts Computing* 9 (1): 57–73.
- Andersone, Z. and Ozolinš, J. 2004. Public perception of large carnivores in Latvia. *Ursus* 15(2): 181–187.
- Angelina, M. and Brandão, R. 1985 [1929]. *Portugal Pequeno*. Lisboa: Veja.
- Arluke, A. and Sanders, C. 1996. *Regarding Animals*. Philadelphia, PA: Temple University Press.

Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature

Barber, K. 2007. *The Anthropology of Texts, Persons and Publics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bath, A. 1998. The role of human dimensions in wildlife resources research in wildlife management. *Ursus* 10: 349–355.

Bath, A. 2009. Working with people to achieve wolf conservation in Europe and North America. In *A New Era for Wolves and People: Wolf Recovery, Human Attitudes, and Policy*, 173–199, eds. M. Musiani, L. Boitani and P. C. Paquet. Calgary: The University of Calgary Press.

Bensa, A. and Pouillon, F. 2012. *Terrains d'écrivains, Littérature et ethnographie*. Éditions Anacharsis.

Bento da Cruz. 1973. O Serão e os Lobos. In *Contos de Gostofrio*. Porto: Livraria Paisagem.

Bobbé, S. 2002. *L'ours et le loup: Essai d'anthropologie symbolique*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

Boitani, L. 1995. Ecological and cultural diversities in the evolution of wolf–human relationships. In *Ecology and Conservation of Wolves in a Changing World*, 3–11, ed. L. N. Carbyn and D. R. Seip. Alberta: Canadian Circumpolar Institute.

Brosius, J. P. 2006. Common ground between anthropology and conservation biology. *Conservation Biology* 20(3): 683–685.

Castelo Branco, C. 1980 [1879]. *Eusébio Macário*. Porto: Lello e Irmão.

Cronon, W. 1995. The trouble with wilderness; or, Getting to the wrong nature. In *Uncommon Ground: Rethinking the Human Place in Nature*, 69–90, ed. W. Cronon. New York: W. W. Norton e Company.

Davis, A. and Wagner, J. R. 2003. Who knows? On the importance of identifying experts when researching local ecological knowledge. *Human Ecology* 31: 463–489.

DeMello, M. 2012. *Animals and Society: An Introduction to Human–Animal Studies*. New York: Columbia University Press.

Des Chene, M. 1997. Locating the past. In *Anthropological Locations, Boundaries and Grounds of a Field Science*, 66–85, ed. A. Gupta and J. Ferguson. London: University of California Press.

Descola, P. 1996. Constructing natures: Symbolic ecology and social practice. *Nature and Society: Anthropological Perspectives*, 82–102, ed. P. Descola and G. Pálsson. London: Routledge.

Descola, P. 2005. Rapport à soi, rapport à l'autre. In *Par-Delà Nature et Culture*, 163–180. Paris: Gallimard.

Direitinho, J. R. 2007[1994]. *Breviário das Más Inclinações*. Lisboa: Asa.

Druzhkova, A. S., Thalmann, O., Trifonov, V. A., Leonard, J. A., Vorobieva, N. V., Ovodov, N. D., Graphodatsky, A. S. and Wayne, R. K. 2013. Ancient DNA analysis affirms the canid from Altai as a primitive dog. *PLoS ONE* 8(3): e57754.

- Ellen, R. 1996. The cognitive geometry of nature: A contextual approach. In *Nature and Society. Anthropological Perspectives*, 103–123, ed. P. Descola and G. Pálsson. London: Routledge.
- Estevão, J. A. 1983. A floresta dos baldios. *Análise Social* XIX (77-78-79): 1,157–1,260.
- European Wilderness Society 2013. Wolf mountains—wilderness in Europe. <http://wilderness-society.org/>. Accessed on August 16, 2014.
- Fernandes, M. 2004. *Hora di Bai: Os Cabo-verdianos e a Morte. Uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*. Lisboa: Vega.
- Ferreira de Castro, J. 1968[1934]. *Terra Fria*. Lisboa: Guimarães e C^a.
- Figari, H. and Skogen, K. 2011. Social representations of the wolf. *Acta Sociologica* 54(4): 317–332.
- Frazão-Moreira, A., Carvalho, A. M. and Martins, M. E. 2009. Local ecological knowledge also “comes from books”: Cultural change, landscape transformation and conservation of biodiversity in two protected areas in Portugal. *Anthropological Notebooks* 15(1): 27–36.
- Gago, A. 2010. *Rio Homem*. Lisboa: Edições Asa.
- Galhano Alves, J. P. 2000. *Vivre en Biodiversité Totale: Des Hommes, des Grandes Carnivores et des Grandes Herbivores Sauvages. Deux études de cas: Loups au Portugal, Tigres en Inde*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Gallagher, P. 1994. “Coo-wha-chobee”—The cultural significance of the Florida panther to Native Americans. In *Proceedings of the Florida Panther Conference*, ed. Dennis Jordan. Washington, DC: U.S. Fish and Wildlife Service.
- Ghimire, K. B. and Pimbert, M. P. eds. 2013. *Social Change and Conservation*. London: Routledge.
- Godelier, M. 1978. La part idéelle du réel. Essai sur l'idéologique. *L'Homme* XVIII (3-4): 155–188.
- Goldman, H. and Walsh, M. 1997. A leopard in jeopardy: An anthropological survey of practices and beliefs which threaten the survival of the Zanzibar leopard (*Panthera pardus adersi*). *Zanzibar Forestry Technical Paper* 63.
- Goldman, M. J., de Pinho, J. R. and Perry, J. 2013. Beyond ritual and economics: Maasai lion hunting and conservation politics. *Oryx* 47(4): 1–11.
- Hanzendock, N., Brinkhuijsen, M., Jong, Ch., de Jonge, H. and Sijmons, D. 2013. *Report on Landscape and leisure. 7th Council of Europe Conference on the European Landscape Convention*. Strasbourg: Council of Europe.
- Haraway, D. J. 2008. *When Species Meet*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- He, C. 2009. Poetic wolves and environmental imagination: Representations of wolf in recent Chinese literature. *Neohelicon* 36: 397–410.

Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature

Ingold, T. 1992. Culture and the perception of the environment. In *Bush Base: Forest Farm: Culture, Environment, and Development*, 39–56, ed. E. Croll and D. Parkion. London: Routledge

Ingold, T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

Jesse, L. 2000. *Wolves in Western Literature*. University of Tennessee Honors Thesis Project. http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1391&context=utk_chanhonoproj. Accessed on June 3, 2014.

Kellert, S. R. 1996. *The Value of Life: Biological Diversity and Human Society*. Washington, DC: Island Press.

Knight, J. 2000. Introduction. In *Natural Enemies: People–Wildlife Conflicts in Anthropological Perspective*, 1–35, ed. J. Knight. London: Routledge.

Knight, J. 2006. *Waiting for Wolves in Japan: An Anthropological Study of People–Wildlife Relations*. Honolulu, HI: University of Hawai'i Press.

Latour, B. 2004. *Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy*. London: Harvard University Press.

Leach, E. 1964. Anthropological aspects of language: Animal categories and verbal abuse. In *New Direction in the Study of Language*, ed. E. H. Lenneberg. Cambridge, MA: The MIT Press.

Lemos, E. 1997. Animais (Os) como tema literário. In *Dicionário de Literatura—1º volume A/E*, 56–57, ed. J. P. Coelho. Porto: Mário Figueirinhas Editor.

Lescureux, N. 2007. *Maintenir la réciprocité pour mieux coexister? Ethnographie du récit kirghiz des relations dynamiques entre les hommes et les loups*. PhD thesis, Paris, Muséum National d'Histoire Naturelle, France.

Lescureux, N., Linnell, J. D. C., Mustafa, S., Melovskia, D., Stojanova, A., Ivanova, G., Avukatova, V., von Arxa, M. and Breitenmoser, U. 2011. Fear of the unknown: Local knowledge and perceptions of the Eurasian lynx *Lynx lynx* in western Macedonia. *Oryx* 45(4): 1–8.

Lévi-Strauss, C. 1962. *Le totémisme aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lindquist, G. 2000. The wolf, the Saami and the urban shaman: Predator symbolism in Sweden. In *Natural Enemies: People–Wildlife Conflicts in Anthropological Perspective*, 170–188, ed. J. Knight. London: Routledge.

Lopes Fernandes, M. e Frazão Moreira, A. 2015. Lince-ibérico: o grande gato no real e no imaginário. In *L'animal dans le monde lusophone: du réel à l'imaginaire*. eds J. Penjon and C. Pereira. Paris. Presses Sorbonne nouvelle.

Lopez, B. 1978. *Man and Wolves*. New York: Scribner.

- Lynn, W. S. 2010. Discourse and wolves: Science, society, and ethics. *Society e Animals* 18: 75–92.
- Majic, A. and Bath, A. J. 2010. Changes in attitudes toward wolves in Croatia. *Biological Conservation* 143(1): 255–260.
- Marvin, G. 2012. *Wolf*. London: Reaktion Books.
- Mech, L. D. 2012. Is science in danger of sanctifying the wolf? *Biological Conservation* 150: 143–149.
- Mech, L. D. and Boitani, L. 2003. Wolf social ecology. In *Wolves: Behavior, Ecology, and Conservation*, 1–34, ed. L. D. Mech and L. Boitani. Chicago: University of Chicago Press.
- Monbiot, G. 2013. *Feral: Searching for Enchantment on the Frontiers of Rewilding*. London: Penguin.
- Morais, A. 2005. *B.I. do Lobo*. Lisboa: Apenas Livros.
- Moreira, L. 1998. *O Lobo no nordeste de Trás-os-Montes*. Viseu, João Azevedo Editor.
- Moscovici, S. 1984. The phenomenon of social representations. In *Social Representations*, 3–69, ed. R. Farr and S. Moscovici. Cambridge: Cambridge University Press.
- Musiani, M., Boitani, L. and Paquet, P. C. eds. 2009. *A New Era for Wolves and People: Wolf Recovery, Human Attitudes, and Policy*. Calgary: University of Calgary Press.
- Pedroso, J. C. 1988. *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e Outros Escritos Etnográficos*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, Portugal.
- Petrucci-Fonseca, F. 1990. *O lobo (Canis lupus signatus Cabrera, 1907) em Portugal. Problemática da sua conservação*. PhD thesis, Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Pinto, B. and Partidário, M. 2011. The history of the establishment and management philosophies of the Portuguese protected areas: Combining written records and oral history. *Environmental Management* 49(4): 788–801.
- Pires Cabral, A. M. 1992 *Crónica da Casa Ardida*. Editorial Notícias.
- Queiroz, A. I. 2005a. *Os animais nos cenários literários aquilínianos*. Coleção “À mão de respigar”. Lisboa: Apenas Livros.
- Queiroz, A. I. 2005b. Building landscape memory through combined sources: Commons afforestation in Portugal. In *From Landscape Research to Landscape Planning: Aspects of Integration, Education, and Application*, 335–344, ed. B. Tress, G. Tress, G. Fry and P. Opdam. Dordrecht: Springer.
- Queiroz, A. I., Lopes Fernandes, M. and Soares, F. 2013. The Portuguese literary wolf. *Literary and Linguistic Computing* 28(4): 1–17.
- Ragache, C. 1989. *Os Lobos—Mitos e Lendas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature

Rheinheimer, M. 1995. The belief in werewolves and the extermination of real wolves in Schleswig-Holstein. *Scandinavian Journal of History* 20(4): 281–294.

Ribeiro, A. 1935. António das Arábias e o seu cão Pilatas. In *Quando ao Gavião Cai a Pena*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, A. 1968 [1944]. *O Homem da Nave*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, A. 1974 [1957]. *A Casa Grande de Romarigães*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ribeiro, A. 1983 [1958]. *Quando os Lobos Uivam*. Lisboa: Livraria Bertrand.

Robisch, S. K. 2009. *Wolves and the Wolf Myth in American Literature*. Reno, NV: University of Nevada Press.

Roque, S., Álvares, F. and Petrucci-Fonseca, F. 2001. Utilización espacio-temporal y hábitos alimentarios de un grupo reproductor de lobos en el Noroeste de Portugal. *Galemys* 13: 179–198.

Sax, B. 2001. *The Mythical Zoo: An Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend, and Literature*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO.

Singer, P. 1995. *Animal Liberation*. London: Pimlico.

Speidel, M. 2004. *Ancient Germanic Warriors: Warrior Styles from Trajan's Column to Icelandic Sagas*. London: Routledge.

Vasconcellos, J. L. 1882. *Tradições Populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel e Ca.

Vasconcellos, J. L. 1905. *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Vergílio Ferreira, J. 1979 [1949]. *Mudança*. Amadora: Livraria Bertrand.

Vila, C., Savolainen, P., Maldonado, J. E., Amorim, I. R. and Rice, J. E. 1997. Multiple and ancient origins of the domestic dog. *Science* 276: 1,687–1,689.

Capítulo VI: A (in)visibilidade do Lince-ibérico: De nocivo a emblema da conservação⁴⁴

The (In)visibility of the Iberian Lynx From Vermin to Conservation Emblem

Margarida Lopes-Fernandes and Amélia Frazão-Moreira

Abstract

Not much is known about how the cultural image of predators has been constructed in Western contexts and changed through time. This article reviews representations of lynx in Western Europe. A ‘cultural map’ of lynx in historical contexts is presented, and the ‘social visibility’ of the Iberian lynx in Portugal explored. Since prehistoric times the lynx has been an inspiration, an amulet, a creature gifted with extraordinary capacities but also a food item, and a ‘vermin’ to eliminate. Recently, the Iberian lynx has become a global conservation emblem; once a noxious predator, it is now a symbol of wilderness. Examples show how the species acquired visibility and has been appropriated in contemporary contexts such as logos, ‘green’ marketing, urban art or political campaigns. There is also evidence of a new identity construction in Portuguese rural areas where lynx is being reintroduced, exemplifying a process of objectification of nature.

Keywords: Animal representations, human-nonhuman relationship, lynx, nature objectification, predator perceptions

Ecosystems and species are both under the influence of cultural perceptions and values. Under the concept of biocultural memory, several dimensions such as the histories of humanity and of nature are integrated, so there is a possibility of understanding, evaluating and valuing the historical experience (Toledo and Barrera-Bassols 2008).

⁴⁴ Artigo publicado na revista *Anthropological Journal of European Cultures*, 2016

The relationship between humans and nature has been a theme approached by anthropologists (*e.g.* Ingold 1988; Milton 2002); however, the specific cases of species under special conservation concern have not been much studied within anthropological frameworks. Frequently environmental processes are also targeted by the discipline, but often specifically about disputes over territories and the rights of government/local groups (*e.g.* Santamarina Campos and Ramiro 2013).

The cultural significance of nonhuman animals has been analysed, mostly from a historical perspective (*e.g.* Kalof and Pohl-Resl 2007), and also in terms of human and nonhuman animal relationships (*e.g.* Mullin 1999), but with less emphasis on specific wild species. Saunders (1998) found that large felines ('big cats') are the species most commonly mentioned to evoke a diversity of cultural responses across the world and that among carnivores, felines have had a profound effect on human sensibilities since the beginning of recorded time. In fact, the oldest known sculpture made by human hands is a feline anthropomorphic figure (Wynn *et al.* 2013), denominated the 'lion-man' and carved from mammoth tusk in Ulm, Germany, more than forty thousand years ago (Dalton 2003). Its role as a religious or other object is still unclear, but the choice of the lion can be taken as evidence of a significant early link between humans and wild felids. The studies of Gallagher (1994) and Goldman and Walsh (1997) also report cultural aspects related to 'panthers' in American (puma, cougar) and African (leopard) contexts, probably reminiscent of strong bonds with native people there. However, the understanding of representations of certain species, namely, emblematic ones, and their significance and visibility within historical and contemporary frameworks has not been analysed. Such was the aim of the present article.

The Iberian and Eurasian lynx species (*Lynx pardinus* and *Lynx lynx*) are two of the last wild felines extant in Western European ecosystems. Lynxes are discrete and apparently less well-known than other large carnivores (Lescureux *et al.* 2011) that have often been seen as problematic species due to their economic impact on humans. The Iberian lynx is a species endemic to the Iberian Peninsula (Breitenmoser *et al.* 2015), with only two main populations living in the wild (Simon *et al.* 2012). Presently there are new occurrence areas due to reintroduction efforts in Portugal and Spain (Iberlince LIFE+ project, and therefore a new scenario of coexistence with people emerges. In Portugal there have been no resident populations of Iberian lynx since the

end of the twentieth century (Pires and Fernandes 2002; Queiroz *et al.* 2005; Sarmiento *et al.* 2009). Although much literature covers its ecology, population dynamics and genetics, the cultural dimension of this species through iconography, representations and other material evidence have not yet been studied. This article analyses those aspects from an anthropological point of view, in the sense that Godelier (1978) defines representations as interpretations from which human thought organises relationships among humans and with nature.

We review the visibility of the lynx in cultural terms, exploring representations from the past and human uses in Western Europe. Understanding representations of a wild species in the past, and appropriations in the present, contributes to a better comprehension of the relationship between humans and wild predators. Knowing collective memories is important to contextualise the Portuguese case in the present and our exploration of the reintroduction of the Iberian lynx.

Methods

We gathered information on representations of lynx (*Lynx sp.*) in a European historical context, which mainly referred to the lynx species occurring in the respective territory – either *Lynx lynx* or *Lynx pardinus* – although this was not possible to discriminate. Although Eurasian lynx is, in scientific terms, after the twentieth century, a separate species from the Iberian lynx, the representations and symbolism around these felids were shared in Western European and Mediterranean culture, and there is no evidence that people differentiated them through time.

We considered past uses, material patrimony or descriptions of the species. We searched for representations of lynx from European contexts, namely, in the following sources: archaeological archives, bestiaries and classical works, natural history compendia, museum art collections and lynx representations publicly available through the Internet. It was not an exhaustive collection, but it comprises a time framework from prehistory onwards.

Through observation of monuments, heraldry, paintings, and contemporary items (*e.g.* logos), we explored the Portuguese case, also using the literary database “Atlas das paisagens literárias de Portugal continental” to look for references to the species in twentieth-century Portuguese fiction.

During ethnographic work that took place in rural southern Portugal between 2012 and 2014 in the lynx historical occurrence areas of Moura-Barrancos and Guadiana, ninety-four interviews were conducted. During that fieldwork we also enquired about local stories with lynx and looked for local representations of the species.

Results

Earlier Days: Food and Symbolism

‘Nos Aper auditu, lynx visu, simia gustu, Vultur odoratu, precellit Aranea tactu’ [They are superior: in the wild boar, the audition, in the lynx, the vision, in the simians, the taste, in vultures, the smell and in the spider, the touch]

—B. Abreu, *Portugal Médico*

Table 1 summarises a review of known material evidence and lynx representations throughout history in Europe. This compilation refers to European lynx as well as Iberian lynx living in Europe, and it shows that people retain representations and beliefs of both species until modern times. In fact, a citation from 1855 says: ‘The lynx from Europe is not found anywhere else but the Algarve, Portugal’ (Toussanel, in Callou 2008).

We did find some data from prehistory in Iberia and Central Europe (Figure 1 and Table 1). A lynx bone dating from 7500 BCE found in Portugal is one of the few pieces of material evidence concerning the contact between lynxes and humans (Figure 1, no. 1). It was found in the coastal area of Muge (Portugal) and shows cut marks and use of fire, indicating that the lynx fur was probably used and that the meat might have been consumed by humans (Cleia Detry and Simon Davis, pers. comm. 2012; Fernandes *et al.* 2012). The community of hunter-gatherers at this site was described as a wild rabbit consumer due to local rabbit abundance, and this is also the main prey of lynx in Iberia. Callou (2008) also refers to the earlier consumption of Iberian lynx in France during the Paleolithic era. People might have seen the lynx at this time as a competing predator and could already have held an attitude of dominance towards wildlife. Vigne (2011) categorises this phase of prehistory, when domestication occurred, as a period of intensification in the relationship between nonhuman animals

and humans. The author argues that to start the process of nonhuman animal domestication implies that at some stage humans gave themselves permission to control nature. This suggests that to become a dominant species, humans had to radically change their ‘horizontal’ conception of the world into a ‘vertical’ one. Humans were beginning to see themselves within a hierarchical order dominated by divinities, placing themselves above nonhuman animals and plants, which in turn allowed them to dominate or even kill them. This aspect might have characterised the beginning of human-lynx relationships in Western Europe. Indeed, most examples of lynx presence in human culture contain a focus on human interests as central in their relationship with wild species. Lynx is often represented as either useful or not useful to humans, an expression of utilitarianism. Furthermore, there is the aspect of human dominion over wild species, as the lynx was a hunted species and often a trophy throughout Europe.

On the other hand, there is much symbolism associated with lynxes: these animals were used in Norse burials (table 1, example 10), and they were believed to possess extraordinary capacities, acute vision and medicinal properties (table 1, examples 7, 12, 13 and 16). Roman army indumenta used the lynx as a power icon, among other species such as the eagle, possibly related to beauty and strength (figure 1, n°5). Lynx was also a symbol of omniscience in Christian religion (table 1, example 12) and adopted by the *Accademia dei lincei*, a precursor of natural history academies.

In the case of the *Accademia dei lincei* (see Table 1, no. 14; Figure 1, no. 16), the lynx is a symbol of the new scientific method and can even be related to the creation of the telescope, an *Accademia* instrument. Lüthy (1996), on this subject, advances that the wish (of the *Accademia*) to look further refers to the ‘interior eye of the intellect’ from a metaphorical point of view, but is also related to the initial interest in the telescope and its invention. At the time, Giambattista Della Porta had supported the production of an instrument ‘to see far and spectacles that could distinguish a man several miles away’ (Lüthy 1996). This invention, originally inspired by the lynx’s legendary vision, revolutionised science and the epoch.

Table 6.1 – Lynx representations through history in European context

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
1	Archaeology	Paleolithic	Schematic image of a lynx in the cave of Parpalló (Valencia). It is the contour of a head of a lynx seen in profile. Another figure from Iberian Peninsula but interrogated. Engraving of lynx in Madeleine, Dordogne, France.	Boule 1912 Breuil 1933 Tosello 2003	There are doubts about the identification of this image being a lynx. It was however later found, in the same cave, bone vestiges of the species, and therefore it was not unlikely that artists of Palaeolithic represented it (Garcia 1942). Animals chosen in artistic representations of pre-history are not necessarily reproductions of the environment that surrounded humans. Otherwise absent from known Iberian cave paintings (Marguerita Diaz, pers.com, 2012). Probably the only known lynxes in Paleolithic art.
2	Archaeology	Neolithic	Amulets of lynx teeth and claws in the old region of Jütland. Perforated lynx teeth in an cave in Portugal Cabeço da Arruda (Torres Vedras).	Kempf <i>et al.</i> 1979 Ferreira and Trindade 1954	Amulets made from animal parts are objects used since pre-history and have the potential of indicating that the species are considered special. Parts of the animal, for their users, transform into the whole animal with all its special attributes and cultural meanings. Teeth of deer, wolf, bear and lion had a particular significance in that aspect (Choyke 2010). The use of Lynx amulets is mentioned much later in history (see Medicine).
3	Greek Mythology	Classical Greece 4th-5th century BC	<i>“At evening, as [Pan] returns from the chase, he sounds his note ... On his back he wears a spotted lynx-pelt, and he delights in high-pitched songs in a soft meadow where crocuses and sweet-smelling hyacinths bloom at random in the grass.”</i>	The Homeric Hymns and Homerica	Pan was a shepherd god, of the woods and pasture land, protector of shepherds and sheep flocks. He lived on <i>Lycaeus</i> Mountain, and he provided a good hunt of wild animals to hunters (Graves 1966). We suggest that the presence of the skin fur is a representation of the importance of the hunt of the “lycaeus”, the conquest of the wild and the protection of humans.
4	Greek Mythology	Classical Greece 4th-5th century BC	Lynceus is a character in different myths, one of which he is one of the Argonauts and participate in the hunt of Caledonian Boar. He is known to have an excellent vision, capable of seeing under the ground. Lyncus was also a king who attacked Triptolomeus with jealousy and was	Ovid’ metamorphoses Book 5: 642–678 Dumont Le Romain, 1732 Musee du Louvre	This symbolism of extraordinary vision perseveres until nowadays popularized by the expression “to have lynx eyes”. A human transformed into a lynx by a divinity can signify a punishment, and it can also allude to the ferocity and predatory characteristic seen in the lynx.

THE (IN)VISIBILITY OF THE IBERIAN LYNX

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
			turned into a lynx by Ceres. The scene is depicted in a painting by Dumont (18th century).		
5	Greek Mythology		Lynxes are mentioned as one of the species of beasts drawing the chariot of Dionysus.	Virgil, Georgics III, 264 in Toynbee (1973)	Dionysus or Bachus has other representations associated to felines and he can symbolize everything which escapes human reason, is dangerous and unexpected. The lynx here is chosen for being seen as an exotic wild species. Although there was not yet a systematic classification its identification as a felid is implicit and its closeness with panthers, tigers or lions is recognized.
6	Geography	5th century BC	Lyncestis a region of Macedonia, which means the land of the lynx. The tribes of this region were known as Lynkestai. An ancient Greek city was founded by Philip II after conquering the region – Heraclea Lyncestis. (Figure 1 image 8) Polish considered Lynx as their ancestor.	Strabo geography 7.7 Jaric 2010 Milenkovic 2008	Example of identity construction after the lynx for an ancient European tribe and a region where lynxes were presumably common.
7	Medicine and Alchemy	1st century AD 7th century AD	The lynx urine solidified was denominated <i>lyncurius</i> and described as a precious stone similar to amber. “The urine of lynxes solidifies into drops like carbuncles, coloured like flame; this substance is called "lynx-water". (see also image 11 Figure 1) <i>“It is said that he (lynx) converts its urine in solid precious stones. It is proved that lynxes themselves know it and because of its jealous nature, protect it ... the fluid produced in deserted places, in a way that cannot be used by humans.”</i> This crystalized product was known in all Europe and would have the propriety of	Pliny the Elder (Natural History, Book 8, 28) Isidore of Seville (Etymologies, Book 12, 2:20) in Throop 2005 Kempf <i>et al.</i> 1979	Example of anthropomorphism. The animal is represented with mysticism and nature was seen with centrality in humans, from the utilitarian point of view

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
			curing bladder stones or to cure jaundice.		
8	Ornamentation	Late 1st century BC Late 12th or early 13th century	Drinking horn depicts the forepart of a desert lynx, clutching a cockerel in his paws. Iran or Central Asia, Silver with gilding. The museum legend explains that M. Pfrommer pointed out the collar on the lynx suggests a tamed animal, possibly used for hunting, is depicted here. Pfrommer further indicated that, although the theme is based on an Achaemenid concept, the style follows Greek standards. (Figure 1, image 9) Incense burner or pomander in the shape of a lynx. Iran. Copper alloy, cast, with engraved and openwork decoration. Height: 27 cm. (Figure 1, image 13)	The Miho Museum Kyoto, Japan www.miho.or.jp/english/collect/collect.htm Exhibited in "The Arts of Islam. Masterpieces from the Khalili Collection" @ Institut du Monde Arabe, Paris. elopedelart.canalblog.com/archives/2009/09/22/15154803.html Louvre museum exhibits a similar piece identified as a lion	Although the animal in Kyoto Museum is identified as a desert lynx (caracal) and the incense burner as a lynx, Iran was part of the former range for both Eurasian lynx and Caracal (Sunquist and Sunquist 2002) The size of the tail in the incense burner would be more likely a caracal but it still is a lynx representation showing possible domestication (there are recent examples of caracals used to hunt) and possibly the appreciation of beauty and artfulness of the animal justifying the choice for the piece. The tradition of incense burners came from Asia and they were used for ritual, therapeutic or religious reasons. These objects were usually embellished with animals and mythical creatures and the lynx was the chosen species in these cases of Middle East pieces.
9	Ornamentation	2nd century AD - Trajan	Roman statues of soldiers and emperors in which the armour has a lynx head in <i>pterigia</i> . (Figure 1, image 5)	Piece nº. 1091, Guarda Museum, Portugal Piece no. 1848, Verona, Archaeological Museum Cuirassade statue J. Paul Getty Museum	Symbolism of wild species for romans probably related to qualities such as astuteness, strength and beauty attributed also to lynx.
10	Archaeology	8th century AD	Claw phalanx of a lynx found in inhumation burial of two decapitated sacrificial victims buried with an intact human. Lynx fur in graves.	Grave in Sweden, Viking period (Prehal 2011)	Lynx as a sacrificial animal like other cats who are buried as well with humans. Association to goddess Freya (Bates and Liddiard 2013). Jennbert (2006) refers to the use of lynx fur in graves after Bronze Age and how some elements in Scandinavian mythology were a merger of nature and culture.
11	Natural History	13 th -14 th century	Illustrations in European Bestiaries showing the lynx emitting a stream of	Kongelige Bibliotek Gl. kgl. S. 1633 4 ^o , Folio 6r	The real and imaginary lynx is portrayed here. Bestiaries were compilations not only on observation of animals but also of accumulated folklore, legend, pseudoscience

THE (IN)VISIBILITY OF THE IBERIAN LYNX

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
			urine which is turning into stone (Figure 1, image 11) Illustration from hunting book describing the lynx as serval wolf and comparing it to a leopard (Figure 1, image 14)	Bibliothèque Nationale de France, lat. 6838B, Folio 4r Bodleian Library, MS. Douce 88, Folio 8r http://bestiary.ca/beasts/beast135.htm Livre de la chasse Gaston Phebus 1389 in Callou 2008	(Flores 1996). The alchemy practices and precious stones importance of the epoch is probably why the production of such material is the characteristic about the lynx which is repeatedly illustrated Description of lynx big as a wolf, feeding on chickens and livestock and therefore with a “bad bite” (anthropocentric view). Association of lynx to other wild cats (taxonomy), and exotic species such as the leopard
12	Religion	Middle Ages	It was known that the vision of a lynx had the power to see across opaque bodies. By that reason the lynx is referred as symbol of omniscience and vigilance of Christ to whom nothing escapes	(Reau 1955)	The belief of the special vision of the lynx is appropriated by religion to symbolize a characteristic of Christianity
13	Natural History	16 th century	Symbol of <i>Accademia dei Lincei</i> a science academy founded in 1603. The group of scholars adopted the philosophy of the work <i>Magiae naturalis</i> which shows an illustration of the felid in cover and has the following preface "...with lynx like eyes, examining those things which manifest themselves, so that having observed them, he may zealously use them" (Figure 1, image 16)	(Della Porta 1597) (Clubb 1965)	An additional interpretation of the lynx vision. In this example the quality attributed to the animal is related with the scientist capacity, a methodology based on careful observation.
14	Astronomy	17 th century	There is a star constellation named after the lynx. Hevelius in 1690 explain that to observe the lynx constellation have to have “lynx eyes” as the stars which compose it are not very visible. (Figure 1,	(Olcott 1911)	Relation to nature, to ecological knowledge about lynx vision and to imaginative representation

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
			image 18)		
15	Natural history	17 th century	A Spanish Physician Hernandez wrote up his studies of the plant lore of the Aztecs in <i>Rerum Medicarum Novae Hispaniae</i> . It includes the first European depiction of a tropical orchid. Which he called the "Lynx flower" (pág.266), (modern name is <i>Stanhopea hernandezii</i>). The reference to the Lynx was probably based on the spotting of the flowers and their colour scheme. (Figure 1, image 15)	(Hernandez 1671)	Iberian lynx was a known species to scholars and the appreciation of its pelage inspired the inventory of new species. It is adopted a systematic type of classification of natural beings based on comparison and look alike morphology.
16	Medicine	17 th century	Medicinal use of lynx fat (enxundia) and claws: " <i>The Enxudia is convenient in weak members (...) the Claw: specially from the right foot pollex brought in silver ring or gold in a way that touches skin it is an amulet from epilepsy and to spasm</i> "	(Schröder, 1644) (Abreu, 1726)	Belief in curative powers and amulets persisted through time. The lynx was seen as a species with special powers and relationship with fauna had a magical facet.
17	Art	16 th century	In Leonardo da Vinci painting the pelt that wraps John the Baptist's body is identifiable as that of a lynx	(Masseti and Veracini 2010)	Some historians believe that the animal skin was added at a later date by another painter during a process of re-identifying the work as Bacchus (Clark 1939). This might be related to portraits of Greek gods referred above
18	Art	18 th century	There is a lynx sculpture in Vatican museum. The display in the Hall of the Animals was set up under Pope Pius VI with the aim of creating a 'stone zoo' (Figure 1, image 17)	http://mv.vatican.va/3_EN/pages/MPC/MPC_Sala03.html	This piece is quite a naturalistic representation and is not in interaction with other animals or with heroes of the ancient world as others. The choice of the works was to do with their relation with nature or hunting.
19	Natural History	19 th century	Naturalistic description and illustration of Iberian Lynx by zoologist: " <i>In the south of Europe the ordinary lynx is replaced by the pardel lynx (Lynx</i>	Brehm (1864)	Concern with details and taxonomy differentiation. Naturalistic illustration with animal portrayed on tree – natural environment but with an aggressive posture which enhances ferocity of predators as they were seen

THE (IN)VISIBILITY OF THE IBERIAN LYNX

	Theme	Era	Description	Reference	Comments
			<p><i>pardinus</i>). This is much smaller than its more northerly residing cousin, for its body length reaches 1 meter at most. It is distinguished by the shortness of its pelt, its relatively very long sideburns and the long hair tassels on its ears, and also by the very different, more composite coat pattern.” (Figure 1 image 19)</p>		

Some of the representations, namely, during the Greco-Roman period (Figure 1, nos 3–6), also reveal a close connection of humans with nature. Until the twentieth century the lynx, along with other wild predators, was simultaneously a real and an imaginary creature for people.

In the Middle East (see Table 1, examples 8), the lynx was chosen as an ornament for incense burners, an exquisite example of elegant representations of wild fauna (Figure 1 image 13). In another example, a lynx in a drinking horn, movement and details represent the agility and capacity of the predator capturing prey (Figure 1 image 9). This piece also reveals knowledge and close observation of the animal in the wild and its habits.

The knowledge about the real lynx together with mystical beliefs coexists in time until a more rational discourse in the nineteenth century is noted. In an example from a Portuguese book about nonhuman animals, a description deconstructs that the lynx that saw through walls and produced precious stones through its urine (for this see Table 1, no. 7) was a ‘fabulous lynx, imaginary, which had nothing in common with the real lynx although it has a keen vision and is as clean as a domestic cat’ (Travassos Lopes 1899: 38).

Overall, the compilation of lynx examples through time shows a discreet presence of lynx in different cultural thematic areas, from Greek mythology to medicine and Middle Eastern ornamentation.

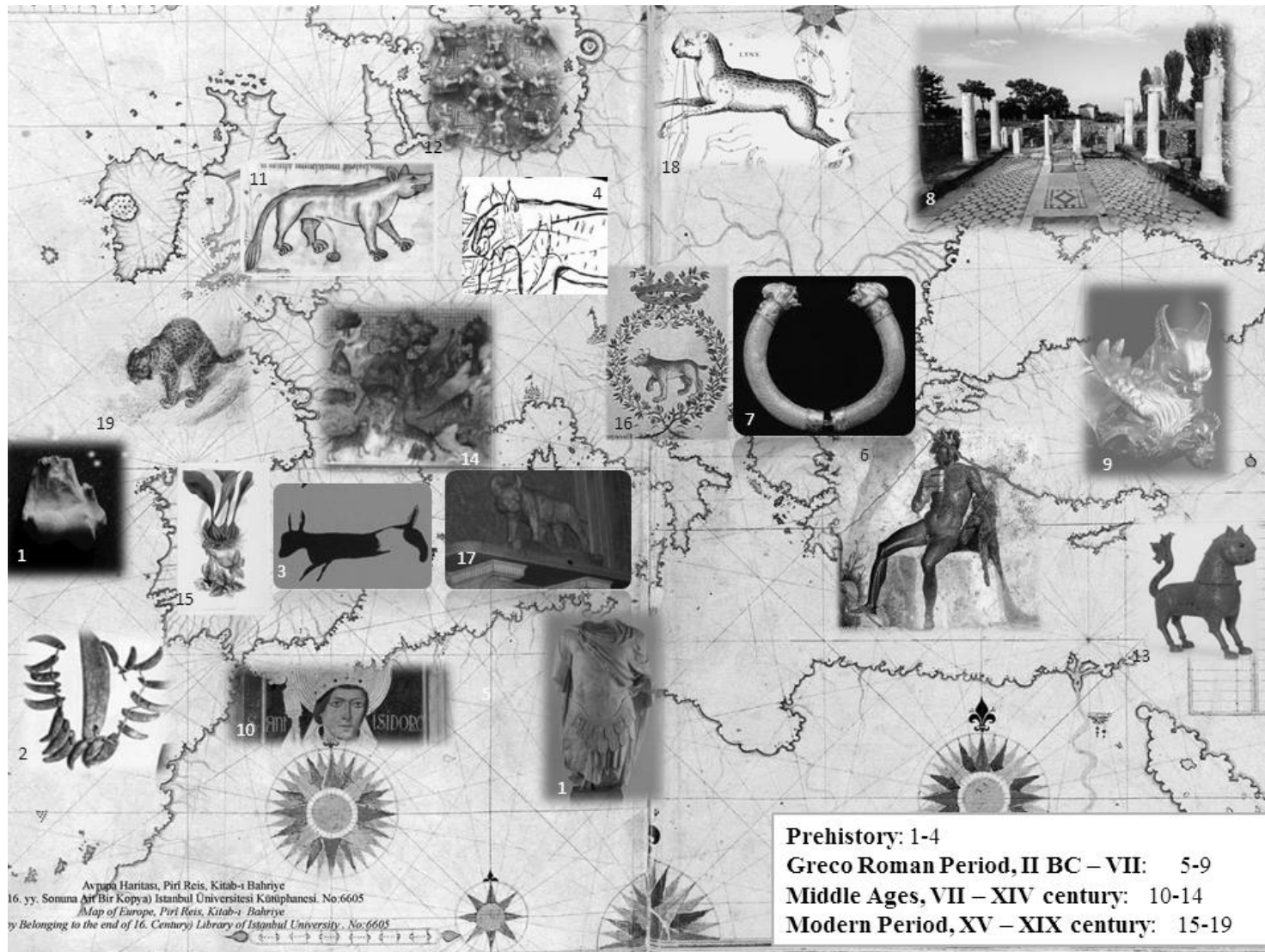


Figure 6.1. Lynx in historical Europe. Background map from Piri Reis, Kitab-I Bahriye, Library of Istanbul University n°6605. Individual images as follows: (1). Lynx humerus, Portugal (image by Cleia Detry and Simon Davis) (2). Lynx teeth as amulet, Portugal (image in Ferreira and Trindade 1954) (3). Lynx cave painting, Spain (image in Breuil 1933) (4). Lynx engraving France (image from Tosello 2003 in http://tout-sur-lelynx-boreal.wifeo.com/images/Prehistoire_Plaquette_Lynx_graves_de_la_Madeine-TOSELLObis.jpg) (5). Roman statue with lynx head in pterigia, Italy (Image from Verona, Archaeological Museum at the Roman Theatre, photograph of Gianluca Stradiotto) (6). God Pan with lynx pelt. Greco-Roman fresco from Pompeii C1st A.D., Naples National Archaeological Museum, image in <http://www.theoi.com/image/F22.1Pan.jpg> (7). Bracelet with lynx heads Greek period 2nd century BC (© 2016 by Benaki Museum Athens) (8). Heraclea Lyncestis Macedonia (Image under Creative Commons © in <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Ancientbitola.jpg>) (9). Drinking horn with lynx, Iran (image from Miho Museum Rhyton with the Protome of a Desert Lynx Catching a Fowl (SS1058) in <http://www.miho.or.jp/english/collect/main/image/d.jpg>) (10). Isidore of Seville who described lyncurius (image PHAS via Getty images <https://contagions.wordpress.com/2015/01/10/contagion-and-pestilence-inisidore-of-sevilles-etymologies/>) (11). Bestiary illustration, England from Kongelige Bibliotek 1633 4, folio 6r, image in www.kb.dk under Creative Commons license) (12). Viking brooch with humans and cats, Sweden (image in Prehal 2011 from British Museum after Wilson and Klindt-Jensen 1980:PL.XXXIa) (13). Incense burner, Iran. Masterpieces from the Khalili Collection @ Institut du Monde Arabe, Paris. © Nour Foundation. Courtesy of the Khalili Family Trust (image in http://p3.storage.canalblog.com/33/46/577050/44234873_p.jpg) (14). Illustration from hunting book, France (image in *Livre de la chasse* Gaston Phebus 1389 in Callou 2008) (15). Hernandez illustration of lynx flower Spain from Hernandez 1671 (image in http://www.godel.net/garden/articles/VanillaRerumNaturaeCoatzonte_Coxohitl.gif) (16). Symbol of Accademia dei Lincei Italy in Della Porta 1597 (image recorded in Biblioteca Galileo, Firenze) (17). Lynx sculpture at Vatican Museum, Italy (image courtesy of M. Pinho de Almeida) (18). Illustration of lynx star constellation by Hevelius, Firmamentum, 1690 (image in https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e9/Johannes_Hevelius_-_Prodromus_Astronomia_-_Volume_III_%22Firmamentum_Sobiescianum%2C_sive_uranographia%22_-_Tavola_Y_-_Lynx.jpg) (19). Illustration of Iberian lynx by zoologist in Brehm (1864).

The Historical Invisibility of the Iberian Lynx

The particular case of lynx in Iberia demonstrates the continual invisibility of a species that is not very well-known or represented until the twentieth century. Representations of Iberian lynx in constructed patrimony in Portugal are not known. Some monuments and palaces display the wolf and the bear but not the lynx (*e.g.* in the well-known palaces from the eighteenth and twentieth centuries, respectively: Ajuda National Palace in Lisbon and Regaleira Palace in Sintra). Representations of lynx in nature also seem to be absent from Portuguese painting. Azambuja (2009) refers to a possible lynx in a sixteenth-century painting entitled *Creation of Animals*. The painting portrays a naturalistic and harmonious scene (Sobral 1998) with several wild and domestic species. The figure whose head resembles a lynx seen from behind is placed among the ungulates. A closer observation of the hindquarters shows a wide muscular structure not typical of carnivores. It also lacks the characteristic pelage pattern and the short tail with a black tip that would be expected in this type of naturalistic representation. In summary, without confirmation of this representation, the lynx seems to be absent in Portuguese art.

Furthermore, historical heraldry in Portugal, which often uses nonhuman animals as symbols, does not include this species. In Spain, the Lebrija town heraldic shield portrays two lynxes next to a castle (Alba 2007). According to Luengo (n.d.: 437), the original use of lynxes in the symbol from 1798 was meant to be related to the natural sagacity of the locals (*lebrijanos*) and to the qualities of being quick and having good sight. This was readopted in 1988, when the Iberian lynx was already publicly known; the nearby area of Doñana National Park was created in 1963, adopting lynx preservation as its *moto* and emblem.

Even the presence of the lynx in Portuguese literature was found to be quite scarce. We found only five references to lynx among works of fiction from the nineteenth century onwards. By comparison, there are more than two hundred references to wolves in the same literary sample (Fernandes *et al.* 2016). One of the literary excerpts mentioning lynx (Ribeiro [1924] 2003) describes the species in detail and already refers to its rarity in the woods due to human persecution. Although this example from literature reveals a particular concern about lynx preservation, wild predators in the beginning of the twentieth century were indeed persecuted in an

undifferentiated way (Law 156 of 9 July 1913 allows the destruction of all ‘noxious’ animals to hunting and agriculture), as will be further explored.

The Vermin

In general, predators were seen by humans as competitors since immemorial times and therefore as ‘vermin’: useless creatures that brought damage and danger. The control of these vermin, or so-called predator control, seems to already have been known in ancient Zoroastrian Persia, where ‘the saint . . . is obliged to beget children, to plant useful trees, to destroy noxious animals, to convey water to the dry lands of Persia, and to work out his salvation by pursuing all the labours of agriculture’ (Gibbon [1776] 1998: 171, paraphrasing the Avesta⁴⁵).

In Portugal, this practice seems to date to the sixteenth century during the kingdom of Sebastian, when a hunting code established an order of elimination of this type of animal in the wild, with a bounty per animal head presented: ‘*I the King make it known that from now on . . . in my hunting grounds . . . shall be killed eagles, crows, foxes, cats and mongooses. And for each eagle four hundred reis will be given, and for each crow twenty vintens, and for each cat, fox or mongoose two hundred reis*’ (Freitas Cruz 1945: 83–4).

Later, in the twentieth century, this practice continued, and extermination campaigns for vermin were organised and rewarded by the state, which killed thousands of specimens (Sacarrão 1959). Lynxes were among those considered ‘vermin by law to agriculture, hunting and fishing’ and classified in a comprehensive list of categories for hunting species – ‘hunting piece of pelt type’ (Galvão *et al.* 1943). While mentally represented as noxious animal, lynxes were hunted during battues most of the twentieth century, they were trophies and sometimes eaten (Figure 2). The categorisation of all predators as vermin and memory of their elimination has persisted until today, as we noted in current discourses: ‘*Alimaria*

⁴⁵ *Avesta* is the name the Mazdean (Mazdayasnian) religious tradition gives to the collection of its sacred texts. This religion, also known as Zoroastrianism, enters recorded history in the fifth century BCE. The surviving texts of the Avesta, as they exist today, derive from a single master copy produced by Sasanian Empire-era (224–651 CE) collation and recension. The corpus, which Western scholarship has reconstituted, is found in manuscripts that all date from this millennium; the most ancient (K 7a) dates from 1288 CE (*Enciclopedia Iranica, Columbia University*).

[irrational beasts] are foxes, stone martens, mongooses . . . wolf as well but it is protected . . . and the lynx is also noxious because it hunts but it is very protected' (informal conversation with hunter, 2013). This influenced representations of the lynx and the relationship established between humans and carnivores in general (see example of ferocious lynx, image 19, figure 1). The use of the term 'vermin' as well as 'animal problem' and 'pest' already suggests that the wild animal is defined in anthropocentric and utilitarian terms (Knight 2000).

The first texts defending the need for lynx protection in Portugal are from the middle of the 20th century. They contend that certain species, even if they are noxious for game, should be protected (Freitas Cruz 1945). Some professionals started criticising the systematic practice of predator control (Sacarrão 1959) and stressed that the lynx was threatened by extinction (Roque de Pinho 1959). It is likely that the beginning of an ethical pro-conservationist discourse accompanying the international tendency of valuing rare species influenced official policy, and as a result in 1967 the lynx was excluded from being free hunted (Law 189 of 14 August 1967: 1466). However, in practical terms, lynxes were killed after that date and at least until 1990 (Ceia *et al.* 1998).



Figure 6.2: Lynxes hunted during battue, 1954, Portugal, image courtesy of José Castro Lebre

The Rise of the Conservation Emblem

Table 2 summarises appropriations of Iberian lynx during the last decades in Portugal. Figures 3 to 6 are the respective examples of the new visibility of the species in urban social life.

It shows the rise of a new visibility of the species and a constant presence in different areas of public social life, from sport to military organisation (examples 2-5, table 2), marketing to political campaigns (examples 6-9, table 2).

This conspicuousness of the species in Portugal might have started in the late 1970s, when a Portuguese nongovernmental organisation, Liga para a protecção da natureza (LPN), launched a national campaign for the protection of the lynx and of a specific area (Malcata Hills) threatened by forest exploitation by paper industry company interests (Palmeirim *et al.* 1980). The campaign reached most media and featured a poster with the face of the lynx, thereby turning the species into a popular and media-exposed species. The lynx was for the first time used as a symbol of environmental activism and became an emblem of conservation success (example 1 from table 2). This also created a strong territorial identification of the Malcata region with the lynx, and in the last years, long after the disappearance of the species from the area, this image is seen in a diversity of events, shops and local emblems (example 11 from Table 2 and Figure 7 , a poster at the entrance of the village of Penamacor, central Portugal, announcing the ‘lands of the lynx’). Altogether the examples of appropriation of the lynx image in Table 2 demonstrate how the species became visible in a variety of contexts, becoming what Handler (1988) denominates ‘culturally objectified’.

Table 6.2 – Examples of contemporary appropriations of Iberian lynx in Portugal

	Theme	Description	Date / Reference	Comments
1	Environmental activism	NGO campaign appealing to save the lynx and its habitat “Serra da Malcata”	Liga para Protecção da Natureza, 1979 Palmeirim <i>et al.</i> 1980 Image in iberia-selvagem.webnode.pt/album/iberia-selvagem/salvemos-o-lynce-jpg1	One of the first campaigns choosing a particular wild species to gather public attention. The message appeals to the responsibility of all (“we”) to save the species and Malcata’s hills.
2	Military emblems	Emblem from military units in Guiné and Angola during Portuguese African conflict 1968/1970. Companhia dos Caçadores no. 11 and Batalhão Caçadores 725 denominated themselves “the lynxes”. Unit from Portuguese Army Alfa/Dfor from 1998 with a seated lynx and the motto “to guess danger and avoid it”. Airforce Squadron 504 denominate themselves “lynxes” and have a head of a lynx as symbol of the squadron founded in 1990	Collected by José Martins in ultramar.terraweb.biz Image in ultramar.terraweb.biz/SebastiaoManuelPinto_2012_11_25.htm Alexandre (2009) www.emfa.pt/www/esquadra-41 https://en.wikipedia.org/wiki/504_Squadron_(Portugal)	These emblems adopted by military soldiers had the symbolism of a thought, an aspiration or a norm to follow creating unity and morale. Characteristics such as strength, resistance and good vision were probably the inspiration for the choice of the lynx.
3	Military Logo	Emblem of National Guard for nature protection and environment – SEPNA.	2001 Memorandum from Ministry of Defence and Lt. Col Amado, pers.com (Figure 3)	The GNR’s choice of a lynx head “symbolizes the species to protect, their habitats and forests stimulating behaviours of respect for nature; the lynx with its look and its astuteness is also a reference to the psychological characteristics of the guards with a speciality in nature and environmental protection”.

	Theme	Description	Date / Reference	Comments
4	Regional Logo	Regional association for sport and culture, Associação Desportiva e Cultural de Vila do Bispo.	2010 Image online adcviladobispo.blogspot.pt	
5	Sport Logos	National hockey team The Portuguese Basketball Federation chose the lynx as a mascot	2011 Image online: livedirectodesporto.blogspot.pt/2011/10/lousadense-carla-santos-cria-nova.html (accessed 10 June 2013). 2015 Image online: www.icnf.pt/portal/icnf/noticias/resource/lince-iberico/doc/blitz-basquetebol (accessed 20 July 2015).	The logo is explained as based on “Lynx Force” from which the open mouth and wide eyes are symbols of will and reach of the athletes. The choice of lynx was allegedly due to the “national identity of the Lynx” and had environmental education purposes due “to the care the species preservation must have”.
6	Environmental activism	A political party “Party for Animals and Nature” used a poster during the election campaign using the face of the lynx and the message “more value to natural patrimony”.	Lisbon, 2011 Figure 4 registered by M Lopes Fernandes	The poster uses the public recognition of the species and its status (lynx is not identified) to advertise a position of pro-conservation and valuing of species. Iberian lynx is here again the symbol of wildness.
7	Marketing	Image of Lynx on reusable bag distributed to public with a national newspaper.	Lisbon, 2012 registered by M Lopes Fernandes	Association of business companies with “green messages” in which the lynx is chosen as the face of the campaign as it is an iconic species.
8	Marketing	Children’s games named after the lynx: “will you be the first one to find the images?” and “tufas” (lynx character finds its mother). Wine with lynx name or lynx drawing.	2013, EDUCA and 2014, Modelo Continente Registered by M Lopes Fernandes and online Quinta do Alqueive, 2009 and Casa agrícola Alexandre Relvas, 2013 www.herdadesaomiguel.com/vinhos/8/112 www.agroportal.pt/x/agronoticias/2011/03/30b.htm	Reference to astuteness and vision of the lynx. Appropriation of current lynx media attention to get publicity. Relatedness with species protection discourse and concern.

	Theme	Description	Date / Reference	Comments
9	Touristification	<p>Lynx magnets for sale among other Portuguese tourist icons</p> <p>Lynx ceramics launched at a Seminar on Protected Areas</p>	<p>Lisbon, Tourist shop, 2012, Figure 5 image courtesy of Andreia Farrobo</p> <p>Duro Design, Lisbon, 2015</p> <p>Photo in www.seminario-natural.pt/pt-pt/content/galeria-linha-de-cer%C3%A2mica-lince-ib%C3%A9rico</p>	<p>The lynx became a tourist object with other Portuguese icons such as monuments, Lisbon trams, Fatima's Virgin Mary, etc.</p> <p>Association of lynx with Portugal's icons is an example of identity construction around the species.</p>
10	Urban art	<p>Painted urban art panel with inscription "God save green" about environmental issues pictures a female figure representing Earth and includes a lynx profile in green to symbolize threatened species.</p> <p>Large-scale 3D street sculpture with Iberian Lynx face. Lynx among other wild species chosen for a series of street sculptures in Portuguese cities</p>	<p>Faculty of Sciences, Lisbon, Portugal, 2012</p> <p>Registered by M Lopes Fernandes</p> <p>Figure 6 image courtesy of Inês Barroso</p> <p>Viseu, Portugal, 2016 by Bordalo II</p> <p>(https://streetartnews.net/2016/03/lynx-installation-bordalo-ii-viseu-portugal.html)</p>	<p>The presence of the lynx in the panel, a unique and recognizable figure, as one of the few animal species (the other is a frog) symbolizes, once more, wildness, protection of terrestrial vertebrates, maybe even part of the sacred Mother Earth.</p> <p>Example of the modern high visibility of the lynx in urban space and for urban public.</p>

	Theme	Description	Date / Reference	Comments
11	Territorial Identity	<p>Lynx at the entrance of Penamacor village in the Malcata region, self-named “lands of the Lynx”.</p> <p>A word map painted in tile panel in the street includes several emblems of different regions. Lynx illustrates the Iberian Peninsula.</p>	<p>2012, Central Portugal, Figure 7 registered by M Lopes Fernandes</p> <p>Lisbon, Franciscan Cultural centre, 2013</p> <p>Registered by M Lopes Fernandes</p>	<p>Construction of territorial identity around the lynx. Penamacor entitled itself “lands of the lynx” and released regional products with that trademark.</p> <p>Chosen as a symbol of territorial differentiation from the rest of the world. Allusion to its uniqueness and choice as a symbol which characterizes Iberia.</p>
12	Rural appropriations	<p>Products with lynx image or name (T-shirt, biscuits, jewellery) locally produced.</p> <p>Lynx illustration on a secondary school corridor and on poster for a professional school for hunting fishing and biodiversity.</p>	<p>Mértola 2015, Southern Portugal</p> <p>Figure 8 registered by M Lopes Fernandes</p> <p>Barrancos and Moura respectively, Southern Portugal, 2012 and 2014</p> <p>Figure 9 registered by M Lopes Fernandes</p>	<p>After release of animals in the Guadiana area (Mértola council) local initiatives took lynx image for product commercialization. That could also be part of a new identity construction for the reintroduction area.</p> <p>Lynx imagery locally reflects influences of conservation projects, environmental education – the adoption of a global discourse valuing nature conservation. It also shows the reliving of lynx occurrence and expectations towards its future presence.</p>

	Theme	Description	Date / Reference	Comments
13	Local patrimony	A local artist made a lynx sculpture apropos of the potential presence of the species in the area. His wife was photographed as a child with a caught lynx (1950s) and expressed fascination with the species. That inspired the creation of a new work which the artist describes as “rough and pretty”.	António Acabado, Vila Verde de Ficalho, Southern Portugal Honorable Mention in Vidigueira’s Art Biennale 2012 Figure 10 registered by M Lopes Fernandes, image courtesy of Vidigueira’s Council	This example of local representation mixes the memory of the presence of the species with modern art representation. It might be considered a reinvention of a memory which exists in local community.

Internationally, the Iberian lynx has also assumed the status of what is named by Noss (1990) as a flagship species, following continuous announcements of its critical threat status. In 1996, the International Union for Conservation of Nature (IUCN) announced that the Iberian lynx was the most threatened felid in the world, incurring a higher risk of extinction than the well-known tiger. Subsequently, the Iberian lynx has become more and more of an emblem for the conservation of wild species in general. For instance, its image was on the cover of the Red List of Threatened Mammals (Temple and Cuttelod 2009), media constantly choose the lynx for discussions of nature conservation issues (*e.g.* Monbiot 2015) and international environmental campaigns such as cork oak protection use the association of the species to the cork oak forest (WWF Global n.d.; Dr Vino 2010; Core 2011). There are allusions to pride and heritage value associated with the Iberian lynx. The species has become the symbol of ‘wildness’. In 2009 a breeding centre was opened in Portugal, and since then more news and attention have been promoted by the media.

Related to the new image of the species and its sudden public visibility, a myriad of commercial brands have taken advantage of this for marketing (Table 2, nos 7–8). Emblematic species are sometimes used as a ‘green’ image promoted by large business companies that want to show public support for nature causes, which has also been the case for the Iberian lynx in Portugal (Table 2, no. 7). In parallel, emblems and logotypes with lynx faces have become more common (Table 2, nos 3–7; Figure 3), being associated with a positive symbolism and construction around wild predators based on fascination, special powers (such as the renowned acute vision) and strength. The association of the lynx with values like force, tenacity and speed, particularly in the case of sports, can be an example of what Knight (2000) calls the conversion of the predator as fear object into a remedy against fear or adversity (in the case of a game). Beardsworth and Bryman (2001: 85) refer also to the use of wild animals in symbols for sports teams and political parties as pseudototemic. The wild animal is, according to these authors, an embodiment of otherness and both outside human society and inside human culture. In Figure 4 and example 6 (table2) we describe the use of the lynx for a new political party during a national campaign in 2011. Describing the example of wolf iconography in the United States, Van Horn (2012) also refers to ‘political animals’ and wolves’ images as potent icons of resistance and radical environmental ideas.



Figure 6.3: Emblem of SEPNA, Portugal, National Guard for Nature Protection and Environment, image courtesy of Lt.Col. Amado

Comparison between Tables 1 and 2 not only shows the multiple representations of the lynx through time but also exemplifies changes in values and practices towards wilderness in European society. It has been described how environment and the same landscape have been viewed differently over the course of time by Europeans (*e.g.* Tuan 2013). Changes in attitudes can include not only a sensibility and rationality of discourse towards the natural world, beginning in the sixteenth century (*e.g.* Thomas 1991), but also towards predators, resulting in different practices from extermination to conservation during the nineteenth century and onwards (Schwartz *et al.* 2003).

The way the Iberian lynx has been represented through time indicates how people establish a personal or impersonal relationship with the species. The examples of contemporary appropriations characterise the modern experience humans have of predators – somehow these species are better known by the public, so they seem closer even if mostly in a virtual way, not a live experience. As Beardsworth and Bryman (2001: 86) contend, nowadays ‘the mode of engagement with the wild is through highly processed electronically mediated representations of real or virtual animals and wildlife documentary effectively replace and supplants the encounter’. We observe closeness in modern lynx representations but in discourses and practices in the rural context, we note a growing tendency to relate to the wild via less direct experiences.



Figure 6.4: The political party “Party for Animals and Nature” used a poster during the election campaign using the face of the lynx and the message “more value to natural patrimony” authors’ image from 2011

In a phenomenon of touristification, the lynx has even become a souvenir object (Table 2, no. 9, figure 5) associated with Portuguese identity. Within the same framework, the lynx has become a symbol of heritage and of some geographical areas in Iberia (see Figures 6 an example of recent street art offering the public a large scale representation of the lynx using recycled materials and figure 7 from the Malcata area) despite its local extinction in most areas of its former distribution. The choice of a wild species not present in reality that is then transformed into a cultural item of everyday life – what Theodore Schwartz (1975 cited *in* Cohen 1993) calls ‘ethnognomony’ – might represent a new facet of the identity of local populations in rural areas as environmentalists or as modern nonhuman animal lovers.



Figure 6.5: Lynx magnets for sale among other Portuguese tourist icons, image courtesy of Andreia Farrobo



Figure 6.6: Large-scale 3D street sculpture with Iberian Lynx face, Viseu, Portugal, 2016 by Bordalo II, image courtesy of Inês Barroso



Figure 6.7: Outdoors at the entrance of the village of Penamacor, Central Portugal, announcing 'lands of the lynx', authors' image from 2010.

Rural Identity Construction

From interview data analysis and ethnographic research in the Iberian lynx historical occurrence area and reintroduction site, we observed that the species, although seen as a predator and even a ‘beast’, is apparently no longer a vermin in discourses, and has become a contemporary cultural object. There is a dominant materialistic interest around reintroduction, but rural residents are also using the lynx as a symbol of territorial distinctiveness.

The Iberian lynx as a global media species was mainly an urban construction that had an impact in rural areas. There the coexistence with the species only in some cases is also a collective memory (Nazarea 2006). In rural areas nowadays, most people know the lynx through images and external discourses. Some informants, though, retained memory of the species. A local artist, Mr. Acabado, our informant, created a lynx sculpture apropos of the past presence of the species in the region, and it won a prize in a regional art event (the Biennial Vidigueira in 2012). His wife was photographed as a child with a captured lynx (1950s) and expressed fascination with the species, from which arose, according to him, the idea of making a wood sculpture using old pieces from agriculture tools. The artist described this representation of the lynx, which he had not seen live, as ‘rough and pretty’ (see Figure 10). The informant thought of the specific morphological characteristics of the species: ‘the hind parts have to be wider than the front, he is prepared to jump, these are the eyes. It is all inset holm oak’ (A. Acabado, pers. com., 2014). This original representation of the lynx mixes the memory of the species with modern art. It is an example of reinvention of a local memory from that rural community.

Moreover figures 7 to 9 are examples of incorporation of lynx as a conservation emblem into local identity of rural contexts under the influence of a global mediatization. The representation of a lynx in a secondary school is already a result of environmental education programs (figure 9).

Among these rural appropriations listed in Table 2, we registered some examples of new merchandising: T-shirts, biscuits, logos and marketing names. Examples 12, and presented in Figure 8 were collected in the reintroduction area for the lynx in Portugal – Guadiana – during 2015, after the first releases of lynxes into the wild. Furthermore during carnival one of the villages chose the lynx as a theme for

the parade (*corso*). In the display the lynx was portrayed in a familiar mood, with people dressed up as hunters, prey and predators all together. Despite its playful character, this display also represented a *contra discourse*, as some local stakeholders had been raising apprehensions and several objections to reintroduction.

Residents from Guadiana were present alongside politicians during the release of the lynxes. The events deserved media attention and had a local impact. This might transform the lynx into a natural object that people get to know personally, and in time might turn it into a regional icon. Buller (2004) describes how fauna icons of rural areas are evolving with alternative conceptions of the countryside, and argues that the classic dichotomy between wild and domestic is being reconstructed. As Milton (2002: 33) argues, this influences discourses about nonhuman animals, nature and earth, and ‘we need to understand the knowledge, we need to ask how and why

people come to know nature and natural objects as personal or impersonal’.



Figure 6.8: Products with lynx image or name (t-shirt and biscuits) produced in the lynx reintroduction area Mértola authors’ image from 2015

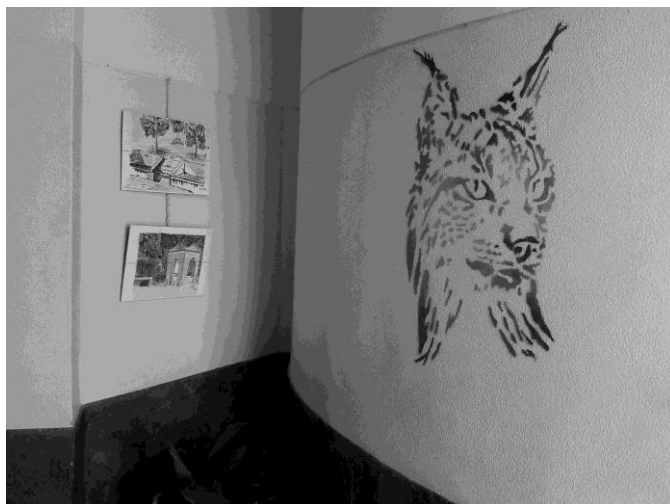


Figure 6.9: Lynx illustration in Barrancos secondary school, authors’ image from 2013

Currently, the image of the lynx is also used to sell ceramic miniatures and ornamental bijouterie.. The global influence of the environmental discourse and its imagery are changing rural

perceptions about certain species. These results bring a new perspective to the general opposition of rural residents described in processes of carnivore reintroductions (Wilson 2004). The appropriations indicate local peoples' expectations with the lynx reintroduction, namely, turning it into a touristic icon that brings financial return. This also follows a global mainstream discourse (*e.g.* Navarro and Pereira 2015). Tremblay (2002) contends that the choice of wildlife icon in tourism depends on the attractiveness of specific species or on their relevance to the environment they represent. In fact, the Iberian lynx, considered beautiful and secretive since time



immemorial, might combine the condition of having an attractive image with the fact that it represents the survival of the Mediterranean habitats (see *e.g.* Morrison 2008) threatened by progressive anthropogenic transformations.

Figure 6.10: A local artist made a lynx sculpture apropos of the potential presence of the species in the area of Moura-Barrancos (António Acabado, Vila Verde de Ficalho, Southern Portugal), image from Vidigueira Council

Concluding Remarks

The characteristics that made the lynx a ferocious predator and a vermin in the past might be the same ones that make it fascinating and admirable nowadays. Before positivism, the relationship of humans with nature in Western contexts contained a mystical aspect. Nowadays, the relationship with nature tends to be more based on technical knowledge. Current environmental crises might have created perceptions of a fragile 'dying earth' and threatened species who need protection from humans. For all these reasons, we believe the Iberian lynx became an icon of Western European culture, incorporating the symbolism of nature conservation and the need to get back to 'pure' and wild scenarios. A final example of Iberian lynx as a wide symbol is its representation in the Salamanca Cathedral (UNESCO World Heritage Site in Spain).

In a bas-relief not originally from the construction of the building but added during a modern restoration of the side portico in the last decades, the artist chose the lynx as a figure to include as well as an astronaut figure among the original figures. We interpreted this as symbols of two contemporary concerns: (1) wild species extinction and (2) modern human thought and advances in humanity. Therefore, the Iberian lynx is a conservation emblem used in contemporary discourses about the Anthropocene and about the impact of humans on the environment and a flagship species, with associated values in which representations since historical times had a role.

On the other hand, it holds a new constructed image as a benign victim. These ‘ecologically famous species and thus worthy of protection’ (Ogden 2008) are suddenly portrayed as victims and fragile creatures. The image of the predator as a nuisance and a vermin, an historical inheritance and still present for some people, is hidden publicly. The public image of the Iberian lynx might be an example of what Latour (2004) calls a ‘smooth object’, as Ogden (2008) refers to regarding the Everglades National Park. The new lynx as a conservation emblem can no longer be a vermin, and therefore his social visibility was ‘polished smooth, removing discordances’ (Ogden 2008), in our case a ‘smooth’ conflict over his high protection status or reintroduction.

The lynx case study in Europe and in particular in Portugal exemplifies the type of relationship humans have with emblematic threatened species in Western societies. It is a contribution to how understanding the past, contextualising the relationships with the natural world and the knowledge of collective memories is an important part of understanding the present and the meaning of discourses about emblematic wildlife and, in general, nonhuman animals. It also provides a picture of the wildlife significance in both contemporary urban and rural contexts, which are interconnected. Conservation actions are human behaviours, and it is vital to understand how social factors shape such human interactions.

Margarida Lopes-Fernandes, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), UNL, Lisbon, and Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), Lisbon (margaridafernandes@icnf.pt)

Amélia Frazão-Moreira, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), UNL, Lisbon (amoreira@fsh.unl.pt)

Acknowledgements

Margarida Lopes-Fernandes was funded by Fundação Ciência Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011). We acknowledge the LITESCAPE project and all its collaborators for providing a Portuguese literature database for research. For collaborations with image collection and data details, we thank all informants, A. I. Queiroz, Tenente Coronel Jorge Amado, Jorge Simões, the Vidigueira council, Miho Museum, M. Pinho de Almeida, I. Barroso, A. Farrobo and L. A. Clarke. For certain bibliographic references, thanks to Helena Ceia, Luis Castro, António Caeiro, Bruno Pinto, Simon Davis, Margarita Diaz and Sónia Azambuja. Luka Clarke did the translations from original texts in Portuguese and revised the text of the manuscript. We also acknowledge A. I. Queiroz and an anonymous referee for comments on an earlier version of the manuscript.

References

- Abreu, B. (1726), Portugal médico (Coimbra: Oficina de Joam Antunes).
- Alba, V. (2007), 'Apuntes históricos sobre el linco ibérico en Andalucía', *Galemys* 19, no. 2: 33–52.
- Anónimo (1914), *The Homeric Hymns and Homerica with an English Translation by Hugh G. Evelyn-White* (Cambridge, MA: Harvard University Press).
- Assis Esperança, A. (1964), *Pão Incerto* (Lisbon: Portugália).
- Atlas das paisagens literárias de Portugal continental <paisagensliterarias.ielt.fcsh.unl.pt> (accessed 1 August 2015).
- Azambuja, S. (2009), *A linguagem simbólica da natureza: A flora e a fauna na pintura seiscentista portuguesa* (Lisbon: Nova Vega).
- Bates, D. and R. Liddiard (eds) (2013), *East Anglia and Its North Sea World in the Middle Ages* (Woodbridge, U.K.: Boydell).
- Beardsworth, A. and A. Bryman (2001), 'The Wild Animal in Late Modernity: The Case of the Disneyization of Zoos', *Tourist Studies* 1, no. 1: 83–104.
- Boule, M. (1912), 'Review of "Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia. Vol. 1. Part 1"', *L'Anthropologie* 23: 426–9.
- Breitenmoser, U., C. Breitenmoser-Würsten, T. Lanz, M. von Arx, A. Antonevich, W. Bao and B. Avgan (2015), 'Lynx Lynx: The IUCN Red List of Threatened Species 2015' <dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-2.RLTS.T12519A50655266.en> (accessed 14 April 2016).
- Breuil, H. (1933), *Les peintures schématiques de la Péninsule ibérique*, 4 vols (Paris: De Lagny).
- Buller, H. (2004), 'Where the Wild Things Are: The Evolving Iconography of Rural Fauna', *Journal of Rural Studies* 20, no. 2: 131–41.

Callou, C. (2008), 'Le lynx en France: Apport des données archéologiques et historiques', in R. Rosoux, M. de Bellefroid, J. Baillon and A. Moreau (eds), *Lynx le grand retour: Actes du symposium international* (Orléans: Publication Scientifiques du Museum), 17–21.

Castelo Branco, C. (1882), 'O Alma negra', in *A Brasileira de Prazins: Obras escolhidas de Camilo Castelo Branco*, vol. 22 (Lisbon: Círculo de Leitores), 178–84.

Ceia, H., L. Castro, M. Fernandes and P. Abreu (1998), 'Lince-ibérico em Portugal: Bases para a sua conservação', in *Relatório final do Projecto 'Conservação do lince-ibérico'*. ICNF, unpublished report.

Choyke, A. (2010). *The bone is the beast: animal amulets and ornaments in power and magic. Anthropological Approaches to Zooarchaeology: Complexity, Colonialism, and Animal Transformations*, 197-209.

Clark, K. (1939), *Leonardo Da Vinci: An Account of His Development as An Artist* (New York: Macmillan).

Clubb, L. (1965), *Giambattista Della Porta Dramatist* (Princeton, NJ: Princeton University Press).

Cohen, A. (1993), 'Culture as Identity: An Anthropologist's View', *New Literary History* 24, no. 1: 195–209.

Core, J. R. (2011), 'Men in Trees: A Look at the Annual Portuguese Cork Harvest' <www.core77.com/posts/20839/men-in-trees-a-look-at-the-annual-portuguese-cork-harvest-20839> (accessed 1 August 2015).

Dalton, R. (2003). *Lion man takes pride of place as oldest statue. Nature* 425 (6953): 7-7.

Della Porta, G. (1597), *Magiae naturalis libri viginti, in quibus scientiarum naturalium divitiae, and deliciae demonstrantur*, C. Marnium and I. Aubrium (eds) (Francofurti: Andreae Wecheli).

Dr Vino (2010), 'Every Time You Open a Screwcap, a Kitten Dies!' <www.drvinho.com/2010/07/21/screwcap-wine-lynx-cork-wildlife> (accessed 1 August 2015).

Fernandes, M.; Casas, M.; Detry, C; Davis, S.; Frazão-Moreira, A.; Godoy, J. (2012) 'Lynx and Man: importance of historical reasearch for the future of a threatened species.' In C. Detry and R. Dias (eds) *I Congresso Internacional de zooarqueologia. Book of abstracts.* (Faculty of Letters, University of Lisbon) Pp 11-12.

Fernandes, M., F. Soares, A. Queiroz and A. Frazão-Moreira (2016), 'Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature', *Anthrozoos* 29, no. 1: 5–20.

Ferreira, O. da Veiga and L. Trindade (1954), 'A necrópole do "Cabeço da Arruda"', *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 38: 193–212.

Flores, N. (ed.) (1996), *Animals in the Middle Ages* (New York: Routledge).

Freitas Cruz, J. A. (1945), *O problema venatório português* (Lisbon: Coleção Venator).

Gallagher, P. (1994), "'Coo-wha-chobee": The Cultural Significance of the Florida Panther to Native Americans', in D. B. Jordan (ed.), *Proceedings of the Florida Panther Conference.* (Atlanta: U.S. Fish and Wildlife Service), 6–12.

Galvão, H., A. Montês and J. Freitas Cruz (1943), *A caça no império português* (Porto: Primeiro de Janeiro).

- Gibbon, E. ([1776] 1998), *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (Ware, U.K.: Wordsworth).
- Godelier, M. (1978). *La part ideelle du reel: essai sur l'ideologique*. *L'homme*, 155-188.
- Goldman, H. and M. Walsh (1997), 'A Leopard in Jeopardy: An Anthropological Survey of Practices and Beliefs Which Threaten the Survival of the Zanzibar Leopard (*Panthera pardus adersi*)', *Zanzibar Forestry Technical Paper* 63.
- Graves, R. (1966), *Larousse Encyclopedia of Mythology* (London: Hamlyn).
- Handler, R. (1988), *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec* (Madison: Wisconsin University Press).
- Hernandez, F. (1651), *Rerum medicarum Novae Hispaniae thesaurus, seu, Plantarum animalium mineralium Mexicanorum historia* (Rome: Vitalis Mascardi).
- Hurn, S. (2012), *Humans and Other Animals: Cross-cultural Perspectives on Human-Animal Interactions* (London: Pluto).
- Ingold, T. (1988). *What is an Animal?* (Vol. 1). (London and New York: Routledge)
- Jaric, J. (2010), 'The Barbarian Incursions on Macedonia in the Early Middle Ages: Defining Chronology, Geography and Factors', *Macedonian Historical Review* 1, no. 1: 5–25.
- Jennbert, K. (2006), 'The Heroized Dead: People, Animals, and Materiality in Scandinavian Death Rituals, AD 200–1000', in A. Andrén, K. Jennbert and C. Raudvere (eds), *Old Norse Religion in Long-term Perspectives: Origins, Changes, and Interactions – An International Conference in Lund, Sweden, June 3–7, 2004* (Lund: Nordic Academic Press), 135–40.
- Kalof, L. and B. Pohl-Resl (2007), *Cultural History of Animals* (Oxford: Berg).
- Kempf, C., A. Balestreri, U. Wotschikowsky and M. Fernex (1979), *Chez nous le lynx? Mythes et réalité* (Paris: Les guides Gesta).
- Knight, J. (2000), *Natural Enemies: People-Wildlife Conflicts in Anthropological Perspective*. (London: Routledge).
- Latour, B. (2004), *Politics of Nature: How to Bring Sciences into Democracy* (Cambridge, MA: Harvard University Press).
- Lescureux, N., Linnell, J. D., Mustafa, S., Melovski, D., Stojanov, A., Ivanov, G., Avukatov, V, Von Arx, M. and Breitenmoser, U. (2011). *Fear of the unknown: local knowledge and perceptions of the Eurasian lynx Lynx lynx in western Macedonia*. *Oryx* 45(04): 600-607.
- Luengo, J. (n.d.), *Heráldica oficial de la provincia de Sevilla* (Seville: Facediciones) <books.google.pt/books?id=nc8QefhIz8Ceprintsec=frontcoverehl=pt-PTsource=gbs_ge_summary_recad=0#v=onepageeqef=false> (accessed 20 May 2016).
- Lüthy, C. (1996), 'Atomism, Lynceus, and the Fate of Seventeenth-century Microscopy', *Early Science and Medicine* 1, no. 1: 1–27.
- Manso, F. (1959), *Caçadas aos Javalis pelo Dr. Framar* (Guarda: Casa Vêritas).
- Masseti, M. and C. Veracini (2009), 'John the Baptist's Spotted Felid Skin', in V. Merlini and D. Storti (eds), *Leonardo in Milan: Saint John the Baptist* (Milan: Skira), 119–22.
- Milenkovic, M. (2008), 'Large Carnivores as Added Value: Economic, Biological and Cultural Aspects', in R. Potts and K. Hecker (eds), *Coexistence of Large Carnivores and Humans*;

Threat or Benefit? Proceedings of the International Symposium Preciding the 54th CIC General Assembly (1 May 2007, Belgrade, Serbia, CIC International Council for Game and Wildlife Conservation).

Milton, K. (2002), *Loving Nature: Towards an Ecology of Emotion* (London: Routledge).

Monbiot, G. (2015), '15 Species That Should Be Brought Back to Rewild Britain', *The Guardian*, 15 July <www.theguardian.com/environment/2015/jul/15/

[rewilding-britain-launches-with-the-aim-of-restoring-uks-lost-wildlife-and-habitats](http://www.theguardian.com/environment/2015/jul/15/rewilding-britain-launches-with-the-aim-of-restoring-uks-lost-wildlife-and-habitats)> (accessed 1 August 2015).

Morrison, P. (2008), 'Save This Amazing Forest . . . Uncork a Bottle of Wine', *Daily Mail*, 29 November <www.dailymail.co.uk/news/article-1090462/Save-amazing-forest---uncork-bottle-wine.htm> (accessed 1 August 2015).

Mullin, M. H. (1999). Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships. *Annual review of anthropology*, 201-224.

Navarro, L. and H. Pereira (2015). 'Rewilding Abandoned Landscapes in Europe', in H. Pereira and L. Navarro (eds), *Rewilding European Landscapes* (New York: Springer), 3–23.

Nazarea, V. (2006), 'Local Knowledge and Memory in Biodiversity Conservation', *Annual Review of Anthropology* 35: 317–35.

Noss, R. (1990), 'Indicators for Monitoring Biodiversity: A Hierarchical Approach', *Conservation Biology* 4, no. 4: 355–64.

Ogden, L. (2008), 'Searching for Paradise in the Florida Everglades', *Cultural Geographies* 15, no. 2: 207–29.

Olcott, W. (1911), *Star Lore of All Ages: A Collection of Myths, Legends, and Facts Concerning the Constellations of the Northern Hemisphere* (New York: Putnam).

Palmeirim, J., L. Palma, F. Catarino and C. Almaça (1980), 'Salvemos o lince e a serra da Malcata: Campanha nacional', *Bios* 21: 1–11.

Pires, A.E. and Fernandes, M.L. (2003) Last lynxes in Portugal? Molecular approaches in a pre-extinction scenario. *Conservation Genetics* 4: 525-532

Prehal, B. (2011), 'Freyja's Cats: Perspectives on Recent Viking Age Finds in Egjandadalur North Iceland', master's thesis (Hunter College of the City University of New York).

Queiroz A.I. (Coord.), Alves, P.C., Barroso, I., Beja, P., Fernandes, M., Freitas, L., Mathias, M.L., Mira, A., Palmeirim, J.M., Prieto, R., Rainho, A., Rodrigues, L., Santos-Reis, M. and Sequeira, M. (2005) 'Fichas de caracterização – Mamíferos' in Cabral, M.J., Almeida, J., Almeida, P.R., Dellinger, T., Ferrand de Almeida, N., Oliveira, M.E., Palmeirim, J.M., Queiroz, A.I., Rogado, L., e Santos-Reis, M. (Eds.) *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*, 429 – 532. (Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza).

Reau, L. (1955), *Iconographie de L'art chretien* (Paris: Presses Universitaires de France).

Ribeiro, A. ([1924] 2003), *O Romamce da Raposa* (Lisboa: Bertrand).

Roque de Pinho, J. (1959), 'Situation du lynx au Portugal', in *Conseil International de la Chasse: VIIIeme Assemblée Generale*, Vienne 20-25 Mai 131–2.

Sacarrão, G. (1959), 'O conceito de nocivo', *Protecção da Natureza* 2: 5–8.

Santamarina Campos, B. and J. Ramiro (2013), 'Lugares rurales versus espacios naturalizados', *Revista de antropología iberoamericana* 8, no. 1: 112–38.

Sarmiento, P., J. Cruz, P. Monterroso, P. Tarroso, C. Ferreira, N. Negrões and C. Eira (2009), 'Status Survey of the Critically Endangered Iberian Lynx *Lynx pardinus* in Portugal', *European Journal of Wildlife Research* 55, no. 3: 247–53.

Saunders, N. J. (1998). *Icons of power: feline symbolism in the Americas*. (London and New York: Routledge).

Schröder, J. (1644), *Pharmacopoeia Medico-Chymica*, book V, chapter I, 'De animalibus', XXVI <[books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Kd4UAAAQAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Schr%C3%B6der,+J.+\(1644\).+Pharmacopoeia+Medico-Chymica&ots=kvb1M5BscQ&sig=XXFvO7PNIOEe5Rh2w-jo7X5SIZseredir_esc=y#v=onepage&qef=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Kd4UAAAQAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Schr%C3%B6der,+J.+(1644).+Pharmacopoeia+Medico-Chymica&ots=kvb1M5BscQ&sig=XXFvO7PNIOEe5Rh2w-jo7X5SIZseredir_esc=y#v=onepage&qef=false)> (accessed 20 June 2016).

Schwartz, C., J. Swenson and S. Miller (2003), 'Large Carnivores, Moose and Humans: A Changing Paradigm of Predator Management in the 21st Century', *Alces* 39: 41–63.

Schwartz, T. (1975), 'Cultural Totemism: Ethnic Identity Primitive and Modern', in G. De Vos and L. Romanucci-Ross (eds), *Ethnic Identity: Cultural Continuities and Change* (Palo Alto, CA: Mayfield), 106–31.

Simon, M., J. Gil-Sánchez, G. Ruiz, G. Garrote, E. McCain, L. Fernandez and G. Lopez (2012), 'Reverse of the Decline of the Endangered Iberian Lynx', *Conservation Biology* 26, no. 4: 731–6.

Sobral, L. (1998), *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620–1708* (Lisbon: Instituto Português do Património Arquitectónico).

Strabo, G. (1924), 'Chapter 7 Book 7', in H. L. Jones (ed.), *The Geography of Strabo* (Cambridge, MA: Harvard University Press) Sunquist, M. and Sunquist, F. (2002). *Wild cats of the world*. (Chicago, London: University of Chicago Press).

Temple, H. and A. Cuttelod (2009), *The Status and distribution of Mediterranean Mammals* (Cambridge: IUCN).

Thomas, K. (1991), *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England 1500–1800* (Harmondsworth, U.K.: Penguin).

Throop, P. (2005), *Isidore of Seville's Etymologies: Complete English Translation*. (Charlotte, USA: Medieval MS).

Toledo, V. and N. Barrera-Bassols (2008), *La memoria biocultural: La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales*, vol. 3 (Barcelona: Icaria).

Tosello, G. (2003), *Pierres gravées du Périgord magdalénien: Art, symboles, territoires* (Paris: CNRS).

Toynbee, J. (1973), *Animals in Roman Life and Art* (Ithaca, NY: Cornell University Press).

Travassos Lopes, J. (1899), *Histórias de Animais*, vol. 3 (Lisbon: Livraria).

Tremblay, P. (2002), 'Tourism Wildlife Icons: Attractions or Marketing Symbols?', in *CAUTHE 2002: Tourism and Hospitality on the Edge – Proceedings of the 2002 CAUTHE Conference* (Lismore, Australia: Edith Cowan University Press), 624–38.

Tuan, Y. (2013), *Topophilia: A Study of Environmental Perceptions, Attitudes, and Values* (New York: Columbia University Press).

Van Horn, G. (2012), 'The Making of a Wilderness Icon: Green Fire, Charismatic Species, and the Changing Status of Wolves in the United States', in A. Ross and A. Valley (eds), *Animals and the Human Imagination: A Companion to Animal Studies* (New York: Columbia University Press), 203–37.

Vigne, J. (2011), 'The Origins of Animal Domestication and Husbandry: A Major Change in the History of Humanity and the Biosphere', *Comptes Rendus Biologies* 334, no. 3: 171–81.

Wilson, C. (2004), 'Could We Live with Reintroduced Large Carnivores in the UK?', *Mammal Review* 34, no. 3: 211–32.

WWF Global (n.d.), 'Cork Oak' <wwf.panda.org/what_we_do/endangered_species/cork_oak> (accessed 1 August 2015).

Wynn, T., F. Coolidge, K. Overmann and M. Bright (2013), 'The Lion-Man and the Evolution of the Human Mind', in Ulmer Museum, *The Return of the Lion Man: History, Myth, Magic* (Ulm: Ulmer Museum), 148–9.

2ª PARTE

Percepções sociais, memórias, conhecimento e práticas locais acerca do lince e outros predadores

*“O pastor por esses montes
O cão por companhia,
Nos campos do Alentejo
Onde passa a noite e dia
Todos os dias do ano
O pastor alentejano
À noite ouvindo as raposas
E os rouxinóis a cantar...”*

(Bento Torra, compositor do Coro Santo Aleixo da Restauração, 2013)

De forma a responder às questões iniciais de investigação sobre que histórias populares, memórias e crenças estão associadas ao lince e aos predadores, como são classificados e integrados nas construções locais de natureza e fauna, realizou-se uma recolha etnográfica nas áreas de Moura-Barrancos e Guadiana desde 2012. Os dados obtidos nessas áreas relativos à presença histórica de lince, percepções sobre predadores e práticas descrevem-se nesta segunda parte. Um primeiro capítulo debruça-se sobre a memória do lince, do lobo e as práticas locais associadas a estas espécies mais relevantes. O segundo capítulo, em formato de publicação submetida a revista com arbitragem científica, organizou dados sobre o conhecimento local e as classificações empíricas realizadas pelos informantes. Nas análises das categorizações empíricas incluíram-se e compararam-se os dados recolhidos na Malcata, área de ocorrência histórica de lince na Beira Baixa. Esta última recolha foi realizada por outra investigadora e fora do âmbito etnográfico desta tese mas usando os mesmos guiões e sob a mesma coordenação.

Capítulo VII: Memória e práticas relativas ao lince e outros predadores

“Chamávamos-lhe o gato-cravo, ele era pintadinho, aqui assim nas orelhas tem uns cabelos grandes, orelha afitadinha.”
(Inocência Palhinha, Algarve, 2012)

Memória do liberne no Alentejo

Com o objectivo de preparar a pesquisa etnográfica no terreno para a presente tese, foi revisitado um conjunto de entrevistas anteriormente realizadas pela investigadora, em 1995, a informantes da região do Vale do Sado e Sudoeste Alentejano que tinham tido contacto directo com lince (observação de animal vivo ou captura e abate).

Esta área de ocorrência histórica da espécie, referida no capítulo III, tinha sido alvo de entrevistas directas, realizadas no âmbito do projecto “Conservação do lince-ibérico” (ex-ICN)⁴⁶ que permitiram o acesso ao registo de notas de campo da investigadora e citações originais dos inquiridos à época. Esta experiência adquirida previamente pela investigadora originou um conhecimento antecipado à presente pesquisa, útil para regressar ao terreno e realizar uma recolha da memória sobre o lince e o tempo da coexistência com humanos. Nesse sentido reviu-se e analisou-se o conjunto de dados anteriormente obtidos.

De entre todos os residentes daquela área dos concelhos de Alcácer do Sal e Grândola, destacaram-se os homens mais velhos e com ocupações ligadas ao meio natural, pela agricultura, caça, pesca, actividade florestal (limpeza e extracção de produtos) com proximidade e conhecimento ecológico sobre a fauna. Muitos deles conheciam o lince-ibérico, nesta região denominado liberne, e tinham observado na primeira pessoa a espécie. Este conjunto de informantes (n=62) apresentava em média 62 anos de idade (em 1995) e tinham um perfil heterogéneo desde proprietários que organizavam caçadas nas suas propriedades, caçadores e batedores que tinham

⁴⁶ Projeto LIFE B4-3200/94/767 do ex-ICN, financiado pela Comissão Europeia (Ceia *et al.* 1997).

participado em batidas e montarias desde jovens, “maiorais” de gado, guardas de caça e “bicheiros”, pessoas que colocavam armadilhas no terreno para capturar predadores. Todos tinham uma experiência e contacto privilegiado com a fauna selvagem. A maioria era caçador (n=46) e os contactos que descreveram com lince situam-se entre 1920 e 1994.

Neste conjunto de dados registaram-se 28 casos de lince abatidos a tiro e 20 observações de lince vivos. Todos os informantes identificaram o lince em fotografias e ilustrações mostradas, à data, e sem identificação escrita. A espécie era muito menos mediática e não existia a possibilidade fácil de a conhecer, como actualmente, através da *internet* e de imagens disponíveis. Nesse sentido é muito provável que as descrições sejam completamente baseadas em experiências pessoais.

De entre as características distintivas mais referidas pelos informantes para descrever o lince contam-se os pincéis nas orelhas, a cauda de tamanho reduzido e as barbas faciais: “orelha fita, rabo curto com pêlos na ponta, barbas, tamanho de um chibo” (JC, 78 anos); “rabo curto espetado para cima” (MS, 40 anos); “barbas, rabicho curto, maior que raposa, orelha fita” (A, 61 anos); “pelagem com muitas pintas, com rabo de cabra, barbas compridas, orelhas afitadinhas” (E, 64 anos). A cauda curta e truncada com côr negra também era referida: “rabo curto espetado”, “orelhas com pincéis, rabo com borla e curto, mais pequeno que raposa” (JF, 62 anos).

Estes encontros eram relatados como situações muitas vezes memoráveis e o animal era descrito como tendo um comportamento calmo e tranquilo de um animal que olhava na direcção do informante e se afastava devagar, sem medo dos humanos. Descrição coincidente era apontada já numa obra do meio do século XX:

“Diz-se que o lince em presença do homem se queda imóvel e que assim fica por largo tempo a olhá-lo fixamente e sem fugir.” (Galvão *et al.* 1943: 136)

Muitos entrevistados desta área do Sado referiram que eram os mais velhos que identificavam este animal como sendo liberne. Existia um conhecimento ecológico local sobre a espécie, sendo referida a sua ocorrência na região desde há muitos anos mas tratando-se de uma espécie rara, que tinham conhecido pela primeira vez em criança, durante montarias em que grande quantidade de batedores era agregada. Alguns informantes descreveram como identificar o rasto do lince no terreno (ver figura 1.1.) e outros referiram, acerca da reprodução, ser animal “*que*

criava pouco”. Como foi referido, da biologia do lince-ibérico sabe-se que é uma espécie cuja maturidade sexual se dá apenas aos 3 anos de idade, que em condições subóptimas em geral sobrevivem apenas duas crias por ano e que usualmente as fêmeas entram em cio apenas uma vez por ano. A agilidade e comportamento esquivo dos linces também foram referidos pelos informantes, descrevendo-os como por vezes desaparecendo “com um salto” ou sendo detectados pelos cães “em cima de uma sobreira”. Em dois casos foi descrita a captura de lince vivo em caixas “iscadas” e o seu comportamento “assanhado” nessas condições.

De entre os usos referidos para os animais abatidos, destacou-se a venda da pele (n=7) e a alimentação (n=15). A carne do animal seria cozinhada numa refeição por vezes partilhada por vários familiares e amigos convidados para o efeito. Um testemunho sobre este uso foi recolhido em 2012, durante a actual pesquisa, na região do Algarve, revisitando locais onde haveria memórias de lince-ibérico (a partir de dados do ex-ICN): “*ainda ajudei a comer um (...) (a carne) era cozida com ramos de esteva e depois refogada*” (Inocência Palhinha, Várzea Redonda, São Barnabé, 2012).

Tal como referido na Introdução, existem indícios da pré-história de que os linces eram animais caçados pelos humanos e possivelmente já usados na alimentação e para o aproveitamento da pele. Desconhece-se porém outras descrições de uso alimentar na Europa e no século XX.

Já no âmbito da presente pesquisa recolheu-se o registo de uma batida de 20 portas na Herdade do Vale da Arquinha, situada na região do Sado, em que foi abatido um lince:

“8 de Março de 1952, sábado: Fui no carro Chevrolet (...) até ao Torrão (...) saímos de Setúbal às 7h30m e do Torrão às 9h. Chegámos ao monte às 10h. Comemos e aguardámos João Nuncio (...) Fizeram-se 3 batidas. O lince saiu na primeira batida e a raposa na segunda. Foi errada outra raposa. Foi vista outra e mais dois linces.” (Registo de caderno de caça, informante na área do Vale do Sado, 2013)

Observou-se e registou-se este animal embalsamado na casa particular do informante, em 2013. A maioria dos informantes que em 1995 detinham memória do liberne nesta área, faleceram entretanto, pelo que não foi possível realizar nova recolha sistematizada desse espólio.

A revisitação dos dados recolhidos há quase duas décadas permitiu reunir ainda testemunhos na primeira pessoa que atestam da existência da memória de lince-ibérico. Esta experiência permitiu nova familiarização com as descrições dos animais, o tipo de linguagem e o entendimento que existiram formas próprias locais de lidar com a espécie, caça, protecção, alimentação, etc. Conseguiu-se também constatar que os informantes detentores desta memória são em geral pessoas experientes, com mais de 70 anos, com um perfil específico que privilegiou o contacto directo com os predadores – ex-bicheiros, pastores, taxidermistas – e que actualmente é muito mais raro no meio rural.

Memória do lince no Baixo Alentejo

No início da pesquisa de campo deste trabalho, realizou-se uma pesquisa local e dirigida à recolha de referências históricas à presença de lince no Baixo Alentejo. Uma das primeiras esteve relacionada com a existência de uma inscultura ibérica do Museu de Barrancos que apresenta uma figura animal com orelhas longas e pontiagudas. Um contacto com uma equipa de arqueólogos locais esclareceu tratar-se afinal de uma lebre, animal doméstico da divindade Ishtar e datado entre 200 AC e 50 AC (Rodrigues Ferreira, com. pess.). Não foram encontrados registos sobre presença pré-histórica de lince nesta região.

A pesquisa de arquivo sobre localidades da região de Moura-Barrancos revelou a referência à presença de lince pelo menos desde o século XVIII. As descrições de algumas localidades incluem na fauna o gato-cravo, uma das denominações da espécie. Estes registos de lince nas Memórias Paroquiais de 1758, confirmam a presença histórica da espécie:

“Coroada: (...) cria esta serra quantidade de lobbos, rapozas, gatos cravos e montezes, porcos javalis (...) (p.25) Montalvo: Nesta serra só fazem criação bastante de cabras e há abundância de cassa, a saber, coelhos perdizes, javalis e algum gado de veação, há munto lobo, rapozas, alguns gatos cravos e outros monteses e ninhos vardos e outros muntos bichos e animaes. Há tabem munta víbora que fazem munto mal (...) Orada: No undécimo interrogatório digo que o gado bravo que nesta charneca se cria são porcos, viados e servas, lobos, rapozas, gatos cravos e da caça coelhos, lebres, perdizes (...) Adissa: Veste-se de muito mato. Tem em si veados,

lobos, javalis, raposas, gatos cravos, genetas, techugos, linhovardos, coelhos e perdizes. (In Memórias paroquiais 1758⁴⁷)

A partir da mesma fonte, não se encontrou referência à espécie nas localidades da região do Vale do Guadiana (Sólis e Corte do Pinto trechos ilegíveis):

“Alcaria Ruiva: (...) Lobos, raposas, Gatos brabos (...) Mértola: (...) Há mais criaçoens de gados de cabelo, e caças de perdizes, coelhos, lebres, lobos, e mais brutos indomitos como porcos, veados etc. (...) Espirito Santo: (...) Ovelhas cabras, porcos e (...) pequena quantidade de Caça era abundante; may nadia.” (In Memórias paroquiais, 1758)⁴⁸

Na área de Moura-Barrancos, localizaram-se antigos observadores de lince por serem detentores da memória de lince na primeira pessoa e serem, por isso, informantes privilegiados na área.

A partir de informação recolhida pelo ex-ICN em 1996, organizou-se uma lista de potenciais contactos desta área de Moura-Barrancos, que foram pessoalmente procurados no terreno. À semelhança do Sado, não foi possível contactar muitos destes observadores, por terem já falecido ou já não residirem na área, mas outros novos observadores foram entretanto identificados e entrevistados.

A memória do lince está ainda presente nesta área. Muitos informantes referem que existiu lince nas zonas das serras, em particular na Adiça e Ficalho. As observações e abates de lince mais populares dizem respeito à zona da Contenda (ver capítulo IV, descrição da área), tendo-se nessa zona realizado batidas e montarias com a participação de membros do governo do antigo regime. Os informantes que participaram nesses eventos têm hoje mais de 75 anos de idade.

O lince não é conhecido por gato-cravo nesta região, os informantes referiram apenas a denominação lince.⁴⁹

A tabela seguinte sumariza as ocorrências e respectivas descrições registadas.

⁴⁷ Memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo Dicionario Geografico: 25 e 52

⁴⁸ Disponível em <http://ttonline.iannt.pt>. consult. 3 junho 2014

⁴⁹ Alguns informantes referiram, porém, a designação de “cravo-do-monte” a aves nocturnas, um “pássaro da noite que cantava” (uma informante imitou o ruído de uma coruja). A este propósito considerou-se a possibilidade de esta denominação se referir ao bufo-real, ave de grande porte que apresenta tufo de pêlos auriculares e que por essa particularidade pode, eventualmente, ter sido vista com semelhanças morfológicas ao lince. A denominação cravo-do-monte diz respeito também a uma planta existente em Portugal, pelo que podem existir derivações para denominações de flora e fauna.

Tabela 7.1. – Descrições de observações de lince na primeira pessoa recolhidos no Baixo Alentejo, maioritariamente na área de Moura-Barrancos, 2012 a 2014

Observador	Ocorrência	Descrição
1	Avistamento por volta de 2007, Serra de Ficalho	<i>“Já era de noite vi aquele animal no pátio e disse venham cá ver um lince (...) Tenho a certeza que podia ser um lince...ele não teve medo de nós... o animal podia ter vindo do parque (Doñana), estar habituado ao ser humano, era Inverno, só quando eu fiz psst a tentar tirar uma fotografia com telemóvel é que ele foi embora. Tenho a certeza que vi mas não comento muito isto. Mas depois na altura um senhor que também tem um monte para ali diz que também tinha visto”</i>
2	Capturado e embalsamado, anos 70, Serra de Ficalho	<i>“Há 40 anos (...) Estava no monte vimos o gato bravo com aqueles olhinhos e o rabo, isto é um lince dizia o guarda, amanhã pomos aqui comida para ele cá vir (...) Era o individuo que fazia comida para perdizes, (...). Ele é que disse. E eu fui ver e vi. Meteu-se no mato (o lince). Ele armou-lhe uma gaiola mas ele mandou-o dar uma curva. (...) Penso que nem havia essa conversa do lince, a guerra do lince (...) Tem que se proteger, não se pode matar, não sei quê, (...) Havia um embalsamador (...) já deve ter desaparecido, foi embalsamado lá um lince, há 40 anos, que o guarda apanhou. O guarda desbichava...”</i>
3	Abatido em 1958/59 durante a caça ao coelho, serra de Ficalho	<p><i>“Fui o único aqui em Ficalho que matei. Um inça. Um lince, apareceu aqui e eu julgava que era um tigre, ah ah (ri-se) quando o matei. Matei-o aqui perto num barranco destes, eu e um rapaz daqui, ainda é vivo, é do meu ano, andávamos à caça ao coelho, metemo-nos numas rochas e ele: “ou, ou, ou! É uma raposa, é uma raposa”. Julgávamos que era uma raposa, com a espingarda de um cano.... matei-o, não matei mais nenhum, vim com aquilo às costas para Ficalho, um bicho lindo, lindo, lindo e aqui em Ficalho não havia, pronto. Fui à guarda e veio cá de propósito a Venatória e agarraram-no, agarraram-no porque era bonito e eles levaram-no não me deram nada filhos da (...) Levou o bicho porque aquilo era bicho de muito valor.”</i></p> <p><i>“(…) Quando chegou ao bicho os cães faziam ‘au au’ e quando se sentia um bicho bravo a gente mudava o cartucho (para nº3) (...) valia de zagalote ou de bala hoje, eu: agarra-o, agarra-o (...) estava uma passagem, uma pedra que ainda lá está assim alta, grande, o gajo quando se vê para cá dos animais pula para cima da pedra e eu quando vi aquele bicho tão estranho digo: um tigre! fez-me lembrar um tigre, olha é um tigre, é um bicho bravo, ai mãe! (...) e ele ficou assim a olhar para mim e eu virei-me, ele assim um bocadinho de lado que era para saltar e eu vi logo que não tinha rabo assim curto (...) um tiro como aqui além aquela sobreira (...) mando um tiro, o bicho caiu. Epa corre cá, matei um tigre, anda cá! Ouvia</i></p>

Observador	Ocorrência	Descrição
		<i>falar nos tigres e isso, na altura não havia televisão, não havia nada, a gente não sabia (...) descarregámos as armas, levámos para Ficalho (...)</i> ⁵⁰
4	Embalsamado há 100 anos	<i>“Esse lince foi o nosso bisavô que o caçou aqui na zona, não sei precisar, talvez ali na zona do Pedrógão, uma parte das terras que os nossos bisavós tinham, (...) e dali é que ele deve ter vindo. Ficou para o meu avô (...) A cara é diferente; o meu modelo de lince não é isto. A cara é completamente diferente, eu até pergunto “será que estes lincos serão lincos que vieram do norte de África?”. Eu admito que haja aqui no sangue de outras raças de lince, de outras variantes, não sei se se diz raças.”</i>
5	Avistamento cerca de 1970 durante batida às raposas	<i>“Isto (linco) é que ainda vi antes do 25 Abril (...) nos Marvões. Tinha os meus 9 ou 10 anos, ia com o pai à caça. Estava numa porta na batida às raposas e passaram dois. Fugiram, desapareceu. O meu pai é que disse que eram lincos que eu não conhecia. Ele é que conhecia. Foi caçador e caçou durante muito tempo.(...) Eu não tinha imagem do que era um lince, era parecido com os tigres, pensava que era um animal grande. Inicialmente tinha medo do lince. Depois apercebi-me que não, que eram umas dimensões normais. Simplesmente recorde-me do andar deles, o caminhar era muito diferente, era diferente dos outros animais, mais astucioso, manhoso, diferente.”</i>
6	1970/71, capturado	<i>“Na Serra Alta e em Barrancos sempre houve lince. (...) Cheguei a ver um lince preso num ferro (armadilha)”</i>
7	Local e data indefinida da observação, informante não quis revelar	<i>“Partilhei uma porta (posto de caça) com uma gata (linco fêmea) 6 anos e ela teve 5 crias (...) foi bicho sempre muito raro e continua a ser”</i>
8	Serras Adiça e Preguiça, capturados cerca de 1982	<i>“Dois lincos morreram dentro da caixa (armadilha), há muitos anos, (...) eu conhecia como lince, nas serras todas havia esse bicho. Estão protegidos se calhar...”</i>
9	Barrancos, 1953-1965.	<i>“Cheguei a ver dois ou três na nossa propriedade e vários na Contenda. ...(...) uma fêmea foi abatida, bicho lindo, tinha duas crias na barriga (...) Oiça o animal é espetacular, devo dizer que é em certa medida parecido com o lobo, já se sabe que é um felino, mas é bicho que anda no extremo cuidado no mato. Nas estevas para se ver um lince só quando saem para</i>

⁵⁰ Testemunho recolhido no local de abate com o entrevistado.

Observador	Ocorrência	Descrição
		<i>as partes que não têm...conseguem andar quase que não mexem estevas, é um bicho extremamente tímido...quando se vê de frente as orelhinhas com ponta e penacho, eu não acredito que haja ninguém que não se apaixone por um lince.”</i>
10	Freguesia de Safara, data indefinida	<i>“Tenho tido guardado há uma porção de anos, vou contar-lhe a história. Começaram a desaparecer chibos ao pé da povoação e um homem pediu-me o fox terrier, quando lá chegamos, ao coval, eu estava farto de lá ir, começamos logo ouvindo barulho dele ele vinha a sair ainda apareceu à porta do buraco aflito com os cães, mas entrou outra vez e eu nunca mais fui lá a esse buraco.(...) Vim-me a inteirar há pouco tempo que ainda lá andam, se calhar outro (...) Era nas rochas, nunca tinha visto antes. Como sabia que era este bicho? Vi pela cabeça, apareceu de frente .Onde já tinha ouvido falar? As pessoas falavam e às vezes na batida às raposas apareciam”</i>
11	Observação de informante de Moura Barrancos na zona de Vale do Sado, 2010	<i>“Eu o ano passado vi um lince (...) numa montaria junto à herdade dos Núncios, (...) estava a pôr o binóculo da rama e vejo no mato, (...) aquilo não se confunde com nada, tem outro porte”</i>
12	Serra de Ficalho, anos 80	<i>“Até posso dizer, sabendo que estou a ser gravado, que já vi um lince morto aqui em Ficalho. Eu vi, porque um senhor chamou-me, também já faleceu. Pediu-me por amor de Deus não dissesse a ninguém, que não tinha sido ele. (...) Ele mostrou-me aqui no quintal em Ficalho. (...) A primeira, a única vez. Tenho uma vaga ideia de dizer que foi armadilha. (...) Na altura falava-se do lince da Malcata... ele disse-me que queria ir embalsamá-lo. E eu avisei-o para o risco que ele corria (...) podia estar a meter-se num problema muito grande (...) Não sei o que aconteceu, se avançou, não se falou mais nisso. (...) Pelas orelhas identificou-se logo, pelo tamanho da cauda.”</i>
12	Contenda, anos 70	<i>“Houve uma vez, eu andava lá nas caçadas, que um indivíduo atirou a um lince e ele partiu uma perna, e eu depois entreguei a uma pessoa que me pediu. Porque os lincos apareciam mas não era naquela quantidade muito grande_(...) Estava vivo, foi numa perna, deu-me pena, não o queria para mim, era muito bonito (...) Cheguei e com um saco que tinha, atei, andei à caça dele com o outro e ele atou-lhe as patas (...) Antes de haver caçadas é que eu tinha visto lincos, os espanhóis caçavam e eles passavam, fugiam de um lado para outro.(...) Eles disseram que era lince e nós ficámos a saber, o engenheiro disse logo no início: não atirem aos lincos, não matem os bichinhos e aquilo foi respeitado mas houve uma altura que um indivíduo que atirou com malandrice e o bicho caiu, ficou logo ali...e acabámos por dar a um que não foi o que o matou, outro caçador. Depois via-se mas não é com aquela quantidade, como os veados”</i>

Observador	Ocorrência	Descrição
13	Barrancos, avistamento 2010	<i>“Ja com o meu empregado, ele disse: ‘olha um cão’. Aquilo é forte de membros e com rabo curto parece um rafeiro, um cachorro, ao longe, mas eu disse logo que era um lince já tinha visto em Doñana. Não o achei em muito boa forma, assim gordo, achei-o em baixo. Até disse ao engenheiro (...) já lançaram os lince e ele: não! Ele não acreditava no que eu dizia e eu também achava que ele não queria dizer, pois se eu tinha visto! Depois é que lhe telefonaram de Espanha queriam cá vir e entrar cá.” (caso do lince Caribu seguido por telemetria por técnicos espanhóis e referido no capítulo III)</i>
14	Marvões, Santo Aleixo, 1969-70	<i>“Vi até hoje cinco lince, dois estiveram na minha frente com possibilidade de atirar, estava numa batida às raposas e outra ao javali, não atirei porque achei que não devia, conhecia as dificuldades de reprodução e a pouca densidade de lince aqui na nossa zona. Estes que tive à minha frente foi no Baldio dos Marvões, eram lince que vinham de Espanha, passavam pela Contenda e depois desciam o Murtigão e como ali havia muito coelho, como disse há momentos as raposas já tinham levado uma sova boa, então os lince sentiam algum sossego, alguma comidinha. Aí vi abater uma fêmea e o macho no mesmo dia (...) eram animais bons pesavam 12kg, 14 kg.(...) Veio um batedor disse está um bicho ali atrás aos saltos, esbranquiçado, sarapintado (...) então segui o rasto de sangue (...) Esse macho lindo, esbranquiçado com aquelas pintas negras e umas tiras também (...) a fêmea mais pequena (...) um felino nessa altura muito raro, nessa altura até se podiam matar e não houve se calhar essa contenção”</i>
15	Contenda, década de 60 e início anos 70	<i>“Por acaso comigo é que veio ter o lince parado à minha frente a uns 20 e tal metros parecia um macaco a andar, andava assim com ar gingão, depois parou sentou-se ali calmamente, eu estava muito quieto e depois houve uns tiros a uma raposa numa das portas ao lado, ele então fugiu houve um que atirou não soube ao que estava a atirar, pensava que era uma raposa, ...o que é facto é que ficou vivo, ninguém atingiu (...) A Contenda teve sempre lince, a zona do Murtigão era outra zona de lince e na continuação até próximo de Safara um pouco acima da confluência do Ardila, há uma zona nas Donas Marias que se chamava mancha do tigre, é lógico que aí com certeza que apareciam lince”</i>
16	Barrancos, anos 70	<i>“Vi uma vez em Barrancos (...) Vi também num monte em Espanha, eu não vi, mas passou as portas e são gente que conhece. E vi em casas, lince e lobos, embalsamados. Isto passou-se há muitos anos (...) Eu vi perto, vi primeiro que não tinha rabo; que tem rabo curto, que é diferente de outro gato: o cabeçanas por exemplo. O lince além do rabo é às bolinhas.”</i>
17	Contenda, avistamento 1973	<i>“O lince foi em 73 (...) ia numa motorizada ali a descer do monte onde vivíamos, a motorizada ia parada, desengatada e ele atravessou-me da esquerda para a direita, na estrada, era para aí 10:30, 11 horas e depois ficou assim lá na encosta em frente a olhar para mim. (...) Já tinha ouvido falar, o meu pai, (...) O corpo é mais forte um bocadito que a raposa e mais alto. Os tais pêlos aqui que eles têm. O tipo de orelhas, e o rabo. (...) Muito raro, o meu pai viveu uma vida no campo e</i>

Observador	Ocorrência	Descrição
		<i>sabia o que era, mas viu poucas vezes. Era muito raro (...) a pessoa que via um lince, pronto, podia- se dar por 'vitorioso'</i>
18	Santo Aleixo da Restauração, Anos 80 e fim anos 90	<i>“Estava sózinho numa espera na Negrita vi um lince, muito rápido mas reconheci logo. (...) Em Rosal apareceu, há 15 anos, lince morto numa caixa (..) na altura foi muito falado mas abafou-se.”</i>
19	Marvões, Santo Aleixo, 1974/77	<i>“Vi pelo menos cinco (...) impressionou-me um macho lindíssimo, parecia um tigre, pelagem tigrada, pincelinho das orelhas, o rabo depois muito equilibrado de frente e detrás”</i>
20	Santo Aleixo, anos 80,	(sobre existência de determinado lince embalsamado) <i>“Foi uma espera no sítio onde estavam os bichos a beber ...Havia lince naquela altura? Não haveria com aquela abundância, eles próprios (lincos) não conseguem estar muito juntos precisam daqueles espaços (...) tinham trajectórias para Serra Morena.”</i>
21	Santo Aleixo, anos 70	<i>Então via-os, lince, daqui do campo mesmo (...) quando andava a caça, naquele tempo ainda não era essa proibição havia pessoas que matavam lince. (...) era ali na Contenda (...) aqui nesta na zona aqui havia antigamente não era aquele disparate de lincos, lá aparecia um aqui, outro ali, é um animal muito esquisito e são muito maus para se reproduzir, reproduzem-se muito poucachinho (...)</i>
22	Amieira, Portel, anos 50	<i>“Havia alguns mas não apanhei (...) lembro dos antigos dizerem, vi em miúdo quando era pastor (...) Gato meio rabo, rabeto, na ponta das orelhas têm cabelos, parecem cornos (...) o rasto é de um gato mas maior”</i>

O único registo fotográfico antigo conseguido na área foi um lince abatido em Vila Verde de Ficalho nos anos 50, cuja testemunha era criança na época. Esta informante desenvolveu uma sensibilidade e interesse particulares pela espécie e posiciona-se hoje como favorável à sua reintrodução:

“Foi há 52 anos esta fotografia (...) a minha irmã teve medo, fui eu a da aventura (...) recordo-me que havia muitos caçadores a ver o lince (...). Depois, mais tarde, em adulta, várias conversas, o meu pai sorria-se e falava nesse dia, que havia muitos nessa altura (...). Eu adoro essa fotografia, gosto muito do lince é um animal muito bonito. (...) Parece que sim que depois entregaram à Venatória.

Depois tive sempre interesse no lince. Acho que se alguém quer que o lince seja aqui outra vez visto e criado, a serra reúne as condições melhores (...) Acho que é um bicho que foge das pessoas e acho que precisa do cantinho deles e nada melhor que a serra” (Lúcia Acabado, Moura-Barrancos 2013)

A propósito desta memória e deste interesse, o marido, proprietário, artista e escultor, fez uma escultura de lince que depois foi premiada (Menção Honrosa) na Bienal da Vidigueira 2012 (ver figura no capítulo VI). O autor não tinha observado lince mas alude às suas características individuais enquanto espécie e associa-o ao conceito de natural e selvagem (associação explorada no capítulos IX a XI).

“Aquilo que eu tenho visto e que imagino é isto, é este animal rude e bonitos (...) os quartos têm que ser mais largos que esta parte, está preparado para o salto, isto são os olhos e tudo é azinho também, esta é a parte do carro e isto era a massa” (António Acabado, proprietário e escultor, Moura-Barrancos 2014)

Interpretamos esta representação como uma reinvenção da memória local sobre lince. Uma revisitação de uma ocorrência passada.

De forma semelhante, a nova visibilidade global do lince enquanto espécie ameaçada vem trazer uma nova perspectiva à memória do lince em Moura-Barrancos e noutras zonas (a alusão ao “lince da Malcata” é recorrente). Na feira de Moura, em 2014, notou-se a participação de um comerciante de artigos de barro pintado que incluíam o motivo lince nos pratos e travessas, com fim decorativo, nas quais figuravam sobretudo espécies cinegéticas, cenas de caça. O lince surgia tipo retrato e o próprio explicou que tinha feito a pintura com base em ilustrações que procurou em guias de Biologia. Integrar o lince entre as outras espécies da fauna tinha sido uma

sugestão de um comerciante em Mértola “quando foi agora isto do lince”, referindo-se à notoriedade do tema e demonstrando as ligações entre as várias localidades das áreas de estudo.

Alguns informantes relataram avistamentos de lince na área de Moura-Barrancos realizados por outrém e comentaram a ocorrência, conferindo-lhe certa importância e secretismo, em particular, se recentes.

“E uma pessoa vai ouvindo em off, em sururu, situações que se tem deparado, tipo: que ao baterem vêem um gato grande a subir para cima de uma oliveira e ficar lá; e as pessoas dizerem que não é um gato-bravo porque o gato-bravo é muito diferente do que viram (...) Aqui há uns anos relataram-me duas pessoas que viram passar um lince com umas crias atrás, há coisa de se calhar 6 anos. (...) na serra Alta; depois da serra da Preguiça, a serra Alta é que prolonga até ao fim, até aos Machados. No fim da serra Alta. Eventualmente, a pessoa sabia do que estava a falar porque ele era caçador e sabe distinguir os animais.

Do conjunto de relatos destaca-se o sentimento de admiração pelo lince, de alusão a felinos exóticos, de raridade da espécie e de orgulho por ter tido este encontro com lince e o poder agora relatar para uma investigação. Estes aspectos serão alvo de análise mais aprofundada no capítulo seguinte.

Em relação aos usos feitos localmente com o animal morto, os animais eram embalsamados se o proprietário tinha posses económicas para o fazer. Não foi referido o uso alimentar nesta região, ao contrário de outras como a Malcata, o Alentejo litoral ou o Algarve.

A memória de lince em Moura-Barrancos cinge-se a informantes com características particulares, não é comum a toda a comunidade. Parece, porém, ter dado origem a um sentimento de pertença do lince, de que se trata de uma espécie “natural” desta região e em alguns casos apontado como ainda existente. A ocorrência do lince em 2012 e 2013 em Moura-Barrancos era referida com naturalidade e convicção por muitos, pois tal seria a continuação de uma ocorrência ainda presente na memória colectiva.

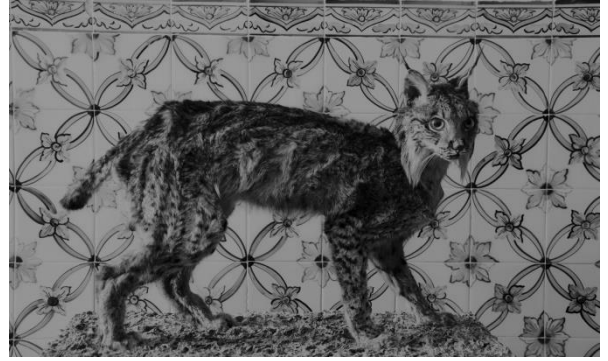
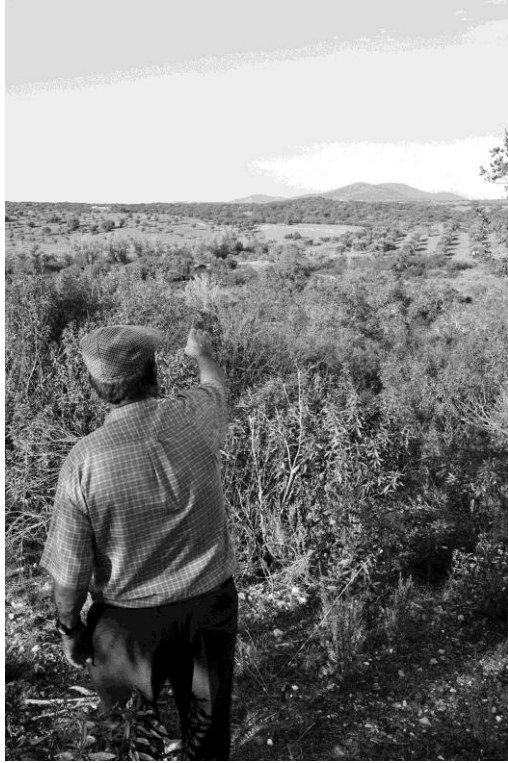


Figura 7.2. Registos da memória local de presença de lince em Moura-Barrancos. Da esquerda para a direita: Bento Sargento mostra local onde abateu lince perto de Vila Verde de Ficalho. Espécimens embalsamados. Lúcia Acabado mostra a sua fotografia de criança com lince.

Memória do lobo, da caça e da protecção do gado no Baixo Alentejo

As referências a lobo durante as entrevistas e conversas informais nas áreas de Moura-Barrancos e Guadiana foram espontâneas e frequentes. A presença do lobo no passado é conhecida pelos informantes, no caso de Moura-Barrancos até à década de 70 e 80 do século XX e no caso do Guadiana do “tempo dos pais e avós” (cerca da década de 30-50).

Nas memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo, de 1758, é referida a presença de lobo em várias localidades – Coroada, Montalvo, Orada, Pias, Santo Aleixo e Adissa. Em 1855 há a seguinte descrição de lobo aludindo ao contágio de humanos pela doença da raiva (hydrophobia) para a zona:

“Além deste animaes outros há, que são nocivos como o lobo, raposa, teixugo, ou montez, tourão; mas o lobo passa de nocivo a muito prejudicial, e mortífero, quando he atacado do mal hydrophobia mas terrível cujo character distinctivo he o horror à água; e que he muito frequente na estação calmosa, ou de ventes de leste, como não poucos casos se derão desgraçadamente em 1852 e 1853 em Saffara, e Amareleja. (...)” (Anais de Moura sem número de página)⁵¹

A monografia de Ficalho (Machado 1980: 229) refere a existência passada de lobo na Serra de Serpa:

“outrora um extenso baldio todo revestido de mato onde se acolhiam veados, javalis, corças, lobos, gatos bravos e raposas, a par com coelhos, lebres e perdizes.”

A referência imediata dos informantes à espécie são os ataques ao gado doméstico e aos prejuízos que causava no gado. O lobo, enquanto espécie selvagem, é localmente representado como um animal feroz, com capacidade de estratégia e reconhecida inteligência. Os ataques, quando os lobos “tinham fome”, foram descritos em Moura-Barrancos em tom exclamativo e por vezes como ocorrendo mesmo dentro da aldeia (Ficalho) ou na vulnerabilidade da noite (Santo Aleixo da Restauração). Daí deriva um certo fascínio associado à memória do lobo e são expressos sentimentos de medo e insegurança em áreas mais inóspitas, pelo facto de potencialmente ali existirem lobos.

⁵¹ Dr. José Avelino da Silva e Matta na descrição física, política e histórica da notável villa de Moura in Anais de Moura (sem número de página)

“À meia-noite chovendo no outeiro da frente em mancha vi um casal de lobos uivando que me impressionou imenso. Em 1974/76 (...) Quer dizer aquilo impressionava, depois uma noite sem se ver nada, no meio do mato...” (Moura-Barrancos 2013)

“Lembro-me de ouvir falar de lobo, a minha mãe dizia que os lobos desciam de serra (...) com os meus pais, atravessámos já de noite (...) lembro-me de estarmos no carro e termos medo dos lobos, já não havia mas tínhamos medo.” (Moura-Barrancos 2013)

Existem também expressões locais de ambivalência e, sobretudo, uma proximidade e conhecimento ecológico da espécie (aspectos explorados no capítulo V):

“O lobo até é bonito, é mau mas é bonito mas quando estão comidos já não fazem mal (...) Ouvia-se os pequeninos cantar de noite...(...) O lobo atacava o javardo⁵² (...) acho que lobo tinha dificuldade em caçar veado, que dão muitos saltos” (Moura-Barrancos 2012)

Foram enumeradas de forma independente, por vários informantes técnicas de defesa usadas localmente para afugentar os lobos e impedir os seus ataques aos animais domésticos. Um exemplo foi o uso de coleiras de picos nos cães de protecção ao gado, técnica conhecida noutros locais de Portugal. Este objecto era de metal e tinha por função proteger o cão de uma mordedura no pescoço na luta eventual com o lobo (figura 5.3.).

“Coleiras cheias de pregos para lobo para não apanhar cão pelo pescoço, funcionava bem, coleiras largas, apanhava todo o pescoço (...) eram pregos de sapateiros, não lhe metiam a mão com muita facilidade. Os lobos atacavam... Na Taberneira os lobos chegavam a matar 30 a 40 ovelhas, era só para matarem...”

“Além das coleiras os cães tinham peitoral. (...) Era de ferro. Tinha uma placa e tinha uma espécie de um arnês (...) A função era para estar em cima do lobo, para o lobo não o ferir. O lobo não o conseguia apanhar, e para espetar o lobo também, para feri-lo. O lobo atirava-se ao pescoço e então ele tinha a tal coleira de picos. Era a arma com que ele podia atacar, o peitoral.” (Moura-Barrancos 2013)

⁵² Javali (*Sus scrofa*), ungulado selvagem.

Existem evidências de uso generalizado desta coleira (Galhano-Alves 2000, dados recolhidos pessoalmente em Trás-os-Montes, Minho e Beira Alta), uso que provavelmente remonta à Antiguidade⁵³. Estas coleiras já não parecem ser usadas no terreno nesta área (mas observou-se o seu uso em 2015 na Serra da Estrela), mas



foram guardadas por particulares de Moura-Barrancos.

Figura 7.3. Coleira de picos usada localmente pelos cães (para defesa de lobo em Moura-Barrancos gentilmente cedida por Carlos Raposo, foto M Pinho de Almeida)

Outra técnica de defesa consistiria na colocação de um arame, fio ou corda, elevado em relação ao solo, com objectos pendurados – luzes (candeias), panos ou outros. A estrutura era montada em redor do gado, por vezes usando as árvores em volta. Os informantes descreveram esta tática e afirmaram que o lobo já não passava dessas estruturas para dentro no local onde estava o gado, ficando este protegido. Outros informantes explicaram que os lobos, mais tarde, habituavam-se e a defesa deixava de ser eficaz.

“(…) alguns mais habilidosos faziam rodeios ao nível do rebanho punham sacos de plástico e candeeiros de petróleo pendurados em ângulos pela linha de vento para que os animais de noite e cães em ângulos opostos para afugentar, rafeiros munidos de coleiras com ferros. eu tive pastores (rebanhos) que nunca entrou nenhuma lobada”

“Nós tínhamos uma ganadaria brava, lembro-me de novilhos de dois anos serem mortos por lobos. Tínhamos uns candeeiros de petróleo que se penduravam ds

⁵³ Durante a pesquisa registou-se, a título de curiosidade, a presença de um cão junto a um rebanho envergando uma coleira deste tipo, numa pintura espanhola do século XVI em exposição em Lisboa.

azinheiras, que davam uma luz, um clarão talvez ainda tenha lá isso. Mas lobos não se assustavam com isso havia uma grande floresta em Espanha.”

“As ovelhas pariam no monte e havia cercas de corda, o meu pai fazia-as e eu por acaso também aprendi. (Era) assim, género como vocês (as mulheres) fazem malha. Depois punha-se a um metro uma fiada com candeeiros à altura do peito mas às vezes eles (lobos) passavam na mesma” (Moura-Barrancos 2013 e 2015)

Esta técnica é muito semelhante à descrita na publicação de Musiani *et al.* (2003) que a refere como sendo um método tradicional de caçar lobos no leste da Europa e na Rússia. A técnica, conhecida como “*fladry*” consistia em bandeiras penduradas em cordas esticadas a curta distância do solo, uma técnica específica para lobo e que não funcionaria com outras espécies. Esta técnica foi testada pelos autores com lobos de cativeiro e selvagens de forma a compreender se seria uma forma de dissuasão da espécie de áreas humanas e a usar como prevenção de conflitos com humanos na actualidade. Os resultados indicaram um evitamento da estrutura pelos lobos numa área de seis metros adjacentes. Este comportamento, segundo os autores, confirma que os lobos têm medo da estrutura, e que a continuam a investigar, fazendo tentativas de a atravessar. Após remoção da estrutura, os lobos voltaram a usar a área previamente ocupada e aumentaram os seus movimentos. Desconhece-se a origem do conhecimento desta técnica de defesa mas tem um paralelo com o que seria usado em Portugal, pelo menos no Baixo Alentejo. Apesar do lobo ter sido extinto naquela região e já não se usar a técnica, este é um conhecimento local em Moura-Barrancos.. Estas descrições fazem parte de um património que caracteriza as relações estabelecidas entre humanos e predadores. Demonstram também que os residentes detêm uma proximidade e conhecimento, provavelmente ancestral, do lobo e das espécies selvagens, do seu comportamento, e especificidades aplicadas em práticas.

Também como método de defesa pessoal durante caminhadas de pessoas solitárias à noite, foi descrito o uso de fósforos, fogo, para afugentar os lobos que se sentiam por perto a acompanhar as pessoas;

“o lobo perseguia pessoas, contrabandistas contavam que bastava acender fósforo, um lume qualquer...”

“Tinham medo sim senhor. O meu pai vinha da Contenda a pé para aqui e diz que quando lobos passavam, os cabelos punham-se em pé, usavam cintos de tecido com cadilhos pendurados e punham de rojo para os lobos não ataquem e de

vez em quando acendiam isqueiro para fazer fogo; o meu velhote teve que fazer isso umas poucas de vezes” (Moura-Barrancos 2013)

Um dos informantes referiu um local na zona de Santo Aleixo onde tinha aparecido uma mulher “*comida pelos lobos*” e que desde então se denominava “Umbria da Mulher”. No entanto não foi possível encontrar esta toponímica nas cartas militares referentes à zona, nem se conseguiu obter mais informação sobre esta ocorrência que deveria ser mais antiga do que a memória actual dos informantes.

Foram descritas batidas aos lobos realizadas em Moura-Barrancos e fotografaram-se alguns animais mortos na região. Os animais eram embalsamados e ainda hoje estão em exposição em algumas casas. Estas batidas envolviam quase todos os homens das aldeias que tinham uma obrigação moral e cívica de participar. A caça ao lobo é descrita, pelos participantes, como difícil, exigindo persistência e estadia prolongada no campo por parte do caçador.

“Então nós organizávamos umas batidas com espanhóis punhamos portas em Portugal e Espanha e punhamos cães mas é um bicho extremamente difícil de entrar numa porta porque tem um faro impressionante. E não é bicho que foge com cães, o lobo volta, vai cheirando, vai parando, vai vendo por onde pode ir, não perde a cabeça, não entra em pânico, bicho espectacular!”

“Como caçador, na Contenda na zona das Cortes, os dois únicos lobos que vi na vida foram atirados e errados escandalosamente pelos companheiros, um lobo e uma loba que me arrepiaram o coração que fiquei, tinha 18 anos, com certa taquicardia emotiva. E depois o avô tinha dito - não lhe atires sem passar daquela moita para cá - meu pai, já batido...Eu ouvi os tiros de lado esquerdo de um senhor de Santo Aleixo, mouco, a loba firmou-se numa rocha e a olhar para a direita e esquerda, não lhe passou por cima da bota... (riso) (...) Vila Nova del Fresno era uma zona onde se faziam montarias onde se matavam 19, 24 lobos e desapareceram.” (Moura-Barrancos 2013)

“ (lobos) Não fogem de nós, vão olhando para trás...é um animal nobre. Eu estava a caçar rolas, fui-me aproximando do pego da ribeira, ia muito devagar...já mesmo na água o lobo subiu uma rocha a olhar para mim.” (Serpa 2014)

Os lobos capturados e mortos eram exibidos e partilhados na comunidade, indo-se de aldeia em aldeia com os seus restos para receber recompensa como uma conquista. Este aspecto e os significados da caça ao lobo são explorados no capítulo

V. A prática insere-se, em Moura-Barrancos, como noutros locais, na lógica ainda existente de existir uma recompensa por animal ‘nocivo’ abatido:

“Havia a habitualidade, pagava-se à peça, lobo era animal daninho”

“Vendia-se a pele das raposas para golas de casacos, quem fosse capaz de matar um lobo depois esfolava-o e depois ia aos montes maiores e depois ia com pele e davam-lhe dinheiro, o que quisessem.” (Moura-Barrancos 2012)

O desaparecimento do lobo da região de Moura-Barrancos tem cerca de quarenta anos e é atribuído, pelos informantes, a diversas causas: perseguição, vedações e mais frequentemente associado ao aparecimento do javali.

“Duas lobas foram mortas de espera com uma ovelha, por volta de 1977, foram as últimas, uma numa noite, outra noutra noite” (Moura-Barrancos 2015)

“Mais tarde um senhor (...) que era vulgar bicheiro da Contenda, já morreu, apanhou o lobo primeiro num laço e depois pelo rasto do laço abateu-o. Foi o último lobo que abateram.” (Moura-Barrancos 2013)

“Quando havia lobo não havia javalis por aqui nem veados. (...) O lobo alimentava-se de ovelhas e porcos que apanhava, nessa altura não havia javali nem veado e depois dizem lobos abalaram daqui por causa do javali... e por causa das cercadas de arame e isso. Não conseguiam passar.” (Moura-Barrancos 2013)

O javali, presa natural do lobo, é tido por alguns informantes como espécie mais forte e é abundante hoje em dia em toda a região. O conhecimento local sobre o aumento populacional de javali e regressão do lobo corresponde à informação técnica do historial destas espécies. Já a interrelação entre os dois eventos não é feita, localmente, no mesmo sentido do conhecimento científico: a presa (javalí) aumenta após o predador (lobo) diminuir. Galhano Alves (2002) refere esta mesma percepção em que a cadeia trófica “se inverte” ou a sugestão de hierarquia ecológica alterada.

As vedações, colocadas para delimitar propriedades, são, segundo os informantes, uma das transformações ocorridas na paisagem em Moura-Barrancos. A maioria apresenta, hoje, uma rede do tipo ovelheira que restringe o gado, mas algumas têm malha mais fina, pilares cimentados e ostentam portões fechados. Estas vedações restringem a livre-circulação de pessoas e, por isso, ter-se-á criado a ideia, plausível, de que a entrada dos lobos também teria passado a ser limitada.

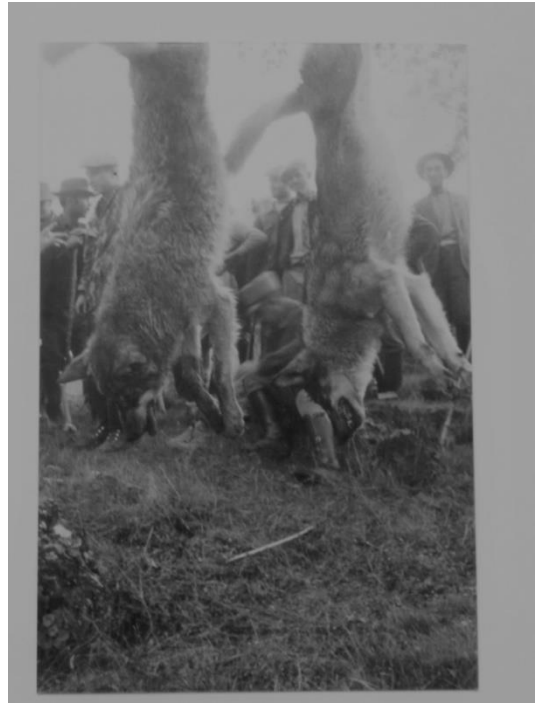


Figura 7.4. Da esquerda para a direita: Topo - Crânio de lobo caçado em Barrancos em 1971; Cabeça troféu de lobo capturado em Barrancos. Centro - Pele de lobo mostrada por informante; fotos de caçada aos lobos em Barrancos. Em baixo - Lobo caçado em Moura em 1953 (página de facebook de Sobral da Adiça); à direita – lobos exibidos após caçada, foto em Correia (1997)

A memória de lobo no Vale do Guadiana é mais difusa e os encontros com a espécie no passado já não são na primeira pessoa. O local do "Pulo do Lobo" é um ponto conhecido de interesse e visitação, dadas as características geográficas e geológicas que caracterizam este local onde se encontra um estreitamento do rio Guadiana em zona rochosa e uma queda de águas turbulentas a jusante. A toponímia do local não está porém ligada a uma memória precisa sobre lobo mas sim a uma "lenda" à qual se encontrou apenas referência em pesquisa na *internet*. A história refere-se a uma história de amor proibido e que implica o carácter transmutacional homem/lobo do apaixonado que acaba por morrer no rio. Um dos informantes referiu o abate de um lobo na área do Guadiana, já após o 25 de Abril de 1974, e a existência de outra toponímia local aludindo à ocorrência anterior da espécie – 'Moita do Lobo' – que veio a designar um vinho comercializado.

O desaparecimento de lobo na região é visto pelos informantes do Guadiana como uma "conquista" e mais-valia para as pessoas e para a criação de gado na área. Na prática, o desaparecimento de lobo e de grandes predadores veio transformar, em conjunto com outros factores, as práticas locais de criação de gado, em particular de ovinos; práticas que em seguida se descrevem.

Práticas com ovinos

Conseguiu-se esboçar uma caracterização das práticas locais de criação de ovinos os dados foram recolhidos durante entrevistas (entrevistas realizadas no decorrer do trabalho de campo até 2014 e outras posteriores, conduzidas em 2015, 2016 e 2017 e dirigidas especificamente a criadores de gado da zona do Guadiana)⁵⁴, de conversas informais com outros informantes e por observação direta. Esta actividade é particularmente importante pois é um campo de interacção entre humanos e os predadores que atacam o gado e constitui uma potencial fonte de conflito relativamente à presença do lince.

O cenário destas práticas nas áreas do Baixo Alentejo pode sumariar-se da seguinte forma:

⁵⁴ As entrevistas realizadas em 2015, 2016 e 2017 não foram analisadas no âmbito desta pesquisa mas contribuíram para um contacto contínuo com o tema no terreno. Em 2016 elaborou-se um relatório apresentado ao ICNF cuja síntese conclusiva se apresenta no anexo 16.

- ❖ Existem perdas de borregos por ataques de predadores que são atribuídos a raposas, saca-rabos e abutres e também a cães que podem ser de caça ou pertencentes ao próprio proprietário ou a vizinhos;
- ❖ As perdas anuais descritas pelos entrevistados variam entre 2 e 10 borregos, num caso foi reportado 20. A questão principal não é o total em si, mas o que a perda significa para o proprietário. Alguns produtores revelam maior tolerância, contam com algumas perdas anuais e não valorizam muito as perdas devidas a animais selvagens: *“Dois, três borregos por ano raposa não é significativo”* (Guadiana 2014). Outros, por se tratar de um ataque de um predador selvagem, consideram que todo o animal doméstico perdido tem um impacto significativo:

“As pessoas têm gado a parir (...) é impossível fechar todas (ovelhas e crias), os currais são pequenos, quando está chover muito, o estrume, as doenças...Têm de os espantar (os predadores) senão há noites de comerem 3 e 4 (...) não é só na parição.” (Guadiana 2014)

- ❖ Alguns donos de gado adjudicam aos pastores a gestão directa da venda dos borregos sobre os quais recebem uma comissão. Os pastores terão uma menor capacidade financeira individual de suportar o prejuízo e por essa razão poderão ter menor tolerância ao prejuízo do predador selvagem.
- ❖ Anteriormente existia a figura de ”maioral” que acompanhava o rebanho quase permanentemente, dormia no campo, possuía cães pastor que treinava, garantia quais as zonas que eram pastadas, a sua rotação, e protegia os ovinos dos ataques de predadores (nomeadamente de lobo). Era também o “maioral” quem capturava, com laços, e matava raposas, em particular as crias, com base num conhecimento detalhado do terreno e da fauna. Presentemente os ovinos, em geral, encontram-se em zonas vedadas, o responsável não acompanha permanentemente o gado e raramente existe cão pastor de proteção.

“À noite tinham de estar com os animais por causa do lobo. E havia cães (...) hoje a maior parte dos rebanhos estão confinados a determinadas zonas, de pastagens e os pastores andam de moto4, jeep. A realidade é diferente.” (Guadiana 2014)

- ❖ Actualmente, em muitas explorações, os borregos nascem no campo, onde as ovelhas permanecem em zonas vedadas, sem pastor ou cão de guarda, muitas vezes de dia e de noite. Os abrigos em que podem permanecer temporariamente são zonas semi-abertas. Este regime extensivo é valorizado pelos criadores pois os animais apresentam menos doenças ao ar livre. No entanto estas práticas, no seu conjunto, tornam os ovinos mais vulneráveis à predação.

“As ovelhas andam no campo, para dar melhor leite (...) sobretudo estas ovelhas verdadeiras, as campaniças.” (Guadiana 2014)

- ❖ Um informante descreveu que num ovil, durante a parição, alguns cães têm um comportamento protector colocando-se junto a cada ovelha, uma de cada vez. No entanto, o predador, como a raposa, pode mostrar uma resposta comportamental estratégica, aproveitando a parição simultânea e a ausência do cão para atacar a ovelha desprotegida.

“Não é qualquer pessoa que mantém cães, mas é um bem essencial. O cão, se a ovelha parir, deita-se lá, a guardar, o que for fora dos borregos eles não querem lá (...) as ovelhas são muitas... as raposas ainda conseguem petiscar. Conseguem levar uns 10-12 borregos.” (Guadiana 2014)

O eventual conflito futuro entre lince e proprietários de ovinos está ligado a estas práticas locais. Por essa razão iniciou-se uma segunda fase de trabalho de campo, em curso à data da redacção da tese, enquadrada no acompanhamento da reintrodução pelo ICNF, com o objetivo de realizar um levantamento mais completo sobre a situação e compreender os vários factores ligados às práticas com ovinos, nomeadamente as modificações dos últimos anos. Pensa-se que a continuação de uma abordagem etnográfica (uma etnografia multiespécies poderia aqui ser aplicada) e a realização de observação participante será útil para caracterizar a coexistência de humanos e predadores e prever situações de conflito com as espécies ameaçadas. As atitudes relativas à reintrodução do lince (tratadas na terceira parte) podem vir a ter mudanças com base neste conflito. A realização de um retrato aprofundado da realidade, torna-se mais premente na medida em que um conjunto de soluções para prevenção de prejuízos poderá ser encontrado

pelos proprietários em conjunto com a administração, e ser apoiado, tendo em atenção também a diversidade de situações existentes na região.



Figura 7.5. - Ovinos frequentando zonas de matos no Guadiana. Fabrico de queijos. Mértola 2015.

Práticas de controlo dos predadores

As práticas locais que envolvem os predadores, nas duas áreas de estudo (Moura-Barrancos e Guadiana), são provavelmente muito antigas e, como já referido,

estão relacionadas com controlo e defesa na perspectiva humana. O controlo de predadores ou correcção de densidades é a prática mais óbvia e que persiste na actualidade mas outras existiriam como a protecção das colmeias dos "ataques" de texugos. A partir de testemunhos orais deu-se conta de terem existido tais "silhas", ou estruturas circulares de muro circundante de colmeias que impediriam a entrada do texugo, carnívoro também considerado localmente como pertencente ao grupo dos "predadores". Estas estruturas estão hoje abandonadas e de localização imprecisa nas zonas de estudo mas podem ser observadas noutros locais do país.

O controlo de predadores tem estado, na actualidade, ligado à gestão de propriedade em termos cinegéticos. Uma gestão que pretende o fomento de caça implica, actualmente, em cada zona de caça, práticas como realizar sementeiras, manter comedouros e bebedouros para a fauna selvagem, fiscalizar actividade de furtivismo e caça ilegal e também, na maioria das zonas de caça, controlar os predadores. Esta prática de capturar os predadores, já antes referida, pretende, em concreto, corrigir as densidades de carnívoros que se alimentam de espécies cinegéticas, como a perdiz ou o coelho-bravo. Legalmente esta prática permite eliminar raposas e saca-rabos, mas outras espécies podem ser capturadas. A tarefa de colocar armadilhas, verificá-las e abater alguns espécimens, podem ser uma rotina de um gestor da propriedade, de alguns sócios de zonas de caça ou de um guarda de caça contratado. A prática de capturar e abater os predadores insere-se numa gestão corrente do meio natural, e, por essa razão, os predadores foram historicamente abatidos nestas áreas, tal como noutras regiões do país.

Os arquivos sobre o controle de "nocivos", da Comissão Venatória Regional do Sul de meados do século XX, referem o abate de três lince e 16 lobos num total de 6203 espécimens eliminados entre 1950 e 1952 (dados ex-AFN) a cargo de cerca de dez "agentes encarregados da destruição".

A memória e espírito destas campanhas de eliminação de predadores – 'nocivos' (ver Introdução) - perduram em parte entre os residentes.

"... havia uma prática antigamente, o próprio Estado tinha guardas dos coutos que armavam ferros há 60 anos, e abatiam grifos, lince... se o próprio Estado fazia isso não há muito tempo, as pessoas agora interiorizaram isso e continuam aquilo como prática corrente até porque à autoridade florestal nacional não lhe causa grande impacto que as pessoas tentem controlar isto, até havia

aquela prática de os guardas conservarem o rabo ou pata e cobrarem por isso, já encontramos animal numa caixa que lhe faltava o rabo.” (Moura-Barrancos 2013)

A exploração da caça como um recurso económico usa e apresenta o controlo de predadores como uma forma de gerir mais eficazmente os recursos naturais e conseguir o aumento de populações de coelho e perdiz. Subjacente a esta prática também existe a ideia de que os predadores podem crescer em número excessivo que tem que ser controlado, e que os humanos restabelecem o equilíbrio desejado.

“Controle de predadores tem que ser feito, acabam uns por comer tudo e outros por não comer nada, uns por ser capturados e outros por não ser capturados, e a população tem que estar em equilíbrio” (Moura-Barrancos 2013)

Em termos sociais, a prática de capturar animais selvagens era transmitida pelos mais velhos e quase todos os rapazes sabiam armar “rateiras” (armadilhas). Existem descrições do passado que atestam que essa actividade tinha importância na subsistência de muitos – capturava-se para vender ou comer.

“Bicheiros, qualquer guarda da caça é potencial bicheiro e aqueles mais velhos faziam isso... era só eles cismarem que estava ali uma fuinha ou uma lontra e a seguir faziam-lhe a folha (...) existe memória disso, eram coisas de velhos, aquilo mal começam a gatinhar sabem logo fazer um laço aos coelhos.” (Guadiana 2014)

Alguns indivíduos locais eram considerados especialistas, “bicheiros”, conhecedores dos hábitos dos animais, dos locais para os capturar e da forma de armadilhar mais eficaz, também conhecida como uma “arte” que requeria astúcia. À sua actividade também se chamava “desbichar”.

“Pessoas gostavam de montar o laço. (...) É uma arte. Era as pessoas mais antigas, que tinham aquele vício. Os mais novos que têm vício da caça, já não têm habilidade. Eu não sei armar laço; os coelhos passam todos que eu não apanho um tão pouco.” (Guadiana 2014)

Testemunhos de ex-bicheiros exemplificam o conhecimento ecológico específico que detinham sobre os predadores, as técnicas de os localizar, capturar e o contexto social em que estes guardas trabalhavam em herdades com caça.

“Passavam três dias até o cheiro da pessoa sair dos ferros (...) a raposa, menina, a que mais desconfiava, malandra (...) os genetos, dava pelo rasto nas árvores que ficavam picadas das unhas deles, o azinho também tem tocas (...) nas

pernadas da sobreira ficava seco e os bichos dormiam lá de dia (...) gato cabeçanas ainda havia alguns, mas não apanhei (...) genetos apanhei muitos ficavam lá para casacos e outros bichos também (...) Os texugos comíamos, outros não (...) lontras é que andavam na água, a ponta dos cabelos dela parecem seda, tivemos-la embalsamada lá no monte. (...) O JM (patrão) não queria lá bichos desses, tudo ficava nos ferros. (...) Agora já nem sou capaz de matar gatos doentes, tenho dó, mudei o pensar. Naquele tempo fiquei todo contente de me ter calhado aquele trabalho. Apanhei bichos de toda a maneira, sentado, numa árvore, deitado, à espera com arma num abrigo e com o canito (...) dizia-lhe: – vamos arranjar um coelhito para levar para casa - e ele sabia. Os bichos é que me ensianaram como havia de fazer, não fui eu, sempre havia alguém que sabia alguma coisa mas depois era com a experiência. (...) As raposas mordiam a pata e soltavam-se, ficava lá a pata. Naquele tempo não tínhamos pena dos bichos, e se ele (patrão) visse lá algum bicho, eu podia ir embora.” (Baixo Alentejo, 2012)

“Armava armadilhas por causa das perdizes, soltavam porque eram poucas para poder a malta ali caçar, dava resultado, (...) Os bichos saltavam por a gente acima. Aos saca-rabos tirava-lhe os dentes... cai tudo nos ferros, não escapa nada. Na Espanha ainda há ferros (...) Os sitios de armadilhagem era junto á água, eles têm sede e depois a gente apanha-os.” (Baixo Alentejo, 2012)

“Eu não gostava de matar a caça, não sou caçador. Matar de espingarda fazia-me impressão (...) Num cruzamento, as raposas vêm e aí se arma um ferro com isco, elas vêm sempre pelos trilhos e caem de certeza (...) Apanhei muitos fuinhas nas caixas. Nos ferros, têm patas finas, libertava-se logo. Um fuinha que capturámos, levámos para o monte e cortámos-lhe o rabo. Ele fugiu por um espaço mas veio a cair no mesmo sítio onde tinha caído a primeira vez, na gaiola, a 2 km. Voltou ao seu sítio de criação! (...) Traziamos os bichos vivos para o monte (...) mas ás vezes o meu colega distraía-se de lhes dar de comer e eles começavam a comer-se uns aos outros, são uma raça assim comem-se todos uns aos outros, é a lei da sobrevivência.” (Baixo Alentejo, 2012)

Presentemente as armadilhas legalmente usadas para capturar carnívoros são caixas (de metal e com mecanismo de fecho por entrada do animal) mas os informantes afirmam repetidamente que este método não é eficiente para capturar raposas adultas.

“Temos autorização para pôr armadilhas para saca-rabos e raposas. Tenho mais conhecimento disto desde que temos a zona de caça. A raposa, as

velhas são difíceis de entrar na gaiola; é muito esperta, as mais novas descuidam-se e caem. Os saca-rabos caem mais facilmente.” (Guadiana 2014)

É o saca-rabos, espécie considerada muito abundante e que nunca foi alvo de interesse para a caça, que é um dos principais alvos a eliminar por armadilhagem. No Guadiana os guardas das zonas de caça são denominados, com carácter pejorativo, saca-rabos ou caça-rabos, alusivo à sua tarefa de acção de “limpeza” e da antiga entrega de “rabos” (caudas) de animais selvagens para provar que os tinham eliminado.

Algumas zonas de caça associativa já não têm capacidade financeira de assegurar um contrato com um guarda de caça pelo que deixou de haver esse papel especializado e a verificação das caixas armadilhas, em geral realizada às primeiras horas da manhã, é distribuída pelos caçadores da respectiva zona. A morte accidental ou propositada de espécies protegidas, em geral, não é admitida mas sabe-se que ocorre. A fiscalização nas áreas de estudo detectou casos irregulares de animais vivos presos em armadilhas a meio do dia. Também o uso de laços ou ferros é ilegal por se tratarem de armadilhas não selectivas e potenciais causadoras de danos. Existem porém dezenas de laços apreendidos e obteve-se informação no terreno de que tinham sido encontrados ferros, nestas áreas, há menos de 10 anos.

O controlo de predadores é uma prática enraizada e uma vez que as batidas às raposas caíram em desuso, é assumido como a única forma de controlo do seu presumível aumento. É uma prática reclamada por quase todas as zonas de caça e sujeita, com resistência dos próprios, a autorizações e fiscalização pelo ICNF e pelo SEPNA, respectivamente. No entanto, alguns gestores já não a consideram eficaz no seu propósito.

“Apesar das autorizações que o ICNF nos dá, aqueles constrangimentos... armar e depois desarmar de manhã... isso incentiva a que a gente não faça quase nada. Com a guarda que existe aqui é um risco não ir lá de manhã, porque se calha a lá passar o SEPNA... há multas, estamos entalados, (...) Enquanto não houver uma desinfestação destes animais (saca-rabos), para mim é escusado pensar em lince. (...) não há uma política de controle dos predadores. (...) fazemos batidas à raposa, mas elas vêm do terreno vizinho (...). Devia haver um plano de gestão da raposa tal como do veado, javali. Haver controlo sobre isso. Mais interligação entre os coutos.” (Moura-Barrancos 2014)



Figura 7.6. Armadilha de caixa usada para controle de predadores. Moura-Barrancos, 2012.

Sobre esta prática apurou-se ainda o seguinte:

- ❖ O acesso à informação sobre detalhes das capturas é sempre restrito por existirem acções ilegais que são ocultadas.
- ❖ As proibições temporais de controlo de predadores por parte do ICNF não são muitas vezes cumpridas e permanece a utilização de outros meios não legais como laços.
- ❖ Existiam alguns caçadores locais que tinham interesse particular na caça às raposas o que apoiava o “controlo” de densidades de raposas, mas hoje em dia esse tipo de caça é pouco interessante e envolve menos pessoas não constituindo alternativa às práticas de captura por armadilhagem para controlo de predadores.
- ❖ A armadilhagem e captura de predadores é uma prática que exige conhecimentos detalhados sobre a fauna e seus hábitos e capacidades particulares por parte dos guardas de caça, nomeadamente uma presença diária exaustiva no terreno. Esse conhecimento e ”arte” foram em parte herdados da prática de antigos ”bicheiros”, mas está a desaparecer entre os mais jovens.

Capítulo VIII: “Entre predadores”: conhecimento local, percepções, classificações e práticas em torno do lince-ibérico e outros carnívoros⁵⁵

“Among predators’: local knowledge, perceptions, classifications and practices around Iberian Lynx and other carnivores

M. Lopes-Fernandes^{1,2*} Espirito-Santo, C.³ and A. Frazão-Moreira²

¹ Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), *Divisão de Conservação da Biodiversidade*, Avenida da República, 1069-040 Lisboa; margaridafernandes@icnf.pt

² Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, Avenida de Berna, 26, 1069-061 Lisboa; amoreira@fcs.h.unl.pt

³ Montes de Encanto, Rua da Charnequinha, Parracheira, 2420-026 Arrabal, Leiria; cesanto@hotmail.com

Keywords: local knowledge, empirical classifications, predator conservation, perception, Iberian lynx

Abstract

Using an ethnoecological approach we studied perceptions and classifications of wild predators in Portuguese protected areas. Results from 131 semi-structured interviews allowed the analysis of classification groupings, criteria used by key actors and the understanding of an emic perspective on the differentiation of the natural world. Local ecological knowledge persists in these communities and the western dualistic view of domestic and wild realms prevails. Local perceptions about predators are described and humans are recognized as one of them. The threatened Iberian lynx raises much interest locally as its reintroduction is taking place and it becomes, globally, an emblem of wild primeval nature. This case study characterizes

⁵⁵ Artigo submetido à revista *Etnográfica* em Maio de 2016 e presentemente em fase de revisão após recepção de comentários em Dezembro de 2017. A análise dos dados de classificação incluiu uma terceira área geográfica e seus actores chave, Malcata, amostrada por uma das co-autoras seguindo uma metodologia análoga.

a scenario 'among predators' in a European rural context where nature conservation is facing challenges and anthropology has an opportunity of interdisciplinary application.

Resumo

Seguindo uma abordagem etnoecológica, estudámos as percepções e classificações dos predadores selvagens em áreas protegidas portuguesas. Resultados de 131 entrevistas semi-estruturadas permitiram a análise de classificações em agrupamentos, critérios usados por actores chave e a compreensão de uma perspectiva émica sobre a diferenciação do mundo natural. Nestes contextos persiste um conhecimento ecológico local e prevalece a visão ocidental dualística dos domínios doméstico e selvagem. Descrevem-se percepções locais sobre os predadores e de como os humanos são reconhecidos como um deles. O lince-ibérico, espécie ameaçada, suscita interesse localmente à medida que a sua reintrodução se processa e se torna, globalmente, um emblema da natureza selvagem e primordial. Este estudo de caso caracteriza o cenário 'entre predadores' num contexto rural europeu em que a conservação da natureza encara desafios e a Antropologia pode ter uma oportunidade de aplicabilidade interdisciplinar.

Key words: local knowledge, empirical classifications, predator conservation, nature perception, Iberian lynx

Palavras-chave: conhecimento local, classificações empíricas, conservação de predadores, percepções natureza, lince-ibérico

Opening

(morning) We climb up the hill all together; hunters advance slowly, one of them makes me a sign of tiredness, pointing to his heart. A mobile rings with bullfight music. Each hunter stays in his 'porta' position (waiting for wild boar). We reached the top and we walked some 10 minutes in thick scrubland. Already in place, "my hunter" loads the gun and whispers: "This is good for the lynx, if the animal likes 'dirtland' (meaning scrubland). There is a lot here." We hear gunshots "in this area the 'caçadeira' is better, it is a closed terrain (...) one hardly has time to bring the gun to the face and shoot". Dogs are far away, barking "Look, there they're going with the 'pig' (wild boar). We commented about wild asparagus, how to cook them. "I mix them with mushrooms that I collect here". I asked him how he learned it. "It's born already with us" (Hunter A)

(during lunch) "I remember wolves, lynxes... there has to be equilibrium in nature, they can't bother us too much nor we them." (Hunter B)

"There are less and less partridges, with drinking points and everything. There are a lot of predators about - fox and mongoose, there's the owl that comes down from on high... That's not the worst...."⁵⁶ (Hunter C)

(field diary M. Lopes-Fernandes 2014)

This description from a field notebook during participant observation exemplifies several fundamental aspects of local constructions around nature and wild species. First, the representation of the wild domain, separated from the human, occupying different 'territory'; second, the position of humans conquering that domain, organized with guns, skills, dogs, but mostly enjoying being 'out there' in contact with 'nature'. From the description above, emerges the ancestral idea of competition between humans and predators, the importance of game species and the primacy of human interests. Finally, there transpires the construction that ecological

⁵⁶ *(manhã) Subimos a encosta juntos, os caçadores avançam devagar, um faz-me sinal para o coração, de cansaço. Toca uma música de tourada num telemóvel. Cada caçador vai ficando na sua porta. Chegamos ao topo, andamos uns 10 minutos no mato cerrado. Já parados, o "meu" caçador carrega a arma, sussurra. "Isto é bom para lince, se o animal gostar de 'sujo'. Aqui terreno há." Ouvem-se tiros. "para aqui é melhor esta caçadeira, o terreno é fechado (...) mal dá tempo de pôr a espingarda à cara e atirar". Os cães vão longe, a latir, "olhe, lá onde vão com o porco!" Comentamos os espargos silvestres desta época, como se cozinham. "Eu misturo-lhe cogumelos que apanho daqui" Pergunto como e com quem aprendeu." Já nasce com a gente!" (caçador A)
(durante o almoço) "Lembro-me de lobos, lince...na natureza tem de haver equilíbrio, não podem incomodar-nos muito e nós a eles." (caçador B)
"Perdiz há cada vez menos, com bebedouros e tudo. Há muito predador, raposa e saca-rabos, há o bufo que vem lá do alto... Esse não é o pior..." (caçador C)*

knowledge is innate in people from a rural background, a metaphor for wisdom based on experience as opposed to theoretical acquisition from formal education. These are some of the main concepts by which nature is understood, represented and managed in southern Portuguese rural areas of Alentejo and the basis for some contestation facing recent environmental regulation.

Understanding all these perceptions and conceptions which legitimate and organize the relationship of humans and predators is the purpose of this case study. In an in-depth approach lies the possibility of a closer dialogue between local key actors and conservation entities. In this local framework coexistence with the lynx will develop and a new relationship between humans and nonhumans will take place.

Introduction

Each local population can have a characteristic way of relating to and exploring nature and denominating and classifying species. Ellen (1997) refers to several variables for the analysis of structures and connections to social contexts, namely the variation in the classificatory structure dependent on different aims and in different moments. Studies of classifications have been focusing mainly on plants and on non-Western contexts (Dieterlen 1952, Friedberg 1970). Some authors emphasize the understanding of conceptions of nature and the intellectual need of organizing the natural world (Lévi-Strauss 1983, Berlin 1992), while others focus on utilitarian rational and cultural significance (Hunn 1982, Frazão-Moreira 2001). Less commonly classification studies deal with zoological classifications (*e.g.* Krause *et al.* 2010, da Silva *et al.* 2015) but to our knowledge ethnozoological studies of local populations in western contexts have not been published.

In parallel local ecological knowledge has mainly been documented in traditional and indigenous cultures (*e.g.* Ellen 1997), although Portuguese rural contexts have been researched (Camejo-Rodrigues *et al.* 2003, Carvalho and Frazão-Moreira 2011). Specific perceptions and knowledge about large predators have been reported as well (Lescureux and Linnell 2010). Local knowledge and cultural memory as Nazarea (2006:318) puts it “are crucial for the conservation of biodiversity because both serve as repositories of alternative choices that keep cultural and biological diversity flourishing”. Given that, ethnographies in western contexts might contain two new challenges: 1. figuring out new collaborative moods between

conservationists and local populations; 2. understanding the creativity that emerges when the local encounters the global (Frazão-Moreira 2015).

The Iberian lynx is an emblematic species which has attracted considerable efforts in Europe towards the recovery of habitats and prey. In the context of a transnational conservation project⁵⁷, the reintroduction of animals to the wild in Iberia was planned and several areas were assessed for biological aptitude as well as concerning local positions towards the species return (Lopes-Fernandes *et al.* 2018). The Iberian lynx was historically hunted and extirpated as a vermin but soon became a symbol of nature protection (Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2016) and governments assumed efforts to counteract its extinction. In Portugal, three protected areas close to the border with Spain were initially considered as potential reintroduction areas and a social survey was requested as part of international protocol (e.g. IUCN). The experience of nature conservation by residents in these rural areas seems to be of an imposed model in which restrictions are often claimed (Lopes-Fernandes *et al.* 2018) and profitability follows EU standards. In that context predators which are often very appreciated among urban public might be perceived differently. For those reasons an understanding of the perceptions and knowledge of local populations about the lynx and predators was opportune.

In this study our aims were to understand local knowledge, perceptions and the local constructions around Iberian lynx and other carnivores. Empirical classifications were a tool to assess how predators were seen and differentiated by informants, how their place and uses were interpreted locally and integrated in practices and nature appropriation.

Methods

Informants were key actors for conservation having a more privileged contact with the rural environment in specific areas pre-selected for Iberian lynx reintroduction. In each area we selected approximately the same number of local technicians, land owners (including livestock breeders), hunting managers, hunting guards, technicians and council representatives and individuals involved with nature activities such as nature tourism promoters, beekeepers or rambles. We also sought

⁵⁷ LIFE+10/NAT/ES/000570-Iberlynce

lynx observers and followed a “snowball” sampling method (Bernard 2006) to get contacts with local wildlife ‘specialists’.

To address the theme of perceptions about predators it was necessary to have had previous knowledge about common names of carnivores which vary regionally *e.g.* *gineto* (genet), *gato bravo* (wild cat), *papalvo* (stone marten), *zorra* (red fox), about methods of capturing animals (and personal experience of using them helped) and about regional names of traps such as *rateira*, *ferro*, *caixa*, *visgo*, *cepo*, *laço* (jaw trap, snare, box trap, wire trap, etc). As these species are legally protected nowadays it was mostly important to create an atmosphere of confidence with interviewees and pose questions carefully.

We presented informants with a group of unidentified photographic images on A5 size cards picturing the full body of each species. These included wild carnivores which occur in the region where interviews took place, and also a domestic cat and a livestock guard dog of a Portuguese breed. A card depicting a rural man of around 60 years on a bicycle was also included. During semi-structured interviews we used a pile sorting exercise (*e.g.* Bernard 2011) and asked participants to sort the picture cards into categories of their choice, and then explain their own criteria.

Ethnographic work between 2012 and 2015 comprised 131 interviews in three protected areas (Malcata Natural Reserve (M), Moura-Barrancos Natura 2000 site (MB) and Guadiana Natural Park (G)). In the two last areas of southern Portugal an in-depth study was carried out registering informal conversations and observations. MB was a lynx historical occurrence area and G was the area where lynx reintroduction eventually started in 2015. Interviews lasted around one hour, and were transcribed and analyzed using open categories (please on local contexts and methodological details see also Lopes-Fernandes *et al.* 2018).

Qualitative and quantitative data analysis was performed with the support of Atlas.ti, Excel and IBM SPSS (version 20). For multidimensional scaling with classifications we used binary data from each grouping completed by 120 informants of all areas. Euclidean distance was used as a distance measure and two and three dimensional representations were built.

Results

Classifications

*(...) once there was a dog, a wolf and a fox, and the dog promises to get a lamb and a chicken (...) but then it went to tell the owner and all the servants went with their rifles to kill them (...) the fox said (at the end): “one of our own will surely avenge us!”*⁵⁸ *In Stories and Poetry, Elisa N. Machado, 1998, Santo Aleixo da Restauração*

This local story is relevant to some of our main results concerning free pile sorting done by the interviewees: the two worlds of domestic and wild (*e.g.* Descola 2004), characterized in this introduction by the three carnivore species which communicate between themselves and transgress the two domains by stealing livestock. However, the supremacy of humans over animals rules and some species have to be eliminated. A final moral note leaves us the impression that nature might have an unconquerable character, so the astute fox reminds us of the continuous cycle of interactions between humans and predators, the recognition of the interactive properties of human-animal relationships (*e.g.* Lescureux and Linnell 2010).

The analysis of all the groupings obtained with all the species was plotted in two and three dimensional MDS diagrams (figure 1). We can visualize four main groups of species: 1. human, domestic cat and dog, corresponding to the domesticated sphere or ‘safe’ area around home, the human controlled dominion by opposition to the wild one; 2. genet, stone marten, badger, weasel - the wild carnivores often considered morphologically similar and inhabiting scrubland and uncultivated area, outside the human dominion; 3. Iberian lynx, wolf and red fox - the carnivores considered as larger, also from the wild realm (together along dimension 1 with other carnivores) but distinct for their size or potential for damage – livestock losses, being dangerous, interfering with the domesticated dominion; 4. the wild rabbit separated from other species for its economic importance as a game species and as a natural prey; 5. the wildcat lies between the two groups of wild carnivores and is also closer

⁵⁸ “(...) era um cão, um lobo e uma raposa e o cão promete arranjar um borrego e uma galinha (...) mas depois foi logo avisar o dono levando este todos os criados que com espingardas os foram matar (...) diz (no fim) a raposa: “- Algum dos nossos nos há-de vingar!”

to the domestic cat; 6. the mongoose is also in a distinct place of its own. We believe that is related with the negative perceptions about it.

Lynx was isolated from other species by informants in 15 cases, for being a top predator, for its rarity or for its non-occurrence in the region, for its different ecology and for its special type of presence. It was grouped together with only the wolf in another 11 cases. One interviewer separated the lynx and the human together in a group.

Among domestic carnivores, the dog was more often associated with humans than the cat. Its character of guarding against other wild species was mentioned (as in the story quoted above). The domestic cat was sometimes considered as in between domestic and wild, due to its ferality and impact on game populations like a wild predator. While grouping species some interviewees referred to the wild predators in two opposed places: as a nuisance or as a victim, i.e., again as natural enemies (Knight 2000) or as fragile and rare species (the genet and all mustelids are protected by European law).

The stress of the configuration in two dimensions is acceptable but high (0,13) indicating a representation not so faithful to the original data (Kruskal 1978). In our case this can be due to the high variability of groupings we obtained. Given individual variability in empirical classifications and considering the large sample of interviewees, this result was expected. The three dimension plot does represent a configuration which is more faithful to the real data (stress=0,06 considered excellent) allowing species distances to be more representative according to how interviewees put them in different combinations.

In 21 cases, informants from southern areas spontaneously indicated that humans were predators as well, and that they could be the largest of the predators.

*“These are the ones that can cause the most damage: wild cats – worse than mongooses; Man – a great predator (...)”*⁵⁹ (hunting guard)

*“Man should be in last place because he’s the one who causes harm to everyone.”*⁶⁰ (hunting manager)

⁵⁹ “E estes os que podem causar mais danos: gato bravo, é pior que um saca-rabos; o Homem – grande predador (...)”

This comparison and identification of people with predators did not imply that these non-human species were placed/included in the same group/category as humans. However at a different level of perception the proximity is recognized.

We explored differences in classifications in the different geographical areas and results are presented in figure 2. Moura-Barrancos and Guadiana present more similar configurations reflecting a geographical and cultural proximity. Malcata, a more northern area of the country and a lynx historical area, presents a different configuration, placing the lynx closer to wild rabbit and more distant from the wolf. Wolf is closer to the red fox for these interviewees, a proximity that could be morphological (both canids) or related to their livestock damaging character. Constructions around predators and organizations of the natural world seem to vary according to local contexts and differences in the way land is managed as is the case. In Malcata, propriety size tends to be smaller and less focused on economic exploitation of game.

In figure 3 we present different configurations of classifications according to the profiles of the interviewees. By comparison with figure 1 we noticed the following differences: 1. Land owners place the lynx closer to rabbit; 2. Council representatives are the profile more similar to the global representation with differentiation between domestic and wild dominion and between the larger and smaller wild carnivores; 3. Technicians place the lynx closer to the wildcat, showing a taxonomic proximity to scientific classifications; 4. Hunting managers' classifications are the ones in which species are more individualized, possibly representing a more diverse ecological knowledge about all species; 5. Hunting guards present a similar configuration to hunting managers with large predators well separated from other species; 6. Interviewees related to nature activities (nature walks or photography as hobby, local promoters of nature tourism, nature products collectors, eg. honey) place wild species more distant from domestic ones and humans, which is coherent with the fact that nature is the focus of this profile interest; 7. Lynx observers are the ones who more fully integrated the lynx with the other wild carnivores, reflecting their experience in the past where lynx was part of the local fauna.

⁶⁰ “*O Homem devia ficar em último é o que faz mal a todos.*”

Configurations by profile also present dissimilarities among cases resulting in high stress values (around 0,1). Individual heterogeneity exists in all profiles so classifications do not necessarily depend on the main activity of the informant but rather on other variables.

Criteria for species distinction

“I started here with the strangest ones – lynx, genet, “gato-pardo” (wildcat), badger, “papalvo” (stone marten)... (hesitates), and then it’s the fox. (...) Strangest means starting with the one that is nature, which we see the least”⁶¹ (lynx observer)

Among the informants of Moura-Barrancos and Guadiana we found a high diversity of criteria used to create the groupings shown in Figure 4 by different frequencies of occurrence.

The most used criterion was the diet of the predators, i.e. the relationship between predators and their prey, the wild rabbit. Behavior and habitat use was the next most frequent argument. Key actors apply their ecological knowledge in their pile sortings.

Being part of the domestic or the wild dominion was also a very common criterion in concordance with the multidimensional scaling presented. Other anthropocentric criteria are utility, causing damage to livestock or game species, being harmless to humans or being ‘superior’. In three cases, superiority was applied to lynx (rather than humans) being stronger than others. Twice lynx was also classified as a nuisance.

Taxonomy, a criterion based on biological families, was named in 9% of the groupings and all profiles of informants used it. The resulting groups did not always match scientific criteria; for example, the genet was often considered as a felid. Pile sorting and groupings may or may not correspond to scientific classification of species (Martin 1995). However, our results show proximity with formal classification or a preoccupation of some informants with scientific criteria.

⁶¹ *“Eu começava aqui pelos mais estranhos – lince, geneto, gato-pardo (bravo), texugo , papalvo, (hesita), a seguir é a raposa. O que quer dizer o mais estranho? É pra começar por aquilo que é a natureza, o que menos a gente vê” (informante Moura-Barrancos 2013)*

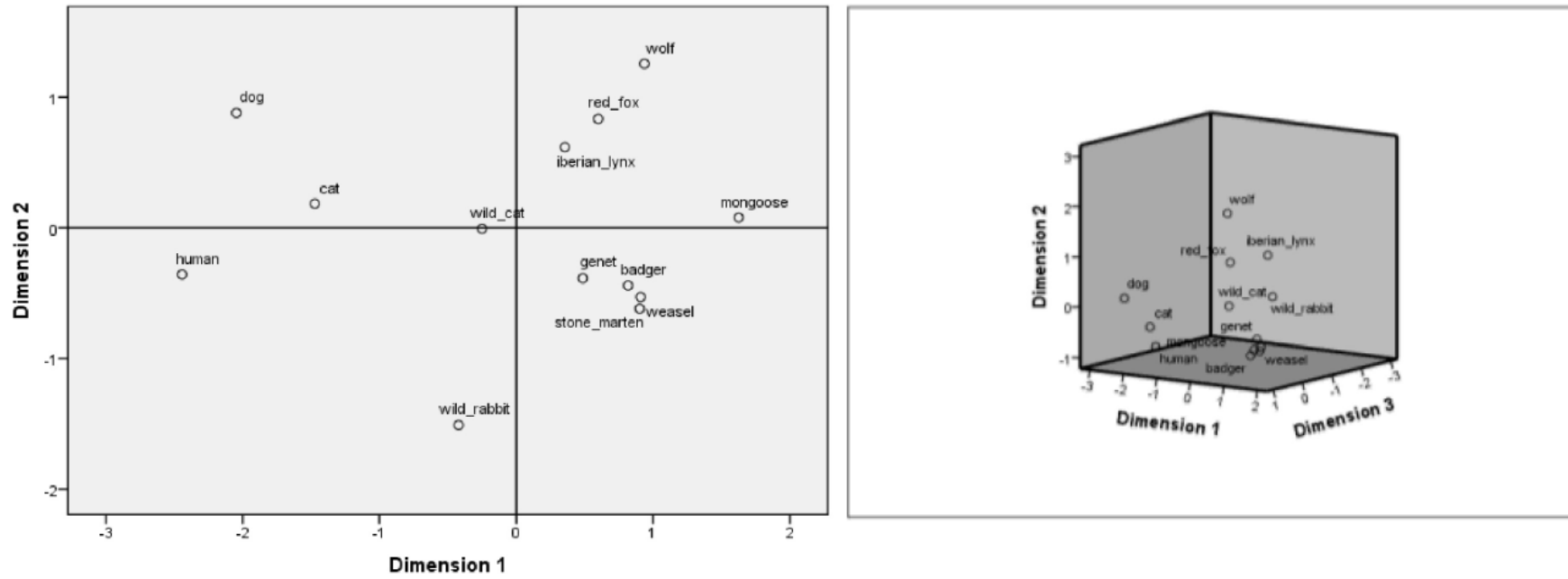


Figure 8.1 – Multidimensional Scaling with all interviewees, all geographical areas (n=451 cases).

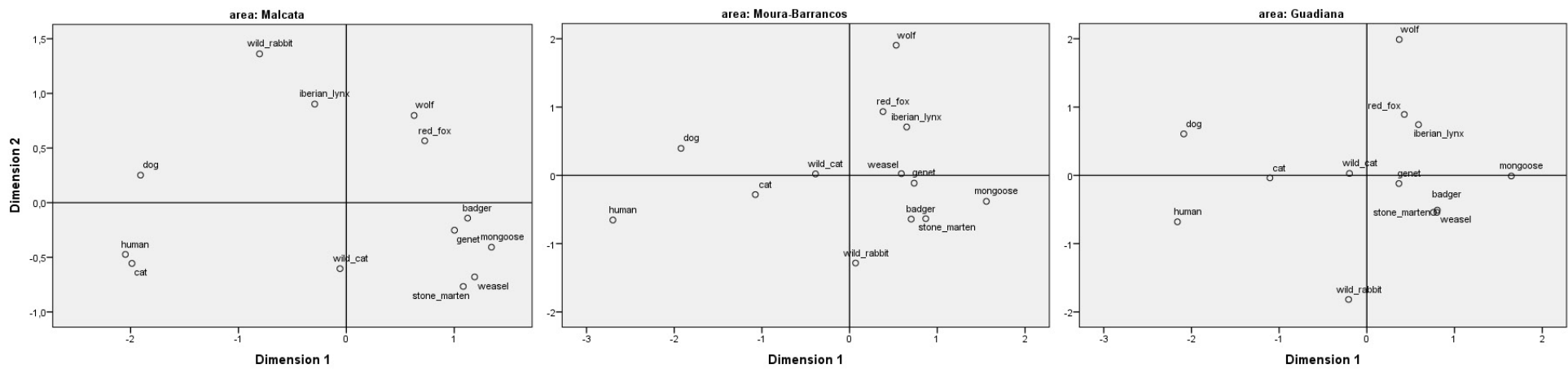


Figure 8.2 - Multidimensional Scaling by different geographical areas.

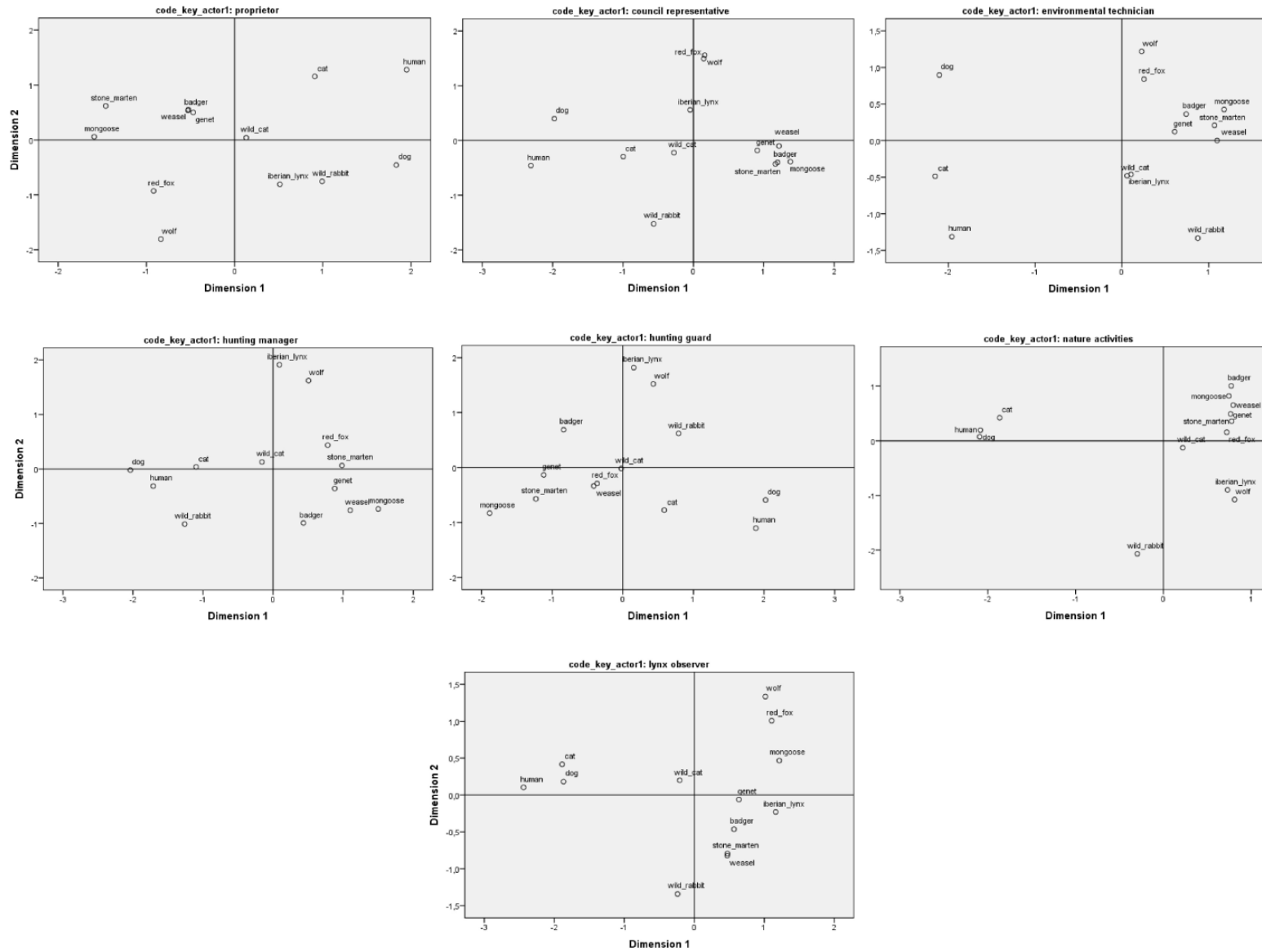


Figure 8.3- Multidimensional scaling by different type of key actors interviewed in all areas

The knowledge about species occurrence in the region was also meaningful for key actors as well as the emotional attachment of liking or disliking a species. Among those last cases the lynx was positively differentiated. Finally, the risk of extinction, an environmentalist type of discourse, was registered.

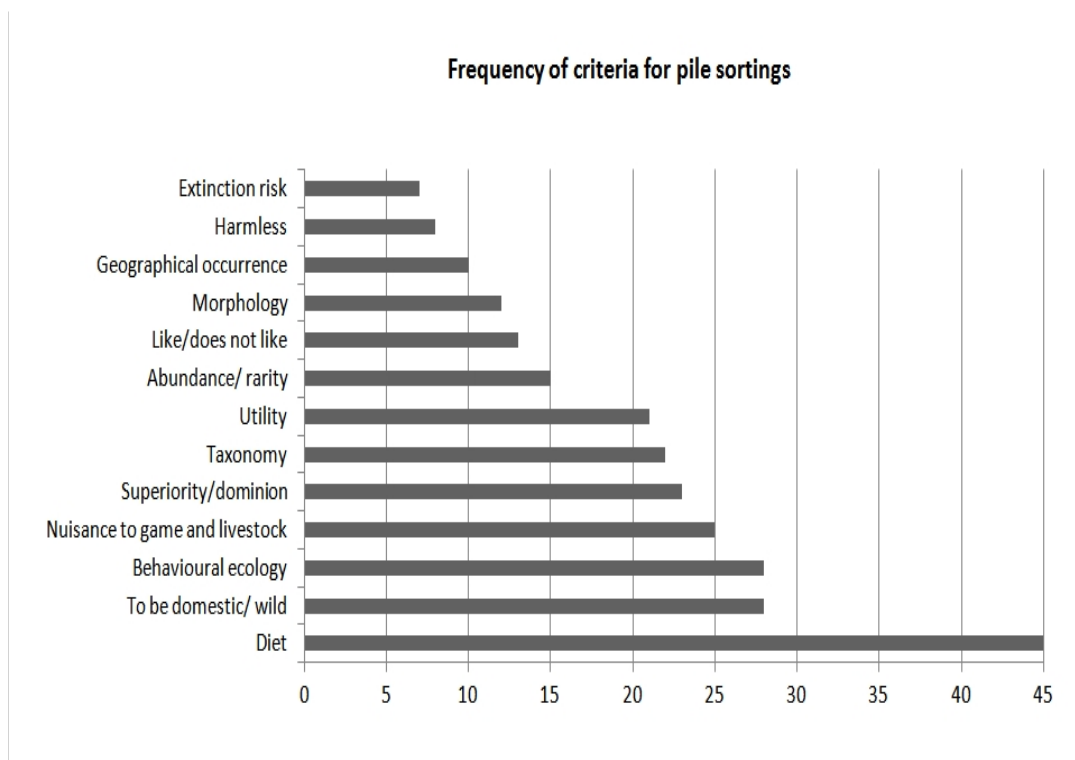


Figure 8.4 – Criteria used by interviewees for pile sorting predators, human and wild rabbit. Frequency presented in terms of total number of cases.

It is all “murraça”⁶²: perceptions and ecological knowledge about carnivores

*“all of these together (classifying), are all the same ‘murraça’ (...) Man is apart but is even more destructive (...) predators are no use for anything, they can’t be used. They’re needed for equilibrium.... (ironically) what equilibrium?”⁶³
(hunting guard)*

The use of cards in all areas and with all informants yielded a considerable amount of spontaneously transmitted impressions and considerations about predators.

⁶² Depreciative term used locally meaning useless

⁶³ *“estes todos juntos (classificando), é tudo a mesma “murraça” (...) o Homem é à parte mas ainda é mais destruidor (...) os predadores não servem para nada, não se aproveita. Fazem falta ao equilíbrio....(irónico) qual equilíbrio?!”*

The card among wild species, picturing a man, was often commented on as “someone from here”, from the “rural world”, creating the self-identification and a feeling of empathy as intended.

Informants were able to recognize the species through the card images. In terms of identification of the species, informants (n=98) either: identified all the carnivore species shown (25%), did not identify all the species (44%), or identified most species, with the exception of the mustelids - weasel and stone marten - whose identification required a more specialized knowledge (32%).

In the southern areas the most common perspective among informants, particularly hunters, about carnivores is that they eat too much game and are therefore enemies or useless to humans: “*these are all species that will eat everything that is game*”⁶⁴ (council representative)

The other major negative image of the carnivores, among landowners and other key actors, is their damage to livestock, mainly chicken but also lamb, in the case of fox and mongoose.

“*Most people are not even slightly interested in these species...they are not productive, if anything they do wrong, they eat chickens, lambs....They are there, they could not be*” (land owner)⁶⁵

Other perceptions about carnivores in these areas included beliefs such as their habit of sucking blood, biting the throat. Informants describe that this is the way the predators kill their prey, leaving them without blood. This is not described in the ecological literature but it might be related to the scientific knowledge of carnivore species killing their prey by biting the cervical vertebrae or suffocating the prey by grabbing the neck. That could give the impression to the observer that it is the kind of vampire bite perpetuated nowadays by films and fiction. The other reference to the predator character expressed with negativity is that these animals ‘kill but they do not necessarily eat’: this is not well accepted and exacerbates the image of predators as unsatisfied beings which kill for pleasure and can always cause more damage due to greediness.

⁶⁴ “*Isto são tudo espécies que vão comer tudo o que é caça*”

⁶⁵ “*A maior parte das pessoas não tem o mínimo de interesse nestas espécies, (...) não é produtivo, se alguma coisa, fazem mal, comem as galinhas, os borregos ... Estão lá, podiam não estar.*”

Negative impressions were individually given for the genet, the fox and the stone marten. For example:

*“The genet is a murderer, it kills for pleasure, it killed 39 of my father’s rabbits in just one night in the village. The stone marten does wrong, the fox is bad or good...”*⁶⁶ (hunting guard)

We recorded strong animosity in 27% of informants toward the mongoose in particular. Not only is this carnivore known to be a species introduced into European fauna, and therefore new in terms of local memory, but it is also perceived as “too abundant”, ugly and hated by most informants:

*“The mongoose I would put into Hell (...) because it eats everything there is, it’s a scavenging predator, if it went extinct I would not be sorry at all”*⁶⁷ (land owner)

Opposed to that, there were informants who showed tolerance to the presence of wild carnivores and even pride in “having them” in their lands.

Species other than carnivores are also considered by the informants as predators, including the white stork, the blue magpie and the wild boar. These species are reported locally as too abundant and with a noxious diet that includes game species, such as partridge chicks.

There is also a common explanation for local wolf disappearance being due to wild boar being a big predator. Informants describe an increase of wild boar abundance coinciding with a decrease of wolf. Some believe it could be a negative presence for lynx as well: the wild boar is not generally considered as a prey species. Galhano-Alves (2004) also report informants from a Portuguese Natural Park representing wild boar at the top of the trophic chains, more “powerful” than the wolf. That means it can be considered stronger, resilient and at a higher stage in a certain hierarchy. These local perceptions on relationships between species clash with scientific studies that portray complex dynamics of predator-prey systems. Predator populations, according to local common sense, can grow exponentially and

⁶⁶ *“Gineto é assassino, mata por prazer, matou 39 coelhos ao meu pai numa noite na vila. Fuinha faz mal, Raposa faz mal ou bem...”*

⁶⁷ *Saca-rabos punha-o no inferno (...) Porque come tudo quanto há, é um predador necrófago, se se extinguisse não tinha pena nenhuma*

unregulated. This construction around predators is what might have engendered the conviction “there is a need to control them”, subjacent to many discourses. That was one of the main reasons why wolf, fox and lynx were hunted in the past and nowadays there is the legal practice of culling fox and mongoose. Both practices are, particularly for rural proprietors, hunting managers and hunting guards, a way of regulating the natural world, which is of basic importance for humans in the western world.

About the lynx and others: Local knowledge

Practically all interviewees recognize lynx by its image although only some know it from personal experience. The media, specifically television, was referred to as a means of familiarization with this species. Often lynx was associated with the large wild felids, such as tigers and lions, establishing a connection to the exotic wilderness or primordial natural territories like Africa.

Lynx was described by informants naming the following identifying characteristics: 1. the ears or the tufts and the short tail; 2. the sideburns; 3. the look of the eyes; 4. the head and the face. The pelage was mentioned less often as a distinctive trait but the overall robustness of the animal was another characteristic informants emphasized.

Knowledge about lynx biology and behavior was expressed by interviewees: its elusiveness and secretive habits, its ecology and harmlessness. Some informants from Moura-Barrancos where there is still memory of lynx presence, knew about its solitary character, breeding and how to identify its traces. Local knowledge about lynx showed interest and affinity of people to it.

*“(...) the breeding... those kinds of animals, cats, lynxes, have their time in Spring, so from January onwards. (...) no dog (while hunting) could catch that type of female cat”.*⁶⁸ (hunting manager)

“It is a spectacular animal, in a certain way it is similar to the wolf, but it is a feline, it is an animal that walks very carefully through woods. In scrubland one can only see a lynx when they come out (...) they can walk without moving the

⁶⁸ *“(...) a criação,...essas bichizas deve ser na primavera o mês de Janeiro é o mês dos gatos, dos lince a partir daí. (...) não há cão nenhum(da caça) que apanhe uma gata dessas”*

*bushes, it is an extremely shy animal...when one sees it from the front, the ears with a point and a brush! I do not believe that there is anyone who does not fall in love with a lynx*⁶⁹ (land owner)

*“(...) I heard an old man who said that the lynx bred twice a year, I am not sure, but I heard that conversation, I was always inclined towards matters of nature*⁷⁰ (lynx observer)

*“This is an animal that goes to the top of a tree; it spends the whole day there, only goes hunting at night*⁷¹ (hunting manager).

Only some informants suggested reasons for lynx disappearance, attributing it mainly to wild rabbit scarcity. Fencing of properties and consequent increased difficulty for animals to circulate was also mentioned. Two informants mentioned that hunting lynx in the past and changes in land practices might have contributed to its extinction. Scientific literature points to all of these causes for lynx decline: prey and habitat regression, lack of connectivity between populations and human persecution. Iberian Lynx is a particular case because it is a specialized predator, and the difference from other predators was also mentioned:

*“Lynxes came to an end because what are animals going to eat if there isn't any rabbit? – animals die off, they'll go to find better areas. The foxes will stay, because the fox stocks up on dying rabbits. The lynx can't only eat in the summer – it has to eat all year, and in winter there are no sick rabbits*⁷² (lynx observer 2013)

Further knowledge about other carnivore species was also registered, such as habits, diet, abundance, or local names:

⁶⁹ “O animal é espectacular, devo dizer que é em certa medida parecido com o lobo, já se sabe que é um felino, mas é bicho que anda no extremo cuidado no mato. Nas estevas para se ver um lince só quando saem (...) conseguem andar quase que não mexem estevas, é um bicho extremamente extremamente tímido...quando se vê de frente, as orelhinhas com ponta e penacho! Eu não acredito que não haja ninguém que não se apaixone por um lince.”

⁷⁰ “eu ouvi um homem antigo que dizia que o lince acasalava duas vezes por ano, não tenho a certeza, mas ouvi o homem dizer, a conversa era com outro mas eu ouvi., eu tive sempre aquela inclinação da natureza”

⁷¹ “Isto é um animal que vai para cima de uma árvore, leva lá o dia inteiro, só à noite vai à caça”

⁷² “Os lince foram acabando porque não comem, então animais vão comer o quê se não há coelhos? os animais vão morrendo, vão procurando outras zonas melhores...As raposas mantêm-se porque a raposa tem abastecimento dos coelhos que morrem doentes mas o lince não pode comer só no verão, tem que comer o ano todo e no inverno não há coelhos doentes”

*“It’s amazing, foxes spend a whole night eating melon, and badgers take hours to eat wheat, it’s at hand.... The fox eats mice, and I’m not talking about what you read in books (...) any one of these animals is needed (...) we learn with time and seeing traces (...)”*⁷³(hunting guard 2013)

*“There are very few wildcats... we have less information about the genet... we knew the oak trees where they were, by the nails and the scats... we called this one “parpailha” (stone marten) (...) Because it has a collar, I can’t really say”.*⁷⁴
(land owner 2013)

Practices

“the fox hunts used to be a party! We killed twelve foxes, skinned them... (...) we only ate them once, just the smell made me run (...)”
(hunter A)

“I come here to hunt, I don’t come to do predator control! that’s for other managers, not for me” (hunter B)⁷⁵ (informal conversation with hunters in Moura-Barrancos 2013)

Wild carnivores were considered as vermin in Portugal and at least since the XVI century their extermination was rewarded by the state (Freitas Cruz 1945). An empirical classification from the mid twentieth century divides Portuguese wild species into big game, small game and animals considered by law as vermin to agriculture, hunting and fishing (Galvão *et al.* 1943, Figure 5). All the carnivores, namely the lynx, were included into this last category. Lynx was also classified as big game but as a non-ferocious animal.

After the 1960s some carnivores were excluded from the list of hunting species and others became protected later (mostly by Bern Convention in Europe

⁷³ *“Impressionante, as raposas que levam uma noite inteira a comer meloa, texugo a comer trigo levam horas, está à mão....Raposa come ratos e não estou a falar do que vem nos livros (...) qualquer bicho destes faz falta (...) a gente vai aprendendo com o tempo e a ver rastos”*

⁷⁴ *“Gato-bravo há muito poucos, geneto temos menos informação, conhecíamos as azinheiras onde estavam, pelas unhas e fezes...chamamos a isto parpailha (fuinha) Porquê? Porque tem colar, não lhe posso dizer”*

⁷⁵ *“as batidas às raposas antes era uma festa! Matávamos 12 raposas, esfolavam-se... (...) só comemos uma vez, eu, só o cheiro fugia delas” (caçador A) “Eu venho cá caçar, não venho fazer controlo de predadores! Isso é para outros gestores, não é para mim” (caçador B)*

1986) but the fox and the mongoose, not evaluated as threatened species, remained legal to hunt in Portugal. The practice of capturing carnivores to control numbers prevailed and it is used as a tool for hunting management. It was a practice that was attributed to certain experts as an “art”: these were “bicheiros”, who made snares, used mandible traps, and chose places where fauna passed by to put them. Some of this activity had an important role in the subsistence of certain families.

*“What I can remember about hunting in my childhood is this: good that a rabbit or a hare was killed because we were going to have bread for three days. And that was a celebration. We wouldn’t eat the rabbit, we would eat the bread. The happiness was because of that, because it was a way of carrying on (...) everyone who was poor.”*⁷⁶ (council representative 2013)

Nowadays box traps can be used legally by hunting guards but illegal snares and poison are also still used to eliminate predators.

*“Yes, I’ve also seen cages like that for catching animals, mainly mongooses (...) We’ve also found mandibles, one that was disarmed. Just as if already forgotten, lost (...) there was a member of our family who had them and I had to teach him and tell him off, to not use it anymore”*⁷⁷ (nature activities 2014)

Leg-hold trap are a common decoration in restaurants in the region, a kind of museological display. The choice of different traps was matched to the knowledge about different predator characteristics. Even today “old foxes” (adults) are known to not fall into box traps.

In Malcata and coastal regions of Alentejo lynx was known to have been consumed as food. As it was a rare species, its meat would be appreciated and cooked in a meal to share among hunt participants. These testimonies were provided mainly by elder informants. Nevertheless, in Moura-Barrancos and Guadiana, carnivores, in general, were referred to as not good to eat by our present interviewees. Ten

⁷⁶ *“Aquilo que eu me recordo da caça na minha infância era: ainda bem que se matou um coelho ou uma lebre porque vamos ter pão durante 3 dias. E aquilo era uma festa. Nós não comíamos o coelho. Nós comíamos o pão. A alegria era por isso, era porque era uma forma de sustentabilidade (...) todas as pessoas que eram pobres.”*

⁷⁷ *“(…) também já tenho visto gaiolas dessas de apanhar estes bichos, principalmente os saca-rabos. (...) Também já encontramos ferros, um desarmado. Assim já esquecido, perdido. (...) já houve um familiar nosso que tinha e acabei por sensibilizá-lo e dar-lhe um “raspanete”, para não usar mais.*

informants described that fox could have been tasted occasionally, as a curiosity, and hedgehog was a species roasted by certain people only.

In terms of positive qualities, summarily, predators seem reduced to their aesthetic value, being sometimes considered beautiful and expected to attract nature tourism. Other key actors mentioned their ecological role and benefit for hunting management as consumers of diseased prey.

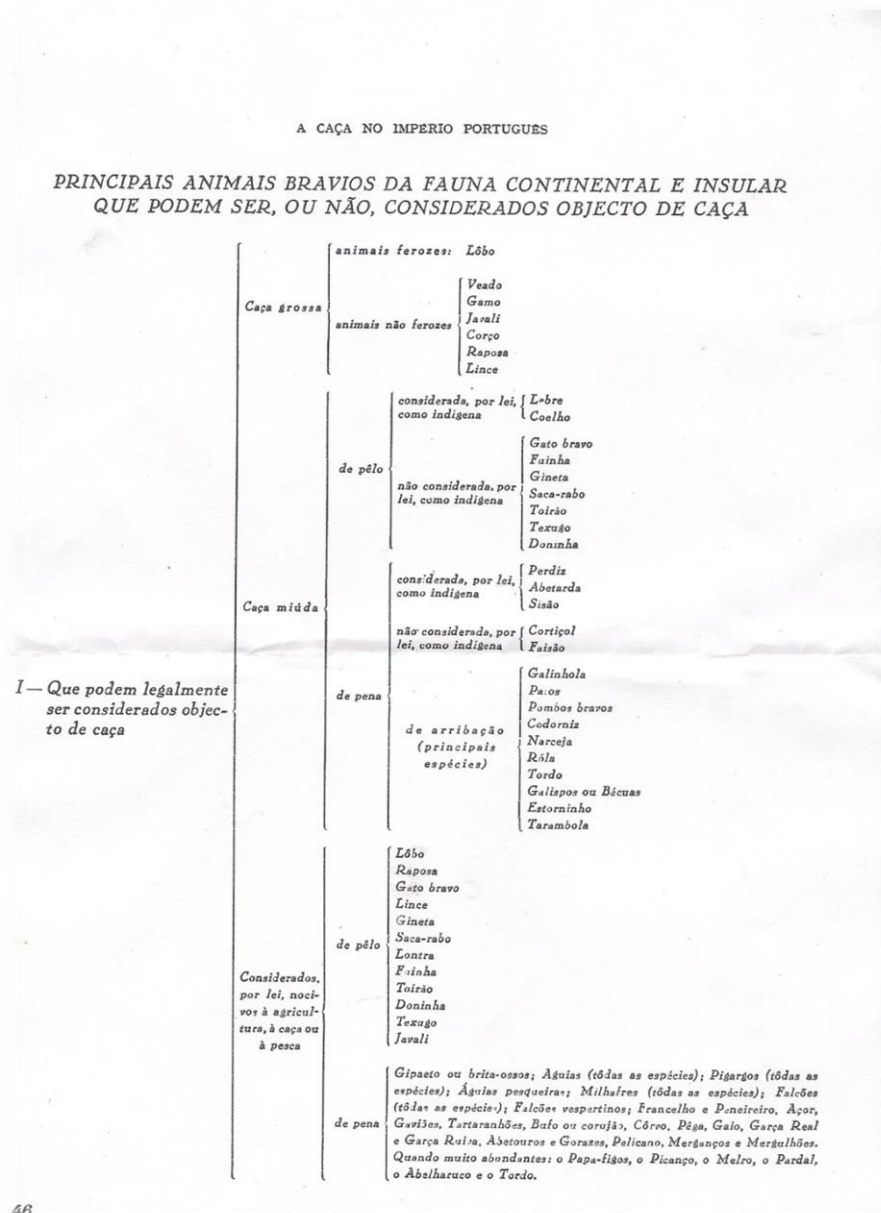


Figure 8.5 – Classification of hunting species in Portugal in the mid twentieth century according to Galvão et al. (1943). First level: 1. big game, 2. small game and 3. “considered by law as vermin to agriculture, hunting or fishing”. Second level: 1. ferocious and non-ferocious animals 2. with fur 3. with feathers 4. with fur and with feathers. Third level (differentiating among small game): considered by law as indigenous, not considered by law as indigenous and migrant bird.

Discussion

Our results indicate that the use of empirical classifications in a western context can show much variability and be informative about local interpretations of nature. It might be a more comprehensive method than the use of a sociozoological scale exploring hierarchical positions attributed to good animals and bad animals (Arluke and Sanders 1996). The data point to the existence of variations among those dualistic categories and prevalence of other logics as well. Species can be classified simultaneously in different ways, and large predators such as Wolf can be seen with ambivalence (Lopes-Fernandes *et al.* 2016).

A comparison of our results with published work is limited as studies on classifications with European carnivores and rural residents are not known. An MSc study in a Portuguese protected area found similar assortments to ours with domestic species in one differentiated group and wolf and fox close together in another (Soares 2010). There are also similarities with a case study from Guinea where primates and mammals with morphological, taxonomical and ecological similarities were also considered closer to one another than to other species (Sousa *et al.* 2010).

Our interviewees also follow the criteria of some ethnobotanical classifications like morphology, habitat and usefulness (*e.g.* Frazão-Moreira 2009, Poncet *et al.* 2015). In these studies local ecological knowledge of residents was considerable and becomes evident. Some of the criteria we observed such as utility, harmlessness, nuisance, were also what Thomas (1991) describes as of anthropomorphic tendency and man-centred for classification of natural elements in historical Western Europe. As this author describes, those systems of classification changed in the XIX century into a more naturalistic, neutral and objective approach in which it was also possible to regard plants and animals according to their intrinsic qualities and not just according to their relationship to humans. Empirical criteria used by our rural key actors such as ecology, taxonomy and morphology also expressed that perception difference.

In terms of emotional attachment lynx was positively differentiated from others by 5% of informants. We related this attachment to its mysterious feline character, aesthetical appreciation by informants and the wish to observe it in the wild

(Lopes-Fernandes et al 2018). Actors also associated lynx with other exotic large felids which play a symbolic and imaginary role for humans. That was also an added factor for the fascination lynx creates in people. An ethnographic study among Maasai showed that during free lists of animals the lion was also appreciated as a beautiful species by 10% of informants (Goldman *et al.* 2010).

Predators seem to be, for people who live together with them in these rural areas, boundary crossing species, non-human animals that cross borderlines, invade the human domain of the house (Knight 2000, Johansson and Karlsson 2011). This has been noted as an anomalous behavior since historical times, natural elements that “seem to blur those crucial categories of wild and tame around which so much popular thinking revolved. The encroachment of wild creatures into the human domain was always alarming (...)” (Thomas 1991). Including humans as a species in this type of research emphasizes this negative aspect of predators, while simultaneously recognizing humans as one of them. So the relationship with predators can be, in this context, an identity process, or from equal to equal. It becomes an issue ‘among predators’. There are distances, established by classifications, but they are all predators.

On the other hand our data shows that knowledge is related to perceptions about each predator and tolerance is individual to each species. For instance the fox is a ‘clever thief’ and the mongoose is an ‘ugly stranger’. Brunois (2005) already refers to the influence of specific behaviors of animals on local popular knowledge.

Differentiation of non-human animals has an *emic* perspective resulting from a combination of formal education and personal experience. In a parallel case to the study of Frazão-Moreira (1994) we found that hunting guards were locally referred to by the nickname “mongooses”, associating the elimination of species to the negative predator character.

The lynx is a carnivore admired for its strength, beauty and rarity. It is a constant presence and a ‘beautiful emblem’ (Lopes-Fernandes & Frazão-Moreira 2016) even if only on virtual and perceptual terms. As Lescureux and Linnell (2010) suggest despite the absence of interactions with lynx in geographical areas, the construction of a particular image of the species has not been prevented. Its elusiveness, like other wild felids of the world, makes it symbolically powerful (Hurn

2009). The lynx, in our case, often represents the wild itself, maybe a more distant 'nature' and imagined adventurous wild places. As Luig (2002) in Frömring (2009) comments:

“Nature is conceptualized as the other, standing in opposition to culture instead of being a part of it, thus fulfilling the need for primevalness, timelessness and eternalness”. (p.410)

On the other hand lynx becomes a non-human animal out of place in the sense that Johansson and Karlsson (2011) explains as being an object in the landscape which does not match, being reintroduced into the natural world by humans. The process triggers local reflections about orientations towards wildlife, pureness and wildness (Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2016).

On a third facet, relating with a predator like the lynx allows people to think of themselves as predators as well. The relationship is constructed with the natural element as an inner force, an inherent essence, part of humans. This perspective is also related to the notion of alterity summed up in the title “Among predators”, a recognition of proximity and simultaneously of differentiation from humans in a rural western context.

Finally lynxes can also be considered as having agency. As Sayes (2014) puts it, a non-human can have agency being a mediator, a member of moral and political associations gathering other actors from other times and other spaces. The lynx, in its reintroduction areas in Iberia acts in those three ways as: (1) encounters of humans with lynxes can change perceptions about the species, as these animals are often described as beautiful, calm and connecting eye to eye; (2) lynx presence becomes a theme among human actors and modifies relationships among them, since different positions of being in favor or against it take place; (3) lynx presence causes change of practices to a certain degree, development of nature observation activities, local initiatives to create merchandizing, etc. In fact the agency of the lynx translates as a non-human animal having a higher status in the natural world, playing a role as a negotiating object between actors and having new meanings locally.

Our results confirm the predominance of dominion values over non-human animals in these rural contexts (Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2016) and as a main factor in the perceptions and classifications of predators where they are mainly a

resource, a pest (Knight 2006) and a subordinated being (Arluke and Sanders 1996). This was an expected scenario in a western context as well as the dualistic conception that separates the natural world and the “human world”. However, we found a diversity of knowledge and classifications that point to the existence of several other rationales when considering wild species. A sensibility towards risk of extinction was also present among informants. Dissimilar perceptions coexist and reveal a heterogeneous rural world, where relationship of humans to other species is probably being redefined once again as Thomas (1991) described.

The rural lifestyle in Portugal as in other southern European countries is experiencing a major change, with some residents becoming more distant from wild species, others constructing an environmentalist discourse (Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2017), and some others keeping a close direct experience of predators but perpetuating their image as vermin and the discourse about their conflict with humans (Knight 2000). In fact livestock herding is one of the main activities in Guadiana, the lynx reintroduction area, and practices for livestock husbandry have changed in the last decades. There is no longer a permanent shepherd in the field, births of lambs are sometimes synchronized and animals can stay in the field at night as the wolf has been extirpated here. This situation can create conflict with predators, with foxes and mongooses especially reported to cause some loss. Tolerance seems to vary individually and characterization of this scenario can be a further interdisciplinary opportunity for applying anthropology to a conservation case study.

References

ARLUKE, Arnold and Clinton SANDERS, 1996, The sociozoologic scale. *Regarding animals*. Temple University Press, Philadelphia, PA, 167-186.

BERLIN, Brent, 1992, *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

BERNARD, H.. 2011. *Handbook of methods in cultural anthropology. Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches*. New York, London: Rowman Altamira..

BRUNOIS, Florence, 2005, Pour une approche interactive des savoirs locaux: l'ethno-éthologie. *Journal de la Société des Océanistes*, 120-121: 31-40.

CARVALHO, Ana Maria e Amélia FRAZÃO-MOREIRA, 2011, Importance of local knowledge in plant resources management and conservation in two protected areas from Trás-os-Montes, Portugal. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 7: 36.

DA SILVA, Felipe Paganelly Maciel, Eraldo Medeiros Costa NETO e César Roberto Góes CARQUEIJA, 2015, A etnotaxonomia de crustáceos estomatópodes e decápodes segundo pescadores artesanais do litoral norte da Bahia, Brasil, *Revista Ouricuri*, 5 (1): 1-29.

DESCOLA, Philippe, 2004, Le sauvage et le domestique. *Communications* 76 (1): 17-39.

DIETERLEN, Germaine, 1952, Classification des végétaux chez les Dogon. *Journal de la Société des Africanistes*, 22 (1): 115-158.

ELLEN, Roy and Holly HARRIS, 1997, *Concepts of indigenous environmental knowledge in scientific and development studies literature: A critical assessment*, APFT, Project, Bureau de Sensibilisation.

FRAZÃO-MOREIRA, Amélia, 1994, Entre favas e ovelhas: categorias do mundo do adulto apreendidas pelas crianças numa aldeia do Alto Douro. *Educação, Sociedade e Culturas* 2: 39-57.

FRAZÃO-MOREIRA, Amélia, 2001, As classificações botânicas Nalu (Guiné-Bissau): consensos e variabilidades. *Etnográfica*, 5(1): 131-155.

FRAZÃO-MOREIRA, Amélia, 2009, *Plantas e "Pecadores": Percepções da Natureza em África*. Lisbon, Livros Horizonte.

FRAZÃO-MOREIRA, Amélia, 2015, Ethnobiological research and ethnographic challenges in the "ecological era". *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 19(3): 605-624.

FRIEDBERG, Claudine, 1970, Analyse de quelques groupements de végétaux comme introduction à l'étude de la classification botanique bunaq. POUILLON, J., e P. MIRANDA (orgs.), *Échanges et Communications: Mélanges Offerts à Claude Lévi-Strauss*, vol. II, The Hague e Paris, Mouton, 1092-1131.

FRÖMMING, Urte Undine, 2009, Kilimanjaro's melting glaciers: on the colonial and postcolonial perception and appropriation of African nature. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 13 (2): 395-416.

GALVÃO, Henrique, Montês, A., José Freitas Cruz, 1943, *A Caça no império português*. Editorial "O Primeiro de Janeiro". Porto.

GOLDMAN, Mara J., Joana ROQUE DE PINHO e Jennifer PERRY, 2010, Maintaining complex relations with large cats: Maasai and lions in Kenya and Tanzania, *Human Dimensions of Wildlife*, 15(5): 332-346.

HUNN, Eugene, 1982, The utilitarian factor in folk biological classification, *American Anthropologist*, 84(4): 830-847.

HURN, Samantha, 2009, 'Here be dragons? No, big cats! Predator symbolism in rural West Wales' *Anthropology Today*, 25(1): 6 – 11.

JOHANSSON, Maria and Jens Karlsson, 2011, "Subjective experience of fear and the cognitive interpretation of large carnivores." *Human Dimensions of Wildlife* 16 (1): 15-29.

KNIGHT, John, 2000, *Natural enemies: People-wildlife conflicts in anthropological perspective*. Routledge, Londres and Nova Iorque.

KRAUSE, Rachel J., Ismael VACCARO e Shankar ASWANI, 2010, Challenges in building insect ethnobiological classifications in Roviana, Solomon Islands, *Journal of Ethnobiology* 30(2): 308-320.

LESCUREUX, Nicolas e John D. LINNELL, 2010, Knowledge and perceptions of Macedonian hunters and herders: the influence of species specific ecology of bears, wolves, and lynx. *Human ecology* 38(3): 389-399.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1983, *Le regard éloigné*, Paris: Plon.

LOPES-FERNANDES, Margarida, Filipa SOARES, Amélia FRAZÃO-MOREIRA e Ana Isabel QUEIROZ, 2016, Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature, *Anthrozoös*, 29(1): 5-20.

MARTIN, Gary J., 1995, *Ethnobotany: a methods manual*. Chapman e Hall, Londres, pp. 132-135, 210-221.

NAZAREA, Virginia D., 2006, Local knowledge and memory in biodiversity conservation. *Annu. Rev. Anthropol.*, 35: 317-335.

PONCET, Anna, Christian R. VOGL e Caroline S. WECKERLE, 2015, Folkbotanical classification: morphological, ecological and utilitarian characterization of plants in the Napf region, Switzerland. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 11(1): 1.

SAYES, Edwin, 2014, Actor–Network theory and methodology: Just what does it mean to say that nonhumans have agency? *Social Studies of Science*, 44(1): 134-149.

SOARES, Filipa, 2010, *Antropologia e conservação da natureza: o caso de uma possível reintrodução de espécies outrora emblemáticas no Parque Natural da Serra da Estrela*. Dissertação de Mestrado em Antropologia /área de especialização de Natureza e Conservação. FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 104 pp.

SOUSA, Claudia, Amélia FRAZÃO-MOREIRA, e Paula GONÇALVES, 2010 Ethnoprimateology and Conservation. The case of chimpanzee conservation in two protected areas of Guinea-Bissau, *12th International Congress of Ethnobiology*, Tofino (Canadá), May.

3ª PARTE

Relação com a Natureza e com processos de conservação

*“Os cientistas sociais tornam as coisas difíceis para os ecologistas. Trabalhar com lince é trabalhar com pessoas.”*⁷⁸ (Urs Breitenmoser, Cat Specialist Group, Moura, 2013)

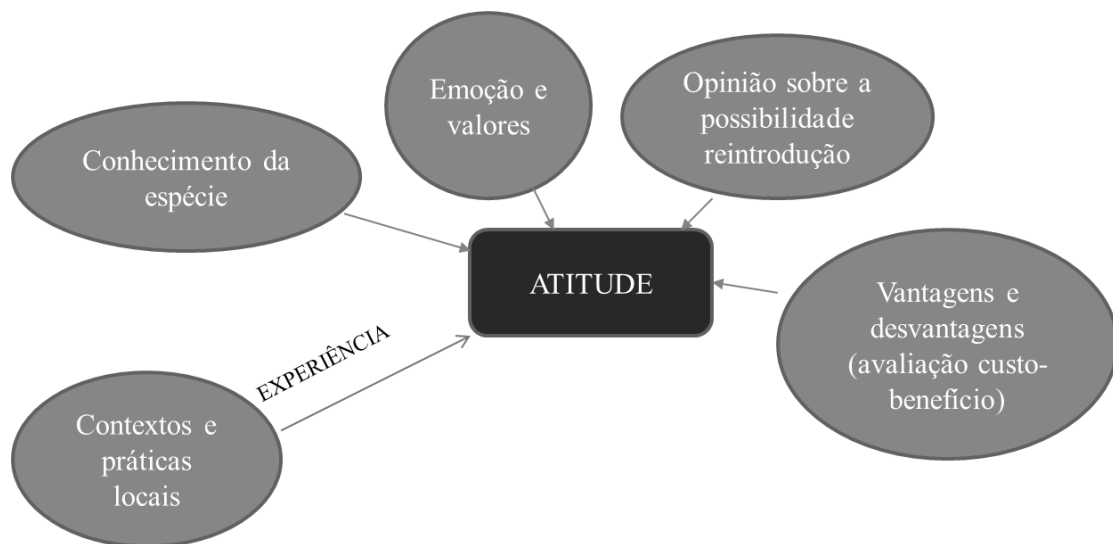
De forma a responder às questões de investigação sobre quais as atitudes dos actores chave em relação à reintrodução do lince-ibérico e que valores e orientações são expressas pelos mesmos na sua relação com os predadores e com a natureza, analisaram-se as entrevistas, conversas informais, observação de reuniões públicas sobre este tema e as práticas locais. No capítulo IX apresentam-se os dados primários sobre emoções e opiniões dos informantes face ao lince e à sua reintrodução, mostrando as categorias e códigos criados durante a análise de conteúdos e realçando as palavras dos locais, apresentando citações originais. No capítulo seguinte, em forma de publicação científica (aceite), apresenta-se a análise não só qualitativa mas também quantitativa desses mesmos dados, comparando-os com uma terceira área de estudo – a Malcata – onde foi realizada uma recolha de dados análoga às do Baixo Alentejo. O capítulo XI, último desta terceira parte, corresponde à publicação “Relating with the wild: key actors’ values” onde se analisam e se discutem os resultados relativos aos valores e orientações dos actores chave face ao mundo natural. Os conceitos de “selvagem” e outros que surgiram na pesquisa são aqui discutidos.

⁷⁸ Tradução livre do original registado “*Social scientists make things difficult for ecologists...working with lynx is working with people*”.

Capítulo IX. Vozes locais face aos processos de conservação: dados primários⁷⁹

Atitudes dos actores chave

Em termos conceptuais considerou-se atitude, pelas razões expostas no enquadramento teórico, como uma predisposição com várias dimensões e aspectos que podem ser sumarizadas no esquema seguinte:



Assim sendo, este capítulo apresenta dados primários de três destas dimensões: emoções, opinião e vantagens/ desvantagens, considerando já terem sido apresentados anteriormente resultados sobre os contextos, sobre conhecimento local sobre o lince, e sobre práticas com os predadores. No capítulo VIII volta a ser explorado o conhecimento de aspectos específicos sobre o lince, por comparação com o conhecimento científico.

Tal como referido na metodologia, até Novembro de 2014, realizaram-se um total de 95 entrevistas (uma destas entrevistas foi apenas analisada para a

⁷⁹ Parte deste trabalho de recolha e análise de dados esteve integrada no projecto LIFE Iberlince já referido. Nesse âmbito contou-se com a colaboração de Clara Espírito Santo na elaboração de alguns dos esquemas de apresentação de resultados que neste capítulo se apresentam.

categorização empírica, capítulo VIII) e uma recolha etnográfica nas áreas de Moura-Barrancos (MB) e Guadiana (G) com uma distribuição por diferentes perfis de entrevistados (tabela 7.1). As entrevistas realizadas tiveram uma duração entre 35 e 97 minutos (guião da entrevista apresenta-se no anexo 2). Os actores chave entrevistados tinham idades entre os 31 e os 80 anos e eram maioritariamente homens, com a excepção de 10 mulheres no total dos entrevistados. O nível de educação formal não foi questionado nem considerado relevante ao tema, sendo dada primazia às actividades que cada informante exercia. Estas constituíam o perfil de cada entrevistado e respectiva razão pela qual cada um deles tinha sido seleccionado para a entrevista. Sabe-se, porém, que os níveis de instrução entre os entrevistados variaram entre ter completado escola primária/ ensino básico e ter realizado uma pós-graduação (ex. mestrado ou doutoramento).

A amostragem dos entrevistados abrangeu de forma equilibrada todos os perfis escolhidos e um número semelhante de sujeitos caçadores e não caçadores.

Tabela 7.1. - Número de entrevistados por perfil e por área.

Perfil do entrevistado	Moura-Barrancos	Guadiana	TOTAL
proprietários	9	9	18
representantes do poder local	8	8	16
técnicos	6	7	13
gestores cinegéticos ou de propriedades	6	8	14
guardas ou ex-guardas cinegéticos	8	3	11
utilizadores de recursos naturais e dinamizadores de actividades de natureza ou observadores de fauna e flora	6	7	13
observadores de linco	10	0	10
TOTAL	52	42	94

caçadores	26	19	45
não caçadores	26	23	49

As áreas de residência ou actividade dos entrevistados distribuíram-se por todas as freguesias das áreas de estudo, com uma maior incidência nas subáreas com maior aptidão, à data, para reintrodução (Figura 9.1.).

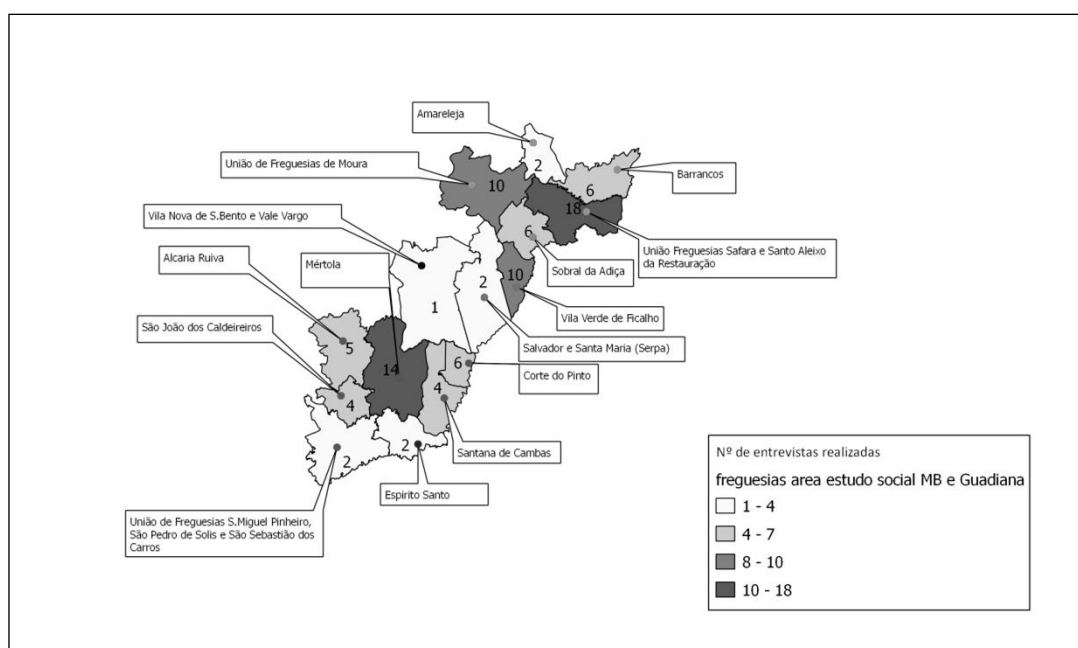


Figura 9.1. - Localização dos entrevistados pelas freguesias das áreas de estudo no Baixo Alentejo

Considera-se que a reintrodução é um processo de conservação da natureza na medida em que constitui uma acção de gestão directa do meio natural, repondo exemplares de uma espécie selvagem que anteriormente ocorria na área.

Na análise das atitudes sobre processos de conservação, em particular sobre a reintrodução, esperava-se encontrar uma variação entre as áreas estudadas e entre diferentes tipos de entrevistados, sem esquecer também a heterogeneidade de cada grupo social e intravariabilidade. As mudanças ocorridas, nos últimos anos, na normativa ambiental e nas práticas das comunidades rurais poderiam ter conduzido a mudanças na visão local sobre os predadores selvagens. O posicionamento face aos processos de conservação tem origem muitas vezes na desconfiança das instituições e do seu funcionamento e pelo facto de não haver envolvimento directo dos cidadãos

nas decisões. O regresso das espécies selvagens pode ser associado a uma imposição de retorno ao passado, a uma subvalorização do território ou a um estilo de vida rural economicamente desfavorável para os residentes.

Apresentar a diversidade de respostas e discursos encontrados é importante e permite identificar os temas chave para os informantes relacionados com o tema da reintrodução (ver também anexo). Releva-se por isso o carácter qualitativo dos resultados, a visão émica do processo e o facto de dizer respeito não a uma proporção significativa da população residente das áreas mas a um grupo seleccionado de actores chave que representam os vários interesses, capacidades e influência nas decisões referentes aos territórios mais importantes para a ocorrência de lince-ibérico.

Apresenta-se aqui uma resenha esquemática das categorias atribuídas por codificação aberta e dos resultados em que se incluiu uma selecção de testemunhos dos informantes. Os esquemas apresentados nem sempre se referem ao total dos entrevistados mas aos que responderam a determinada questão ou referiram aspecto específico. A análise quantitativa dos dados incluiu uma exploração estatística que partiu de várias questões e testes associados que se encontra sumariada no anexo 8.

Emoções, valores e relação com o predador lince

A análise das descrições espontâneas que entrevistados fizeram do lince revelou maioritariamente sentimentos centrados na admiração, na estética e no fascínio. Foram utilizados adjectivos tais como: “forte”, “espectacular”, “admirável”, “simpático”, “felino”, “poderoso”, “interessante”, “austucioso”. Alguns dos entrevistados referiram o seu carácter emblemático, um deles descreveu a sua intenção de tornar a miniatura de lince (fabricada pela marca *Mojo* e distribuída nas áreas) num objecto de sorte:

“Animal lindo. Vou usar como emblema nos torneios (...) cada jogador tem o seu”;

“Acho que é um bicho absolutamente lindíssimo, a cabeça e os olhos é o que chama mais a atenção”; “É lindo, é grande, é felino”; “Ao estarmos a dar de comer aos animais também estamos a dar de comer ao lince. Por acaso gosto, é simpático, é bonito”;

“o lince é uma paixão ... porque tem as barbas do diabo, o olhar profundo do inferno, mas depois tem a elegância da mulher. É um bicho muito complexo. A análise visual

que eu faço do lince, é uma imagem muito mais poderosa que qualquer um dos outros bichos” (Guadiana 2013 e 2014)

“Este ar... como hei-de de dizer? É difícil de explicar. Este ar misterioso, os olhos, as orelhas em píncl. É um animal, pronto, que mete medo mas ao mesmo tempo é simpático. É... cativante”; “É muito conhecido, vê-se bem. É diferente dos outros, não tenha dúvida. Ainda não vi cá nada. É felino, não engana ninguém.” (Moura-Barrancos 2013 e 2014)

Os adjectivos que podem considerar-se mais negativos estão relacionados com o carácter predatório da espécie e foram referidos por quatro informantes no Guadiana:

“Os caçadores não gostam nada de bichos. Uns certos bichos, como o tal lince-ibérico que é terrível para a caça porque come os coelhos e perdizes.”

“Parece ser um bicho com alguma robustez, um bicho forte, é um predador, tem aspecto de ser terrível” (Guadiana 2014)



WordItOut

Figura 9.2. Expressões dos informantes relativos ao lince em termos de emoções e valores. Nuvem construída a partir de adjectivos utilizados pelos informantes. Tamanho de letra indicativo e de acordo com sua ocorrência nas entrevistas.

Na relação emocional positiva com o lince a maioria dos entrevistados também revelou desejo pessoal de observar um lince na natureza e na sua região. Essa

experiência foi valorizada individualmente e é considerada uma mais-valia quando se refere que “ele/a viu um lince”.

“Gostava de ver um bicho desses mas nunca vi, dizem que há 30 anos apareceu um atropelado do lado de Rosal perto da Contenda.”; “se a gente vai ter o privilégio de o ver... deveria haver essa reserva de não caça.”

“Gostava, gostava e gostava de haver aqui muitos que aquilo é uma coisa distinção não é?”

“Gostava. Tinha curiosidade porque sabia que havia. Parece mentira, um animal aqui praticamente na zona e nunca vi. Vi leões que são de África e lince não” (Moura-Barrancos 2013 e 2014)

“Como outro animal selvagem, é raro, não se vê todos os dias, é um animal diferente”; “Sim, sem dúvida. Até num sentido egoísta. Se tivermos um conjunto de espécies com maior pujança é importante para o nosso turismo conservacionista. Fundamental.” (Guadiana 2013 e 2014)

Todos os perfis de actores chave considerados manifestaram este desejo. É considerado pelos informantes, por exemplo pelos que são caçadores experientes, que essa experiência, em geral, uma vivência sózinha, no campo, pode ser um benefício pessoal. No entanto, esta intenção não impediu que o mesmo entrevistado tenha posteriormente na entrevista apresentado contestação ao processo de reintrodução da espécie (à frente apresentada). Ou seja, um actor chave pode acumular uma postura de admiração e atracção pelo lince e simultaneamente apontar condicionantes ou desvantagens da sua reintrodução, assumindo o seu papel integrado na população local e enquanto actor chave.

Nesta área do Baixo Alentejo os predadores têm uma imagem geral de inutilidade, competidores pela caça, responsáveis por causar prejuízos económicos nos animais domésticos (tema desenvolvido no capítulo VI). O coelho-bravo e outras espécies cinegéticas são espécies muito valorizadas, que historicamente, nestas áreas, se capturavam para comer ou para vender. Os predadores, ao alimentarem-se de presas que também são espécies cinegéticas, tornam-se competidores. A imagem local dos predadores integra também perspectivas negativas como a de que algumas espécies chupam sangue às presas e que “matam mas não comem” (descrito no capítulo VIII).

“Nos predadores são coisas diferentes, há uns que só chupam sangue, ele (lince) come carne, na minha ideia raposas e saca rabos têm que arranjar outro sítio. É animal que é amigo do caçador e estes não distinguem o que os ajuda no combate a outros predadores. Não sei se lince ataca raposa mas mete-a a comer ratos.” (Moura Barrancos e Guadiana 2013 e 2014)

À semelhança dos restantes predadores, o lince é visto como um competidor com a caça menor. Este factor vai influenciar as condicionantes apontadas para a reintrodução.

Outro factor da relação dos humanos com o lince que determina os posicionamentos face à reintrodução, é a presença histórica na área. O lince é conhecido historicamente em Moura-Barrancos onde os entrevistados referem que a espécie “pertence” de certa forma à área, ao contrário do Guadiana. Alguns entrevistados (14) referiram a ocorrência ainda actual da espécie na área de Ficalho e Contenda, com relatos de avistamentos de lince realizados por pessoas. Os discursos sobre a reintrodução são no sentido “voltar a haver a espécie”.

“Eu acho que há lince e acho que talvez ande naquela cordilheira dos Álamos, pelo que as pessoas dizem que vêem, ainda há um ou dois anos, dizem que andava um lince de volta de uma ovelha morta, os espanhóis dizem que é possível”

“Acho que não desapareceu, vai havendo relatos de pessoas que durante as caçadas que vêem (...)”

“Se foi animal que nasceu, cresceu nestas zonas e durante muitos anos habitou, certamente foi por algum motivo, de certeza que ele estava além é porque fazia bem a algumas coisas” (Moura-Barrancos 2013)

A possibilidade de abate de um lince no futuro foi referida frequentemente pelos entrevistados, como uma ameaça potencial à espécie. Interpretou-se também esta referência, durante as entrevistas, em particular no Guadiana, como um “aviso” de reacção popular a uma decisão de reintrodução imposta. Não existindo uma possibilidade de contrapor à decisão assumida pela administração de proceder à reintrodução, este foi um dos argumentos para afirmar o poder de quem está no terreno.

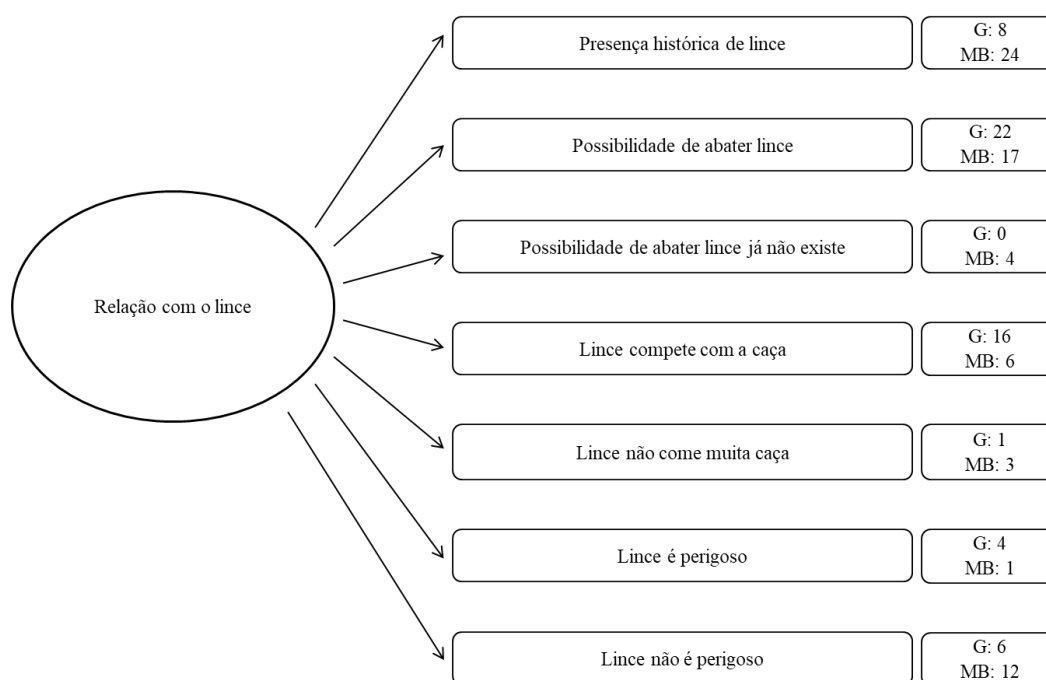
“Existe (possibilidade abater lince). Eles não dizem abater, dizem apanhá-los. (...) (Com armadilhas?) Com laços, gaiolas... (...) e depois é passar-lhe com um carro por cima”

“Não havendo capacidade financeira não é possível. E se se impuser esta situação... Se o equilíbrio não estiver bem seguro. O lince desaparece num ano ou dois. Matam-nos todos.” (Guadiana 2013 e 2014)

Sempre que foi referido, por parte do entrevistado, que determinada espécie animal seria perigosa de questionou-se se considerava o lince perigoso para as pessoas, e embora tenha havido entrevistados que demonstraram medo ou incerteza sobre esse aspecto (5), um número superior não o considerou perigoso para os humanos (18).

“As pessoas não estão em causa, o lince não faz mal às pessoas, o lince pode comer uma galinha mas isso é o menos (...)

O lince não ataca o Homem, do que vejo na televisão. Os predadores são os que vendem peles e aquilo parte-me o coração, peles de raposa (...)” (Moura-Barrancos e Guadiana 2013 e 2014)



Alguns entrevistados expressaram também uma opinião de desaprovação de abate de animais selvagens por razões morais relacionadas com o “direito dos animais à existência”. Este tipo de valores e aspectos éticos foram desenvolvidos no capítulo XI.

“Eu sou céptico em relação à caça...não é justo...as pessoas estavam numa vantagem muito grande (...) aquelas linhas que se colocam porque sabem que ali passa (o animal) (...) eles estão armados...”; “eu chamo linhas de morte, eles são empurrados e depois...”

“Não sou caçador, fui meia dúzia de vezes, passear, não sou capaz, não me agradou nada na caça, vejo tudo acasalado, vejo pássaro no ninho, vou vendo o campo todo, e depois não sou capaz, (...) deixei acabar a carta de caçador”

“Acho que em último caso é que se deve matar os animais. E isso de fazer negócio, ir lá só para matar os bichos... Acho que não, não concordo. É uma opinião.” (Moura-Barrancos e Guadiana, 2013 e 2014)

Posicionamentos e opiniões face à reintrodução

Dadas as respostas à questão durante a entrevista “Acha que o lince poderia viver aqui?” criaram-se as categorias: “Sim e sim condicionado”, “Não ou não neste momento”, “Ambivalente”, “Indiferente e não sei”. Houve uma resposta predominantemente positiva entre os entrevistados, embora tenham enumerado de forma espontânea a existência de condicionantes à reintrodução. No Guadiana registou-se maior contestação sendo que, durante a pesquisa, foi anunciada pela administração a reintrodução para esta área. Em Moura-Barrancos a vinda da espécie foi referida como um processo que poderia ocorrer naturalmente, com o tempo, processo esse que foi mais valorizado do que algo feito pela acção dos humanos, como a reintrodução.

“Sim, gostava que aumentasse. Eu acho que toda e qualquer espécie nova que vem é sempre bem-vinda e enriquece a biodiversidade, ... até com a minha relação com o campo, acho que é sempre interessante. Agora, esta política que se cria em torno do lince não deve ser inibidora de outras; não deve ser uma condicionante à vida normal agrícola. Não deve ser condicionante.”(Moura-Barrancos 2014)

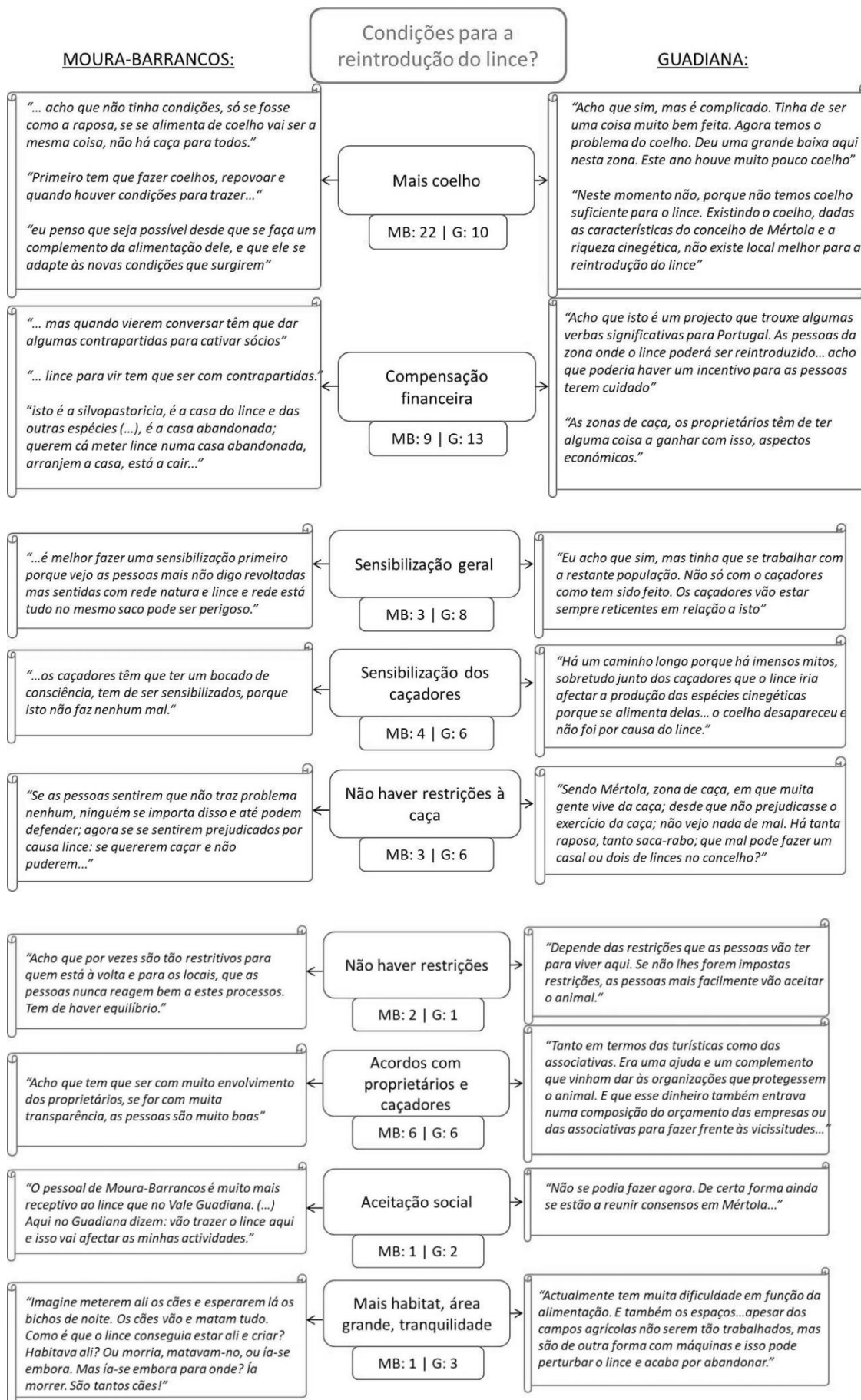
“Acho que é perfeitamente possível. O problema é que de um momento para o outro o lince aparece, e normalmente essa ideia que o lince come um coelho em média por dia... (...) e os lesados, não encaram muito bem a perda de um coelho por dia por cada lince, porque isso tira algum rendimento de natureza económica” (Guadiana 2014)

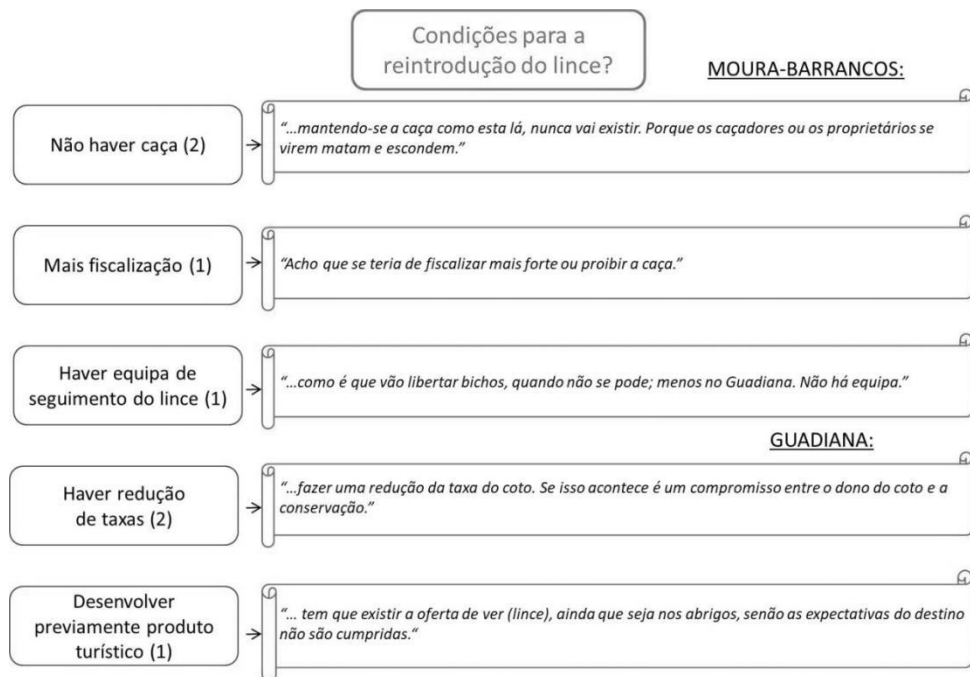
“O problema é que vão tratar mal o animal, e andam a criá-los com carinho e coiso e depois vem para aqui para lhes darem chatices... (...) andarem aí aflitos com o GPS e com o chip, onde andam. Se calhar é melhor dar-lhe mais tempo para ver...” (Guadiana 2014)

Dois actores chave expressaram uma oposição mais absoluta em relação à reintrodução, um número superior de opiniões foram do tipo “neste momento não”. Os posicionamentos neutros (indiferença) e ambivalentes, em particular na área do Guadiana, pareciam estar também relacionados com a construção de expectativas e a negociação com a administração que entretanto fora iniciada. A opinião de muitos actores chave não estava consolidada na altura ou estava sob a influência de alguma pressão social.

Houve uma considerável diversidade de condições apresentadas pelos actores chave, para a reintrodução do lince. As categorias construídas por análise de conteúdo são à frente apresentadas de forma esquematizada. As condicionantes mais referidas foram a maior abundância de coelho e a compensação financeira (que inclui contrapartidas como redução das taxas pagas ao Estado nas zonas de caça). Os esquemas seguintes mostram exemplos, para cada categoria, das opiniões dos actores chave registadas. As citações foram todas recolhidas entre Setembro de 2012 e Novembro de 2014.

Nas duas áreas geográficas a interligação de alguns factores prende-se com o sentimento de “propriedade” das espécies cinegéticas e com a referida competição com o lince. No discurso dos entrevistados entende-se uma contestação baseada na ideia de que a abundância de coelho deverá ser assegurada, para garantir a continuação do exercício cinegético sem restrições. A outra ideia subjacente em alguns discursos é a de que o lince pertence de certa forma ao Estado, é um factor externo e imposto, sendo a sua presença uma concessão e que, como tal, do ponto de vista de alguns actores chave, deve ser compensada financeiramente.



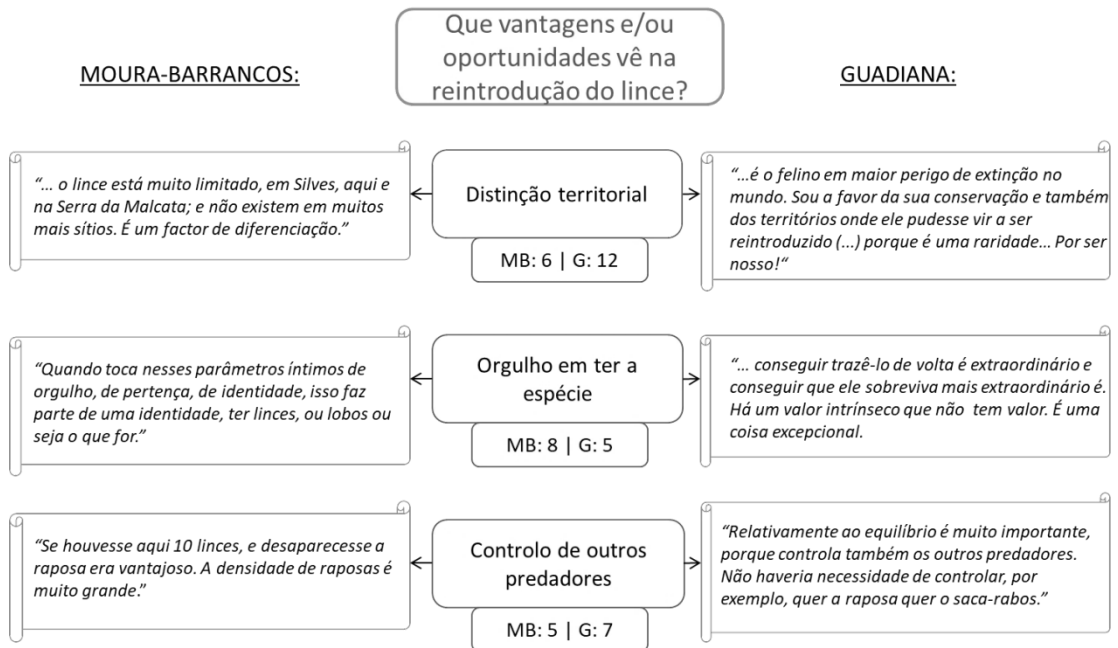
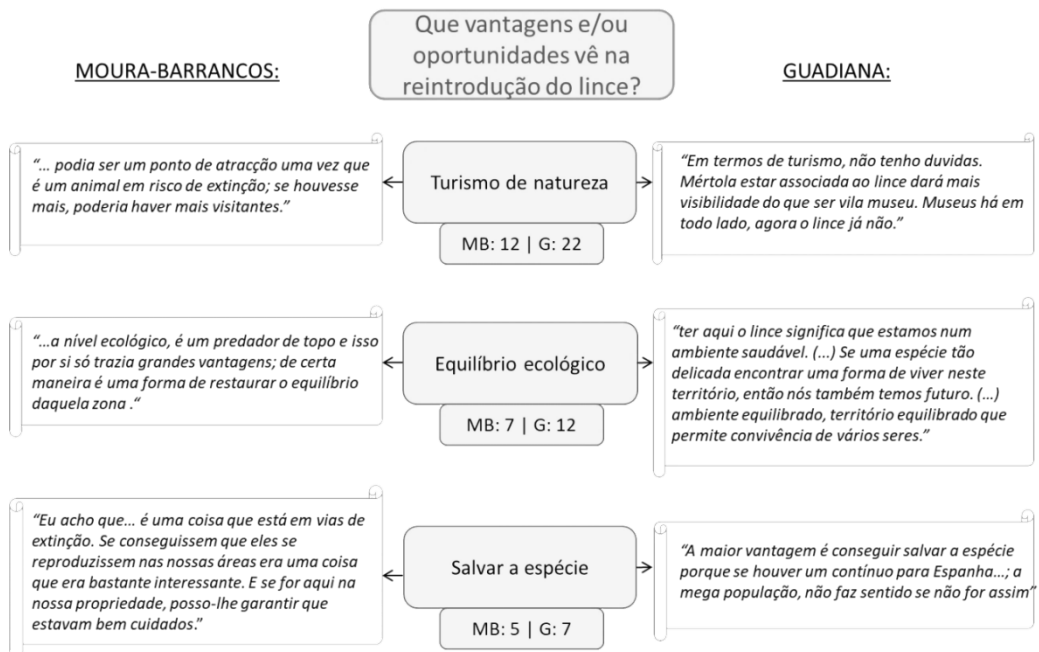


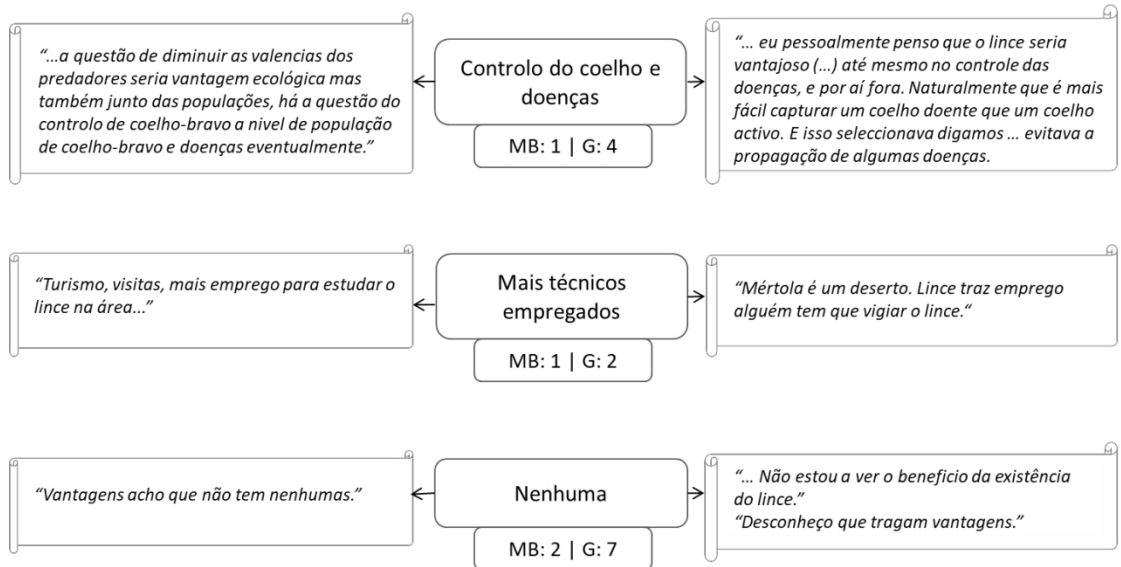
Vantagens e desvantagens associadas à reintrodução

À questão sobre que vantagens e desvantagens o entrevistado considerava existirem na reintrodução de lince no território, os actores chave referiram um conjunto mais diversificado de vantagens (14) do que de desvantagens (9). Destacou-se, pela frequência com que foi referido, o turismo (>20 no Guadiana) e a possibilidade de restrições por parte da administração entre as desvantagens. O ataque a animais domésticos também foi referido, associado ao carácter predatório do lince. Nos esquemas seguintes apresentam-se as vantagens e desvantagens referidos pelos actores chave e alguns exemplos de citações para cada uma das categorias.

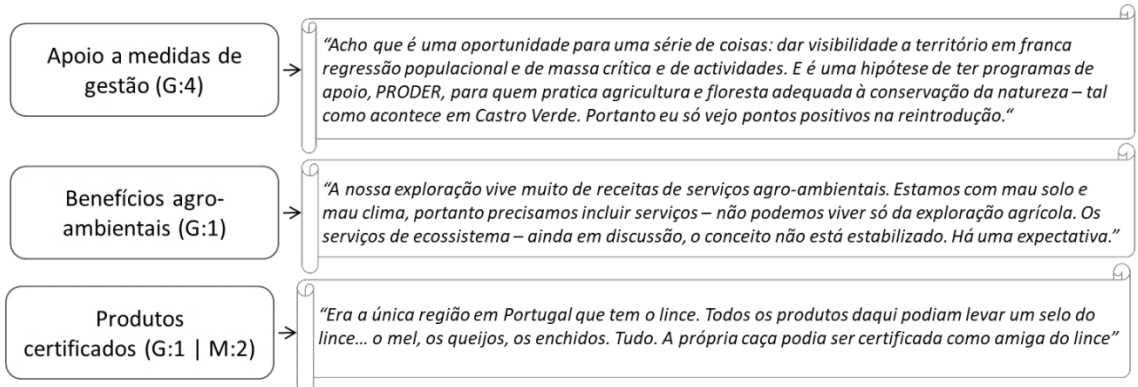
De referir que a opinião dos informantes incidiu também na distinção territorial e o orgulho em ter a espécie, em ambas as áreas geográficas, o que confere ao lince um potencial carácter de construção de identidade territorial. Houve também associação da presença de lince à existência de maior equilíbrio ecológico no ecossistema. Este é um discurso mais focado em aspectos não materiais e do tipo ecocêntrico e dá continuidade à narrativa global sobre ambiente e espécies ameaçadas.

No conjunto das opiniões não existiram muitos posicionamentos dualistas de totalmente contra ou a favor do processo, podendo um mesmo entrevistado referir, simultaneamente, mais do que uma vantagem e desvantagem.

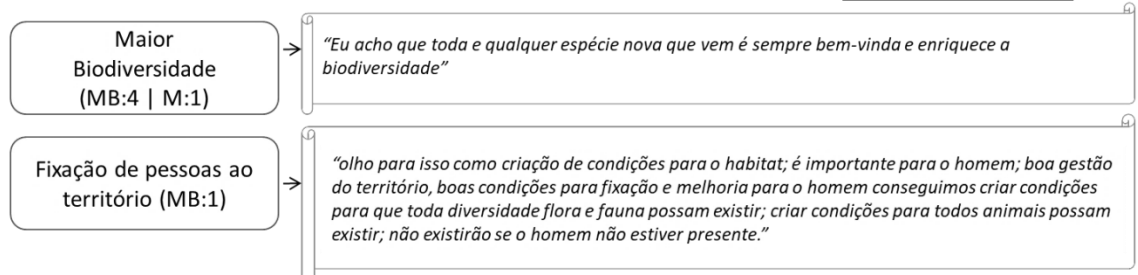


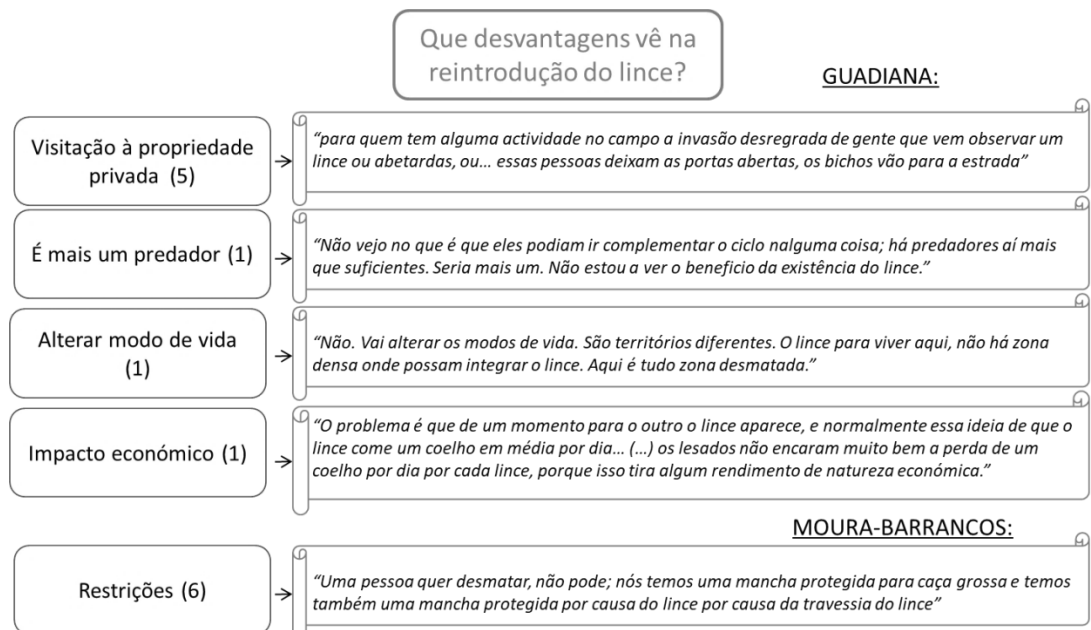


GUADIANA:



MOURA-BARRANCOS:





Locais para a reintrodução

Parte dos entrevistados (G=14; MB=24) deu uma opinião sobre quais as áreas mais adequadas para a ocorrência de lince na região. Esta avaliação do entrevistado concretiza a possibilidade de reintrodução no terreno sempre que é indicada uma área.

Na área do Vale do Guadiana as áreas mais indicadas foram as serras de Alcaria Ruiva, tendo sido referida também a área do Vascão e junto ao rio Guadiana.

Em Moura-Barrancos as áreas mais indicadas foram as serras da Adiça e de Ficalho, sendo também indicada a Contenda e ainda Barrancos e Chança. Estes locais, indicados pelos entrevistados, correspondem a zonas com áreas de matagal e/ou abundância de coelho-bravo pelo que fica demonstrado o conhecimento ecológico local dos actores sobre as preferências do lince enquanto espécie.

Relativamente a se a reintrodução deveria ser realizada em áreas privadas ou públicas não se verificou uma tendência clara entre as respostas. Não pareceu relevante para os actores o regime da propriedade para a reintrodução. Os entrevistados do Guadiana indicaram a inexistência de “área pública” na região e também o facto de “*os animais não ficarem lá dentro*”, justificando ser indiferente nesse aspecto onde iniciar a reintrodução libertando os animais.

No Guadiana houve também reacções do tipo *NIMBY*⁸⁰ ou seja uma oposição à reintrodução do tipo *não no meu quintal*. Esta reacção é descrita em projectos polémicos que são reconhecidos como benefícios comum, mas que oferecem resistência a quem habita nos locais de implementação dos projectos. Neste caso da reintrodução para salvar o lince da extinção, encontraram-se posições análogas que são exploradas e discutidas nos capítulos seguintes.

Conhecimento do processo técnico de reintrodução

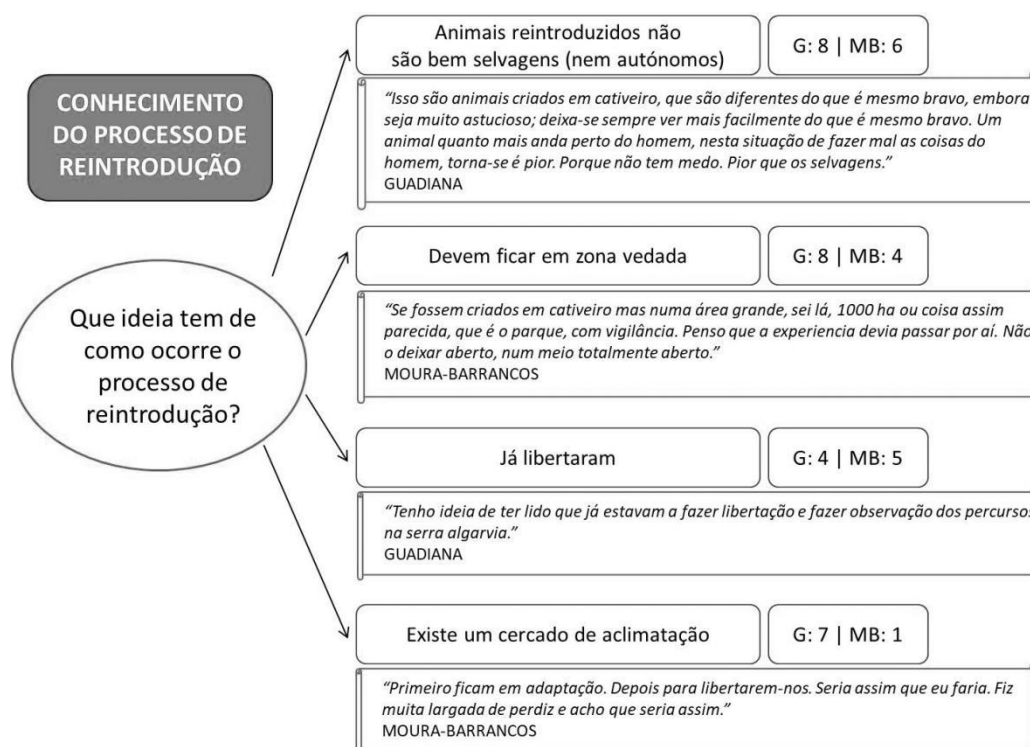
De forma geral os entrevistados afirmaram não ter acesso a muita informação sobre detalhes do processo de reintrodução. Alguns conheciam procedimentos técnicos como o seguimento dos animais por rádio-colares ou a aclimação dos animais num cercado. Mas também referiram os animais serem oriundos de cativeiro e por isso não serem “bem selvagens” e poderem vir a ter dificuldades de sobrevivência.

Foi também colocada a hipótese por alguns de os animais já terem sido libertados em modo “semi-secreto”, semelhante a outras putativas libertações referidas para as áreas protegidas (ver ponto “Vivência das Áreas Classificadas”).

Foi ainda apresentada a ideia de que os animais poderiam viver numa zona vedada. Foram as perspectivas com uma solução de “zoos” como o lugar dos animais

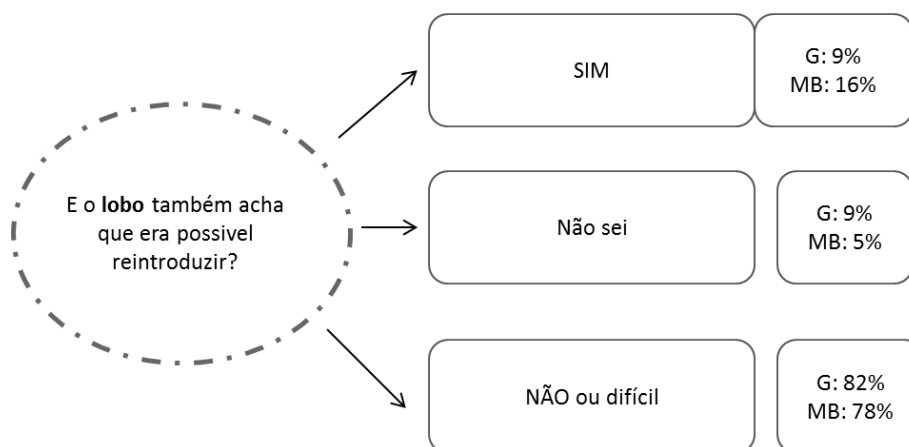
⁸⁰ *Not in my back yard.*

selvagens. Esta ideia pode ter sido reforçada nos actores do Guadiana pelo facto de aí terem existido, em grandes propriedades privadas, áreas vedadas com animais exóticos como grandes felinos e ungulados. A partir do exemplo de “possuir” animais controlados em espaço confinado e também dos repovoamentos com espécies cinegéticas, comuns na zona, pode surgir a ideia da reintrodução como uma situação idealizada ou artificializada, permanentemente sob o controlo humano.



Opinião sobre a potencial reintrodução de lobo

Foi introduzido no guião de entrevista uma questão sobre a possibilidade de reintrodução do lobo, de certa forma para comparar a resposta com a questão sobre a ocorrência de lince. Não sendo uma hipótese real nem uma intenção da administração actualmente para a região, teve o propósito de entender se o entrevistado ponderava a sua avaliação face à reintrodução de diferentes espécies. A opinião predominantemente negativa para a ocorrência de lobo mostra que houve uma avaliação distinta face às duas espécies - lince e lobo - da parte dos entrevistados. O esquema seguinte apresenta as percentagens de entrevistados (de entre os que responderam à questão) por categoria:



O contexto social e relação com outros temas

Observaram-se aspectos do contexto social, à data, que tiveram influência nos posicionamentos dos actores locais e foram comentados durante a pesquisa. De entre estes, destacam-se os seguintes pontos:

- ❖ A ideia transmitida no Guadiana de que a reintrodução era um processo imposto e por isso negativo.
- ❖ A referência a um isolamento das áreas do interior e sujeição a decisões centradas em Lisboa, “nos gabinetes”, existindo uma crítica implícita de que os técnicos não conhecem a realidade do terreno sobre o qual decidem.
- ❖ A crítica ao excesso de atenção (e fundos) que o tema da reintrodução de uma espécie selvagem merece (mediatização e “muita conversa”), face a outros problemas locais (despovoamento, acesso a assistência médica, desemprego, etc.).
- ❖ Falta de informação sobre a reintrodução, tendo-se transformado num tema de “cafés” e um tema que desencadeou posicionamentos na política local.
- ❖ A apropriação do tema lince por actores não residentes, nomeadamente as organizações do sector cinegético, tornando-o num objecto de afirmação de vários interesses e motivo para obter algum protagonismo.

Sobre posicionamentos e eventos públicos

Da observação de reuniões locais e momentos públicos entre actores locais e administração no Guadiana, constatou-se que primeiramente estas foram sobretudo

momentos de reivindicação sob o propósito implícito de alcançar benefícios para “receber o lince”. Dominava no discurso, a noção de que o lince pertencia à administração, e de que a conservação das espécies era algo que traz problemas. A Câmara Municipal de Mértola (CMM) assumiu uma posição pública de não apoiar a reintrodução, associada a uma posição da organização nacional de caçadores FENCAÇA também nesse sentido. Argumentava que o “*processo devia ter sido iniciado de outra forma e que a Câmara tinha informado o Secretário de Estado que não havia ainda condições para a reintrodução*”. Defendia ainda que o processo “*tinha de ser a contento de todos, nomeadamente proprietários de terrenos, gestores caça, caçadores*” (Jornadas Mértola, Maio de 2014).

As vozes mais favoráveis à reintrodução e o reconhecimento de vantagens, expressas durante as entrevistas a decorrer na altura, não foram assumidas publicamente nestas reuniões. O ambiente era de pressão social e o diálogo pareceu centrar-se nos caçadores. Por outro lado, os caçadores não tomaram posições unificadas e mostraram ser um conjunto de actores muito heterógeneo (ver capítulo XI).

Durante a Feira da Caça em Mértola em Outubro de 2014, o lince não foi referido publicamente de modo directo mas houve contestação à administração sobre pagamentos de licenças de caçador e o Presidente da CMM num discurso de abertura deixou a nota:

“(a caça) tradição imemorial que passa de pai para filho (...) A paixão da caça é a paixão da natureza. Os governantes ignoram que o caçador é defensor da biodiversidade animal e que os predadores e invasoras têm que ser combatidas.”

Alguns actores chave no Guadiana referiram os eventos públicos e criticaram o posicionamento da FENCAÇA e da CMM durante as entrevistas.

“Outra coisa que me revolta, eu já assisti a duas sessões de esclarecimentos aqui: é que são sempre os mesmos a falar, os contra, e não são pessoas do concelho; (...) São pessoas que (...) vêm cá, caçam e vão-se embora. Não pensam no bem das pessoas que aqui estão. E o lince, na minha perspectiva, pode ser importante para as pessoas que cá estão. (...) Eu acredito que não seja fácil quando o presidente da Câmara é contra o lince. (...) ele nunca se mostrou aberto à questão do lince; é muito reticente. Está sempre do lado dos cépticos, dos que não acreditam. Pode não ser totalmente contra, pode achar o animal bonito, mas não é a favor. E não é a favor porque é caçador;... não está a perceber – acho eu – não percebem bem a dinâmica das coisas. Não é por haver lince que vai diminuir coelho, o que diminui o coelho é a mixomatose e a febre hemorrágica. Isso é que diminui o coelho. O

lince come um coelho, se houver 7 ou 8, são 7 ou 8 coelhos por dia. Isso é que é um impacto grande? E o potencial, em termos de turismo, da ecologia, do marketing associado?

“A Câmara (de Mértola) diz que não, depois não/sim, sim/não – não percebo. Também quer protagonismo. Todos pretendem ser protagonistas. Não tem a ver com lince? nada!”

No último trimestre de 2014, proprietários individuais e gestores, após negociação com a administração, disponibilizaram-se para assinar acordos para a reintrodução. Numa reunião pública na sede do Parque Natural do Vale do Guadiana, foi assinado o “Pacto para a Conservação do Lince” por diversas entidades e também por proprietários e zonas de caça locais. Este evento teve a presença do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e da Conservação da Natureza que descreveu o documento como “*de defesa ou garantia dos principais interesses*” e relevou a colaboração para que “*o sonho de ver lince no nosso território possa ser realidade*”.

A primeira libertação de dois lince em Portugal dentro de um cercado de aclimação aconteceu dia 16/12/2014. Teve a presença da Secretaria de Estado e convidados incluindo uma representação da Junta de Freguesia de Caldeireiros, mas o Presidente da CMM não estava presente. O clima era de expectativa e, no momento de ser aberta a caixa que transportava o animal, fez-se espontaneamente silêncio. A maioria dos presentes concentrou-se em capturar o animal na sua máquina fotográfica. Em todas as libertações que se seguiram, os presentes repetiram esse comportamento. Entre humanos e lince passou a existir uma lente, o predador passou a “objecto de desejo”. Parte desse cenário pós-libertações está descrito na publicação do capítulo VI. A libertação dos animais do cercado para o meio natural, ou seja a reintrodução propriamente dita aconteceu em 2015.

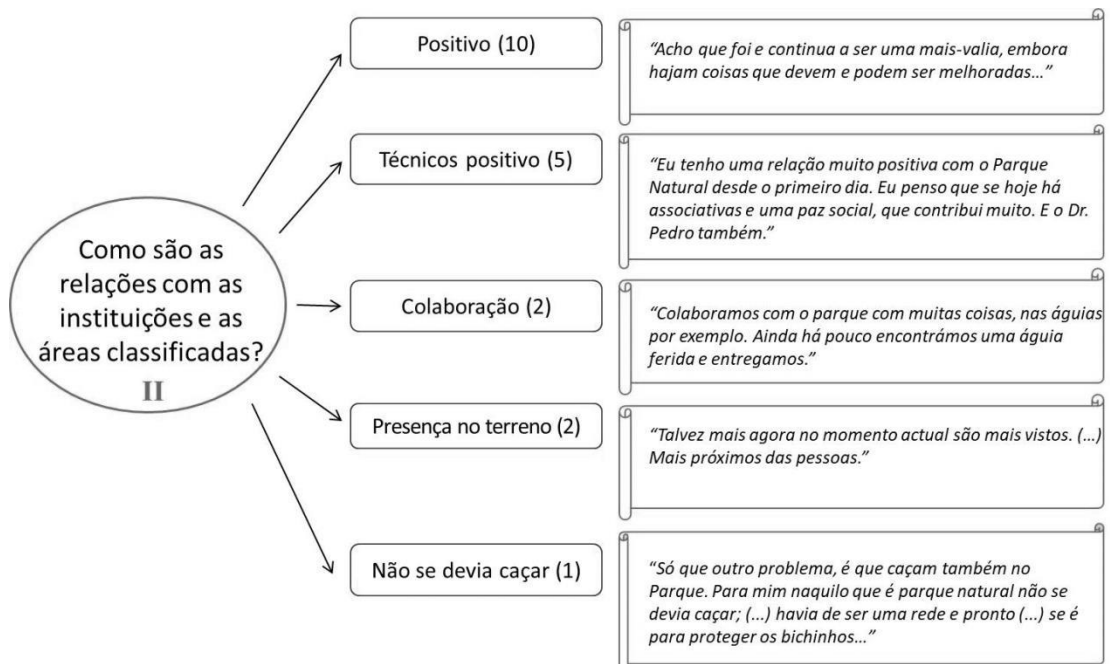
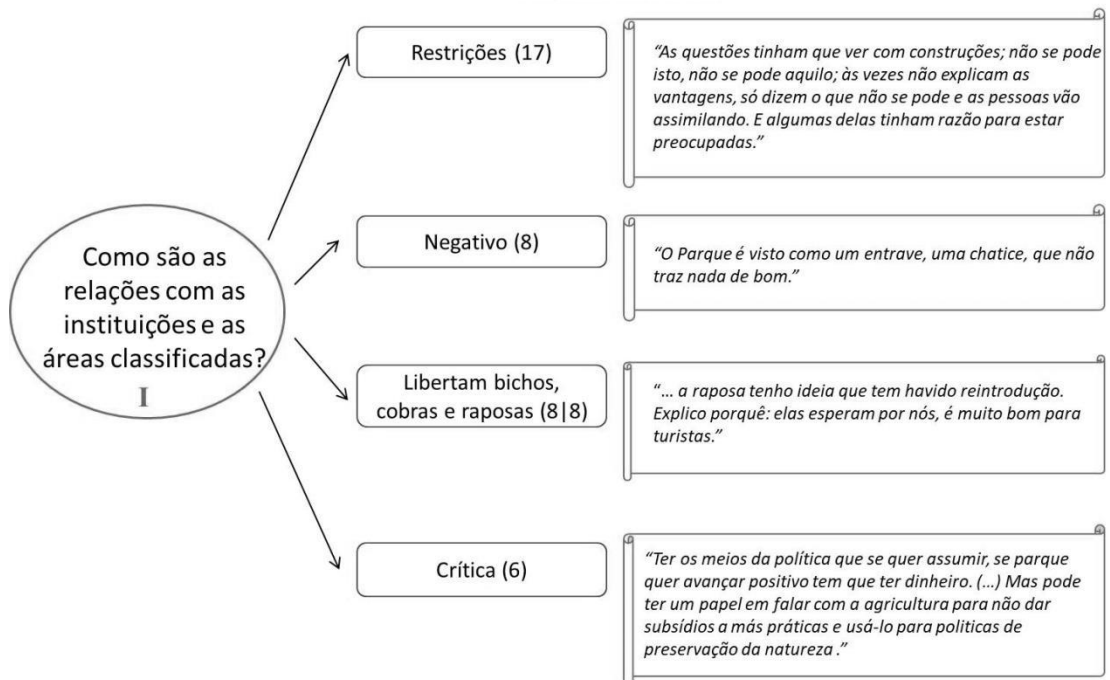


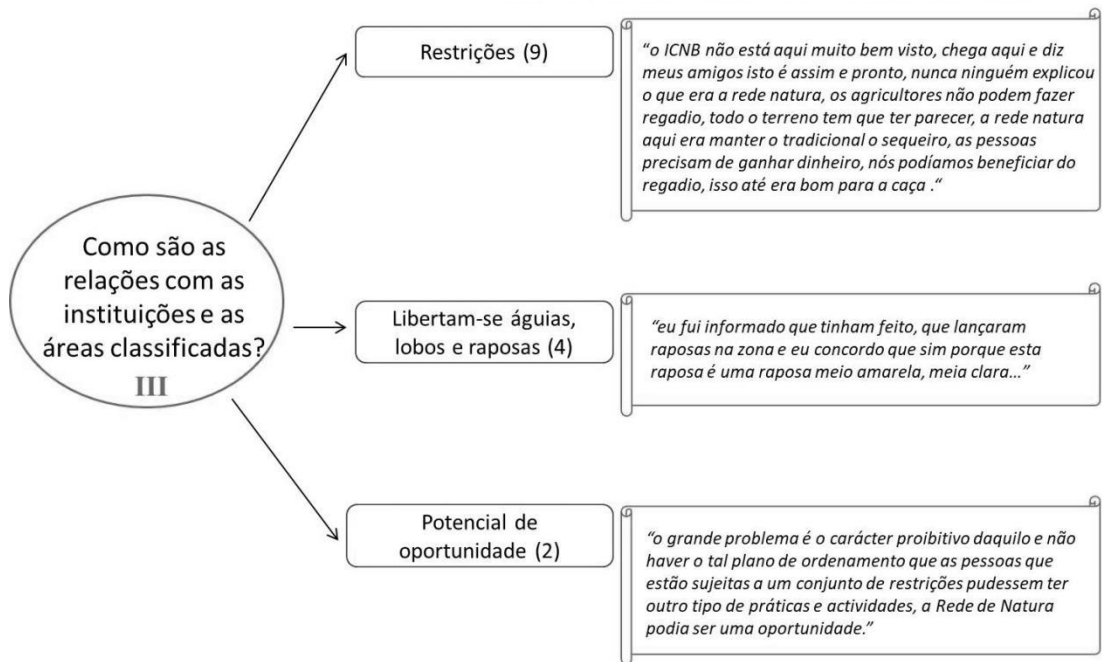
Figura 9.3. Libertação de lince no Guadiana, Maio de 2015. A assistência “captura” o predador através de câmara fotográfica.

Vivências das Áreas Classificadas

Dado que a pesquisa ocorreu em Áreas Classificadas, do ponto de vista da conservação da natureza, no Guadiana num Parque Natural (PNVG) e em Moura-Barrancos num Sítio da Rede Natura 2000 (aplicação da Directiva Habitats), perguntou-se aos entrevistados, numa última fase da entrevista, como tinha sido o processo de classificação da sua área e como as pessoas locais o sentiram. A narrativa sobre isso é, em parte, marcada pelo sentimento de que houve uma imposição e que a conservação da natureza e o normativo de ambiente trouxe restrições às actividades dos residentes. A vivência das Áreas Classificadas, na actualidade, teve diversos comentários aos quais se fizeram corresponder múltiplas categorias como mostram os esquemas abaixo. O Sítio Moura-Barrancos foi associado a uma eventual restrição ao regadio pelo empreendimento do Alqueva, a restrições nas desmatações de certas zonas e a restrições na implantação de novo olival. No Parque Natural do Vale do Guadiana referiu-se o obstáculo de ser necessário obter parecer prévio para a construção, as actividades turísticas e os projectos florestais.

Vivência do PNVG





A entrevista incluiu ainda uma questão sobre a “medida silvo-ambiental do lince”, uma medida específica do Programa de Desenvolvimento Rural, que contemplava, em 2013, um apoio financeiro anual “atribuído por hectare de superfície elegível”, para proprietários e gestores nas áreas do Alentejo, e destinada a contribuir para a conservação do habitat do lince. Apesar de ser uma medida de aproximação entre administração e actores locais, trazendo vantagens para incluir áreas favoráveis à ocorrência de uma espécie selvagem, a medida não teve sucesso, muitos desconheciam-na ou consideravam-na de candidatura complicada. A tabela 9.3. resume as respostas obtidas pelos entrevistados e algumas citações.

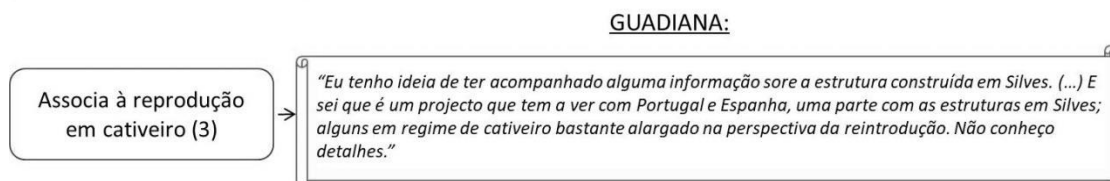
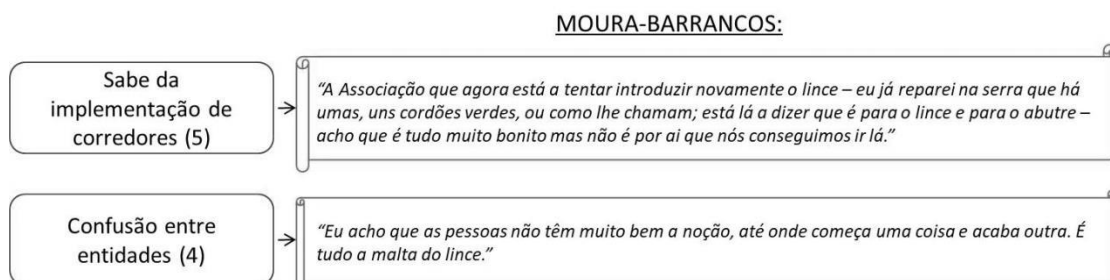
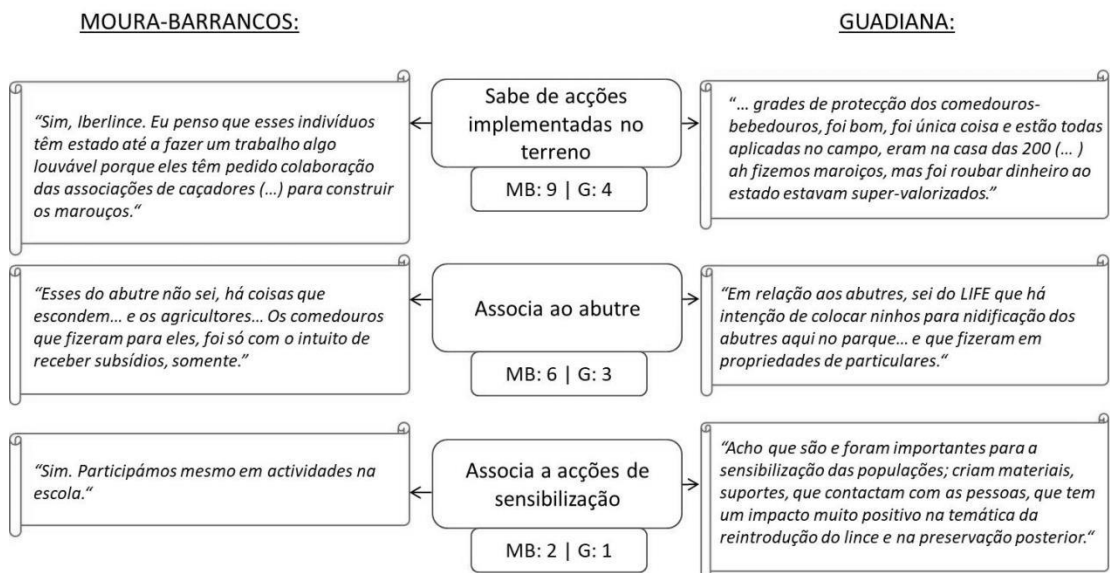
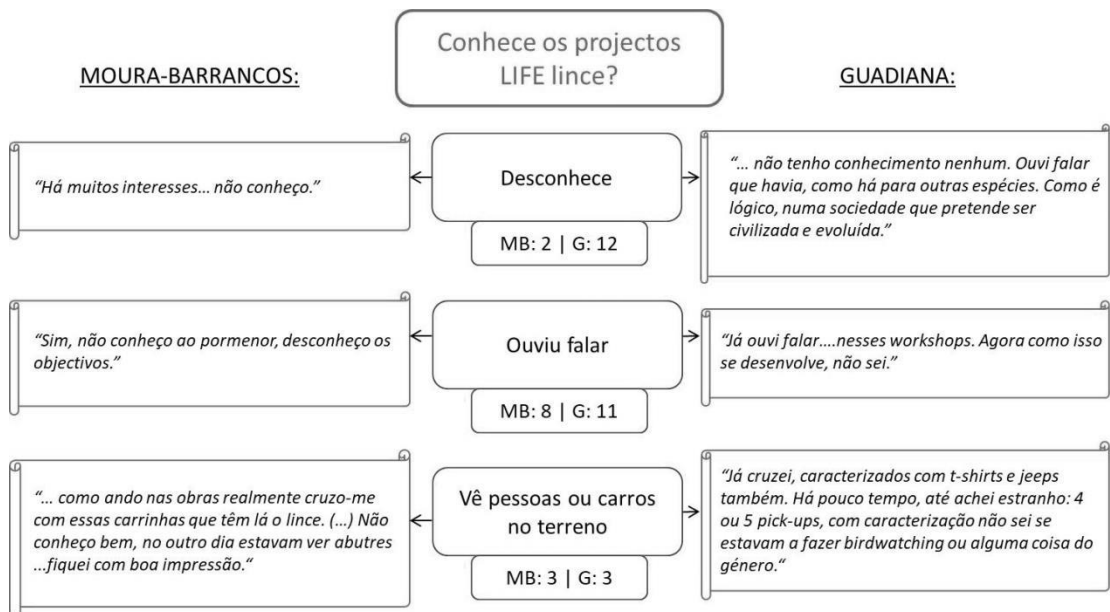
Estes resultados vieram enquadrar questões e polémicas levantadas em torno de uma medida de “vantagem financeira” em debates públicos. A articulação de políticas agrícolas e ambientais é um tema contestado desde há muito. O desenho de medidas específicas terá seguido um esquema de “top down” que complicou a medida e não favoreceu candidaturas. Não parece também ter havido a divulgação local necessária, nem apoio local eficiente a potenciais candidatos.

Tabela 9.3 – Respostas de entrevistados do Guadiana e Moura-Barrancos sobre medida Intervenção Territorial (Programa Desenvolvimento Rural) em 2013

Conhece a medida silvo-ambiental ITI lince? O que achou dessa medida?	Desconhece	Ouviu falar	Dificuldade na candidatura	Medida pouco atractiva para adesão
Número de entrevistados	31	2	4	5
Exemplos de citações	<i>“Não conhecia, acho fundamental é melhorar as condições para que as pessoas permaneçam (...)”</i>	<i>“Não tenho conhecimentos específicos da medida mas já ouvi”</i>	<i>“Nós temos tanta condicionalidade, papelada, o vitelo tem que se registar em dois sítios, só posso gradar no mês de novembro, absurdo (...) já não queremos mais compromissos para não ter mais fiscalização”</i>	<i>“fui estudar um pouco porque queria candidatar-me mas era tão complicado e pouco interessante que...entretanto fecharam as candidaturas, os técnicos não sabiam...”</i>

Das entidades e dos ambientalistas

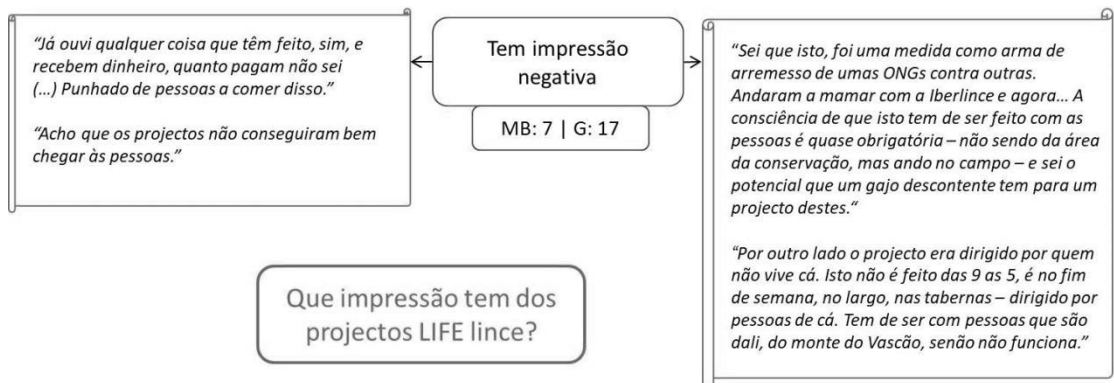
Para compreender um pouco as relações dos actores chave com várias entidades nomeadamente as ONGA e os projectos de conservação em curso, questionava-se, em primeiro lugar, se o entrevistado conhecia os projectos de conservação de lince em curso e, em segundo lugar, que impressão tinha dos mesmos. Este tema originou várias opiniões sumarizadas nos esquemas abaixo que, de forma geral, revelaram alguma distância e crítica aos projectos. No capítulo VIII estes resultados são apresentados com tratamento quantitativo e em conjunto com uma terceira área geográfica – a Malcata.



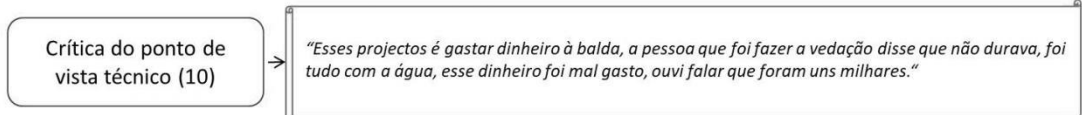


MOURA-BARRANCOS:

GUADIANA:

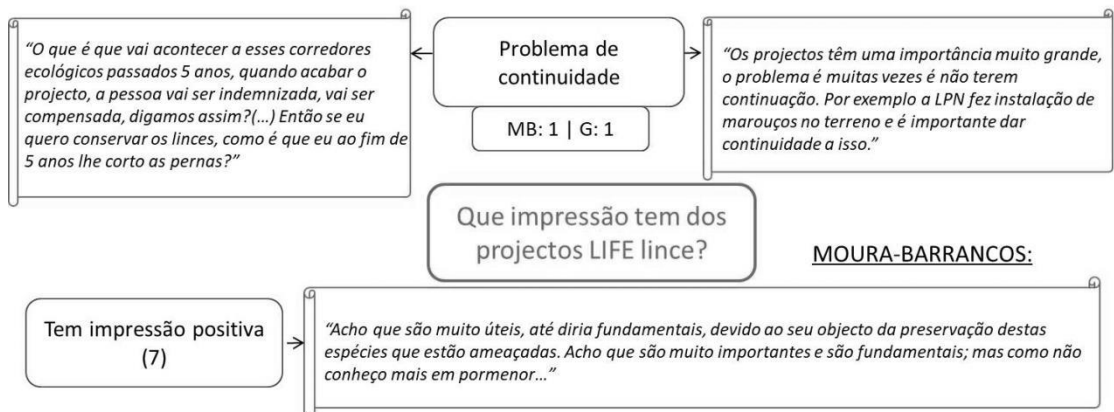


MOURA-BARRANCOS:



MOURA-BARRANCOS:

GUADIANA:



Perguntava-se ainda ao entrevistado sobre a sua impressão sobre os “ambientalistas”, uma designação que surgiu nas primeiras entrevistas. Nas respostas os informantes indicaram não existirem associações locais ou regionais para a defesa do ambiente (não mencionando a ADPM ou a ADCMoura), mas apontaram a existência de indivíduos que se posicionavam nessa ideologia. Dado o carácter vago da pergunta, muitos informantes mostraram-se indecisos sobre que resposta dar e frequentemente surgiu a resposta “ambientalistas somos todos!”, associando a um cuidado geral com o ambiente, preocupação em reciclar e gosto pelos animais. Também surgiram referências depreciativas a “fundamentalistas” e “pessoas de fora”.

Em resumo, as principais notas face aos resultados da impressão sobre as entidades e projectos são as seguintes:

- ❖ Parece existir uma certa confusão entre as entidades relacionadas com a conservação da natureza, que podem ser referidas de forma abstracta como “os do ambiente”, os técnicos que podem ser relacionados com o ICNF ou com a Associação Iberlinx ou com as ONGA.
- ❖ De modo geral, existe algum desconhecimento e distanciamento dos projectos de conservação em curso, e dos detalhes das suas acções; existe uma certa desconfiança com a implementação de acções com *expertise* externa e uma reclamação de que o conhecimento local seja integrado e valorizado de forma mais óbvia e daí algumas críticas técnicas às acções no terreno.
- ❖ Em relação à participação no processo de reintrodução do lince, afirmou-se a vontade de mais presença e diálogo (Moura-Barrancos) e a necessidade de esclarecimentos (Guadiana).
- ❖ No Guadiana existe uma vivência do Parque Natural com aspectos positivos mas com críticas às restrições, à pouca capacidade e com uma ideia da primazia da conservação das espécies selvagens sobre as actividades humanas.
- ❖ A reintrodução foi, em alguns casos, vista como uma imposição à semelhança do anterior processo de criação de Áreas Classificadas. Esta renitência a um processo não participado alia-se também a alguma desconfiança da capacidade do Estado em manter compromissos a longo prazo.
- ❖ Nas duas áreas surge a ideia e desconfiança de que se “andam a largar animais”, aplicada no Guadiana às raposas e, mais recentemente, à

possibilidade de terem mesmo libertado linces; em Moura-Barrancos a suspeita de que já tinham libertado linces de forma secreta foi também referida.

- ❖ Constatou-se uma maior tolerância a um processo de colonização natural da espécie em detrimento de um processo de reintrodução visto como mais artificial: pela mão humana, com animais “menos selvagens” que têm menor capacidade de sobrevivência.
- ❖ Apesar do sector cinegético ter sido referido como muito importante no que concerne o tema da reintrodução, existe uma concordância entre informantes de que o assunto da reintrodução devia envolver outros grupos diferenciados para além dos caçadores.
- ❖ Apesar de muitos actores chave apresentarem discursos que revelam uma orientação de ambientalismo, de preocupação com espécies selvagens e com o impacto dos humanos no meio natural, quando se refere “ambientalistas” a expressão remete-os para uma externalidade, algo de fora da região ou para alguns indivíduos locais mais activos. Associa-se o “ambientalismo” às ONGA ou às entidades que aplicam o normativo “do ambiente”.
- ❖ Embora não se tenha avaliado, em pormenor, a relação com outras entidades, algumas declarações em relação a entidades da administração e outras organizações, como por exemplo, a ex-AFN (Autoridade Florestal Nacional), a CCDR (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional) e o IFAP (Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas), mostram sentimentos de distância e crítica à burocracia. O SEPNA (Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente da Guarda Nacional Republicana) é visto como regulador das normas “do ambiente”, tendo-lhe sido apontado “excesso de zelo” ou que deveriam existir menos multas e mais acção pedagógica.

Organizações do sector cinegético

Em relação às organizações do sector cinegético foram referidas sobretudo a ANPC – Associação Nacional de Produtores de Caça, a Federação Alentejana dos Caçadores e a FENCAÇA (Federação Portuguesa de Caça), como organizações nas quais as zonas de caça estão afiliadas: “*Somos sócios da ANPC, pômos os nossos interesses nas mãos deles*” (Guadiana 2014). No entanto, várias zonas de caça não estavam associadas a nenhuma organização nacional ou consideravam que não se

devia delegar o diálogo com a administração sobre o tema do lince nestas organizações:

“Sim, da Federação Alentejana de Caçadores. (...) mas junto dos caçadores era muito melhor, calhando, da associação, do que ser representado pela Federação.” (Guadiana 2014)

“Tenho uma zona federada na ANPC e as outras na Confederação dos Caçadores do Algarve (...) gosto de dividir.” (Guadiana 2014)

“Defendem a dama deles, eles vivem dos caçadores, defendem os caçadores. (...) É uma forma de organizar as associações de caçadores (...) é uma forma de fazer pressão.” (Moura-Barrancos 2013)

Estas organizações, presentes em debates e declarações públicas, pareciam ter influência no tipo de informação que circulava e nas discussões de “café” do tema. Não foram porém, necessariamente reconhecidas pelos actores chave locais como representativas das suas posições. Em alguns casos no Guadiana (8), foi criticado o seu funcionamento, o seu protagonismo e a apropriação do tema da reintrodução do lince para outros interesses.

“A FENCAÇA nunca vai ser a favor. A ANPC pode agora ter assinado o protocolo, mas irão sempre colocar muitas contrapartidas; vêem o lince como um trunfo: vocês reintroduzem o lince mas dão-nos isto e isto. Essas pessoas não estão a ver, não estão interessadas em ver, o potencial económico que é para o território. Isso é que tem de ser trabalhado” (Guadiana 2014)

“ (A minha zona) pertence à FENCAÇA. (...) Uma coisa que lhe posso dizer; de uma maneira geral as pessoas representantes destas associações não estão ligadas ao sistema, aparecem, têm assim palavreado muito fácil, a malta bate as palmas e pronto não têm grande conhecimento... Isto é a sensação que eu tenho.” (Guadiana 2014)

“Houve algum avanço nas negociações com algumas entidades para introduzir o lince numa certa região de Mértola; e essas negociações foram tidas com uma federação de proprietários deste país sem praticamente conhecimento nenhum da maior parte dos concessionários da classe média ou dos pobres das associativas. Estou a falar de uma associação cinegética que engloba os grandes proprietários deste país. Quer dizer: estudou-se a zona, definiu-se áreas, e propriedades... houve um grande avanço que depois deu em nada. Mas, esse avanço foi tido só com um sector, e os

outros são todos 'parvos'. Os outros são consultados assim: - O lince, achas bem? Entretanto já vão na décima etapa de negociação com os outros.” (Guadiana 2013)

Participação pública no processo de reintrodução

Questionados sobre se as pessoas queriam ou deveriam participar no processo de reintrodução, inclusive no processo de decisão, os actores chave responderam diversificadamente. Por um lado foram de opinião que, por princípio, deveria haver participação da população local, no entanto indicaram dificuldades, desinteresse das pessoas não só em relação a este tema mas a outros que dizem respeito ao bem comum, e também que deveria ser um processo com actores chave seleccionados pois há “muitas reuniões inconclusivas”. As respostas à questão de “como é que a participação deveria ser organizada” não foram muito concretas, embora as reuniões participadas fossem referidas. Prevaleceu sobretudo a importância dada pelos actores a serem ouvidos (auscultação) e a que haja mais prestação de informação - esclarecimento - por parte da administração (ver capítulo seguinte).

Tendo em conta também as relações com entidades e o historial da classificação de áreas protegidas, surge um cenário em que a participação activa não teve ainda experiência prévia nem é muito reclamada pelos locais. A própria pesquisa de doutoramento, com auscultação de opinião, foi considerada para alguns como uma forma de participação. A ausência de envolvimento da população local nos processos de conservação de natureza tem sido alvo de muitas críticas por muitos autores da área da Antropologia Ambiental e mesmo na Biologia da Conservação (*e.g.* Borrini-Feyarabend 1996, West et al 2006, Martins 2017), sendo apontada como um factor fundamental para o sucesso de acções. Este tema é apresentado graficamente e discutido com mais profundidade no capítulo seguinte.

Capítulo X: O regresso do lince-ibérico a Portugal: vozes locais⁸¹

The return of the Iberian Lynx to Portugal: local voices

Margarida Lopes-Fernandes^{1,2*}, Clara Espírito-Santo³ and Amélia Frazão-Moreira²

¹ Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), Divisão de Conservação da Biodiversidade, Avenida da República, 1069-040 Lisboa;

² Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Nova, Avenida de Berna, 26, 1069-061 Lisboa;

³ Grupo Lobo, Departamento de Biologia Animal, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, C2, Campo Grande, 1749-016 Lisboa; Montes de Encanto, Rua da Charnequinha, 5, Parracheira, 2420-026 Arrabal;

Email addresses: margaridafernandes@icnf.pt; cesanto@hotmail.com; amoreira@fcsh.unl.pt

Abstract

Background: Ethnographic research can help to establish dialogue between conservationists and local people in reintroduction areas. Considering that predator reintroductions may cause local resistance, we assessed attitudes of different key actor profiles to the return of the Iberian lynx (*Lynx pardinus*) to Portugal before reintroduction started in 2015. We aimed to characterize a social context from an ethnoecological perspective, including factors such as local knowledge, perceptions, emotions and opinions.

Methods: We conducted semi-structured interviews (n=131) in three different protected areas and observed practices and public meetings in order to describe reintroduction contestation, emotional involvement with the species and local perceptions about conservation. Detailed content data analysis was undertaken and an

⁸¹ Publicação aceite na revista *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* em dezembro de 2017. Esta publicação resume os dados primários expostos no capítulo IX e explora uma análise qualitativa e quantitativa mais aprofundada dos dados, incluindo ainda uma terceira área geográfica e seus actores chave, Malcata, amostrada por uma das co-autoras.

open-ended codification of citations was performed with the support of ATLAS.ti. Besides the qualitative analyses we further explored statistic associations between knowledge and opinions and compared different geographical areas and hunters with non-hunters among key actors.

Results: Local ecological knowledge encompassed the lynx but was not shared by the whole community. Both similarities and differences between local and scientific knowledge about the lynx were found. The discrepancies with scientific findings were not necessarily a predictor of negative attitudes towards reintroduction. Contestation issues around reintroduction differ between geographical areas but did not hinder an emotional attachment to the species and its identification as a territory emblem. Among local voices financial compensation was significantly associated to hunters and nature tourism was cited the most frequent advantage of lynx presence. Materialistic discourses existed in parallel with non-economic factors and the existence of moral agreement with its protection.

The considerable criticism and reference to restrictions by local actors concerning protected areas and conservation projects indicated the experience of an imposed model of nature conservation. Opinions about participation in the reintroduction process highlighted the need for a closer dialogue between all actors and administration.

Conclusions: Local voices analyzed through an ethnoecological perspective provide several views on reintroduction and nature conservation. They follow two main global trends of environmental discourse: (1) nature becomes a commodified object to exploit while contestation about wildlife is centered on financial return; (2) emblematic wild species create an emotional attachment, become symbolic and gather moral agreement for nature protection.

Lynx reintroduction has been not just a nature protection theme but also a negotiation process with administration. Western rural communities are not the “noble savages” and nature protectors as are other traditional groups, and actors tend to claim for benefits in a situation of reintroduction. Both parties comprehend a similar version of appropriated nature.

Understanding complexity and diverse interests in local communities are useful in not oversimplifying local positions towards predator conservation. We

recommend that professional conservation teams rethink their image among local populations and increase proximity with different types of key actors.

Keywords: ethnoecology, Iberian lynx, perceptions, Portuguese protected areas, reintroduction.

Background

The Iberian lynx is one of the last large carnivores coexisting with humans in Europe, sharing many attributes in ecological terms with the Wolf or the Eurasian Lynx. It is a top predator endemic to the Iberian Peninsula facing a high risk of extinction, presently classified as Endangered, mainly due to regression of its main prey – the wild rabbit [1]. This species was once distributed throughout south-eastern Iberia but towards the end of the 20th century it was restricted to two remnant and depleted populations in the south of Spain [2; 3; 4] (Figure 1). Following extinction of small populations there was a steady range contraction and no successful colonization of other areas [5]. A captive breeding program started in the early 2000s with the goal of creating viable specimens for reintroduction of the species into the wild [6]. In Portugal the last vestiges of the species' former presence date back to 1997 and 2001 [7; 8], but breeding populations were no longer thought to be present [9]. Although not formally extinct, lynx presence was considered no longer recoverable in Portuguese historical areas without a reintroduction program.

Reintroductions of wild species are complex processes but they have much public appeal and draw a high level of attention from the media [10]. They might represent, in fact, a major human response to the species extinction crisis of the Anthropocene era [11]. A recent overview of 72 reintroduction projects worldwide presents a growing percentage of biological success (58% were Successful or Highly Successful) but there are cases of documented failures [12]. A reasonable number concerns mammals, exemplified in Europe by the case of the Eurasian Lynx which started in the 1970s. One of the main challenges identified in this last project concerned human dimensions, namely conflicts with hunters and weak political will [13].

Iberian lynx reintroduction recently started on a broader scale in Iberia. In Portugal, 27 animals were released between 2015 and 2017 in the southern Guadiana area (ICNF data). Supported by a captive breeding program, the reintroduction plan

foresees coexistence with humans, once more, in several locations of Iberia following extinction in most of its former range (LIFE project Iberlince NAT/ES/000570). However, the recent emergence of a new variant hemorrhagic disease [14] caused a decline in wild rabbit abundance and brought uncertainty to the process as well as possible social contestation over the return of a predator.

The Iberian lynx is a wild rabbit specialist [15, 16, 17] and a female lynx needs a high wild rabbit abundance to establish a territory of around 5km² [18]. Lynxes act as superpredators with respect to other carnivores, i.e., they expel foxes, mongooses and other medium-sized carnivores from their territory [19]. Although biological aspects of the species are well known, studies about the relationship of humans and Iberian lynx are scarce, focused on economic conflict [20] and only recently has the social visibility of the species been explored with an anthropologic gaze [21].

Reintroductions present important opportunities for multidisciplinary studies and, among social sciences, an interesting ethnoecological context in which close interactions between people and wildlife take place. Social and ecological issues might meet to characterize a particular momentum. The role of Social Sciences in conservation science and practice is more and more recognized nowadays within an interdisciplinary approach in which Ethnobiology and its specific methodologies play a distinctive role [22]. Assessing local knowledge has become an essential task of the discipline and grassroots research seeks to understand people interpreting external information such as conservation of biodiversity [23]. Documenting knowledge, perceptions and concerns about species and conservation projects provides valuable information for decision makers. It also offers the opportunity for collaborative decision-making which might be more effective than top down decisions. Understanding underlying biodiversity conflicts and promoting trust in stakeholders increases the likelihood of positive biodiversity outcomes [24]. The present study was integrated in an Iberian conservation project (LIFE Iberlince) and part of a wider ethnographic research from which we present here part of the data collected. We aim to characterize a scenario from an ethnoecological perspective as defined above in which dialogue between conservationists and local people can be established.

Some studies on attitudes about wildlife yielded a considerable amount of information concerning conservation of threatened species [e.g. 25] and in particular

large carnivores [e.g. 26-33], but generally those surveys tend to focus either on support or opposition from the public. Several studies have considered the human dimensions of wild species reintroductions emphasizing conflicts or simply measuring acceptance among the general public [e.g. 34 - 36].

Concerning Iberian lynx, a telephonic survey was conducted in pre-selected areas for lynx reintroduction in Andalusia (Spain) and found a remarkably high social support for the project [37]. In Portugal, data on attitudes towards the lynx and the black vulture were collected together [38], and the survey suggested positivity as well as considerable ambivalence towards general lynx protection. An anthropological approach was therefore opportune which included specific questions about reintroduction and focused on local key actors. Such an approach has been used to study knowledge and perceptions about carnivores [39; 40; 41] but we are unaware of any anthropological studies about carnivore reintroductions. Anthropology has analytical tools providing insights vital to the success of conservation efforts [42] and it can also have an important role for governance in protected areas [43]. An emic point of view from locals can unveil the underlying relationship between humans and non-humans and social issues that need to be addressed.

Our aim in this study was to understand the attitudes of local key actors towards the lynx and towards the process of its reintroduction. We assumed attitude to be the result of several factors such as knowledge, beliefs, values, emotions, opinions and experiences. Attitude is part of what characterizes a culture and all of those factors can influence an intention towards lynx presence. Thus we consider the disposition towards a situation or an object, which Bourdieu [44] includes in habitus definition. We were also interested in the variations between geographical areas and different key actors. Understanding attitudes with a multidimensional in-depth approach aimed to explain reasons for the resistance sometimes found to carnivore return to territories [e.g. 45]. We gathered further information about the relationship of local actors with conservation initiatives and with the establishment of the protected area. Overall we aimed to build an ethnoecological portrait of humans and predators in a rural Western context.

Methods

We conducted a non-random sample of semi-structured interviews choosing key actors for lynx conservation in areas pre-selected for reintroduction by the administration based on existing biological variables. The aim was to get a representative sample among people with the interests and capacity for decision-making over the appropriate sub-areas for lynx reintroduction. These key actors are not necessarily representative of all locals but are particularly significant for conservation either by having the capacity to change land management (land owners including livestock breeders), regulating or promoting new activities (technicians), representing administrative counties (council representatives) or by developing new interests and uses in the area (nature recreation). These actors were previously identified and contacted to be interviewed rather than randomly selected. A balanced number of each type of actor was approached as well as an equivalent number of hunters and non-hunters (table 10.1). We also sought people who had direct contact with the species - lynx observers (mainly in the past) - and followed a “snow ball” methodology [46] to get privileged contacts among local wildlife ‘specialists’. Category saturation during data collection was reached and taken as an indicator of good coverage of opinions and range of perceptions.

Key actors were residents in two adjacent potential lynx areas in southern Portugal – Moura-Barrancos and Guadiana, which was the site of eventual reintroduction. An additional historical lynx area in central Portugal – Malcata - was later sampled. This last area has long been associated with the species. Sampling different areas allowed us to compare attitudes and enlarge the total number of key actors interviewed.

Table 10.1 – Number of interviews per key actor and geographical area.

Key actor	Moura- Barrancos	Guadiana	Malcata	Total
Land owners (including livestock breeders)	9	9	5	23
Local council representatives	8	8	8	24
Local nature conservation technicians (administration, NGOs, fiscalization)	6	7	7	20

Key actor	Moura-			Total
	Barrancos	Guadiana	Malcata	
Land and hunting managers	6	8	2	16
Hunting guards	8	3	3	14
Nature activity users and promoters (tourism, collectors, leisure)	6	7	5	18
Lynx observers	9		7	16
Total	52	42	37	131
Hunter	26	19	15	60
Non-hunter	26	23	22	71

The interview lasted approximately one hour and followed an outline of 35 open questions. We used unlabeled image cards of carnivores to address local memory and practices with carnivores; knowledge about the lynx's diet, territory size and superpredator effect; personal will to observe a lynx in the wild, opinion about reintroduction and about environmental institutions (see appendix 1). During a period of approximately 90 days between 2012 and 2014, a total of 94 semi-structured interviews in both southern areas of Moura-Barrancos (MB) and Guadiana (G) were conducted mainly by the first author (88). An ethnographic approach [47] was followed in these areas, which included observation and participation in some local practices, such as hunts, hunting management routine, olive harvesting and livestock guarding. Informal conversations and local public meetings on natural resources management with administration or NGOs were registered. Later, in 2015, there was an opportunity to extend the research to Malcata (M) where a total of 37 interviews were conducted by the second author.

Available key actors with the profiles previously selected were mostly men (with the exception of ten women in MB/G and four in M) aged between 31 and 80. Education level varied from primary school to post graduate studies.

In the reintroduction area (G) and Moura-Barrancos, interviews were geographically distributed throughout all local councils (Figure 1); in Malcata area key actors were mostly concentrated in one council (Penamacor) where the Natural Reserve is located.

Interviews were recorded (if authorized) and later transcribed. A detailed content data analysis was done and an open-ended codification of citations was performed with the support of ATLAS.ti. Besides the qualitative analyses we did complementary quantitative analysis to further explore results and possible associations between variables. From the answers obtained concerning lynx future presence with reintroduction we developed an opinion scale which varied between -1 to +2 according to being: unfavourable (-1), indifferent (0), favourable with conditions (+1) and favourable without conditions (+2).

The biological knowledge was also divided into categories for analytical purposes. In the case of carnivores, previous studies indicated that knowledge of a species and favourable attitudes towards their conservation were associated [e.g. 26, 48, 49]. In order to statistically test that association in our case study and compare results, it was necessary to compare local knowledge and scientific knowledge. We constructed scales whereby a higher score indicated a closer match to scientific literature: a) diet - does not know or answers “meat” (0), wild rabbit and other prey (+1), wild rabbit specialist or mainly rabbit (+2); b) territory – does not know or 25-100 km² or >100km² (0), 5-25km² (+1), and ≤5km²” (+2); c) superpredator effect – thinks that lynx has no effect or that carnivores are stronger (-1), does not know (0), has doubts (+1), admits that lynx might have an effect (+2), knows that lynx has a superpredator effect (+3).

Significant differences between attitude variables were generally tested using Chi-square and respective p values are presented in the results accordingly. Geographical areas were compared using a Kruskal-Wallis. Correlation between knowledge and reintroduction opinion scales was tested using Spearman’s coefficient. Statistical analyses were carried out using IBM SPSS statistics software (version 20).

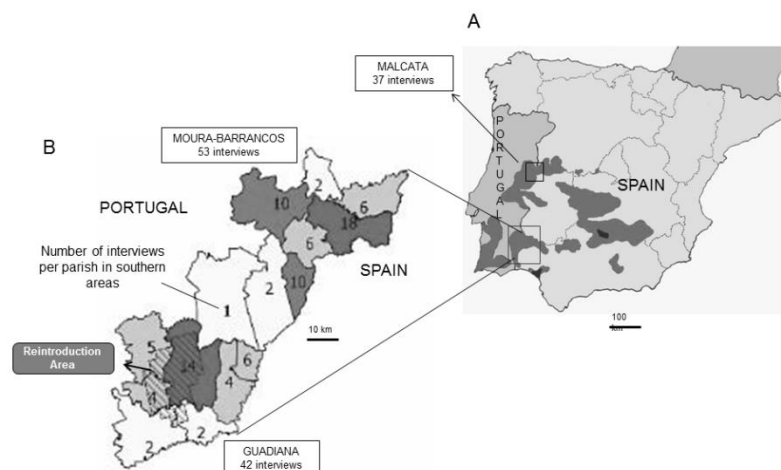


Figure 10.1 – Study areas. A – Iberian lynx distribution in 1990's (grey) and 2010's (black) with study area denoted. Adapted from Ward [79] with data from Delibes et al. [2] and Guzmán et al. [3]. B – Sampling for social study in reintroduction area. Distribution of interviews in the study area.

Study areas - the local context

The history of land management in southern Portugal is characterized by the existence of large private estates with multi-agro exploitation including cereals, cattle and cork oak forest. Most residents were rural workers, poverty levels were high and education levels low. A political revolution in the country in 1974 changed the social scenario, cereal production decreased but the primary sector kept being the most important for local economy. Agriculture was mechanized but a considerable proportion of the territory still belongs to a few landowners and is extensively used. Although income and life conditions improved in the last decades these inland areas suffered much emigration or rural exodus and population decrease. Land management options have been strongly conditioned by EU agriculture policies and subsequent subsidies. Nowadays the region presents areas of scrubland, sheep pasture lands and pine afforestation. All territory is used privately or by hunting associations and there exist local exploitation practices of natural products such as honey and mushrooms.

The Natural Park of Guadiana was created in 1993 and Natura 2000 site of Moura-Barrancos was classified in 1997, since when further human activities are limited by administration authorizations. No direct “removal of people” or “economic displacement” took place, as for instance Brockington and Igoe [50] describe. LIFE conservation projects have been conducted in these areas since 2006 by NGOs and

administration (<http://habitatlynceabutre.lpn.pt/>; <http://www.iberlynce.eu>). A diverse fauna which includes several threatened predators attracts birdwatchers and tourism has been increasing. Red foxes (*Vulpes vulpes*) and Egyptian mongooses (*Herpestes ichneumon*) are common species in the area, and it is legal to hunt them.

Malcata is an inland area in central Portugal where human population density is similarly low due to emigration. Unemployment is high, industry is scarce and nature tourism is still in its early stages. Most properties are smaller than 5 ha and olive trees are the exception to a decrease in all kinds of agricultural crops. Agriculture is based on livestock use in permanent pastures. Pine trees and eucalyptus have been exploited since intense forestation took place in the 1970s, which significantly changed local natural habitats and land use.

Malcata has a Nature Reserve, created in 1981 after a public petition to save the Iberian lynx and its habitat. The area is dominated by heathland with some typical Mediterranean species. Hunting, mainly big game, has been a traditional activity only practiced outside the natural reserve, and there are few farming or agricultural practices here.

Results

Welcomed and Contested reintroduction

The opinions of the key actors about reintroduction are summarized in table 2. Most interviewees were fairly positive about the possibility of lynxes living in their region, particularly in Malcata. The highest percentage of negative positions from key actors was in Guadiana, the actual reintroduction area.

The same was true for ambivalence and indifference or lack of opinion, which were higher in Guadiana.

Table 10.2. - Percentage of opinions among informants about lynx reintroduction in Guadiana, Malcata and Moura-Barrancos

Opinion about reintroduction	Positive	Ambivalence	Negative	Indifference or lack of opinion	Indicates locations for reintroduction
Guadiana	52%	14%	17%	14%	33%
Moura-Barrancos	67%	8%	9%	10%	45%
Malcata	89%	0%	8%	3%	92%

Resistance was justified by informants mainly with the arguments of scarcity of wild rabbit for both predators and hunting, which has an important economic value. There was a general narrative of competition between hunters and carnivores which made lynx unwelcome for certain actors:

“I do not think it will have conditions because (...) it will damage hunting and that type of economic activity has some importance (...) and if it is a protected species there will be problems straight away” (council representative, G, 2014)

The positive positions and acceptance were, in turn, conditioned to certain factors described freely by the informants. Those conditions constituted the main local contestation and we organized them into the categories as presented on table 3 (number of occurrences indicated).

Most of these conditions, referred to in all areas, were related to human exploitation of rabbit and again with rivalry with predators. ‘Financial compensation’ was a condition mentioned significantly more in Guadiana and by hunters when compared with non-hunters ($p=0,046$). There was a clear perception of hunters’ contestation voices in Guadiana and the need for local awareness campaigns to be directed at them was raised. Furthermore, the possibility that the lynx could be killed was spontaneously mentioned in 41% of interviews in both Guadiana and Moura-Barrancos together ($n=39$). Key actors consider some areas ‘unsafe’ and mentioned the existence of threats for lynx such as predator control and illegal practices like poisoning. This reference to the possibility of lynx being killed, in Guadiana, seems also to have been a “warning message” to decision makers prior to lynx releases. It was a display of locals’ potential power of action in situ towards a wild species in response to a unilateral decision.

Table 10.3 – Conditions for lynx presence indicated by interviewees (n) in the three geographical areas. Absence of a tick signifies that the condition was not mentioned in the respective area. Symbol * means that the condition was mentioned significantly more in that area ($p < 0,05$)

Conditions concerning reintroduction	n	Guadiana	Moura-Barrancos	Malcata	Key actors
higher wild rabbit abundance	55	√	√	√*	Mainly land owners and local council representatives
local awareness campaigns	26	√*	√	√	All key actors
financial compensation	22	√*	√		Not mentioned by lynx observers or nature activity users Hunters*
reestablishment of agricultural practices for wild rabbit abundance	20	√	√	√*	
more suitable habitat for lynxes	16	√	√	√	
agreements with proprietors and hunters	15	√	√	√	
no restrictions (to hunting and others)	15	√	√	√	Not mentioned by land owners
marketing of lynx as a tourist attraction	4	√	√		
no hunting in lynx areas	4		√	√	
social acceptance	3	√	√		
hunting fee reduction	2	√			

Local knowledge and scientific literature

Nearly all interviewees identified lynx by photograph, showing that the species was already well recognized locally. Local ecological knowledge included the lynx, in particular in Moura-Barrancos. Diverse aspects about lynx ecology were mentioned by interviewees (n=18) such as: being a solitary animal, secretive, elusive, needing tranquility, hunting near rabbit burrows and it having been a scarce species. Lynx habitat was also known by interviewees (n=23) and mainly defined as scrubland with further references to the presence of water, trees, open areas to hunt and rocky areas used as dens.

“It is really a lively animal, beautiful and - it jumps like mad. And when they hunt, they hunt from a great distance! They go, even on stubble, putting their paws

down... we don't hear a thing! They jump the height of a wall, with the prey in their mouth" (lynx observer, MB, 2013)

"It is a cat, larger. The lynx, at least from the experience we have, used to take its meals next to the rabbits, in the burrows (...). Once we figured that one entrance was bigger (...) we got to know it when the little ones came out (reference to cubs) (...)" (manager, MB, 2013)

"It wouldn't cause harm (lynx presence) - they eat one or two rabbits a day: wild beasts eat little, it is the instinct of nature, to eat little." (lynx observer, MB, 2013)

This knowledge tends to be exclusive to residents, often hunters, who have spent much time in the terrain, identified signs of wildlife presence, participated in night expeditions or captured carnivores in traps. They are local wildlife 'specialists' with a particular /specialized knowledge that is not common or shared by the whole community. Nowadays, in these rural areas, lynx and other wild species are more commonly known indirectly through media. We verified that television was an important means by which wildlife is presently known, rather than direct experience. Interviewees refer to it as their source of personal knowledge about the lynx (n=23).

As the lynx would be, at the time of interview, a new occurrence, or a returnee to one of the areas, we also assessed specific knowledge of key actors about the species to explore associations with opinions about reintroduction.

Figure 2 summarizes actors' knowledge about three aspects of lynx biology which were considered relevant in a reintroduction scenario – diet, territory and superpredator effect - as the predator could be seen as a competitor for game and for space. A common concern expressed in interviews in Guediana and Moura-Barrancos, was that the lynx was a competitor for hunting (n=22).

Categories presented in graphs were built from open ended responses and the number of respondents counted. Concerning lynx diet, most informants associated Iberian lynx with wild rabbit. This knowledge coincides with the scientific knowledge from diet studies, which all indicate the "specialist" character of a stable lynx population consuming more than 85% of this type of prey only [15,16,17]. Fewer respondents considered that the species diet was almost exclusively wild rabbit. This specialization can be important to understand the threat status of Iberian lynx and not

to expect a great impact from a resident lynx population on livestock. In Moura-Barrancos and Guadiana, 34% of informants specifically referred to livestock consumption as part of the lynx diet. It is documented that Iberian lynx occasionally consumes livestock and preys on poultry or lambs, at least among reintroduced animals, but not significantly in terms of numbers [20].

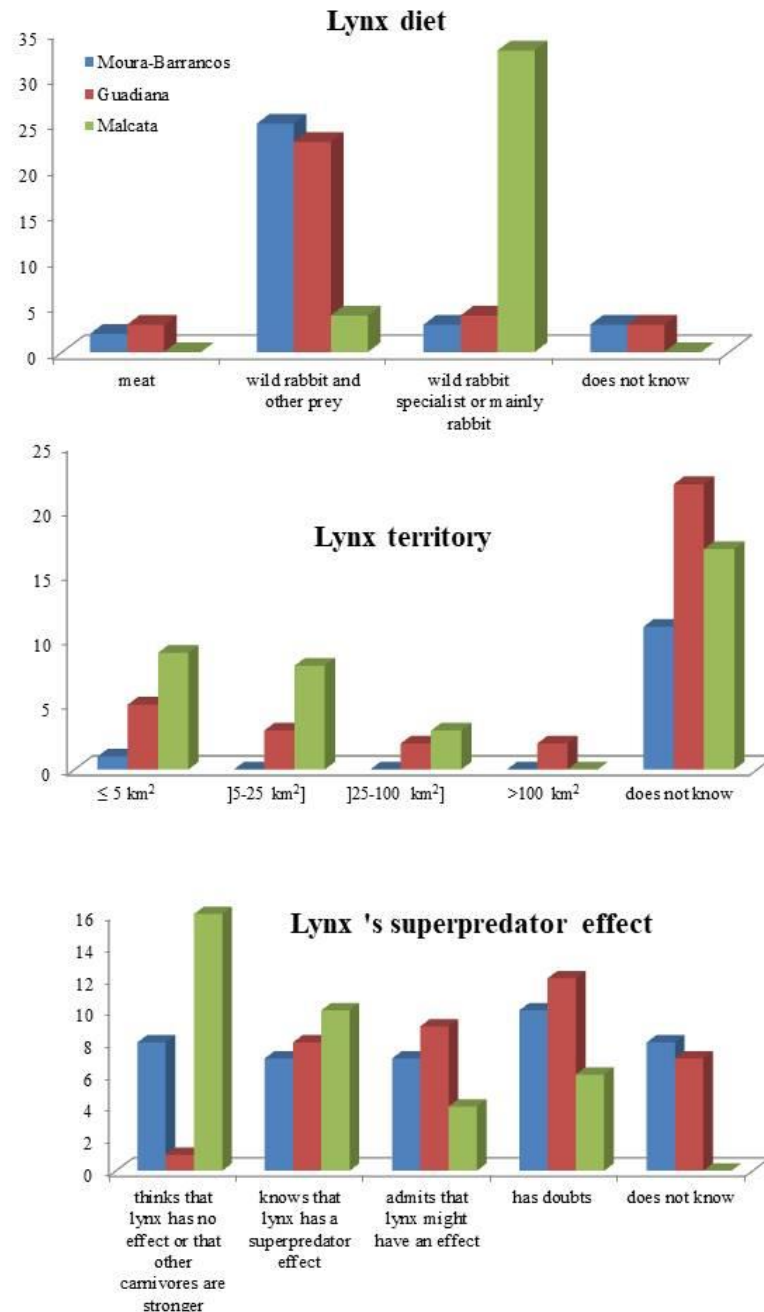


Figure 10.2. – Knowledge about lynx’s diet, territory and superpredator effect in the three different areas of study. In each graph the categories more similar to scientific knowledge were: “wild rabbit specialist or mainly rabbit” (diet), “≤5km²” and “5-25km²” (territory) and “knows that lynx has a superpredator effect” (superpredator effect).

Lynx territory sizes of around 5 km² are described by ecological studies for resident female lynxes [18]. Such values were mentioned by 14% of key actors but most respondents to this question answered that they either did not know or mentioned a wider occupancy (54%). What actors considered as territory was different from scientific literature. Territory was interpreted by most interviewees not just as an individual stable range as in Ecology but as all the space used by animals including dispersal movements of individuals. The dispersion capacity of some lynxes, namely from Spain to Portugal or vice versa, had been recently popularized by the media, so long distance journeys were integrated in interviewees' knowledge about lynx ecology.

With respect to the superpredator effect of the lynx over other carnivores, only 25% of interviewees in all areas were sure that lynx could remove foxes and mongooses from an area. This lynx behaviour was observed by ecological studies [19] and has been publicized by conservationists. A few older informants, who had been in contact with the lynx in the past also knew about it:

“In the areas where the lynx patrols, they (the other carnivores) don't appear much, because they are afraid of the lynx, the lynx is a strong animal, very strong, and that is why these other animals are not very frequent (...) It is said that he will come back, let's see. I would very much like to see it around here, it is a very pretty animal (...).” (lynx observer, MB, 2013)

Other key actors considered scientific knowledge imposed and produced elsewhere and not necessarily valid in their region. The community rather values direct experience as a form of acquiring empirical knowledge. The actors mentioned a discrepancy between local knowledge and decisions based on knowledge “from the office” (n=14) and in fact we registered some reaction towards the dominance of scientific literature over local knowledge and everyday evidence about wildlife:

“(The Natural Park)... when they come to me with their teachings...they want to teach us! They only find wild animals here because we have preserved them!” (manager G, 2014)

When we analyzed knowledge by key actor's profile, we observed that technicians and observers of lynx tended to identify the lynx as a rabbit specialist. Technicians also tended to give precise territory estimation and be certain about the

superpredator effect of lynx. Council representatives, managers, and land owners more frequently answered “I don’t know” to the diet question. There were no significant differences in the biological knowledge about the lynx between hunters and non-hunting key actors.

Chi-square and Spearman’s correlation indicated a significant positive correlation between knowledge of lynx diet and positive opinions about reintroduction. The closer the knowledge about diet was to scientific literature, the more favourable an actor could be to the possibility of lynx living in the area ($\rho=0,264$; $n=110$; $p=0,005$). The other variables of knowledge – about territory size and superpredator effect - did not show a robust association with opinion. These results, different for the three variables, indicate that possessing knowledge similar to scientific knowledge will not necessarily influence acceptance of reintroduction.

Concerning differences among geographical areas we only found significant differences with respect to knowledge about the lynx superpredator effect. In Malcata 44% of key actors do not believe lynxes have an effect on other species. It was in Guadiana that 57% of the interviewees referred to this effect of lynx over other carnivores. This particular knowledge in Guadiana seems to have been partly a result of recent contact with scientific biological expertise and local conservation projects.

Advantages and disadvantages of reintroduction

Respondents freely named more advantages than disadvantages when evaluating the possibility of reintroduction (figure 3). The most frequent advantages of the lynx’ future presence were nature tourism and territorial distinctiveness. As birdwatching and other nature tourism activities have been steadily growing, particularly in Guadiana, actors have expectations associated with tourism. Hence, locals also considered an advantage of “having” a rare and emblematic species that does not exist anywhere else.

Among a total of ten advantage categories identified by actors, five followed ecological criteria, namely prey disease control, control of other predators, more biodiversity in the area, ecological balance in the ecosystem and saving the species ($n=32$). The last two were mentioned by a total of 19 actors just in Guadiana.

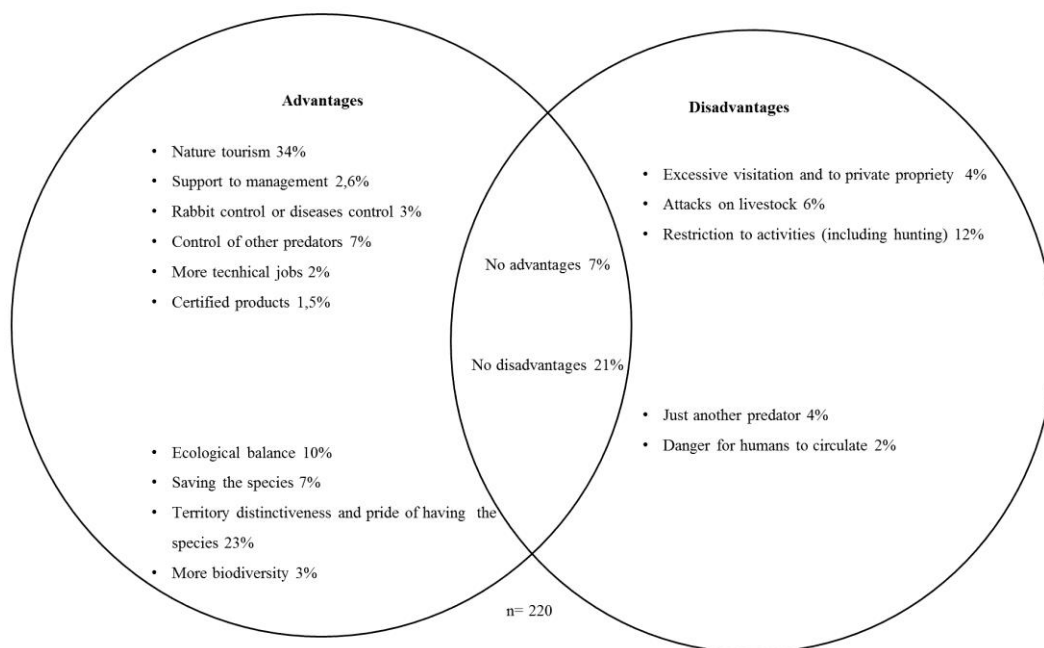


Figure 10.3. – Advantages and disadvantages of lynx reintroduction freely named by key actors. Frequency of occurrence and total number of answers indicated.

Among disadvantages, the restriction of activities, namely of hunting practices, again, was the main negative association with lynx presence (12%). Potential attacks on livestock, a common conflict between humans and predators, were mentioned less (6%), and mainly in Guadiana. Disinterest or opposition to lynx presence with the opinion “no advantages” occurred mostly in this area also. Interestingly, the disadvantage “excessive visitation” in Guadiana partly reflects the concerns of private owners and discords with the potential expansion of nature tourism. There are different land use interests in the area which might be difficult to reconcile: tourism, livestock production, forestry, hunting, pedestrian access or radical sports. In Guadiana, the existence of large fenced estates and restricted access to the public was a social issue raised in interviews.

In terms of different key actors there was a tendency for hunting managers to mention “no advantages” and for hunting guards not to mention “nature tourism”. Concerning the advantage “ecological balance” associated with the lynx, significant differences were found between hunters and non-hunters, with hunters less likely to mention it ($p < 0.001$).

Loving the lynx

During the interviews we noted an emotional involvement with the lynx expressed by personal descriptions of the species, interest in encountering a lynx, and occasional association of lynx with an emblem. We consider the emotional responses of actors towards the species as a personal experience that can influence perceptions.

Concerning the question about the possibility of observing a lynx in the wild, the majority of the informants in the three areas expressed positivity (69% in all areas together) and lynx observers valued the sightings. Some key actors showed indifference concerning seeing or not seeing a lynx (Guadiana: 16%; Moura-Barrancos: 4%). Only one informant in Malcata (3%) said he did not want to see a lynx. There were no significant differences among geographical areas.

Spontaneous descriptions of the lynx also demonstrated appreciation. The dominant adjectives used by 46% of interviewees in Moura Barrancos and Guadiana referred to aesthetic values such as “beautiful” and “pretty”. Furthermore, 42% expressed some kind of admiration or fascination: “strong”, “admirable”, “elegant”, “spectacular”, “nice”, “astute”, “majestic”, “interesting”, “important”, “fantastic”. Only 5% of the lynx descriptions contained negative adjectives using the terms “terrible”, “beast” or “predator”, for example:

“It looks like a robust, strong animal. It is a predator, it looks terrible (...) the way they hunt is probably terrible” (Hunting manager G, 2014).

Fear of lynxes does not seem to be an important issue in the three geographic areas. Five informants (four of which from Guadiana) mentioned fear of the lynx and considered it a dangerous animal to humans, while eighteen people affirmed that the lynx was harmless to humans, in Guadiana and in Moura-Barrancos.

Interviewees from Moura-Barrancos and Malcata further expressed that the lynx was a species that historically belonged to their area, thereby demonstrating a sense of pride. Lynx was further described as an emblem, a symbol for an area because of its charisma and beauty [an aspect also developed in (57)].

“It could be a symbol, a reason, an emblem, an excuse to build a sanctuary in the hills for everybody.” (Nature activity user, MB 2013)

From what we could statistically explore, aesthetical appreciations of the lynx were not significantly related either to positive opinions on reintroduction or to the positive will to see a lynx in the wild.

Local perceptions of conservation initiatives

Figures 4 to 6 summarize key actors' impressions about conservation projects, the management of protected areas and their willingness to participate in reintroduction as a local conservation process.

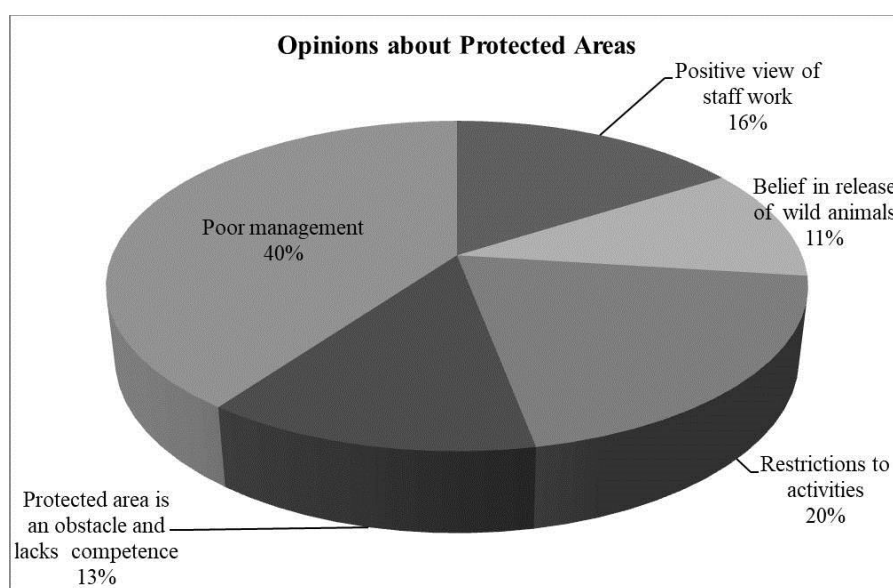


Figure 10.4. – Key actors' impressions about protected areas. Percentages refer to occurrence of each opinion. Each key actor could express more than one opinion.

In general, although positive views were presented (16%) a critical view of conservation management was put forward (figure 4). Discourses revealed resistance to some bureaucratic procedures and administrative obstacles that a protected area represents to human activities. Actors also showed discontentment regarding potential restrictions in land use due to protection area classification. Additionally, key actors in Guadiana and Moura-Barrancos alluded to the State's incapacity to keep long term compromises and to attend to local peoples' interests (n=13). There was a recurrent belief, in particular in the reintroduction area, that the administration releases wild animals (n=16).

In the same tone, independent conservation projects were seen by locals as distant. Lack of information or involvement was emphasized together with distrust (figure 5). Recognition of concrete actions in terrain and positive outcomes was much

less frequent among opinions. We believe this affects attitudes towards lynx reintroduction although a direct and statistically significant relationship in our data could not be found.

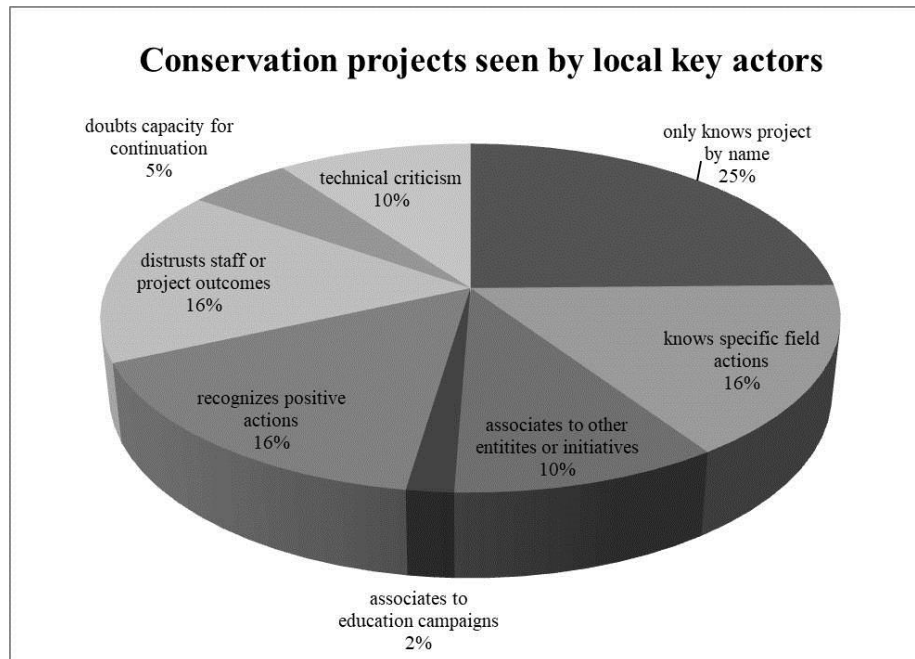


Figure 10.5. – Key actors' impressions about conservation projects in their areas. Percentages refer to occurrence of each opinion. Each key actor could express more than one impression.

When asked about participation in the reintroduction decision or other conservation processes, key actors opinions could be divided into: a) agreeing with participation; b) considering the opinion survey a type of participation; c) restricting the participation to certain key actors; or, d) referring that it is generally difficult to get local people to be interested and involved in most local issues (figure 6). Overall, more information and meetings about this process in particular were demanded by key actors.

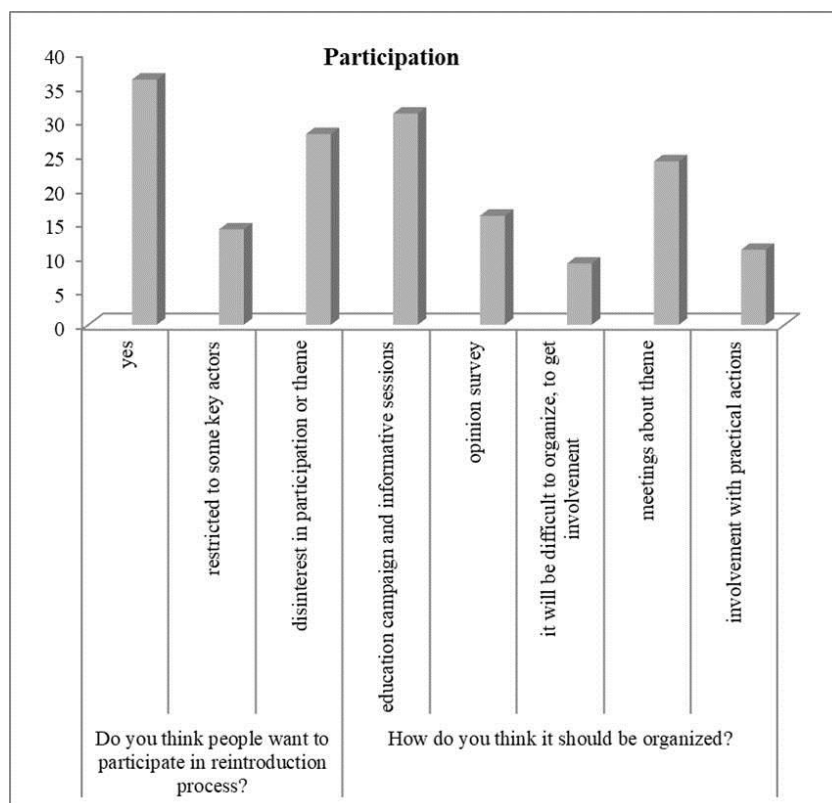


Figure 10.6. - Opinions about local participation in the process of reintroduction

Discussion

Assuming an ethnoecological perspective, we characterized a reintroduction context in which: a) conflicts between local populations and central political decisions were revealed; b) differing perceptions about wildlife and nature conservation were exposed; c) local ecological knowledge has been in contact with scientific biological expertise d) there is expectancy in a new scenario for human and nonhuman interactions.

Acceptance and social positioning

In this study we aimed to understand the attitudes of local key actors towards the lynx and towards the process of its reintroduction. Our quantitative results show variable levels of support among study areas - from 52 to 89% - and, in general, lower levels of support than other similar assessments. In fact, in Andalusia, 90% agreement with Iberian lynx reintroduction was found in a telephone survey [37], while a wider

online survey also reported 90% public support towards Eurasian lynx reintroduction in the UK [36]. Caruso and Perez [35] found 95% support for the return of jaguars to an Argentinian province, independently of respondents' gender, age, or location. The main difference of our survey to these studies is methodological. Studies conducted with an exclusive biological focus can suffer from using biased questions that can strongly influence results. Their analysis is also often restricted to a quantitative approach while we used open coding to analyse interviews and consider the whole diversity of responses. Furthermore, large numbers of inquiries among people who do not have to coexist with predators in their lands tend to enhance favourable opinions to wildlife presence. Lower percentages of support from key actors and mixed views about a predator can be expected with a local and non-random approach [see also Bowen-Jones [51]]. Castro *et al.* [38], surveying local opinion about the protection of the lynx in the Portuguese southern areas, found 58% of residents supporting it, a figure closer to our data in the reintroduction area. Similarly to our data, that study also found considerable ambivalence among residents interviewed randomly. We attributed the higher ambivalence in Guadiana as a reaction to the announcement of the decision to reintroduce in 2014 as the survey was taking place.

Firstly, at the time of the study, the Council of Mértola (the main town in the reintroduction area) held an ambiguous position, and later there was public opposition. Negotiations between administration and landowners were ongoing and a general atmosphere of impasse was created. Furthermore, Malcata and Moura-Barrancos were areas of historical presence of lynx where the species was previously known for a long time. People inhabiting such areas tend to be more tolerant of carnivores compared to people experiencing carnivore reintroduction [e.g. 28, 52].

The role of knowledge

Our data stresses how local knowledge about a species may be heterogeneous in local communities, being constructed by some from direct experience, and for others also as the result of encounters with conservation professionals. Local ecological knowledge in this case study has a hybrid character which was described in other Portuguese rural contexts [53]. Some authors associate knowledge of carnivore biology to favourable attitudes towards conservation, namely Bath *et al.* [33], who found a positive correlation between attitude score and knowledge about the Eurasian

Lynx. We did find, however, that a certain discrepancy with scientific knowledge about the lynx does not emerge as a predictor of opposition towards reintroduction. The association between opinions about conservation and the role of knowledge is not compulsory. Other authors like Johns [54] have confirmed that, and Ericsson and Heberlein [30] found that hunters in areas with wolves had the most accurate knowledge about them but at the same time the most negative attitudes. Attitude towards predators' presence may depend mainly on the specificities of each social context and the particular animal species rather than knowledge. This conclusion fits with other ethnographic surveys in a European context that showed the different impact of three carnivore species on human perceptions [55] and the importance of the socio-economic context [56]. Dressel et al. [57] also emphasized factors affecting attitudes towards large carnivores such as the animal's presence, changes in policy and economics, and media coverage.

Studies on jaguar add that attitudes, tolerance, and social norms vary across and within communities [58]. Accordingly, our study indicates that each context has to be studied in detail and variables that condition attitudes in one case might not in another.

Which contestation?

Our qualitative analysis allowed a description of local contestation revealing reasons for some resistance to lynx reintroduction in Portuguese territories and revealing strengths of the process from an *emic* perspective. Most local voices stated that lynx reintroduction in their lands was conditional upon a prior increase of wild rabbit abundance and a financial return. These claims are linked to the hunters' sense of ownership over the lynx' main prey. Hunter organizations publicly allude to having invested in increasing rabbit density and therefore see lynx as a competitor rather than an ecological balancer (a complementary analysis of our data also details this issue in [59]). Due to a recent decline in wild rabbit numbers, the hunting business, particularly in the reintroduction area, is under economic constraints. In fact, hunters' voices differentiate themselves in being significantly associated with the claim of financial compensation and in presenting a more dominionistic orientation towards wildlife [59]. On the other hand, being a hunter was not a factor in holding a negative

opinion towards reintroduction itself. So hunters contested lynx reintroduction but were not necessarily against the species' presence.

The focus of the local narrative on financial compensation accompanies the global experience of materialism, predator conflict compensation and the wider process of objectification and commodification of nature itself [60-62]. Nature becomes mercantiled, and the discourse of certain local groups was centered on benefits. The return of a wild species announced by the administration, as our results show, is an opportunity for negotiation. It has been pointed out that in the narrative produced for the management of wildlife, namely on sustainable hunting, there are messages of purposive management of nature and dependence upon global capitalism [63]. The impact of a capitalist global perspective in rural discourses was partly expected in a western European context where landscape and lifestyle are in rapid reconfiguration. Our study areas were characterized by a history of social inequalities and, generally, no access to education or landownership. Nowadays there is still a low expenditure capacity per capita but agriculture is strongly ruled by a policy of subsidies designed within a European framework. Local communities, involved with the market economy since historical times, fear nature conservation as an obstacle to economic growth and wealth. Lynx reintroduction has been not just a nature protection theme but also a negotiation process. Our case study describes a situation distinct from others where indigenous groups have been seen as nature protectors or 'ecologically noble savages' [64]. Both local discourses and administration follow logics of commodifying wild species, considering them as natural resources to exploit. Our local communities and administration seem to have different and conflicting positions but those are not, in fact, based on opposite versions of nature as for instance Aiyadurai ([65]: 313) describes for the case of the tiger in India.

Part of our key actors' enumeration of the advantages of lynx reintroduction further expresses a material expectancy. Local actors see the exploitation of the lynx as a possible tourist attraction and its threat status as a high visibility factor: "*From the touristic point of view the lynx has an incalculable value, if it is worked out. It can have a commercial value. It is already the most threatened felid in the world. I am in favour of its conservation*" (Guadiana, 2014). The conciliation of conservation and economic gains is a common perspective among administrations and conservationists (e.g. [66]), and it does not necessarily hinder the return of the lynx. However,

concerning this aspect, authors such as McCauley [67] alert that market-based conservation strategies might not always be a solution to protect nature and there might be an illusory aspect to this discourse. This is particularly important when there is conflict with human interests. Predators can generate conflict and indeed even in cases with widespread social support, such as jaguar reintroduction in Argentina, attitudes can change after the species impacts the economy [35] in rural areas. Accordingly, we foresee that the general favourable trend in our areas may decrease if local livestock losses attributed to the lynx occur, in particular among sheep farmers, a group which deserves further attention.

A beautiful symbol, the moral agreement

The second main finding of our study is the positive relation of local actors with the species due particularly to aesthetical appreciation of the wild felid, identification with a potential territory emblem and the existence of moral agreement with its protection. This was demonstrated by the high percentage of actors who wished to encounter a lynx together with the statement that saving the species was an advantage of reintroduction. There was a sense of pride in having a rare species that confers distinctiveness upon the territory. A wild species historically considered as a vermin to be exterminated is presently a global symbol of conservation that has been locally appropriated [21]. Furthermore, our key actors considered the species harmless. In places where humans coexisted with large predators, fear has been a predictor of negative attitudes [33] and conflicts are often described [68]. Ainsworth et al. [69] mention how social values such as emotional attachment can make a difference regarding support for the conservation of a particular species. Among our results on the advantages of lynx reintroduction we also highlight local voices in favour of “saving the species”, which echo the ‘deep ecology’ movement or ‘restoring nature’ philosophies [70]. This discourse has implicit a moral obligation of Humanity to protect nature or the idea of Naess “humans have no right to reduce richness and diversity of life” [71]. These are important non-economic aspects of how reintroduction of a wild species is seen by locals. Such factors also seem to have shaped perceptions about wild felids such as the lion in Africa [39]. Multiple facets of discourses introduce diversity into the argument about which benefits and disadvantages conservation and wild species bring to local populations and to ongoing negotiations. As Milton ([72]:108) summarizes, “emotions generate feelings which

motivate action” and a “recognition of the fundamentally emotional character of all personal commitments is essential if we are to understand any public discourse, including that on nature protection”.

Living in protected areas

The considerable criticism and reference to restrictions by local actors concerning protected areas shows the experience of an imposed model of nature conservation. Although protected areas are not just seen negatively, their existence was mostly a response to environmentally normative and external international pressures. This is still an underlying and unresolved human-human dimension [73] of our local scenarios rather than a conflict with a specific predator which is often publicized.

Accordingly, the administration is believed to own and release wild animals such as foxes. This perception was noted elsewhere (authors' personal data and [74]) and has a social significance. We propose that this rumour (as foxes or other carnivores were not actually reintroduced in Portugal) is a response to the recent management of the territory within a biological framework. It could also have been founded on the observation by locals of particular administration practices: (1) In the 1970s-80s the Forestry Services took hunting restocking procedures (with Red deer) using discreet operations that sometimes took place during the night without public announcement (ICNF data); (2) mostly in the last decade rehabilitated raptors have been released in protected areas; (3) wildlife monitoring occurs regularly in terrain implying circulation of vehicles and equipment. The technicians conducting such operations and the new biologists in the field relate to wild animals in an analytical way, a different type of relationship with wildlife that may have triggered the idea of the release of wild species. Not only does it seem possible from a local perspective but it also looks like a coherent way of protecting wildlife and managing protected areas. As West et al [75] mention, there is a mismatch in the way nature is perceived and utilized.

The management of a territory for wildlife preservation in a non-participatory model of governance has likewise engendered some resistance among locals as our results about opinions on protected areas show. The creation of natural parks and reserves is associated with an original impulse from the 19th century of creating

untouched areas where people have no place. In our present case it is seen as the production of a 'space and place' where fragile species can be more important than human activities. This is an important societal conflict that for instance Pienaar *et al* [76] report for the cougar, another case of wild felid recovery.

The connection of rural residents with the natural world is also changing. From residents' narratives the trend is one of less direct experience of wild animals and more familiarity through the media. Lynx and other predators can be as close or distant a reality as exotic places seen in TV nature documentaries. As Aiyadurai ([65]: 305) mentions there are "changing notions of nature in the age of globalization".

This reconfiguration of nature and the feeling of distance of important key actors to conservation projects are of relevance for conservationists. The recognition of all actors such as local council representatives and their social role is crucial.

The opinions of key actors concerning local participation in conservation were diffuse. Decision-making and governance institutions shape people's motivations and abilities to participate [77]. As a result of the Portuguese history of a long dictatorship regime and accentuated class differences, our rural communities do not have much experience of governance. A reintroduction scenario can be an opportunity to engage local actors in conservation and make the return of an iconic species into a participation process. The way locals relate with wild species and nature conservation will determine the success of reintroductions and wildlife protection policy in general. Nature conservation decisions should consider locals' points of view and attitudes should continue to be studied.

Conclusions

We found variable levels of support for lynx reintroduction between different areas suggesting that each social context has its own specificities. Discrepancy between local knowledge about a wild species and scientific literature does not necessarily associate with unfavourable opinions about conservation. Local ecological knowledge can be constructed from memory of coexistence as well as technical information. Collective learning between local actors and conservation professionals might therefore be more effective than top down education campaigns.

The heterogeneity of attitudes we found is an indicator of a new rural scenario where emotional, symbolic and moral dimensions might play a role in nature management. However, western rural communities are not the “noble savages” and nature protectors as are other traditional groups, and actors tend to claim for benefits in a situation of reintroduction. Among local voices financial compensation was significantly associated to hunters, meaning that the relational process with the predator is very much of rivalry as during historical persecution. Understanding complexity and diverse interests in local communities are useful in not oversimplifying local positions towards predator conservation and in uncovering aspects of the so called “wildlife conflict”.

Our results concerning the distant experience of actors living in protected areas can contribute to a critical reflection on relational processes with environmental normative and can have implications for conservation initiatives. Encounters between technicians and the local population expose differing perceptions about wildlife and conservation, and that social reality should be addressed. We recommend that professional conservation teams rethink their image among local populations and increase proximity with different types of key actors.

We believe that the ethnographic approach used and the methodological choice of open interviews of pre-selected key actors, and open coding categories allowed a better understanding of local voices and perceptions in their multiple dimensions.

There are perceived barriers to effective collaboration between social scientists and conservation biologists. Interdisciplinary studies have been exceptional although both natural and social scientists agree that better collaboration would contribute to conservation success [78]. The results presented in this paper were integrated in an international conservation project, providing an opportunity for local voices to be taken into account. During the project and the process of reintroduction we advanced recommendations for participation and communication. Therefore, this is an example of how anthropology can be applied to species conservation and how the discipline can be part of solutions to environmental issues. A reintroduction team should include social scientists actively working with biologists and other technicians. An in-depth study can provide a baseline assessment and address local contestation. Our case

study yielded more than simplistic acceptance or resistance levels by providing details on key actors opinions and positions, and can be applied in future reintroductions.

Combination of quantitative and qualitative data analysis together with information on the context gives insights into the complexity of contemporary rural systems where nature is part of human activities and different conceptual perspectives coexist.

Authors' information

Margarida Lopes-Fernandes is an MSc in Biology and has been working in nature conservation for 25 years. She has been interested in multidisciplinary approaches to conservation and presently in the social and cultural dimension of predators. Her PhD dissertation on relationships between humans, non-humans and nature in the context of the reintroduction of Iberian lynx is being completed at the Department of Anthropology at FCSH/NOVA.

Clara Espirito-Santo is a biologist (Univ. Lisbon – Portugal) with a MSc in Human Dimensions (Memorial Univ. Newfoundland – Canada) and works on opinion surveys and public involvement in Iberian wolf management. Also develops ecotourism initiatives aiming a sustainable development in rural areas with high biodiversity in Portugal.

Amélia Frazão-Moreira is a lecturer at the Department of Anthropology at FCSH/NOVA and senior researcher at CRIA (Centre for Research in Anthropology, Portugal). Her main fields of research are environmental anthropology, ethnobiology, and ethnoecology. She has conducted research and published on the cultural and historically constructed relationships between humans, non-humans and the environment in Portugal and African countries.

Declarations

Acknowledgements

We acknowledge all informants from Moura-Barrancos, Guadiana and Malcata who kindly shared their time, opinion and knowledge with researchers. Raquel Ventura, Teresa Silva, Pedro Rocha and Carlos Carrapato from ICNF were particularly helpful to identify and contact local key actors.

Patricia Santos was a collaborator of the project during 2014, conducted two interviews and did part of transcriptions. M. Pinho de Almeida was a valuable support to M. Lopes-Fernandes field work issues. Ana Rainho provided support for statistical analysis and Luka Clarke greatly helped with English translations of quotes and conducted intensive revisions of the text. Comments from Hannah Parathian, Tânia Minhós (CRIA-FCSH/NOVA), Ana Isabel Queiroz (IHC-FCSH/NOVA) and anonymous reviewers improved the manuscript.

Funding

This study was funded by Fundação Ciência Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011), LIFE-project NAT/ES/000570 “Recovery of the historical distribution for Iberian lynx (*Lynx pardinus*) in Spain and Portugal”, Associação Iberlinx and ICNF.

Competing interests

The authors declare that they have no conflict of interest. The ideas expressed in this communication do not necessarily reflect the institutions involved and are of the responsibility of the authors.

Ethical approval and consent to participate

The research conforms to the standards set out by Association of Social Anthropologists of the Commonwealth and had the approval from appropriate institutions in Portugal.

The ideas expressed in this communication do not necessarily reflect the institutions involved and are of the responsibility of the authors.

Consent for publication

Not applicable. We obtained prior verbal informed consent from the interviewees to participate in the study and the manuscript does not contain identifiable individual person's data.

Availability of data and material

The datasets generated during and/or analysed during the current study are not publicly available due to privacy of contents in interviews and protection of anonymous informants but are available from the corresponding author on reasonable request.

Authors' contributions

MLF main author was involved in the study design, conducted interviews, field work in the southern areas, literature review and general data collection and systematization. She did the analysis and data interpretation, wrote the first draft and concluded the final version of this manuscript. CES conducted interviews, contributed to data analysis and reviewed drafts of the manuscript. AFM main coordinator-supervisor of the research project; contributed with the design of the research, participated in fieldwork, systematization and analysis of data and reviewed several drafts of the manuscript. All authors read and approved the final manuscript.

References

1. Rodríguez A, Calzada J. *Lynx pardinus*. The IUCN red list of threatened species 2015: e.T12520A50655794. 2015. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-2.RLTS.T12520A50655794.en>. Accessed on October 7, 2016.
2. Delibes M, Rodríguez A, Ferreras P. Action plan for the conservation of the Iberian lynx in Europe (*Lynx pardinus*) (No. 111–115). Council of Europe. 2000. http://www2.nina.no/lcie_new/pdf/634991266202030788_COE%20NE%20111%20Action%20plan%20for%20Iberian%20lynx%202000.pdf. Accessed 2nd February 2017.

3. Guzmán JN, García F, Garrote G, Ayala R, Iglesias C. El lince ibérico (*Lynx pardinus*) en España y Portugal. Censo-diagnóstico de sus poblaciones. Dirección General para la Biodiversidad, Madrid, Spain. 2005.
4. Casas-Marce M, Soriano L, López-Bao J V, Godoy J A. Genetics at the verge of extinction: insights from the Iberian lynx. *Molecular Ecology* 2013; 22(22): 5503-5515.
5. Rodriguez A and Delibes M. Population fragmentation and extinction in the Iberian lynx. *Biological Conservation* 2003;109(3):321–331.
6. Vargas A, Sánchez I, Martínez F, Rivas A, Godoy JA, Roldán E, Simón MA et al. The Iberian lynx *Lynx pardinus* conservation breeding program. *International Zoo Yearbook* 2008;42(1): 190–198.
7. Pires AE, Fernandes ML. Last lynxes in Portugal? Molecular approaches in a pre-extinction scenario. *Conservation Genetics* 2002;4: 525–532
8. Santos-Reis M, De novo no rasto do lince-ibérico. Naturlink 2002. <http://naturlink.sapo.pt/Investigacao/Artigos/content/De-novo-no-rasto-do-Lince-iberico?bl=1andviewall=true>. Accessed 2nd Jan 2016
9. Queiroz AI, Alves PC, Barroso I, Beja P, Fernandes M, Freitas L, Mathias ML. Fichas de caracterização – Mamíferos. In: Cabral MJ, Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM editors. *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. p. 429–532. Lisbon: Instituto da Conservação da Natureza. 2005.
10. Hayward MW, Somers M. Reintroduction of top-order predators. Oxford: Blackwell Publishing Ltd. 2009.
11. Crutzen PJ. Geology of mankind. *Nature* 2002;415(6867): 23.
12. Soorae PS. Global re-introduction perspectives: 2016. Case-studies from around the globe. Gland, Switzerland: IUCN/SSC Re-introduction Specialist Group, and Abu Dhabi, AE: Environment Agency- Abu Dhabi. 2016.
13. Breitenmoser U, Molinari A, Breitenmoser-Würsten C. Conservation status of the lynx in the Alps: future perspectives, and challenges. In: WISO platform meeting. Organised by Fondation Grand Paradis and the Gran Paradiso National Park Authority. Cogne, Italy. April 22, 2013.
14. Abrantes J, Lopes AM, Dalton KP, Melo P, Correia JJ, Ramada M, Esteves PJ. New variant of rabbit hemorrhagic disease virus, Portugal, 2012–2013. *Emerging infectious diseases* 2013;19(11):1900–1902.

15. Fedriani JM, Palomares F, Delibes M. Niche relations among three sympatric Mediterranean carnivores. *Oecologia* 1999;121(1): 138–148.
16. Sabater A, Delibes M, Palomares F. *El Lince ibérico*. Empresa de Gestión Medioambiental. 1999
17. Gil-Sánchez JM, Ballesteros-Duperón E, Bueno-Segura JF. Feeding ecology of the Iberian lynx *Lynx pardinus* in eastern Sierra Morena (southern Spain). *Acta Theriologica* 2006; 51(1): 85–90.
18. Simón M et al. Ten years conserving the Iberian lynx. Seville: Consejería de Agricultura, Pesca y Medio Ambiente. Sevilla: Junta de Andalucía; 2012.
19. Palomares F, Ferreras P, Fedriani JM, Delibes M. Spatial relationships between Iberian lynx and other carnivores in an area of south-western Spain. *Journal of Applied Ecology* 1996;33: 5–13.
20. Garrote G, López G, Gil-Sánchez JM, Rojas E, Ruiz M, Bueno J F, ... García-Tardío M. Human–felid conflict as a further handicap to the conservation of the critically endangered Iberian lynx. *European journal of wildlife research* 2013;59(2):287-290.
21. Lopes-Fernandes M, Frazão-Moreira A. The (in)visibility of the Iberian lynx: from vermin to conservation emblem. *Anthropological Journal of European Culture* 2016; 25(2):25–57.
22. Cullman G. A Primer on Environmental Anthropology for Conservation Biologists. In: Bennett NJ, Roth R, editors. *The Conservation Social Sciences: What?, How? and Why?*. Vancouver, BC: Canadian Wildlife Federation and Institute for Resources Environment and Sustainability, University of British Columbia; 2015. p.7–11.
23. Sillitoe P, Filer C. What local people want with forests: ideologies and attitudes in Papua New Guinea. In: Gilberthorpe E, Hilson G, editors. *Natural resource extraction and indigenous livelihoods. Development challenges in an era of globalization*. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited. 2014. p. 201–220.
24. Young JC, Jordan A, Searle KR, Butler A, Chapman DS, Simmons P, Watt AD. Does stakeholder involvement really benefit biodiversity conservation? *Biological Conservation* 2013;158: 359–370.
25. Ceríaco LM. Human attitudes towards herpetofauna: The influence of folklore and negative values on the conservation of amphibians and reptiles in Portugal. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 2012; 8(1), 8.
26. Bath AJ. Attitudes of various interest groups in Wyoming toward wolf reintroduction in Yellowstone National Park. M.Sc. thesis. University of Wyoming, Laramie, USA; 1987

27. Bath AJ. The role of human dimensions in wildlife resources research in wildlife management. *Ursus* 1998; 10: 349–355.
28. Kaltenborn BP, Bjerke T. The relationship of general life values to attitudes toward large carnivores. *Human Ecology Review* 2002; 9(1): 55-61.
29. Williams CK, Ericsson G, Heberlein TA. A quantitative summary of attitudes toward wolves and their reintroduction (1972-2000). *Wildlife Society Bulletin* 2002; 30(2): 575–584.
30. Ericsson G, Heberlein TA. Attitudes of hunters, locals, and the general public in Sweden now that the wolves are back. *Biological Conservation* 2003; 111(2): 149–159.
31. Espírito-Santo C. Human dimensions in Iberian wolf management in Portugal: attitudes and beliefs of interest groups and the public toward a fragmented wolf population. M. Sc. Thesis. Memorial University of Newfoundland, St. John's, Canada. <http://research.library.mun.ca/10467/2007>.
32. Morzillo AT, Mertig AG, Garner N, Liu J. Resident attitudes toward black bears and population recovery in east Texas. *Human Dimensions of Wildlife* 2007; 12(6): 417–428.
33. Bath A, Olszanska A, Okarma H. From a human dimensions perspective, the unknown large carnivore: public attitudes toward Eurasian lynx in Poland. *Human Dimensions of Wildlife* 2008; 13(1): 31–46.
34. Slotow R, Hunter LT. Reintroduction decisions taken at the incorrect social scale devalue their conservation contribution: the African lion in South Africa. In: Hayward MW Somers MJ, editors. *Reintroduction of top-order predators*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd. 2009. p. 43–71.
35. Caruso F, Pérez IJ. Tourism, local pride, and attitudes towards the reintroduction of a large predator, the jaguar *Panthera onca* in Corrientes, Argentina. *Endangered Species Research* 2013; 21: 263–272.
36. Smith DJ, O'Donoghue, P, Convery I, Eagle A, Piper S. Reintroduction of the Eurasian lynx to the United Kingdom: results of a public survey. 2016. <http://www lynxuk.org/publications/lynxinterimsurvey.pdf>. Accessed July 2016.
37. Lafuente R. Human attitude survey in potential Iberian lynx reintroduction areas in Sierra Morena. In: *Proceedings of the III Iberian lynx conservation seminar*. 2008. Organised by Junta de Andalucia, Cat Specialist Group and Universidad de Huelva. Huelva, Spain. November 17–19, 2008. p: 66–69.
38. Castro P, Mouro C, Bettencourt L. Monitorização da mudança de atitudes em relação à conservação do Lince-ibérico, do Abutre-preto e do ecossistema mediterrânico. 2014. Technical Report Action D1.

LIFE08 NAT/P/ 000227.

<http://habitatlinceabutre.lpn.pt/Homepage/Documentacao/Files.aspx?tabid=2325&code=pt>. Accessed 2nd Jan 2016.

39. Goldman MJ, Roque de Pinho J, Perry J. Maintaining complex relations with large cats: Maasai and lions in Kenya and Tanzania. *Human Dimensions of Wildlife* 2010; 15(5): 332–346.
40. Lescureux N, Linnell JDC, Mustafa S, Melovskia D, Stojanova A, Ivanova G, Avukatova V, et al. Fear of the unknown: local knowledge and perceptions of the Eurasian lynx *Lynx lynx* in western Macedonia. *Oryx* 2011; 45(4): 1–8.
41. Herrmann TM, Schüttler E, Benavides P, Gálvez N, Söhn L, Palomo N. Values, animal symbolism, and human-animal relationships associated to two threatened felids in Mapuche and Chilean local narratives. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, 2013;9(1): 41.
42. Mascia MB, Brosius JP. Conservation and the social sciences. *Conservation Biology* 2003;17(3): 649–650.
43. Lockwood M. Good governance for terrestrial protected areas: A framework, principles and performance outcomes. *Journal of environmental management* 2010; 91(3): 754-766.
44. Bourdieu P. *The logic of practice*. Standford, CA: Standford University Press. 1990.
45. Nilsen EB, Milner-Gulland EJ, Schofield L, Mysterud A, Stenseth NC, Coulson T. Wolf reintroduction to Scotland: public attitudes and consequences for red deer management. *Proceedings of the Royal Society of London B: Biological Sciences* 2007;274(1612): 995–1003.
46. Bernard HR. *Research methods in cultural anthropology*. Lanham: Altamira Press. 2006.
47. Denscombe M. *The good research guide for small-scale social research projects*, New York: Open University Press. 2007.
48. Kellert S R, Black M, Rush CR, Bath AJ. Human culture and large carnivore conservation in North America. *Conservation Biology* 1996; 10(4): 977-990.
49. Conforti VA, de Azevedo FCC. Local perceptions of jaguars (*Panthera onca*) and pumas (*Puma concolor*) in the Iguacu National Park area, south Brazil. *Biological Conservation* 2003;111(2): 215–221.
50. Brockington D, Igoe J. Eviction for conservation: a global overview. *Conservation & Society* 2006; 4(3): 424.

51. Bowen-Jones E, Entwistle A. Identifying appropriate flagship species: the importance of culture and local contexts. *Oryx* 2002; 36(2): 189–195.
52. Gangaas KE, Kaltenborn BP, Andreassen H P Geo-spatial aspects of acceptance of illegal hunting of large carnivores in Scandinavia. *PloS one*, 2013; 8(7), e68849.
53. Frazão-Moreira A, Carvalho AM, Martins E. Local ecological knowledge also ‘comes from books’: cultural change, landscape transformation and conservation of biodiversity in two protected areas in Portugal. *Anthropological Notebooks* 2009; 15(1): 27–36.
54. Johns D. *A new conservation politics: power, organization building, and effectiveness*. Oxford: John Wiley and Sons. 2009.
55. Lescureux N, Linnell J. Knowledge and perceptions of Macedonian hunters and herders: the influence of species specific ecology of bears, wolves, and lynx. *Human ecology*, 2010, 38(3), 389-399.
56. Lescureux N, Linnell J, C. The effect of rapid social changes during post-communist transition on perceptions of the human-wolf relationships in Macedonia and Kyrgyzstan. *Pastoralism: Research, Policy and Practice*, 2013, 3(1): 4.
57. Dressel S, Sandström C, Ericsson G. A meta-analysis of studies on attitudes toward bears and wolves across Europe 1976-2012. *Conservation Biology* 2014;29(2):565-574
58. Zimmermann A. A range-wide analysis of human-jaguar conflict. In: 27th International congress for conservation biology. Organised by Society for Conservation Biology. Montpellier, France. August 2–6, 2015. p:774.
59. Lopes-Fernandes & Frazão-Moreira 2017 Lopes-Fernandes M, Frazão-Moreira A. Relating to the wild: Key actors’ values and concerns about lynx reintroduction. *Land Use Policy*, 2017, 66: 278-287.
60. Mazur N. *After the ark?: environmental policy making and the zoo*. Melbourne: Melbourne University Publishing. 2001.
61. Bulbek C. *Facing the Wild*. London: Earthscan. 2005.
62. Castree N. Neoliberalism and the biophysical environment: a synthesis and evaluation of the research. *Environment and Society: Advances in Research* 2010;1(1): 5–45.
63. Paulson N. Representing wildlife management: sustainable hunting narratives at the international wildlife museum. *Nature and Culture* 2014; 9(1): 87–112.
64. Redford K H. The ecologically noble savage. *Cultural survival quarterly*. 1991; 15(1), 46-48.

65. Aiyadurai A. 'Tigers are our brothers': understanding human-nature relations in the Mishmi Hills, Northeast India. *Conservation & Society* 2016; 14(4): 305.
66. Tallis H, Kareiva P, Marvier M, Chang A. An ecosystem services framework to support both practical conservation and economic development. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 2008; 105(28): 9457-9464.
67. McCauley DJ. Selling out on nature. *Nature* 2006; 443(7107): 27–28.
68. Garrote G, López G, Ruiz M, De Lillo S, Bueno J F, Simon M A. Effectiveness of electric fences as a means to prevent Iberian lynx (*Lynx pardinus*) predation on lambs. *Hystrix, the Italian Journal of Mammalogy*. 2015; 26(1): 61-62.
69. Ainsworth GB, Aslin HJ, Weston MA, Garnett ST. Do social values influence levels of conservation effort in threatened species? The case of two Australian chats. *Oryx*.2015; 1–10.
70. Martinez-Alier J. *The Environmentalism of the poor: a study of ecological conflicts and valuation*. Cheltenham, UK. Northampton, MA,USA: Edward Elgar Publishing. 2003.
71. Naess A, Sessions, G. *The basic principles of deep ecology*. Trumpeter.1986; 3(4).
72. Milton K. *Loving nature: towards an ecology of emotion*. London: Routledge. 2002.
73. Redpath S M, Bhatia S, Young J. Tilting at wildlife: reconsidering human–wildlife conflict. *Oryx*.2015; 49(02): 222-225.
74. Buller H. Where the wild things are: the evolving iconography of rural fauna. *Journal of Rural Studies*. 2004; 20(2): 131–141.
75. West P, Igoe J, Brockington D. Parks and peoples: the social impact of protected areas. *Annual Review of Anthropology*. 2006;35: 251–277.
76. Pienaar EF, Kreye MM, Jacobs C. Conflicts between cattlemen and the Florida panther: Insights and policy recommendations from interviews with Florida cattlemen. *Human ecology* 2015; 43(4), 577-588.
77. Wilshusen PR, Brechin S R, Fortwangler C L, West, PC. Reinventing a square wheel: Critique of a resurgent" protection paradigm" in international biodiversity conservation. *Society & Natural Resources* 2002, 15(1), 17-40.
78. Fox HE, Christian C, Nordby JC, Pergams OR, Peterson GD, Pyke CR. Perceived barriers to integrating social science and conservation. *Conservation Biology*. 2006; 20(6): 1817–1820.

79. Ward D. The Iberian lynx emergency. EU commissioned report. EU 2004.
http://www.lifelince.org/public/Ward_REP_The_Iberian_lynx_emergency.pdf. Accessed on 20th
December 2015.

Capítulo XI. Relações com o selvagem: valores, apropriações e ideias sobre reintrodução dos actores chave

Relating to the wild: key actors' values and concerns about lynx reintroduction⁸²

Lopes-Fernandes, M.^{1,2} e Frazão-Moreira, A.¹

¹ *CRIA-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, Avenida de Berna, 26, 1069-061 Lisboa; amoreira@fcs.unl.pt*

² *Instituto da Conservação da Natureza e Florestas Divisão de Conservação da Biodiversidade, Avenida da República, 16, 1069-040 Lisboa;*

Corresponding author: margaridafernandes@icnf.pt;

Abstract

Iberian Lynx reintroduction started in southern Portugal in 2015. As part of this project we have been following local key actors' positions towards the process, including their perceptions about this threatened species and other predators. Using an ethnographic approach and conducting interviews we explored local discourses about nature, environmentalism, predators and reasons for positions towards reintroduction of a wild species.

We categorized the content of 95 interviews in terms of value orientations towards wildlife. We found that as well as dominion and utilitarian dispositions, other ways of relating to the wild could be found including 'affection', 'attraction', 'environmental concerns' and 'symbolism'. In fact categories are not exclusive and there is a diversity of values towards wildlife in rural key actors. Environmental discourse is integrated in a local culture where being dominant over wildlife and

⁸² Publicação da revista *Land Use Policy* 2017.

nature is the main way of relating to it in particular with respect to those related to hunting activities. However that was not a hindrance to being positive about reintroduction. Furthermore local memory about the historical presence of the lynx was significantly associated with the category ‘environmental concerns’.

Single-fixed categories are reductionist and limited for describing relationships with nature. Content analysis of spontaneous discourse and having knowledge about human practices proves to be important for an ethnoecological characterization of the coexistence of humans and lynx.

Appropriations by social groups of the lynx as a local theme are described and a reflection about wildlife ownership, human-predator competition and wildness meanings as well as ontologies is presented. Local perspectives have implications for conservation projects and must be incorporated into management decision-making.

Key words: wildlife value orientations, reintroduction, Iberian Lynx, environmental anthropology, Biophilia

Introduction

Attitudes towards wildlife have been continuously studied for some decades now (*e.g.* Bath, 1989) and social factors are nowadays recognized as determinant for the success of conservation projects or management of protected species and areas (*e.g.* Jiménez- Perez 2005). Several studies have demonstrated that attitudes as well as perceptions about wildlife vary between geographical areas, different times and contexts, not always depending on the same factors (*e.g.* Bath *et al.* 2008, Zimmerman 2015, Reddy e Yosef 2016). Intolerance towards wild predators has been a finding of some studies, and education campaigns are often recommended as an outcome (*e.g.* Gusset *et al.* 2008). Motivations behind negative attitudes are not yet well known and reason for certain behaviors remain unclear. Reasons for positions towards certain species might be embedded with other issues such as values towards wildlife and nature in general.

Biophilia was introduced by Wilson (1984) and is presently defined as a “complex process encompassing an array of values and qualities that constitute a broader affiliation with nature” (Kellert 2012). Based on this concept some research has explored fundamental understanding of belief patterns that influence attitudes and

resultant behavior towards wildlife (e.g. Jacobs 2007, Raadik & Cottrell 2007, Teel *et al.* 2007). The *Biophilia* hypothesis has been criticized for assuming a universal human need to relate to nature (or animals), a disposition with a genetic basis and evolutionary significance (e.g. Bulbeck 2005, Joye 2011). However, the engagement of humans with the natural world has gained more attention among conservationists since this concept was advanced and several case studies became known. In these, wildlife value orientations of certain stakeholders have been examined but an approach to specific key actors in a reintroduction context has not yet been taken, despite the difference that such individuals make for local conservation success (Smith *et al.* 2009).

Anthropology has long studied human relationships with nature but more recently Environmental Anthropology and Ethnoecology have specialized in research on global conservation management and local groups' positions (Brosius *et al.* 1986, Bellon 1990, Kottak 1999, Toledo 2002, Alves e Souto 2010). Values have been treated, in anthropology, as cultural phenomena, mostly learnt and culturally constructed (Bernard 2011), so research into value orientations towards wildlife can be part of understanding a context and characterizing a social group. On the other hand, anthropologists also think of values constituted by cognitive and emotional elements (Nuckolls 1998 in Milton 2002). Under that perspective general environmental values have been analyzed (Strang 1997) and questions about what makes people care about the environment have been raised (Milton 2002). Nevertheless, case studies utilizing an anthropological approach, about the ways humans attach meaning to the natural world (as Kellert 2012 also mentions) are still uncommon, particularly in Western rural contexts. In the same way local discourses triggered by wildlife reintroductions have scarcely been explored (O'Rourke 2014).

The Iberian Lynx disappeared from most of its former range due to wild rabbit decline, habitat transformation and mortality induced by humans (Ferrerias *et al.* 1992, Rodriguez e Delibes 2004). In Portugal, lynxes were shot and trapped until there were no resident populations (Ceia *et al.* 1998, Queiroz *et al.* 2005). Reintroduction has been taking place in Iberia through a transnational conservation project (LIFE+ Iberlince) and in Portugal lynxes started to be released in the southern Guadiana area in 2015. Although the lynx nowadays is a conservation emblem it can also be seen as 'vermin' (Lopes-Fernandes e Frazão-Moreira 2016) and cause conflict through

damage in livestock and poultry (Garrote *et al.* 2013). The lynx reintroduction area of Guadiana valley is characterized by low population occupancy and multi-agro exploitation of cereals, livestock, cork oak forest and pine afforestation. Agriculture has been modernized but it has mainly an extensive character and hunting is practiced throughout the territory. The Natural Park of Guadiana was created in 1993 and tourism has been increasing due to the scenic and archeological relevance of the site and also the presence of rare species for birdwatching.

We designed an analysis of contents for interviews with key actors starting from the anthropological concept that meanings, beliefs and also emotions are part of the ways humans connect with the environment (Milton 2002), and we followed an ethnographic approach considering that practices in daily life strongly influence values. Building a reasonable understanding of the key actors' context was therefore pertinent.

The main aim of the present study was to explore local discourses and reasons for positions held about the lynx as a wild predator and its reintroduction as a conservation process. We also examine the case study of relationships between humans and nature in rural Portuguese areas selected for lynx reintroduction because that is a factor determining the success of local conservation actions. This research yielded information for a transnational LIFE+ project (Iberlince) and was therefore an opportunity for anthropology to highlight the perspectives of local actors. We also wanted to know what characterizes the human-environment social context in which humans and lynx are to coexist so we chose to focus on local key actors with different profiles. We departed from the following research questions: How is reintroduction imagined by key actors? What are the local public discourses about reintroduction? Which value orientations toward wildlife predominate among different types of key actors?

The research was conducted under an anthropological framework and “gaze”. In this case, the focus was upon the meanings that non-human entities (including ‘nature’ itself and the experience of natural physical elements) could have for humans which are necessarily engaged with them (*e.g.* Ingold e Palsson 2013). As Biophilia theory had produced several categories to characterize orientation values of humans towards wildlife and nature (‘animal orientations’ in Kellert 1984, ‘wildlife belief dimensions’ in Manfredo *et al.* 2003 and ‘biophilic values’ in Kellert 2012), we used

similar categories and adapted them according to our discourse analysis as Bulbeck (2005) did ('nature dispositions'). We do not intend to prove or discuss the *Biophilia* theory and its implications at an evolutionary level in this paper (e.g. Joyce 2011).

Methods

We conducted interviews as part of a broader ethnographic work during 2012–2014 in two adjacent protected areas in the south of Portugal – the historical lynx occurrence area of Moura-Barrancos Nature 2000 site (MB) (n=53) and the reintroduction site of the Natural Park of Guadiana (G) (n=42). The interviews, with duration of around one hour, included open-ended questions to evaluate key actors' opinions and perceptions about Iberian Lynx reintroduction, but also addressed aspects such as knowledge, memory and practices with predators and land management. Card images were used to assess knowledge and interviewee familiarity with wild carnivore species. Key actors were chosen for their specific interests and decision capacity in lynx areas, and included: land owners (n=18), hunting and land managers (n=13), hunting guards (n=11), technicians (administration and NGO) (n=14), nature activity users and promoters (n=13) and council representatives (n=16). Lynx observers, individuals who contacted directly with the species from the time lynx was present were also included (MB, n=10). For comparative reasons we divided all interviewees into hunters (n=55) and non-hunters (n=50).

We transcribed all interviews and analyzed the contents by using open coding. Observation notes from informal conversations, public positions about reintroduction were also analyzed, as well as participation in some local practices, such as hunts, hunting management, olive harvesting and livestock management. Triangulation of information was performed. Reintroduction of the lynx in Guadiana was announced in 2014 during the research period, which may have influenced reactive opinions.

Considering each interview as a whole, we did a content analysis and associated to each of the informants one or more categories according to his/her narrative, including the perceptions which characterized value orientations in their relationship with the natural world. Some of our categories had similar denominations to other studies, namely Dayer, Stinchfield e Manfredo (2007), but were adapted to encompass the variation we found in actors' discourses (Table 1). Chi-square tests for

exploring significance in associations between categories and other variables were performed using SPSS (version 20).

Results

Key actors' values and orientations

Portuguese key actors in lynx areas encompass all the diversity of categories for wildlife value orientation. In qualitative terms there are very many nature dispositions in the rural community studied making it heterogeneous and complex. Figure 1 show results quantified in terms of frequency of occurrence of orientation values in the sample of interviewees. With the exception of 'spirituality', the least common category, and 'environmental concerns', the only category present in nearly 50 interviewees, most other categories were equivalently represented with an occurrence of around 30. Together, 'environmental concerns' and 'attraction' surpassed utilitarian and dominion values (see also numeric results in table 1).

In fact 'environmental concerns' was the orientation with the highest score and was often coded in specific opinions about the lynx. For instance, key actors mention that an advantage of reintroduction is saving the species globally and also that this predator will bring ecological balance to the ecosystem, both arguments demonstrating concerns about wildlife.

Table 11.1 – ‘Relating to the wild’ categories classifying citations from key actors during interviews.

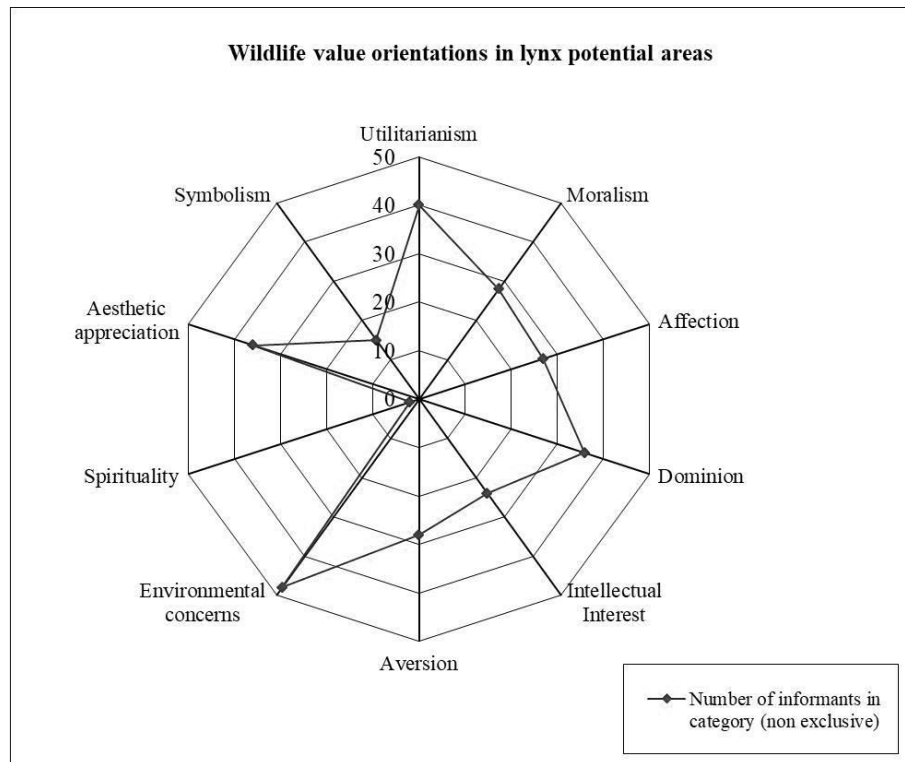
Thematic coding		Results	
Wildlife value orientation/ ways of attachment with nature	Definition	Number of key actors in category (non-exclusive)	Example of citation/discourse
Utilitarianism	Wildlife exists for human use; human welfare is prioritized over that of wildlife. Materialism. Desire to utilize and materially exploit the natural world.	40	<i>“If it is a private land it is easier to do business, to say we put the lynx here and you have this. Let’s be honest money moves things, has the power of making it happen (...) it is not worth saying to a proprietor you cannot do this or that because the lynx is very pretty or because it is from here or it is at risk of extinction...we live in a capitalist society, clearly” (Moura-Barrancos, 2013)</i>
Moralism	Wildlife is viewed as capable of relationships of trust with humans, wildlife has rights. Recognition of moral duty in humans of impeding animal suffering in certain conditions.	28	<i>“He (the lynx) will not eat all the rabbits here (...) and if he does there is no problem. They do not hunt rabbits here. I do not see where is the harm...I think it is funny an animal like this in the 21st century” (Moura-Barrancos, 2014)</i>
Affection	Personal emotional attachment to animals and nature, animals make humans feel better; caring and feeling sorry for animals; love for nature.	27	<i>“I prefer this (cork oak forest) to olive trees, I like to plant holm oaks and then see them at a later stage...I don’t care too much for collecting fruits, I cannot explain...” (Moura-Barrancos, 2014)</i>

Thematic coding		Results	
Wildlife value orientation/ ways of attachment with nature	Definition	Number of key actors in category (non-exclusive)	Example of citation/discourse
Dominion	<p>The urge to control and master the natural world, the environment.</p> <p>Belief that humans can solve environmental problems.</p>	36	<i>“I don’t sympathize with radical discourses, I look at this as the creation of habitat conditions which are important for man (...) good conditions and improvements so people stay (in the territory) (...) to create conditions so that all animals can exist, they will not exist if man is not present” (Moura-Barrancos, 2014)</i>
Intellectual Interest	<p>Interest in and a desire to know more about wildlife, feeling that wildlife enhances life experiences.</p> <p>Desire to know and intellectually comprehend the world from basic facts to complex understanding.</p>	24	<i>“I have some doubts that reintroduction is studied enough to understand that this is not a computer game (...) like the ecological game with rabbit and foxes (...) my doubt is that nature is not a game (...)” (Guadiana, 2014)</i>
Aversion	<p>Safety concerns related to interacting with wildlife because of the possibility of harm or contracting disease. Antipathy and fearful avoidance of nature or of a certain species.</p>	28	<i>“Predators are not useful for anything, we do not profit. They are needed for equilibrium?! (ironizing) which equilibrium?” (Moura-Barrancos, 2012)</i>

Thematic coding		Results	
Wildlife value orientation/ ways of attachment with nature	Definition	Number of key actors in category (non-exclusive)	Example of citation/discourse
Environmental concerns	General concern for protecting the environment, preserving wildlife, feeling that humans are impacting the environment in a negative way through their actions <i>e.g.</i> mentioning excessive hunting.	48	<i>“(.) Nature is composed of everything, nature controls everything. Before, nature controlled everything, Man uncontrolled everything (...) this (the lynx) has a place as well (...) Man is the greatest predator on Earth” (Moura-Barrancos, 2014)</i>
Spirituality	The pursuit of meaning and purpose through connection to the world beyond ourselves. Viewing wildlife and the environment as created and controlled by a higher power(s), explaining the workings of the natural world from a spiritual or religious viewpoint.	2	<i>“Everything is entitled to live but we have the right to kill it because that was something that God left destined: animals exist and we kill them for our food for a joy, a sport that we have (...) a way of living more with the soul, forgetting problems, hunting is something beautiful because of that” (Moura-Barrancos, 2013)</i>
Aesthetic appreciation	Appreciation of the aesthetic appeal of nature or a particular species. Attraction.	36	<i>“The animal (lynx) impresses, because it is the most threatened felid in the world...its walking is interesting: it looks like it is floating!” (Guadiana, 2014)</i>

Thematic coding		Results	
Wildlife value orientation/ ways of attachment with nature	Definition	Number of key actors in category (non-exclusive)	Example of citation/discourse
Symbolism	<p>The symbolic representation of nature through image, language, etc.</p> <p>Includes artistic representations, saying of proverbs and considering that the species can be an emblem.</p>	15	<i>“I think the lynx can be like a poster, nearly immaterial in terms of promoting the region” (Guadiana, 2014)</i>

Figure 11.1 – Diversity of categories for wildlife value orientations among key actors in southern Portugal. Numeric scale refers to number of interviewees appointed to each category.



‘Affection’ was coded in parts of discourse that expressed emotional attachment to nature and a feeling of sympathy for animals. During informal conversations we registered reports of individual experiences of the wild landscape in which reverence toward nature was expressed: “*the landscape fills the soul*”, “*it is part of us*”, “*animals have a soul like us*” (Guadiana 2014 and 2015). ‘Attraction’ as well as ‘affection’ and ‘intellectual interest’ about nature is nowadays common among rural residents. Some take a special interest in nature as leisure and in observing fauna or flora as a hobby. Recently local councils started to organize nature walks in which many residents participate also with a healthy lifestyle purpose.

Symbolism, in the 15 cases to which we attributed the category, was mainly related to representations of the lynx. The species is emblematic not only globally but also in the discourses of the rural key actors. In material terms we also found a local artistic representation of the lynx and recently several images and figurines have been used in local merchandising.

Utilitarianism was the second most frequent category. It was present in discourses about the hunting business, the 'natural resource' exploitation and the importance of economic benefits that nature offers. Specifically concerning lynx, key actors contested "financial compensation" as a condition for reintroduction. One of the main potential advantages indicated was further development of nature tourism. Opposing opinions describing the lynx as "not useful", "of no value at all" or "just another predator" express the other extreme of the utilitarian perspective:

"If they tell me let's put the lynx there, and it has something in its body mass that is useful for something....Now, if it's to not let the species come to an end... there were others that finished, nature is made like that, it's not up to us (...) I don't see any advantage, unless it is for hunters to hunt" (council representative MB, 2013)

Although such specific views of the lynx do not seem common, the utilitarian point of view is a predominant way of relating to wildlife, namely in the exploitation of game, pelts (in the past) and predator control. Trapping and eliminating wild carnivores is a way of minimizing damage to livestock and humans. These practices as well as farming itself, and other traditional local ways of subsistence are also related to the dominion orientation, as they imply a certain control over nature and wild animals which are competitors.

Dominion was, in fact, the third most frequent category concerning discourses among key actors (figure 1). This orientation, based on the superiority of humans dominating nature and non-human animals, has been discussed as a common Judeo Christian idea from western contexts (*e.g.* Singer 1995). It is a category expected in our rural context given the traditional local economy and it showed significant associations with other variables. We explored different categories and associations with other factors such as type of profile, hunting activity and position towards reintroduction (table 2). We found three significant associations ($p < 0.05$) with the category 'dominion'. Among key actors, being a hunting manager is associated with holding dominion values ($\Phi = 0,234$). Also, overall, comparing hunters with non-hunters, we found a significant association of hunters to dominion ($\Phi = 0,292$). Finally there was also a significant association between this orientation and key actors' favourability to lynx reintroduction ($p = 0.050, \Phi = 0,215$). In other words, the dominion

perspective in our key actors was associated with being a hunter, being a hunting manager and holding a positive opinion about lynx reintroduction.

Apart from ‘dominion’, only ‘environmental concerns’ was a category with significant association to other variables (table 2). We further explored this orientation and the connotation of environmentalism locally.

Who are the environmentalists?

Results from two questions of the interview: “are there any environmentalists in the region?” indicated that most key actors do not see themselves as environmentalists. Key actors’ answers were divided between: “there are no environmentalists” (31%), “those individuals are fundamentalists” (10%), “[they] are the ones associated with animal rights and others” (18%) or “[they are] the ones who care for waste residues” (6%). Only 25% expressed “there are some individuals” or “we all are [environmentalists]!” (9%). Being an environmentalist is considered external to these rural areas. Simultaneously, excerpts from 51% of the interviews, not answering direct questions on this issue, expressed concern for the environment and for the human impacts on wild species.

In fact, ‘environmental concern’ was the most frequent category found among all key actors, except for one profile, the hunting guards. For conservationists high environmental concerns might look like an unexpected result in a rural context and contradictory given the high percentage of respondents that answered that there were no local environmentalists. We consider that as an important indicator of a local perspective on environmentalism and of the variety of ways of caring for the environment.

Statistical results showed no association of environmental concerns with most profiles of key actors except for a negative association between this category and being a hunting guard. This profile was significantly associated with not expressing environmentalist values ($p=0.026$, $\Phi=-0.239$, table 2).

Table 11. 2 – Associations between wildlife orientation categories and other variables concerning sample such as type of key actors, their hunting activity and position facing reintroduction. Values refer to statistically significant chi-square tests ($p < 0.05$), dark grey means a negative association. NS means non-significant association for that test.

	Type of key actors							Hunting activity		Position facing reintroduction			Historical presence of lynx	
	Propr. (n=18)	Hunt. manag (n=14)	Hunt. guards (n=11)	Technic. (n=13)	Nature activ. users and promot (n=13)	Council repres. (n=16)	Lynx observers (n=9)	hunters (n=45)	non- hunters (n=49)	ambiv (n=10)	positive (n=57)	Does not know (n=11)	negative (n=12)	does refer it (n=32)
Affection	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Aesthetic appreciation	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Aversion	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Dominion	NS	p=0.035	NS	NS	NS	NS	NS	p=0.006	NS	p=0.050	NS	NS	NS	NS
Environmental concerns	NS	NS	p=0.026	NS	NS	NS	NS	NS	NS	p=0.057	NS	NS	p=0.029	NS
Moralism	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Intellectual Interest	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Spirituality	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Symbolism	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS
Utilitarianism	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS	NS

We also found a near-significant association ($p=0.057$) between the environmental concerns orientation and key actors' holding a positive position about lynx reintroduction ($\Phi=0.213$). There was also a significant association between historical presence of lynx (in the interviewee's area) and the category 'environmental concerns' ($p=0.029$, $\Phi=0.234$). This means that lynx observers, the holders of lynx local memory, are more likely to feel concern about human impact on the environment or are in favor of species conservation. These results indicate that the memory of predator coexistence and often ecological knowledge present in rural communities are important for conservation. Experience, and often older age, does not necessarily lessen environmental orientation, although values in these cases do not come from formal education.

One person, several orientations in relating to the wild

In terms of combination of categories in each key actor from these rural areas, most hold utilitarian and dominion values but also values of environmental concern and attraction. Table 3 presents co-occurrence of categories in the same interviewee. Overall most key actors simultaneously hold different types of relationship with the natural world, or in other words, the same person expresses several value orientations towards wildlife. For instance, interviewees who demonstrate love for nature in the form of attachment to animals or feeling sorry for animals also had affirmations which revealed an exploitative view of nature. In the same way, some expressions of dominion can also contain a moralistic element. For example:

“I think it was their right to live, like we do... they don't stop existing, I think they are entitled to life (...) now for instance in the case that one of these animals exists, if in this area should be 30 and there are 300... there is a need for thinning...or just move them to those areas where there are not any, so they can produce, you see, then they have the same right to life that we have, it's like that.” (Lynx observer, MB, 2013)

Most categories co-occur in the same informant in different combinations. Spirituality, only coded in two cases, did not overlap with intellectual interest or utilitarianism.

These results reaffirm an important conclusion: each individual does not always show a total simplistic coherence; relationships with natural world are not necessarily contradictory and have subtlety and complexity. Given the results on the highest co-occurrence of categories (table 3) we might consider new categories to define ways of relating to nature. Environmental concerns appears in several combinations with other categories: 1. environmental concerns-attraction – people have aesthetical appreciation of certain aspects of the natural world, in our case, frequently the lynx, and also hold concerns about human impacts on the environment; 2. environmental concerns-utilitarian – people use natural resources and need to exploit them for their well-being and express concern for their continuing existence; 3. environmental concerns-intellectual interest – people have environmentalist concerns and hold a basic and scientific interest in discovering more about nature.

Considering this we further analysed some discourses and public positions about reintroduction itself.

Table 11.3 – Co-occurrence of categories in same interviewee

	Affection	Attraction	Concern for safety/aversion	Dominion	Environmental concerns	Moralistic	Intellectual Interest	Spirituality	Symbolism
Affection	14								
Aesthetic appreciation	9	8							
Aversion	7	13	10	1					
Dominion	15	22	9	17					
Environmental concern	13	10	6	7	16				
Moralistic	6	13	6	7	18	9			
Intellectual interest	1	1	1	1	2	2	0		
Spirituality	5	8	4	5	10	7	6	1	
Symbolism	9	16	12	17	21	7	10	0	7
Utilitarianism									

Concerns about lynx reintroduction - The wild, my backyard and other issues

When asked about where Iberian Lynx reintroduction could take place in their region, some key actors (n=7) affirmed they would simply enjoy or would not mind having lynx on their propriety, council or hunting area (depending on whether they were land owners, council representatives or hunting managers). There were also key actors which were clearly uninterested in reintroduction or expressed the feeling “not in my backyard” (n=5) mentioning a neighboring council or another faraway region as better for lynx reintroduction. The idea that there is no place for a wild predator in an inhabited area or humanized landscape was even expressed:

“were there any lynxes here before?(doubting) In Portugal yes, in the Algarve hills maybe, away from villages...but where people still have activity in the field! I do not know how it will change the lifestyle, these are different territories (...) there is no dense area where the lynx can be integrated” (hunting manager G,2014)

This perspective on certain wildlife species which are seen as potentially damaging is one of the reasons for positions against lynx reintroduction. They express certain points of view which give primacy of human interests over nature. These discourses are related to value orientations such as utilitarianism presented herein, but they are not necessarily prevalent.

Concerning technical details about the reintroduction process most key actors had no information about it. In Guadiana, the need for a temporary acclimatizing fence was mentioned by people (n=7) (which was the technique later used to release the first animals). Interestingly, the possibility of releasing animals into permanent fenced areas was also advanced by informants (n=8): a ‘zoo model’ type of solution where predators are confined to a certain safe area, away from human activities, in a different domain. Certain predator species might not even be considered to have a place. In fact when asked, as a control question, if it was possible for wolf to come back to the region, 82% of respondents answered no, differentiating their position about the possibility of lynx being present in the future.

The suspicion that lynxes had already been released in a semi-secret process directed by the administration was also mentioned (n=4) and doubts about the capacity of captive-born animals to adapt to the wild and survive by themselves were expressed (n=8).

“Those are animals bred in captivity, which are different from what is really wild (...) although he is very astute, he will let himself be seen more easily (...) the closer an animal gets to Man, regarding damage to Man’s belongings, it just gets worse, because they have no fear, worse than the wild ones” (proprietor, G, 2014)

The key actors’ concerns about reintroduction are embedded with local concepts of what is ‘wild’. What is ‘wild’ is often associated with purity and what is considered ‘natural’. The “new” lynxes brought by human hands are not “really wild”, they cannot be genuine, authentic. We noted that admiration for what is considered wild, as opposed to domestic, is a common local discourse among key actors (n=16):

“I like untouched things. The purer the better, the more natural the better, the wilder the better. Let things take their course, nature will take care of adjustments, the replacements, making equilibrium.” (nature activities user, MB, 2013)

“I think the interest of the hunter is to have wild game...it has to have challenges, and also predators to be really wild!” (proprietor, G, 2014)

“ (...) after the opening of the fences, the animal comes out to nature in a completely pure state (...)” (hunting manager, G, 2013)

Certain hunters in the area prefer having a challenge during the act, not liking to kill animals “while standing still”, an implicit idea of the legitimacy of the practice (Marvin 2000) and mentioned by Hell (1996) when describing European hunting cultures. Authenticity is valued in our area and reintroduced animals are not recognized as totally wild. Some key actors (n=4) and others refer that it would be better if the lynxes would come back “by themselves” in a natural colonization process, that would be the choice of the animal itself, without manipulation by humans.

Conversely the “wild” element in a landscape dominated by agriculture is intrinsically devalued in most discourses, and in these rural areas is associated with useless, non-cultivated land. Informants as well as agriculture and forestry officers often refer to scrubland and to what conservationists call natural habitats, as “dirty lands”, as a negative sign of abandonment. “Mato” (Portuguese word), typical wildlife habitat and predator’s refuge, has a general negative meaning of “uncultivated” and with “coarse plants”. This perception is related to traditional clearances for agriculture, intensified, in the south of Portugal, for cereal production since the early

20th century. This historical negative association to scrubland, extensive to lynx habitat, can still be a potential obstacle to lynx conservation. In the terms of Lescureux *et al.* (2011) it can be a “material and perceptual” obstacle, for understanding requisites for lynx conservation in rural areas and promoting financial support for it.

Another potential threat to individual lynx survival can be the local practice of managing predators by capturing them alive to eliminate authorized species. The trapping methods used can also capture threatened species including the lynx. Predator control is, in these areas, rooted in the perception that there are excessive numbers of foxes and mongooses which are currently hunting species of practically no economic interest. Informants described common fox battues of the past as a social important event which rarely occur nowadays because they are no longer appealing. Foxes, seen as merely vermin, as in the perspective of hunters in the UK (Marvin 2000), are known locally to be difficult to eliminate with authorized box traps, so other methods such as snares are tried. The use of poison to eliminate foxes and other predators, although illegal, is also an occasional response to losses in livestock. The activity of controlling predators has broad social approval as it is embedded in the local hunting tradition which, in turn, carries a strong group identity. Overall there is a belief in human efficiency in managing natural ecosystems, a facet of the dominion way of relating to nature referred to before. In that, the need for controlling wild predators, seen as competitors, is a continuity of the concept of vermin clearance and the practice of domination of land (lynx as vermin *in* Lopes-Fernandes and Frazão-Moreira 2015).

During local meetings in the reintroduction area with key actors, other residents and the administration, we registered mostly contestation by locals where discourses revealed the materialistic perspective of getting benefits to “receive the lynx” and that there would be restrictions in their activities. The idea was that the lynx is “theirs” (i.e. belongs to the administration), as it is a wild species and its conservation is the responsibility and interest of conservationists as a distinct group. Diverse positive opinions and values assumed during interviews were not publicly presented during these meetings. Reintroduction was appropriated as a negotiation between the administration and private land owners took place. The process was centered on “the hunters” as a group, however, this is not a socially homogeneous

group or even unified in its positions towards wildlife and predators. In fact, a national hunting organization has raised public voices against reintroduction and lynx conservation investment since 2012:

“if each lynx eats one rabbit a day it would be 365 rabbits times the number of lynxes in the wild that will disappear, of which the costs of replacement are on the hunters and land owners (...) the funds for this project are being distributed by entities that will not contribute to the success of reintroduction” (Fençaça President online 28/10/2012).

This position was supported by Mértola’s council (reintroduction area) who claimed for guarantees before reintroduction. The appropriation of the lynx theme became a motif for the assumption of leadership and to draw attention for other contestations. The council of Mértola criticized the process of reintroduction when the first animals arrived there in 2014 - *“there are still many questions unanswered which can have implications in the activities of this territory” (CMM, press release online 17/12/2014)* however, later, in 2015, they participated in one of the public lynx releases. Another national organization which represents the interests of large estate land owners and game species producers positioned themselves in favor of the lynx with certain conditions ensured: *“the pact (for lynx conservation) now subscribed, contemplates initial proposals from ANPC, addressing the worries of the hunting sector and rural land owners” (ANPC online 2/07/2014).*

It was however the signature of agreements between individual managers, land owners and the administration to use their lands which triggered the beginning of reintroduction. That has been happening under an atmosphere of peer pressure among key actors: some individuals have been criticized for collaboration with the reintroduction program and some even remain anonymous. This is part of the contestation we found in the study with emphasis on the need for material benefits in order to receive the lynx.

Public positions of national hunting organizations and their representativeness were not locally consensual and they received critics in some interviews (n=9). Some other interviewees presented other issues such as excessive attention and priority given to the lynx theme (n=6)

“(…) now first is the lynx!! Do not do things against people, do it with them, clarify to people, there is no hunter with self-respect that does not like nature, the ones who live here, were born here, there are those bandits who kill everything that shows up” (hunting manager, MB, 2013)

“the lynx is an utopia (…) nobody worries about our business, everyone is worried about the lynx (..) I have no hospital for my children (…) things have to be moderated in their importance” (proprietor, MB, 2013)

In summary, some of the conflicts that seemed to exist between people and lynx after all expressed different social interests among people. As Knight (2000 p. 22) puts it, “people-wildlife conflicts are vehicles for social aggregation as well as sources of social division”.

Discussion

In this paper we first aimed to characterize how our key actors in a reintroduction area experience the environment and we found high diversity and complexity in the multiple ways actors are attached to nature in a rural context. In terms of distribution among most value orientations, the high numbers of discourse coded as ‘environmental concerns’, ‘moralism’, ‘affection’ and ‘utilitarianism’ were similar to the study of Raadik and Cottrell (2007), in their case being respectively ‘environmental concerns’, ‘mutualism’, ‘respect’ and ‘hunting’.

The high occurrence of ‘utilitarianism’ in our study was expected as exploitation of natural resources has always been an important way of life in rural contexts. Another common way of relating to nature in a Western context was ‘dominion’, related to the Judeo-Christian tradition towards animals (Singer 1995). European urban public follow a less dominionistic discourse towards nature (Van den Born *et al.* 2001) but for most rural people in southern Europe, control and exploitation of nature has always been fundamental for subsistence.

Compared to Kellert’s broad study of attitudes in the USA (details in Bulbeck, 2005) the numbers of actors in our study that were categorized as utilitarian, as moralistic and as concerned with environment were all higher. Rural key actors seem more engaged with the natural world and have a closer relationship with wildlife than urban Americans where indifference was found. General population in Denmark also

revealed mostly mutualistic and distanced orientation types (Gamborg e Jensen, 2016).

In terms of dominion and in our case of hunters being more dominion orientated, Hell (1996), in referring to hunters also mentions “a certain form of mastery of the wild” as “a specific European concept of the ambiguous coexistence of nature and culture” (p.206). Results of Manfredo *et al.* (2009) likewise pointed to ‘dominion’ being positively associated with hunting participation and with a set of materialistic values.

Non-materialistic values such as ‘spirituality’ were an important finding, as spiritual meaning of nature to a key actor is according to Milton (2002) a way of identifying with nature and valuing it. This was the least frequent orientation in our study as in Raadik and Cottrell (2007) but we consider it a value less easily expressed in an interview or during a limited ethnographic research.

In terms of differences among key actors, our second research question, we found that dominion could distinguish hunters from non-hunters and also that hunting guards and lynx observers were different in terms of environmental concerns. While hunting guards, who currently undertake vigilance and predator control, might be more distant from environmentalist values, the lynx observers, generally older hunters, who have experienced coexistence in the past with lynx and wolf, are closer to the environmental concerns orientation. Environmental concerns in rural populations are usually not recognized by conservationists. In that sense the results can be applied to communication of conservation projects with local populations being less ‘top down’, education orientated. Noteworthy, with respect to lynx reintroduction, was that we found that environmental concerns and dominion values were both associated with the holding of a favorable position by key actors to lynx presence in their region. That is contrary to other studies like Hermann *etal.* (2013) who found that the domination orientation was linked with a lower intention to support the return of wildlife and that “mutualism” (parallel to “moralism” in our study) plays a greater predictive role for the intention to protect wolves and bison. The differences to our study can be due to specificities related to the wildlife species. Perceptions about the wolf are different from how the lynx is perceived (Lescureux e Linnell 2010) and other non-predator species and, as those authors mention, the influence of orientation values is context specific.

Furthermore the implementation of protected areas in the studied areas restricted some activities such as intensification of agriculture and hunting certain threatened predators (such as raptors). Discourses of key actors in the context of reintroduction are influenced by fear of the impact such conservation decisions have on their territories. Certain values such as ‘dominion’, ‘utilitarianism’ and ‘aversion’ towards wildlife are likely to be expressed in a climate of contestation.

Until recently, the Portuguese rural lifestyle has maintained one of the highest biodiversity levels in Europe and allowed the presence of large predators, even if conflict, for instance with the wolf, based on economic damage, has been described since historical times (Lopes-Fernandes *et al.* 2016). Tolerance to predators that can cause damage decreased as the wolf, in southern Portugal, disappeared and livestock guarding practices have relaxed. Exploitation of natural resources has been intensified by the economic context of recent years: agricultural practices strongly depend on EU subsidies, and land management, including hunting, focuses on profitability. Nature commodification is a global trend and key actors in our study follow that by expecting a development of nature tourism around lynx reintroduction. Even conservationists’ discourses refer to ecosystems focusing on their services and doing a human-orientated evaluation (Spash 2008).

In terms of configuration, our results per interviewee show that several and contrasting orientations could be found in the same person. This is partly corroborated by other studies such as Bjerke *et al.* (1998) which found a correlation between domain and ecologist, moralistic and naturalistic values (parallel to dominion, environmental concerns and moralism in our case). Furthermore our results show that new combinations of categories can coexist in the same person and contribute to diversity and complexity in the local community.

We can relate discourses and practices and understand that some new local nature activities take place within the logic of collection. There is continuity between hunting and certain touristic photography – “capturing” nature either with a gun or with a camera – or *in place of* hunting, avoiding the killing of the animal. In fact, the testimonies of a few local hunters or ex-hunters described this change in the following terms:

“I am no longer a hunter (...) I became a civilized man (...) hunting was a savage act (...).”

The logic of continuity between photography and hunting is referred by Landau (2002: 149) “in both endeavours consumers stalked and stopped elements of the world” and both perspectives can be seen as utilitarian. Silva e Frazão-Moreira (2013) also point the logic of hunting tourism turning into photographic safaris in African protected areas.

The hunting culture is incorporated into Portuguese rural community, and used to be a practice passed from fathers to sons common to different social strata. Even if the majority of residents are non-hunters - for instance in the council of Mértola only 10% of inhabitants are hunters (ICNF data) - they frequently refer to hunters’ concerns as a powerful interest and associate it with large estate management.

The dominance of the wild is exerted by humans locally namely with predator control, a common practice which generates controversy among biologists (*e.g.* Reynolds and Tapper 1996, Virgos *et al.* 2016). Their advocacy in the studied area seems part of “being a hunter” and plays a role in the group identity and their way of relating to the wild:

“predator control is a basic tool to recover rabbit, hares, partridge, you will have many problems with hunters, if you forbid it they will not understand, nature has to be managed not sanctified (Fencaça hunting organization, Seminar meeting 2013)”

Local shepherds used to cull foxes to protect livestock as well and the activity had a broad social approval. The need to control wild carnivores is based on the experience and the view of these species as pests or competitors for game. It is a continuity of the ancient ideas of vermin, clearance and domination of land. Marchini *et al.* (2012) mention the effect of social approval in jaguar killing in the Pantanal and how that was justified by tradition. Hunting in our study area is presented as traditional and economically important and many benefit from the sale of hunts or game meat. This perspective is quite opposed to the romantic contemporary view of predators, what O’Rourke (2000) calls the urban fascination with emblematic animals that embody naturalness and freedom.

In sum, we found diverse values and local perspectives about predators such as dominion, aversion, affection and environmental concerns. As Hovardas e Stamou (2006) found with rural residents in a Greek Mediterranean forest reserve, the narrative scheme in the representations of wildlife contains both biophobic and biophilic depictions of nature. In their study there was also rural idyll and natural beauty as an example of nature characterized as friendly (a biophilic depiction) and living beings seen as hostile or fearful (biophobic depictions). This corresponds in our study to the coexistence of affection and aversion.

We advance that environmental concerns and affection values extant today in the rural context together with a certain tolerance for predators might have two origins: one in ancestral rural lifestyles where wildlife was closer to humans and tolerated and a second origin in more recent protectionist discourses about wildlife which were globalized. In fact, affection values and feeling sorry for wild animals might have always existed and now became legitimized by the global protectionist discourse. Kahn e Lourenço (2002) also mention these two pathways for the emergence of biocentric orientation in a culture: one from daily intimate contact with the land and a second one depending more on modern moral discourse.

Among hunters in our study area the way of relating with wild animals might relate to changes in the hunting activity. Capturing game used to be an important way of subsistence for the majority of residents who were poor rural workers few decades ago. Hunts for wolves and foxes involved most local men, had social importance and included blessing rituals. Hunters from those days describe animals and the act of hunting in a way that suggests they were able to change places with the predator. Descola defends that “anyone that hunts anywhere in the world puts himself in the position of the prey, so this ability to exchange positions, is the basis of perspectivism (...)” but while Amazonians developed it others have departed from it (Kohn 2009, p.146). Nowadays, hunting in southern Portugal became more business orientated, centered on wild boar hunts in predetermined and prepaid “hunting gates”. Hunters do it for recreational reasons and often mention they do it for “the contact with nature” and “being with friends and partners”. They might have lost, with this practice, the ability of attributing a subjective point of view to other non-humans.

Similarly, the early experience of ecotourism and its economic expectation might additionally have contributed to the presence of environmental discourses and

reinforced the construction of a hedonistic image of nature as Horavas e Stamou (2006) describe. In fact, the adoption of environmental discourses locally, turned the lynx conservation theme into a concordant, “smooth” issue (Ogden 2008), i.e., even publicly contesting reintroduction nobody wants to assume a non-environmental discourse which excludes an emblematic threatened species:

“we don’t want you to get the idea that we, the hunters, do not like the lynx, it is the most threatened felid in the world...our problems are with the administration, we, hunters, have been managing the rabbit with money from our pockets and sweat (Fencaça public declarations in seminar meeting 2013)

“the passion of hunting is a passion for nature; the governors ignore that the hunter is a defender of animal biodiversity (.....)” (Guadiana mayor’s speech Game Fair 2014)

The analysis of local public discourses, a research aim of this study, allowed us to understand that the subjacent idea of “restoring the natural ecosystem equilibrium” is, to a certain extent, secondary to rural communities. The wild is defined by opposition to the domestic and according to O’Rourke (2014) in areas with a strong agricultural heritage, such as in our case, there is a history of conflict specifically between the wild and the domestic. From this clear demarcation between the wild and the domestic comes the notion of some of our key actors that the wild needs to be confined as it is mentioned by Hell (1996).

Our results as a whole led us to conclude that interviewees generally have a dualistic perspective that opposes the realms of humans and nature. This is compatible with Naturalism as defined by Descola (2005) as an ontology present in western contexts and in which there is a clear separation between the cultural worlds of human beings, on the one hand, and the non-human elements of nature, on the other and to those is not recognized an interiority or intentionality. Moreover part of our rural key actors is educated and their activity integrated into economic markets for a long time.

However we point that several ontologies can coexist in a context. One interviewee classified himself as an animist, recognizing the presence of a soul in animals and having changed his lifestyle accordingly: he became vegetarian and a non-hunter. This way of relating to the wild is relatively common nowadays in urban settings and is even said to play a role against the alienation feeling caused by the

rationalistic objectivity of the modern world (Charlton 2007). This ‘modern animism’ seems to be influencing rural contexts, although it collides with the local mainstream:

“it cost me (...) to stop being a hunter, it is something inside (...) I am an animist (...) I think I evolved but I would be happier if I was like those who eat a bird with a glass of wine, they do not think that the animal has a soul” (nature activities user, MB, 2014).

Although this informant has a different experience of animism from people in several cultures around the world described by Descola (1996), Viveiros de Castro (1998) or Bird-David (1999), as Descola also says he has the possibility like others of “stepping into different ontologies, divorced from the one in which he was born” (Kohn 2009:142). Moreover, results concerning moralism and affection together were presented in more than half of our sample (n=55) and that fits in what Descola calls ‘eco-centric ethics’. This might be a trend in rural European contexts which will keep changing local perspectives and practices involving wildlife and nature in the near future.

Final remarks

The ethnographic approach used in this study allowed us to understand how diversely key actors experience the environment, their preconceptions about reintroductions of wild animals and describe the context in which humans and Iberian lynx will be able to coexist.

Environmental concerns, although the most frequent orientation towards wildlife among our key actors, has a different meaning locally from environmentalism, an external view that puts wildlife before people’s interests. As with ‘rewilding’, reintroductions and the protected areas management are imposed by administrations or others. In fact rural interviewees have concerns regarding the protection of wild species but they do not see themselves as part of what Milton (2013) distinguishes as a global social movement or ideology. As with the case of the white tailed sea eagle reintroduction in Ireland, rewilding and reintroduction are not embedded within the local cultural capital (O’Rourke 2014). In our case local constructed explanations about ecological dynamics prevail and are distant from techno-scientific conservation arguments. Ecologists might explain that the high abundance of red fox, in a protected area, is caused by the absence of top predators or

lack of competitors. However the local explanation is that captive foxes have been released by the administration.

Individual value orientations are not necessarily coherent and predictable but rather complex. When approaching ways of attachment of humans to nature an *emic* point of view from local people is particularly valuable. Single category classifications used in many studies are reductionist and might not be relevant to understand and characterize social groups, cultures or local populations. The use of direct questions about environmentalism might not be adequate for certain actors. Categories such as utilitarianism or dominion can be criticized for being deceptive and not very informative as most humans' lives, even if indirectly in urban environments, depend on exploitation of nature. Rural contexts might be presented as a stereotype against wild species conservation or with just one dominant way of relating to nature ignoring heterogeneity among communities, diversity and coexistence of values. Fixed categories are very limited for describing relationships with nature and should be adapted to discourses and practices found in each context studied. Wildlife management should include diverse initiatives, taking into account the heterogeneity of values and interests in an area. In parallel policy formulation should not be generalist but should be as context specific as possible addressing different public services.

Individuals as well as communities might have biologically produced responses to environmental phenomena (*Biophilia* hypothesis) but their values have an important cultural origin (Milton 2013 and also discussed in Soulé 1993) and are permanently constructed. Studying value orientations has been planned in many studies based on direct questioning and pre-classifications of categories (*e.g.* Dayer *et al.* 2007) but ways of relating to nature are more completely drawn from content analysis of spontaneous discourses⁸³ and are only possible in a *emic* perspective together with knowledge about the context of action of the key actors. The anthropological methodology of conducting open-ended interviews and, in some cases, exploring certain themes through additional questions (Bernard 2006), was an important and informative tool in our data collection. Discourses, orientations and

⁸³ The use of cards with carnivore images revealed itself an efficient method to register spontaneous discourse and access perceptions and ways of relating to wildlife

values can be further explored, in the future, accompanying lynx reintroduction and monitoring changes in attitudes.

The variety and coexistence of values towards non-humans and relations with the “otherness” we found show a relationship which is dynamic and in constant change. Emotion is often present in relationships with non-human animals and it is a trend in urban (DeMello 2012) as well as rural places. Our study portrays rural key actors in dominionistic and utilitarian terms but reacting to novel situations in new ways and constantly renewing their attitude towards wildlife. As Milton (2002 p.28) says “individuals often appear inconsistent in their views. Beliefs are taken up or expressed within specific situations and change from one context to another.” Those orientations of key actors were not a hindrance to being positive about reintroduction. Humans, as Ingold e Palsson (2013, p. 7) indicate, seem to see themselves “on a pedestal, over and above the natural world that appears to unfold like a tapestry beneath its sovereign purview”. Ingold (2013, p. 8) proposes that we think of ourselves in terms not of what we are but of what we do. Individuals are not beings but “biosocial becomings” (...) “human becomings” continually forge their ways, and guide the ways of consociates, in the crucible of their common life”. This is a new perspective for conservation management and projects such as reintroductions. In a time when the definition of conservation is being discussed as “actions to improve or establish a good relation with nature” (Sandbrook 2015), studies on local perceptions and values, their complexity and how they change under certain global influences as well as the theme of relations with nature as a dynamic process, become more pertinent.

Acknowledgments

We thank all the informants who kindly shared their time, wisdom and opinions. Raquel Ventura, Teresa Silva, Pedro Rocha and Carlos Carrapato from ICNF were particularly helpful to identify and contact local key actors.

This work was supported by Fundação Ciência Tecnologia (Grant SFRH/BD/75769/2011 to MLF); Instituto da Conservação da Natureza e Florestas; Associação Iberlinx and Program LIFE + (10/NAT/ES/000570 – Iberlince).

Luka Clarke kindly revised the text of the manuscript and all original Portuguese quotes. We also acknowledge Clara Espirito-Santo, Hannah Parathian

(CRIA-FCSH) and an anonymous referee for useful comments on an earlier version of the manuscript.

References

- Alves, A. e Souto, F. (2010). Etnoecologias ou etnoecologia? Encarando a diversidade conceitual” In Alves, A., Souto, F. e Peroni, N. (orgs) Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação, Recife: NUPEEA, 19-39.
- Bath, A. J. (1989). The public and wolf reintroduction in Yellowstone National Park. *Society e Natural Resources* 2(1): 297-306.
- Bath, A., A. Olszanska, and H. Okarma (2008). From a human dimensions perspective, the unknown large carnivore: public attitudes toward Eurasian lynx in Poland. *Human Dimensions of Wildlife* 13(1): 31–46.
- Bellon, M. (1990). The ethnoecology of maize production under technological change. PhD Thesis, Davis: University of California.
- Bernard, H. R. (2011). *Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches*. Rowman Altamira.
- Bjerke, T., Ødegårdstuen, T. S., e Kaltenborn, B. P. (1998). Attitudes toward animals among Norwegian adolescents. *Anthrozoös*, 11(2), 79-86.
- Brosius, J. P., Lovelace, G. W., e Marten, G. G. (1986). Ethnoecology: An approach to understanding traditional agricultural knowledge. In Marten, C. G. (ed.), *Traditional Agriculture in Southeast Asia: A Human Ecology Perspective*, Boulder: Westview Press, 187-198.
- Bulbeck, C. (2012). *Facing the Wild: Ecotourism, Conservation and Animal Encounters*. Routledge.
- Ceia, H., L. Castro, M. Fernandes e Abreu, P. (1998). ‘Lince-ibérico em Portugal: Bases para a sua conservação’, in Relatório final do Projecto ‘Conservação do lince-ibérico’. ICNF, unpublished report.
- Charlton, B. G. (2007). Alienation, recovered animism and altered states of consciousness. *Medical hypotheses*, 68(4), 727-731.
- Dayer, A. A., Stinchfield, H. M., e Manfredo, M. J. (2007). Stories about wildlife: Developing an instrument for identifying wildlife value orientations cross-culturally. *Human Dimensions of Wildlife*, 12(5), 307-315.
- De Castro, E. V. (1998) Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 469-488.
- Descola, P. (2005). *Pardelà nature et culture*. Gallimard, París.

Ferreras, P., Aldama, J. J., Beltrán, J. F., e Delibes, M. (1992). Rates and causes of mortality in a fragmented population of Iberian lynx *Felis pardina* Temminck, 1824. *Biological conservation*, 61(3), 197-202.

Gamborg, C e Jensen, F (2016). Wildlife Value Orientations: A Quantitative Study of the General Public in Denmark. *Human Dimensions of Wildlife* 21 (1):34-46.

Garrote, G., López, G., Gil-Sánchez, J. M., Rojas, E., Ruiz, M., Bueno, J. F., ... e García-Tardío, M. (2013). Human–felid conflict as a further handicap to the conservation of the critically endangered Iberian lynx. *European journal of wildlife research*, 59(2), 287-290.

Gusset, M., Maddock, A. H., Gunther, G. J., Szykman, M., Slotow, R., Walters, M., e Somers, M. J. (2008). Conflicting human interests over the re-introduction of endangered wild dogs in South Africa. *Biodiversity and Conservation*, 17(1), 83-101.

Hell, B. (1996). Enraged hunters: the domain of the wild in north-western Europe. *Nature and society: Anthropological perspectives*, 205-217.

Hermann, N., Voß, C., e Menzel, S. (2013). Wildlife value orientations as predicting factors in support of reintroducing bison and of wolves migrating to Germany. *Journal for Nature Conservation*, 21(3), 125-132.

Hovardas, T., e Stamou, G. P. (2006). Structural and narrative reconstruction of rural residents' representations of 'nature', 'wildlife', and 'landscape'. *Biodiversity e Conservation*, 15(5), 1745-1770.

Ingold, T., e Palsson, G. (Eds.) (2013). *Biosocial becomings: integrating social and biological anthropology*. Cambridge University Press.

Jacobs, M. H. (2007). Wildlife value orientations in the Netherlands. *Human Dimensions of Wildlife*, 12(5), 359-365.

Jiménez Pérez, I. (2005). ¿Qué sabemos sobre los factores que afectan al. proceso de recuperación de fauna amenazada? In Jiménez Pérez e Delibes de Castro (eds.) al. *borde de la extinción: una visión integral de la recuperación de fauna amenazada en España, Valencia, España: EVREN*, 29-43

Joye, Y. e De Block, A. (2011). 'Nature and I are Two': A Critical Examination of the Biophilia Hypothesis. *Environmental Values*, 20(2), 189-215.

Kahn, P. H., e Lourenço, O. (2002). Water, air, fire, and earth a Developmental Study in Portugal of Environmental Moral Reasoning. *Environment and Behavior*, 34(4), 405-430.

Kellert, S.R. (1984). American attitudes toward and knowledge of animals: An update. In M.W. Fox e L.D. Mickley (Eds.), *Advances in animal welfare science 1984/85* (pp. 177-213). Washington, DC: The Humane Society of the United States.

Kellert, S. R. (2012). *Birthright: People and nature in the modern world*. Yale University Press. New Haven.

- Knight, J. (2000). *Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective*. Psychology Press. London and New York.
- Kohn, E. (2009). A Conversation with Philippe Descola. *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, 7(2), 135.
- Kottak, C. P. (1999). The new ecological anthropology. *American Anthropologist*, 101(1), 23-35.
- Landau, P. S. (2002). Empires of the visual: photography and colonial administration in Africa. *Images and empires: visibility in colonial and postcolonial Africa*, 141-171.
- Lescureux, N., e Linnell, J. D. (2010). Knowledge and perceptions of Macedonian hunters and herders: the influence of species specific ecology of bears, wolves, and lynx. *Human ecology*, 38(3), 389-399.
- Lescureux, N., Linnell, J.D.C., Mustafa, S., Melovskia, D., Stojanova, A., Ivanova, G., Avukatova, V., von Arx, M. and Breitenmoser, U. (2011). Fear of the unknown: Local knowledge and perceptions of the Eurasian lynx *Lynx lynx* in western Macedonia. *Oryx* 45(4): 1-8.
- Lopes-Fernandes, M. e Frazão Moreira, A. (2015) Lince-ibérico: o grande gato no real e no imaginário. In. *L'animal dans le monde lusophone: du réel à l'imaginaire*. eds J. Penjon and C. Pereira. Paris. Presses Sorbonne nouvelle.
- Lopes-Fernandes, M., Soares, F., Frazão-Moreira, A., e Queiroz, A. I. (2016). Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature. *Anthrozoös*, 29(1), 5-20.
- Manfredo, M. J., Teel, T. L., e Henry, K. L. (2009). Linking society and environment: A multilevel model of shifting wildlife value orientations in the western united states. *Social Science Quarterly*, 90(2), 407-427.
- Manfredo, M., Teel, T., e Bright, A. (2003). Why are public values toward wildlife changing?. *Human Dimensions of Wildlife*, 8(4), 287-306.
- Marchini, S., e Macdonald, D. W. (2012). Predicting ranchers' intention to kill jaguars: case studies in Amazonia and Pantanal. *Biological Conservation*, 147(1), 213-221.
- Marvin, G. (2000). The problem of foxes Legitimate and illegitimate killing. *Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective*. London and New York, Taylor and Francis, pp. 189-211.
- Milton, K. (2002). *Loving nature: towards an ecology of emotion*. Psychology Press.
- Milton, K. (2013). *Environmentalism and cultural theory: Exploring the role of anthropology in environmental discourse*. Routledge.
- Mullin, M. H. (1999). "Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships." *Annual review of anthropology* 28: 201-224.

O'Rourke, E. (2000). The reintroduction and reinterpretation of the wild. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, 13(1-2), 145-165.

O'Rourke, E. (2014). The reintroduction of the white-tailed sea eagle to Ireland: people and wildlife. *Land Use Policy*, 38, 129-137.

Ogden, L. A. (2008). Searching for paradise in the Florida Everglades. *cultural geographies*, 15(2), 207-229.

Queiroz A.I. (coord.), P.C. Alves, I. Barroso, P. Beja, M. Fernandes, L. Freitas, M.L. Mathias, et al. (2005). Fichas de caracterização – Mamíferos. In: Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (eds. Cabral, M.J., J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim et al.). 1st edition. Pp: 429–532. Lisbon: Instituto da Conservação da Natureza.

Raadik, J., e Cottrell, S. (2007). Wildlife value orientations: An Estonian case study. *Human Dimensions of Wildlife*, 12(5), 347-357.

Reddy, C. S., e Yosef, R. (2016). Living on the Edge: Attitudes of Rural Communities toward Bengal Tigers (*Panthera tigris*) in Central India. *Anthrozoös*, 29(2), 311-322.

Reynolds, J. C., e Tapper, S. C. (1996). Control of mammalian predators in game management and conservation. *Mammal Review*, 26(2-3), 127-155.

Sandbrook, C. (2015). What is conservation?. *Oryx*, 49(04), 565-566.

Silva, M. Cardeira da e Frazão-Moreira, A. (2013). “Colecionistas, turistas, caçadores e outros supostos predadores” in Silva, M. Cardeira da e Saraiva, M. C. (eds.) *As Lições de Jill Dias. Antropologia, História, África, Academia*, Lisboa: CRIA, 112-133.

Singer, P. (1995). *Animal liberation*. Random House.

Smith, R. J., Veríssimo, D., Leader-Williams, N., Cowling, R. M., e Knight, A. T. (2009). Let the locals lead. *Nature*, 462(7271), 280-281.

Soulé, M.E. (1993). Biophilia: unanswered questions In SR Kellert e EO Wilson (Eds.), *The biophilia hypothesis*.

Spash, C. L. (2008). How much is that ecosystem in the window? The one with the bio-diverse trail. *Environmental Values*, 259-284.

Strang, V. (1997). *Uncommon ground: cultural landscapes and environmental values*. Berg Publisher Ltd,.

Teel, T. L., Manfredo, M. J., e Stinchfield, H. M. (2007). The need and theoretical basis for exploring wildlife value orientations cross-culturally. *Human Dimensions of Wildlife*, 12(5), 297-305.

Toledo, V. (2002). Ethnoecology. A conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature” in J. Stepp, F. Wyndham e R. Zarger (eds.) *Ethnobiology and Biocultural Diversity*, Athens: International Society of Ethnobiology, 511-522.

Van den Born, R. J., Lenders, R. H., De Groot, W. T., e Huijsman, E. (2001). The new biophilia: an exploration of visions of nature in Western countries. *Environmental conservation*, 28(01): 65-75.

Virgós, E., Lozano, J., Cabezas-Díaz, S., Macdonald, D. W., Zalewski, A., Atienza, J. C.,... e Johnson, P. J. (2016). A poor international standard for trap selectivity threatens carnivore conservation. *Biodiversity and Conservation*, 1-11.

Wilson, E. O. (1984). *Biophilia*. Harvard University Press.

Zimmermann, A. (2015). A range-wide analysis of human-jaguar conflict. In: 27th International congress for conservation biology. Organised by Society for Conservation Biology. Montpellier, France. August 2–6, 2015. Pp:774.

CONCLUSÕES

“Deitado de costas nas suas mantas, ele olhava para o ponto onde o crescente jazia de viés acima do calcanhar das montanhas. Naquela falsa aurora azul, as Plêiades pareciam elevar-se para o seio das trevas acima do mundo, arrastando consigo todas as estrelas, o grande diamante de Orion e Capela e a assinatura de Cassiopeia, todas a elevarem-se através do negrume fosforescente, qual rede marinha. Ficou muito tempo à escuta, a ouvir a respiração dos outros ali adormecidos, enquanto pensava no mundo bravio que o cercava, no mundo bravio dentro de si.”⁸⁴

(Cormac McCarthy 2010: 64)

A presente tese trata o tema das relações entre humanos e natureza, explorando o estudo de caso dos grandes predadores selvagens como o lince e o lobo e aprofundando a questão da reintrodução do lince-ibérico em Portugal. Os temas das representações, percepções sociais, memórias, atitudes e valores ou orientações sobre a vida selvagem, foram abordados em distintos capítulos. Em termos conclusivos apresenta-se uma súmula dos principais resultados, sua interrelação e implicações da pesquisa.

A relação com a natureza no estudo de caso

A descrição acima citada do escritor Cormac McCarthy pode servir para evocar os diferentes níveis de percepção e relação com a natureza que neste capítulo se sintetizam. Adaptando a proposta de Ellen (1996) sobre construções da natureza, o caso particular da relação com os predadores selvagens apresentará também três dimensões: (1) uma importante herança do passado, representada acima no contemplar das estrelas (a milhões de anos luz de distância e por isso uma imagem do passado), a relação com a natureza

⁸⁴ “Mundo bravio” no original *wildness*, tradução de Paulo Faria, “Belos Cavalos”, Editora Relógio d’Água.

como um espaço não-humano, dimensão espacial, que nesta tese é abordada na descrição da memória existente sobre lobo e lince em locais onde as espécies deixaram de existir e na descrição de práticas de domínio sobre espaços não-humanos, na perspectiva dos actores rurais, seja o controlo de predadores ou o controlo de matos (corte de habitats naturais) (2) uma componente de contemplação e organização mental do ser humano observador, pensante e “de fora” da natureza, esta enquanto “objecto”, ou “coisa”, uma relação cognitiva, citada acima pela descrição e nomeação das várias constelações, dimensão indutiva que na tese é abordada, principalmente, nos capítulos sobre a relação com o selvagem, o seu ‘retorno’ e sobre as classificações empíricas; (3) uma relação com o selvagem enquanto força interior, a natureza como uma essência inerente, parte integrante do ser humano, dimensão essencial na tese explorada nas representações do lobo e do lince enquanto expressões culturais, e também a noção de alteridade sumariada no título “Entre predadores”, um reconhecimento de proximidade e simultaneamente de diferenciação dos humanos, expresso num contexto rural e da Europa ocidental.

Estes aspectos são a seguir desenvolvidos, sendo integrados nas questões iniciais da pesquisa e nos aspectos teóricos de partida. Primeiramente apresenta-se uma reflexão sobre a metodologia global escolhida e a sua adequabilidade para o trabalho.

Da metodologia e olhar antropológicos

A Antropologia debruçada, na presente pesquisa, sobre as fronteiras entre o humano e o não-humano, foi útil ao aprofundamento de uma problemática de conservação da natureza. A análise das representações do lince no passado e das suas apropriações no presente em torno dos predadores, permitiram entender diversas construções de natureza. Compreender o passado, contextualizar as relações com o meio natural e conhecer as memórias colectivas são aspectos importantes para entender o presente e parte do significado dos discursos actuais.

A etnografia, em contexto rural, permitiu conhecer a influência do contexto global e do passado nas actuais perspectivas sobre espécies selvagens e concepções de natureza que, como Ellen (1996) refere, são imprecisas e variáveis. As metodologias da

Antropologia permitiram lidar com dados que podem parecer, num olhar menos denso, por vezes inconsistentes e contraditórios, e permitiram afastar a ideia de categorizar de uma só forma a população local estudada e a sua relação com os predadores. Ao invés, explorou-se o carácter híbrido da realidade rural e os seus novos actores, que têm um papel chave na conservação da natureza. Tal como apontado por Brumann (1999), não se consideraram as culturas locais como homogéneas, estáveis e coerentes. Os dados reunidos sobre representações dos predadores revelaram variabilidade, diferenças e mudanças ao longo do tempo. O lince, uma espécie selvagem com um significado cultural menos abrangente, por comparação com o lobo, ganhou, recentemente, uma visibilidade social incontornável. Por seu lado, as atitudes dos actores chave de Moura-Barrancos e Guadiana analisadas, mostraram diversidade de posicionamentos, alguma ambivalência e ambiguidade e conflitos de interesses entre actores com diferentes perfis. Um olhar sobre as orientações e valores dos actores chave sobre a vida selvagem e a natureza mostrou aparentes inconsistências, coexistência de categorias como “preocupações com o ambiente”, “moralismo” e “apreciação”, lado a lado com “utilitarismo”, “domínio” e “aversão”. A análise de resultados foi feita a vários níveis: o das percepções sobre as espécies, sobre a natureza e sobre os processos de conservação. Procurou-se que não houvesse uma centralidade em eventuais diferenças quantitativas entre áreas geográficas, em comparações culturais rígidas e interpretações assumindo sistemas culturais fixos. Na verdade, seguindo o debate em Antropologia sobre definição de cultura, nota-se que os actores chave, residentes locais, partilham certos traços culturais identitários. Entre esses traços conta-se a relação com os animais não-humanos, onde a caça terá um lugar, bem como uma contestação moderada à conservação de natureza imposta no território. No entanto, na sua relação global com a natureza, os actores distinguem-se. Existem actualmente distintas rotinas e práticas de relacionamento com espaços naturais. Em geral, o pensar, sentir e agir, dos indivíduos residentes, para com as espécies selvagens, mostram diversidade, flexibilidade e grande amplitude. Assim, apesar de se poder afirmar que existem traços comuns nas populações rurais para lidar com as espécies selvagens e também com o normativo da conservação da natureza, existem outras tendências e as características predominantes não definem necessariamente e de forma fixa, a cultura local.

Ainda relativamente às metodologias utilizadas na pesquisa, conclui-se que as entrevistas aprofundadas foram as mais indicadas à descrição da realidade neste estudo e a abordagem etnográfica permitiu contextualizar os discursos nas práticas locais. Tendo em conta que os níveis de literacia no universo estudado eram muito diversos – desde níveis de escolaridade básica a pós-graduação – a existência de questões de resposta aberta no guião de entrevista foi fundamental, bem como o uso de imagens de predadores e de humano que permitiu a obtenção de discursos espontâneos sobre o tema. Releva-se a importância de escolher e adaptar a linguagem usada durante a entrevista semi-estruturada. A escolha não-aleatória dos actores chave pode considerar-se uma abordagem original e que confere aos resultados uma representatividade diferenciada. Em muitos estudos de outras áreas disciplinares, como a *Human Dimensions of Wildlife*, faz-se uma avaliação de atitudes de residentes recorrendo a centenas de questionários aleatórios. Diferentemente, nesta pesquisa de terreno, os entrevistados foram cuidadosamente seleccionados pelo seu perfil, analisando previamente os seus interesses no território e a sua capacidade de intervenção e decisão sobre o mesmo. Esta selecção de entrevistados foi planeada mas teve adaptações à medida que a pesquisa de terreno se desenrolava e em que era obtido um conhecimento mais próximo dos actores. Essa é também uma vantagem da metodologia etnográfica no sentido em que a construção da pesquisa é feita a partir do contexto local e integrando a perspectiva émica. O uso do conceito *actores chave* aproxima os resultados obtidos a uma representação dos principais interesses locais em torno do tema da conservação do lince-ibérico. Por outro lado, esta metodologia tornou a recolha de dados morosa, limitada à disponibilidade dos entrevistados e limitada também à capacidade da investigadora o que resultou, em número, numa centena de entrevistas. A subjectividade da investigadora durante a tese, ligada profissionalmente à conservação da natureza e descrita na Introdução, foi trabalhada, tendo-se conseguido, através das ferramentas da Antropologia sobre condução de entrevistas, observação participante e distanciamento reflexivo, uma neutralidade desejada para a obtenção de resultados. Sabe-se que, inicialmente, alguma contestação por parte dos entrevistados foi agudizada pelo carácter institucional que a investigadora possuía para alguns. O contacto pessoal prolongado permitiu, porém, construir junto da

maioria dos informantes, uma imagem personalizada, com facetas e interesses para além da conservação da natureza.

A integração de uma análise quantitativa, além da qualitativa, dos dados, não sendo estranha à Antropologia, é menos comum em estudos etnográficos e foi aqui utilizada. Advoca-se, porém, que a mesma permite uma exploração complementar dos dados muito informativa. Resultados inesperados ou encobertos nas primeiras análises de conteúdo, adicionam complexidade ao retrato etnoecológico. Tal foi o caso das diferenças significativas encontradas entre entrevistados caçadores e não caçadores, em que os primeiros revelaram uma associação negativa à vantagem da presença do lince enquanto elemento de equilíbrio ecológico e uma orientação de “domínio” relativa à natureza. Estes resultados não impediram, porém, um posicionamento favorável à reintrodução por parte de caçadores e uma associação positiva a este posicionamento, estatisticamente confirmada, quer da orientação “domínio” quer da “preocupações ambientais”.

Finalmente, uma referência à utilização das categorias abertas no tratamento quantitativo dos dados primários, categorias não pré-estabelecidas mas construídas a partir dos discursos. Esta metodologia *bottom up* aplicou-se na presente tese desde a análise das representações de lobo na literatura até às categorias que classificaram os valores e orientações face à natureza expressados pelos entrevistados. Esta é uma permissa base antropológica crucial para a aproximação a uma perspectiva émica na análise dos discursos dos actores locais.

Nocivo, emblema, mercantilizado: a herança do predador e o novo contexto global

Na primeira parte dos resultados são apresentadas imagens e representações histórica e culturalmente associadas ao lobo e ao lince, primeiro objectivo específico do trabalho. Nessa primeira exploração do significado cultural destes predadores, apreende-se a noção antropocêntrica de animal “nocivo”, aplicada a todos os predadores em coexistência com os humanos, adoptada em Portugal e noutros contextos rurais do mundo. O predador que captura as suas presas é visto, desde tempos primordiais, como competidor com os humanos pela caça. Historicamente e durante o processo de conquista de terra fértil, de aumento de produção agrícola em áreas rurais, enfatizado por políticas

progressistas, o predador torna-se um animal inútil, a abater sistematicamente, um símbolo de poder e de controlo humano sobre a natureza. Estes aspectos são corroborados pelas representações, na literatura portuguesa neorealista, do lobo enquanto fera, que retrata as comunidades rurais que subsistiam essencialmente da actividade agrícola e da pecuária. O lobo, grande predador, tal como na memória dos entrevistados no Baixo Alentejo, torna-se também um “bode expiatório” para os infortúnios e dificuldades da vida rural. Nesse sentido, a perseguição está relacionada não só com os prejuízos nos animais domésticos mas também com uma rivalidade ancestral entre humanos e superpredador, profundamente enraizada em características simbólicas, culturais e psicológicas. A caça ao lobo, acessível na análise de literatura enquanto fonte etnográfica e também pelas memórias descritas pelos informantes em Moura-Barrancos, torna-se ritualizada com uma organização colectiva, recolha de recompensa pelo animal morto, transformação de partes do animal em troféu e atribuição de poderes espirituais à espécie. Ao predador é reconhecida agencialidade e ao longo do tempo foi havendo uma construção de reciprocidade. Este aspecto, em particular para o lobo, é referido por Lescureux (2010) a propósito dos ataques a animais domésticos e toda a relação interactiva que se desenvolve a partir desse facto. Como o poder predador do lobo não pode ser controlado pelos humanos ele é percebido como inimigo (Lescureux *et al.* 2011). Em certa parte esta percepção é extensível ao lince e a todos os predadores, havendo espécies como o saca-rabos detestadas por alguns actores e percepções depreciativas sobre predadores que “chupam sangue” como descrito no capítulo VI. O conhecimento e as percepções sobre cada espécie parecem depender das características específicas destas, numa relação estabelecida entre humanos e não-humanos actual e dinâmica, tal como descrito no capítulo “Entre Predadores”, e que se poderia analisar numa perspectiva *ingoldiana* e *etoetnológica*.

A perspectiva do “nocivo” é também a herança cultural do lince enquanto carnívoro selvagem, o espaço e a imagem que o predador não-humano ocupa na ruralidade portuguesa. Aí reside uma memória do lince e do lobo que revela interação, caça, troféus, proteção de animais domésticos, reciprocidade entre humanos e não-humanos, a agência dos caçadores e a sua importância, desde sempre, no mundo rural.

Esta dimensão, presente nos contextos rurais estudados e descrita no capítulo V, está, em parte, na base das práticas locais dirigidas aos predadores.

Apesar da "correção de densidades de predadores" estar regulamentado por lei e de se impor, desde há décadas, a protecção das espécies ameaçadas que não podem ser abatidas no processo, essa prática perpetua a faceta mais negativa dos predadores como um todo. O legado do passado dos predadores enquanto "nocivos" é um impedimento de que a prática do seu controlo possa parar como alguns conservacionistas desejariam. Embora hoje em dia os predadores já não sejam usados como novo troféu, o papel do predador nos sistemas socioeconómicos locais é, em geral, o de danoso – causador de prejuízos na produção de animais domésticos ou nos objectos de caça. A caça passou a ser uma exploração comercial com uma lógica de produção e por isso as espécies alvo (cinegéticas) são espécies mercantilizadas. Existem interesses económicos em torno da actividade cinegética e a eliminação de carnívoros oportunistas é uma forma, na perspectiva dos gestores, de aumentar as presas e rentabilizar o negócio da caça. Por essa razão as práticas de gestão dos predadores são de controlo através de captura e assumem-se também como um investimento para melhorar os quantitativos a caçar/vender. Enquadram-se numa lógica de mercantilização da natureza e num discurso global de rentabilização de recursos naturais. Esta prática está integrada no sistema cultural local e tem sido função dos guardas das zonas de caça, uma espécie de especialistas locais com esse atributo. A prática, discutida em vários capítulos desta tese, é um ponto de fricção entre actores locais e conservacionistas. Os métodos de captura e a sua eficiência como ferramenta de gestão são alvo de discussão entre as duas partes. Uns advogam a sua necessidade e efeito no aumento das presas, objecto de caça, os outros afirmam não ser uma ferramenta de gestão cinegética eficaz e ser causa de mortalidade de espécies ameaçadas por capturas não direccionadas de outras espécies. Esta clivagem traz um outro resultado também explorado durante a pesquisa, que é o da produção de conhecimento e das diferenças entre tipos de conhecimento existente sobre o meio natural.

Além do predador como inimigo competidor, a relação no passado com os grandes predadores – lobo e lince – caracteriza-se também por representações ambivalentes, sobrenaturais, simbolicamente ligadas à força, poder, nobreza e outras

capacidades por vezes admiradas. O simbolismo destes predadores manteve-se até ao presente, hoje reconfigurado em novas representações e apropriações tal como encontrado durante a presente pesquisa (capítulos V e VI), novos emblemas e totens de narrativas sociais globais.

Nas características particulares dos predadores, o selvagem, para os humanos, reveste-se de uma essência, uma força interior, que permite o reconhecimento do “outro”. A partir desse ponto podem analisar-se dois aspectos: por um lado o reconhecimento de qualidades humanas nestes grandes predadores, por outro, a redefinição auto-reflexiva do humano por comparação com o “outro”. Tal como DeMello (2012) refere, as espécies animais do presente estudo, além de símbolos e totens, de substituições daquilo que é natureza e o carácter selvagem, também são “espelhos para criar identidade pessoal e cultural”.

Relativamente ao primeiro aspecto, durante a presente pesquisa, reuniram-se dados que evidenciam o reconhecimento de determinadas características específicas ao grande predador tais como inteligência, estratégia, cuidados parentais, posse e defesa de um território e beleza. Este reconhecimento parece aproximar uma perspectiva rural ocidental sobre os predadores à perspectiva ameríndia, salvaguardando as devidas diferenças, de olhar os animais como vendo da mesma maneira que os humanos coisas diversas na natureza, de acordo com as capacidades que singularizam cada espécie e corpo (Viveiros de Castro 1996: 118). Este autor destaca exactamente, no perspectivismo ameríndio, entre os animais não-humanos, o papel dos grandes predadores, pois “a ênfase parece ser naquelas espécies que desempenham um papel simbólico e prático de destaque”. E a propósito de metamorfose e de uma “roupa animal” ser um corpo, refere precisamente uma história de humanos-felinos (jaguar ou onça, felino selvagem da América do Sul) que pertencem à mesma família e trocam tamanhos diferentes de roupa para caçar. Para esta sociedade o significado de “vestir uma roupa-máscara” sob a aparência animal significa activar os poderes de um outro corpo (Viveiros de Castro 1996: 133). Este movimento de relação entre humano e não-humano pode associar-se à figura ocidental do lobisomem de que se deu nota no capítulo V. A figura simbólica do

humano em “roupa de lobo” é também uma criatura transmutacional entre humanos e não-humanos⁸⁵. Sobrevivendo até aos nossos dias em histórias escritas e orais portuguesas, o lobisomem pode ser uma figura representativa de uma vivência mais ancestral, em contextos ocidentais, de uma ontologia próxima do descrito para o perspectivismo ameríndio. Ademais, segundo Viveiros de Castro, o mito para os índios sul-americanos é uma história de um tempo em que humanos e animais eram mais próximos. Acontece que nas histórias populares portuguesas e recolhidas nos contextos rurais estudados nesta tese, subsiste uma referência ao tempo “em que os animais falavam”, tempo esse que pode ser interpretado como um tempo ancestral em que humanos e não-humanos partilhavam as mesmas características. Ainda que essa não seja hoje a cosmologia presente, levanta-se a questão se os elementos simbólicos referentes ao lobo e ao lince em cima descritos, resultam de uma antropomorfização ou se remetem para uma cosmologia ancestral em que, exactamente no paralelo da cosmologia ameríndia, os humanos e não-humanos eram mais próximos. Mesmo em relação à questão discriminatória de humanos para não-humanos que no etnocentrismo europeu é a alma, existe, hoje, um discurso contracorrente nos contextos rurais estudados. De facto, três informantes neste estudo, a partir das suas experiências locais, tal como descrito nos capítulos IX e XI, afirmaram que os animais têm alma, reconhecendo-lhes uma qualidade humana. Nestas evidências encontradas fica também a possibilidade de, em contextos ocidentais, reconhecer aos não-humanos características tradicionalmente exclusivas dos humanos apesar de, como Viveiros de Castro (1996) descreve, os europeus sempre terem negado que outros corpos tivessem a mesma alma. A humanidade no pensamento ocidental, como Ingold (1988) também refere, é uma condição moral que exclui os animais. Parecem, porém, poder coexistir, na mesma comunidade rural, várias vivências e

⁸⁵ Etnografia ilustrada de Junqueiro (1900) publicada em Serpa: “O lóbis-homem vive de dia como qualquer alma cristã e só se diferencia dos homens por uma calosidade na palma das mãos, vestígio indelével das suas excursões nocturnas. Quando são horas de repouso começa ele o seu fadário. Sai de casa debaixo de chuvas e ventos (porque quanto mais tempestuosa é a noite mais o fado o impele a sair). Uma vez na rua, vai em busca de um espojadouro onde se espoja até adquirir a forma de um jumento de cor preta; e nessa nova fase investe contra tudo o que encontra, pisa as searas, e, corrido pelo canto dos galos, percorre em vertiginosa carreira, sete vilas acasteladas, até ao romper da aurora, que é quando torna ao espojadouro para readquirir a forma humana, e na outra noite tornar a percorrer o ciclo do seu fadário.”

construções do predador selvagem a partir da relação com o animal, facto que se relaciona com um segundo aspecto.

Este segundo aspecto da relação com o predador é a possibilidade, dos humanos, de redefinirem o seu carácter humano por comparação com o “outro”, predador maior. Esta dimensão da relação “Entre predadores” foi ressaltada nesta tese pelos resultados das caracterizações empíricas (capítulo VIII), em que os informantes situaram o lince e o lobo em posição destacada, separados das outras espécies. A redefinição do domínio humano *versus* o domínio do predador selvagem está também patente na perspectiva local e regional sobre o matagal, habitat natural de lince, como “sujo”, vegetação hostil, não dominado, desvalorizado e na necessidade de “limpeza”, mantendo a terra “produtiva”. Este aspecto, com raízes também na história do Alentejo, pode constituir um obstáculo ao diálogo entre conservacionistas e actores locais e traz conflitos de entendimento sobre a conservação de habitats.

O retorno à coexistência dos humanos com um grande predador, o lince, através da reintrodução, é a oportunidade de visitar e reconstruir uma nova relação em que ao primeiro aspecto histórico de reconhecimento se adiciona uma componente emocional. Por exemplo a experiência individual, o conhecimento directo e as observações directas de lince nos contextos rurais, podem acentuar o reconhecimento de intencionalidade no animal não-humano. Ingold (1986) descreve um exemplo que pode ter aqui paralelo, da observação humana das hienas a caçar e, a partir daí, de uma nova forma de olhar a caça que passa a não ser exclusiva dos humanos. Esta nova vivência de alteridade pode trazer novos contornos à relação humanos e predadores. Tal como Ingold (1996) refere, os humanos e os animais não-humanos constituem-se reciprocamente com as suas identidades e suas finalidades particulares. Neste aspecto, a interacção com os grandes predadores parece ter um papel particular no conjunto das interacções com os não-humanos.

Sob novas influências ou sob novos discursos globais de protecção ambiental e animal, o lince, apesar de ser considerado localmente como predador, tornou-se também uma espécie não hostilizada. Actores rurais expressam sentimentos de simpatia, admiração, apontam orgulho na presença da espécie e adoptam o discurso ambiental de

que é positivo “salvar a espécie”. O discurso dos actores revela simultaneamente preocupações com a competição com o predador mas a reintrodução do lince torna-se um assunto “polido” com discordâncias removidas (Latour 2004, Ogden 2008). A imagem como “nocivo” é publicamente “apagada” e o estatuto de elevado risco de extinção e protecção do lince é incorporado nos discursos. A espécie, ainda num processo de apropriação na realidade rural, é transformada num item cultural quotidiano, o que Theodore Schwartz (1975 in Cohen 1993) denomina “*ethnognomy*”. As populações rurais mostram uma nova faceta de conservacionistas ou de “amigos dos animais” discutida adiante. Adicionalmente foi identificado um novo perfil de actores locais com vivências de lazer em relação à natureza, adeptos de novas “actividades da natureza”. Também por influência de uma tendência global nessa direção e que se faz sentir neste contexto rural, estes aspectos vão revestir-se de maior importância local num futuro próximo.

Em contrapartida, as apropriações do lince na actualidade não se relacionam só com o facto de ser uma espécie “emblema” mas também com a tendência global de mercantilização da natureza. O lince é já uma espécie turistificada e usada em *marketing*, sendo disso exemplo objectos de *souvenir* em que figura a espécie e o uso da sua denominação em diversos produtos de venda a nível nacional e na área de reintrodução (capítulo VI). Este estudo de caso com um predador selvagem exemplifica uma das facetas da mercantilização global da natureza. Os resultados em torno do objectivo específico “quais as atitudes dos actores chave em relação à reintrodução do lince-ibérico” permitiram conhecer posicionamentos, discursos materialistas sobre uma natureza comodificada e compreender que existem expectativas locais acerca do turismo. As actividades humanas relacionadas com a gestão local dos territórios e com a conservação da natureza estão, tal como se colocou como hipótese de partida, sobre a forte influência de governância transnacional com políticas de produção e subsidiação agrícola. Assim as mudanças territoriais estão sujeitas a imposições políticas globais tanto para a produção como para a normativa ambiental. A reintrodução de lince-ibérico enquadrou-se nesta última normativa mas os instrumentos de subsídios aos actores locais não a acompanharam (tal como os resultados sobre a medida silvo-ambiental lince o demonstram, capítulo IX). O prisma das vozes locais, resultado da etnografia, é de certa

forma manobrado pelo global. Tal como Castree (2008) aponta, seguindo a crença na capacidade do neoliberalismo, a reintrodução surge com um discurso ambiental de compatibilidade total e coexistência sem restrições. A mensagem global associada é de que as contradições ambiente-economia podem ser ultrapassadas. No entanto, na prática e à escala local e regional, as políticas agrícolas e políticas de ambiente, não estão compatibilizadas e são em alguns aspectos, contraditórias.

Dualismo, contestação e orientações: a construção dos sujeitos ambientais na área de reintrodução

A relação com o lince, enquadrada no conhecimento de um contexto rural, levantou questões locais entre interesses, poderes e gestão do território. Por um lado a caça é uma fonte de rendimento nas áreas estudadas, por outro lado há grandes expectativas em relação ao turismo de natureza, uma actividade mais abrangente em termos de público. Segundo as construções locais, a reintrodução do lince tem repercussões em ambas as actividades, mas há diferenças entre os interesses, e compatibilizações a fazer. O teor da contestação dos actores acerca da reintrodução é também sobre poder, sobre o acesso a determinadas zonas vedadas, sobre a exploração dos recursos naturais, sua regulação e sobre possíveis restrições na gestão do território pela conservação da natureza. Estas questões são pontos sensíveis no contexto do Baixo Alentejo, para mais tendo em atenção a história social e política em que o domínio da grande propriedade e as lutas inerentes a este facto foram determinantes.

Com a persecução dos objectivos iniciais relativos ao conhecimento das atitudes dos actores chave e das classificações locais de natureza e fauna conseguiu-se obter, nesta tese, um retrato etnoecológico do Baixo Alentejo ou a descrição do cenário social em que a coexistência com o lince está a ter lugar. No entanto a heterogeneidade e complexidade sociocultural são os principais resultados deste estudo. Os contextos estudados, em cenário de reintrodução de lince, constituem um novo sistema eco-sociológico local que não pode descrever-se de forma dualista de forma a dar respostas às questões de conservação da natureza. Os resultados dos capítulos IX e X mostram que os indivíduos constroem sentidos sociais complexos, e circunstanciais, não enquadráveis em análises

reduzidas baseadas em categorizações dicotômicas de posicionamentos favoráveis *versus* desfavoráveis. Da mesma forma não dualista, quando um mesmo perfil de actor, e até uma mesma pessoa, representa um gradiente de orientações face à natureza não é desejável cingir-se a conclusões fixas representativas da realidade. O aprofundamento dos valores e orientações dos actores chave na sua relação com a natureza, sexto objectivo específico, tratado no capítulo XI, permitiu concluir que o uso de categorias fixas, comumente usadas noutros estudos, como “utilitarismo” e “domínio”, só por si, pode ser deceptivo e pouco informativo sobre o modo de vida e dependência da exploração da natureza. Os contextos rurais podem ser apresentados de forma estereotipada “contra” a presença de predadores selvagens e serem ignoradas as suas heterogeneidade, discordâncias, diversidades e coexistências de valores.

Ainda em desfavor de uma abordagem estruturalista tendente ao dualismo, sintetizam-se algumas conclusões sobre os modos de identificação da natureza. O Naturalismo, enquanto uma ontologia predominante no ocidente europeu descrita por Descola (2004), parece aplicar-se à realidade estudada: na tarefa de classificar empiricamente elementos naturais, os informantes tenderam a separar os predadores selvagens, os humanos e os animais domésticos, ou seja, consideraram o mundo dos não-humanos distinto do dos humanos. Este resultado foi enfatizado pela análise estatística (capítulo VIII) que permitiu visualizar diversas configurações em que o padrão se repetiu. Tendo porém em atenção também alguns testemunhos e casos distintos recolhidos duante o trabalho etnográfico, tais como antigos caçadores se colocarem na perspectiva do animal caçado, avançou-se, no capítulo XI, a possibilidade de várias ontologias poderem coexistir no contexto estudado, neste caso o Animismo além do Naturalismo. Tal como Descola também afirma, no dualismo ocidental entre humanos e natureza, há a possibilidade de “entrar em ontologias diferentes, divorciadas daquela em que se nasceu” (Kohn 2009:142).

Interessa ainda, em termos conclusivos, ter presentes as discussões mais recentes entre Ingold (2016) e Descola (2016) sobre os modos de relação entre humanos e não-humanos introduzidos na conceptualização teórica inicial da presente tese. Ingold (2016) criticou recentemente o segundo autor, referindo que este analisa as relações humanas com o mundo em termos de combinações finitas, que os esquemas ontológicos surgem de

uma Antropologia comparativa enquadrada pelo paradigma naturalista, que o modelo de aprendizagem de um determinado esquema é adquirido através de estruturas mentais inatas (mente humana) e que, há uma oposição *a priori*, na teorização de Descola, entre fisicalidade (do mundo) e interioridade (o conhecimento do ser humano sobre o mundo). Ingold (2016) considera que o ponto de partida aqui é já dualista. Para este autor as formas de conhecer o mundo não são necessariamente inseparáveis de formas de estar no mundo, e os “eus” humanos moldam-se ao longo de uma história de vida, não em isolamento mas na companhia de outros, um processo de vida social e um processo contínuo de auto-criação. Este autor enfatiza o carácter relacional que o termo “ambiente” possui; já anteriormente Ingold (2000) se referia não à realidade de um mundo que existe por si, independente da presença de qualquer organismo que o percebe, mas que existe na realidade para o organismo em cujo ambiente ele está. Uma aplicação prática desta perspectiva *ingoldiana* poderá aplicar-se às conclusões da presente tese, em particular no sentido em que se apreendeu uma tendência, em contexto rural europeu, para uma constante mudança de percepções nos actores e nas práticas relativas à natureza e envolvendo a vida selvagem. De facto, os dados etnográficos exigiram referência a teorias aparentemente opostas e a usar uma perspectiva dualista e mais clássica da Antropologia na sua análise. Nunca se fez, porém, uma interpretação que descrevesse os actores locais limitados nas suas acções e relações futuras com a natureza.

O lince, enquanto não-humano, parece possuir uma agência particular, ocupando um espaço maior ou “mais elevado” no mundo natural. Tal como Sayes (2014) refere, um não-humano pode ter agência sendo o mediador, ter associada uma conotação moral ou política e reunir vários actores de várias épocas e espaços. O lince, nas suas áreas de ocorrência, age dessa três diferentes formas, pois (1) os encontros entre lince e humanos, descritos como emocionantes e de contacto olhos-nos-olhos podem mudar as percepções sobre a espécie; (2) a presença do lince torna-se um tema entre actores humanos e modifica as relações entre os mesmos, até pelos diferentes posicionamentos que são tomados e (3) a presença do lince tem o potencial de, até certo ponto, mudar práticas locais – desenvolvimento de actividades de observação da natureza, iniciativas locais para criar *merchandizing*, etc. A agência do lince traduz-se como um animal não-humano que tem um papel como objecto de negociação entre actores e possui novos significados

localmente. Antevê-se que a relação entre humanos e predadores, e que nesta tese se procurou retratar, não permaneça estática e sofra mudanças significativas. Num modo interrelacional de definir a relação entre humanos e não-humanos, a coexistência específica com o lince trará novos formatos de relação.

De uma forma geral, conseguiu-se responder às questões de investigação relativas ao processo de reintrodução do lince-ibérico nas áreas de estudo e procurou-se uma descrição mais aprofundada e densa dos vários posicionamentos, em várias dimensões. A contestação local descrita centrou-se, por questões práticas, em reclamar potenciais perdas financeiras e antever prejuízos na actividade pecuária e cinegética. A questão teórica destes discursos prende-se com o conceito de transgressão de dois domínios, o humano e o selvagem como Knight (2000) refere. No caso de um predador como o lince, sendo visto como danoso para a actividade humana da caça, a transgressão pode ser permanente, uma vez que não há barreiras possíveis para evitar a predação no domínio selvagem sobre o coelho-bravo, espécie cinegética de grande valor local. Esta parece uma frente aberta ao conflito entre caçadores e predadores. Existem contudo perspectivas de caçadores, incluindo os mais antigos na região, que admitem essa transgressão e a toleram. Tais vozes consideram o impacto do lince pouco importante no seu conhecimento global do funcionamento dos ecossistemas.

A componente emocional da atitude e da percepção social, por vezes com base em conhecimentos mais tácitos do que explícitos, associada a crenças e convicções culturais, é particularmente relevante no caso dos grandes predadores selvagens. Trata-se de animais não-humanos inspiradores de beleza e de uma imagem idílica do “selvagem”, que existe hoje em dia tanto nos contextos rurais como nos urbanos. Estes aspectos devem ser tidos em conta na gestão e planeamento de espaços naturais e na definição de políticas públicas.

A análise dos valores e orientações face à natureza expressos pelos actores chave (capítulo XI) também confirmou uma heterogeneidade, a qual se conclui ser hoje característica da nova ruralidade portuguesa. Ao mesmo tempo que se destacam “utilitarismo” e “domínio” como orientações face ao mundo natural, outras distintas estão também presentes, como “afecto”, “atração”, “preocupações com o ambiente” e

“simbolismo”. Este carácter multifacetado dos residentes nestas áreas torna-se um aspecto a ter em conta na análise de qualquer processo de conservação, nomeadamente de reintrodução de uma espécie selvagem.

Desta forma, o conjunto das conclusões do trabalho etnográfico permitiram uma construção daquilo que Agrawal (2005) denomina “sujeito ambiental” e que Alexiades (2015) refere como “sujeito situado, sujeito no salão de espelhos, sujeito emergente e complexo e sujeito híbrido e multi-dimensional”. Esta figura tem sido ignorada em processos de conservação, em particular por falta de estudos antropológicos nesta área temática em Portugal. A consideração destes “sujeitos” por quem decide sobre o ordenamento do território é fundamental e a observação dos seus discursos, intenções e práticas é necessária para se entender a contestação, dar-lhe voz e conhecer diferentes formas de relação com a natureza num mundo plural. A partir daí podem ser criados espaços desejáveis de mediação, de diálogo e encontrar soluções e ideias para problemáticas de conservação de espécies e habitats.

Saberes distintos: viver a lógica da conservação da natureza

A questão dos conhecimentos locais *versus* conhecimento científico tem sido largamente debatida em Etnoecologia. Existem, em geral, diferenças epistemológicas nos vários saberes existentes sobre a natureza, sobre as espécies selvagens e sobre as formas de os utilizar como recurso sustentável, frequentemente o ponto de ruptura entre os conservacionistas e a população local. O caso de estudo do Baixo Alentejo não foi exceção e também apresentou diferenças no conhecimento sobre os predadores, sobre o lince e sobre gestão do território tal como explorado nos capítulos VIII e X. Um dos resultados importantes do trabalho foi concluir que as discrepâncias entre o conhecimento sobre o lince, localmente existente, e o conhecimento científico da ecologia da espécie não estão necessariamente associados a posicionamentos negativos face à reintrodução. No entanto, existe desconfiança de alguns actores sobre a imposição do saber dos biólogos e técnicos vistos como académicos. Torna-se importante, na comunidade, a experiência da coexistência com a espécie e as vivências pessoais e partilhadas que daí possam advir. A construção do conhecimento ecológico com base na observação direta e experiência adquirida é mais valorizada do que a produção académica. Existem também,

por vezes, diferenças ao nível de entendimento de conceitos biológicos, por exemplo o tamanho do território no caso do lince. Os informantes diziam não conhecer a dimensão exacta ou referiam toda a área que um animal pode percorrer mesmo em fase de dispersão. Esta noção de território é distinta da concepção ecológica de *home range*, em que apenas é considerado como território uma área estável com ocorrências regulares. As lógicas diferentes para abordar e conhecer a vida do animal não-humano poderão ser uma fonte de desentendimento e em vez de existir um respeito mútuo sobre diferentes tipos de saberes instala-se, por vezes, uma arrogância de parte a parte.

Relacionado com este último aspecto está também o tipo de crítica encontrada às entidades presentes no território – administração central e ONGA com projectos locais. Relativamente às entidades encarregues pela aplicação da normativa ambiental e da implementação da legislação de conservação da natureza, encontrou-se um discurso recorrente da população local estar subjugada a pareceres redigidos “*no gabinete*” e sem conhecimento *in loco*.

O tipo de críticas tecidas nas entrevistas foi explorado e descrito no capítulo VIII e trouxe a lume a vivência da lógica da conservação da natureza e a sua imposição às populações rurais. No Baixo Alentejo essa vivência pode ter tomado uma dimensão adicional dada a importância atribuída à posse da terra, pois que ter propriedade, mesmo que de pequena dimensão, é uma espécie de conquista em relação ao passado. Tendo em conta o histórico de pobreza da região, em que a maioria dos residentes terá sido trabalhador rural por conta de outrem, toda a propriedade conseguida e adquirida, desde então, tem um significado de progresso individual e sucesso familiar. Todas as imposições e possíveis restrições, mesmo as derivadas do normativo ambiental, são potenciais ameaças a essa autonomia de sustento e, por essa razão, um assunto facilmente empolado. Keller (2008), numa etnografia sobre Madagáscar, refere as diferenças entre as narrativas catastróficas dos conservacionistas sobre a destruição da natureza pela mão humana naquele país e as expectativas dos residentes rurais para os quais o sucesso passa por ter uma prole numerosa, uma boa base de sustentação familiar no futuro, sem necessariamente ter em conta o impacto humano no ambiente. Estas narrativas divergentes criam naqueles residentes locais, economicamente desprotegidos e sem poder, uma sensação de serem “vencidos” ou “enganados” pela hegemonia da

conservação da natureza. Este é um de muitos exemplos, em vários pontos do globo, de disputas e jogos de poder a propósito de questões ambientais (e.g. Brockington 2006, Santamarina Campos e Ramiro 2013). De forma diferente, mas conceptualmente paralela, para os alentejanos a conservação de espécies selvagens e a leitura da intencionalidade da criação de Parques Naturais e Áreas Protegidas pode ser um convite de regresso ao passado, a uma terra pobre, a um subjugar da vontade própria e perda de autonomia em relação ao destino global do território. Também a reintrodução, como movimento para retornar à presença de predadores no meio natural, pode ser conotada com um regresso ao passado, a uma vida rural de dificuldades. Numa perspectiva urbana mais idílica, uma vida rural “tradicional” com elementos nostálgicos do passado é valorizada, apesar de se tratar de uma imagem estática. Na verdade, a nova ruralidade é permanentemente reconstruída e a visão émica da vida rural não se encaixa nesta visão bucólica da natureza protegida “anti-progresso”.

Keller (2008: 651) aponta ainda, “em contraste com o *ethos* local (malagache) baseado no ideal de um frutuoso crescimento humano, está o *ethos* conservacionista baseado num ideal de equilíbrio perfeito mas estático entre as várias espécies presentes no planeta”. Este contraste pode existir na área de reintrodução de lince, o Guadiana, em vários aspectos nomeadamente a de uma rivalidade entre humanos e animais selvagens, que é exacerbada pela tendência de despovoamento humano desta área. Tal como Knight (2000: 239) observou, numa etnografia em área rural no Japão, os predadores são comparados a inimigos, incitando os residentes das povoações a defender-se e resistir a este aparente controlo das terras pelos animais. Nessa perspectiva o despovoamento rural português, como o japonês (no caso daquele autor), representa uma retirada da “fronteira selvagem” e um tipo de perda de território nacional. Enquanto a vida selvagem parece proliferar, a população humana, por contraste, declina e perde a sua capacidade de resistir ao rival (animal). A perceção do animal selvagem como rival torna a imagem de “praga selvagem” um símbolo poderoso entre os residentes⁸⁶. Este fenómeno pode estar subjacente à resistência à classificação de Áreas Protegidas, às crenças na libertação dos

⁸⁶ Tradução livre do texto de Knight (2000: 239).

animais nestas áreas e à contestação em discussões públicas sobre planos de ordenamento de Áreas Protegidas como o do Parque Natural do Vale do Guadiana⁸⁷.

Por outro lado, é oportuno recordar que a administração incarna a posição dos valores naturais e dos não-humanos através da imposição de uma normativa e esta lógica terá sempre uma vivência conflituosa para as comunidades. De facto tal como Rosa e Da Silva (2005) e Pinto e Partidário (2011) mencionam a propósito da Rede Natura 2000, a classificação de áreas protegidas adoptou um paradigma não antropocêntrico, um modelo de “conservação da biodiversidade”, uma abordagem biológica/ecológica centrada na fauna e na flora e em habitats em vez de paisagens. Os primeiros autores enfatizam que os requisitos sociais e económicos têm papel apenas na gestão das áreas, não da selecção inicial das áreas protegidas da rede europeia. A Directiva Habitats muda explicitamente o ónus da prova dos conservacionistas para os proponentes das actividades económicas. Para usar a expressão de Keller (2008), os cidadãos locais, no caso do Alentejo, poderão sentir-se “vencidos” mais pelos imperativos económicos globais que trouxeram, de novo, os poderes sociais estabelecidos, do que pelo normativo ambiental.

As críticas ao poder administrativo ou às ONGA interligam-se também com o sentimento de pertença de uma espécie selvagem, neste caso do lince, um aspecto que poderá vir a ter maior expressão num futuro próximo. Um informante resumizava a questão da pertença, dos saberes, do acesso à informação e da presença do lince ser propriedade local da seguinte forma:

“ele disse-me onde criavam os lince antigamente, aqui perto, mas para esta informação tens que pagar (...) esta informação é nossa depois vocês fazem sei lá o quê com ela. (...) os caçadores daqui conhecem isto como a palma da mão, eu no tempo daqueles pacotes de leite triangulares (Serra Leite) já andava a apanhar azeitona aí na serra, agora fiquei parvo com os pareceres que chegaram foram há uns anos mas ainda valem diziam coisas lá de quem está longe, nós queremos que isto seja bem explorado, eles acham sempre que os caçadores são mentirosos, e não sabem. Quero cá saber de projectos. Isso não dão nada, eu pago 12 euros por hectare a alguns proprietários e eles vão pôr lá corredores (para lince) sem falar conosco, como é? Se aquilo agora é para

⁸⁷ Referência a estas discussões durante as entrevistas e relatório em ICN (2003)

ficar em mato. Sou presidente desta zona nunca vieram ter comigo, têm que ouvir, o lince está aí Deus queira que vá para cima, nós é que protegemos isso". (conversa informal Moura-Barrancos 2013)

Nesta voz local estão encerrados não só a contestação e sentimentos de identidade, mas também afirmações de pertença e uma reacção à presença da administração. Este momento de conversa informal foi importante para a contínua auto-reflexão da investigadora referida na metodologia da presente tese e forneceu também uma perspectiva do que poderá ser a futura apropriação da espécie por muitos actores locais. De facto, a propósito de supostos avistamentos de lince fora das áreas do Baixo Alentejo, realizaram-se algumas conversas informais com proprietários e observadores. Denotou-se um sentimento de desejo de “também quero ou posso ter acesso ao lince”, ou de orgulho “esta também pode ser área de lince”, como se se tratasse de obter um emblema, uma certificação de qualidade, de conferir carácter selvagem e misterioso a determinado território.

Do Antropoceno ao Animalismo: potenciais discursos futuros

A temática da presente tese aflora apenas a questão mais abrangente da relação e interacção entre humanos e animais não-humanos, a qual tem sido alvo de muito interesse académico nos últimos anos e que considera um amplo espectro de ideias teóricas (Hurn 2012). Nesse sentido ficam abertas, após este estudo, as possibilidades para aprofundar ainda o futuro papel do lince como “actor social”, a função dos predadores selvagens na sociedade, realizar uma etnografia multi-espécies nas zonas de conflito com predadores, explorar as experiências humanas com animais selvagens e seus significados, os limiares entre “selvagem” e “doméstico” ou, ainda, continuar o estudo de como as ideias antropológicas sobre humanos mudam continuamente por comparação com as perspectivas sobre os animais não-humanos. Como o assunto tem múltiplas repercussões, parece continuar a haver lugar para perspectivas interdisciplinares e oportunidade de colaboração entre especialistas de diferentes formações.

A visão sobre a relação humanos e não-humanos entendendo que os humanos são idênticos aos animais não-humanos deu lugar a uma ideologia com considerável

expressão social no ocidente europeu - o *Animalismo*. A partir do desenvolvimento de ideias filosóficas e de uma herança aristotélica (aceitação de que os humanos eram *zōon* – animais), autores animalistas como Singer (1995) e, mais recentemente, Blatti e Snowdon (2016) discutem extensivamente as questões de humanidade, identidade, teoria de valores, categorização e teses hierárquicas. Daqui derivam movimentos sociais e políticos em torno da defesa de direitos dos animais não-humanos e questionamento da sua utilização alimentar, recreacional e experimental. Presentemente o movimento parece apresentar uma tendência crescente, com adeptos em todo o mundo e, pelo que a etnografia indicou, também em meio rural. Entre os actores rurais surgiram críticas à actividade da caça e à morte de animais por lazer (capítulo IX e X). De resto, em Portugal o exemplo do Partido PAN, fundado em 2009, com uma missão e valores assentes no movimento animalista europeu, tem obtido um crescente apoio que atingiu um total de 75.140 votos nas eleições legislativas de 2015.

Esta ideologia associa-se frequentemente também à defesa da natureza e por isso, socialmente, as posições de apoio à causa dos animais confundem-se com as de conservação da natureza. O Animalismo rege-se, porém, por princípios básicos distintos dos conservacionistas, assentes no bem-estar ou preocupação individual em vez do equilíbrio ecológico ou na população natural. Devido a essas diferenças, existem, por vezes, polémicas e posições antagónicas em torno de certos temas como o controlo de “pragas”, sendo que os conservacionistas as podem promover com o argumento de restaurar equilíbrio natural enquanto os animalistas se oporão às mesmas questionando a morte de indivíduos. Também a libertação de animais de cativeiro no meio natural, pode ser defendida e levada a cabo por animalistas, como foi o caso do visão-americano⁸⁸ na Galiza nos anos oitenta, e podem ser prejudiciais, do ponto de vista da conservação, aos ecossistemas naturais, trazendo presença de espécies exóticas e competição com espécies autóctones. Tendo em conta a relação emocional já existente entre humanos e o lince, em particular num cenário de encontros e coexistência, pode antever-se algum debate em torno do controlo de predadores, ou em defesa de determinados animais-não-humanos,

⁸⁸ Espécie da família dos mustelídeos, exótica na Europa, usada na indústria de casacos de peles. A libertação de grande número de animais na natureza terá causado impacto nas restantes espécies autóctones e prejuízos em animais domésticos.

em áreas rurais, com base em questões de ordem afectiva, ética e protecção individual. Tal como atrás referido, um encontro “olhos-nos-olhos” com um predador selvagem como o lince tem um potencial de ser um agente de mudança. Ingold (2000), Knight (2000), Milton (2002) e Hurn (2012) relembram como é hoje amplamente reconhecido que experiências individuais são também fundamentais em moldar percepções e que estas podem tornar-se em desacordo com as normas culturais “dominantes”. As experiências podem levar-nos a confirmar ou rejeitar o que fomos “ensinados a pensar”, por exemplo que os predadores são uma praga e que devem ser abatidos selectivamente (Hurn 2012: 13), mas em todos os contextos socio-culturais haverá uma perspectiva dominante do mundo. Em relação aos animais não-humanos, as ideias do que constitui “animalidade” a um nível social ou cultural estão estabelecidas no meio rural estudado. Se por um lado se reconhece que os humanos são animais também – “O Homem é um predador”, o que originou o título desta tese “Entre predadores”, por outro lado a perspectiva dominante é de que os humanos são seres superiores aos outros animais não-humanos. Terá que se observar como esta perspectiva muda também sob a pressão global animalista. As mudanças nas práticas rurais com predadores selvagens podem vir a ter lugar com base em argumentos emocionais, animalistas ou outros, e não em torno da conservação da natureza. Tais discursos podem também ser misturados, híbridos e dar lugar a posições mais divergentes do que é hoje observável. A relação com animais de companhia, actualmente com novas configurações, tem aí também um papel importante. No entanto, as pressões de associações de bem-estar animal sobre comunidades rurais parecem também encontrar resistências por serem lidas como movimentos exteriores, impositivos e contra todos os locais. Por exemplo o movimento anti-touradas em Moura-Barrancos foi criticado localmente, mesmo por residentes que não gostam nem concordam com a tourada, por se tratar de um posicionamento externo à comunidade.

A síntese conclusiva desta tese ficaria incompleta sem uma alusão breve a outros dois temas enquadradores: em primeiro lugar, ao movimento *rewilding* como movimento de restabelecimento de ecossistemas naturais do passado, em segundo lugar, ao uso do conceito de Antropoceno, introduzido recentemente na linguagem técnica e académica internacional.

Rewilding ou renaturalização é um movimento conservacionista que tem como meta o restabelecimento de áreas naturais selvagens (e.g. Monbiot 2013), recriando ambientes do Pleistocénio e restabelecendo os papéis de espécies extintas dessa época. Na Europa, um projecto para áreas específicas, uma delas em Portugal e tem ganho popularidade por propagar a ideia idílica de natureza intocada, de pureza e de retorno a um passado selvagem (e supostamente sem acção humana), reificando espaços rurais e belos e, sobretudo, defendendo o regresso de grandes predadores como o lobo e o lince. Este regresso, relativamente romantizado, do lobo e do lince remete também para uma ruralidade idílica, na qual nem sempre os residentes destas áreas se revêem, tal como referido no capítulo V. Por outro lado, e tal como Sá (2017) nota, a propósito da implementação do projecto de renaturalização numa área do Norte de Portugal, estes processos vêm relançar as questões de autenticidade, intervenção humana e reconhecimento da natureza enquanto património. A reintrodução do lince-ibérico no Baixo Alentejo não está directamente ligada a este movimento e filosofia de renaturalização de um espaço, tendo sido aliás escolhida uma área com uma importante actividade rural e presença humana na paisagem. No entanto, as reintroduções de grandes predadores podem ser associadas a *rewilding* e algumas questões levantadas por aquele autor, como o modelo de turismo rural preconizado para a área de *rewilding*, fazem sentido também no caso do Baixo Alentejo. Os habitantes destas áreas estão já a ser confrontados com a necessidade de abrir a esfera da sua vida privada a visitantes. Como Sá (2017: 70) aponta, “a vida moderna exige que essas pessoas repensem, por exemplo, o local dos seus troféus de caça (taxidermia) que decora as suas paredes, e passem a identificar novos troféus naturais e vivos (...) mudarem da caça para safaris fotográficos”. Esta tendência foi já observada na pesquisa para esta tese, coexistindo no terreno as duas formas de “capturar natureza”: os troféus em casas e restaurantes, e as exposições fotográficas de natureza. Sá (2017) questiona também como o modelo de recuperação e gestão ambiental que o conceito *rewilding* traz pode ser considerado para o Antropoceno.

O conceito da era do Antropoceno foi introduzido no século XX e recentemente globalizado, reforçando a ideia de que existem mudanças drásticas e com repercussões à escala do planeta por acção humana, caracterizando uma nova Era Geológica do

Cenozóico (Crutzen 2002, Zalasiewicz *et al.* 2012). Este conceito, que não foi ainda aceite do ponto de vista formal pela Comissão Internacional de Estratigrafia, teve o propósito de chamar a atenção para “a mudança, do ponto de vista quantitativo, da relação entre os humanos e o ambiente global” (Zalasiewicz *et al.* 2012: 843). A proposta destes últimos autores é que a data inicial desta Era seria o final do século XVIII, associada à Revolução Industrial, quando a presença humana no planeta poderá ter tido consequências a uma maior escala, nomeadamente pela poluição e crescimento populacional. No entanto, existem discussões em torno da data de início desta Era como 1950 ou 1610. Alguns biólogos e zooarqueólogos apontam para que os efeitos do impacto humano, por exemplo, no declínio de espécies, terem começado a fazer-se sentir já no Neolítico, há cerca de 8000 anos atrás. No caso do lince-ibérico, a relação histórica com humanos a que se teve acesso, aponta para a existência de caça e consumo de carne desde essa época (capítulo VI) e dados genéticos e históricos apontam para um declínio drástico da espécie há cerca de 400 anos atrás (Casas-Marcé *et al.* 2017). Mas a discussão sobre o Antropoceno pode ser relevante na medida em que influencia percepções humanas sobre as espécies ameaçadas de extinção e o papel global dos humanos nesse processo. Essa problemática foi o ponto de partida desta tese e a percepção do problema da extinção das espécies à escala planetária e do impacto humano ao nível geológico, poderá influenciar mudanças de percepção e comportamentos no meio rural. No entanto, a imagem da Terra como um globo, implícita na “mudança ambiental global”, e ameaçada sob a Era do Antropoceno, pode não ter grande impacto no quotidiano e na vida individual, pode ser vivida como algo distante que não diz respeito à escala local. A ética conservacionista implicada nessa visão global, posiciona a natureza no interior e a humanidade no exterior, retirando os humanos da vida terrena. “É uma perspectiva que marca o triunfo da tecnologia sobre a cosmologia mas que também conduz ao “desempoderamento” das comunidades locais retirando-lhes - em nome de preservar a biodiversidade - a responsabilidade de cuidar os seus ambientes” (Ingold 2000: 155). Por outro lado, o impacto humano elevado à categoria de Era Geológica pode criar uma ideia de inevitabilidade fatal e demissão de responsabilidades. A extinção natural das espécies, descrita na teoria biológica da Evolução, e ocorrida a uma determinada escala geológica, pode confundir-se com a extinção causada directa ou indirectamente por humanos,

apenas de forma acelerada. Os antropólogos, centrados no papel dos humanos, adoptaram o conceito do Antropoceno, por vezes referindo-se ao Capitaloceno (Altvater *et al.* 2016), apontando para uma realidade mais próxima e numa perspectiva muito prática do impacto inevitável, não dos humanos enquanto espécie mas de um sistema sócio-económico vingente: o capitalismo. O papel da Antropologia na descrição de casos locais com problemáticas de extinção de espécies selvagens, de interesses em torno da conservação, pode ser um contributo diferenciado para o estudo da nova Era com designação de Antropoceno ou outra.

Aplicações do estudo

No momento em que estas conclusões são redigidas a conservação das espécies selvagens ganha uma relevância nas narrativas globais e nas agendas políticas mundiais sem precedentes. A sexta extinção em massa das espécies no planeta é anunciada (Ceballos *et al.* 2017) e mesmo que a escala do fenómeno seja questionada o declínio das espécies parece incontornável (Briggs 2017). Neste enquadramento, a preocupação e moralidade de evitar o desaparecimento de entidades como o lobo ou o lince-ibérico reúne um consenso geral. Um papel activo da Antropologia e das Ciências Sociais nestas temáticas parece ser mais oportuno do que nunca. Para além do contributo académico que estas disciplinas podem trazer, advoca-se uma intervenção prática em projectos aplicados de conservação da natureza tais como a reintrodução de espécies. Bennett *et al.* (2017: 102) sumariza o valor e contributos das Ciências Sociais para a conservação apontando razões “descritivas, diagnósticas, disruptivas, reflexivas, inovativas ou instrumentais”. De entre estas, destaca-se: documentar processos de conservação e aumentar a compreensão da diversidade com que estes ocorrem em diversos contextos; melhorar práticas de gestão e conservação e processos de governância, incluindo como envolver diferentes actores chave.

Como já referido, o presente estudo esteve integrado num projecto de conservação pelo que poderá considerar-se um caso de Antropologia aplicada e uma experiência interdisciplinar. Espera-se que possa ser um estudo de caso com aplicações para outros projectos na área da conservação da natureza, relevando a importância da descrição das

relações entre humanos e não-humanos selvagens, da análise de uma situação de reintrodução, do tratamento qualitativo e quantitativo de dados obtidos numa abordagem etnográfica e da óptica de proximidade com os actores locais.

Durante o estudo houve oportunidade de elaborar relatórios para o projecto LIFE Iberlince e para a administração, englobando uma série de recomendações que ressaltavam a importância do envolvimento e participação dos actores locais no processo. Elaborou-se um conjunto de objectivos e propostas de acções para a comunicação sobre a espécie e envolvimento no processo de reintrodução (anexo 9). Este conjunto de recomendações teve em conta os resultados obtidos neste estudo e também em anteriores propostas elaboradas conjuntamente com o Grupo Dimensão Social do PACLIP que se dinamizou. De entre estas acções recomendadas, na sequência da recolha de terreno realizada durante a presente tese, destacam-se:

- ❖ Dar visibilidade à memória da presença do lince e a quem coexistiu com a espécie, e ao conhecimento ecológico local.
- ❖ Explorar a relação e empatia humanos/ predadores em materiais de divulgação e utilizar linguagem de proximidade expressando as diferentes perspectivas sobre o animal predador.
- ❖ Criar aprendizagens colectivas com comunidades locais e consolidar o conhecimento da ecologia da espécie.
- ❖ Aumentar a informação e esclarecimentos prestados pela administração sobre o processo de reintrodução.
- ❖ Conferir importância às populações das áreas de reintrodução e demonstrar apreciação pelo “local” no processo “global”.
- ❖ Adaptar um discurso de valorização da presença do lince centrada nos benefícios económicos e também em valores imateriais associados à espécie, como a estética, o simbolismo, os argumentos ecocêntricos (contribuir para o equilíbrio ecológico, etc).
- ❖ Criar “comissões” ou “fóruns” locais para acompanhamento e implementação a longo prazo da reintrodução. Envolver os actores chave locais - proprietários,

gestores cinegéticos, criadores de gado, dinamizadores de turismo de natureza, outros utilizadores das zonas de matos (apicultura), representantes do poder local, técnicos (fiscalização, conservação, associações locais) para acompanhamento do processo.

- ❖ Introduzir diversas técnicas participativas e projectos semelhantes aos de ciência cidadã para envolver diversos grupos da população local e aproximar cidadãos em geral ao tema da conservação do lince e dos territórios rurais.

Estas propostas não dispensam a necessidade de acompanhar as percepções e atitudes ao longo do processo de reintrodução, nem de ser desenvolvido um plano de envolvimento da população local elaborado entre a administração e os próprios actores.

Os investigadores na área de Ciências Sociais não representam as pessoas, descrevem apenas uma realidade a que têm acesso, pelo que a auscultação das vozes locais deve estar sempre presente em processos como a reintrodução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes J, Lopes AM, Dalton KP, Melo P, Correia JJ, Ramada M, Esteves PJ. 2013. New variant of rabbit hemorrhagic disease virus, Portugal, 2012–2013. *Emerging Infectious Diseases* 19(11):1900–1902.
- de Abreu BL. 1726. *Portugal Médico*. Coimbra: Oficina de Joam Antunes.
- Adams CE. 1988. Establishing a human dimensions program. *Human Dimensions in Wildlife Newsletter* 7(3):3-7.
- Adams WM & Sandbrook C. 2013. Conservation, evidence and policy. *Oryx* 47:329-335.
- ADPM. 2008. Avaliação dos Impactos Ambientais e Socioeconómico do Abandono das Terras Agrícolas nos Concelhos Interiores do Baixo Alentejo. Oliveira MR (editor) Relatório Final da Associação de Defesa do Património de Mértola: ADPM.
- Ainsworth GB, Aslin HJ, Weston MA, Garnett ST. 2015. Do social values influence levels of conservation effort in threatened species? The case of two Australian chats. *Oryx* 50(4): 636-645.
- Aiyadurai A. 2016. Tigers are our brothers: understanding human-nature relations in the Mishmi Hills, Northeast India. *Conservation and Society* 14(4):305-316.
- Alba V. 2007. Apuntes históricos sobre el lince ibérico en Andalucía. *Galemys* 19(2): 33–52.
- Alexiades M, Vázquez JAC. 2015. Algunos aspectos ontológicos de la eco-gubernamentalidad neoliberal: lecciones desde ambos lados del atlántico. *Comunicação oral I Congresso Internacional de Antropologia AIBR*, Madrid.
- Almeida JF. 2004. Os Portugueses e o Ambiente - II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente, Oeiras: Celta Editora.
- Altvater E, Crist E, Haraway D, Hartley D, Parenti C, McBrien J. 2016. *Anthropocene or capitalocene?: Nature, history, and the crisis of capitalism*. PM Press.
- Álvares F. 2004. O lobo no imaginário popular. Pp: 135-145 in Nunes M (editor). *Serra da Aboboreira – a Terra, o Homem e os Lobos*. Câmara Municipal de Amarante. Amarante. 148pp.
- Álvares F, Pereira E, Petrucci-Fonseca F. 2000. O lobo no Parque Internacional Gerès-Xurés. Situação populacional, aspectos ecológicos e perspectivas de conservação. *Galemys* 12: 223-239.
- Álvares F, Domingues J. 2010. Historical presence of Brown bear in Portugal and evidence of its relation with human communities. *Açafa Online* 3: http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n3.asp
- Álvares F, Domingues J, Sierra P, Primavera, P. 2011. Cultural dimension of wolves in the Iberian Peninsula: Implications of ethnozoology in conservation biology. *Innovation: The European Journal of Social Sciences* 24(3):313-331.

Alves A, Souto F. 2010. Etnoecologias ou etnoecologia? Encarando a diversidade conceitual. Pp. 19-39 in Alves A, Souto F Peroni N (editors): Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação, Recife, NUPEEA.

Alves D, Queiroz AI. 2015. Exploring literary landscapes: From texts to spatiotemporal analysis through collaborative work and GIS. *International Journal of Humanities and Arts Computing* 9(1): 57-73.

Anais de Moura. 1980. Descrição física, política e histórica da notável villa de Moura. Biblioteca Municipal.

Anderson Z, Ozolinš J. 2004. Public perception of large carnivores in Latvia. *Ursus* 15(2):181-187.

Angelina M, Brandão R. 1985. [1929]. Portugal Pequeno. Lisboa: Veja.

Anónimo. 1989. Doença hemorrágica a vírus do Coelho em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias* 84:57-58.

Anónimo. 2009. Estudio para conocer la percépcion de turistas y empresários del município de almonde, el rocío y matalascanas sobre la conservacion del lince ibérico en su comarca. Conservacion y reintroduccion del lince iberico en Andalucia. LIFE Naturaleza 2006-2011 y SECEM, Sociedade Espanhola de Conservação e Ecologia de Mamíferos. Relatório de Junta de Andaluzia.

Arluke A, Sanders C. 1996. The sociozoologic scale. Pp. 167-186 in *Regarding Animals*. Temple University Press. Philadelphia, PA.

Assis Esperança A. 1964. Pão Incerto. Portugália Editora, Lisboa, p. 66.

Atlas das paisagens literárias de Portugal continental: paisagensliterarias.ielt.fcsh.unl.pt (accessed 1 August 2015).

Azambuja ST. 2009. A linguagem simbólica da natureza. A flora e a fauna na pintura seiscentista portuguesa. Nova Vega, Lisboa, p. 282.

Baeta Neves. 1967. Em defesa dos passarinhos e dos nocivos. Artigo publicado no nº2603, pp.842-843 e 846 in *A Natureza e a Humanidade em Perigo* volume II. Estudos e Divulgação técnica. Secretaria de Estado da Agricultura Direcção Geral dos serviços Florestais e Aquícolas. Ano Europeu da Conservação da Natureza. Lisboa. 1970.

Baker S. 2001. *Picturing the beast*. Urbana: University of Illinois Press.

Baptista FO. 2010. Alentejo a questão da terra. Loulé: 100Luz.

Baptista FO. 1993. *A Política Agrária do Estado Novo*. Porto: Afrontamento.

- Baptista FO. 2004. Portugal e Espanha, um século de questão agrícola in Freire D, Fonseca I, Godinho P. (editors): *Mundo rural: transformação e resistência na península Ibérica (Século XX)*. Edições Colibri.
- Barber K. 2007. *The Anthropology of Texts, Persons and Publics*. Cambridge University Press.
- Barros A. 1986. *Do Latifundismo à Reforma Agrária - O Caso de uma Freguesia do Baixo Alentejo*. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência.
- Bates D, Liddiard R. 2013. *East Anglia and Its North Sea World in the Middle Ages*. Woodbridge, U.K: Boydell.
- Bath A, Olszanska A, Okarma H. 2008. From a human dimensions perspective, the unknown large carnivore: public attitudes toward Eurasian lynx in Poland. *Human Dimensions of Wildlife* 13(1):31–46.
- Bath AJ. 1987. Attitudes of various interest groups in Wyoming toward wolf reintroduction in Yellowstone National Park. M.Sc. thesis. University of Wyoming, Laramie, USA.
- Bath AJ. 1989. The public and wolf reintroduction in Yellowstone National Park. *Society and Natural Resources* 2(1):297-306.
- Bath AJ. 1996. Increasing the applicability of Human Dimensions research to large predators. *Journal of Wildlife Research* 1(2):215-220.
- Bath AJ. 1998. The role of human dimensions in wildlife resources research in wildlife management. *Ursus* 10:349–355.
- Bath AJ. 2009. Working with People to Achieve Wolf Conservation in Europe and North America. Pp. 173-199 in Musiani M, Boitani L, Paquet PC (editors): *A New Era for Wolves and People: Wolf Recovery, Human Attitudes, and Policy*. Calgary: The University of Calgary Press.
- Beardsworth A, Bryman A. 2001. The Wild Animal in Late Modernity: The Case of the Disneyization of Zoos. *Tourist Studies* 1(1):83–104.
- Bellon M. 1990. *The ethnoecology of maize production under technological change*. PhD Thesis, Davis: University of California.
- Bennett NJ, Roth R, Klain SC, Chan K, Christie P, Clark DA, Cullman G, Curran D, Durbin TJ, Epstein G, Greenberg A. 2017. Conservation social science: Understanding and integrating human dimensions to improve conservation. *Biological Conservation* 205:93-108.
- Bensa A, Pouillon F. 2012. *Terrains d'écrivains, Littérature et ethnographie*. Éditions Anacharsis.
- Bento da Cruz. 1973. *O Serão e os Lobos*. In *Contos de Gostofrio*. Porto: Livraria Paisagem.
- Berlin B. 1992. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton NJ: Princeton University Press.

Bernard HR. 2006. *Research methods in Cultural Anthropology*. 4th Edition. Lanham: Altamira Press.

Bernard HR. 2011. *Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches*. Rowman Altamira.

Bessa-Gomes C, Fernandes M, Abreu P, Castro L, Ceia H, Pinto B, Pires AE. 2002. Le lynx pardelle (*Lynx pardinus*) au Portugal: diverses approches dans un scénario de pré-extinction. Pp. 128-136 in Chapron G, Moutou (editors): *L'étude et la conservation des carnivores*. Société Française pour l'Etude et la Protection des mammifères, Paris, 167 pp.

Bjerke T, Ødegårdstuen TS, Kaltenborn BP. 1998. Attitudes toward animals among Norwegian adolescents. *Anthrozoös* 11(2):79-86.

Blain J. 2003. *Nine worlds of seid-magic: Ecstasy and neo-shamanism in North European paganism*. Routledge.

Blatti S, Snowdon PF (editors.) 2016. *Animalism: New essays on persons, animals, and identity*. Oxford University Press.

Bobbé S. 2002. *L'ours et le loup: Essai d'anthropologie symbolique*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

Bohner G, Wänke M. 2002. *Attitudes and attitudes change*. East Sussex: Psychology Press.

Boitani L. 1995. Ecological and cultural diversities in the evolution of wolf-human relationships. Pp. 3-11 in Carbyn LN, Seip DR (editors): *Ecology and Conservation of Wolves in a Changing World*. Alberta: Canadian Circumpolar Institute.

Bordieu P. 1990. *The logic of practice*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Borrini-Feyerabend G. 1999. Collaborative Management of Protected Areas. *Partnerships for protection: New strategies for planning and management for protected areas*, 224.

Boule M. 1914. *Rapport generale. Memoires Originaux*. Institute de Paleontologie Humaine. *L'Anthropologie* 25:251.

Boule M. 1912. Review of "Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia. Vol. 1. Part 1". *L'Anthropologie* 23:426-429.

Bowen-Jones E, Entwistle A. 2002. Identifying appropriate flagship species: the importance of culture and local contexts. *Oryx*; 36(2):189-195.

Breitenmoser U, Molinari A, Breitenmoser-Würsten C. 2013. Conservation status of the lynx in the Alps: future perspectives, and challenges. In: *WISO platform meeting*. Organised by Fondation Grand Paradis and the Gran Paradiso National Park Authority. Cogne, Italy. April 22, 2013.

Breitenmoser U, Breitenmoser-Würsten C, Lanz T, von Arx M, Antonevich A, Bao W, Avgan B. 2015. Lynx Lynx: The IUCN Red List of Threatened Species 2015. dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-2.RLTS.T12519A50655266.en (accessed 14 April 2016).

Breuil, H. 1933. Les peintures schématiques de la Péninsule ibérique, 4 vols. Paris: De Lagny.

Bright AD, Manfredo MJ. 1996. A conceptual model of attitudes toward natural resource issues: A case study of wolf reintroduction. *Human Dimensions of Wildlife: An International Journal* 1(1): 1.

Brockington D, Igoe J. 2006. Eviction for conservation: a global overview. *Conservation & Society* 4(3):424.

Brosius JP, Lovelace GW, Marten GG. 1986. Ethnoecology: An approach to understanding traditional agricultural knowledge. Pp. 187-198 in Marten CG (editor): *Traditional Agriculture in Southeast Asia: A Human Ecology Perspective*. Boulder: Westview Press.

Brosius, JP. 2006. Common ground between anthropology and conservation biology, *Conservation Biology* 20(3):683-685.

Brubaker R. 2002. Ethnicity Without Groups. *Archives Européennes de Sociologie* 43(2):163-189.

Brumann C. 1999. Writing for Culture. *Current Anthropology* 40(Supplement February):1-13.

Brunois F. 2005. Pour une approche interactive des savoirs locaux: l'ethno-éthologie. *Journal de la Société des Océanistes* (120-121):31-40.

Brush S. 1993. Indigenous knowledge of biological resources and intellectual property rights: the role of Anthropology. *American Anthropologist* 95(3):653-686.

Buell L. 2005. *The Future of Environmental Criticism*. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing.

Bulbeck C. 2005. *Facing the Wild: Ecotourism, Conservation and Animal Encounters*. London: Earthscan.

Buller H. 2004. Where the wild things are: the evolving iconography of rural fauna. *Journal of Rural Studies* 20(2):131–141.

Buller H. 2004. Where the Wild Things Are: The Evolving Iconography of Rural Fauna *Journal of Rural Studies* 20(2):131–141.

Cabanas A. 2006. *Carregos - Contrabando na Raia Central*. Lisboa: Arte Mágica.

Casas-Marce M, Marmesat E, Soriano L, Martínez-Cruz B, Lucena-Perez M, Nocete F, ... e Godoy, JA. 2017. Spatiotemporal Dynamics of Genetic Variation in the Iberian Lynx along Its Path to Extinction Reconstructed with Ancient DNA. *Molecular Biology and Evolution*, 34(11), 2893-2907.

Callou C. 2008. Le lynx en France: Apport des données archéologiques et historiques. Pp. 17-21 in Rosoux R, de Bellefroid M, Baillon J, Moreau A (editors): *Lynx le grand retour: Actes du symposium international*. Orléans: Publication Scientifiques du Museum.

Caruso F, Pérez IJ. 2013. Tourism, local pride, and attitudes towards the reintroduction of a large predator, the jaguar *Panthera onca* in Corrientes, Argentina. *Endangered Species Research* 21:263–272.

Carvalho AM, Frazão-Moreira A. 2011. Importance of local knowledge in plant resources management and conservation in two protected areas from Trás-os-Montes, Portugal. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 7:36.

Casas-Marce M, Soriano L, López-Bao JV, Godoy JA. 2013. Genetics at the verge of extinction: insights from the Iberian lynx. *Molecular Ecology* 22(22):5503-5515.

Casimiro P. 1993. *Concelho de Mértola, Geo-biografia das mudanças de uso do solo*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Lisboa.

Castelo Branco C. 1882. O Alma negra: pp. 178-184 in *A Brasileira de Prazins, Obras escolhidas de Camilo Castelo Branco*, vol. XXIII, Círculo de Leitores, Lisboa.

Castelo Branco C. 1980 [1879]. *Eusébio Macário*. Porto: Lello e Irmão.

Castree N. 2010. Neoliberalism and the biophysical environment: a synthesis and evaluation of the research. *Environment and Society: Advances in Research* 1(1):5–45.

Castro P, Mouro C, Bettencourt L. 2014. Monitorização da mudança de atitudes em relação à conservação do Lince-ibérico, do Abutre-preto e do ecossistema mediterrânico. Technical Report Action D1. LIFE08 NAT /P / 000227.

Ceballos G, Ehrlich PR, Dirzo R. 2017. Biological annihilation via the ongoing sixth mass extinction signaled by vertebrate population losses and declines. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 114(30):E6089-E6096.

Ceia H, Castro L, Fernandes M, Abreu P. 1998. Lince-ibérico em Portugal: Bases para a sua conservação. In Relatório final do Projecto ‘Conservação do lince-ibérico’. ICNF, unpublished report.

Ceríaco LM. 2012. Human attitudes towards herpetofauna: The influence of folklore and negative values on the conservation of amphibians and reptiles in Portugal. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 8(1):8.

Charlton BG. 2007. Alienation, recovered animism and altered states of consciousness. *Medical Hypotheses* 68(4):727-731.

Choyke A. 2010. The Bone is the Beast: Animal Amulets and Ornaments in Power and Magic. Pp. 197-209 in Campana D, Choyke A, Crabtree P, de France SD, Lev-Tov J (editors): *Anthropological approaches to Zooarchaeology. Complexity, Colonialism, and Animal Transformations*. Oxbow.

Clark K. 1939. *Leonardo Da Vinci: An Account of His Development as An Artist*. New York: Macmillan.

Claval P. 1994. L'analyse des paysages. *Géographie et Cultures* 13:55-73.

Clavero M, Delibes M. 2013. Using historical accounts to set conservation baselines: the case of Lynx species in Spain. *Biodiversity and Conservation* 22(8):1691-1702.

Clubb L. 1965. *Giambattista Della Porta Dramatist*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Coelho M. 2009. Roman Legal Tradition and the Mismanagement of Hunting Resources. WP 29/2009/DE/SOCIUS. ISEG, Lisboa.

Cohen A. 1993. Culture as Identity: An Anthropologist's View. *New Literary History* 24(1):195–209.

Conforti VA, de Azevedo FCC. 2003. Local perceptions of jaguars (*Panthera onca*) and pumas (*Puma concolor*) in the Iguacu National Park area, south Brazil. *Biological Conservation* 111(2):215–221.

Core JR. 2011. Men in Trees: A Look at the Annual Portuguese Cork Harvest. www.core77.com/posts/20839/men-in-trees-a-look-at-the-annual-portuguese-cork-harvest-20839.

Correia JA de Oliveira. 1997. *Moura, cultura e mentalidades*. Edição Câmara Municipal de Moura.

Cronon W. 1995. The trouble with wilderness; or, Getting to the wrong nature. Pp. 69-90 in Cronon W (editor): *Uncommon Ground: Rethinking the Human Place in Nature*. New York: WW Norton & Co.

Crumbly CL (editor). 2001. *New Directions in Anthropology and Environment: Intersections*, Walnut Creek: Rowman & Littlefield.

Crutzen PJ. 2002. Geology of mankind. *Nature* 415(6867):23.

Cullman G. 2015. A Primer on Environmental Anthropology for Conservation Biologists. Pp. 7-11 in Bennett NJ, Roth R (editors): *The Conservation Social Sciences: What? How? and Why?*. Vancouver, BC: Canadian Wildlife Federation and Institute for Resources Environment and Sustainability, University of British Columbia.

Cutileiro J. 1971. *A Portuguese Rural Society*. London: Oxford University Press.

da Silva FPM, Neto EMC, Carqueija CRG. 2015. A etnotaxonomia de crustáceos estomatópodes e decápodes segundo pescadores artesanais do litoral norte da Bahia, Brasil. *Revista Ouricuri* 5(1):1-29.

Dalton R. 2003. Lion man takes pride of place as oldest statue. *Nature* 425(6953):7.

Dar NI, Minhas RA, Zaman Q, Linkie M. 2009. Predicting the patterns, perceptions and causes of human-carnivore conflict in and around Machiara National Park, Pakistan. *Biological Conservation* 142:2076–2082.

Davis A, Wagner JR. 2003. Who knows? On the importance of identifying experts when researching local ecological knowledge. *Human Ecology* 31:463–489.

Davis S. 2002. The mammals and birds from the Gruta do Caldeirão, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5:29-98.

Dayer AA, Stinchfield HM, Manfredo MJ. 2007. Stories about wildlife: Developing an instrument for identifying wildlife value orientations cross-culturally. *Human Dimensions of Wildlife*, 12(5):307-315.

de Carvalho CN. 2014. Pegadas de lince-ibérico (*Lynx pardinus*) no Plistocénico Superior da Ilha do Pessegueiro (Portugal). *Comunicações Geológicas Especial I*:513-516.

de Castro EV. 1998. Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. *Journal of the Royal Anthropological Institute*:469-488.

de Mira JP. 1875. Um brado contra as monterias de cerco aos lobos na provincial do Alemtejo. Typ. de F.C. Bravo – Rua de Avis 23 e 25.

Decker DJ, Brown TL, Siemer WF. 2001. Human dimensions of wildlife management in North America. Bethesda, Maryland: The Wildlife Society.

Delibes M, Palomares F. 1999. El Lince iberico. EGMASA ed. Consejería de Medio Ambiente, Junta de Andalucía, Sevilla.

Delibes M, Rodríguez A, Ferreras P. 2000. Action plan for the conservation of the Iberian lynx in Europe (*Lynx pardinus*) (No. 111–115). Council of Europe.

Della Porta, G. 1597. *Magiae naturalis libri viginti, in quibus scientiarum naturalium divitiae, and deliciae demonstrantur.* Marnium C, Aubrium I (editors). Francofurti: Andreae Wecheli.

DeMello M. 2012. *Animals and society: an introduction to human-animal studies.* Columbia University Press. New York, Chichester, West Sussex.

Denscombe M. 2007. *The good research guide for small-scale social research projects,* New York: Open University Press.

DesChene M. 1997. Locating the Past. Pp. 66-85 in Gupta A, Ferguson J (editors): *Anthropological locations, boundaries and grounds of a field science.* London: University of California press.

Descola P. 2016. Biolatry: A Surrender of Understanding (Response to Ingold's 'A Naturalist Abroad in the Museum of Ontology'). *Anthropological Forum* 26(3):321-328.

Descola, P. 2004. Le sauvage et le domestique. *Communications* 76(1):17-39.

Descola P. 1996. Constructing natures: Symbolic ecology and social practice. Pp. 82-102 in Descola P, Pálsson G (editors): *Nature and Society: Anthropological Perspectives.* London: Routledge.

- Descola P. 2005. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.
- Detry C, Simon D, Fernandes M, Casas M, Frazão-Moreira A, Godoy J. 2012. Lynx and Man: importance of historical research for the future of a threatened species. Book of abstracts. First Zooarcheological Congress. University of Lisbon, p.11.
- Dias R. 2012. So many rabbits! Small animals' dietary role in the Mesolithic shellmidden of Cabeço da Amoreira (Muge, Central Portugal). Book of abstracts. First Zooarcheological Congress. University of Lisbon, p. 7.
- Daintith J, Martin EA. (editors). 2005. *A dictionary of science*. Fifth edition. Oxford University Press, USA.
- Dieterlen G. 1952. Classification des végétaux chez les Dogon. *Journal de la Société des Africanistes*, 22(1):115-158.
- Direitinho JR. 2007 [1994]. *Breviário das Más Inclinações*. Lisboa: Asa.
- Douglas M. 1957. Animals in Lele religious symbolism. *Africa* 27(01):46-58.
- Dr Vino. 2010. 'Every Time You Open a Screwcap, a Kitten Dies!' www.drvinho.com/2010/07/21/screwcap-wine-lynx-cork-wildlife (accessed 1 August 2015).
- Dressel S, Sandström C, Ericsson G. 2014. A meta-analysis of studies on attitudes toward bears and wolves across Europe 1976-2012. *Conservation Biology* 29(2):565-574.
- Druzhkova AS, Thalmann O, Trifonov VA, Leonard JA, Vorobieva NV, Ovodov ND, Graphodatsky AS, Wayne RK. 2013. Ancient DNA analysis affirms the canid from Altai as a primitive dog. *PLoS ONE* 8(3):e57754.
- Ellen R. 1979. Introductory essay. Pp. 1-32 in Ellen R, Reason D (editors): *Classifications in Their Social Context*. London: Academic Press.
- Ellen R. 1996. The cognitive geometry of nature: A contextual approach. Pp. 103-123 in Descola P, Pálsson G (editors): *Nature and Society. Anthropological Perspectives*. London: Routledge.
- Ellen R, Parkes P, Bicker A (editors). 2000. *Indigenous Environmental Knowledge and its Transformations: Critical Anthropological Perspectives (Studies in Environmental Anthropology)*. London: Routledge.
- Ellen R, Harris H. 1997. Concepts of indigenous environmental knowledge in scientific and development studies literature: A critical assessment, APFT, Project, Bureau de Sensibilisation.
- Ericsson G, Heberlein TA. 2003. Attitudes of hunters, locals, and the general public in Sweden now that the wolves are back. *Biological Conservation* 111(2):149-159.

Espírito-Santo C. 2007. Human dimensions in Iberian wolf management in Portugal: attitudes and beliefs of interest groups and the public toward a fragmented wolf population. M. Sc. Thesis. Memorial University of Newfoundland, St. John's, Canada. <http://research.library.mun.ca/10467/>.

Estevão JA. 1983. A florestação dos baldios. *Análise Social* 19(77-78-79):1157-1260.

Estrada E, Fernandez R, Ruiz J. 2009. Estudio de percepción social y actitud sobre el lince ibérico en las posibles áreas de reintroducción en Andalucía. La opinión de diversos colectivos sociales del área de Guadalmellato. Proyecto Life conservación y reintroducción del lince ibérico en Andalucía (Life 06/NAT/E209)

European Wilderness Society. 2013. Wolf mountains – wilderness in Europe. <http://wilderness-society.org/> (Accessed 16th August, 2014).

Evans-Pritchard E. 1940. *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. Clarendon Press.

Evelyn-White HG. 1914. *The Homeric Hymns and Homerica with an English Translation*. Cambridge MA: Harvard University Press.

Falzon MA. 2009. Introduction. Multi-sited Ethnography: Theory, Praxis and Locality in Contemporary Research. Pp. 1-23 in Falzon MA (editor): *Multi-sited Ethnography: Theory, Praxis and Locality in Contemporary Research*. Farham: Ashgate.

Fedriani JM, Palomares F, Delibes M. 1999. Niche relations among three sympatric Mediterranean carnivores. *Oecologia* 121(1):138–148.

Fenner F, Fantini B. 1999. *Biological control of vertebrate pests: The history of Myxomatosis, an experiment in evolution*. Oxford: CABI publishing.

Fernandes M. 2004. *Hora di Bau: Os cabo-verdianos e a morte. Uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*. Lisboa: Vega.

Fernandes M. 2006. *Terra de Catarina: do latifúndio à reforma agrária, ocupação de terras e relações sociais em Baleizão*. Celta.

Fernandes M, Casas M, Detry C, Davis S, Frazão-Moreira A, Godoy J. 2012. Lynx and Man: importance of historical research for the future of a threatened species. Pp. 11-12 in Detry C, Dias R (editors): *book of abstracts I Congresso Internacional de Zooarqueologia*.

Fernández N, Palomares F. 2000. The selection of breeding dens by the endangered Iberian lynx (*Lynx pardinus*): implications for its conservation. *Biological Conservation* 94:51–61.

Ferreira de Castro J. 1968 [1934]. *Terra Fria*. Lisboa: Guimaráes e C^a.

Ferreira O da Veiga, Trindade L. 1954. A necrópole do “Cabeço da Arruda”. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 38:193–212.

- Ferrer M, Negro JJ. 2004. The Near extinction of two large predators: superspecialists pay a price. *Conservation Biology* 18(2):344-349.
- Ferreras P, Aldama JJ, Beltrán JF, Delibes M. 1992. Rates and causes of mortality in a fragmented population of Iberian lynx *Felis pardina* Temminck, 1824. *Biological Conservation* 61(3):197-202.
- Ferreras P, Delibes M, Palomares F, Fedriani J, Calzada J, Revilla E. 2004. Proximate and Ultimate Causes of dispersal in the Iberian Lynx *Lynx Pardinus*. *Behavioral Ecology* 15(1):31-40.
- Ferreras P, Rodriguez A, Palomares F, Delibes M. 2010. Iberian lynx: the uncertain future of a critically endangered cat. Pp. 507-520 in Macdonald DW, Loveridge AJ (editors): *The Biology and Conservation of Wild felids*. Oxford: Oxford University Press.
- Figari H, Skogen K. 2011. Social representations of the wolf. *Acta Sociologica* 54(4):317-332.
- Fishbein M, Ajzen I. 1975. *Belief, attitude, intention and behaviour: An introduction to theory and research*, Reading, MA: Addison-Wesley.
- Flores NC (editor) 1996. *Animals in the Middle Ages*. New York: Routledge.
- Fox HE, Christian C, Nordby JC, Pergams OR, Peterson GD, Pyke CR. 2006. Perceived barriers to integrating social science and conservation. *Conservation Biology* 20(6):1817–1820.
- Frazão-Moreira A. 1994. Entre favas e ovelhas: categorias do mundo do adulto apreendidas pelas crianças numa aldeia do Alto Douro. *Educação, Sociedade e Culturas* 2:39-57.
- Frazão-Moreira A. 1999. *Apropriação Social da Natureza entre os Nalu da Guiné-Bissau: Etnobotânica num Contexto de Mudança*. Tese de doutoramento em Antropologia Social. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Frazão-Moreira A. 2001. As classificações botânicas Nalu (Guiné-Bissau): consensos e variabilidades. *Etnográfica* 1:131-155.
- Frazão-Moreira A, Carvalho AM, Martins E. 2009. Local ecological knowledge also ‘comes from books’: cultural change, landscape transformation and conservation of biodiversity in two protected areas in Portugal. *Anthropological Notebooks* 15(1):27–36.
- Frazão-Moreira A. 2009. *Plantas e pecadores, Percepções da Natureza em África*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Frazão-Moreira A. 2010. *Vivir en biodiversidad totale com leones, tigres o lobos*. Prefacio do catalogo exposição Museu Historia Natural de Madrid. Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino. Centro de publicaciones. Ministerio de Ciencia e Innovacion. Museo Nacional de Ciencias Naturales (eds).
- Frazão-Moreira A 2015. Ethnobiological research and ethnographic challenges in the “ecological era”. *Etnográfica* 19(3):605-624.

- Freitas Cruz JÁ. 1945. O problema venatório português. Lisboa: Coleção Venator, pp. 173-174.
- Friedberg C. 1970. Analyse de quelques groupements de végétaux comme introduction à l'étude de la classification botanique Bunaq. Pp. 1092-1131 in Pouillon J, Miranda P (editors): Échanges et Communications: Mélanges Offerts à Claude Lévi-Strauss, vol. II, The Hague e Paris: Mouton.
- Friedberg C. 1986. Classifications populaires des plantes et modes de connaissance. Pp. 21-52 in Tassy P. (editor): L'Ordre et la Diversité du Vivant. Paris: Fayard.
- Frömming UU. 2009. Kilimanjaro's melting glaciers: on the colonial and postcolonial perception and appropriation of African nature. *Etnográfica* 13(2):395-416.
- Gago A. 2010. Rio Homem. Lisboa: Edições Asa.
- Galhano-Alves JP. 2000. Vivre en Biodiversité Totale: des hommes, des grandes carnivores et des grandes herbivores sauvages. Deux études de cas: Loups au Portugal, Tigres en Inde. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Galhano-Alves JP. 2004. Man and wild boar: a study in Montesinho Natural Park, Portugal. *Galemys* 16:223-230.
- Gallagher P. 1994. "Coo-wha-chobee": The Cultural Significance of the Florida Panther to Native Americans. Pp. 6-12 in Jordan DB (editor): Proceedings of the Florida Panther Conference. Atlanta: U.S. Fish and Wildlife Service.
- Galvão H, Montês A, Freitas Cruz J. 1943. A caça no império português. Porto: Editorial Primeiro de Janeiro.
- Gamborg C, Jensen F. 2016. Wildlife Value Orientations: A Quantitative Study of the General Public in Denmark. *Human Dimensions of Wildlife* 21(1):34-46.
- Gangaas KE, Kaltenborn BP, Andreassen HP. 2013. Geo-spatial aspects of acceptance of illegal hunting of large carnivores in Scandinavia. *PLoS ONE* 8(7):e68849.
- García LP. 1942. La cueva del Parpallo (Gandia). Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas Instituto Diego Velasquez.
- Garrote G, López G, Gil-Sánchez JM, Rojas E, Ruiz M, Bueno JF, García-Tardío M. 2013. Human–felid conflict as a further handicap to the conservation of the critically endangered Iberian lynx. *European journal of wildlife research* 59(2):287-290.
- Garrote G, López G, Ruiz M, De Lillo S, Bueno JF, Simon MA. 2015. Effectiveness of electric fences as a means to prevent Iberian lynx (*Lynx pardinus*) predation on lambs. *Hystrix, the Italian Journal of Mammalogy* 26(1):61-62.
- Geertz C. 1973. Interpretation of Cultures, New York: Basic Books.

- Ghimire KB, Pimbert MP (editors) 2013. *Social change and conservation*. Routledge.
- Gibbon E. 1998 [1776]. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Ware, UK: Wordsworth.
- Gil-Sánchez JM, Ballesteros-Duperón E, Bueno-Segura JF. 2006. Feeding ecology of the Iberian lynx *Lynx pardinus* in eastern Sierra Morena (southern Spain). *Acta Theriologica* 51(1):85–90.
- Gil-Sanchez JM, Moral M, Bueno J, Rodriguez-Siles J, Lillo S, Perez J, Martin JM, Valenzuela G, Garrote G, Torralba B, Simon M. 2011. The use of camera trapping for estimating Iberian lynx home ranges. *European Journal of Wildlife Research* 57:1203-1211.
- Godelier M. 1978. La part ideelle du reel: essai sur l'ideologique. *L'homme* 18(3-4):155-188.
- Goldman H, Walsh M. 1997. A leopard in jeopardy: an anthropological survey of practices and beliefs which threaten the survival of the Zanzibar leopard (*Panthera pardus adersi*). Zanzibar Forestry Technical Paper 63.
- Goldman MJ, Roque de Pinho J, Perry J. 2010. Maintaining complex relations with large cats: Maasai and lions in Kenya and Tanzania. *Human Dimensions of Wildlife* 15(5):332–346.
- Goldman MJ, de Pinho JR, Perry J. 2013. Beyond ritual and economics: Maasai lion hunting and conservation politics. *Oryx* 47(4):1-11.
- Grande del Brio R. 1993. *El Lince ibérico (Lynx pardina) en Castilla y León*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Graves R. 1966. *Larousse Encyclopedia of Mythology*. London: Paul Hamlyn, p. 183.
- Gusset M, Maddock AH, Gunther GJ, Szykman M, Slotow R, Walters M, Somers MJ. 2008. Conflicting human interests over the re-introduction of endangered wild dogs in South Africa. *Biodiversity and Conservation* 17(1):83-101.
- Guzmán JN, García F, Garrote G, Ayala R, Iglesias C. 2002. *El lince ibérico (Lynx pardinus) en España y Portugal. Censo-diagnóstico de sus poblaciones*. Dirección General para la Biodiversidad, Madrid, Spain.
- Handler R. 1988. *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: The Wisconsin University Press.
- Hanzendock N, Brinkhuijsen M, Jong Ch, de Jonge H, Sijmons D. 2013. Report on Landscape and leisure. 7th Council of Europe Conference on the European Landscape Convention. Strasbourg: Council of Europe.
- Haraway DJ. 2008. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Hayward MW, Somers M. 2009. Reintroduction of top-order predators. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

He C. 2009. Poetic wolves and environmental imagination: Representations of wolf in recent Chinese literature. *Neohelicon* 36:397-410.

Hell B. 1996. Enraged hunters: the domain of the wild in north-western Europe. *Nature and society: Anthropological perspectives*, 205-217.

Hermann N, Voß C, Menzel S. 2013. Wildlife value orientations as predicting factors in support of reintroducing bison and of wolves migrating to Germany. *Journal for Nature Conservation* 21(3):125-132.

Hernandez F. 1651. *Rerum medicarum Novae Hispaniae thesaurus, seu, Plantarum animalium mineralium Mexicanorum historia*. Rome: Ex typographeio Vitalis Mascardi.

Herrmann TM, Schüttler E, Benavides P, Gálvez N, Söhn L, Palomo N. 2013. Values, animal symbolism, and human-animal relationships associated to two threatened felids in Mapuche and Chilean local narratives. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine* 9(1):41.

Hill MM, Hill A. 2000. *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Houaiss A. 2001. *Grande Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objectiva.

Hovardas T, Stamou GP. 2006. Structural and narrative reconstruction of rural residents' representations of 'nature', 'wildlife', and 'landscape'. *Biodiversity and Conservation* 15(5):1745-1770.

Hunn E. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist* 84(4):830-847.

Hurn S. 2012. *Humans and Other Animals: Cross-cultural Perspectives on Human-Animal Interactions*. London: Pluto.

Hurn S. 2009. Here be dragons? No, big cats! Predator symbolism in rural West Wales. *Anthropology Today* 25(1):6-11.

ICN. 2003. *Plano de ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana. Discussão pública. Resumo não técnico*.

ICNB. 2008. *Plano Sectorial da Rede Natura 2000 - Vol. I Relatório e Fichas de Sítios da Lista Nacional, MAOTDR, 547 - <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/rn-pt/rn-contin/sic-pt>*.

ICNF. 2012. *Cartografia para avaliação preliminar de áreas potenciais para reintroduzir lince-ibérico. Relatório não publicado 3/2012. DGAC – Centro e Alto Alentejo*.

ICNF. 2015. *Base de Dados das Zonas de Caça*. <http://www.icnf.pt/portal/caca/CacaPesquisa>.

INE. 2011. *Instituto Nacional de Estatística: Censos 2011 -<http://www.ine.pt/>*

INE. 2011b. Recenseamento Agrícola 2009 – Análise dos Principais Resultados. Volumes I, II e III. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

INE. 2012. Censos 2011 Resultados Definitivos – Região Centro. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Ingold T. 1988. *What is an Animal?* Vol. 1. London and New York: Routledge.

Ingold T 1992. Culture and the perception of the environment. Pp. 38-56 in Croll E, Parkin D (editors): *Bush Base: Forest Farm, Culture, Environment and Development*. London: Routledge.

Ingold T. 2003. Two reflections on ecological knowledge. Pp. 301-311 in Sanga G, Ortalli G (editors): *Nature Knowledge Ethnoscience, Cognition, and Utility*. New York: Berghahn Books.

Ingold T. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

Ingold T, Palsson G (editors). 2013. *Biosocial becomings: integrating social and biological anthropology*. Cambridge University Press.

Jacobs MH. 2007. Wildlife value orientations in the Netherlands. *Human Dimensions of Wildlife* 12(5):359-365.

Jaric J. 2010. The Barbarian Incursions on Macedonia in the Early Middle Ages: Defining Chronology, Geography and Factors. *Macedonian Historical Review* 1(1):5–25.

Jennbert K. 2006. The Heroized Dead: People, Animals, and Materiality. Pp. 135-140 in Andrén A, Jennbert K, Raudvere C (editors): *Scandinavian Death Rituals, AD 200–1000, Old Norse Religion in Long-term Perspectives: Origins, Changes, and Interactions – An International Conference in Lund, Sweden, June 3–7, 2004*. Lund: Nordic Academic Press.

Jesse L. 2000. *Wolves in Western Literature*. University of Tennessee Honors Thesis Project. http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1391&context=utk_chanhonoproj. (Accessed 3rd June 2014).

Jiménez Pérez I. 2005. ¿Qué sabemos sobre los factores que afectan al proceso de recuperación de fauna amenazada? Pp. 29-43 in Jiménez Pérez, Delibes de Castro (editors): *Al borde de la extinción: una visión integral de la recuperación de fauna amenazada en España*. Valencia: EVREN.

Johansson M, Karlsson J. 2011. Subjective experience of fear and the cognitive interpretation of large carnivores. *Human Dimensions of Wildlife* 16(1):15-29.

Johns D. 2009. *A new conservation politics: power, organization building, and effectiveness*. Oxford: John Wiley and Sons.

Johnson A. 1974. Ethnoecology and planting practices in a swidden agricultural system. *American Ethnologist* 1(1):87-101.

Johnson WE, Eizirik E, Pecon-Slattery J, Murphy WJ, Antunes A, Teeling E, O'Brien SJ. 2006. The late Miocene Radiation of Modern felidae: a genetic assessment. *Science* 311:73-77.

Joye Y, De Block A. 2011. 'Nature and I are Two': A Critical Examination of the Biophilia Hypothesis. *Environmental Values* 20(2):189-215.

Junqueiro A. 1900. Lóbis-homem. *Revista Mensal de Etnografia Ilustrada*. Serpa, Fevereiro.

Kahn PH, Lourenço O. 2002. Water, air, fire, and earth a Developmental Study in Portugal of Environmental Moral Reasoning. *Environment and Behavior* 34(4):405-430.

Kalof L, Pohl-Resl B. 2007. *Cultural History of Animals*. Oxford: Berg.

Kaltenborn BP, Bjerke T. 2002. The relationship of general life values to attitudes toward large carnivores. *Human Ecology Review* 9(1):55-61.

Keller E. 2008. The banana plant and the moon: Conservation and the Malagasy ethos of life in Masoala, Madagascar. *American Ethnologist* 35(4):650-664.

Kellert SR. 1996. *The Value of Life: Biological Diversity and Human Society*. Washington: Island Press.

Kellert SR, Black M, Rush CR, Bath AJ. 1996. Human culture and large carnivore conservation in North America. *Conservation Biology* 10(4):977-990.

Kellert SR. 1984. American attitudes toward and knowledge of animals: An update. Pp. 177-213 in Fox MW, Mickley LD (editors): *Advances in animal welfare science 1984/85*. Washington, DC: The Humane Society of the United States.

Kellert SR. 2012. *Birthright: People and nature in the modern world*. New Haven: Yale University Press.

Kempf C, Balestreri A, Wotschikowsky U, Fernex M. 1979. *Chez nous le lynx? Mythes et réalité*. Paris: Les guides Gesta.

Knight J. 2000. *Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective*. Routledge, London.

Knight J. 2006. *Waiting for Wolves in Japan: An Anthropological Study of People-Wildlife Relations*. Honolulu: University of Hawai'i Press.

Kohn E. 2009. A Conversation with Philippe Descola. *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America* 7(2):135.

Kottak CP. 1999. The new ecological anthropology. *American Anthropologist* 101(1):23-35.

Krause RJ, Vaccaro I, Aswani S. 2010. Challenges in building insect ethnobiological classifications in Roviana, Solomon Islands. *Journal of Ethnobiology* 30(2):308-320.

Lafuente R. 2008. Human attitude survey in potential Iberian lynx reintroduction areas in Sierra Morena. Pp. 66-69 in: *Proceedings of the III Iberian lynx conservation seminar*. 2008. Organised by Junta de Andalucía, Cat Specialist Group and Universidad de Huelva. November 17-19 Huelva, Spain.

Landau PS. 2002. Empires of the visual: photography and colonial administration in Africa. *Images and empires: visibility in colonial and postcolonial Africa*, 141-171.

Latour B. 2004. *Politics of Nature: How to Bring Sciences into Democracy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Leach E. 1964. Anthropological aspects of language: animal categories and verbal abuse. In Lenneberg EH (editor): *New direction in the study of language*. Cambridge, MA: The M.I.T. Press.

Leite de Vasconcelos J. 1936. *Etnografia Portuguesa*. Volume II. Livro I – A Terra de Portugal. Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa. 717pp.

Leite de Vasconcelos J. 1955. *Filologia Barranquenha*. Apontamentos para o seu estudo. Lisboa. Imprensa Nacional de Lisboa 217pp.

Leite de Vasconcelos J. 1985. *Etnografia Portuguesa*. Volume IX. 719pp

Lemos E. 1997. Os Animais como tema literário. Pp. 56-57 in Coelho JP (editor): *Dicionário de Literatura - 1º volume A/E*. Porto: Mário Figueirinhas Editor.

Lescureux N. 2007. *Maintenir la réciprocité pour mieux coexister? Ethnographie du récit kirghiz des relations dynamiques entre les hommes et les loups*. PhD thesis, Paris: Muséum National d'Histoire Naturelle.

Lescureux N, Linnell JD. 2010. Knowledge and perceptions of Macedonian hunters and herders: the influence of species specific ecology of bears, wolves, and lynx. *Human Ecology* 38(3):389-399.

Lescureux N, Linnell J, Mustafa S, Melovskia D, Stojanova A, Ivanova G, Avukatova V, Von Arx M, Breitenmoser U. 2011. Fear of the unknown: local knowledge and perceptions of the Eurasian lynx *Lynx lynx* in western Macedonia. *Oryx* 45(4):1-8.

Lestel D, Brunois F, Gaunet F. 2006. Etho-ethnology and ethno-ethology. *Social Science Information* 45(2):155-177.

Lévi-Strauss C. 1962. *Le totémisme aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France.

Lévi-Strauss C. 1983. *Le regard éloigné*, Paris: Plon.

Lévi-Strauss C. 1991. *Histoire de lynx*. Paris: Plon.

LIFELINCE. 2014. El Proyecto LIFE-lince: Conservación y reintroducción del lince ibérico (*Lynx pardinus*) en Andalucía - <http://www.lifelince.org/>.

Lindquist G. 2000. The wolf, the Saami and the urban shaman: predator symbolism in Sweden. Pp. 170-188 in Knight J (editor): *Natural Enemies: People-wildlife Conflicts in Anthropological Perspective*. London: Routledge.

Lockwood M. 2010. Good governance for terrestrial protected areas: A framework, principles and performance outcomes. *Journal of Environmental Management* 91(3):754-766.

Lopes AF. 2000. Contos e Lendas Populares e de Transmissão Oral na Serra da Adiça. Câmara Municipal de Beja.

Lopes-Fernandes M, Frazão-Moreira A. 2015. Lince-ibérico: o grande gato no real e no imaginário. In Penjon J, Pereira C (editors): *L'animal dans dans le monde lusophone: du réel à l'imaginaire*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.

Lopes-Fernandes M, Frazão-Moreira A. 2016. The (in)visibility of the Iberian lynx: from vermin to conservation emblem. *Anthropological Journal of European Cultures* 25(2):25–57.

Lopes-Fernandes M, Soares F, Frazão-Moreira A, Queiroz AI. 2016. Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature. *Anthrozoös* 29(1):5-20.

Lopes-Fernandes M, Frazão-Moreira A. 2017. Relating to the wild: Key actors' values and concerns about lynx reintroduction. *Land Use Policy* 66:278-287.

Lopes-Fernandes M, Espírito-Santo C, Frazão-Moreira A. The return of the Iberian lynx to Portugal: local voices. *Journal of Ethnobiology and ethnomedicine*. *In press*

Lopez B. 1978. *Man and Wolves*. New York: Scribner.

Luengo J. (s/d), *Heráldica oficial de la provincia de Sevilla* (Seville: Facediciones) <books.google.pt/books?id=nc8QefhIz8Cprintsec=frontcoverhl=pt-PTsource=gbs_ge_summary_recad=0#v=onepageeqef=false> (accessed 20 May 2016).

Lüthy C. 1996. Atomism, Lynceus, and the Fate of Seventeenth-century Microscopy. *Early Science and Medicine* 1(1):1–27.

Lynn WS. 2010. Discourse and wolves: Science, society, and ethics. *Society and Animals* 18:75-92.

Machado E. 1998. *Contos e poesia: Santo Aleixo da Restauração*. Edição de autor.

Machado FV. 1980. *Monografia de Vila Verde de Ficalho*. Edição da biblioteca Museu de Vila Verde de Ficalho.

Madeira J. 2008. A Política Agrícola Comum e o Percurso dos Sistemas de Agricultura de Sequeiro no Sul do Baixo Alentejo. Mestrado em Economia Agrária e Sociologia Rural. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia.

Maffi L (editor). 2001. On Biocultural Diversity: Linking Language, Knowledge, and the Environment. Washington: Smithsonian Institution Press.

Majic A, Bath AJ. 2010. Changes in attitudes toward wolves in Croatia. *Biological Conservation* 143(1):255-260.

Manfredo MJ, Teel TL, Henry KL. 2009. Linking society and environment: A multilevel model of shifting wildlife value orientations in the western United States. *Social Science Quarterly* 90(2):407-427.

Manfredo M, Teel T, Bright A. 2003. Why are public values toward wildlife changing? *Human Dimensions of Wildlife* 8(4):287-306.

Manso F. 1959. Caçadas aos Javalis pelo Dr. Framar. Guarda: Casa Véritas.

Marchini S, Macdonald DW. 2012. Predicting ranchers' intention to kill jaguars: case studies in Amazonia and Pantanal. *Biological Conservation* 147(1):213-221.

Marcus GE. 1995. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology* 24(1):95-117.

Martin G. 1995. *Ethnobotany: a methods manual*. London: Chapman and Hall. pp. 132-135, 210-221.

Martinez-Alier J. 2003. *The Environmentalism of the poor: a study of ecological conflicts and valuation*. Edward Elgar Publishing.

Martins A. 2009. Conhecimentos, atitudes e práticas dos sectores cinegético e do ambiente para com os mamíferos carnívoros de Portugal. Sinopse de Tese realizada no âmbito do Mestrado em Biologia da Conservação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Martins H. 2014. How do some humans fabricate biodiversity? An ethnographic approach on two natural protected areas in Portugal, Seminários CRIA, Lisboa (palestra).

Martins H, Mendes P. 2011. Conflicts and perception of environment in Natural Protected Areas. SIEF 10th Congress: Lisbon, Portugal. 17-21 April 2011.

Martins H. 2017. "We are the true architects of the Park!": (Non)participation, creativity and conflict in National Park Peneda-Gerês (Portugal). SIEF 13th Congress: Göttingen, Germany 26-30 March 2017.

Marvin G. 2000. The problem of foxes. Legitimate and illegitimate killing. Natural enemies: people-wildlife conflicts in anthropological perspective. London and New York: Taylor and Francis. pp. 189-211.

- Marvin G. 2012. *Wolf*. London: Reaktion Books.
- Mascia MB, Brosius JP. 2003. Conservation and the social sciences. *Conservation Biology* 17(3):649–650.
- Masseti M, Veracini C. 2009. John the Baptist's Spotted Felid Skin. Pp. 119-122 in Merlini V, Storti D (editors): *Leonardo, da Vinci; John, the Baptist Saint*. Catalog of an exhibition held at Palazzo Marino, Milan, Italy, Nov. 27-Dec. 27, 2009. 143 pp.
- Matsumoto D. 1996. *Culture and Modern Life*. Cengage Learning Eds.
- Mazur N. 2001. *After the ark?: environmental policy making and the zoo*. Melbourne: Melbourne University Publishing.
- McCauley DJ. 2006. Selling out on nature. *Nature* 443(7107):27–28.
- Mech LD, Boitani L. 2003. Wolf social ecology. Pp. 1-34 in Mech LD, Boitani L (editors): *Wolves: Behavior, Ecology, and Conservation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mech LD. 2012. Is science in danger of sanctifying the wolf? *Biological Conservation* 150:143-149.
- Milenkovic M. 2008. Large Carnivores as Added Value: Economic, Biological and Cultural Aspects. In Potts R, Hecker K (editors): *Coexistence of Large Carnivores and Humans; Threat or Benefit? Proceedings of the International Symposium Preciding the 54th CIC General Assembly (1 May 2007, Belgrade, Serbia, CIC International Council for Game and Wildlife Conservation)*.
- Milheiras S, Hodge I. 2011. Attitudes towards compensation for wolf damage to livestock in Viana do Castelo, North of Portugal. *Innovation: The European Journal of Social Science Research* 24(3):333-351
- Milton K. 2002. *Loving nature: towards an ecology of emotion*. London: Routledge.
- Milton K. 2013. *Environmentalism and cultural theory: Exploring the role of anthropology in environmental discourse*. London: Routledge.
- Monbiot G. 2015. 15 Species That Should Be Brought Back to Rewild Britain. *The Guardian*, 15 July. www.theguardian.com/environment/2015/jul/15/
- Monbiot G. 2013. *Feral: Searching for enchantment on the frontiers of rewilding*. Penguin UK.
- Morais A. 2005. *B.I. do Lobo*. Lisboa: Apenas Livros.
- Moreira L. 1998. *O Lobo no nordeste de Trás-os-Montes*. Viseu: João Azevedo Editor.
- Morris M. 2012. *Concise dictionary of social and cultural anthropology*. John Wiley & Sons.

Morrison P. 2008. Save This Amazing Forest Uncork a Bottle of Wine. Daily Mail, 29 November. <www.dailymail.co.uk/news/article-1090462/Save-amazing-forest---uncork-bottle-wine.htm>.

Morzillo AT, Mertig AG, Garner N, Liu J. 2007. Resident attitudes toward black bears and population recovery in east Texas. *Human Dimensions of Wildlife* 12(6):417–428.

Moscovici S. 1984. The phenomenon of social representations. Pp. 3-69 in Farr R, Moscovici S (editors): *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mouro C, Castro P, Bettencourt. 2013. A conservação do lince-ibérico e do abutre preto: relatório final do inquérito às comunidades locais. Apresentação powerpoint LiFE Lince-abutre LIFE 08/NAT/P/00027.

Mouro C, Emauz A, Duarte P, Gouveia R, Carvalho S. 2010. Gestão de recursos naturais, conservação da natureza e economia local - Relatório do workshop. In CIS (org.) *Recuperação do habitat do lince-ibérico no sitio Moura Barrancos - Accção E1, Projecto LIFE 06 NAT/P/000191*.

Mullin M. 2002. Animals and anthropology. *Society and Animals* 10(4):387-394.

Mullin MH. 1999. Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships. *Annual Review of Anthropology* 28:201-224.

Musiani M, Mamo C, Boitani L, Callaghan C, Gates CC, Mattei L, Volpi G. 2003. Wolf depredation trends and the use of fladry barriers to protect livestock in western North America. *Conservation Biology* 17(6):1538-1547.

Musiani M, Boitani L, Paquet PC (editors). 2009. *A New Era for Wolves and People: Wolf Recovery, Human Attitudes, and Policy*. University of Calgary Press.

Navarro L, Pereira H. 2015. Rewilding Abandoned Landscapes in Europe. Pp. 3-23 in Pereira H, Navarro L (editors): *Rewilding European Landscapes*. New York: Springer.

Nazarea V. 2006. Local Knowledge and Memory in Biodiversity Conservation. *Annual Review of Anthropology* 35:317–35.

Nilsen EB, Milner-Gulland EJ, Schofield L, Myrseth A, Stenseth NC, Coulson T. 2007. Wolf reintroduction to Scotland: public attitudes and consequences for red deer management. *Proceedings of the Royal Society of London B: Biological Sciences* 274(1612):995–1003.

Noss R. 1990. Indicators for Monitoring Biodiversity: A Hierarchical Approach. *Conservation Biology* 4(4):355-364.

O'Rourke E. 2000. The reintroduction and reinterpretation of the wild. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics* 13(1-2):145-165.

O'Rourke E. 2014. The reintroduction of the white-tailed sea eagle to Ireland: people and wildlife. *Land Use Policy* 38:129-137.

Ogden LA. 2008. Searching for paradise in the Florida Everglades. *Cultural Geographies* 15(2):207-229.

Ohnuki-Tierney E. 1990. The monkey as self in Japanese culture. *Culture Through Time: Anthropological Approaches*, 128-153.

Olcott WT. 1911. *Star lore of all ages: A collection of myths, legends, and facts concerning the constellations of the northern hemisphere*. GP Putnam's sons.

Orlove B, Brush B. 1996. Anthropology and the Conservation of Biodiversity, *Annual Review of Anthropology* 25:329-352.

Ortner S. 2011. On neoliberalism. *Anthropology of this Century* 1.

Palmeirim J, Palma L, Catarino F, Almaça C. 1980. Salvemos o lince e a serra da Malcata: Campanha nacional. *Bios* 21:1-11.

Palomares F, Ferreras P, Fedriani JM, Delibes M. 1996. Spatial relationships between Iberian lynx and other carnivores in an area of south-western Spain. *Journal of Applied Ecology* 33:5-13.

Palomares F. 2001. Vegetation structure and prey abundance requirements of the Iberian lynx: implications for the design of reserves and corridors. *Journal of Applied Ecology* 38:9-18.

Palomares F, Delibes M, Revilla E, Calzada J, Fedriani JM. 2001. Spatial ecology of the Iberian lynx and abundance of European rabbit in southwestern Spain. *Wildlife Monographs* 148:1-36.

Paulson N. 2014. Representing wildlife management: sustainable hunting narratives at the international wildlife museum. *Nature and Culture* 9(1):87-112.

Pedroso Lima A. 2003. *Grandes Famílias, grandes empresas: ensaio antropológico sobre uma elite de Lisboa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote,.

Pedroso JC. 1988. *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa e Outros Escritos Etnográficos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pereira O, Marques A. 2012. Reflexões Estratégicas de Desenvolvimento Local no Contexto da Preservação da Identidade de Penedos (Mértola). In VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto 19 a 22 de Junho 2012.

Pereira V. 2013. Das faunas às populações. Reflexos islâmicos do Castelo de Paderne. *Techne* 1(1).

Petrucci-Fonseca F. 1990. O lobo (*Canis lupus signatus* Cabrera, 1907) em Portugal. Problemática da sua conservação. PhD thesis, Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Pienaar EF, Kreye MM, Jacobs C. 2015. Conflicts between cattlemen and the Florida panther: Insights and policy recommendations from interviews with Florida cattlemen. *Human Ecology* 43(4):577-588.

Pimenta V, Barroso I, Alvares F et al. 2005. Situação populacional do lobo em Portugal: resultados do Censo Nacional 2002/2003. Relatório Técnico. Instituto da Conservação da Natureza / Grupo Lobo. Lisboa, 158 pp + Anexos.

Pinheiro EC. 2014. A Beira Interior: de mosaico de paisagens a região identitária. *Revista On-line do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior* 3.

Pinto B. 2000. Situação actual do lince-ibérico no sudoeste alentejano e barlavento algarvio. ICN/DHE. Relatório não publicado.

Pinto B. 2008. Historical Information of the Portuguese Protected Areas and its Implications for Management. Doutoramento em Engenharia do Ambiente. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa.

Pinto B, Partidário M. 2011. The History of the establishment and management philosophies of the Portuguese protected areas: Combining written records and Oral History. *Environmental Management* 49(4):788-801.

Pinto B, Aguiar C, Partidário M. 2010. Brief historical ecology of northern Portugal during the Holocene. *Environment and History* 16:3-42.

Pires AE, Fernandes ML. 2002. Last lynxes in Portugal? Molecular approaches in a pre-extinction scenario. *Conservation Genetics* 4:525-532

Pires Cabral AM. 1992. Crónica da Casa Ardida. Editorial Notícias

Pires E. 2006. «Nós, os Outros»: Sobre identidade e alteridade na fronteira de Portugal. *Questões Sociais Contemporâneas*.

Poncet A, Vogl CR, Weckerle CS. 2015. Folkbotanical classification: morphological, ecological and utilitarian characterization of plants in the Napf region, Switzerland. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 11(1):1.

PORNSM. 2003. Relatório de Ordenamento do Plano de Ordenamento da Reserva Natural da Serra da Malcata. Fase 3. Vol.II I, Lisboa: ICNF, Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente.

Portela J. 1985. Observação participante (reflexões sobre uma experiência). *Cadernos de Ciências Sociais* 3:157-176.

Posey D, Frechione J, Eddins J, Da Silva L, Myers D, Case D, Macbeath P. 1984. Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian development. *Human Organization* 43(2):95-107.

Posey D. 2001. Biological and cultural diversity: the inextricable, linked by language and politics. Pp. 379-396 in Maffi L (editor): *On Biocultural Diversity: Linking Language, Knowledge, and the Environment*. Washington: Smithsonian Institution Press.

Prehal B. 2011. *Freyja's Cats: Perspectives on Recent Viking Age Finds in Egjandadalur North Iceland*. Master's thesis (Hunter College of the City University of New York).

Queirós A. 2000. *A contribuição dos poetas e prosadores portugueses para a génese da moderna consciência ambientalista*. Tese de Mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Queiroz AI (Coord.), Alves PC, Barroso I, Beja P, Fernandes M, Freitas L, Mathias ML, Mira A, Palmeirim JM, Prieto R, Rainho A, Rodrigues L, Santos-Reis M, Sequeira, M. 2005. Fichas de caracterização – Mamíferos. Pp. 429-532 in: Cabral MJ, Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L, Santos-Reis M (editors): *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Queiroz AI. 2005a. *Os animais nos cenários literários aquilínianos*. Coleção “À mão de respigar”. Lisboa: Apenas Livros.

Queiroz AI. 2005b. Building landscape memory through combined sources: commons afforestation in Portugal. *From Landscape Research to Landscape Planning: Aspects of Integration, Education, and Application*, 335-344.

Queiroz AI. 2007. *A Paisagem de Terras do Demo*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Queiroz AI. 2010. Convite para as paisagens literárias urbanas. 2º workshop de Investigação As Cidades. Próximo futuro. Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea.

Queiroz AI, Lopes-Fernandes M, Soares F. 2013. The portuguese literary wolf. *Literary and Linguistic Computing* 28(4):1-17.

Raadik J, Cottrell S. 2007. Wildlife value orientations: An Estonian case study. *Human Dimensions of Wildlife* 12(5):347-357.

Ragache C. 1989. *Os Lobos - Mitos e Lendas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Rappaport RA. 1967. Ritual regulation of environmental relations among a New Guinea people. *Ethnology* 6(1):17-30.

Reading RP, Kellert SR. 1993. Attitudes toward a proposed blackfooted ferret (*Mustela nigripes*) reintroduction. *Conservation Biology* 7:569-580.

Reau, L 1955. *Iconographie de L'art chretien*. Tome premier. Paris: Presses Universitaires de France. p. 94.

- Reddy CS, Yosef R. 2016. Living on the Edge: Attitudes of Rural Communities toward Bengal Tigers (*Panthera tigris*) in Central India. *Anthrozoös* 29(2):311-322.
- Redford KH. 1991. The ecologically noble savage. *Cultural Survival Quarterly* 15(1):46-48.
- Redpath SM, Bhatia S, Young J. 2015. Tilting at wildlife: reconsidering human–wildlife conflict. *Oryx* 49(02):222-225.
- Revez J. 2013. Turismo, Território e Desenvolvimento Local – Práticas de Participação e Governança no Baixo Guadiana. Doutoramento em Turismo. Faculdade de Economia. Universidade do Algarve.
- Reynolds JC, Tapper SC. 1996. Control of mammalian predators in game management and conservation. *Mammal Review* 26(2-3):127-155.
- Rheinheimer M. 1995. The belief in werewolves and the extermination of real wolves in Schleswig-Holstein. *Scandinavian Journal of History* 20(4):281-294.
- Ribeiro A. 1958. O Malhadinhas. A Mina de Diamantes. Obras completas de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Bertrand Editora. p. 208.
- Ribeiro A. [1924] 2003. O Romance da Raposa Lisboa: Bertrand.
- Ribeiro A. 1935. António das Arábias e o seu cão Pilatas. In *Quando ao Gavião Cai a Pena*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Ribeiro A. 1968 [1944]. O Homem da Nave. Lisboa: Bertrand Editora.
- Ribeiro A. 1974 [1957]. A Casa Grande de Romarigães. Lisboa: Bertrand Editora.
- Ribeiro A. 1983 [1958]. Quando os Lobos Uivam. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Ribeiro O. 1987. Introdução ao estudo da geografia regional. Coleção Humanismo e Ciência/3. Ed. Sá da Costa, Lisboa.
- Ribeiro CSM. 2012. Sustentabilidade, turismo e áreas protegidas: a abordagem da resiliência no contexto do Parque Natural Vale do Guadiana. Lisboa: ISA, 115 p.
- Robisch SK. 2009. *Wolves and the Wolf Myth in American Literature*. Reno: University of Nevada Press.
- Rodríguez A, Delibes M. 2003. Population fragmentation and extinction in the Iberian lynx. *Biological Conservation* 109(3):321–331.
- Rodríguez A, Calzada J. 2015. *Lynx pardinus*. The IUCN red list of threatened species. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-2.RLTS.T12520A50655794.en>.

Rodríguez-Varela R, García N, Nores C, Álvarez-Lao D, Barnett R, Arsuaga JL, Valdiosera C. 2016. Ancient DNA reveals past existence of Eurasian lynx in Spain. *Journal of Zoology* 298(2):94-102.

Roque de Pinho J. 1959. Situation du lynx au Portugal. Pp. 131-132 in Conseil International de la Chasse: VIIIeme Assemblée Generale. Vienna 20-25 Mai.

Roque S, Álvares F, Petrucci-Fonseca F. 2001. Utilización espacio-temporal y hábitos alimentarios de un grupo reproductor de lobos en el Noroeste de Portugal. *Galemys* 13:179-198.

Rosa EA, Machlis GE. 2002. It's a bad thing to make one thing into two: disciplinary distinctions as trained incapacities. *Society and Natural Resources* 15:251-261.

Rosa HD, Da Silva JM. 2005. From environmental ethics to nature conservation policy: Natura 2000 and the burden of proof. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics* 18(2):107-130.

Roxo MJ. 1994. A acção antrópica no processo de degradação de solos: a serra de Serpa e Mértola. Tese de doutoramento.

Rowland R. 1987. Antropologia, história e diferença: alguns aspectos. Edições Afrontamento.

Sá GJDS. 2017. The return of what never left: animals present in future natures. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* 14(2).

Sabater A, Delibes M, Palomares F. 1999. El Lince ibérico. Empresa de Gestión Medioambiental.

Sacarrão G. 1959. O conceito de nocivo, *Protecção da Natureza* 2:5-8.

Sandbrook C. 2015. What is conservation? *Oryx* 49(04):565-566.

Santamarina Campos B, Ramiro J. 2013. Lugares rurales versus espacios naturalizados. *Revista de antropología iberoamericana* 8(1):112-38.

Santos-Reis M. 2002. De novo no rasto do lince-ibérico. *Naturlink* <http://naturlink.sapo.pt/>.

Sarmento P, Cruz J, Tarroso P, Gonçalves P. 2001. Recuperação do habitat e presas do lince-ibérico na Serra da Malcata. Project LIFE Habitats. 2º Relatório de Progresso. ICN/RNSM. Relatório não publicado.

Sarmento P, Cruz J, Monterroso P, Tarroso P, Ferreira C, Negrões N, Eira C. 2009. Status Survey of the Critically Endangered Iberian Lynx *Lynx pardinus* in Portugal. *European Journal of Wildlife Research* 55(3):247-53.

Saunders NJ. 1998. Icons of power: feline symbolism in the Americas. London and New York: Routledge.

Sax B. 2001. *The Mythical Zoo: An Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend, and Literature*. Santa Barbara: ABC-CLIO.

Sayes E. 2014. Actor–Network theory and methodology: Just what does it mean to say that nonhumans have agency? *Social Studies of Science* 44(1):134-149.

Schiff M. 1970. Some theoretical aspects of attitudes and perception. Toronto, Ont.: Department of Geography, University of Toronto.

Schröder J. 1644. *Pharmacopoeia Medico-Chymica*. Book V Chapter I “de animalibus”. XXVI.

Schwartz C, Swenson J, Miller S. 2003. Large Carnivores, Moose and Humans: A Changing Paradigm of Predator Management in the 21st Century *Alces* 39:41–63.

Schwartz T. 1975. Cultural Totemism: Ethnic Identity Primitive and Modern. Pp.106-131 in De Vos G, Romanucci-Ross L (editors): *Ethnic Identity: Cultural Continuities and Change* Palo Alto, CA: Mayfield.

Sillitoe P, Filer C. 2014. What local people want with forests: ideologies and attitudes in Papua New Guinea. Pp. 201-220 in Gilberthorpe E, Hilson G (editors): *Natural resource extraction and indigenous livelihoods. Development challenges in an era of globalization*. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited.

Silva M Cardeira da, Frazão-Moreira A. 2013. Colecionistas, turistas, caçadores e outros supostos predadores. Pp. 112-133 in Silva M Cardeira da, Saraiva MC (editors): *As Lições de Jill Dias. Antropologia, História, África, Academia*. Lisboa: CRIA.

Simón M et al. 2012. Ten years conserving the Iberian lynx. Seville: Consejería de Agricultura, Pesca y Medio Ambiente. Sevilla: Junta de Andalucía.

Simon M, Gil-Sánchez J, Ruiz G, Garrote G, McCain E, Fernandez L, Lopez G. 2012. Reverse of the Decline of the Endangered Iberian Lynx. *Conservation Biology* 26(4):731–6.

Singer P. 1995. *Animal liberation*. Random House.

Slotow R, Hunter LT. 2009. Reintroduction decisions taken at the incorrect social scale devalue their conservation contribution: the African lion in South Africa. Pp. 43-71 in Hayward MW, Somers MJ (editors): *Reintroduction of top-order predators*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

Smith DJ, O’Donoghue P, Convery I, Eagle A, Piper S. 2016. Reintroduction of the Eurasian lynx to the United Kingdom: results of a public survey. <http://www.lynxuk.org/publications/lynxinterimsurvey.pdf>.

Smith RJ, Veríssimo D, Leader-Williams N, Cowling RM, Knight AT. 2009. Let the locals lead. *Nature* 462(7271):280-281

Soares F. 2010. Antropologia e conservação da natureza: o caso de uma possível reintrodução de espécies outrora emblemáticas no Parque Natural da Serra da Estrela. Dissertação de Mestrado em Antropologia /área de especialização de Natureza e Conservação. FCSH. UNL. 104pp e anexos.

Sobral L. 1998. Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620–1708. Lisbon: Instituto Português do Património Arquitectónico.

Soorae PS. 2016. Global re-introduction perspectives: 2016. Case-studies from around the globe. Gland, Switzerland: IUCN/SSC Re-introduction Specialist Group, and Abu Dhabi, AE: Environment Agency-Abu Dhabi.

Soulé ME. 1993. Biophilia: unanswered questions. In Kellert SR, Wilson EO (editors): The biophilia hypothesis.

Sousa C, Frazão-Moreira A, Gonçalves P. 2010. Ethnoprimateology and Conservation. The case of chimpanzee conservation in two protected areas of Guinea-Bissau, 12th International Congress of Ethnobiology, Tofino (Canadá), May.

Spash CL. 2008. How much is that ecosystem in the window? The one with the bio-diverse trail. *Environmental Values*, 259-284.

Speidel M. 2004. *Ancient Germanic Warriors: Warrior Styles from Trajan's Column to Icelandic Sagas*. London: Routledge.

Spradley J. 1979. *Ethnographic Interview*. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston.

Strabo G. 1924. Chapter 7, Book 7. in Jones HL (editor): *The Geography of Strabo*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Strang V. 1997. *Uncommon ground: cultural landscapes and environmental values*. Berg Publisher Ltd.

Sunquist M, Sunquist F. 2002. *Wild cats of the world*. Chicago, London: University of Chicago Press.

Tallis H, Kareiva P, Marvier M, Chang A. 2008. An ecosystem services framework to support both practical conservation and economic development. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 105(28):9457-9464.

Teel TL, Manfredo MJ, Stinchfield HM. 2007. The need and theoretical basis for exploring wildlife value orientations cross-culturally. *Human Dimensions of Wildlife* 12(5):297-305.

Temple HJ, Cuttelod A. 2009. *The Status and distribution of Mediterranean Mammals*. Gland, Switzerland & Cambridge, UK: IUCN.

Thomas K. 1991. *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England 1500–1800*. Harmondsworth, UK: Penguin.

Throop P. 2005. Isidore of Seville's etymologies: the complete translation of *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive originum. Libri XX, pp. XII 2.20*.

Toledo V. 1992. What is Ethnoecology? Origins, scope, and implications of a rising discipline. *Etnoecológica* 1:5-21.

Toledo VM. 2000. Indigenous knowledge of soils: an ethnoecological conceptualization. Pp. 1-9 in Barrera Bassols N, Zinck JA (editors): *Ethnopedology in a Worldwide Perspective*. International Institute for Aerospace and Earth Sciences. Enschede, Holland.

Toledo V. 2001. Biodiversity and indigenous peoples. Pp. 451-463 in Levin SA (editor): *Encyclopedia of Biodiversity*. San Diego, CA: Academic Press.

Toledo V. 2002. Ethnoecology. A conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature. Pp. 511-522 in Stepp J, Wyndham F, Zarger R (editors): *Ethnobiology and Biocultural Diversity*. Athens: International Society of Ethnobiology.

Toledo VM, Barrera-Bassols N. 2008. *La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales* (Vol. 3). Icaria Editorial.

Tosello G. 2003. *Pierres gravées du Périgord magdalénien: Art, symboles, territoires*. Paris: CNRS.

Toynbee JM. 1973. *Animals in Roman life and art* (Vol. 3). Ithaca; New York: Cornell University Press.

Travassos Lopes JQ. 1899. *Histórias de Animaes*. Volume III. Lisbon; Antonio Maria Pereira Livraria Editora, p. 38.

Tremblay P. 2002. Tourism wildlife icons: Attractions or marketing symbols? [online]. Pp. 624-638 in CAUTHE 2002: *Tourism and Hospitality on the Edge*; Proceedings of the 2002 CAUTHE conference. Lismore, NSW: Edith Cowan University Press.

Tress B, Tress G. 2001. Capitalising on multiplicity: a transdisciplinary systems approach to landscape research. *Landscape and Urban Planning* 57:143-157.

Tsing AL. 2005. *Friction. An Ethnography of Global Connections*. Princeton: Princeton University Press, Pp. 27-50.

Tuan Y. 2013. *Topophilia: A Study of Environmental Perceptions, Attitudes, and Values*. New York: Columbia University Press.

Valverde JÁ. 1957. Notes écologiques sur le lynx d'Espagne feus *Lynx Pardina temminck*. *Terre Vie*: Pp. 51-67.

Van den Born RJ, Lenders RH, De Groot WT, Huijsman E. 2001. The new biophilia: an exploration of visions of nature in Western countries. *Environmental conservation* 28(01):65-75.

Van Horn G. 2012. The Making of a Wilderness Icon: Green Fire, Charismatic Species, and the Changing Status of Wolves in the United States. Pp. 203-237 in Ross A, Valley A (editors): *Animals and the Human Imagination: A Companion to Animal Studies*. New York: Columbia University Press.

Vargas A, Sánchez I, Martínez F, Rivas A, Godoy JA, Roldán E, Simón MA et al. 2008. The Iberian lynx *Lynx pardinus* conservation breeding program. *International Zoo Yearbook* 42(1):190–198.

Vasconcellos JL. 1882. *Tradições Populares de Portugal*. Porto: Livraria Portuense de Clavel e Ca.

Vasconcellos JL. 1905. *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Veiga J. 2000. *Desenvolvimento e Território*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia.

Vergílio Ferreira J. 1979 [1949]. *Mudança*. Amadora: Livraria Bertrand.

Veríssimo D, Fraser I, Girão W, Campos AA, Smith RJ, MacMillan DC. 2014. Evaluating conservation flagships and flagship fleets. *Conservation Letters* 7(3):263-270.

Vigne J. 2011. The Origins of Animal Domestication and Husbandry: A Major Change in the History of Humanity and the Biosphere. *Comptes Rendus Biologies* 334(3):171–81.

Vila C, Savolainen P, Maldonado JE, Amorim IR, Rice JE. 1997. Multiple and ancient origins of the domestic dog. *Science* 276:1687–1689.

Virgós E, Lozano J, Cabezas-Díaz S, Macdonald DW, Zalewski A, Atienza JC (...) Johnson PJ. 2016. A poor international standard for trap selectivity threatens carnivore conservation. *Biodiversity and Conservation* 25(8):1409-1419.

Viveiros de Castro E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* 2(2):115-144.

Viveiros de Castro E. 1998. Cosmological deixis and Amerindian perspectivism. *Journal of the Royal Anthropological Institute*: 469-488.

Wallach AD, Izhaki I, Toms JD, Ripple WJ, Shanas U. 2015. What is an apex predator? *Oikos* 124(11):1453-1461.

Ward D. 2004. The Iberian lynx emergency. EU commissioned report. http://www.lifeline.org/public/Ward_REP_The_Iberian_lynx_emergency.pdf.

West P, Igoe J, Brockington D. 2006. Parks and peoples: the social impact of protected areas. *Annual Review of Anthropology* 35:251–277.

Williams CK, Ericsson G, Heberlein TA. 2002. A quantitative summary of attitudes toward wolves and their reintroduction (1972-2000). *Wildlife Society Bulletin* 30(2):575–584.

Wilson C. 2004. Could We Live with Reintroduced Large Carnivores in the UK? *Mammal Review* 34(3):211–32.

Wilson EO. 1984. *Biophilia*. Cambridge MA:Harvard University Press.

WWF Global (n.d.), Cork Oak. <wwf.panda.org/what_we_do/endangered_species/cork_oak>

Wynn T, Coolidge F, Overmann K, Bright M. 2013. The Lion-Man and the Evolution of the Human Mind. Pp. 148-149 in *Ulmer Museum: The Return of the Lion Man: History, Myth, Magic*. Ulm: Ulmer Museum.

Young JC, Jordan A, Searle KR, Butler A, Chapman DS, Simmons P, Watt AD. 2013. Does stakeholder involvement really benefit biodiversity conservation? *Biological Conservation* 158:359–370.

Youngblood D. 2007. Multidisciplinarity, interdisciplinarity, and bridging disciplines: A matter of process. *Journal of Research Practice* 3(2):18.

Zimmermann A. 2015. A range-wide analysis of human-jaguar conflict. P. 774 in *27th International congress for conservation biology*. Organised by Society for Conservation Biology. Montpellier, France. August 2–6.

Zalasiewicz J, Crutzen PJ, Steffen W. 2012. The Anthropocene. *The Geologic Time Scale*: 1033-1040.

ANEXOS

**Anexo 1 – Conjunto de imagens seleccionadas para categorização empírica
(apresentados sem ordem prévia e com o mesmo tamanho de cartão)**



Anexo 2 – Guião das entrevistas realizadas Moura-Barrancos e Guadiana entre 2012 e 2014

1. Perfil	
Nome	Idade
Quanto tempo reside aqui na região?	
Estudou fora?	
História de vida.	
É caçador?	
Gestor: Nome da zona de caça	
Proprietário: Nome Herdade(s)	área
(ha)	
História da herdade	
2. Passado dos habitats naturais; da abundância e diversidade das espécies; Normativa: razões para mudanças e responsabilidade da decisão:	
Gostava que me falasse do que mais mudou nesta paisagem Como era o mato, os campos de cultivo, a floresta, que território ocupavam?	
SE for referido um processo como florestação, construção barragens, etc: Foram os proprietários que decidiram? Porque razões?	
Que outras actividades e mudanças se lembra? A caça mudou?	
SE o tema do tipo de caça surgir: Qual o tipo de caça que prefere? Porquê?	
E animais selvagens, que bicheza aí vive? Ou vivia? Havia mais, menos ou igual?	
3. Conhecimento ecológico – classificação empírica, conhecimento da espécie,	
APRESENTAR CARTÕES E PEDIR PARA RECONHER OS ANIMAIS (ouvir descrições sem influenciar ou referir nomes)	
Animais bravos reconhecidos:	
Todos carnívoros todos com excepção mustelídeos só raposa e saca-rabos espécies	
INTRODUZIR QUESTÃO DO LINCE	
Já viu lince?	Como foi?

O que lhe chamou mais a atenção na morfologia/ no aspecto físico do animal?

Sabe de outras pessoas que viram?

Onde ouviu falar de lince? TV? Projecto? O quê?

SE for referido medo - Acha que lince é **perigoso** para pessoas?

Que outros animais são perigosos? E o lobo?

Acha que existia lince aqui antigamente?

SE há conhecimento local da espécie - Contam-se aqui **histórias** destes animais? Quem lha contou? Há ditos sobre bichos nesta região?

Gostava que me falasse do que conhece do lince. Tem ideia do que come? (quanto?), Que ideia tem do território de um lince? Quanto acha que nesta zona ocuparia (um casal)? Acha que vive sozinho ou não? Sabe quando criam? Acha que ele tem influência sobre outras espécies/ outros bichos (dos cartões)? Em que tipo de habitat acha que se pode ver lince?

4. Usos e percepções sobre predadores

O que é que as pessoas costumam fazer a bichos deste tipo?

Costumavam caçá-las? E depois o que se aproveitava?

E a caça como era, faziam batidas às raposas, ainda fazem?

E com armadilhas também capturavam?

GUARDAS: Usavam-se também **ferros**? Conhece antigos **bicheiros**?

Como aprendeu a **montá-las**?

5. Reintrodução

SE referido existir antes - Porque é que acha que desapareceu o lince?

Gostava de voltar a ver esta espécie?

Acha que ela podia viver aqui na região?

Onde, em que áreas?

Isso é uma área pública ou privada?

E aqui na região há áreas públicas? E de uma forma geral, na sua opinião, por princípio, deveria ser reintroduzido em áreas públicas ou privadas?

Porquê?

SE as pessoas referirem andam largar bichos: Tem ideia que **largam** animais?

Quem é que os larga?

Que ideia tem destes processos de reintrodução, de largar animais, como é que isso se passa?

Acha que haveria diferenças para as pessoas se os lince viverem aqui?

Quais? Qual lhe parece ser a maior vantagem na reintrodução?

Que oportunidades lhe parece que lince pode trazer?

PROPRIETÁRIOS: Que significaria para a sua herdade ser dos primeiros locais onde fossem libertados animais?

E que desvantagens?

E lobos também acha que poderiam ser reintroduzidos?

SE o tema pertença à natureza surgir: o que é que pertence à natureza? o que é que não pertence à natureza?

As pessoas pertencem à natureza? Os predadores pertencem à natureza? e o lince? e o lobo?

Acha que os predadores têm alma? Qual é o animal mais inteligente para si?

6. Processos de conservação

Como foi o processo de criação da rede natura 2000 (Moura-Barrancos)/ do Parque Natural (Gadiana)? Como reagiram as pessoas?

Acha que elas queriam ter participado no processo?

Gostava de participar/ acha que as pessoas gostariam de participar no processo de reintrodução do lince, nessa decisão?

Como é que acha que isso poderia ser organizado? Reuniões?

Isso já aconteceu noutros assuntos aqui da região/ da freguesia por exemplo?

GESTOR CINEGÉTICO/PROPRIETÁRIO: Vê-se representado por alguma organização nacional do sector cinegético (Federação alentejana de caçadores, ANPC, Fençaça)? Esta zona de caça pertence a alguma?

AGRICULTORES e PROPRIETÁRIOS: Conhece as medidas ITI, uma medida silvo ambiental para o lince? O que achou dessa medida?

Como acha que devia ser para funcionar para os agricultores e proprietários?

Há ambientalistas nesta região? Associações?

Já ouvir falar de projectos de conservação do lince em curso como LIFE Lince abutre, IBERLINCE?

Cruza-se com pessoal no campo?

Que impressão tem desses projectos?

Que impressão tem do ICN?

Como são as relações das pessoas com as instituições CCDR, ex- AFN...?

AGRUPE por favor DE FORMA LIVRE ESTES CARTÕES – não há uma forma correcta, não tem que ser a forma científica, não há uma só forma, pode fazer mais do que uma maneira de grupos

Resumidamente, como acha que vai ser o futuro desta região, paisagem, habitats, pessoas, actividades e animais selvagens?

Anexo 3 - Painéis que resumem parte dos resultados da pesquisa e ficaram em exposição a partir de 22/09/2017, no Parque Natural do Vale do Guadiana área de estudo. O primeiro painel foi integrado na exposição “No caminho do lince-ibérico” (Castelo Silves, Câmara Municipal de Silves e ICNF, inaugurada a 16/12/2014)



No passado, as pessoas partilharam territórios com o lince. Os encontros com a espécie chegaram até aos dias de hoje na memória de alguns. Foram animais avistados com surpresa e muitas vezes abatidos - era prática na época caçar predadores. Quem os viu recorda-se da sua beleza, raridade, de como os mais velhos os identificavam. Lembram-se das áreas onde viviam e de que havia mais abundância de coelho-bravo, menos javalis e o saca-rabão não se conhecia. Consideraram-se afortunados por terem vivido esse tempo e quase todos gostariam de voltar a observar um lince nas suas terras.

In the past, people shared territories with the Lynx. Encounters with the species have come down to the present day in the memories of some. Animals were observed with surprise, and often killed - hunting predators was common practice at the time. The ones who saw them remember their beauty, their rarity, and how the older people identified them. They remember the areas where lynxes lived and that there were more wild rabbits, less wild boars, and that mongooses were unknown. They feel fortunate for having lived at that time and almost all of them would like once more to see a lynx on their lands.

**Linces e pessoas, encontros e perspectivas
Lynx and people, encounters and prospects**



Bento Torre, 81 anos/years
Santo Aleixo da Restauração

"Vi (linces), então, quando era mais novo que caçava, via-os, tinham-os aqui, antes via-os no mato, nunca chegou a matar nenhum, porque pronto, era um bicho raro (...). Esses bichos que estão aí camonhos, na zona onde o lince costava eles "virem" pouco, porque têm medo do lince o lince é um bicho forte, muito forte e por isso que esses bichos não são lá muito frequentes (...). Não sei se ele voltará venço lá ou se gostava muito de o ver por aqui assim, é um bicho muito bonito (...)."
I used to see lynxes when I was younger and was a hunter (...). I used to see them here but I never killed any because, well, it was a rare animal (...). In the area where the lynx goes the other animals (camonhos) don't appear much, because they are afraid of the lynx, the lynx is a strong animal (...). It is said that he will come back, but I see I would very much like to see it around here, it is a very pretty animal (...).



Alberto Fernandes, 84 anos/years
Moura

"Era o lince vira-se logo, pincelinhos, o corpo, o andar deambulando assim (...). Tive pouca sorte (...) não fui eu, por acaso nunca atirei (...). Era assim parecia um tigre, lindo, lindo, uma ternidade do cima para o amaldiçoado, mas grande, espalento para o grande, corpo, muito, extraordinário, um exemplar que era uma coisa linda (...). Estou convencido que podia ver o lince ou o lince (...)."
"It was a lynx, we could see it straight away, like tufts, the body and the wandering walk (...). It was unlucky (...), it was not me who shot it (...). It looked like a tiger, beautiful, gorgeous, a tonality between grey and yellow, but big, spuliant, male, extraordinary (...). I am convinced that the lynx could see again."



Mário Barros, 80 anos/years
Moura

O Presidente Américo Tomás veio caçar à Contenda (...). e por acaso comigo é que veio ter o lince, parou à minha frente e a uma vista a cal metros (...). andava assim com as garras depois parou, sentou-se ali calmamente, eu estava muito quieto. Depois houve uns tiros e uma raposa numa das portas ao lado, eu então fugi (...). É dos animais fantásticos que nós temos da nossa fauna da Península Ibérica."
The President Américo Tomás came to hunt in Contenda (...). and by chance the lynx came to where I was, stopped in front of me some 20 meters away (...). It had a waddling walk and then sat there calmly, I was very still. Then there were shots at a fox nearby, and he ran away (...). It is one of the fantastic animals we have in our Iberian fauna."



Lúcia Acabado, 56 anos/years
Vila Verde de Ficalho

Foi há 52 anos (...) a minha irmã teve medo, foi ao adeamento (...) aconteceu que havia muitos capadões e ver o lince (...). Depois, mais tarde, em adulta, vi-me cometas, o meu pai sorriera e falava nesse dia, que havia muitos nessa altura (...). Não sei se foi aqui que começou a minha história com lince (...) eu gostei muito do campo e mesmo quando anobocava eu procurava sempre animais, senti que se podia aproximar um animal (...). Depois, à adulta, tive sempre interesse no lince. Acho que eu alguma vez que o lince seja alguma vez visto a cidade, a terra talvez se desenvolva melhor."
It was 52 years ago (...) my sister was afraid, I was the adventurer (...). I remember there were many hunters who saw the lynx (...). Later, in many conversations my father talked about that day, smiled and said these were many at that time (...). I am not sure if it was then that my story with the lynx started (...). I love the countryside and when it got dark I always looked for animals (...). I was always interested in the lynx. I think that if somebody wants the lynx to be seen and to breed here again, these hills have the best conditions."



Carlos Raposo, 74 anos/years
Moura

"Vi até hoje cinco linces, dois estiveram na minha frente com possibilidade de atirar, estava numa baída de raposa e outra ao javali, não atirei porque achei que não devia, conhecia as dificuldades de reprodução e a pouca densidade do lince aqui no nosso zona. E sabe que tive à minha frente foi no Balcão dos Marquês, eram linces que vinham de Espanha, passaram pela Contenda e depois deixaram o Murtigão e como ali havia muito coelho (...), teria os linces seriam algum sopro, alguma comida (...)."
Until today I have seen five lynxes, two were in front of me and I could have shot them (...). I didn't because I thought I shouldn't, I knew the difficulties of reproduction and the low density of lynxes in our area. And I know which I saw was lynxes that came from Spain, they passed Contenda and then came down Murtigão, and as there was a lot of wild rabbit there, the lynxes come when there is some food."



Bento Sargento, 80 anos/years
Vila Verde de Ficalho

Aqui, antigamente, era tudo mato e chama-se o Cabeço da Frígua e ao lado onde havia mais coelhos (...). Foi em 1958/59 (...) julgá-vamos que era uma raposa, com a espigarda de um cano (...). mas aí, não me foi matar um tigre (...). Não curto e a cabeça tal qual e de um gato tal como está aqui (foto do lince).
Here, in the older days, it was all woodland and it was the place where there were more rabbits (...). It was in 1958/59, we thought it was a fox, with a shotgun (...). I had that one and no other, I brought it back to the village, a beautiful animal, gorgeous (...). When I saw it I thought I shot a tiger (...). Short tailed the head exactly like a cat, just like it is here lynx photo."



Inocêncio Palhinha, 73 anos/years
Várzea Redonda, São Barnabé

"Antigamente aqui, havia, eu tinha um em casa (anos 40) que eu estava criando, tinha o bicho numa anta porque é um bicho bonito (...). eu brincava com ele, chamávamo-lo o gato-croco, ele era grande, aqui assim nos criamos com um coelho grande, coelho alfaceiro foi um tempo de bichos. Quando era pequeno eu me batia e eu andava apalhando o bicho fazia aqueles cortinhos (apicalor ainda hoje)."
I used here, in the older days, I had one at home (1940?) which I was helping to bring up, I loved it, because it is a beautiful animal (...). I played with it, we called it 'gato-croco', it was spotted from the ears it had some long hair, I was always friendly with animals. When I was small my life was catching bees and making little bushes (boalapor until today!)"



Reduzido ao texto no âmbito da investigação de Margarida Fernandes, Centro de Estudos de Investigação em Ambiente Urbano (CEIA), Lisboa (CT 2004/01/07/2008/2011) e projeto de pesquisa do IANIG (2014/15) financiado pelo ICNF.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Análise crítica de uma espécie requer sempre um abordagem multidisciplinar em que vários aspetos de consideração, nomeadamente a situação social da espécie na região em causa. Reconsiderar os aspetos técnicos e metodológicos e os aspetos sociais deverá ser considerado para a total aceitação de lince ibérico (the price tag will be back).





O lince é, desde tempos pré-históricos, uma espécie com carga simbólica: inspiração nas artes, presente na mitologia, amuleto, uma criatura possuidora de capacidades extraordinárias. Para muitos portugueses foi objecto de caça e alimento. Presentemente o lince-ibérico tomou-se um emblema global de conservação, um símbolo do mundo selvagem. A espécie adquiriu nova visibilidade social e tem sido apropriada em contextos contemporâneos como logotipos, marketing "verde", arte urbana ou campanhas. Nas áreas rurais sob a perspectiva de reintrodução e coexistência, como o vale do Guadiana, o lince começa a integrar uma nova identidade local.

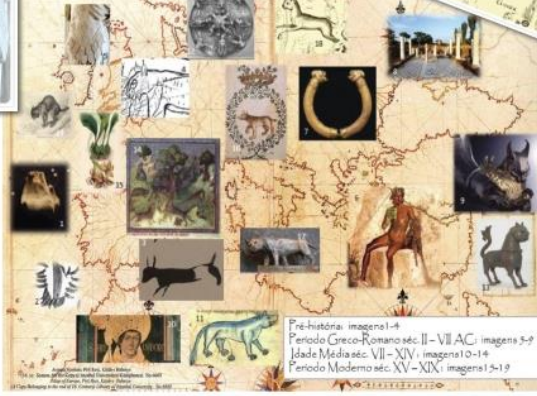
Linces e pessoas, de nocivo a emblema de conservação

Lince é património natural e cultural



Estátuas romanas de soldados e imperadores apresentam, nos seus trajes, uma cabeça de lince junto a outros símbolos de poder, astúcia e beleza. Uma destas peças foi encontrada na Guarda e datada do século II AC (Museu da Guarda, peça no. 1091)

Representações de lince na Europa ao longo da História



Na Antiguidade, uma constelação de estrelas foi denominada Lince e alude a qualidade de "ter olhos de lince" para a poder observar no céu. Este é um exemplo de representação imaginativa com possível base no conhecimento ecológico sobre a visão apurada do lince.

Dentes de lince perfurados do Neolítico encontrados na gruta de Cabeço da Arruda (Torres Vedras). Os amuletos feitos a partir de partes de animais foram usados desde a Pré-História e têm o potencial mágico de conferir os atributos especiais das espécies a quem os usa. A descrição de amuletos de dentes e unhas de lince é referida até ao século XVIII em Portugal. Seriam indicados para prevenir doenças como a epilepsia.



Imagens individuais de acordo com o seguinte:
 (1) Cabeço da Arruda, Portugal (imagem de Clara Cerveira e Simon Duarte); (2) Dentes de lince como amuleto, Portugal (imagem em Fátima a 17 de Maio de 1954); (3) Gueira e parte de lince, Cópula (imagem em Real 1932); (4) Gueira lince em Fátima (imagem de Real 2002); (5) Estátua romana com cabeça de lince no gergilho, Itália (imagem da Virtus, Museu Arqueológico no Teatro Romano, Fotografia de Carlos Rodrigues); (6) Dente de lince como parte da placa de um soldado romano, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (7) Soldado com cabeça de lince, séc. II AC, 2010; (8) Museu Alameda; (9) Representação de lince que aparece sobre a placa de um soldado romano, séc. II AC, Alameda; (10) Representação de lince em uma placa de um soldado romano, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (11) Dente de lince, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (12) Dente de lince, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (13) Dente de lince, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (14) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888); (15) Crânio de lince, Museu Nacional de Arqueologia de Nápoles; (16) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888); (17) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888); (18) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888); (19) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888); (20) Ilustração de lince de uma criança (imagem em Livro de História da Arte de 1888).

Mapa de fundo de P. H. R. de Sá, Museu de História da Universidade de Coimbra



Mértola, 2015
 Após a libertação de linces no vale do Guadiana, concelho de Mértola, iniciativas locais começaram a usar a imagem do lince para comercialização de vários produtos: camisolas, biscoitos, joalheria. O lince também é visto localmente como símbolo de distinção territorial. Uma nova faceta da relação entre pessoas e lince, património imaterial.

Representação de lince por um artista local
 Menção honrosa Bienal Vidigueira, 2012

"Aquele que eu tenho visto e que imagino é isto, é este animal rudo e bonito (...) os quartos têm que ser mais largos que esta parte, está preparado para o salto, isto são os olhos e tudo é azinho também, esta é a parte do caro e isto era a massa"

António Acabado, Vila Verde de Ficalho, 2013



Emblema da Guarda Nacional para a Proteção da Natureza e Ambiente SEPNA.
 A escolha da GNR de uma cabeça de lince "simboliza as espécies a proteger, os seus habitats e florestas estimulando comportamentos de respeito pela natureza; o lince com o seu aspecto e actua e também uma referência às características psicológicas dos guardas com uma especialidade em natureza e proteção ambiental".
 2001, Memorando do Ministério de Defesa e com. pess. de Tenente-Coronel Amado.



Escultura de rua em três dimensões, Bordo II (Viseu, 2013)
 Exemplo da elevada visibilidade que o lince tem actualmente, presente nos media, espaço público e arte urbana.

Conselho elaborado no âmbito do doutoramento de Margarida Lopes Fernandes, bolsa FCT 978402/2018/2011, investigação científica de âmbito Interdisciplinar (2018-2020).
 Publicação científica: Lopes Fernandes, M. & Fátima-Moreira, A. (2015). The lynx, visibility of the Iberian lynx from vernacular conservation emblem. Anthropological Journal of European Cultures, 25(2), 25-66.
 Este trabalho é financiado pela FCT através do UIDB/04029/2012.





A reintrodução de uma espécie selvagem implica uma auscultação à população local e é uma oportunidade de conhecer diferentes percepções da natureza. Nem sempre o conhecimento ecológico local coincide com estudos biológicos sobre o lince mas tal não impediu opiniões favoráveis à sua presença na região. É uma espécie que suscita emoções positivas e há expectativa sobre o turismo em torno de uma raridade ameaçada pela extinção. Por outro lado há vozes que contestam o regresso de um predador ao território e condicionam o processo a existir mais coelho-bravo ou a existir uma compensação financeira.

Lince e pessoas, a reintrodução

Voices locais



"Neste momento não, porque não temos coelho suficiente para o lince. Existindo O Coelho, dadas as características do concelho de Mértola e a riqueza cinegética, não existe local melhor para a reintrodução do lince."



Condições para reintrodução de lince indicadas por actores chave

Emoções



A maioria dos actores locais (mais de 84%) gostariam de ver um lince ao vivo. Quando se referem à espécie utilizam sobretudo adjectivos que expressam admiração e fascínio.

bonito lindo
gato grande
felino
diferente



Agência Europeia para o Ambiente
Agradecemos ao Dr. António Luís Gonçalves, do Instituto de Investigação Científica Avançada da Universidade Nova de Lisboa, pelo apoio técnico e logístico. Este trabalho teve como base os dados da Pesquisa de Opinião sobre a Reintrodução do Lince em Mértola, realizada em 2012 e 2014, financiada pelo projecto LIFE08NAT/000017, liderado pelo Dr. António Luís Gonçalves, do Instituto de Investigação Científica Avançada da Universidade Nova de Lisboa.

Este evento é financiado pelo FCT através do UIDB04506/2012.



Opiniões sobre reintrodução de lince indicadas por actores chave – proprietários, gestores, guardas de caça, promotores de atividades natureza, técnicos, representantes autárquicos e observadores de lince durante 131 entrevistas semi-estruturadas realizadas entre 2012 e 2014 nas áreas do Guardiana, Moura-Barrancos e Malcata.

"Não há problema nenhum. Tem é que se falar com as pessoas. As pessoas não estão a par dessas coisas e pensam que é uma coisa má. O lince nas herdades não interfere em nada, penso eu."

"Acho que não tem condições porque pelo sei vai causar prejuizo à caça (...) e é uma espécie protegida, vai haver logo problema..."

"Primeiro condições, depois a gente fala. Não vou dizer se sim ou não. As zonas de caça, os proprietários têm de ter alguma coisa a ganhar com isso, aspectos económicos. Toda a gente o que quer na casa dos outros."

"É claro que eu sou da opinião que o lince devia ser introduzido mesmo com a quebra dos coelhos. Acho que devia haver toda a gente a introduzir o lince. É claro que tinha de ser apoiado com alimentação."



Desvantagens

- Restrição de atividades
- Ataques animais domésticos
- Visitação excessiva a propriedade privada
- Mais um predador no território
- Medo que seja um risco para humanos

Vantagens e desvantagens da reintrodução de lince indicadas por actores chave

Vantagens

- Turismo de natureza
- Traz distinção ao território
- Temos orgulho em ter a espécie
- Traz balanço ecológico
- Salva-se a espécie
- Controla outros predadores
- Traz oportunidade de ter apoio à gestão
- Controla o coelho e as doenças
- Há mais técnicos com emprego
- Podem haver produtos certificados
- Há mais biodiversidade



"O problema das pessoas de caça é que a reintrodução do lince vai pôr restrições..."



Conteúdos elaborados no âmbito do doutoramento de Margarida Lopes Fernandes, bolsa FCT SFRH/BD/75769/2011, coordenação científica de Amélia Frazão-Moreira (CRIA-FCSH-NOVA).

Publicação científica: Lopes-Fernandes, M., & Frazão-Moreira, A. (2017). Relating to the wild. Land use policy. 66: 278-287



Anexo 4 - Capítulo do livro “L’animal dans le monde lusophone: du réel à l’imaginaire” (2015, Penjon, J & Pereira, C (eds) Presses Sorbonne Nouvelle)

Lince-ibérico: o grande gato no real e no imaginário

M. Lopes Fernandes¹ & A. Frazão-Moreira²

Liisbonne

Le lynx ibérique, espèce endémique du Portugal et de l'Espagne, est actuellement menacé après avoir été un grand prédateur de l'écosystème méditerranéen. La conservation du lynx dépend de la relation établie entre l'animal réel et son image construite par les humains. On décrit les différentes facettes du lynx au cours du temps, de l'amulette au médicament ou toujours comme un compétiteur pour la chasse. Les principales caractéristiques écologiques de cette espèce spécialiste sont rapportées avec son histoire de déclin et d'extinction dans plusieurs régions. Malgré son invisibilité, le lynx était connu par les populations locales, il était un trophée de chasse qui devenait un symbole de conservation en général. Depuis une célèbre campagne environnementale au Portugal, et une méditisation croissante du programme de reproduction, l'image du lynx apparaît dans plusieurs contextes contemporains. C'est dans cette hétérogénéité de perceptions du prédateur désirée, mais peut-être aussi considérée comme inutile, que la réintroduction du lynx ibérique se décidera prochainement.



Uma relação ancestral



“Nos Aper auditu, Lynx visu, Simia gustu, Vultur odoratu, precellit Aranea tactu”³

Imagine-se numa paisagem de uma área centro-oeste de Portugal há 27000 anos. O clima é diferente dos dias de hoje, vive-se o último período glacial terrestre, as populações humanas concentram-se em pequenos núcleos, a paisagem caracteriza-se por estepes de zimbros. As áreas sob influência marítima são mais húmidas do que as zonas continentais montanhosas onde neves persistentes perduram. Só mais tarde a floresta se expandirá, e a

1. Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), Divisão de Conservação da Biodiversidade, Avenida João Crisóstomo, 28, 1º 1069-040 Lisboa. M. Lopes Fernandes é bolsista de doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011).
2. Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Avenida de Berna, 26, 1069-061 Lisboa.
3. “Superam, no iurati a auditiu, no lynce a visu, nos simia o gustu, nos vultus o olfactu e no tactu a aracha” Tradução livre do original em Albert, Boís Lato de (1726). *Portugal Médico*. Officina de Joan Antunes, Coimbra, p. 496.



Anexo 5 – Referências a lince-ibérico registadas na literatura portuguesa

1. “Além, por detrás daqueles cabeços meio-apagados, é que há-de passar a estrada que ligará o nosso concelho ao de Monchique. São léguas e léguas sem vivalma, sem um caminho que não seja de pé-posto, a raposa e o «gato-cravo» senhores de tudo” (Assis Esperança, Pão Incerto, 1964:66).

2. “Era uma noite de Fevereiro, de névoa cerrada, um céu de carvão pulverizado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrela. (...) O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar de um gato-bravo, o pio da coruja num campanário distante punham arrepios de medo na espinha daquele homem que ia matar outro (...) como o porco-montês e o lobo cervical (lince) embrenhara-se por pinhais e carvalheiras; (...) ao fundo das bouças ladeirentas, rugia o rio Pele nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões.”⁸⁹ (Camilo Castelo Branco, A brasileira de Prazins, 1882)

3. “Ora um bicho de vista penetrante, ao qual saem das orelhas pincéis de barbear, subira acima dum penedinho. Era o lince, nomeado também lobo-cerval, animal que, de batido e perseguido, caçado e fuzilado, vai rareando nos bosques. O bicho desenrolara o papel e, pedindo silêncio, em voz, primeiro encatarroada, depois pautada e aflautada, leu (...)”⁹⁰ (Aquilino Ribeiro, O romance da raposa, 1924)

4. “Saltaste para além do que foste. Vais provavelmente por cima da floresta capixaba, mais alto do que os francelhos na Serra da Nave, a serra onde adquiristes pernas de gamo e olhos de lince.”⁹¹ (Aquilino Ribeiro, A Mina de Diamantes, 1958)

⁸⁹ In O Alma negra in A Brasileira de Prazins, *Obras escolhidas de Camilo Castelo Branco*, vol. XXIII, Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 178-184.

⁹⁰ In O Romance da raposa. Bertrand Editora. Lisboa págs 45 e 46

⁹¹ In O Malhadinhas. A Mina de Diamantes. *Obras completas de Aquilino Ribeiro*. Bertrand Editora, Lisboa, p. 208

The Portuguese literary wolf

Ana Isabel Queiroz
IELT-FCSH

Margarida Lopes Fernandes
CRIA-FCSH

Filipa Soares
IELT-FCSH

Abstract

This article blends the frameworks of ecocriticism and digital humanities. It explores quantitative methods for analysing literary representations of the wolf in Portuguese literature on a temporal and spatial basis, from an enlarged literary corpus. A grid analysis covers the entire sample's content and encompasses the various forms that relationships between humans and nature can take.

Quantitative analysis reveals that wolves have been common narrative elements since the late nineteenth century. However, the proportion of wolf literary representations was not independent of time period of publication: a strong decline occurred in the works published after 1980. We also found that most of the contemporary writers that mention wolves place the narrative in a previous time. Wolf literary representations maintained their basic pattern in structure across time. They combined a variety of topics, approaches and perspectives, although they tended to be less rich and less diverse in terms of their composition.

Although the Portuguese literary wolf is a widespread creature, it is not homogeneously distributed in the territory and its geographic distribution throughout time shows a notorious reduction trend that matches the evolution of the species' natural range and demography.

Correspondence:
Ana Isabel Queiroz,
IELT-FCSH, Av. de Berna
26-C, 1069-061 Lisboa,
Portugal.
Email:
ai_queiroz@fcsH.unl.pt

1 Introduction

1.1 Ecocriticism and digital humanities

The relationship between humans and nature in literature and other creative forms of expression is the core business of ecocriticism. It analyses 'the role that the natural environment plays in the imagination of a cultural community at a specific historical moment, examining how the concept of "nature" is defined, what values are assigned to it or denied it and why, and the way in which the relationship between humans and nature is envisioned' (Heise, 1999, p. 4). This branch of literary studies 'is unique amongst contemporary literary and cultural theories

because of its close relationship with the science of ecology' (Garrard, 2004, p. 5). Admittedly eclectic and interdisciplinary, it expanded in the past decades within academia (Buell, 2005) concomitantly with the application of empirical methodologies to literary studies (Raben, 2007). Despite the increasing scientific literacy of ecocritical practitioners, the analysis of environmental content in literary texts has followed a non-measurable and qualitative analysis, almost exclusively based on interpretation and based on one or a few writings: see papers in: *ISLE* (1993–2013), *Green Letters* (2000–2013), *Journal of Ecocriticism* (2009–2013), *Ecozon@* (2010–2013) and *Environmental Humanities* (2012).

⁹² Publicação de dezembro de 2013 doi:10.1093/lc/fqt069

Anexo 7 – Dados primários de categorias atribuídas aos resultados das entrevistas e respectivas dimensões, variáveis e indicadores. Análise preliminar com hipóteses de relação entre as diferentes dimensões.

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
Caracterização da espécie	Emoções e valores	Emoções e valores expressos em relação ao lince e em relação à vida selvagem	Adjectivos usados para descrever lince: Bonito ou Lindo.....17 Que exprimem admiração...23 (forte, espectacular, admirável, simpático, felino, austacioso, etc) Que exprimem tolerância.....4 (maroto, tranquilo, familiar)	Adjectivos usados para descrever lince: Bonito ou Lindo.....23 Que exprimem admiração.....17 (felino, poderoso, interessante, importante e interessante) Que exprimem sentimentos negativos.....4 (terrível, fera, predador) Que exprimem tolerância.....1 (maroto)	
I. Conhecimento da espécie O que conhece desta espécie...	Dieta	Conhecimento sobre especialização total da dieta - coelho Possibilidade de outros itens na dieta Possibilidade de ataques a gado	Coelho e outras presas.....12 Coelho especialista.....2 Não sei.....4 Crias javali.....1 Ataque borregos e galinhas.....5+4	Coelho e outras presas.....13 Coelho especialista.....4 Não sei.....3 Crias javali.....0 Ataque borregos e galinhas.....8 +3	Maior grau de dúvida sobre dieta do lince implica a maior probabilidade de medo de ataques a gado

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
De que se alimenta?		Não possibilidade de ataques			
Que tamanho tem o território?	Território	<p>Conhecimento sobre dimensão do território do lince</p> <p>Desconhecimento sobre dimensão do território do lince</p>	<p>Muito espaço.....6</p> <p>Não sei10</p> <p> Percorre muitos quilómetros.....3</p> <p> 0-5km21</p>	<p>Muito espaço.....6</p> <p>Não sei22</p> <p> Percorre muitos quilómetros.....8</p> <p> 0-5 km2.....3</p> <p> 5-25km2.....4</p> <p> 25-100km2.....2</p> <p> mais 100km2.....2</p>	
Como é a reprodução? Época?	Reprodução	<p>Conhecimento sobre época de reprodução do lince, incluindo cio e época de parição das fêmeas</p> <p>Não conhecimento da época específica de reprodução do lince</p> <p>Consideração de época de reprodução do lince como apenas a época de crias</p>	<p>2-3 crias.....2</p> <p>Primavera.....2</p> <p>inclui cio Dez-Fev.....4</p> <p>monogâmico.....1</p> <p>não sei.....7</p>	<p>2-3 crias2</p> <p>3-4 crias.....1</p> <p>Primavera.....5</p> <p>inclui cio Dez-Fev4</p> <p>monogâmico.....2</p> <p>não sei.....10</p> <p>uma vez ao ano.....1</p> <p>várias vezes ao ano.....1</p>	

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
Acha que o lince tem efeito sobre os outros carnívoros? (visualização de cartões)	Papel na natureza	Conhecimento sobre efeito do lince sobre outros predadores Desconhecimento sobre efeito do lince sobre outros predadores	Efeito superpredador Não.....2 Não sei.....7 Efeito oposto (outros carnívoros sobre lince).....5 Sim.....5 Sim provavelmente.....7 Tem dúvidas.....2	Efeito superpredador Não sei.....6 Efeito oposto (outros carnívoros sobre lince).....1 Sim.....8 Sim provavelmente.....9 Tem dúvidas.....5	Maior conhecimento sobre efeito ecológico do lince enquanto superpredador está associado a maior reconhecimento das vantagens da presença da espécie
II. Relação com os predadores Conhece estes animais? (cartões mamíferos carnívoros) Existem na região? As pessoas caçavam? Comiam?	Crenças e convicções sobre os predadores		Predadores atacam galinhas14 Predadores são cegonhas, rabilongos e outros.....7 O homem também é predador.....9 Há predadores que chupam sangue.....5 Há predadores que matam e não comem.....3 Os predadores comem a caça.....11 Há necessidade de controlar números de	Predadores atacam galinhas8 Predadores são cegonhas, rabilongos e outros.....3 O homem também é predador.....9 Há predadores que chupam sangue.....5 Os predadores comem a caça.....13 Há necessidade de controlar números de predadores.....17 Imagem negativa de raposa, fuinha e	Uma imagem mais negativa sobre os predadores desvaloriza a presença do lince enquanto predador e aumenta as desvantagens da sua presença

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
			predadores.....13 Imagem negativa de raposa, fuinha e geneta.....6 Imagem negativa gato doméstico.....2 Imagem negativa saca-rabos16 Tolerância à presença de predadores.....3 Admiração ou orgulho em ter predadores.....8	geneta.....8 Imagem negativa gato doméstico.....5 Imagem negativa saca-rabos.....6 Tolerância à presença de predadores.....4 Admiração por predadores..2	
	Relação com lince Valores sobre fauna e natureza	Existência de valores éticos na população local favorece presença espécie Existência de referência a possibilidade de abate ocasional de lince favorece atitudes que podem pôr em risco a sobrevivência do lince	Presença histórica lince.....24 Presença histórica de lobo...29 Possibilidade de abater lince 17 Possibilidade de abater lince já não existe.....4 Lince compete com caça.....6 Lince não come muita caça....3 Lince é perigoso.....1 Lince não é perigoso.....12	Presença histórica lince.....8 Presença histórica de lobo.17 Possibilidade de abater lince..... 22 Possibilidade de abater lince já não existe.....0 Lince compete com caça....16 Lince não come muita caça..1 Lince é perigoso.....4 Lince não é perigoso.....6	Uma maior identificação do lince como predador está associada a um maior risco com base numa desvalorização da espécie

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
			Direito existência.....4 Valor intrínseco da biodiversidade.....0		
III. Posicionamento face à reintrodução ----- Que ideia tem de como ocorre o processo de reintrodução?	Conhecimento do processo de reintrodução	Noção de como ocorrem os processos de reintrodução Desconhecimento de como ocorrem os processos de reintrodução Referências a áreas específicas para existirem predadores (ex. “áreas cercadas, os parques”)	Zona vedada.....4 Cercado de aclimação.....1 Já libertaram.....5 Animais reintroduzidos não são bem selvagens.....6	Zona vedada.....8 Cercado de aclimação.....7 Já libertaram.....4 Animais reintroduzidos não são bem selvagens.....8	Menor conhecimento técnico do processo de reintrodução está associado a maior probabilidade de construir cenário de parque zoológico ou de “já os largaram”
Gostava de ver a espécie?	Sentimentos face à presença espécie e valores sobre natureza e espécies selvagens	Referências a desejo pessoal de existência da espécie Inexistência de desejo pessoal de ver a espécie	Desejo pessoal de ver a espécie Positivo.....23 Ambivalente.....1	Desejo pessoal ver a espécie Positivo.....27 Neutro.....2 Ambivalente.....3	
Acha que ela podia viver aqui na região?	Opinião da reintrodução do lince	Opinião que considera possível a reintrodução e indicação de	Condicionado:	Condicionado:	Existência de opiniões de aceitação total ou

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
		<p>subáreas específicas adequadas sem qualquer condição</p> <p>Opinião que refere reintrodução condicionada a determinados pressupostos que se deverão verificar</p> <p>Opinião desfavorável à reintrodução</p>	<p>Haver ou fazer mais coelho 18+4</p> <p>Mais habitat ou área grande / tranquilidade.....1</p> <p>Não haver restrições à caça...3</p> <p>Não haver restrições.....2</p> <p>Sensibilização caçadores.....4</p> <p>Sensibilização geral.....3</p> <p>Compensação financeira.....9</p> <p>Acordos (proprietários e caçadores).....5+1</p> <p>Aceitação social.....1</p> <p>Mais fiscalização.....1</p> <p>Não haver caça.....2</p> <p>Haver equipa de seguimento do lince.....1</p> <p>Possibilidade reintrodução</p> <p>Ambivalência.....4</p> <p>Não sei.....5</p> <p>Negativa.....6</p> <p>Positiva.....33</p>	<p>Haver mais coelho.....10</p> <p>Mais habitat ou área grande3</p> <p>Não haver restrições à caça.6</p> <p>Não haver restrições.....1</p> <p>Haver redução de taxas.....2</p> <p>Sensibilização de caçadores.6</p> <p>Sensibilização geral.....8</p> <p>Compensação financeira....13</p> <p>Acordos (proprietários e caçadores).....4+2</p> <p>Desenvolver previamente produto turístico.....1</p> <p>Aceitação social.....2</p> <p>Possibilidade reintrodução</p> <p>Ambivalência.....6</p> <p>Indiferente.....2</p> <p>Não sei.....4</p> <p>Negativa.....7</p> <p>Positiva.....22</p>	<p>condicionada associam-se a posicionamento favorável à reintrodução do lince</p>

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
Em que áreas pensa que seria mais adequado lince viver?			Refere áreas geográficas concretas.....24 Áreas públicas.....5 Áreas privadas.....2 Públicas e privadas (ambas)... 2 Indiferente.....1 “sim mas fora da minha zona.....0 “na minha zona”.....4	Refere áreas geográficas concretas.....14 Áreas públicas.....5 Áreas privadas.....9 Públicas e privadas (ambas). 5 Indiferente.....9 “sim mas fora da minha zona”.....5 “na minha zona”.....4	
III. Posicionamento face à reintrodução (continuação)	Avaliação de custo-benefício Que vantagens e/ou oportunidades vê na reintrodução?	Enumeração de vantagens da reintrodução (ecológica, regionalista, económica colectiva, económica pessoal, ou outra) Enumeração de desvantagens da reintrodução (ecológica, regionalista, económica colectiva, económica pessoal, ou outra)	Vantagens Apoio medidas gestão.....0 Controlo coelho.....1 Controlo outros predadores..5 Nenhuma.....2 Orgulho ter espécie.....8 Turismo natureza.....12 Salvar espécie.....5 Controlo outros predadores. 5	Vantagens Apoio medidas gestão.....4 Controlo coelho e doenças...4 Controlo outros predadores.7 Nenhuma.....7 Benefícios agro-ambientais..1 Orgulho ter espécie.....5 Turismo natureza.....22 Salvar espécie.....7	Reconhecimento de vantagens associa-se a posicionamento favorável à reintrodução do lince

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
	Que desvantagens vê na reintrodução?		Equilíbrio ecológico.....7 Distinção territorial.....6 Nenhuma.....2 Mais técnicos empregados....1 Fixação pessoas território.....1 Maior biodiversidade.....4 Desvantagens Nenhuma.....6 Ataque borregos e galinhas.....2+3 Restrição a actividades e à caça.....6+6 Visitação excessiva.....2 Não poder circular.....1	Produtos certificados.....1 Equilíbrio ecológico.....12 Distinção territorial.....12 Mais técnicos empregados...2 Desvantagens Nenhuma.....12 Não poder circular.....3 Alterar modo de vida.....1 Impacto económico.....1 Ataque borregos e galinhas ..5 Restrição à caça.....6 Restrição ao controle de predadores.....1 Visitação propriedade privada.....5 Mais um predador.....1	
			Reintrodução é imposição.....1 Isolamento de Lisboa.....10	Reintrodução é imposição....7	A apropriação do lince nos conflitos locais de poder

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
IV. Contextos locais face à reintrodução (poder e identidade)			Excesso atenção à reintrodução versus outros assuntos.....6 Tema distante.....1	Isolamento de Lisboa.....6 Excesso atenção à reintrodução versus outros assuntos4 Apropriação do tema por pessoas de fora.....2 Tema lince ser usado em conflitos locais.....2 Tema cafês.....1	Um historial regional anti poder central desfavorece que reintrodução seja decidida por “Lisboa”
	Práticas descritas nas áreas	Predominância da actividade cinegética Expressão da actividade agrícola e pastorícia Apetência para actividades de turismo de natureza	Gestão cinegética (fomento de coelho-bravo, sementeiras, preparação de montarias, etc) Recolha de cogumelos Criação de ovinos Apicultura Caminhadas Turismo natureza Observação de aves Silvopastorícia	Gestão cinegética (fomento de coelho-bravo, sementeiras, preparação de montarias, etc) Recolha de cogumelos Criação de ovinos Apicultura Caminhadas Fabrico de queijos Bicicleta Observação de aves Silvopastorícia Práticas gestão cinegética	A predominância de criação de ovinos pode resultar numa maior preocupação com ataques potenciais de lince a borregos A diversificação de práticas e interesses no território resulta num maior número de vantagens apontadas e pontos de vista diferentes face à ocorrência da espécie

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
				Práticas gestão de coelho Práticas cogumelos Práticas ovelhas campo, Apicultura Caminhadas Observação de aves Gestão florestal (resinosas e eucaliptos) Turismo natureza	
<p>Como foi o processo de classificação da Rede Natura 2000/ PNVG as pessoas participaram?</p> <p>Acha que as pessoas querem participar no processo de reintrodução?</p> <p>Como acha que devia ser organizado?</p>	<p>Experiência passada e expectativa de participação em processos de conservação</p>	<p>Não expectativa de participação</p> <p>Indicação de necessidade de diálogo e informação</p> <p>Não indicação de necessidade de diálogo e informação</p>	<p><u>Processos no passado:</u></p> <p>Processo de classificação da Rede Natura foi participado..1</p> <p>Imposto.....7</p> <p>Participação:</p> <p><u>Quem</u></p> <p>Querem/gostavam de participar.....8</p> <p>Alargada.....1</p> <p>Actores chave.....6</p>	<p><u>Processos no passado:</u></p> <p>Processo de criação do PNVG foi participado.....4</p> <p>Imposto.....10</p> <p>Participação:</p> <p><u>Quem:</u></p> <p>Querem/gostavam de participar.....9</p> <p>Actores chave (agricultores).2</p> <p>Alargada.....2</p>	<p>Uma maior expectativa de participação no processo estaria ligada à referência à aceitação social como condição para a reintrodução</p>

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
			Desinteresse na participação.....4 Desinteresse no tema.....1 <u>Como:</u> Acções na prática.....6 Auscultar.....5 Difícil.....1 Esclarecimento sobre processo reintrodução educação ambiental.....11 Reuniões sobre tema.....4	Desinteresse.....11 Desinteresse no tema.....5 <u>Como:</u> Auscultar.....6 Difícil.....7 Esclarecimento sobre processo.....14 Reuniões sobre tema.....8	
Como são as relações com as instituições e as áreas classificadas?		Proximidade às instituições ligadas ao ambiente (ICNF, ONG, grupos ambientalistas e projectos de conservação do lince) Distanciamento às instituições ligadas ao ambiente (ICNF, ONG, grupos ambientalistas e projectos de conservação do	Vivência da Natura 2000: Restrições.....9 ICNF liberta águias.....1 ICNF liberta raposas.....2 Liberta lobos.....1 Liberta muflões.....1 Potencial de oportunidade....2	Vivência do PNVG: Restrições.....17 Crítica.....6 Liberta bichos, cobras e raposas.....8+8 Negativo.....8 Positivo.....10	Um maior desconhecimento e distanciamento das instituições aumenta a desconfiança em relação ao processo de reintrodução e menor referência a vantagens na implementação de medidas de gestão

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
		<p>lince)</p> <p>Desconhecimento quanto às instituições ligadas ao ambiente (ICNF, ONG, grupos ambientalistas e projectos de conservação do linco)</p> <p>Instituições trazem oportunidades</p> <p>Instituições trazem restrições a actividade</p>		<p>Técnicos positivo.....5</p> <p>Presença terreno.....2</p> <p>Colaboração.....2</p> <p>Não se devia caçar.....1</p>	
Que impressão tem do ICNF?			<p>ICNF:</p> <p>Ambientalistas.....2</p> <p>Burocracia.....3</p> <p>Confusão florestais e ONGAs.....1+4</p> <p>Maior abertura recente.....4</p> <p>Desconhecido ou distante3+4</p> <p>Pouca capacidade.....3</p> <p>Negativo.....3</p> <p>Faz falta.....1</p> <p>Fundamentalistas.....1</p>	<p>ICNF:</p> <p>Ambientalistas.....3</p> <p>Distância.....4</p> <p>Pouca capacidade.....8</p> <p>Excesso de zelo.....1</p> <p>Positivo.....6</p>	

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
			Técnicos positivo.....1		
Conhece os projectos LIFE lince? Que impressão tem destes projectos?			Desconhece.....2 Ouvir falar.....8 Vê pessoas ou carros no terreno.....3 Sabe de acções implementadas no terreno....9 Sabe da implementação de corredores.....5 Associa ao abutre.....6 Associa a acções de sensibilização.....2 Confusão entre entidades.....4 Tem impressão negativa.....6 Tem impressão positiva.....7 Crítica do ponto de vista técnico.....10 Distantes dos locais.....1 Problema de continuidade....1	Desconhece.....12 Ouvir falar.....11 Vê pessoas ou carros no terreno.....3 Sabe de acções implementadas no terreno...4 Associa ao abutre3 Associa a acções de sensibilização.....1 Associa a reprodução em cativeiro.....3 Confusão entre entidades...0 Tem impressão negativa.....16 Tem impressão positiva.....0 Crítica do ponto de vista técnico.....0 Liderança deveria ser local ..1 Problema de continuidade...1	
Há ambientalistas aqui			<u>Quem:</u>	<u>Quem:</u>	

Dimensões	Variáveis	Indicadores	Categorias- códigos Moura-Barrancos	Categorias- códigos Guadiana	Hipóteses de relação entre dimensões
na região?			Ambientalistas não há.....10 Há indivíduos.....11 Todos somos.....3 <u>Ambientalista associa a:</u> Fundamentalista.....4 ONGAS, ass. prot. Animais.....5 Resíduos.....2	Ambientalistas não há.....3 Há indivíduos.....12 Todos somos.....6 <u>Ambientalista associa a:</u> Fundamentalista.....6 ONGAS, ass. prot. animais.....6 Resíduos.....4	

Anexo 8 – Resumo da exploração dos dados das entrevistas sobre reintrodução e lince-ibérico com recurso à estatística e principais questões levantadas.

Questão	Teste estatístico realizado	Resultados	Limitações
Há relação entre o conhecimento da espécie, o desejo de ver a espécie e a possibilidade de reintrodução?	Spearman Qui-quadrado	Significativo entre dieta e possibilidade reintrodução.	Construiu-se uma escala com fim comparativo. Não é uma variável contínua. Pode aplicar-se o teste atendendo ao tamanho da amostra
Há diferenças entre áreas geográficas relativamente à possibilidade de reintrodução?	Teste de Kruskal-Wallis e Qui-quadrado	Diferenças significativas para possibilidade positiva condicionada (superior na Malcata)	
Há diferenças entre as áreas geográficas em termos de conhecimento?	Teste de Kruskal-Wallis e Qui-quadrado	Há diferenças entre as áreas geográficas	A amostragem comprometeu a aplicação de uma análise ANOVA
Há diferenças entre as áreas quanto às condições apontadas? Há diferenças no número de vantagens e desvantagens apontadas?	Qui-quadrado	Significativo para condições: “compensação financeira” e “haver sensibilização” para o Guadiana O número de desvantagens é significativamente maior nas áreas do sul em relação à Malcata	

Questão	Teste estatístico realizado	Resultados	Limitações
Há diferenças entre caçador e não caçador? (em termos de: conhecimento, desejo ver espécie, possibilidade de reintrodução)	Qui quadrado para sul	Não se rejeita hipótese nula, logo não há diferenças	
Há diferenças entre caçador e não caçador em termos de vantagens e desvantagens apontadas		Associação negativa entre caçadores e ‘equilíbrio ecológico’ (uma das vantagens reintrodução)	
Existe associação entre perfil de entrevistado e conhecimento? Há diferenças entre os perfis ao nível dos entrevistados que têm maior conhecimento?	Qui quadrado e coeficiente V de Cramer	Há associação negativa entre representantes autárquicos e conhecimento da dieta. Associação positiva entre técnicos e conhecimento de tamanho de território e o efeito de superpredador	Os tamanhos de amostra podem não permitir encontrar associações com segurança. As comparações entre perfis não podem ser completamente consideradas pois não são categorias estanques, alguns entrevistados (cerca de 6) podem ser mais do que um perfil (embora tenha sido considerado aquele pelo qual o entrevistado foi seleccionado para a pesquisa)
Há associação entre o perfil e o desejo de ver a espécie?	Qui quadrado	Associação significativa entre desejo positivo e técnicos e actividades natureza	Idem, considera-se o resultado apenas a título indicativo

Questão	Teste estatístico realizado	Resultados	Limitações
Há associação entre perfil e possibilidade reintrodução?	Qui quadrado		Idem
Há diferenças entre os perfis em termos de condições apontadas para a reintrodução, de vantagens e desvantagens apontadas?	Qui quadrado	Associação significativa entre perfil actividades da natureza e vantagem turismo de natureza	Idem, considera-se o resultado apenas a título indicativo. Para testar variáveis simultaneamente era mais adequado realizar uma ANOVA mas que não é possível pelo tamanho da amostra
Como se distribuem as espécies (em termos de proximidade e distâncias) nas classificações empíricas? Há diferenças entre perfis de actores chave e áreas geográficas?	Análise Multidimensional	Domésticos/ Selvagens Separação de determinadas espécies Heterogeneidade	Stress da configuração elevado

Anexo 9 – Recomendações para a comunicação em torno do lince e envolvimento de actores sobre a espécie e sobre o processo de reintrodução apresentada ao ICNF em 2014 e revista em 2015.

Recomendações para comunicação e envolvimento

- 1 Monitorizar as atitudes e mudanças face à presença da espécie e ao processo de reintrodução em curso
Acção:
Realização de estudo de acompanhamento de atitudes após as primeiras soltas na região do Guadiana e durante o processo de reintrodução

- 2 Dar visibilidade à memória da presença do lince e a quem coexistiu com a espécie, e ao conhecimento ecológico local
Acções:
Continuar a recolha de memórias, histórias e situações vivenciais do lince junto das populações locais
Editar livro sobre memória e coexistência com grandes predadores
Produzir apresentação, foto-textos, áudio visuais com testemunhos na primeira pessoa⁹³

- 3 Explorar a imagem da espécie e dos predadores
Valorizar as emoções positivas face à espécie que existem na população local e desconstruir a carga desvalorativa de ser predador
Acções:
Utilizar descrições da espécie em material de divulgação
Explorar a proximidade humanos/predadores em materiais de divulgação
Descentralizar a comunicação do lince para focar numa espécie mais próxima dos actores locais - o coelho-bravo
Apoiar produção de imagens artísticas ligadas ao lince como fotografia, ilustração, outros e promover exposições associadas

- 4 Fazer circular informação sobre a espécie e ecologia
Criar aprendizagens colectivas com comunidades locais e consolidar o conhecimento da ecologia da espécie
Acções:
Organizar fóruns participados com: guardas e gestores locais com conhecimento ecológico; operadores de turismo locais; detentores de conhecimento local sobre lince, incluindo antigos observadores; biólogos e pessoas de áreas de lince que convivem com a espécie em Espanha
Promover um encontro de criadores de gado com congéneres em Espanha que convivem com lince para troca de experiências sobre a protecção de ovinos, práticas utilizadas, aprendizagem sobre a identificação e características dos ataques de lince e de outros predadores

⁹³ No âmbito do estudo mais alargado de doutoramento de M. Lopes Fernandes foram recolhidos dados sobre este tema incluindo algumas imagens e pequenos filmes. Parte desse material serviu para a elaboração do painel “Pessoas e lince” integrado na exposição “No caminho do lince-ibérico” em exibição no castelo de Silves desde Dezembro de 2014.

Recomendações para comunicação e envolvimento

5 Aumentar informação prestada sobre o processo

Informar regularmente sobre decisões sobre a reintrodução - quando, reuniões a ocorrer, censos de coelho, actuações do projecto

Acções:

Criar “um momento por mês para esclarecimentos sobre lince” no DGFCN Alentejo, localmente, 1h com presença de técnicos do ICNF, parceiros, e para a qual as pessoas se inscrevem e colocam previamente questões

Criar uma plataforma de internet acessível às populações locais

Elaborar folhetos com pontos de situação da reintrodução

Clarificar preocupações dos actores chave: possibilidade de restrições à actividade cinegética, compensação de prejuízos ao gado

Acções:

Solicitar entidades que assinaram pacto que dirijam uma divulgação própria dos seus conteúdos junto dos seus parceiros locais

Fazer formação para os *media* sobre o projecto, sobre a conservação do lince e sobre a influência local no processo - esclarecer versus apenas explorar conflitos

Clarificar a existência de instrumentos para território com potencial para presença de lince

Acção:

Apresentar medidas de benefício para conservação lince no âmbito do PRODER

Conferir importância às populações das áreas de reintrodução e demonstrar apreciação ao “local” no processo “global”

Acções:

Conseguir condições especiais de acesso aos residentes das áreas de reintrodução para visita de lince em exibição pública (zoo de Lisboa)

Dinamizar escolha dos nomes das crias de lince pelos residentes das áreas de reintrodução criando proximidades com locais geográficos ou flora da região

Fazer uma exposição local com resultados da auscultação social ao processo de reintrodução (presente estudo) - dar expressão à voz dos actores chave demonstrando a variedade de opiniões e perspectivas encontradas

6 Aumentar informação prestada sobre projectos LIFE

Esclarecer sobre projectos LIFE, entidades e acções

Acções:

Dar informação sobre parceiros locais, financiamentos, a comparticipação financeira dos parceiros no projecto

Relacionar técnicos e parceiros locais às respectivas entidades -Associação Iberlincx, LPN, ICNF - e existência de articulação entre si

Dar mais visibilidade às acções de terreno, acordos com proprietários, criação de emprego, fundos gastos localmente, etc.

Recomendações para comunicação e envolvimento

7 Estabelecer comunicação fluída com a população local sobre o tema

Utilizar o discurso dos actores chave na comunicação

Acções:

Divulgar a preocupação dos actores chave residentes com a possibilidade de os caçadores virem a abater um lince na sua zona, situação cuja ocorrência consideram negativo

Adaptar discurso existente que segue a preocupação económica, reforçando os benefícios da presença da espécie – aumenta de visitação, criação de emprego, possibilidade de marketing de produtos locais (mel, vinho), redução da necessidade de controlo de predadores e ganho na eficácia desta

Adaptar também discurso existente apoiado em valores – sentimentos de orgulho de ter a espécie, distinção territorial, contribuição para “salvar a espécie”, para o equilíbrio ecológico, que a espécie não desapareça “porque tudo tem lugar”

Conferir relevância à equipa local técnica do PNVG e à DGFCN Alentejo tornando-os “embaixadores” do projecto e da espécie, dada a positiva relação existente com os actores chave

Criar proximidade com o lince e associação ao território nos eventos locais

Acções:

Criar um documento-carta que enalteça a biodiversidade e as espécies ameaçadas no concelho e o potencial para lince, e a sua unicidade em termos nacionais e internacionais coexistente com outros emblemas – valores diversos, usos múltiplos (capital da caça, *birdwatching hotspot*, importante núcleo arqueológico, etc.)

Criar evento de divulgação da carta junto dos parceiros locais criando compromisso de manter este estatuto e valores

Criar um emblema territorial

Dinamizar a participação activa de actores chave e da população local

Acções:

Criar “comissões” ou “fóruns” locais envolvendo directamente os actores chave identificados - proprietários, gestores, dinamizadores de turismo natureza, outros utilizadores das zonas de matos (apicultores), representantes do poder local, técnicos (fiscalização, conservação, associações locais) para acompanhamento do processo

Elaborar documento conjunto com planeamento das várias fases de reintrodução

Introduzir diversas técnicas participativas para envolvimento de diversos grupos da população local com estratégias específicas para cada um

Anexo 10 - Abstract da comunicação apresentada no Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia Vila Real, 2013

People and predators: social dimensions of Iberian Lynx conservation

Lopes Fernandes, M. & Frazão Moreira, A.

A study on perceptions towards reintroduction of a wild predator in a conservation area in Portugal, local ecological knowledge and appropriation of nature. Representations of the species are explored, discourses and practices compared.

The Iberian Lynx is one of the last predators which still coexist with humans in Europe. Its status as the most threatened felid in the world transformed it into an emblematic species that has become a symbol of nature conservation efforts. Reintroduction in Portugal is foreseen for the coming years and an ethnological study on one of the potential areas of occurrence is ongoing. The research will explore local perceptions on the return of the species and also the local knowledge on predators, roles and uses of these species in the context of economic practices and appropriation of Nature. Semi-structured interviews and observant participation have been done in the Nature 2000 site Moura Barrancos. Empirical categorization of fauna has been collected. Preliminary results will be discussed in an interdisciplinary context of application to conservation projects for the species.

Analysis of personal interviews from 1995 about lynx records gathered data about 28 kills and 20 direct sightings. The species was rare and known by the local denomination of liberne. Dead animals were used as trophies and also cooked for special meals (n=15). This unknown practice of consuming lynx might be as old as 5000 BC, as a Portuguese archaeological finding revealed fire and cut marks on a lynx humerus.

Insights into the cultural dimensions of lynx and relationships between humans and wildlife can support conservation and management decisions. The study aims to contribute to a participatory process and improve the communication between administration and people who share territories with predators.

Anexo 11 – Apresentação no 12º Congresso da Sociedade de Etnologia e Folklore, 2015

SIEFC 2015 – Panel Environmental crisis, humans and all others⁹⁴

“Humans are the largest predator”: ethnography in Portuguese areas for lynx reintroduction

Lopes-Fernandes, M_{1,2} & Frazão-Moreira, A₁

₁ CRIA-FCSH, Lisbon, Portugal

₂ ICNF, Portugal

Short abstract:

Reintroductions of wild species present an interesting anthropological terrain. We are studying the case of the Iberian lynx reintroduction and we explore the multiple reactions to the “natural parks conservation” policy and human coexistence with “others”.

Long abstract

Reintroductions of wild species have been response actions to species extinction crises. They present an interesting anthropological terrain as they a) reveal conflicts between local populations and central political decisions; b) expose differing perceptions about wildlife and nature conservation c) offer new scenarios for human and non-human interactions d) bring local ecological knowledge into contact with scientific biological expertise.

We are studying the case of the Iberian Lynx reintroduction in Portugal conducting semi structured interviews in two classified areas. The ethnographic approach in this case intends to understand how a wild carnivore would be integrated, which are the human practices in areas of potential conflict, how key actors position themselves and contest “receiving the lynx”

during a “negotiating process”, and how external conservation projects are viewed.

Results point to a dominant discourse where nature is commodified. A species historically considered as a vermin it is now a symbol of conservation and a way of

⁹⁴ SIEFC programme : <http://www.siefhome.org/downloads/congresses/sief2015/SIEF2015-web.pdf>

claiming for benefits. The lynx is still categorized as a predator that competes in hunting but humans are also said to be “the greatest predators” perhaps an image of how we see ourselves acting in the global ecosystem. Local beliefs such as the widespread release of wild animals or placing wild predators in a fenced area without humans, are explored. They are reactions to the “natural parks conservation” policy or to the “restoring natural ecosystems” idea. They also reflect the human-biosphere relationship in constant change, the rural lifestyle under macro-European agriculture policies, and a variety of values towards coexistence with “others”.

M Fernandes is funded by the Doctoral Programme of the Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011). The study was supported by LIFE-project NAT/ES/000570 and Associação Iberlynx. The ideas expressed in this communication do not necessarily express the institutions involved and are of the responsibility of the authors.

Anexo 12 - Abstract da comunicação apresentada no Congresso da Associação Ibero-Americana de Antropologia Madrid, 2015

Among “predators”: relationships and conservation *apropos* of Iberian lynx reintroduction

Lopes Fernandes, M.^{1,2} & Frazão-Moreira, A.¹

¹ CRIA, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal

² ICNF, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Lisboa, Portugal

The Iberian Lynx is an emblematic species which has attracted considerable efforts towards the recovery of habitats and prey in Iberia. In the context of a transnational conservation project, the reintroduction of animals to the wild has started and an understanding of the attitude of local people is required as one of the factors to consider. An ethnological study started in 2012 in a potential lynx area of southern Portugal aiming to explore local perceptions on the return of the species and local relationships with predators and nature, integrated in present practices and global economic processes. The area is sparsely populated and characterized by a political history of large properties served by a majority population of rural workers.

Around 90 semi-structured interviews were conducted during periods of a total of 80 days of field stay during which observation of local practices, administration meetings and informal conversations were also registered.

Results indicate an easy identification of the lynx by the informants as well as a recognition of its conservation as a current local theme, contested and discussed. Reintroduction has been appropriated by certain groups, mediatized and the process is seen as being imposed by the central administration. Opinions concerning the possibility of reintroducing lynxes in the region are mainly conditioned to economic compensation, a guarantee of wild rabbit abundance, the main prey of the lynx, or the demand of no hunting restrictions. Dominant neoliberal discourse is adopted and the logic of mercantilization of nature is present. However, the chance of saving the species, to

contribute to an ecological equilibrium and moral values are also reasons put forward by local informants for accepting the species.

We will further explore how these data contribute to contemporary debates as an ethnoecological case study in a western context. The study and the experience of integrating a conservation project are also an example of interdisciplinarity and applied anthropology in an advisory process of bringing local people and decision makers together.

M Fernandes is funded by the Doctoral Programme of the Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011). The study was supported by LIFE-project NAT/ES/000570 and Associação Iberlynx.

Anexo 13 - Abstract da comunicação apresentada no 27th *International Congress for Conservation Biology* (Montpellier, Agosto 2015)

Lopes-Fernandes, M ; Espirito-Santo, C & Frazão-Moreira, A. Proceedings of the 27th International Congress for Conservation Biology and 4th European Congress for Conservation Biology. Montpellier 2-6 August 2015. SCB; 2015. doi: 10.13140/RG.2.1.4233.4489/1

Living with predators: anthropological approaches to Iberian Lynx reintroduction

Reintroductions of species are opportunities to apply a multidisciplinary approach to conservation, including anthropology. We are studying the return of the most threatened felid in the world to Portuguese natural areas, concerning attitudes of local people towards the process of reintroduction and perceptions about lynx and carnivores.

Results of ethnographic work and 95 semi-structured interviews reveal claims for economic compensation and guarantee of wild rabbit abundance, the main prey of the lynx. However, advantages of the reintroduction were indicated by informants, including the chance of saving the species, ecological equilibrium and a distinctive value for the territory. There is an association between restriction of human activities and species conservation, being a reaction to one idea of “natural parks” and “restored natural ecosystems” where wild animals are released and there might be no place for humans.

This case study reveals a European rural context where human-environment interactions are changing rapidly: stakeholders have low scientific knowledge about lynx but local ecological knowledge subsists in ‘specialists’. Local discourse is dominated by the idea of nature as a commodity, and conservation projects are viewed ambivalently. The lynx is admired and associated with exotic wild felids but living with predators is still a nuisance as they are competitors for game species.

Stakeholders request more information from the administration on this theme but more involvement and participation is recommended. Qualitative analysis can be explored for the design of communication material and the identification of key issues indicated by stakeholders towards conservation processes for example we used data on lynx local memory in a public exhibition about the species. Anthropological approaches provide insights into the complex social representations which are built around species and nature conservation.

M Lopes-Fernandes is funded by the Doctoral Programme of the Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/75769/2011). The study was supported by LIFE-project NAT/ES/000570 and Associação Iberlynx. The ideas expressed in this communication do not necessarily express the institutions involved and are of the responsibility of the authors.

Anexo 14 - Abstract da comunicação apresentada no Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, Coimbra, 2016

APA 2016 – Painel 060

Lopes-Fernandes, M.^{1,2} & Frazão-Moreira, A¹

¹ CRIA-FCSH, Universidade Nova de Lisboa

² Instituto da Conservação da Natureza e Florestas

Reintroduction ideas and appropriations: The wild, my backyard and other issues

Resumo curto (máx. 50 palavras): We have been following the process of Iberian Lynx reintroduction in a natural park in southern Portugal. We explore human and non-human relationships, appropriations of the process and present values and orientation towards wildlife analyzed through ethnographic work.

Resumo longo (máx. 250 palavras).

Iberian Lynx reintroduction started in southern Portugal in 2015. We have been following local key actors' positions towards the process and their perceptions about this threatened species and other predators. Using an ethnographic approach and conducting interviews since 2013 we found a preponderant materialistic discourse of accepting reintroduction with expectations of financial return. Conditions such as increasing game species or receiving compensation are contested to the administration and tourism is the most frequent advantage seen in the return of the wild felid. Other types of discourse such as "saving the species" or "restoring ecological equilibrium" were also registered. Using adapted categories from *Biophilia hypothesis* we analyzed the content of 95 interviews in terms of their value orientation towards wildlife in their relationship with nature. We found that as well as dominion positions there were, expressed by the same informant, views about nature including leisure, contemplation, attraction, emotion and spirituality. We explore the relationship between humans and non-humans in this context, the "otherness" in the animal seen from different perspectives, the concept of wild by opposition to domestic from an emic point of view, and the appropriations that have been taking place in a new scenario of coexistence with a wild predator.

“Vivendo com a fera: lobos e humanos através da literatura portuguesa”⁹⁵

Margarida Lopes-Fernandes*, Filipa Soares†, Amélia Frazão-Moreira‡ and Ana Isabel Queiroz‡*

·CRIA-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

†IELT-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

‡IHC-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Lisbon, Portugal

Este trabalho explora representações de lobo-ibérico na literatura portuguesa seguindo um enquadramento antropológico para analisar percepções, crenças, conhecimentos e práticas.

A partir de um *corpus* literário, um total de 262 excertos pertencentes a 68 obras e que referenciam lobo, foram categorizados de acordo com uma grelha composta por 12 categorias abrangentes da diversidade de significados atribuídos a estes animais.

Entre os carnívoros selvagens o lobo é a espécie mais frequente no *corpus* literário analisado. A maioria das referências diz respeito ao conflito e aos prejuízos económicos causados pelos ataques de lobos aos animais domésticos e está relacionada com uma visão utilitarista do selvagem prevalente nas comunidades rurais. No entanto, diversos excertos revelam proximidade entre lobo e humanos e existência de um conhecimento ecológico local sobre a espécie. Obras literárias do início do século XX expressam já admiração pelo lobo e reconhecimento do seu direito à existência. Alguns descrevem práticas do passado como batidas organizadas, recompensas e tentativas de domesticação de crias. As visões negativas sobre o lobo retratam-no como um bode expiatório das dificuldades da vida camponesa rural. O desejo humano de controlar o lobo representa a clássica conquista do selvagem.

O lobo na literatura portuguesa é objecto de outras atribuições simbólicas tais como bruxaria, religião, crenças específicas e folclore por um lado mas também associado a liberdade e ao interior sombrio dos humanos.

⁹⁵ Este trabalho corresponde a uma publicação de 2016 com a mesma autoria: “Living with the Beast: Wolves and Humans through Portuguese Literature”, *Anthrozoös*, 29:1, 5-20, DOI: 10.1080/08927936.2015.1060056

No geral esta complexa e diversa visão da espécie expressa sentimentos de ambivalência. Os resultados deste caso-estudo demonstram que os humanos detêm múltiplas representações do lobo, imagens que não são necessariamente polarizadas em extremo negativo ou positivo mas que coexistem: o animal nocivo e a nobre fera. Nas comunidades rurais o lobo não é necessariamente visto como um animal frágil que necessita de protecção ou como o símbolo moderno das áreas naturais intocáveis.

Este estudo pretende ser um contributo da Antropologia para uma maior compreensão da dimensão cultural e social do lobo e, por inerência, a relação entre humanos e o mundo natural. Sugere-se que o conhecimento local e as percepções das comunidades rurais sobre os lobos sejam mais eficientemente integradas nas campanhas de conservação.

Anexo 16 – Relatório apresentado em 2016 ao ICNF e síntese conclusiva da pesquisa de terreno continuada em 2015 e 2016 junto de criadores de gado no Vale do Guadiana.

MONITORIZAÇÃO DE ATITUDES E PRÁTICAS DE CRIADORES DE GADO NA ÁREA DE REINTRODUÇÃO DE LINCE-IBÉRICO

ANÁLISE PRELIMINAR



SÍNTESE CONCLUSIVA

Analisaram-se os dados obtidos de 16 entrevistas a actores chave ligados à exploração pecuária no concelho de Mértola, proprietários com cerca de 7500 ovinos no seu conjunto. Consideraram-se também as conversas informais com outros informantes e de observação no terreno. Apuraram-se os seguintes factores relevantes sobre as práticas locais de criação de ovinos e os ataques de predadores:

- As práticas locais de criação de ovinos mudaram nos últimos anos tendo-se perdido algumas práticas de protecção contra predadores, intensificado algumas explorações e aumentado o risco de perdas de borregos
- Existem perdas de borregos por ataques de predadores que são atribuídos fundamentalmente a raposas, saca-rabos e cães, de caça ou até do proprietário; o lince é admitido por alguns como um potencial predador no futuro
- As perdas anuais descritas variam e, em geral, contextualizam-se noutras perdas existentes e por outras razões mas tendem a ser significativas para certos criadores
- Os borregos nascem no campo, onde as ovelhas podem estar mesmo de noite e em qualquer época do ano.
- Os cães rafeiro alentejano que são descritos como protectores de ovinos revelam um comportamento atento que mesmo não sendo infalível é eficiente na redução das perdas.
- Cercas eléctricas e maior permanência no ovil são também soluções para a minimização de prejuízos mas que exigem capacidade económica maior do criador o que não é generalizado no concelho

Considerando que a existência de prejuízos tem repercussões indirectas na conservação do lince e espécies ameaçadas elaboraram-se um conjunto de recomendações e propostas que pretendem antecipar problemas e mitigar situações menos positivas como o envenenamento de espécimes. De entre as propostas destaca-se a necessidade de tentar reconstituir o papel importante do cão rafeiro alentejano como protector de gado.

Em relação à atitude face ao lince os dados indicam uma positiva imagem local da espécie mas existência de algumas reservas relativas ao sucesso futuro da reintrodução ou distância ao tema. Verifica-se a necessidade de continuar a existir informação regular sobre a espécie e sobre o

processo. Por outro lado a amostra conseguida é ainda limitada pelo que a monitorização da atitude dos actores locais deve continuar.